

Jornal
do

EXÉRCITO

JANEIRO 1960 - 2 ESCUDOS



JORNAL DO EXÉRCITO

O Castelo de S. João Baptista na Ilha Terceira tem nova iluminação

Pelo Cor CASTRO VALÉRIO

A data de 25 de Julho é de dupla comemoração para o Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo. É que, para além de ser dia do Exército, em evocação da Batalha de Ourique, é também o seu dia festivo, em evocação da Batalha da Salga travada em 25 de Julho de 1581 contra uma esquadra espanhola que tentava ocupar a última parcela do território nacional que ainda resistia à submissão à coroa de Espanha.

Um dos actos que assinalou a comemoração destas efemérides, em 1989, foi a inauguração da iluminação das muralhas do Castelo de S. João Baptista, dentro das quais está aquartelado aquele Regimento.

A acompanhar estas duas belas imagens publicamos um pequeno historial deste monumento que o Coronel Castro Valério, do QG/ZMA, teve a amabilidade de enviar à nossa Redacção.

O Castelo de S. JOÃO BAPTISTA da cidade de ANGRA DO HEROÍSMO, na Ilha TERCEIRA, é um insigne monumento de arquitectura militar e uma das mais famosas fortificações do País, que foi também classificada como Praça de Guerra de 1.ª Classe.

Vencida, em 1583, na ilha Terceira, a resistência a Filipe II de Espanha, este monarca, em 1590, ordenou a construção do "Castilho de San Fhelippe del Monte del Brasil de la isla Terceira".

A sua extensa muralha solidamente construída, e em parte assente na rocha, com 2,5 metros de espessura no remate das canhoeriras e 15 metros de altura média, que alcança uma extensão abrangendo a largura do istmo que liga o Monte Brasil à ilha Terceira, divide-se em cinco cortinas e cinco baluartes. Em cada flanco de baluarte, em plano inferior, foi construída uma casamata, cujo acesso é feito por uma galeria em rampa meio soterrada.

A frente do castelo é provida, em grande parte da sua extensão, de um largo fosso, aberto no tufo, no fundo do qual e junto à muralha se abriram fundas covas de lobo. A abertura do fosso e a inclinação do terreno fez nascer, na frente, uma esplanada natural de contra-escarpa vertical, formando na sua parte superior uma passagem, protegida por parapeito murado.

Na cortina central do castelo, ladeada pelo Baluarte de S. Pedro e pelo Baluarte da Boa Nova, foi aberta na muralha, a pouco mais de meia altura, a Porta Principal. É servida por uma ponte de pedra de dez arcos, que nasce na esplanada e parte por cima do fosso, sendo antes interrompida junto à mesma porta para dar lugar à ponte levadiça. A fachada desta porta é feita

com muito gosto arquitectónico, com várias molduras e ornamentos que lhe dão um aspecto imponente, tendo a encimá-la o antigo escudo das armas portuguesas que foi ali substituído pelas armas espanholas da cons-

a Igreja de S. João Baptista.

O Castelo de S. João Baptista desde a sua construção foi sempre aquartelamento e esteve permanentemente ocupado por Unidades Militares.

Antecederam o Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo que actualmente nele está aquartelado as seguintes Unidades:

- De 1642 a 1766 3 Companhias de Ordenanças, 50 Artilheiros, pessoal dos serviços administrativos, de saúde, assistência religiosa, limpeza, conservação e obras e, após sucessivas reformas na organização do Exército, o Regimento Insulano.

- De 1766 a 1797: Regimento de Infantaria e Artilharia;

- 1797 a 1822: Batalhão de Infantaria com exercício de artilharia de guarnição;

- 1822 a 1823: Bateria de Linha da Cidade de Angra;

- 1823 a 1831: Batalhão de Caçadores 5 e Unidades que constituíam o "Exército Libertador" que em 1832 desembarcou no Mindelo;

- 1832 a 1837: Regimento de Voluntários da rainha e Batalhão de Artilharia;

- 1837 a 1864: Regimento de Infantaria 21;

- 1864 a 1884: Batalhão de Caçadores 10;

- 1884 a 1899: Regimento de Caçadores 10;

- 1899 a 1927: Regimento de Infantaria 25;

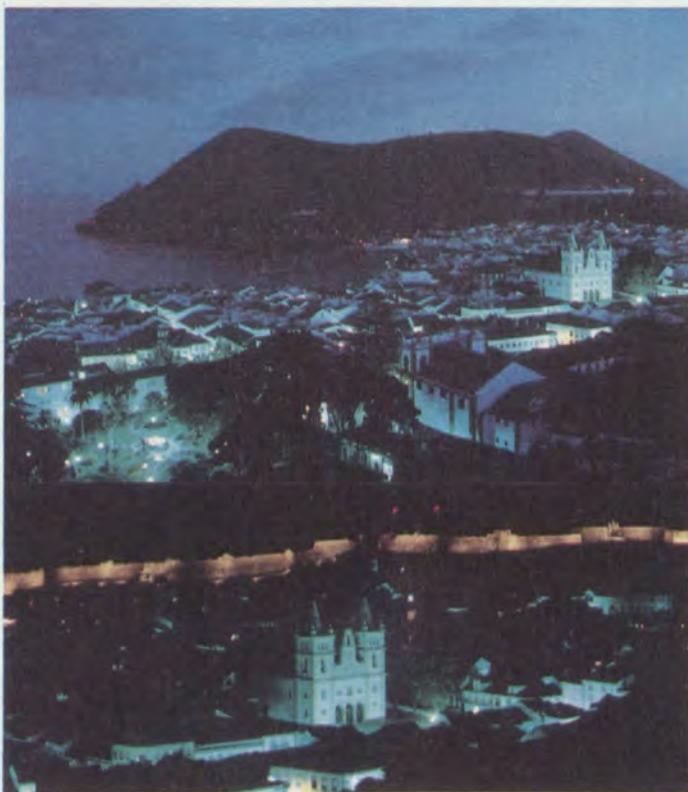
- 1927 a 1931: Regimento de Infantaria 22 e Batalhão de Infantaria 47;

- 1931 a 1934: Batalhão Independente de Infantaria 23;

- 1939 a 1976: Batalhão Independente de Infantaria 17;

- 1976 a 1977: Regimento de Infantaria 17;

- 1977: Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo.



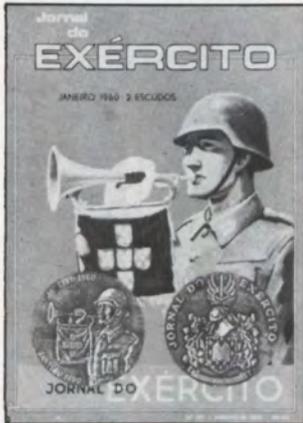
trução inicial. Rebatizado foi, também, o castelo, que passou a chamar-se de S. João, em homenagem ao santo do nome do rei restaurador.

Sobre o Baluarte da Boa Nova ergue-se o Torreão da Bandeira, como é vulgarmente conhecido, por nele se içar a Bandeira Nacional. Aqui, em 1830, foi içada, pela primeira vez, a bandeira azul e branca, última da monarquia, criada pela Regência do Reino em nome de D. Maria II, estabelecida na ilha Terceira.

Dos edifícios existentes no interior do castelo, destacam-se, pelo seu valor arquitectónico ou histórico, o Palácio dos Governadores, a Ermida do Espírito Santo e

EXÉRCITO

ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60



A NOSSA CAPA
30º Aniversário do Jornal do Exército (Motivo da capa do n.º 1 - Jan60 - e medalha comemorativa)

A REVISTA MILITAR 6



A CONDIÇÃO MILITAR 22

Sumário

VI COLÓQUIO DA IMPRENSA MILITAR
30º ANIVERSÁRIO DO JE 23



O Castelo de S. João Baptista na Ilha Terceira tem nova iluminação	2	Uniformes Militares	32
Mensagem de Natal e Ano Novo do General GEME	4	Os Escudos	33
Editorial	5	Língua Portuguesa	34
A Revista Militar - Sua História e Influência na Vida Cultural Portuguesa	6	Livros	35
Figuras e Factos	10	Transmissões	37
Miramundo	16	Recreio	39
Protugal e a CEE	19	Modelismo	41
Isto Aconteceu	20	Jogos de Guerra	42
Antologia	21	Passatempo	43
A Condição Militar	22	Legislação	45
VI Colóquio da Imprensa Militar - 30º Aniversário do JE	23	Desporto	47
Monumentos de Evocação Militar	31	Agenda	50
		Brasão de Armas da Escola de Sargentos do Exército	52

PROPRIEDADE DO
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

DIRECTOR:
General Carlos Elmano Rocha

REDACÇÃO:
Chefe:
TCor José Machado Diniz

Redactor:
Capitão Francisco Marques Fernando

Orientação Gráfica:
Inês Galvão



Colaboração Fotográfica:
CAV/CHESMATI

SERVIÇO ADMINISTRATIVO:
Chefe:
Coronel Vítor Pires Mendes

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Largo da Graça, 94
1100 LISBOA
Tel. 87 03 55

Execução Gráfica:
MADEIRA & MADEIRA, LDA.
R. 16 de Abril, 6 c/v, Alto do Bexiga
S. Pedro - 2000 SANTARÉM
Tel. 2 01 96 - Fax 2 07 37

TABELA DE PREÇOS

PREÇO DE CAPA	180\$00	VIA AÉREA	
ASSINATURA ANUAL (12 números)		- Madeira e Açores	1.500\$00
VIA SUPERFÍCIE		- Macau	3.000\$00
- Portugal Continental	950\$00	- Espanha	2.500\$00
- Países africanos de língua portuguesa e		- Países europeus (excepto Espanha)	3.000\$00
Espanha	2.000\$00	- Países africanos de língua portuguesa	3.500\$00
- Restantes países	2.800\$00	- Restantes países	4.500\$00

NOTA: As assinaturas devem ser pagas antecipadamente. As despesas de cobrança ao domicílio são por conta dos assinantes.

TIRAGEM: 8000 exemplares
Depósito Legal nº 1465/82

Os artigos e secções assinados exprimem a opinião dos seus autores e não reflectem, necessariamente, um ponto de vista oficial. Os artigos e secções não assinados são da responsabilidade da Direcção.



MENSAGEM DE NATAL E ANO NOVO DO GENERAL CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Prestes a terminar o corrente ano e no dealbar da última década do Século XX é com grande satisfação e profundo orgulho que o Comandante do Exército saúda o seu Estado-Maior, os seus Comandos, Direcções e Chefias e todo o pessoal militar e civil que com tanta dedicação e exemplar profissionalismo serve abnegadamente o Exército, transmitindo a todos os seus melhores votos de um Santo Natal.

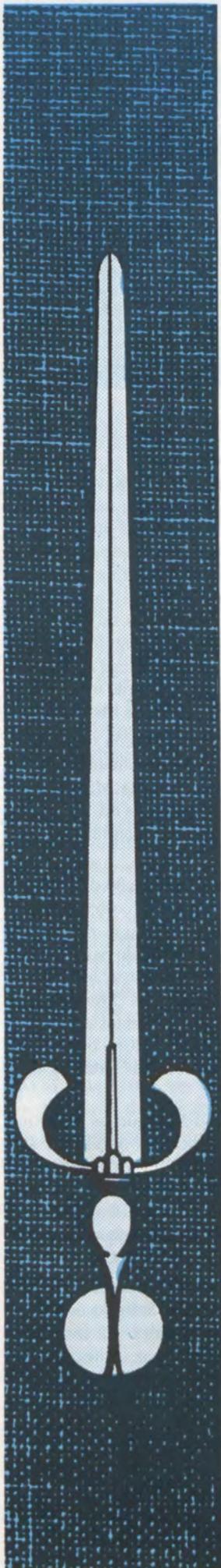
A década que agora termina foi um período de profundas transformações sociais, políticas, económicas e militares. As mudanças que se esperam para o próximo século parecem precedidas de reajustamentos no pensamento militar, no papel das instituições militares na nova sociedade e do papel que a força, de que os exércitos continuam a ser principais geradores, assumirá nessa sociedade, reajustamentos que já se começaram a sentir com certa intensidade.

O Exército Português tem seguido atentamente os sentidos de mudança e, sem bruscas transformações mas com serena progressividade, vai procedendo à sua modernização. No ano que vai terminar prepararam-se diversos estudos salientando-se os que visaram os novos estatutos dos quadros permanentes do Exército e definição das carreiras do pessoal civil, a alteração da duração do serviço militar e as necessárias adaptações do sistema de instrução, as categorizações das componentes do Sistema de Forças, a racionalização do Sistema Logístico e as novas bases do Sistema Retributivo.

Tudo foi conseguido devido ao esforço e competência dos que servem o Exército observando normas de conduta que se regem por princípios de honra e dever, conjugando esforços na observância da disciplina e da hierarquia e não buscando sedes e formas de resolução dos problemas, que são de todos, fora da cadeia de comando e da confiança mútua que se cimentou nos perigos vividos em conjunto. O futuro não nos suscita dúvidas, já que a Instituição Militar terá de ser olhada como instituição fundamental do Estado e o Exército como factor de coesão e integração nacional. No rigor da condição que caracteriza o militar, pessoal dos quadros permanentes e no cumprimento do SEN, serviremos com exemplar subordinação ao interesse e objectivos da Nação, observando a disciplina, a austeridade, o elevado sentido patriótico e a doação total que proclamamos no Juramento de Bandeira.

Assim, no futuro como no passado e no presente, honraremos o espírito de independência e patriotismo que formou esta Pátria e iniciaremos um novo ano com a esperança que será mais um ano de paz para a Nação Portuguesa, porque no dia a dia cultivamos valores e preparamos acções que são a melhor garantia para preservar essa paz.

O novo ano será também de desafios que teremos de enfrentar com confiança e serenidade. A todo o pessoal do Exército, militares e civis, que servem nos Comandos, Unidades, Órgãos e Estabelecimentos do Exército espalhados por todo o território nacional, noutros departamentos do Estado, nas Forças de Segurança de Macau, nos Comandos Combinados da OTAN e nas Delegações Diplomáticas de Portugal no estrangeiro, desejo também um Bom Ano Novo e exorto à coesão, à disciplina, ao espírito de corpo e ao sentido de Pátria que constituem as bases da nossa condição militar e que nos permitirão enfrentar os novos desafios com a confiança de vencer e de prosseguir na História com as certezas que trazemos do passado.



Editorial

30 ANOS de vida de um periódico é idade provecta e respeitável que coloca o JORNAL DO EXÉRCITO no rol das mais antigas publicações da actual imprensa castrense.

Evocamos, neste trigésimo aniversário, todos os que, com o melhor espírito de bem servir, tenacidade e fé, deram vida a mais de três centenas de números deste Jornal. Para eles a nossa gratidão e admiração, com a promessa que tudo faremos para que o facho, que ora detemos nas nossas mãos, alcance mais além.

O mundo que nos envolve está em transformação acelerada, e esperemos que para melhor, e fala-se e escreve-se de reconversão de forças e modernização de exércitos. E neste contexto somos conduzidos a pensar em meios e armas ultra-sofisticados.

Mas a guerra não se fez só com o machado de sílex nos tempos pré-históricos, nem só com carros, navios e aviões nos nossos tempos, nem se resumirá, um dia, à guerra das estrelas. Far-se-á sempre aproveitando todos os meios que tivermos à nossa disposição.

Agora não tropeja e se tropeja é para outras bandas e então ninguém invoca Santa Bárbara e, nestas circunstâncias, a Instituição Militar sofre investidas dos mal informados (é o mínimo que se lhes pode chamar) e a verdade é que não possui a panóplia adequada para enfrentar este tipo de ataque.

Para esta modalidade de ameaça, as armas apropriadas são os meios de comunicação de massa que podem utilizar técnicas de alto impacto na difusão da informação.

A instituição castrense detém um número reduzido destas armas, das quais o Jornal do Exército será uma não muito aperfeiçoada lança.

Há, pois, necessidade de difundir informação correcta e os meios particularmente aptos são a imprensa, o cartaz, a rádio, o cinema e a televisão.

A primeira utilizamo-la quase só para a informação interna e os restantes não têm grande desenvolvimento. Salvaguardem-se as esporádicas intervenções através dos meios civis.

Os meios de comunicação de massa tanto podem ser poderosos meios de difusão da informação e da cultura como podem ser também, em mãos inábeis ou perversas, meios diabólicos de destruição da alma e até da alma de todo um povo.

Dentro dos parâmetros que as leis vigentes impõem, a Instituição Militar poderia e deveria utilizar toda a gama destas poderosas armas, para que o mundo que a cerca a possa avaliar com precisão e conheça também a verdade desta histórica e permanente instituição nacional e não caiam no rol do esquecimento as vidas perdidas, os ferimentos, as deficiências, os esforços de toda a ordem, a permanente disponibilidade para servir, o sacrifício de interesses pessoais e de famílias inteiras, a restrição de direitos e liberdades (que os restantes cidadãos usufruem) a subordinação, a disciplina, a permanente preparação, os desrezos e os esquecimentos sofridos que afectaram e continuam a afectar todos os filhos de Portugal que tiveram e têm a honra e o dever de defenderem a Pátria.

C.E.R.

A REVISTA MILITAR

Sua história e influência na vida cultural portuguesa

Pelo TCor ANTÓNIO OLIVEIRA PENA



1. FUNDAÇÃO E ACTUALIDADE DA REVISTA

Em Janeiro do ano findo a Revista Militar completou cento e quarenta anos de publicação. O seu início ocorreu em 1849, por números mensais, perfazendo os doze de cada ano um volume. Foi o terceiro periódico da sua especialidade em Portugal. O Jornal Militar 1.º, publicado quinzenalmente de 1 de Janeiro a 15 de Junho de 1841, foi o primeiro. O Jornal Militar 2.º, também de edição quinzenal de 1 de Novembro de 1845 a 1 de Setembro de 1846, foi segundo.

No livro História da Imprensa Periódica Portuguesa, José Tengarrinha apresenta um balanço do periodismo no século XIX onde, entre os jornais que em 1901 tinham mais de trinta anos, se encontra a Revista Militar, apenas precedida de quatro jornais: Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, 1836, A Revolução de Setembro, 1840, e A Nação, 1846. (1)

No jornalismo militar mundial existiram periódicos mais antigos, mas as duas guerras mundiais e a guerra civil de Espanha provocaram a sua interrupção ou encerramento definitivo. A Revista Militar é a mais antiga da imprensa militar mundial, em publicação ininterrupta. Existiram antes o Militar Wochtblatt, alemão, fundado em 1816, Le Spectateur Militaire, francês, de 1826, Die Militar Spectator, holandês, de 1832 e as revistas espanholas Memorial de Artilleria de 1844, Memorial de Ingenieros de 1846 e La Revista Militar também de 1846. (2)

Em 1848 um grupo de oficiais tomou a iniciativa de promover a publicação de uma revista destinada a "recreio e ilustração da classe militar, tratando de todos os objectos que dizem respeito à instrução geral do Exército e à especial das diferentes Armas".

No dia 1.º de Dezembro de 1848 estabeleceu-se o Contrato da Empresa da Revista Militar, contendo vinte e três artigos que foi assinado por vinte e quatro oficiais do Exército e dois da Marinha de Guerra.

Os vinte e seis oficiais fundadores pertenciam ao Corpo do Estado-Maior, três; às quatro Armas existentes na altura (In-

fantaria, cinco; Artilharia, nove; Cavalaria, um; Engenharia, seis) e à Marinha de Guerra, dois.

Na data da criação da Revista os fundadores tinham os seguintes postos: no Exército: um brigadeiro, dois coronéis, dois tenentes-coronéis, três majores, dez capitães, cinco tenentes e um alferes; na Marinha de Guerra: um primeiro-tenente e um segundo-tenente. O mais velho tinha 71 anos e o mais novo 23, sendo a média das idades 36 anos.



Nota de abertura do nº 1 da Revista Militar (Janeiro/1849) assinada pelo então Tenente Fontes Pereira de Melo.

Os vinte e seis oficiais fundadores atingiram na carreira militar os postos de marechal de campo, um; general de divisão, doze; general de brigada, três; contra-almirante, um; coronel, um; major, três; capitão-tenente, um; capitão, dois.

O conjunto de fundadores incluía oficiais que ocuparam lugares de relevo na administração pública, nos meios culturais e científicos e na área militar.

Deste conjunto destaca-se a figura do então tenente do Real Corpo de Engenheiros, António Maria de Fontes Pereira de Melo. Este oficial foi o primeiro a as-

sinar o contrato da Empresa da Revista Militar.

O primeiro número da Revista, Janeiro de 1849, inicia-se com uma Introdução da autoria do tenente Fontes Pereira de Melo. Neste artigo diz-se que a força armada necessitava de uma instrução adequada pelo que se impunha o aparecimento da Revista no sentido de facilitar o estudo para fortificar a inteligência dum classe social que emprega a inteligência para dirigir a força e que usa da força para defender a Pátria e a liberdade. (3)

A Revista Militar conheceu três estatutos. Na fundação, denominados Contrato da Empresa da Revista Militar, de 1 de Dezembro de 1848, os de 1 de Janeiro de 1862 e em 7 de Dezembro de 1905, estes ainda em vigor.

Nos estatutos da fundação destacamos a periodicidade, mensal, o objectivo, recreio e ilustração da classe militar e o propósito de tratar de modo particular assuntos respeitantes à instrução geral do Exército e à especial das diferentes Armas. Esta alusão às diferentes Armas justifica a presença de dois oficiais da Marinha de Guerra na lista de fundadores.

No artigo 9.º diz-se que os colaboradores efectivos, ou seja os vinte e seis fundadores, têm o dever de custear a Revista durante seis meses. Esta determinação mostra a confiança e a solidariedade dos militares quando se tratava de aceitar riscos e sacrifícios.

A Revista Militar fundou-se sem qualquer subsídio do Governo ou dos organismos militares gestores da instrução. No entanto durante o primeiro ano inscreveram-se como sócios o Rei, os Infantes, Ministro e Secretário de Estado da Guerra, marechais do Exército, tenentes-generais, marechais de campo, outros oficiais generais reformados, repartições, unidades, oficiais do Exército e da Armada perfazendo um total de 976 inscrições pagas pelos próprios.

No respeitante a disposições adminis-

trativas salientam-se os artigos 12.º e 13.º dedicados à Direcção. A sua composição era de quatro membros eleitos pela assembleia de sócios efectivos. Nesta primeira fase da Revista o período de gerência era apenas de três meses.

Os estatutos de 1862 apenas reordenam aspectos administrativos e redactoriais aconselhados pela experiência. Nestes estatutos, adopta-se para divisa da Revista uma pena e uma espada encruzadas, tendo inferiormente escritas as palavras — Pró Pátria — e em torno a legenda — Empresa da Revista Militar. Admitem sócios honorários e estabelecem como cargos da Empresa, um Presidente, um Secretário, um Vice-Presidente e uma Direcção composta por três membros, todos eleitos em Assembleia Geral. Os cargos passam a ter a duração de um ano, sendo a reeleição permitida.

Os estatutos de 1905 determinam, logo no artigo 1.º, que seja acrescentado na capa de cada número e primeira página do rosto de todos os volumes as palavras:

“2.ª Época, Fusão da Revista Militar, Revista do Exército e da Armada, Revista da Administração Militar e Portugal Militar.”

Estes estatutos discriminam as receitas da Empresa onde se inclui o produto de subsídios do Estado, concedidos com o fim de promover o desenvolvimento da instrução do Exército.

O artigo 9.º estabelece os corpos gerentes da Empresa, constituídos pela mesa da Assembleia Geral, pela Direcção e pelo Conselho Fiscal.

O artigo 10.º apresenta uma cláusula da maior importância que consiste na nomeação anual do Presidente da Direcção, pelo Ministério da Guerra, de entre os sócios efectivos da Empresa.

A Empresa da Revista Militar rege-se pelos estatutos de 7 de Dezembro de 1905 e por um regulamento interno com base nesses estatutos.

Ao longo dos 140 anos de existência a Revista foi contemplada com diversos galardões destacando-se:

- Ordem Militar de Santiago da Espanha. Condecorada com a Grã-Cruz;
- Palmas Académicas de 1.ª classe. Conferidas em sessão plenária da Academia das Ciências de Lisboa realizada em 6 de Julho de 1933;
- Medalha Comemorativa do Centenário da Guerra Peninsular, 1912;
- Diploma de Mérito. Atribuído na Exposição da Imprensa realizada em 1890;
- Grande Prémio. Atribuído na Expo-

sição Internacional do Rio de Janeiro realizada em 1922-1923;

- Medalha de Cobre. Atribuída na Exposição Nacional de Artes Gráficas realizada em 1913.



Fontes Pereira de Melo, sócio fundador da Revista Militar.

Os sócios efectivos são oficiais que se distinguem como colaboradores da Revista ou no estudo de assuntos militares ou de defesa nacional. A sua eleição é de exclusiva competência da Assembleia Geral existindo presentemente cinquenta e nove oficiais, não permitindo o regulamento exceder sessenta. Neste grupo contam-se vinte e três generais, sendo o general Jorge César Oom o mais antigo como sócio, admitido em 1933 com o posto de capitão, e o general José Alberto Loureiro dos Santos o mais moderno, admitido com o posto de brigadeiro em 1984. (4); três vice-almirantes, com antiguidade de sócio referentes a 1969 e 1980; dez brigadeiros, com entradas para sócios de 1948 a 1988 (5); um contra-almirante, sócio em 1988; catorze coronéis, com entradas para sócio de 1937 a 1987 (6); três capitães-de-mar-e-guerra, sócios em 1964, 1976 e 1979; um capitão de fragata, sócio desde 1979; dois tenentes-coronéis, sócios em 1979 e 1988 (7); dois maiores, sócios em 1980 e 1987 (8).

Analisando a lista de sócios efectivos verifica-se que nos últimos cinco anos foram admitidos oito novos sócios: um general, três brigadeiros, um contra-almirante, um coronel, um tenente-coronel e um major.

Na actual lista de sócios não se verifica a existência de capitães nem de subalternos. Nos últimos cinco anos apenas foram admitidos um tenente-coronel da Arma de Engenharia e um major da Força Aérea.

Os estatutos e regulamento interno recomendam que se procure incluir nos sessenta sócios efectivos, equitativa

representação da Armada, Exército e Força Aérea e respectivas Classes, Armas e Serviços, Especialidades.

A eleição dos sócios honorários e efectivos é feita em Assembleia Geral mediante proposta da Direcção ou subscrita por um mínimo de cinco sócios. A votação efectua-se por escrutínio secreto, carecendo a aprovação da proposta do voto favorável de uma maioria de três quartos dos sócios presentes na Assembleia.

Os corpos gerentes para 1989 são constituídos pela mesa da assembleia geral, direcção e conselho fiscal.

A mesa da assembleia geral é formada pelo presidente, General Fernando Louro de Sousa, Exército, um vice-presidente e dois secretários.

A direcção é constituída pelo presidente, General José Manuel de Bethencourt Conceição Rodrigues, Exército, um director-administrador, um director-gerente, sete vogais efectivos e três vogais suplentes.

O conselho fiscal é formado pelo presidente, General José Lopes Alves, Exército, dois vogais efectivos e um vogal suplente.

A tiragem da Revista é de 675 exemplares, sendo composta e impressa nos serviços gráficos da Liga dos Combatentes.

Para além das assinaturas e da receita de alguns anúncios a Revista Militar obtém participações materiais do Ministério da Defesa Nacional, Estado-Maior-General das Forças Armadas e Estados-Maiores da Armada, Exército e Força Aérea.

Nos últimos cinco anos o número de páginas do volume anual oscilou entre as 826 em 1984 e 1004 em 1987. O 40.º volume do II século, 1988, tem 831 páginas.

Neste período mantiveram-se os presidentes da direcção e do conselho fiscal, que se mantêm em 1989.

2. PROJECCÃO NA VIDA CULTURAL PORTUGUESA

Os estatutos e regulamento interno recomendam à Empresa da Revista Militar que em especial se ocupe em promover a discussão, o estudo e a divulgação de conhecimentos e assuntos militares e de defesa nacional.

Na actualidade e ao longo da sua história a Revista tem assumido carácter cultural ao tratar de forma científica assuntos da arte da guerra e da ciência militar e ao apresentar comunicações relevantes



FUNDADA EM 1866 - 2.ª EPÓCA, VIII
 ANÚCIOS E PUBLICAÇÃO EM FÉVRIO DE 1944
 PRESSO DA IMPRENSA PORTUGUESA DE LISBOA E DA IMPRENSA
 MILITAR DE PORTUGAL, MILITAR E ESCOLA DO EXÉRCITO
 AL. SOLIMÃO, 10 - LISBOA

para as Instituições Militares e para o País.

No cumprimento do impulso iniciador do Tenente Fontes Pereira de Melo foi a instrução e a organização que mereceram tratamento mais cuidado durante a 1.ª época, 1849 a 1904.

O desenvolvimento da instrução, em especial nas Armas de Infantaria, Artilharia e Cavalaria, ficou a dever-se a trabalhos de elevado nível apresentados na Revista.

Nesta época o período foi de influência decisiva à implantação de ginásios destinados à educação física, na altura inovação em Portugal, e à construção de carreiras de tiro e campos de instrução.

Na 2.ª época a Revista participou ou tomou a iniciativa em diversos acontecimentos de natureza académica.

Em 1907 assumiu a preparação das comemorações do centenário da Guerra Peninsular. Na altura recebeu apoio oficial tendo exercido notável acção pedagógica no sentido da dignidade das comemorações.

Em 1908 aproveitou o facto de ser muito considerada no meio jornalístico para, numa reunião realizada na sua sede, transmitir aos representantes de sessenta e três jornais o interesse do empenhamento da imprensa portuguesa nessa celebração histórica.

O último acto da comemoração ocorreu em 10 de Abril de 1914 e constou de um concurso literário, no qual, das dez obras apresentadas, obtiveram os três primeiros prémios, respectivamente, um major, um coronel e um primeiro-tenente, sócios efectivos da Revista Militar.

No congresso nacional de 1910, realizado em Maio por iniciativa da Liga Naval Portuguesa, a participação da Revista esteve a cargo do Tenente Augusto Freiria que apresentou o tema, "A defesa nacional", em duas partes: "Organização do poder militar nacional" e "Organização do Exército".

Também se apresenta com carácter cultural relevante a participação no 1.º Congresso Militar Colonial, realizado no Porto em 1934, onde apresentaram comunicações oito oficiais, sócios efectivos bastante versados em assuntos coloniais, nomeadamente o General Norton de Matos.

As efemérides nacionais de maior importância sempre mereceram da Revista Militar particular atenção, concretizada através da publicação de números comemorativos dos quais destacamos alguns:

a 1.ª Guerra Mundial, 1919; Centenário da Escola Naval, 1945; V Centenário da descoberta da Guiné, 1946; Tricentenário da Restauração de Angola, 1948; Cinquentenário da 1.ª travessia aérea nocturna do Atlântico Sul, 1977 e 175.º aniversário do Colégio Militar em 1978.

Em Portugal existe considerável quantidade de órgãos incluídos no que podemos apelar de imprensa militar. O nosso País tem assistido a nítidos progressos na área do intercâmbio de informações de características militares. As publicações das Forças Armadas têm alargado o contacto com profissionais da comunicação social perdendo o carácter restrito que as caracterizava até no respeitante à sua distribuição.

Na formação dos militares das Forças Armadas é considerado conveniente o bom entendimento e a cooperação com os meios de comunicação social, hoje entendidos como componente da maior importância à defesa e segurança.

A função exercida, quase em exclusivo, pela Revista Militar durante largos períodos é hoje realizada por mais de uma dezena de publicações de carácter militar distribuídas pelos três Ramos das Forças Armadas.

Apesar destes periódicos realizarem a sua missão com a maior dignidade e competência, consideramos a Revista Militar, devido à sua experiência e prestígio, a mais adequada para conduzir a Imprensa Militar ao lugar que merece no meio jornalístico português.

A Revista, a par do tratamento de assuntos técnico-militares, dedica atenção a aspectos gerais da vida do país no exercício duma função de carácter jornalístico.

Nos agitados anos de 1864 a 1873 em que se debatia a questão ibérica, assumiu de forma decisiva o esclarecimento público no sentido de manter o país independente.

A Revista, como órgão da imprensa, recebeu um diploma de mérito na Exposição da Imprensa de 1890 e duas medalhas de Cobre na Exposição de Artes Gráficas de 1913. Na Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922 obteve um Grande Prémio.

No dia 3 de Julho de 1948, na Sala Portugal da Sociedade de Geografia de Lisboa, a Imprensa Portuguesa homenageou a Revista Militar pelo seu centenário.

A iniciativa partiu da Gazeta dos Caminhos de Ferro, imediatamente apoiada por todos os jornais portugueses, sem distinção de partidos políticos, ideologias ou crenças.

A comissão de honra foi presidida pelo Dr. Augusto de Castro, director do Diário de Notícias, que na sessão solene proferiu uma alocução onde afirmou:

"Triste paisano, só com defeitos e qualidades paisanas, quero prestar a minha homenagem à formação do soldado, ao seu nobre e alto espírito de servir e a esse 'sentimento colectivo' que é a grande força do seu civismo e de que, em mais do que um momento, o Exército foi em Portugal o único detentor.(...)"

Em nome da comissão executiva discursou o Dr. Guilherme Pereira da Rosa, subdirector de O Século, de cujo texto salientamos:

"Estamos esta noite aqui na Sala Portugal da Sociedade de Geografia, para comemorar a passagem de um data que constitui um marco de relevo na História da Imprensa Portuguesa.(...)"

E se é longa a caminhada, como dizíamos; e se a obra está coberta de louros; se as colunas da Revista Militar se encontram recheadas de valiosos contributos para o progresso das nossas Instituições Militares, constituídos por artigos e estudos assinados pelas nossas mais gradas figuras de soldados, nem por isso deixou a publicação, infelizmente, de sofrer as vicissitudes e as dificuldades das suas congéneres doutras eras e do presente.

Basta lembrar que, em 1904, teve vida difícil, imposta por uma grande concorrência, e que só uma fusão com outras revistas lhe permitiu sobreviver à crise e retomar o seu brilho, numa nova fase, que é a actual. (...)"

Desde a sua fundação que a Revista engloba nos seus colaboradores directos, os sócios efectivos, escritores ilustres, embora em simultâneo excelentes militares. Além dos fundadores, que na Revista fizeram em paralelo com o percurso militar de subalterno a general, uma caminhada de enriquecimento cultural, ímpar em qualquer país, o periódico obteve a colaboração, ao longo dos anos e

actualmente, de consagrados homens da ciência e das letras.

Entre os colaboradores da 1.^a Época destaca-se o rei D. Pedro V com dois artigos publicados em 1860. Os trabalhos do rei tinham como objectivo o traçado do caminho de ferro de Leste e provocaram polémica com um capitão do Regimento de Infantaria de Estremoz. (9)

Os acontecimentos de ligação íntima à sociedade civil, que marcam referências culturais, sociais e políticas, são muitos pelo que apenas destacamos os mais conhecidos.

A Revista colaborou nos Congressos do Mundo Português realizados em 1940. Em Novembro, na Universidade de Coimbra, participou no Congresso da História da Actividade Científica Portuguesa tendo apresentado comunicações seis oficiais.

Em 1979 participou no oitavo centenário do reconhecimento de direito do Estado Português — 23 de Maio de 1179 — e no Congresso histórico sobre Guimarães e a sua Colegiada. A representação esteve a cargo dos Generais Câmara Pina e Paiva Brandão e Coronel Gomes Bessa, tendo todos apresentado trabalhos sobre a temática em debate.

Em 1980 a Revista Militar associou-se às comemorações do 2.^o centenário da Academia das Ciências de Lisboa dedicando o seu número de Novembro/Dezembro daquele ano a efeméride. Desde 1810 e até 1987, ingressaram naquela Academia vinte militares sócios efectivos da Revista.

Alguns destes ilustres militares exerceram importantes cargos académicos. O General Câmara Pina foi eleito presidente da Academia, cargo que desempenhou em 1979.

Dos actuais sócios da Revista Militar é correspondente, eleito em 1987, o Director-Geral da Direcção, Coronel de Artilharia Carlos da Costa Gomes Bessa. Apesar de não serem sócios da Revista nela colaboraram muitos membros militares da Academia das Ciências, assim como civis académicos ilustres. Destes últimos destacam-se: Feliciano Castilho, Bulhão Pato, Mendes Leal, Sousa Viterbo, Gomes de Brito, António Baião, Afonso Dornelas, António Cabreira, Herculano de Carvalho, Rocha Trindade, Inocêncio Galvão Teles, Torquato Soares, Veríssimo Serrão e José Augusto França.

Outra das instituições que viu partilhada a colaboração de membros seus com a Revista Militar foi a Academia Portu-

guesa da História, havendo cinco sócios da revista também Académicos.

Em 1986 esta Academia festejou o cinquentenário da sua restauração ao qual a Revista se associou. Na sessão dedicada à História Militar o Coronel Gomes Bessa apresentou uma comunicação.

A seguir mencionam-se alguns académicos, sócios da Revista Militar: Generais Câmara Pina e Teixeira Botelho, Brigadeiro Médico Meireles do Souto e Coronéis Ferreira de Lima e Belisário Pimenta.

As referências políticas observadas na Revista Militar ao longo dos seus cento e quarenta anos não são marcantes, uma vez tratar-se dum periódico muito rigoroso no cumprimento do espírito dos seus Estatutos. O artigo 1.^o determina-lhe: "(...) promover a discussão e propagação dos conhecimentos e assuntos militares (...) com exclusão absoluta de matérias políticas, religiosas e de alusões pessoais."

A direcção da Revista Militar saudou a República no N.^o 11, Novembro de 1910, através do artigo "A Transformação do Regime Político Nacional".

O percurso centenário da Revista Militar não foi perturbado com a profunda alteração política ocorrida em Portugal com o 25 de Abril de 1974. Mantiveram-se os corpos gerentes e os sócios efectivos da Empresa.

A Revista N.^o 7, Julho de 1974, publicou a lei constitucional N.^o 3/74 de 14 de Maio de 1974 e o Programa do Movimento das Forças Armadas Portuguesas.

CONCLUSÕES

A Revista Militar é um periódico indispensável ao conhecimento da problemática envolvente das Forças Armadas Portuguesas desde a revolução liberal de 1820.

A Revista Militar mostra a influência dos oficiais jovens na dinamização das Forças Armadas aquando da fundação da Revista. Em Janeiro de 1849 o Tenente Fontes Pereira de Melo iniciou a introdução ao primeiro número afirmando:

"O século em que vivemos tende, sem dúvidas a consumir o grande pensamento humanitário, que tem por base o predomínio da inteligência sobre a força."

Na fase organizativa em que se encontram, as Forças Armadas só têm a lucrar com o envolvimento de militares em organizações de características civis, nomeadamente em instituições de Ciência, de Letras, de Ensino, de Desporto, en-

fim, de Cultura.

Importa reflectir sobre o período mais difícil da Revista, 1904/1905, que se traduziu na fusão da Revista Militar, Revista do Exército e da Armada, Revista da Administração Militar e Portugal Militar. Neste período alteraram-se os Estatutos e deu-se o alargamento do número de sócios efectivos de trinta para o máximo de sessenta, ainda em vigor.

A Revista Militar, com 140 anos de publicação ininterrupta, está em condições de inspirar a maior das confianças à capacidade inovadora dos jovens militares portugueses, pelo que importa realizar estudos tendo em vista o seu aproveitamento, sem prejuízo da continuação dos mais velhos que tanto têm honrado com o seu saber a Instituição Militar.

NOTAS

(1) TENGARRINHA, José, História da Imprensa Periódica Portuguesa, 2.^a edição, Editorial Caminho, SA, Lisboa, 1989 (pp. 185).

(2) GENERAL LOURO DE SOUSA, No Duplo Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, Cap. III — Revista Militar, Revista Militar N.^o 11/12 — Novembro/Dezembro de 1980 (pp. 903).

(3) Tenente do Real Corpo de Engenheiros, Fontes Pereira de Melo, **Introdução**, Revista Militar N.^o 1, Janeiro, 1849.

(4) Do grupo de 23 generais fazem parte os generais de 4 estrelas, Mário Firmino Miguel, sócio desde 1975, actual Chefe do Estado-Maior do Exército e António da Silva Osório Soares Carneiro, sócio desde 1979, actualmente Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

(5) Oito brigadeiros do Exército e dois da Força Aérea.

(6) Doze do Exército e dois da Força Aérea.

(7) Ambos do Exército.

(8) Um do Exército e outro da Força Aérea.

(9) Na Revista Militar N.^o 11/12, Novembro/Dezembro de 1986, pp. 925 a 980, o académico Rúben Leitão, da Academia Portuguesa da História, analisa a polémica real.

BIBLIOGRAFIA

Actas de reuniões da Revista Militar.

Documentos relacionados com a denúncia do acordo de 1905, por parte do Ministério da Guerra, em 1947 — Processo próprio.

Revista Militar, N.^o 1, Janeiro de 1849.

Revista Militar, N.^o 7, Julho de 1849.

Revista Militar, N.^o 11/12, Nov./Dez. de 1980.

Revista Militar, N.^o 11/12, Nov./Dez. de 1986.

Revista Militar, N.^o 1, Janeiro de 1989.

IN MEMORIAN, 1.^o centenário do nascimento do General Sebastião Custódio de Sousa Telles.

Suplemento ao fascículo de Julho, N.^o 7 de 1948 da RM. **Homenagem da Imprensa Portuguesa à Revista Militar, comemorando o seu centenário, 1848-1948.**

TENGARRINHA, José, História da Imprensa Periódica Portuguesa, 2.^a edição, Ed. Caminho SA, Lisboa, 1989.

VISITAS AO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Cumprimentos de despedida do Director da IDN

Ao cessar as suas funções, o Director do Instituto de Defesa Nacional, General Pelágio Castelo Branco, deslocou-se, em 27 de Novembro último, ao EME com o fim a apresentar cumprimentos de despedida ao General Chefe do Estado-Maior do Exército.



Vice-CEMA apresenta cumprimentos de despedida

O Vice-Almirante António de Almeida Ferraz Sacchetti, Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada, esteve, no dia 28 de Novembro último, no EME em visita protocolar de apresentação de cumprimentos de despedida, tendo sido recebido pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Firmino Miguel.



Novo Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada

Em 11 de Dezembro de 1989, o Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada, Vice-Almirante Machado da Silva, recentemente empossado no cargo, esteve no EME em visita protocolar de apresentação de cumprimentos ao General Chefe do Estado-Maior do Exército.



Boas Festas dos Adidos Militares

O General Firmino Miguel, Chefe do Estado-Maior do Exército, recebeu, no dia 21 de Dezembro último, em visita protocolar de cumprimentos e votos de Boas Festas, os Adidos Militares acreditados em Portugal.

Visita do Vigário-Geral Castrense

D. Januário Torgal Mendes Ferreira, Vigário-Geral Castrense, deslocou-se no passado dia 18 de Dezembro findo ao EME, em visita protocolar de cumprimentos, tendo sido recebido pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Firmo Miguel.

Recorde-se que em 15 de Julho de 1989, na Igreja da Ordem da Santíssima Trindade, na cidade do Porto, D. Januário Torgal Mendes Ferreira foi sagrado bispo auxiliar do Patriarcado de Lisboa para desempenhar as funções de Vigário-Geral Castrense.

D. Januário Torgal Mendes Ferreira nasceu a 26 de Fevereiro de 1938 na cidade do Porto, cursou os seminários diocesanos, tendo sido ordenado sacerdote em 16 de Outubro de 1960 por D. António Ferreira Gomes. Frequentou o Curso de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde se licenciou, tendo, mais tarde, frequentado, para efeitos de doutoramento, o Centre de Phénoménologie e Hermeneutique da Universidade de Paris X.



MORTOS EM COMBATE NA GUINÉ SÃO HOMENAGEADOS PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Aquando da sua visita à Guiné-Bissau, em Novembro do ano findo, o Presidente da República deslocou-se ao cemitério de Bissau onde prestou sentida homenagem aos militares mortos em combate na Guiné.



(Telefoto de LUSA)

NOVO COMANDANTE-CHEFE DAS FORÇAS ARMADAS NOS AÇORES

Nas instalações do Comando-Chefe, em Ponta Delgada, no passado dia 30 de Outubro do ano findo, teve lugar a cerimónia de tomada de posse do novo Comandante-Chefe das Forças Armadas nos Açores, General Rui Monteiro Pereira.

Estiveram presentes na cerimónia as mais altas entidades, civis e militares, nomeadamente o Ministro da República, o Presidente do Governo Regional e o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas.

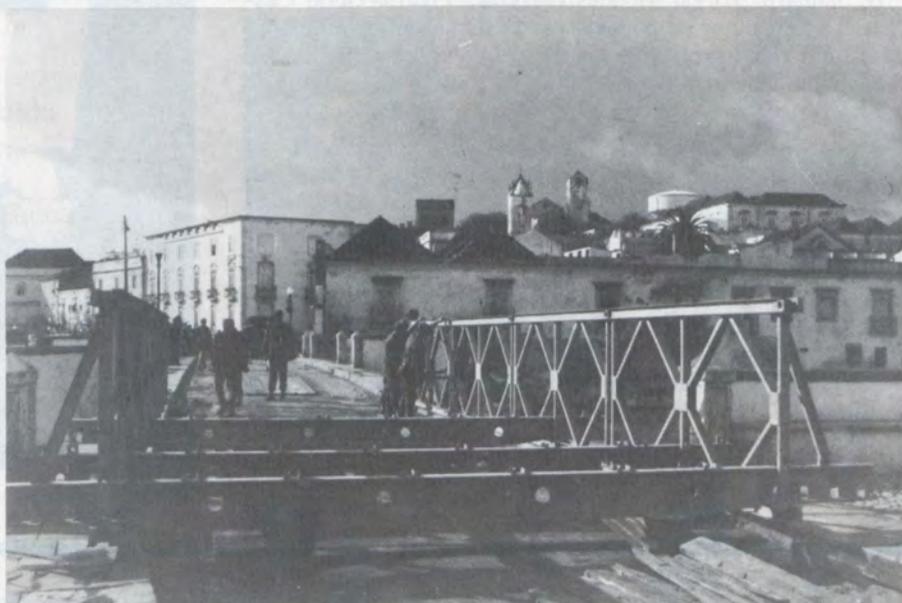


ESCOLA PRÁTICA DE ENGENHARIA MONTA PONTE EM TAVIRA

No passado dia 8 de Dezembro do ano findo, a Companhia de Pontes da Escola Prática de Engenharia procedeu à montagem de uma ponte Bailey, permitindo a ligação entre as duas margens do Rio Gilão, em Tavira, interrompida pelas cheias do início daquele mês que danificou e pôs fora de serviço a velha ponte existente.

Os 27 metros de ponte (com 6 metros de rampas de acesso) capazes de suportarem, com segurança, uma carga de 10 toneladas (13 ton. com precaução) foram montados apenas em 10 horas.

O Chefe do Estado-Maior do Exército, General Firmino Miguel, esteve presente no local e acompanhou o desenrolar dos trabalhos.



DIA DA ARTILHARIA

A Artilharia comemorou o seu dia festivo no passado 4 de Dezembro na Escola Prática da Arma, em Vendas Novas.

Presidiu à cerimónia o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Firmino Miguel.

Foi prestada homenagem aos artilheiros mortos em combate e procedeu-se à habitual imposição de condecorações. Tiveram lugar demonstrações desportivas e militares e assistiu-se à actuação da banda da Região Militar Sul.

O Comandante da Escola Prática e o Director da Arma de Artilharia proferiram alocuções alusivas à efeméride.



DA REGIÃO MILITAR DE LISBOA

Oficiais comemoram 50º Aniversário do seu tirocínio

No dia 15 do passado mês de Novembro de 1989, reuniram-se na Escola Prática de Infantaria, em Maфра, com o fim de celebrarem o 50º aniversário do início do seu tirocínio, em 1939. 15 oficiais, com o posto de coronel, brigadeiro e general.

Foi celebrada uma missa na basílica do Convento de Maфра por intenção dos camaradas entretanto falecidos; a deposição de um ramo de flores lembrou aqueles que já não se encontravam presentes. Foi fixada uma placa a perpetuar a efeméride.

Seguiu-se uma visita à Escola, um almoço de confraternização e um passeio pela Tapada de Maфра.

Novo equipamento para a Artilharia Antiaérea

No Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea de Cascais, no dia 5 de Dezembro de 1989, a Siemens AG procedeu à entrega do BCP-Radar DR-641, sistema de coordenação de tiro de antiaérea.



O BCP (Battery Coordination Post) é um Centro de Comando e Controlo de Artilharia Antiaérea, com radar de selecção integrado que permite a coordenação até doze unidades de tiro diferentes. Este novo equipamento assegura a transmissão automática de dados às unidades de tiro, tempos de entrada em posição, relativamente rápidos, e dispõe de um si-



mulador incorporado que permite o treino de operadores e guarnições.

A recepção deste novo material processou-se ao abrigo do acordo relativo à ajuda de defesa a conceder pela República Federal da Alemanha, no âmbito da NATO.

O Director da Arma de Artilharia, General Cruz Curado, acompanhado de uma delegação do Exército Português, e um representante da Siemens assistiram, no CIAAC, à demonstração do funcionamento do novo equipamento.

Reunião de Planeamento no CIAAC

Decorreu no Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea de Cascais (CIAAC), de 12 a 14 de Dezembro últi-

mo, a 5ª Reunião de Planeamento, (Chaparral Review - 5th Meeting) no âmbito da aquisição dos sistemas de míssil ligeiro Chaparral e radar FAAR, equipamentos que irão dotar a Bateria de Artilharia Antiaérea da 1ª BMI.

Esta reunião contou com a participação de uma delegação do Exército Português chefiada pelo Brigadeiro António de Albuquerque, Chefe do Gabinete de Reequipamento do Exército, e de uma delegação do Exército dos EUA chefiada por James R. Pierce do US Army Missile Command; teve a finalidade de efectuar o ponto da situação sobre o desenvolvimento deste programa de reequipamento.

As reuniões deste âmbito são bianuais, estando a próxima prevista para Junho de 1990.



DA REGIÃO MILITAR DO NORTE

Comissão de Defesa Nacional da AR visita EPT

A Comissão de Defesa Nacional da Assembleia da República visitou no passado dia 16 de Novembro a Escola Prática de Transmissões, no Porto, tendo sido recebida pelo General Guerreiro Ferreira, Comandante da RMNorte, e pelo General Oliveira Pinto, Director da Arma de Transmissões.

Esta visita de trabalho teve por objectivo dar a conhecer aos deputados que constituem a CDN a vida interna, as potencialidades e os problemas das unidades, estabelecimentos e órgãos militares mais significativos do Exército.

Os visitantes assistiram a um "brie-



ing" sobre a Unidade, focando não só a sua função de Escola Prática mas também a função geradora de encargos ope-

acionais que, a nível nacional, disponibiliza para os sistemas de Forças Terrestres.



DA ZONA MILITAR DOS AÇORES

Assunção do Comando da ZMA

Decorreu no passado dia 29 de Novembro do ano findo, no quartelamento do Grupo de Artilharia de Guarnição n.º 1, de Ponta Delgada, a assunção do Comando da Zona Militar dos Açores (ZMA) pelo Brigadeiro Rodolfo Bacelar Begonha, que substituiu no cargo o General Albuquerque Nogueira.

Presidiu à cerimónia o Ministro da República para a Região Autónoma dos

Açores, estando presentes as mais significativas autoridades civis e militares.

As forças em parada desfilaram, com garbo, perante o novo Comandante da ZMA.

Tanto o Comandante cessante, como o Brigadeiro Bacelar Begonha tiveram a gentileza de apresentar cumprimentos ao nosso jornal. JE agradece a amabilidade e reafirma a sua total disponibilidade de colaboração.

Dia do GAG N.º 1

Comemorou-se em 24 de Outubro de 1989, no Aquartelamento de Belém, em Ponta Delgada, o dia festivo do Grupo de Artilharia de Guarnição n.º 1.

Durante as cerimónias, presididas pelo General Comandante da ZMA, recordaram-se os mortos da Unidade e procedeu-se, entre outros actos, à condecoração dos militares da Unidade que mais se distinguiram no último ano.



DA 1ª BRIGADA MISTA INDEPENDENTE

Exercício "ARCO-89"

Decorreu, de 5 a 14 de Dezembro do ano findo, no Campo de Instrução Militar de Santa Margarida e áreas circundantes, o exercício "ARCO-89".

Executado em duas fases, sendo a pri-



meira em exercícios de postos de Comando (CPX), com base nos jogos de guerra (first battle) — tendo por fim testar as soluções táticas a aplicar no terreno — e a segunda em exercício com tropas (FTX) que executaram fogos reais de artilharia.

Esta fase do exercício decorreu sob condições meteorológicas e de terreno adversas, circunstâncias que puseram à prova a capacidade, resistência e espírito de sacrifício e de missão das nossas tropas.

DA ACADEMIA MILITAR

Abertura solene do novo ano lectivo

Realizou-se no passado dia 6 de Dezembro de 1989 a abertura solene do novo ano escolar na Academia Militar, no quartelamento de Gomes Freire. O Chefe do Estado-Maior do Exército presidiu às cerimónias que contaram com a presença de altas individualidades, nomeadamente o Marechal Spínola e os Embaixadores do Brasil e de Espanha. A sessão foi aberta pelo Comandante da Academia Militar, General Almeida Bruno, proferindo uma alocução em que traçou diversos aspectos da vida daquele estabelecimento de ensino militar. A oração de sapiência subordinada ao tema "Tomada de decisão" foi proferida pelo Eng.º Quadros e Costa, distinto professor catedrático da AM.

Entre os prémios distribuídos nesta ocasião aos melhores alunos, é de refe-



rir o prémio "Alcazar de Toledo", oferecido pelo Exército Espanhol ao aluno que terminou o curso com a maior classificação, o qual foi entregue pelo Embaixador de Espanha. O mesmo aluno, Asp Tir Tms, Paulo Fernando Viegas Nunes, recebeu do Embaixador do Bra-

sil o prémio "Exército Brasileiro".

Saliente-se que, presentemente, estão a ser formados na Academia Militar oficiais de alguns países africanos de expressão oficial portuguesa, no âmbito da cooperação existente entre Portugal e esses países.

GORBATCHEV...



... com graves dificuldades na Lituânia

O partido comunista da Lituânia foi o primeiro movimento comunista da URSS a afirmar-se independente de Moscovo ao adoptar, por larga maioria, uma resolução afirmando a sua independência face ao PC soviético. O desenvolvimento das relações entre os dois partidos dependerá da "reestruturação no seu seio e dos resultados do 28.º Congresso, em Outubro de 1990". O assunto foi apreciado no Congresso dos Deputados, em Moscovo, que decidiu mandar o Presidente soviético, para, acompanhado por membros do Bureau Político e do Comité Central, visitar aquela república báltica, com o objectivo de examinar "in loco" a situação dos comunistas lituanos.

... e o Congresso do Povo

Os delegados ao Congresso do Povo, na sua sessão de Dezembro, votaram um conjunto de pontos, de acordo com os desejos de Gorbachev, que denunciam algumas dificuldades na ordem interna soviética, pois o partido comunista não aprovou ainda aquilo que apoia nos países satélites — o fim da hegemonia do Partido. Assim, os delegados votaram: não discutir o monopólio do poder pelo Partido Comunista; não debater a legalização da propriedade privada; não considerar constitucional as reformas visando conceder mais autonomia às repúblicas; não considerar a proposta para investigar o litígio que opõe os nacionalistas da Arménia e do Azerbaijão.



... visita o Papa

"Sua Santidade" foi a fórmula usada pelo líder soviético para se dirigir ao Papa João Paulo II, no encontro histórico do Vaticano. Os dois líderes carismáticos tiveram oportunidade de enunciar as suas preocupações e o seu pensamento sobre o mundo de hoje. O Papa, que condenou todas as formas de totalitarismo e imperialismo, exprimiu a vontade de cooperar com a União Soviética, a fim de que prossiga a dinâmica desencadeada pela "perestroika". O visitante que, na véspera, denunciara os "pecados" do capitalismo anunciou a aprovação, em breve, de uma lei soviética que permitirá a liberdade de consciência e de religião.

... com Bush em Malta

Bush e Gorbachev escolheram, para a sua primeira cimeira, encontrar-se a bordo de navios de guerra americano e soviético, alternadamente, ao largo da ilha de Malta. As más condições meteorológicas obrigaram a que tivessem de ficar confinados a uma exígua sala dos mapas de um pacífico navio de cruzeiro que servia de "base" ao dirigente soviético e comitiva. Gorbachev apresentava-se com um grande saldo negativo, com quatro países perdidos, em seis meses, para o comunismo e a sua "perestroika" em difi-



culdades no campo da economia. Bush não terá tirado partido da situação, confirmando o "respeito pela intangibilidade das fronteiras", vinda de Ialta. No regresso da conferência, cada um se dirigiu ao encontro de uma cimeira das respectivas alianças para informação dos resultados da cimeira. Facto saliente foi a visita que, em seguida, fez à sede da NATO em Bruxelas, o ministro dos estrangeiros soviético, Schevardnaze, onde afirmou que "o Pacto de Varsóvia e a Aliança Atlântica têm um importante papel estabilizador nas mudanças na Europa".

AS MUDANÇAS NO LESTE

POLÓNIA	-10 ANOS
HUNGRIA	-10 MESES
RDA	-10 SEMANAS
CHECOSLOVÁQUIA	-10 DIAS
ROMÉNIA	-10 HORAS

(de um cartaz exibido em Praga)

"República da Polónia"

O Parlamento polaco anulou o artigo da Constituição que concedia o papel de liderança ao Partido Comunista e cancelou também a qualificação da Polónia como "Estado Socialista". Foi ainda restaurada a designação de "República da Polónia", voltando a coroa tradicional a juntar-se ao símbolo oficial polaco, a águia branca.

Uma grande estátua de Lenine, considerada com um símbolo da presença soviética na Polónia, no centro da cidade de Nova Huta, perto de Cracóvia, foi desmantelada pela juventude o que provocou



indignação nos dirigentes comunistas soviéticos que, no órgão oficial do Partido, o jornal "Pravda", classificavam como "um ultraje à dignidade do povo soviético".

Bulgária

A Assembleia Nacional anulou formalmente os artigos da Constituição segundo os quais o PC "é a força dirigente da sociedade e do Estado" e "dirige o país em colaboração com o Partido Agrário". Estas decisões abrem caminho a eleições livres em 1990.

Jivkov, que governou a Bulgária durante 35 anos, foi excluído do Comitê Central do PC juntamente com outros 26 membros, nos quais se incluía Papazov, o presidente do Comitê de Amizade soviético-búlgaro desde 1977.

O PC Búlgaro vai realizar um Congresso extraordinário a 30 de Janeiro, procurando uma renovação que se deve



traduzir, nas palavras de um dos seus dirigentes, por uma "desestalinização completa e definitiva". Apesar de tudo o PC continua a dirigir os destinos do país o que levou o presidente do sindicato independente, Podkrepa, a afirmar que, após a queda de Ceausescu, a Bulgária é o "único país da Europa de Leste onde o sistema totalitário continua intacto".

Checoslováquia: finalmente a Primavera

Uma gigantesca manifestação em Praga no dia 17 de Novembro foi o detonador de uma revolução pacífica de que saiu vencedor o "Forum Cívico" que congregava todos os opositores ao regime e cujo expoente máximo era o conhecido escritor Vaclav Havel. Em consequência

o secretário-geral do Partido, Milos Jakes, foi expulso do parlamento, acusado de ser "politicamente responsável pela violência policial", o mesmo acontecendo ao primeiro-secretário Miroslav Stepán. Dias depois foi a vez do Presidente da República, Gustav Husak, se demitir, deixando de exercer qualquer função oficial.

O Parlamento, com nova composição, elegeu por unanimidade Vaclav Havel, que assim se tornou no primeiro Presidente não-comunista de um país de Leste. Para as funções de Presidente da Assembleia Nacional foi eleito Alexandre Dubcek, o eslovaco da "Primavera de Praga", que assim se vê recompensado pelo longo exílio interno a que teve de se submeter. Como primeiro-ministro



mantém-se o comunista Miran Kalfa, secundado por três vices, dos quais apenas um é membro do partido comunista.

O novo Parlamento vai resultar de eleições livres, a realizar em Abril, para as quais se organizam e preparam partidos políticos, sendo, para já o movimento ecologista o mais bem estruturado.

Logo a seguir à sua tomada de posse, Havel fez uma rápida visita ao estrangeiro, elegendo, para o efeito, os dois estados alemães: se na RDA se inteirou do andamento do processo democrático, na RFA buscou conseguir apoio económico e financeiro para o seu país. Nas suas intervenções defendeu a reunificação alemã que, em sua opinião, não deve ser motivo de apreensão.

"República da Roménia": a revolta violenta

O Presidente Ceausescu teimava em manter a Roménia afastada das mudan-

ças que varriam todos os países vizinhos. Nos fins de Novembro ainda realizou um Congresso que, mais uma vez, o elegeria por unanimidade para se manter à frente dos destinos do país. Mas, por pouco tempo, porque menos de um mês depois a revolução popular pô-lo em fuga, juntamente com a mulher, interceptando-os para os sentenciar à morte e fuzilar



pouco depois. Cego às realidades, tinha ordenado a repressão violenta das manifestações populares na cidade de Timisoara o que mais acirrou a ira popular.

A revolução causou milhares de mortos, em número não determinado ainda, principalmente pela resistência oposta pela bem armada e equipada polícia política, a Securitate. Só agora se começam a conhecer os contornos de uma ditadura pessoal feroz e de uma política que cometeu as maiores atrocidades, a mando do seu mentor e "patrão".

O poder foi organizado em torno de uma Frente de Salvação Nacional, composta por muitos dos postergados pelo governo de Ceausescu. A União Soviética, cedo reconheceu a Frente e anunciou a intenção de não intervir militarmente, enviando Chevardnaze a garantir às novas autoridades todo o apoio económico possível para ultrapassarem as dificuldades, que são imensas.

RDA: comunismo nunca mais?

O Congresso do PC da RDA aprovou a nova designação de partido Democrático Socialista (PDS), apagando todas as referências ao passado: foi reafirmada a sua fidelidade aos princípios democráti-



cos, que sempre defenderam...; nunca foram apologistas do leninismo...; e nunca concordaram com um sistema político de um só partido... As eleições livres foram marcadas para 6 de Maio.

Panamá: o fim de Noriega?

A intervenção militar norte-americana no Panamá e o juramento de Guillermo Endara como novo presidente constituem os últimos desenvolvimentos de uma crise que já se arrastava há mais de dois anos.

O general António Noriega o "homem-forte" do Panamá afrontou os EUA que, de início, excluíam qualquer intervenção militar, mas decretaram sanções económicas. As eleições presidenciais de Maio passado, que a oposição dizia terem ganho, foram adversas a Noriega que, de imediato, anuncia a vitória do seu candidato, a que se seguem violentas manifestações.

A 15 de Dezembro a Assembleia Na-



cional nomeia Noriega chefe do governo, que declara o país em "estado de guerra" com os Estados Unidos. Um dia depois é morto um oficial norte-americano e o Presidente Bush anuncia não excluir uma intervenção militar, o que viria a acontecer dois dias depois. Da acção resultaram bastantes mortos, militares e civis, e destruições, mas não conseguiu prender Noriega que, quatro dias depois, se refugia na Nunciatura Apostólica juntamente com vinte e dois fiéis seguidores. Seguem-se intensas negociações que culminaram com a entrega voluntária do ex-presidente aos norte-americanos, que o transportaram para Miami para julgamento por tráfico de droga.



Filipinas: democracia em perigo

A Presidente Corazon Aquino, eleita por voto popular em 1986, teve de enfrentar mais uma revolta militar, a sexta, que o seu governo conseguiu dominar, mas com alguma dificuldade. Fidel Ramos, o seu fiel ministro da defesa conseguiu dominar as movimentações, em cujo centro esteve uma vez mais Gregório Honassan, um dos fundadores do Movimento de Reforma das Forças Armadas. Após ter contribuído directamente para a queda de Ferdinando Marcos, e de haver exercido importante papel na subida de Aquino ao poder, dirigiu, logo em 87, várias acções para a derrubar, por considerar que se estava a negligenciar "a corrupção e a degradação da economia".

A última revolta assumiu gravidade sem precedentes o que obrigou a Presidente a tomar decisões enérgicas, deixando aos revoltosos a alternativa: "ou se rendem ou morrem". No entanto viu-se obrigada a, pela primeira vez, pedir auxílio norte-americano que a, partir das suas bases no país, Subic Bay e Clark, fizeram descolar os Phantom F-4 em auxílio das forças leais a Aquino.

O Chile em festa

Com mais de 55 por cento dos votos entrados nas urnas, Patricio Aylwin, o candidato da oposição, foi eleito como primeiro presidente democrático do Chile desde 1970. O candidato apoiado por Pinochet não ultrapassou os 30 por cento. Curioso é notar que a percentagem dos que elegeram Aylwin corresponde quase rigorosamente à dos que disseram não a Pinochet um ano antes. Contudo, nos termos da Constituição Chilena Pinochet manterá o cargo de Comandante-Chefe das Forças Armadas quando for substituído na chefia do Estado.

Índia com novo governo

Os 500 milhões de eleitores indianos retiraram o seu apoio ao Partido do Congresso que, com um interregno de 29 meses, se manteve no Poder desde a independência, em 1947. Rajiv Gandhi, apenas conseguiu 191 dos 525 lugares em disputa, muito embora tenha sido o partido mais votado. Em consequência, Rajiv apresentou a sua demissão de primeiro-ministro e o Presidente Venkataraman convidou a Frente Nacional, uma coligação de partidos, a formar novo governo. Para chefiar foi escolhido o grande artífice da unidade da oposição, Pratap Singh.



Breves

O Dalai-Lama, o líder espiritual do Tibete que vive no exílio na Índia, declarou, ao receber o Prémio Nobel da Paz, ir "mudar a linguagem" e rever a sua posição face a Pequim, para conseguir a libertação do seu país.

O Sistema de Incentivos de Base Regional (SIBR) VAI APOIAR 200 PROJECTOS INDUSTRIAIS PRIVADOS que envolvem um investimento global de 45 milhões de contos e a criação de sete mil novos postos de trabalho. Do total, 15,5 milhões de contos correspondem a financiamentos a fundo perdido, mobilizados pelo FEDER (11 milhões) e pelo Estado Português. Os projectos aprovados correspondem às últimas candidaturas de 1988 e 1989.

A SOLIDARIEDADE PARA COM O LESTE ficou consignada com a criação de um Banco Europeu para a Reconstrução e o Desenvolvimento, destinado a promover os investimentos nos países da região; afirmada a intenção de apoiar a formação profissional de cidadãos do Leste, com uma fundação dedicada a esse objectivo, assim como a intenção de aprofundar acordos comerciais com países de Leste e a concessão de assistência directa a países como a Polónia e a Hungria.

O Conselho de Ministros concordou com o parecer da Comissão Europeia sobre a inoportunidade de um ALARGAMENTO DA COMUNIDADE À TURQUIA, frustrando as autoridades de Ancara quanto à abertura de negociações nesse sentido.

A CIMEIRA DE ESTRASBURGO, com que se concluiu a presidência francesa da Comunidade, ficou assinalada pela determinação de responder ao duplo desafio que tem pela sua frente: na ordem externa, em resultado das reformas que se multiplicam no Leste; no plano interno, com o esforço para conseguir uma maior integração política, económica, financeira e social.

O PRÉMIO MULHER DA EUROPA foi atribuído à italiana Rossana Benzi, uma autodidacta de 41 anos e que vive há 28 com um pulmão de ferro, que a imobiliza completamente.

O CAMINHO PARA UMA MAIOR INTEGRAÇÃO teve avanço significativo com a decisão de convocar a Conferência Intergovernamental da CEE destinada a promover a União Económica e Monetária Europeia que aponta para uma maior integração financeira na Europa do futuro. A Grã-Bretanha não concordou mas participará na conferência que será convocada pela presidência italiana "antes do fim de 1990", o que sugere que a reunião venha a decorrer incidindo com a cimeira europeia de Roma, em Dezembro, de forma a não afectar as eleições alemãs.

OS INVESTIMENTOS PREVISTOS NO PIDDAC DE 1989 PARA A REGIÃO DO ALGARVE totalizam 12,3 milhões de contos, correspondendo a um aumento de cerca de 76 por cento em relação ao ano anterior. Mais de 50 por cento daquela verba está incluída na rubrica de infra-estruturas rodoviárias, designadamente a ponte sobre o Guadiana, a via do Infante e a variante de Portimão.

Com vista ao ENQUADRAMENTO DO SECTOR FARMACÊUTICO NO MERCADO ÚNICO a Comissão Europeia elaborou três propostas de directivas tendentes a melhorar a informação dos doentes sobre os medicamentos que utilizam, controlar as cadeias de distribuição e definir critérios de venda harmonizados no espaço comunitário.

A PENÍNSULA DE SETÚBAL VAI BENEFICIAR, no âmbito do programa comunitário RENEVAL, de UMA PARTICIPAÇÃO DO FEDER DE CERCA DE 1,6 MILHÕES DE CONTOS. Dirigido à reconversão das zonas onde se encontram os estaleiros navais, o programa RENEVAL vigorará até 31 de Dezembro de 1992.

A TAXA DE INFLAÇÃO NA CEE EM 1989 deverá ser de 5,5 por cento, segundo o serviço de estatísticas das CE (Eurostat). O índice de preços mantém, assim, uma ligeira tendência para subir, depois de ter sido de 4,4 por cento em 1988 e 3,7 por cento em 1987. Os países com menor índice de inflação são a Holanda (1,2 por cento), a RFA (três por cento) e a França (3,5 por cento).

"Acto Único" - 2

As inovações introduzidas, pelo "Acto Único", são fundamentalmente de dois tipos:

- *Integração e consagração de um conjunto de avanços na construção europeia, alcançados na década de 70:*
 - A *cooperação política* (concertação das políticas externas dos Estados-Membros), que se desenvolveu apoiada em bases pragmáticas, é reconhecida com um dos pilares da União Europeia. O Título III define os mecanismos desta cooperação e, em particular, cria um Secretariado.
 - Igualmente a *cooperação económica e monetária* torna-se também uma componente do quadro jurídico comunitário, devendo as modificações institucionais, neste domínio, resultar de acordo unânime dos Estados-Membros e aprovação pelos parlamentos nacionais.
 - A *pesquisa tecnológica e o ambiente* passaram também ao campo comunitário.
- Modificação das modalidades de adopção e certas decisões comunitárias:
 - As *decisões relativas ao estabelecimento do mercado interno* (harmonização das legislações) são tomadas por maioria qualificada. Considerando o "peso" dos votos dos diferentes países (ver JE nº 349) torna-se necessário o voto de pelo menos dois "grandes" Estados mais um "pequeno" para impedir a adopção de medidas de harmonização. A unanimidade dos Estados-Membros é exigida nos domínios sensíveis: harmonização fiscal, lançamento de novas iniciativas, entrada de um novo Estado-Membro, livre circulação de pessoas.
 - Foi instituído, para tudo o que respeita ao grande mercado interno, um processo de cooperação com o Parlamento Europeu. O "Acto Único" consagra e alarga os poderes do Parlamento.

(Continua)

Pelo SargAjd VENTURA CUNHA

“REGULAMENTO... A QUANTO OBRIGASTE!”

Quase todos os militares, profissionais ou não, durante a sua longa ou curta vida militar tiveram, por certo, um comandante que lhes deixou boas ou más recordações. As boas surgem naturalmente; as más são, muitas vezes, provocadas por nós ou... por outros.

Recordo, neste apontamento, um comandante que me deixou indelével recordação, não só pela sua personalidade de militar íntegro, mas também pelo seu humanismo.

Os poucos meses que servi sob as suas ordens foram mais que suficientes para aquilatar as suas virtudes e os seus defeitos. Digo isto porque ninguém é perfeito. Mas, para mim, o seu maior “defeito” era o total apego ao cumprimento dos regulamentos militares. “Nem tanto ao mar, nem tanto à terra” diz a sabedoria popular.

Contemos, então, algumas passagens do que me aconteceu enquanto permaneci no estabelecimento de ensino militar que o ilustre oficial comandava.

Fazendo parte da Comissão Liquidatária dum Unidade que tinha sido extinta, a qual estivera aquartelada na Amadora, coube-me a missão de fazer a entrega do material de aquartelamento ao Destacamento da Escola do Exército, estabelecimento de ensino que iria ocupar as instalações devolutas.

Antes de ser colocado numa Unidade de Lisboa, o Comandante daquele Destacamento convidou-me a ficar no mesmo quartel, o que seria bastante útil, uma vez que já conhecia os “cantos à casa”. Aceitei logo, até porque residia na Amadora.

Quando me preparava para entregar e receber o mesmo material, passei o paradoxo, tive de suspender o serviço, pois aguardava-se a chegada do novo Comandante, agora com o posto de major devido ao aumento do efectivo escolar.

Quando me apresentei ao novo Comandante, vi na minha frente um oficial impecavelmente fardado, de ar marcial, com as condecorações brilhantes no peito, de monocóculo cintilante, em suma uma figura que infundia respeito. Aliás, já me tinham dito que ele era muito exigente no aspecto disciplinar. Era o “terror”, segundo afirmavam os cadetes-alunos aquartelados em Lisboa. Calculem que os “pobres” dos cadetes quando saltavam, irregularmente, determinado muro iam encontrar no outro lado o, naquela altura, capitão “terror”.

Tendo recomeçado o serviço, ao fazer a última conferência do material verifiquei que sobravam uma cadeira de secretária e um banco de refeitório. Fui comunicar o facto ao sr. Comandante e obtive logo a resposta:

- Nem pensar nisso! Se bem que sobrar seja melhor que faltar, o certo é que nem uma coisa nem outra pode suceder. O senhor (era assim que tratava os subordinados) já pensou que para justificar essas sobras teria que ser nomeada uma comissão presidida por um oficial superior com todas as consequências imprevisíveis? Faça o favor de fazer nova conferência, pois é possível que se tenha enganado.

Retirei-me e fiquei a matutar no assunto. Seria aquilo que eu imaginava? Ali andava, com certeza, a influência dos regulamentos.

Fui fazer nova conferência, mas as sobras continuavam. Só há uma solução, pensei. Mandeí, então, guardar a cadeira e o banco na arrecadação, para qualquer eventualidade.

Voltei a falar com o Comandante, dizendo-lhe que afinal estava tudo certo.

- Eu não lhe disse? — concluíu.

Passei, depois, a “responder” pela Formação do Comando, subunidade que além da administração das praças tinha à sua guarda o material de guerra que era utilizado pelos cadetes-alunos na instrução. Por tal motivo, era muitas vezes contactado pelos instruendos. Estes punham-se em “sentido” quando falavam comigo, tomando eu, de imediato, posição idêntica. Cumpria-se, assim, o que estava regulamentado. Por vezes, um ou outro cadete-aluno gesticulava e eu dizia-lhe para não se mexer, mas era tarde demais para evitar que ele ficasse o “fim-de-semana” no quartel. O Comandante estava a observar.

Certo dia, já o clarim tinha executado o “toque de formar”, a cuja formatura eu não podia faltar por ser o “1.º sargento da Companhia”, surge-me o chefe da secretaria a pedir a “guia de fardamento” dum soldado que tinha de seguir urgentemente para Lisboa. Desculpei-me que não o podia atender por causa da formatura, mas ele retrucou que era falta de vontade minha, pois mesmo que me atrasasse ele explicaria o motivo ao sr. Comandante. E assim se passaram quatro minutos.

Depois de satisfeito o desejo do sr. tenente, encaminhei-me para o local da formatura, indo encontrar o sr. Comandante a olhar para o relógio. Só após a minha chegada o pessoal se-

guiu para o refeitório.

Chamando-me o Comandante disse que estava muito admirado por me ter atrasado três minutos e que devia ter forte justificação, para que ele a pudesse apresentar ao sr. oficial-de-dia e ao sr. cadete-aluno-de-dia. Conteí-lhe, então, o que se passara.

Na manhã seguinte, o Comandante apareceu no meu local de trabalho. Entregando-me um papel dactilografado, disse:

- Tem aqui uma repreensão, por escrito, que considero injusta, mas como o sr. tenente, chefe da secretaria, afirmou que só o demorara cerca de um minuto, e como “a palavra de oficial faz fé”, vi-me obrigado a tomar esta atitude, embora saiba de antemão que ele está a mentir.

Dali em diante, talvez para suavizar o “sentimento de culpa” que o atormentava, recebi dele as maiores provas de simpatia e a sua disponibilidade para a solução de qualquer problema que eu tivesse.

Aproveitei para lhe dizer que me tinha oferecido para servir no Ultramar e que a minha pretensão só encontrava entraves na respectiva Repartição, apenas porque interpretavam mal determinada circular.

Uma telefonadela, que deve ter feito “trem” os responsáveis pela injustiça que estava a ser feita, resolveu o assunto imediatamente. A sua forte personalidade e a sua enorme influência tinham produzido efeito.

Por estranho que pareça, antes de eu receber “guia de marcha”, para poder embarcar para o Ultramar, veio pedir-me um “conselho”. Seria possível? Era, visto o assunto ser mais do âmbito civil e o sr. major ser cem por cento militar. Coisa simples. Tinha sido convidado para um casamento, cujos nubentes eram de famílias ilustres. Queria saber se, com farda de gala, seria aceitável ir ao casamento conduzindo o próprio automóvel.

- “Nem pensar nisso! O Meu Comandante vai no seu automóvel, mas este será conduzido pelo seu condutor (do jipe, que era a viatura que utilizava). Irei ensinar todos os pormenores necessários e o meu Comandante limita-se a entrar e a sair do automóvel nas alturas próprias.” E lá foi ao casamento “sem infringir os regulamentos”.

É caso para dizer: “Regulamento... a quanto obrigaste!”.

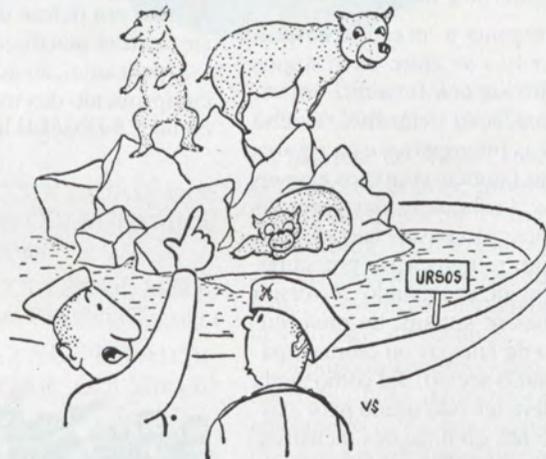
Esta página é dedicada à reprodução fac-similada de artigos ou ilustrações que fizeram época neste Jornal ou no Exército nestes últimos 30 anos.

Começamos pela página de "Bom Humor na Tropa" publicada no nº 1 (Janeiro de 1960).

BOM HUMOR NA TROPA

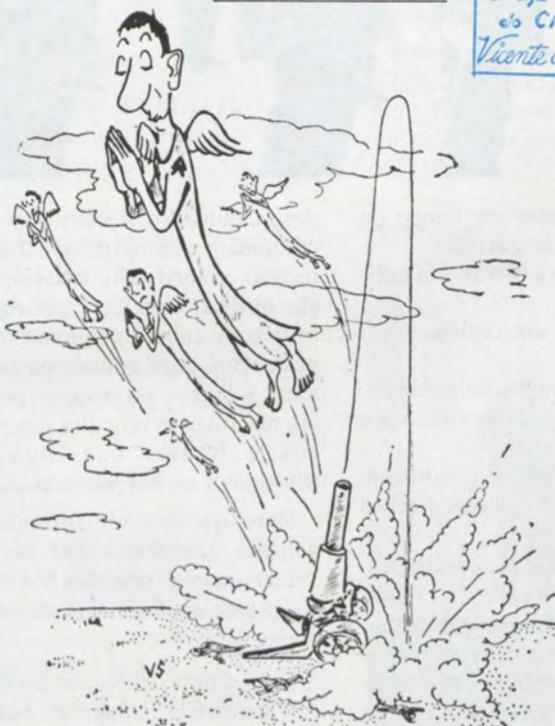


— Onde diabó teria metido a dispensa?!

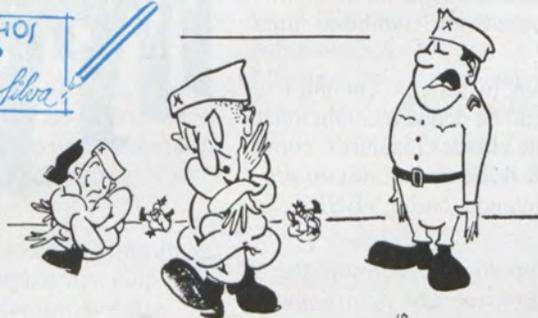


— Bem dizia o nosso cabo! Lá está a urso maior e a urso menor. E aquela, deitada, deve ser a tal estrela polar...

DESENHOS
de CAR
Vicente de Silva



— Bem me parecia que eram 40 e não 90 graus de elevação



— E, agora, só mais um oitavo à direita!



A CONDIÇÃO MILITAR

Pelo Coronel ÓSCAR GOMES DA SILVA

Modernamente, as sociedades encontram-se organizadas em Estados e estes dispõem de Forças Armadas, tendo em vista a sua defesa. De acordo com GASTON BOUTHOU, a história da humanidade é uma história de batalhas, o que não invalida que a paz tenha constituído e continue a ser um objectivo a alcançar pelos homens de boa vontade.

Até onde remonta a investigação pré-histórica, verifica-se entre os vestígios que dos primitivos nos ficaram, um esforço de organização defensiva. Defesa não só contra as intempéries e os rigores climáticos, mas também contra os ataques de seres vivos. Os homens das cavernas devem ter procurado nestas não só abrigo mas também refúgio. Esta preocupação torna-se evidente quando se repara que as cavernas se situam, de preferência, no flanco de falésias ou colinas, para lhes dificultar o acesso. Tal como ainda hoje, o fogo deve ter sido usado para afastar as feras. E nas civilizações lacustres, a utilização de habitações rodeadas de água, onde apenas se podia chegar de embarcação, pontes levadiças ou tabuleiros amovíveis, constituía também uma defesa.

Já nos tempos históricos, encontra-se esta preocupação de defesa a condicionar a localização de cidades insulares, como TIRO e PARIS (L'Île de la Cité) ou protegidas por pântanos, como VENEZA e CARTAGO.

Alguns antropologistas pensam que o verdadeiro primitivo, isto é, o homem mal saído ainda da animalidade, como o "pithecanthropus", não praticava a guerra propriamente dita. Mas desde que se chega à era histórica, as coisas mudam e encontra-se a guerra em todas as antigas sociedades conhecidas.

Assim, a classe dos "guerreiros", ou seja, os militares surgiram como imperativo das sociedades com vista à sua defesa. E o facto é que se verificou, ao longo dos tempos, uma notável evolução, desde a Falange Grega, passando pela Legião Romana, até às Divisões dos nossos dias. Não sei se, algum dia, os Estados poderão vir a dispensar as respectivas Forças Armadas.

Para os militares, o dever existe, só por-

que existe a honra militar, e acima deles, a Pátria.

Nos termos do Artigo 2.º da Lei nº 11/89 de 1 de Junho, a condição militar caracteriza-se:

- pela subordinação ao interesse nacional;
- pela permanente disponibilidade para lutar em defesa da Pátria, se necessário com o sacrifício da própria vida;
- pela sujeição aos riscos inerentes ao cumprimento das missões militares, bem como à formação, instrução e treino que

riscos, carreiras e formação.

A carreira militar não é um modo de vida como outro qualquer, mas o exercício de uma função como nenhuma outra na Sociedade e no Estado. Certamente se vive dela, como têm que viver da sua actividade todos os que não criam directamente riqueza. Mas, como escreveu Mouzinho de Albuquerque, o vencimento do militar nunca é a remuneração do serviço, por não haver dinheiro que pague o sacrifício da vida.

Por vezes, os militares são vilipendia-



as mesmas exigem, quer em tempo de paz, quer em tempo de guerra;

- pela subordinação à hierarquia militar, nos termos da lei;
- pela aplicação de um regime disciplinar próprio;
- pela permanente disponibilidade para o serviço, ainda que com sacrifício dos interesses pessoais;
- pela restrição, constitucionalmente prevista, do exercício de alguns direitos e liberdades;
- pela adopção, em todas as situações, de uma conduta conforme a ética militar, por forma a contribuir para o prestígio e valorização moral das Forças Armadas;
- pela consagração de especiais direitos, compensações e regalias, designadamente nos campos da segurança social, assistência, remunerações, cobertura de

dos, caluniados e ofendidos, mas eles continuam a cumprir, sem alardes, a sua missão, entendendo, todavia, que a Nação os deve respeitar e prestigiar. A este propósito, caberá perguntar o que se faz neste País para educar os cidadãos no amor à Pátria, no respeito pelos símbolos nacionais e no culto dos valores éticos e morais que dignifiquem e prestigiem as Forças Armadas?

Penso que deve ser cultivado um nacionalismo saudável, sem se cair num "chauvinismo" doentio. E é na família e na escola que a educação do cidadão começa.

É a legítima defesa que justifica as Forças Armadas. Saibam os responsáveis, com acções concretas, respeitar e dignificar a condição militar.

VI COLÓQUIO DA IMPRENSA MILITAR 30º ANIVERSÁRIO DO JORNAL DO EXÉRCITO



Decorreu no Instituto de Altos Estudos Militares, nos dias 9, 10 e 11 de Janeiro, o VI Colóquio da Imprensa Militar, organizado por este Jornal.

Estes Colóquios surgiram em 1983 por iniciativa da Revista "Mais Alto" da Força Aérea e têm por objectivo a valorização profissional dos corpos directivos e redactoriais das publicações periódicas, ligadas às Forças Armadas e às Forças de Segurança, e o debate e estudo dos diversos problemas comuns.

Participaram no Colóquio os seguintes órgãos da imprensa militar, fazendo-se os mesmos representar pelos elementos abaixo indicados:

AZIMUTE: Maj Meireles Santos

BALUARTE: Cap mg Canelas Cardoso, Maj Matos Coelho e Cap Sousa Correia

BOINA VERDE: TCor Norberto Bernardes

BOLETIM INFORMATIVO DO EME: TCor Martins Mendonça

O COMBATENTE: TCor Augusto Rosa

"ELO": Patuleia Mendes e Sande de Vasconcelos

GUARDA FISCAL: Cap Monteiro das Eiras

"MAIS ALTO": Gen Wilton Pereira, Brig Silva Pessoa e Maj Louro Ferreira

MECANIZADO: Cap Ferreira Pereira
NAÇÃO E DEFESA: Cor Silva Carvalho

PELA LEI E PELA GREI: Maj Capelão Eduardo Almeida

POLÍCIA PORTUGUESA: Maj Levy Correia

QUERER É PODER: Cor Soeiro Zilhão, Jorge Correia e Pedro Azevedo

REVISTA DA ARMADA: C/Almirante Malheiro do Vale e C/Almirante Car-

valho Afonso

REVISTA DE ARTILHARIA: Cor Pires Correia

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS COLÉGIO MILITAR: Dr. Félix António

REVISTA PORTUGUESA DE MEDICINA MILITAR: Cap Claudino Tregreira

REVISTA DO SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO MILITAR: Gen Mota de Mesquita

REVISTA MILITAR: Cor Gomes Bessa

JORNAL DO EXÉRCITO: Gen Elmano Rocha, Maj Machado Diniz e Cap Marques Fernando.

Presidiu à sessão de abertura o Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, General Tomé Pinto; fez parte da mesa da presidência o nosso Director, General

Carlos Elmano Rocha, e o Brigadeiro Adelino Rodrigues Coelho, Director Int^o do Instituto de Altos Estudos Militares. O Dr. José Lechner, professor de Jornalismo e consultor em Comunicação, proferiu uma conferência, plena de dinamismo e actualidade, subordinada ao tema "A evolução da imprensa portuguesa nos últimos cinco anos".

Depois do encerramento da sessão de abertura, num intervalo, foi servido o costumeiro café e este dia não passou sem que fosse perpetuado num amistosíssimo conjunto fotográfico.

Retomada a sessão e usando da palavra o Director da Revista do Serviço de Administração Militar, General Mota de Mesquita, traçou uma panorâmica da "Situação da Imprensa Militar no seio das instituições e sua importância".

Seguiu-se um profícuo debate sobre os



temas expostos.

O segundo dia iniciou-se com a “Evolução dos Meios de Comunicação Social-Escrita”, tema da conferência proferida pelo Sr. Eduardo Costa, administrador do Jornal “Correio de Azeméis”.

Um prestigioso elemento da comissão da Redacção da Revista “Nação e Defesa”, o Coronel Silva Carvalho, versou o tema “A Comunicação Social e a Defesa Nacional”, dando origem a um aceso debate.

“A posição das Revistas Militares perante os ataques à Instituição Militar veiculados pelos órgãos da Comunicação Social” foi tema de pertinente e objectiva discussão por parte de todos os participantes no Colóquio.

Na manhã do dia 11, mais um conferencista de reconhecida competência — o Sr. Diniz de Abreu, Director do “Diário de Notícias” — deu-nos uma perspectiva global sobre “A Imprensa em Portugal — O desafio dos anos 90”.

A sessão de encerramento foi presidida, honrosamente, pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Mário Firmino Miguel e contou com a presença do Vice-Chefe do EME, do 2.º Comandante da RM de Lisboa — em representação do Governador Militar — e do Director Int.º do IAEM.

Foram lidas as conclusões do VI Colóquio, a saber:

1. A Imprensa Militar tem cumprido os seus objectivos, de acordo com as missões que lhe têm sido superiormente determinadas, no seu espaço e público próprios, que constituem a razão fundamental da sua existência, não obstante as carências e limitações funcionais com que se debate.

2. A Imprensa Militar sente necessidade de acompanhar a realidade dos novos tempos, devendo para tanto dispor de meios humanos adequados, recorrendo ao concurso de profissionais competentes no



A mesa de honra que presidiu à sessão de abertura do Colóquio era constituída pelo General Vice-CEME, pelo General Director do JE e pelo Brigadeiro Director do IAEM.

âmbito da Comunicação Social e à formação de militares nesta área, mediante a frequência de cursos superiores apropriados. Esta acção deve ser acompanhada com a introdução de meios técnicos mais evoluídos e conjugada com a reestruturação dos Serviços de Relações Militares com vista à obtenção de uma melhor qualidade de informação sobre todos os assuntos que digam respeito à Instituição Militar.

3. Verifica-se a necessidade de fazer projectar a influência da informação militar e a verdadeira imagem das Forças Armadas junto da opinião pública nacional.

Este objectivo poderá ser conseguido pela criação de um órgão em que toda a Imprensa Militar colaborasse, e que integrasse também profissionais civis, desde que esse fosse o sentir da hierarquia militar.

Esse órgão teria uma intervenção activa no meio civil a nível da imprensa escrita, nacional e regional, ou de outros meios de Comunicação Social que chegassem ao grande público, complementando a acção da Imprensa Militar.

4. Mantém-se, na generalidade, as conclusões dos colóquios anteriores, salientando-se a necessidade de rever a legislação que limita a possibilidade de escreverem nas revistas militares e na imprensa civil.

5. Foi aceite o oferecimento da “Revista da Armada” para organizar o VII Colóquio da Imprensa Militar.

Encerrado o Colóquio, o nosso Director fez uma elogiosa apresentação do Chefe de Redacção do Jornal do Exército, Major Machado Diniz, que numa fluente retrospectiva abarcou toda a história desta publicação militar, durante os seus 30 anos de existência, distribuída pelos 360 números editados sem interrupção.

Penhoradamente, o Maj Diniz lembrou entre outros o primeiro Director, Brigadeiro David dos Santos, o Major Balula-Cid, primeiro Chefe de Redacção e o Coronel de Engenharia Bastos Moreira, o decano dos nossos colaboradores que subscreve, desde o n.º 28 do JE, a secção “Monumentos de Evocação Militar”.

O Chefe do Estado-Maior do Exército fez a entrega do “Prémio Jornal do Exército 89” ao Cor Óscar Gomes da Silva que, com o seu artigo intitulado “A Acção do Homem e o Ambiente Geográfico” soube bem prestigiar as letras militares.

Um almoço volante, pleno de dignidade, servido na Messe de Oficiais de Pedrouços, no IAEM, reuniu num convívio de franca e agradável camaradagem os participantes do Colóquio, antigos directores, colaboradores e todos os elementos do Jornal do Exército.

Momento da credenciação e distribuição de documentos aos participantes no Colóquio.



JORNAL DO EXÉRCITO

30 ANOS DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO

As grandes obras nascem quase sempre do esforço humilde e continuado de homens que passam pela vida preocupados, acima de tudo, em servirem os outros e a instituições. E é devido a essa força anímica, a essa mística que sabem imprimir ao que realizam, que contagiam sempre alguém disposto a receber o testemunho e a continuar a obra traçada.

O Jornal do Exército não é, propriamente, uma grande obra pelo seu valor jornalístico, mas está a sê-lo pela longevidade já alcançada, pelo referencial que já constitui dentro do Exército e pelo repositório documental já reunido nos seus 360 números.

Importa pois, antes de mais, prestar homenagem a esse grupo de militares que, há 30 anos, soube dar forma a uma aspiração que vinha de longe e incutir-lhe a dinâmica necessária para resistir a todas as provocações e perdurar. E se é justo evocar nomes, que o sejam os dessa primeira equipa que naquela tarde de 7 de Dezembro de 1959 se reuniu no Colégio Militar para discutir "as directivas para a execução do primeiro número de um jornal para o Exército", como ficou registado em acta. Era ela constituída pelo Brigadeiro David dos Santos, — ao tempo Director do Serviço de Pessoal e que foi o primeiro Director do Jornal —, pelos Majores Pinto Coelho, Balula-Cid — primeiro Chefe de Redacção —, Eduardo Fernandes e Tavares de Figueiredo e pelo Capitão José Marques.

Dessa primeira reunião nasceu a proposta da criação do Jornal, a qual, faz hoje precisamente 30 anos, mereceu do então Ministro do Exército, Brigadeiro Afonso Magalhães de Almeida Fernandes o seguinte despacho: "Aprovo com a maior satisfação a presente proposta que vem ao encontro de uma aspiração que há muito acalentávamos e que as circunstâncias parecem tornar agora oportuna".

A este grupo de oficiais, congregados pelo espírito de bem servir o Exército e preocupados com a formação e bem estar dos seus militares, devêmos o estar aqui hoje a comemorar tão honrosa idade que já faz do Jornal do Exército uma das publicações militares mais antigas de quantas aqui estão representadas.

Para além de evocar e prestar homenagem aos pioneiros, pretendemos apenas, nesta curta alocução, realçar a importân-



Os participantes seguem com interesse a conferência do Dr. José Lechner.

cia que a publicação "Jornal do Exército" tem assumido ao longo destes 30 anos no contexto da formação profissional e cultural do pessoal do Exército, na divulgação e enriquecimento do património histórico-militar, na dignificação da imagem da Instituição Militar e no enorme contributo que representa para a investigação e estudo da História Militar das últimas três décadas.

Começando por este último aspecto, importa lembrar que o Jornal surgiu no início de um dos períodos mais intensos da vida do Exército Português. Em Fe-

vereiro de 61, pouco mais de um ano após a sua criação, iniciava-se o empenhamento total do Exército nas operações de contra-guerrilha em Angola e, poucos anos depois, na Guiné e em Moçambique. Desse gigantesco esforço de 13 anos nos dão conta muitas centenas de páginas, algumas centenas de fotografias e dezenas de pequenos jornais, editados pelas Unidades mobilizadas, guardados nos nossos arquivos.

Folheando as colecções desses difíceis e heróicos anos sessenta e início de setenta, encontramos relatos do começo da

O Sr. Eduardo Costa, conferencista convidado no 2º dia de trabalhos, veio de Oliveira de Azeméis para falar sobre a evolução da imprensa escrita.





O Coronel Silva Carvalho da revista "Nação e Defesa" quando apresentava a sua comunicação.

guerra em Angola, reportagens de operações militares, acções heróicas praticadas em combate, nomes de militares condecorados e distinguidos com os "Prémio Governador", artigos sobre material apreendido, ordenamento e autodefesa das populações, actividade operacional das Unidades em campanha, história das Unidades da guarnição normal dos vários territórios ultramarinos, cartas de combatentes, crónicas, discursos, visitas de altas entidades, etc..

Pode-se afirmar que foi este o período mais fecundo do Jornal do Exército e em que desempenhou com mais mérito a sua missão de informar, cultivar e recrear. A sua mensagem chegava aos mais recônditos lugares da selva africana e a sua leitura servia de passatempo para aquelas longas horas de ócio vigilante e de lenitivo para as desesperantes esperas, para as saudades da família, para o stress da

O debate dos temas em discussão foi sempre muito animado.



Terminada a 2ª sessão de trabalhos, dirigida pelo nosso Director ladeado pelo Director da Revista da Armada e pelo Subdirector da "Mais Alto", era chegado o momento da elaboração das conclusões.

com a cobertura dos últimos acontecimentos.

Apesar de tudo, o prestígio do Jornal não saiu afectado e continuou a ser um factor de dignificação da imagem da Instituição Militar.

No estatuto elaborado pela primeira equipa, apontavam-se como objectivos do Jornal do Exército "fomentar o conhecimento das diversas actividades do Exército (...) contribuindo para robustecer o seu espírito militar"; "promover o intercâmbio de informações de carácter geral respeitante às Armas e Serviços"; e "desenvolver na população civil o melhor espírito de compreensão dos problemas e das sagradas missões cometidas ao Exército, de modo a que este receba, da Nação, em todas as circunstâncias, o apoio moral e o respeito de que carece".

Como podemos verificar, então como



O General CEME deu-nos a honra de presidir à sessão de encerramento do Colóquio. Acompanhavam-no o General Vice-CEME, o Brigadeiro Director do IAEM e o 2.º Comandante da RML.



O Sr. Diniz de Abreu é felicitado pelo General CEME no final da sessão.

hoje, estas preocupações são comuns a todas as revistas militares e têm preenchido boa parte do debate nos colóquios da Imprensa Militar.

Para alcançar estes objectivos o Jornal devia publicar "assuntos que interessem a todos os militares, seja qual for a sua graduação, nomeadamente":

- "assuntos de natureza histórica, patriótica, militar ou de cultura geral";

- "noticiário e documentação fotográfica de acontecimentos



O Sr. Diniz de Abreu, Director do Diário de Notícias e antigo redactor do JE, foi o conferencista convidado para o último dia do Colóquio.

Participantes no Colóquio e convidados no início da sessão de encerramento e comemorativa do 30.º aniversário do nosso Jornal.



militares ou de importância nacional e internacional";

- "informação desportiva militar e civil, passatempos, charadas, palavras cruzadas, anedotas, concursos e outra de carácter recreativo e educativo".

Terá o Jornal conseguido abarcar todo este vasto leque de assuntos?

Dando maior relevo a esta ou aquela área, de acordo com as directivas ou as conveniências de cada época, o gosto ou a sensibilidade das

equipas responsáveis, a disponibilidade de colaboração ou a intensidade da ligação com as estruturas do Exército e o conhecimento dos seus problemas, pode-se afirmar que o balanço feito, passadas estas três décadas, é positivo.

O Jornal do Exército nunca perdeu de vista o tratamento das três grandes áreas que o caracterizam: órgão de informação, cultura e recreio que fazem desta revista um veículo que privilegia a divulgação geral sem pretensões de especialização em nenhuma temática.

Na área informativa, para além do noticiário e da reportagem de carácter militar, mantém, desde há muito, secções de Desporto, Legislação e outras páginas de informação útil, e é a única revista militar portuguesa que insere regularmente uma rubrica de noticiário internacional, o "Miramundo", — da responsabilidade, desde há vários anos, do Exmo. Brigadeiro Rodrigues Coelho, Director deste Instituto, — alargando recentemente essa área à divulgação de noticiário e assuntos específicos da CEE.

É difícil enumerar as temáticas tratadas na vertente cultural, tão diversificadas elas têm sido. De cariz técnico e científico, manteve durante anos as secções "Pelo Mundo da Técnica", "Ciência e Técnica" e, actualmente, "Ciência e Tecnologia Militar". Outras que fizeram época foram: "Militares Ilustres", "Terras e Gentes do Mundo Português", "Para quem gosta de saber", "Língua Portuguesa", "Armas Antigas" e até já teve uma "Página da Mulher".

A História Militar mereceu sempre um carinho particular. E é extenso o rol dos temas tratados que apenas referimos uma secção que se mantém, sem falhar um único mês, desde o número 28 de Abril de 1962, sempre com o mesmo responsável: é a de "Monumentos de Evocação Militar" da autoria do Exmo. Coronel de Engenharia Bastos Moreira, o decano dos nossos colaboradores.

A área recreativa tem ocupado uma parte significativa do Jornal, sendo de referir, pela sua regularidade, as secções de "Recreio" e "Passatempo", "Filatelia", "Numismática", "Modelismo" e "Jogos de Guerra".

Deixámos para o fim duas temáticas que fizeram época no Jornal do Exército: a Banda Desenhada e o Humor. A primeira ainda se mantém, privilegiando temas históricos e patrióticos. Quanto ao Humor temos andado muito por baixo!... Há anos que perdemos a colaboração do traço inconfundível de Zé Manel e não conseguimos encontrar substituto. No entanto, o muito que foi publicado constitui uma verdadeira antologia do humor militar português e ainda hoje diverte quem o aprecia.

"As palavras voam; os escritos permanecem". Com toda a imprensa escrita, o Jornal do Exército, para além de em cada mês levar aos seus leitores um conteúdo que pretendemos seja interessante, actualizado e útil, tem registado e feito

O Coronel Gomes da Silva, galardoado com o Prémio JE 89, quando recebia o prémio das mãos do General CEME.



O Chefe de Redacção do JE quando proferia a sua alocução alusiva ao 30.º aniversário.

história ao longo destes 30 anos. As equipas directivas e redactoriais têm-se sucedido, mas a ideia lançada naquela longínqua tarde de Dezembro continua a ser uma agradável realidade quer perdu-

rá enquanto for desejada e acarinhada pelo Exército e pelo seu público leitor, e contar com o devotamento e a carolice dos seus actuais e futuros responsáveis.

JD

No final participantes no Colóquio e convidados do aniversário reuniram-se num almoço de convívio e confraternização na Messe de Pedrouços.



AGRADECIMENTO

Muitas foram as manifestações de regozijo recebidas verbalmente ou por escrito, pela passagem do 30.º aniversário do nosso Jornal. Às recebidas de viva voz já manifestámos o nosso reconhecimento agora aqui reafirmado. Às mensagens recebidas por escrito registamos e agradecemos as do Director do SEFE, da Escola Prática de Infantaria, do Batalhão de Reconhecimento das Transmissões, da Associação da Força Aérea Portuguesa, do Adido do Exército do Brasil, do Capitão Pinto Bessa, antigo redactor deste Jornal, e, em especial, do General Chefe do Estado-Maior do Exército cujo conteúdo transcrevemos na íntegra:

"Tendo presidido dia 11 cerimónias comemorativas 30 Aniversário Jornal do Exército e encerramento do 6.º Colóquio Imprensa Militar, desejo transmitir todo o pessoal na pessoa ilustre Director Jornal meu muito agrado forma elevada, digna e prestigiante como decorreram referidas cerimónias".

COLECCÕES DE POSTAIS

Uniformes Militares Portugueses

Brasões de Armas do Exército Português

Na sua missão de "promover a difusão dos conhecimentos e problemas militares" o "Jornal do Exército" tomou há já alguns anos a iniciativa de editar postais com reproduções de Uniformes Militares Portugueses e, mais recentemente, iniciou a edição de postais com reproduções dos Brasões de Armas actualmente em uso no Exército Português.

• A colecção de postais de uniformes é constituída por 252 exemplares (28 séries de 9) que reproduzem as aguarelas do Coronel Ribeiro Arthur existentes no Arquivo Histórico-Militar, as quais retratam a evolução do uniforme militar em Portugal desde meados do século XVIII até princípios do século XX.

• A colecção de postais de brasões de armas é, por ora, constituída apenas por 18 exemplares (2 séries de 9) onde figuram os brasões de armas do Exército, das Regiões e Zonas Militares, da 1.ª BMI, das Armas, de alguns Serviços e do nosso Jornal.

• Entretanto, o Museu Militar lançou recentemente a edição de 18 postais (2 séries de 9) que reproduzem aguarelas de Uniformes Militares Portugueses da primeira metade do século XX, da autoria do Mestre Alberto de Souza (plano de uniformes de 1911 e do CEP — Grande Guerra).

Estas três colecções encontram-se à disposição dos nossos estimados leitores pelos seguintes preços:

Cada série de 9 postais:

- Venda ao público 150\$00
- Preço especial para militares e assinantes . . 125\$00

Nos pedidos de envio pelo correio acresce mais a seguinte quantia para despesas com portes e embalagem: até 5 séries — 75\$00; até 10 séries — 125\$00; até 25 séries — 200\$00; até 50 séries — 300\$00.

Faça já a sua encomenda usando o boletim junto



A VENDA

NO
JORNAL
DO EXÉRCITO



— Solicito o envio das seguintes séries de postais (marcar com x as séries pretendidas)

- UNIFORMES MILITARES PORTUGUESES — colecção Cor Ribeiro Arthur
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16
 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

- BRASÕES DE ARMAS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS
 1 2

- UNIFORMES MILITARES PORTUGUESES — colecção Alberto Souza
 1 2

— Para pagamento da minha encomenda e dos respectivos portes junto a quantia de Esc. &

NOME

MORADA

CÓDIGO POSTAL LOCALIDADE

Nº DE ASSINANTE POSTO E UNIDADE

MANUTENÇÃO MILITAR



Rações de combate



UMA VASTA ORGANIZAÇÃO
AO SERVIÇO DA DEFESA NACIONAL
DA INDÚSTRIA ALIMENTAR
E DA EXPORTAÇÃO



Silos



Laboratório



Bolachas



Moagem



Poeiras



Panificação



Massas



Rua do Grilo - Apt. 8032 1801 LISBOA CODEX - Telefone 38 43 81 - TELEX 14015 MM SEDE P





Colt® M 203 LANÇA-GRANADAS 40 mm

INTEGRADA NA FAMÍLIA DE ARMAS COLT M 16 A2 PROVADAS EM COMBATE

O lança-granadas M 203 é uma arma independente de 40 mm especialmente fabricada para montagem nas ESP. AUT. M 16 A1 e M 16 A2 formando uma combinação de arma versátil capaz de fazer fogo com ambas as munições (ESP AUT. 5,56 mm, munições especiais de alta explosão de 40 mm).

A munição mais usada para M 203 é a Anti-pessoal M 406 com um raio letal de 5 m e a M 433 com efeito de fragmentação podendo penetrar até 5 cm em placas de aço.

Existem outros tipos de munições disponíveis tais como: Chumbo grosso, gás lacrimogéneo e de sinais, que comprovam a versatilidade da arma.

A M 203 possui um completo mecanismo de disparo próprio que lhe permite operar junto ou separadamente da ESP AUT M 16.

ESPECIFICAÇÕES COLT M 203/ 40 mm

— Peso (vazio)	1,36 kg
— Peso (carregado)	1,63 kg
— Calibre	40 mm
— Comprimento	38 cm
— Comprimento do cano	30 cm
— Alcance máximo	400 m
— Tipos munições	

- M 406 Alto Explosivo
- M 433 HE Perfurante/Fragmentação
- M 576 Chumbo Grosso
- M 407/781 Instrução

Colt

Firearms Division

Hartford, CT 06101

Telex: 994421 ColtFireHtd



DEFEX PORTUGAL
REPRESENTAÇÕES, IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, LDA.

**AGENTES EXCLUSIVOS
PARA PORTUGAL**

RUA PRESIDENTE ARRIAGA, 82, R/C
TELS.: 67 91 24/5/6/7 — TELEG.: DEX — TELEX: 15665 DEFEX P

Monumentos de Evocação Militar

Pelo Cor Eng.^a BASTOS MOREIRA

Portalegre

Monumento aos Mortos da Guerra

Quando visitamos Portalegre não podemos deixar de admirar, além dos muitos motivos de grande interesse que esta bonita e risonha cidade nos oferece, o monumental plátano que se encontra no Rossio e que foi mandado plantar nos meados no século passado pelo Presidente da Câmara, José Maria Grande; essa árvore apresenta-nos umas medidas verdadeiramente excepcionais no que respeita à sua altura e perímetros do tronco e da copa.

É perto deste plátano que se ergue o Monumento aos Mortos da Guerra, objecto principal do nosso Artigo de hoje.

O projecto é da autoria do oficial de artilharia Lacerda Machado e a modelação do artista Henrique Moreno.

De um trabalho datado de Junho de 1924 e intitulado "A voz dos monumentos" da autoria também daquele oficial extraímos, com a devida vénia, os seguintes passos:

"Embala-nos a alma, num bem estar de sonho, o depoimento desses testemunhos presenciais ou coevos, peças de convicção dum esforço sem par. Um padrão tosco, uma cruz mutilada, um canto de fortaleza, uma peça carcomida, um baluarte em ruínas, uma torre denticulada

de ameias, uma tradição que não morre, a língua resistindo ao meio desnacionalizado, um portulano enegrecido pelos séculos, um velho códice — em Marrocos ou em Malaca, em Olivença ou na Índia, em África ou na Malária, nas costa ou no sertão remoto, em Ceilão ou em Vera Cruz — batidos pelos vendavais ou na quietação tumular dos arquivos, bibliotecas e museus. A sua voz tem uma grandeza dominadora. E o nosso destino espalhou-os por toda a parte, quando pelas nossas virtudes austeras fazíamos a admiração dos estranhos."

"Um povo assim não carece de estímulos, mais do que a voz do seu passado. Compreende a responsabilidade da sua nobilíssima herança, a obrigação de salvar para as futuras gerações a memória dos feitos ilustres, trazidos pela sucessão dos tempos. Assim o tem compreendido, assim o vai compreender agora.

O nosso monumento foi o primeiro, a brotar da Terra Portuguesa, como um brado da sua alma comovida saudada pelos que por ela morreram. Está quase concluído, faltando-lhe apenas os festões de bronze e a estátua da Victória coroando os Mortos Gloriosos.

Esse pouco é ainda muito. Muito que será pouco, se vós assim o quisédes".

No dia 24 de Maio de 1920 foi assente a primeira pedra, cerimónia a que presidiu o então Ministro da Guerra Estêvão Águas e que teve a presença de representações de várias Unidades militares.

A inauguração teve lugar a 11 de Novembro de 1935 com a presença do Ministro da Guerra e de outras Entidades Oficiais.

O monumento erguido por iniciativa do Grémio Transtagano tem uma base com degraus em pedra onde assenta um padrão idêntico aos erguidos pelos navegadores portugueses: uma coluna encimada pelo Escudo Nacional e pela Cruz.

Junto à coluna encontra-se uma figura alada representando a Victória, segurando na mão esquerda uma espada e na direita a coroa da glória.

Em redor vê-se uma vedação de correntes de ferro apoiadas em peças de artilharia com as bocas implantadas no solo.

No plinto da base estão inscritas as legendas:

"AOS MORTOS DA GRANDE GUERRA"

"POR INICIATIVA E ESFORÇOS DO GRÉMIO TRANSTAGANO"

O monumento ergue-se em memória e homenagem à acção heróica e valorosa daqueles que tiveram por berço o distrito de Portalegre e que perderam a vida pela Pátria.

Pertenciam uns ao Regimento de Artilharia de Montanha, Unidade muito sacrificada nas lutas em África e que veio a merecer a Cruz de Guerra e a Torre e Espada.

Pertenciam outros ao Regimento de Infantaria 22 que, sob o comando do Coronel Adriano Augusto Trigo, se portou de forma brilhante em França.

Foi a sua bandeira, condecorada com a Cruz de Guerra de 1.^a classe, que veio a desfilar à frente do contingente português na parada da vitória realizada a 14 de Julho de 1918, em Paris, ao longo dos Campos Elísios, tendo como verdadeiro símbolo o Arco do Triunfo que ali se encontra.



Por: MANUEL A. RIBEIRO RODRIGUES

Regimento de Cavalaria 6 - Caçadores a Cavalo

O grande uniforme dos oficiais deste Regimento era o seguinte:

Farda azul ferrete, assertoada pelo direito com duas ordens de oito botões; abas curtas com duas Vistas; portinholas verticais com três botões, tendo cada uma um vivo amarelo, vindo do botão da cintura ao apanhado das Vistas. A farda é avivada, a toda a volta, com um Galão amarelo. A gola é amarela, com duas casas de Galão de ouro, que ocupam dois terços do cumprimento da mesma.

Canhões das mangas em bico, amarelos, guarnecidos com Galão de ouro, igual ao da gola. (Figs. 1, 2 e 3)

Botões de metal amarelo, ovados, com as Armas Nacionais gravadas em relevo. (Fig. 4)

Os oficiais de Cavalaria, em substituição da Banda de Seda, colocam um cinto com três Galões de ouro e dois azuis ferrete.

Dragonas de ouro, sendo de palmatória de liga lisa, com meia lua de metal amarelo, guarnecidas com canutilhos de linha e meia de diâmetro e franjas.

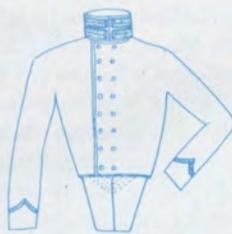


Fig. 1

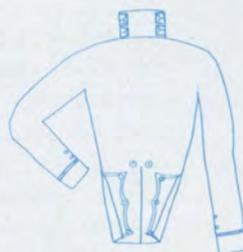


Fig. 2



Fig. 3



Fig. 6



Fig. 4



Fig. 5

A pala é toda bordada. (Fig. 5)

Nas dragonas é que são colocados os distintivos da Arma, que são dois Sabres cruzados com um ramo de louro, tudo em prata.

A colocação variada deste distintivo e da Coroa Real é que nos indica o posto (1). (Fig. 6)

(1) Assunto a tratar brevemente.



PRIMEIRA CASA DAS BANDEIRAS

ANTÓNIO CARDOSO
Sucessora
MARGARIDA CARDOSO
DA COSTA, LDA.

Rua dos Correios, 149/151 Telefax 37 10 75
1100 LISBOA Tel. 32 74 82 • 37 10 75

Execução rápida e perfeita de:

BANDEIRAS — ESTANDARTES — FLÂMULAS
E GUIÕES

Emblemas esmaltados — Medalhas — Emblemas impressos
em plástico e alumínio fotoanodizado — Varas de madeira e
metal — Taças — Gravuras — Carimbos e gravações em
plástico e metal, e outros

CASA BUTTULLER

— Miguel Buttuller, Lda. —

37 — Rua Barros Queirós — 39
1100 LISBOA — Telef. 36 93 50

ESPECIALIZADA EM:

Todos os artigos militares para as
Forças Armadas e Militarizadas, assim
como:

Bonés, Fardas militares e civis, Botões,
cordões, Dragonas, Galões, Divisas,
Charlateiras, Camisas, Emblemas, em
metal, Bordados, Plásticos e em alumínio
anodizado.

Condecorações, Espadas, Cintos e
Fiadores. Bandeiras, Estandartes, Ga-
lhardetes, Guiões, Varões e Hastes.
Taças, Medalhas e Troféus, etc.



Pelo CapSAM VICTOR VALE

O Mercado de Capitais - VI As Bolsas de Valores

3. A quarta linha corresponde à designação dos títulos e à quantidade que se pretende transaccionar: antes, porém, o investidor deverá indicar qual o tipo de papel que está a transaccionar, através das quadrículas colocadas mais à esquerda; serve o preenchimento destes elementos para um mais rápido tratamento das ordens recebidas nos corretores, se bem que na prática, nem sempre sejam devidamente preenchidas as quadrículas referidas; também deverá ter em atenção os lotes mínimos que se podem transaccionar, e que variam de acção para acção, consoante o seu valor, situação que se encontra regulada pela Portaria 663/86 de 7 de Novembro, que refere os seguintes lotes de acções: com cotação até 1.000\$00 o lote mínimo a transaccionar é de 100 unidades, até 5.000\$00 são 50 unidades, até 10.000\$00 são 10 unidades; esta regra, não é, no entanto, seguida "religiosamente" pela maioria dos corretores, pelo que é possível transaccionar quantidades menores do que as referidas na Portaria.

4. A linha seguinte é, juntamente com aquela que refere o prazo de validade, a mais importante, porque irá definir o preço mínimo (máximo), que o investidor está disposto a receber (pagar), por cada um dos títulos em questão; há essencialmente dois aspectos que convém conhecer, que são o indicar ou não um preço, preenchendo a respectiva quadrícula e que na prática poderá significar que o investidor está ou não a agir de uma forma racional, ou seja, no primeiro caso (definição de um preço), o investidor está atento aos valores que permitem rentabilizar a sua aplicação e no segundo caso a compra ou venda a qualquer preço, mesmo que haja uma variação máxima (15%) que o prejudique será provavelmente concretizada (desde que como vimos atrás haja alguém interessado nesse mesmo título); é a situação verificada essencialmente nas grandes quebras de Bolsa (como por exemplo na do último Outubro, se bem que esta tenha sido imediatamente regularizada, pela intervenção de

estrangeiros e de outros agentes do mercado), ou no sentido inverso, nos períodos de grande euforia, como aquele que antecedeu o mês de Outubro de 1987; de qualquer forma, fora desses períodos, não é uma prática muito utilizada, até porque envolve grandes riscos. O outro aspecto que convém salientar, é o da variação de preço, ou seja, não se pode dar 20.001\$00 por uma acção que seja cotada normalmente por um preço que ronda os 20 contos; está também definido na lei, que a variação mínima de oscilação para cotações até 199\$00 é de 1\$00, de 200\$00 a 498\$00 é de 2\$00, de 500\$00 a 995\$00 é de 5\$00, de 1.000\$00 a 1990\$00 é de 10\$00, de 2.000\$00 a 4.980\$00 é de 20\$00 e finalmente acima de 5.000\$00 é de 50\$00.

5. Finalmente a última linha corresponde à assinatura do investidor.

At: CORRETOR OFICIAL DA BOLSA DE VALORES DE LISBOA ORDEM DE VENDA

VÁLIDA ATÉ: _____

Nome: _____ Telefone: _____

Morada: _____

Quantidade: _____

Quero vender a VENDA dos seguintes títulos (2):

ações obrigações

outros sem preço (sem limite de preço)

Indicar o preço de venda: em mínimo em máximo de _____

(1) Salvo indicação em contrário esta ordem é válida até ao fim do mês em que tiver sido dada.
(2) Assinatura com (3) a legítima identidade.

C. Onde comprar e vender títulos

Perguntará agora o leitor qual será o local mais adequado para entregar as suas ordens de compra e venda. Aqui e como

já se terá apercebido existem essencialmente dois locais privilegiados, que são os bancos comerciais e os escritórios dos corretores. Não pense no entanto, que a entrega das suas ordens num ou noutro local é perfeitamente indiferente: em ambos os casos os custos associados são diferentes e os tempos de execução das ordens, também; iguais são apenas as garantias dadas no depósito dos títulos.

Assim, e pelo menos no presente momento (quando forem criadas as Sociedades de Corretagem a situação poderá alterar-se), enquanto que no corretor, apenas se limitará a pagar a taxa de corretagem (0,5%) e a taxa de Bolsa (0,05%), no banco pagará essas mesmas taxas (0,55% do valor transaccionado) e pagará ainda taxas relativas aos serviços bancários, um valor fixo sobre cada ordem dada, independentemente de se efectuar ou não e ainda o custo do depósito dos títulos.

No que diz respeito aos prazos, no corretor as ordens dadas (depende da organização dos escritórios) até às 9H00 da manhã ainda poderão entrar na Bolsa desse dia, enquanto que no banco, se entregar as ordens nos departamentos de títulos ou num balcão em Lisboa ou Porto, ainda poderá ver esse ordem entrar na Bolsa, no dia seguinte; todavia se der as ordens fora desses locais, provavelmente, só verá as suas ordens entrarem dois dias depois, o que, convenhamos, é demasiado tempo e limitará a sua actividade de compras e vendas não especulativas e não lhe permitirá o aproveitamento de boas oportunidades momentâneas.

(CONCLUI NO PRÓXIMO NÚMERO)



Pelo Sarg Ajd VENTURA CUNHA

Jaquepote

É natural que o prezado leitor fique admirado com o título deste apontamento, dado que nunca viu grafada semelhante palavra. Mas a fonia não lhe é totalmente estranha. Lá chegaremos à explicação do que se pretende. Entretanto, chame-lhe, se quiser, **neologismo**.

Ao emprego de uma palavra ou frase nova chama-se **neologismo**. Formam-se **neologismos** quer aproveitando elementos da língua materna, quer retirando-os das línguas estrangeiras, quer ainda utilizando arcaísmos com novos sentidos.

Podem ser **técnicos**, isto é, vocábulos que as Artes, Ciências, Indústrias, etc., introduzem no nosso idioma, como: **aeroporto, aeródromo, aviação, anatomia, brita, carroçaria, ciclismo, estádio, ferroviário, fisiologia, fotografia, futebolismo, geogenia, himenotomia, hipermercado, ianque, iogurte, jarda, jipe, leucemia, motorizada, patim, psicopatia, porta-aviões, radiodifusão, recauchutagem, submarino, supermercado, telecomunicação, televisão, etc.**; etc.: podem ser **literários**, isto é, extraídos das obras modernas da literatura lusófona, como: **ambiência, atlantização, burocracia, conceptismo, desilusivo, educacionista, elementaridade, farolizar, fixismo, galicismar, gauchocracia, historicidade, homenageador, inantigibilidade, janelória, jornalice, luarizante, luziluzir, malabarizar, melodizar, natalista, neologismar, nudismo, opacificar, paladínico, padral, quocientar, raciocracia, russificar, salubrificação, tairocar, taralhar, universalizável, utensilagem, vandalização, videntismo, ziguezaguear, etc.**; etc.; **populares**, isto é, determinados vocábulos usados instintivamente por alguns populares como: **artola** (estroina), **bagunça** (confusão), **baril** (bom), **bronca** (sarilho), **cacau, cheta, grana, pilim** (dinheiro), **fifia** (tolice) **fofinho** (maciozinho), **gamanço** (roubo), **liru** (amalucado), **matola** (cabeça), **nicles** (nada), **pinoca** (pedante), **ramboia** (grande pândega), **xadrez** (calaboço), **zaruca** (apalermado), etc., etc..

Muitos outros neologismos têm sido introduzidos pelos brasileiros no idioma comum, talvez porque não gostem de utilizar os termos estrangeiros. Mas, em

Portugal, enquanto não houver da parte dos responsáveis uma preocupação no sentido da preservação do idioma português; enquanto não se aportuguesarem termos estrangeiros, para os quais os leigos não encontram substituição, e que muitos intelectuais, ou não, preferem utilizar na língua de origem, achamos preferível seguir a norma dos brasileiros: em vez de "dossier", **dossiê**; em vez de



"complot", **complô**; em vez de "pivot", **pivô**; em vez de "robot" **robô**, etc., isto apenas no que se refere aos galicismos mais usados, pelos portugueses, na grafia original, muitas vezes sem aspas, por não possuímos, de facto, vocábulos vernáculos para os substituir.

Todavia, segundo alguns especialistas, as expressões criadas no Brasil não afectam o sistema da língua portuguesa, salvo raras excepções. Registe-se, ainda, que não é censurável o uso de neologismos, quando necessários para expressar uma ideia nova, desde que sigam a lei da formação de palavras.

Vejamos, por exemplo, o neologismo brasileiro **sediar** que significa: "dar sede a; servir de sede a: **"Brasília sediou a exposição"**. Nós, por cá, que o não rejeitamos, até nos demos ao "luxo" de ampliar (ou alterar) o seu significado: "O Ministro ficou **sediado** no hotel X; os militares ficaram **sedia**dos na serra Y; a nova fábrica vai ficar **sedia**da em Z, etc." É a chamada "esperteza saloia" (sem ofensa para os saloios).

Como somos contra o uso de estrangeirismos, repetimos que, quando não há de facto um vocábulo vernáculo para o

substituir, se deve encontrar um neologismo nas condições atrás expostas, se bem que não sirva como exemplo o neologismo acima citado.

Voltemos, então, ao **neologismo** que titula este apontamento.

"Jackpot" é uma expressão inglesa, cuja difusão é agora maior, embora limitada às oportunidades oferecidas pela falta de acertantes nos treze resultados certos do **totobola**, nos seis números do **totoloto** ou na formação correcta do conjunto de figuras numa máquina de jogos de "sorte ou azar".

"Jack.pot" significa, em português, o seguinte: "o mais alto prémio numa máquina de jogos; um grande prémio em determinada lotaria; acumulação de prémios que não foram ganhos".

Ora, era aqui que queríamos chegar.

Como se vê, aquele anglicismo é constituído por duas palavras ("Jack + pot"), de cuja união resultou o "Jackpot".

Embora não me caiba, como simples escriba, aportuguesar um estrangeirismo, também nada me coíbe de propor a criação de um **neologismo**, para cuja formação nem sequer é necessário fazer qualquer aportuguesamento. Basta dar mais um significado ao primeiro termo, pois o segundo de nada precisa.

Vejamos, então, qual é o nosso pensamento.

A palavra **jaque** (do inglês "jack") já existe na nossa língua e está devidamente dicionarizada. Só que apenas se refere ao: "pequeno pavilhão hasteado à proa dos navios da Marinha de Guerra Portuguesa". Quanto ao "pot", nada é necessário fazer, como já dissemos, pois a palavra portuguesa **pote** tem idêntica origem, o provençal **pot**, e o significado é o mesmo. Resta, portanto, juntá-los e teremos o "jaquepote". Assim, em vez de escrever "Esta semana há **jackpot**" parece-nos preferível grafar "Esta semana há **jaquepote**", o que julgamos estar mais na índole da nossa língua.

Se os responsáveis da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa passarem a utilizar o termo "JAQUEPOTE" em vez de "JACKPOT", tal atitude significa que estão a oferecer um "prémio" à Língua Portuguesa, pois o vocábulo entrará naturalmente na habituação. A sua oficial confirmação virá depois.

Por J.D.

Direito do Mar

- Armando M. Marques Guedes
- Instituto da Defesa Nacional
- Coleção Defesa Nacional
- Lisboa, 1989, 212 pp

Todo aquele que tiver necessidade de estudar com aprofundamento as intrincadas questões que o Direito Marítimo abarca, não pode deixar de ler atentamente a recente obra, intitulada "Direito do Mar", da autoria do prestigioso e conceituado especialista neste ramo do Direito que é o Professor Doutor Armando M. Marques Guedes.

Professor na Universidade de Lisboa e na Universidade Católica Portuguesa, no Instituto de Altos Estudos Militares e no Instituto Superior Naval de Guerra, e Assessor do Instituto da Defesa Nacional, dá a esta obra um tom manifestamente didáctico e confere-lhe "um jogo dialéctico de uma sã dúvida sistemática", tendo sempre presente no texto a preocupação de uma pedagogia activa.

Analisadas e precisas noções como as de Águas Interiores e Águas Arquipelágicas, Alto Mar e Mar Territorial, Zona Contígua e Zona Económica Exclusiva, Área, Ilhas e Plataforma Continental são aqui tratadas com a mestria de quem pertenceu à Comissão de Direito Marítimo Internacional, de 1965 a 1983, ano este em que tomou posse do cargo de Juiz do Tribunal Constitucional.

O Professor Marques Guedes teve o privilégio de ser sócio fundador da Associação Portuguesa de Direito Marítimo, criada em 1982.

MF

**Modern African Wars (2):
Angola and Moçambique
1961-74**

- Peter Abbot e Manuel Ribeiro Rodrigues
- OSPREY Publishing London
- Coleção: Men-at-Arms, n.º 202
- Londres, 1988, 48 pp

Obra escrita em inglês, cuja temática se prende com assuntos de história militar, este livro aborda, fundamentalmente, o fardamento, o equipamento e o

armamento que as Forças Armadas Portuguesas usaram nos três teatros de guerra em África, de 1961 a 1974.

Dá-nos, também, acerca dos mesmos assuntos, uma perspectiva das várias forças dos movimentos de libertação, aquando dos conflitos bélicos com as nossas tropas.

De realçar as óptimas ilustrações, a cores, dos vários uniformes usados então.

O autor português desta publicação, Manuel Ribeiro Rodrigues, é assíduo colaborador deste Jornal, subscrevendo, com regularidade e saber, a rubrica "Uniformes Militares".

MF

Aspectos do Reino de Portugal nos Séculos XVI e XVII A "descrição" de Alexandre Massaii (1621)

- Lívio da Costa Guedes
- Separata do Boletim do Arquivo Histórico Militar
- Lisboa, 1989, 215 pp

Com este livro fica completa a edição do códice constituído por dois tratados de Alexandre Massaii, engenheiro italiano ao serviço de Filipe III de Espanha. O primeiro tratado foi editado em Novembro de 1988 sob o título "Aspectos do Reino do Algarve nos Séculos XVI e XVII" e de que publicámos uma recensão no número de Março.89 deste Jornal.

O segundo tratado ora editado constitui "uma sumária descrição do reino de Portugal e da cidade de Lisboa, ocupa-se de algumas localidades da costa do Alentejo e termina o documento com a cópia dos desenhos e da correspondência de seu tio, o engenheiro fr. João Vicencio Cazele, com Filipe III, acerca das obras de defesa da barra do Tejo de que fora incumbido" (p. 13).

A obra começa com a transcrição do documento na grafia da época, seguindo-se nova transcrição em grafia actualizada, de forma sistematizada e grandemente enriquecida com extensas notas de Lívio Guedes,



de modo a tornar a leitura acessível a evidenciar o rico manancial de informação contido no tratado de Massaii.

Este volume é ainda enriquecido com três magníficos extractos a cores: um mapa do

Reino de Portugal, a descrição da barra do rio Tejo e um mapa da costa de Cascais ao rio Mondego.

(À venda neste Jornal - ver anúncio nesta página).

JD

LIVROS À VENDA NO "JORNAL DO EXÉRCITO"

"RESENHA HISTÓRICO-MILITAR DAS CAMPANHAS DE ÁFRICA (1961-1974)"

- 1.º volume - Enquadramento Geral
- 2.º volume - Dispositivo das Nossas Forças (Angola)
- 3.º volume - Dispositivos das Nossas Forças (Guiné)

Comissão de Estudo das Campanhas de África (CECA)

Preços: 1.º volume = 1.500\$00; 2.º volume - esgotado; 3.º volume = 1.400\$00 (+ 80\$00, por cada volume, para portes e embalagem nos pedidos de envio pelos CTT).

"ELEMENTOS DE ESTRATÉGIA"

- 1.º e 2.º volumes

General Abel Cabral Couto

Preço, cada: 1.000\$00 (+ 80\$00 para portes e embalagem).

"LEI DE DEFESA NACIONAL E DAS FORÇAS ARMADAS" (Anotada)

Coronel José Manuel da Silva Viegas

Preço: 600\$00 (+ 80\$00 para portes e embalagem).

"AS RAÍZES DAS INSTITUIÇÕES MILITARES PORTUGUESAS"

Coronel Nuno Valdez dos Santos

Preço: 450\$00 (+ 50\$00 para portes e embalagem).

"A DEFESA DOS AÇORES DURANTE A II GUERRA MUNDIAL"

General Manuel de Sousa Menezes

Preço: 500\$00 (+ 50\$00 para portes e embalagem).

"ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A INSTITUIÇÃO MILITAR E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS"

Cor Oscar Gomes da Silva

Preço: 500\$00 (+ 25\$00 para portes e embalagem).

"AS IMPRESSIONANTES VERDADES DO CAPITÃO FIÚZA"

Coronel Matias Fiúza Álvares da Costa

Preço: 500\$00 (+ 25\$00 para portes e embalagem).

"ASPECTOS DO REINO DO ALGARVE"

"ASPECTOS DO REINO DE PORTUGAL"

Lívio da Costa Guedes

Preço, cada: 1.550\$00 (+ 100\$00 para portes e embalagem)

"PRÁTICA E DEFESA DO CATOLICISMO"

Lívio da Costa Guedes

Preço: 650\$00 (+ 100\$00 para portes e embalagem).

Todas as gráficas sabem

(Mas você, saberá?)

Em tempos idos, a comunicação gráfica era apenas **cultura**.

Depois, tornou-se (também) arte

e, após isso, **informação!**

O ritmo da vida trouxe à informação a **velocidade**.

Mas a comunicação continuou arte

e voltou a ser cultura

informativa e veloz,

logo **instrumento de mercado**,

porque o mercado é vida

como a cultura, a arte, a informação

e a velocidade do viver do nosso tempo!

Todas as gráficas sabem o que é ter de fazer

“trabalhos para ontem” com a melhor qualidade.

Algumas conseguem-no, por vezes.

Nós fazemos disso a nossa profissão!

(Mas você, saberá?)

Fale com a Equipa **Pentaedro**. Amanhã! De manhã!

CONTE CONNOSCO PARA CUIDAR DA SUA IMAGEM

CRIAÇÃO PUBLICITÁRIA
ARTE-FINAL
FOTOCOMPOSIÇÃO
FOTOGRAFIA
FOTOLITOGRAFIA
IMPRESSÃO
PLASTIFICAÇÃO
BROCHURA
ENCADERNAÇÃO
PAPELARIA

*Como gráficos fazemos tudo excepto o papel (até ver!)
Vamos da concepção até à distribuição. Até onde quiser.*



Publicidade e Artes Gráficas, Lda.

Praceta da República, Loja B
Tels. 987 61 80 / 987 07 41
Póvoa de Santo Adrião
2675 ODIVELAS
LISBOA — PORTUGAL

Há 15 anos a fazer LIVROS — REVISTAS — CATÁLOGOS — CARTAZES

Pelo Cor Eng.^a BASTOS MOREIRA

BREVES APONTAMENTOS HISTÓRICOS

A Bandeira de Sinais

O Regulamento para o serviço de Telegrafistas em Campanha de 1907 na sua PARTE IV — Capítulo I — refere-se a "TELEGRAPHIA ÓPTICA". Nesse Regulamento consta que nos POSTOS ÓPTICOS o material regulamentar para transmissão e recepção que se emprega é o seguinte: a bandeira de sinais, o heliógrafo Mance, o óculo de alcance, a lanterna de sinais e o aparelho Mangrin.

Vamos tratar desta vez da bandeira de sinais. É de pano de algodão, rectangular (0,90 × 1,00 m), com duas faixas horizontais (branca e encarnada). A haste é de madeira com 1,80 m de comprimento.

O sinaleiro na posição de SENTIDO coloca a haste da bandeira verticalmente em frente do corpo assentando-a no solo entre as pontas dos pés.

Partindo desta posição, toma a posição NORMAL — A — para transmissão e recepção, da seguinte maneira: afasta o pé direito de modo que os calcanhares fiquem distanciados de 30 centímetros; a mão direita eleva a haste da bandeira diagonalmente até chegar à frente do ombro esquerdo e a mão esquerda vai segurá-la junto à extremidade inferior, ficando em frente do centro do corpo, na altura da cintura. A mão direita deve ficar próxima da bandeira quanto possível. Faz-se um PONTO trazendo a bandeira da posição normal A à posição correspondente B do lado oposto do corpo, retirando-a sem pausa ou demora, à posição inicial A.

Faz-se um TRAÇO, trazendo a bandeira de A à posição C de modo que a ponta da haste quase toque o terreno, voltando logo a A. A fim de não embaraçar a bandeira durante a transmissão deve fazer-se descrever a extremidade superior da haste a figura de um oito alongado.

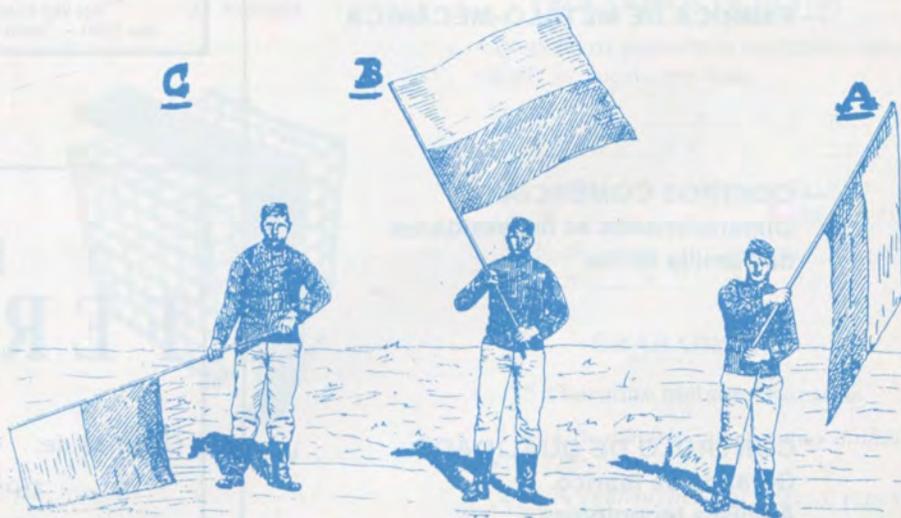
Todos os movimentos devem ser feitos de modo que a haste se conserve, quanto

possível, num plano paralelo à frente do sinaleiro. A posição do sinaleiro, qualquer que seja a sua frente, deve ser tal que o plano em que a bandeira se move seja perpendicular à linha que une os dois postos.

É indiferente que o sinaleiro tenha a

madeira com 55 centímetros, pano com 36×40 centímetros o qual era dividido em 3 faixas ao longo da maior dimensão sendo encarnada a do meio e brancas as duas restantes.

Estas bandeiras eram utilizadas aos pares; o sinaleiro operava com uma bandeira



frente voltada para o posto correspondente ou para o lado oposto.

A sua posição dependerá da direcção do vento, procurando-se que a bandeira vá contra o vento quando sai da posição normal.

Os sinais feitos com bandeiras podem ler-se, à vista desarmada, até à distância de 1.500 metros.

No século passado foram já empregadas as bandeiras que acabámos de descrever, na transmissão de mensagens.

Mais tarde foi o Exército dotado com bandeiras de menores dimensões: cabo de

ra em cada mão e podia utilizar sinalização óptica (alfabeto homográfico) ou telegrafia óptica (código Morse).

No primeiro caso cada posição relativa das duas bandeiras correspondia a uma letra. No segundo caso o sinaleiro partia da "posição normal" (pernas afastadas e bandeiras cruzadas à frente do corpo com os braços estendidos inferiormente) e executava um "ponto" levantando um braço à altura do ombro. O "traço" correspondia ao levantamento análogo mas simultaneamente com os dois braços com as bandeiras.



ESTABELECIMENTO FABRIL DO EXÉRCITO

- FÁBRICA DE FARDAMENTOS
- FÁBRICA DE CALÇADO
- FÁBRICA DE EQUIPAMENTOS
- FÁBRICA DE METALO-MECÂNICA

- CENTROS COMERCIAIS
Dimensionados às necessidades
da Família Militar

- CONTROLO DE QUALIDADE
Garantia de fabrico.
Análises tecnológicas.

- DESIGN

SEDE — Campo de Sta. Clara — 1100 LISBOA
Telex: 42526 OFARDA P Tel. 863006-865950/9
SUCURSAL — Rua da Boavista, 230 — 4000 PORTO
Tel. 02 29751-0224054
DELEGAÇÃO — Delegação da OGFE — 2330 EN-
TRONCAMENTO Tel. 049 66147



I.A.T.A.

INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO

FUNDADO EM 1966

Alvará do Ministério da Educação e credenciado
pelo Ministério do Emprego e Segurança Social

**CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ACELERADA
ANO LECTIVO DE 1989/1990**

CURSOS DE 3 ANOS

- TÉCNICO SUPERIOR DE INFORMÁTICA DE GESTÃO
- TÉCNICO SUPERIOR DE TOPOGRAFIA
- DESENHADOR PROJECTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
- SECRETARIADO DE DIRECÇÃO
- HOSPEDEIRAS RECEPCIONISTAS — ASSISTENTES DE RECEPÇÃO

CURSOS DE 4 A 20 MESES

- ANALISTA PROGRAMADOR DE INFORMÁTICA
- PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES — LINGUAGEM • COBOL • BASIC • RPG II • PASCAL • C •
- MICROPROCESSADORES • LOTUS 1-2-3 • DBASE III E IV
- ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS
- CONTABILIDADE GERAL — IRS/ IRC • FISCALIDADE
- INFORMÁTICA APLICADA À CONTABILIDADE
- CONTABILIDADE ANALÍTICA E GESTÃO ORÇAMENTAL
- GESTÃO DE PRODUÇÃO • GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS • GESTÃO FINANCEIRA
- GESTÃO COMERCIAL (MARKETING E TÉCNICA DE VENDAS)
- GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS • GESTÃO DE STOCKS
- CÁLCULO FINANCEIRO E ANÁLISE DE PROJECTOS DE INVESTIMENTO
- COMUNICAÇÃO: RELAÇÕES PÚBLICAS, PUBLICIDADE E JORNALISMO
- DECORAÇÃO E ARQUITECTURA DE INTERIORES • DESENHADOR DE MÁQUINAS
- MEDIDOR ORÇAMENTISTA DE CONSTRUÇÃO CIVIL

**PROFISSÃO • ACTUALIZAÇÃO • VALORIZAÇÃO •
ESTÁGIO E APOIO NO EMPREGO**

**ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA AS VAGAS
LIMITADAS AINDA EXISTENTES**

**CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS E PLANEAMENTO
INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO**

Rua Vitor Gordon, 45 — 1200 LISBOA — Telef. 371032 - 325577
Telex 43331 — Telefax 520887 — Informações das 9,30 às 19,30 ininterruptamente

**PAPELARIA
FERNANDES**

Oficinas de:

TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO
CARTONAGEM
SOBRESCRITOS
SACOS DE PAPEL

**LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS**

Secções Especializadas de:

MATERIAL PARA
DESENHO
TOPOGRAFIA
E IMPRESSOS PARA O EXÉRCITO

Por RAIUGA

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N.º 1/90 - a prémio

1ª Entrada (1,2,3,...)

1 - Germanos; soma; antigamente. 2 - Er; acção;... (Leão) - chefe do Partido Socialista Francês, foi chefe do Governo em 1946. 3 - Apelido; excrementícia; rouca. 4 - Favar; ápice. 5 - Ferraras; triste. 6 - Contive; zombai. 7 - Resmungo; gancho.

2ª Entrada (A, B, C,...)

A - "Homem"; Conta (palavra inglesa). B - Para; médicos. C - Uma; antiga armadura de ferro, malha de aço ou tecido encorpado e dobrado; nonos. D - Cavidade; doutor teólogo entre os Árabes e os Turcos. E - Operacional. F - Melíflua; oportunidade. G - Sobre; estar ou ficar em pequeno número.

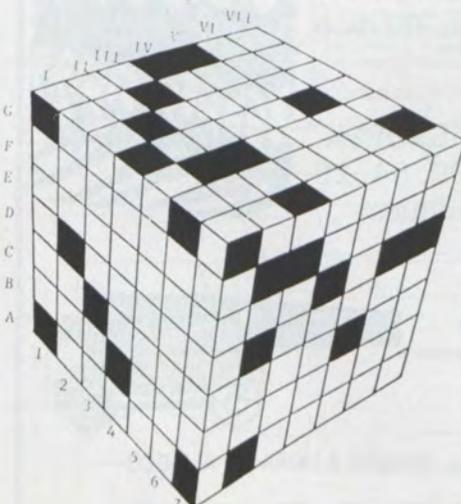
3ª Entrada (I, II, III,...)

I - Tormento; bonzo; discussões. II - Símbolo químico; disposição; "Estado Português". III - Símbolo químico; joies. IV - Aplicação de uma camada de breu sobre um objecto; "branco". V - Lento; porco. VI - Direito; outeirinhos; gritar. VII - Ataque; reza; inflame.

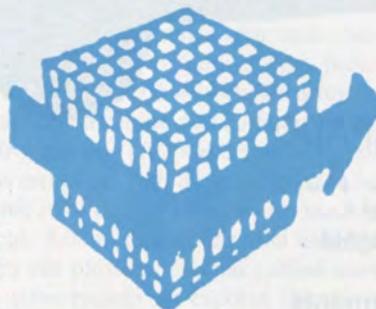
Envie a solução em qualquer papel para a Redacção do Jornal indicando nome e morada e, se for militar, o posto, colocação ou situação e número mecanográfico. Os assinantes deverão indicar o respectivo número.

Haverá um prémio a sortear entre os totalistas.

CUBIGRAMA



1ª Entrada



2ª Entrada



3ª Entrada

PERGUNTAS DE ALGIBEIRA

- 1 - Em que dia terminará a 9ª década do séc. XX?
- 2 - Como se designam os naturais ou habitantes de Lamego?
- 3 - Que termo define o superlativo absoluto sintético do adjetivo livre?
- 4 - Por quantos países é constituída a Comunidade Económica Europeia?
- 5 - Em que zona térmica do Globo se encontra localizado o nosso País?
- 6 - Qual é o expoente da potência de base 10 que define um octilião?
- 7 - Que povoação portuguesa recebeu o nome de NOVA BRAGANÇA quando foi, por D. José I, elevada à categoria de cidade?

8 - Por que se chama **traineira** à embarcação empregada na pesca da sardinha?

9 - Por que outro nome é conhecido o jardim-do-cabo?

10 - Quem foi o primeiro Vice-Rei da Índia?

ADIVINHAS PORTUGUESAS

- 1 - Preto por fora
Amarelo lá dentro,
É um baile de roda
Quando se está fazendo.
- 2 - Menina que sabe ler,
Faça-me esta conta bem:
Um moio de trigo limpo
Quantas meias quartas tem?
- 3 - Que é, que é,
Que na boca tem o pé?

PROVÉRBIOS OCULTOS

Complete os provérbios seguintes, colocando as vogais em falta:

- 1) N__v__r__d__m__s
d__tr__s d__s d__r__t__
- 2) __m J__n__r__m p__rc__
__s_l__tr__f__m__r__
- 3) J__n__r__t__m__m__h__r__
p__r__nt__r__

CHARADISMO

5 charadas metamorfoseadas

- 1 - Um *martelo* custa muito *dinheiro*? 5 (2)
- 2 - A *embriaguez* por vezes é *espessa*. 7 (2)
- 3 - Um *redil* não é obrigatoriamente *oblongo*. 4 (3)
- 4 - Uma *escada* muito íngreme *irrita*. 6 (5)
- 5 - *Castigo* aplicado faz logo lembrar *choça*. 4 (3)

HIEROGLIFOS COMPRIMIDOS

1 - ArapazesA

2 - Sua rapaz porcos d 4º

3 - Bário pedra 6º praxe

O SENHOR SABE MAS AINDA NÃO VERIFICOU QUE:



NA INVERNIA, CARRO TAPADO COM CAPAS «RR» IGUAL A...

- Bateria protegida, pega à primeira!
- Radiador seguro contra a congelação!
- Pintura livre de corrosão!

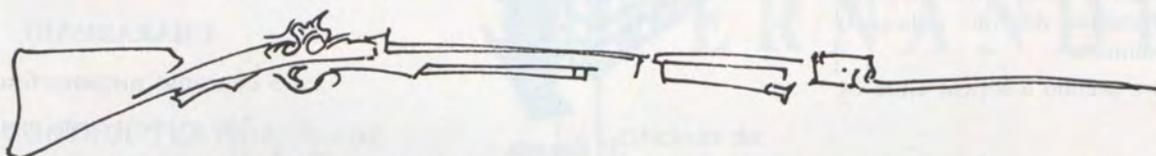
As únicas capas cardadas interiormente
o que as distingue

um exclusivo de
Estabelecimentos:

RODRIGUES & RODRIGUES, SA
R. Nova do Carvalho, 79 — Tel. 37 22 21
Apartado 2199 — 1200 LISBOA
Agentes em todo o país

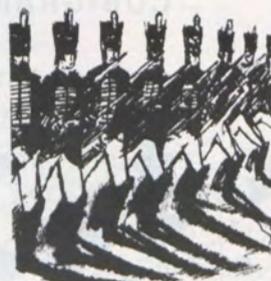
LIVRARIA LINHARES

A SOLUÇÃO... para encontrar os seus



LIVROS (UNIFORMES e MILITARIA, Ficção Científica, Ilustração, Design, Arte, Fotografia e Cinema, Arquitectura, Esoterismo, Uniformes, BD, Automóveis, Técnico ou outro, em Francês, Inglês ou Espanhol).

SOLDADOS DE CHUMBO (TRADITION, HISTOREX, CIMIER e... brevemente muitos outros: 110, 90, 54, 25 e 15 mm e escala 1/300, incluindo micro-tanques)



LIVRARIA LINHARES

(AO PARQUE MAYER, NAS TRASEIRAS DOS BOMBEIROS DA PRAÇA DA ALEGRIA)

DESTARTE, REPRESENTAÇÕES E EDIÇÕES, LDA.
RUA SANTO ANTÓNIO DA GLÓRIA, 90 - 1200 LISBOA
TEL. 346 51 55-TELEX 62 235 DESLIN P-FAX 347 58 11

HORÁRIO: 2.ª a 6.ª feira, das 10 às 19 horas; Sábado, das 10 às 12.30 horas - ABERTO À HORA DO ALMOÇO

Por LUÍS COSTA

Viatura de transportes gerais. "GMC" CCKW 353 2,5 Ton. 6x6 m/1952

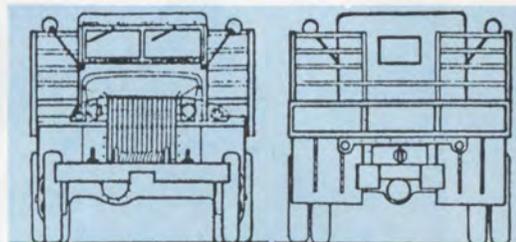
Parte II

Esta viatura estava equipada com um motor a gasolina tipo 270 de seis cilindros em linha, podendo atingir uma velocidade máxima de 64 km/h. O consumo em estrada rondava os 35 litros aos 100 km e em todo o terreno este subia para os 65 a 75 litros. As suas dimensões eram as seguintes: comprimento - 6509 mm (viatura sem guincho) e 6864 mm (viatura com guincho); largura - 2235 mm; altura - 2362 mm. A cabine podia ser aberta ou fechada e ambos os tipos tinham chassis com e sem guincho.

Para a execução de um modelo reduzido desta viatura, quer na versão normal de transportes gerais quer noutras versões, existem alguns *kit's* no mercado na escala 1/72 e 1/35. Assim, na escala 1/72 a marca japonesa "Hasegawa" tem três versões desta mas infelizmente são todas apenas com cabine aberta. Temos o n.º 20 "Cargo Truck" o n.º 21 "Gasoline Tank Truck" e o n.º 22 "Dump Truck". O primeiro representa uma viatura de transportes gerais e é o mais indicado para o nosso modelo. O segundo representa uma viatura com um tanque de combustível e o terceiro representa uma viatura de transporte de cargas tipo areias, terras, cimentos, cascalhos, pedras, etc., (viatura geralmente destinada para unidades de Engenharia). Todos estes *kit's* são

razoáveis necessitando apenas do acrescento de alguns pormenores como os espelhos retrovisores, a substituição dos vidros que são muito espessos por outros feitos de uma folha fina de plástico transparente retirada por exemplo da tampa de uma caixa de camisas ou de outro artigo. Aconselhamos a não utilizarem os três ferros (arame) que vêm nos *kit's* para colocar as rodas e deixá-las a rodar livremente. Estas devem ser coladas directamente nos eixos evitando o descentrar que os arames iriam provocar, pois muitas vezes estes arames vêm mais compridos provocando o "dançar" das rodas de um lado para o outro. A substituição das capotas da cabine e do compartimento traseiro, que nos *kit's* são de plástico, por outras em papel fino de guardanapos ou higiénico vai dar ao modelo um melhor aspecto. Assim, deverá ser feita uma estrutura em plástico quer na cabine quer atrás (observando as capotas dos *kit's* vêem-se os locais onde as estruturas assentam). Caso não se queira aplicar as capotas, a estrutura da frente deverá ficar fechada e a de trás desaparece, pois as tripulações quando não utilizavam a capota retiravam a estrutura para não atrapalhar.

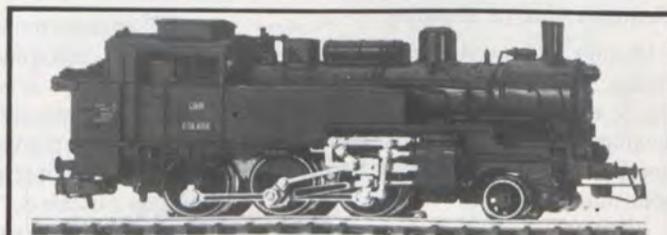
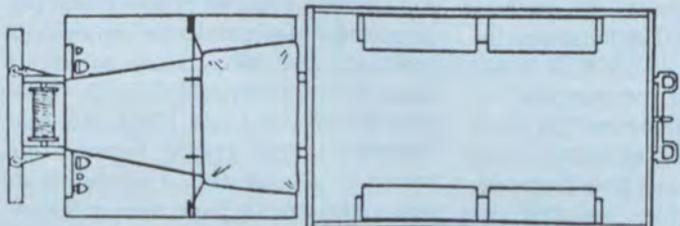
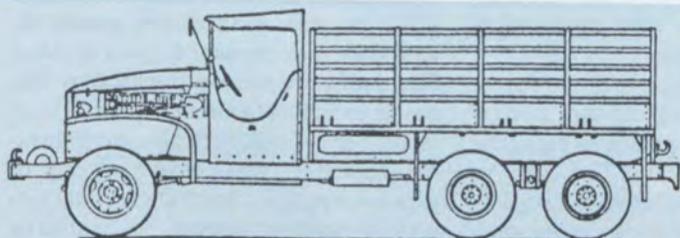
Na escala 1/35 existem duas marcas que comercializam *kit's* desta viatura. A "Italeri", italiana, tem o *kit* n.º 205 que representa a viatura de cabine aberta de transportes gerais. A marca francesa "Heller" tem igualmente um *kit* da viatura de cabine aberta de transportes gerais. Todos eles são bastante perfeitos apresentando bastantes e bons pormenores,



res, chegando o *kit* da "Heller" ao pormenor de trazer motor o qual é uma grande vantagem para se poder deixar o capô aberto. Para a obtenção de uma viatura de cabine fechada com caixa de transportes gerais combina-se o chassis e cabine do *kit* n.º 201 da "Italeri" com a caixa traseira do n.º 205.

Os planos publicados encontram-se na escala 1/76 e são da autoria de Ken Musgrave, tendo sido retirados da revista inglesa "Tankette".

Antes de terminar, queria fazer um pedido pessoal aos senhores oficiais, sargentos e praças que tenham prestado serviço no Regimento de Cavalaria 8 no período de 1950 a 1970 quer em Castelo Branco, quer em St.ª Margarida e que tenham servido nos carros de combate "Sherman" M4A3, Obús 10,5 cm, modelo / 1953. Caso tenham algumas fotografias em que este veículo apareça, peço-lhes o grande favor de as emprestarem para poder copiá-las, pois estou a fazer um modelo deste veículo e não possuo fotografias dele. Todas elas serão imediatamente devolvidas à origem. Agradeço imenso desde já toda a vossa colaboração. O envio deve ser feito para a Redacção deste Jornal.



BIAGIO FLORA, LDA.

Rua do Ouro, 138 Telef. 346 06 91 1100 Lisboa

COMBOIOS ELÉCTRICOS BRINQUEDOS TÉCNICOS
PISTAS DE AUTOMÓVEIS JOGOS DIDÁCTICOS

AOS MELHORES PREÇOS

Por JORGE FREITAS

O Panorama Actual dos Jogos de Guerra - 2

Escalas (continuação)

O grande óbice das escalas 1/76 e 1/72 é o espaço disponível para efectuar jogos de grande envergadura. Para os jogadores "megalómanos" a resposta está na reduzida escala 1/300. Pese embora as limitações inerentes, o detalhe das figuras e modelos é espantoso. Fabricadas por diversas firmas britânicas, as figuras têm cerca de 5 a 6 mm de altura e os modelos variam consoante as dimensões do protótipo real, como é óbvio. Para dar um exemplo, um Tiger II (Koenig Tiger) mede 3,5 cm de comprimento, da boca da peça à retaguarda do veículo. As vantagens dos jogos nesta escala são: a possibilidade de constituir grandes unidades e de manobrá-las na mesa de jogo, um melhor aproveitamento do espaço disponível, e isto sem esquecer que com um mínimo de dispêndio de tempo e de dinheiro se obtém "exércitos" de dimensões razoáveis. Há uma gama vastíssima, para todos os períodos históricos e até mesmo para jogos baseados na ficção científica e na fantasia dos contos de Tolkien (a seu tempo também serão aqui referidos).

Uma escala próxima é a 1/285, muito utilizada para jogos do período pós-1945. O detalhe das miniaturas ainda é mais impressionante. Em tudo o mais, comunga das vantagens da escala 1/300. O leque do material disponível é mais restrito, dado que se reporta ao citado período pós-Segunda Guerra Mundial.

Quanto ao material cénico para estas escalas, há uma grande variedade de casas de todo o género a árvores e outros detalhes e a construção de um ou outro tipo particular de cenário torna-se também muito fácil.

Seguidamente, temos a escala de "15 mm". Isto designa, para alguns fabricantes, o tamanho das figuras desde a base ao topo da cabeça (sem a cobertura desta incluída), enquanto para outros fabricantes o conceito "15 mm" corresponde à altura no seu todo. Daqui se depreende a existência de uma certa discórdância visual entre as figuras e modelos de fabri-

cantes diferentes. A escala de redução aproximada é difícil de determinar, mas não errarei por muito se apontar para 1/120.

Os períodos mais jogados nesta escala são a Antiguidade, o medieval, o renascentista e o napoleónico. Tendo uma "armadura" superior às escalas 1/72 e 1/76 (sem esquecer os "25 mm" que mais adiante serão referidos), estas figuras são também mais fáceis de pintar, o detalhe é bastante bom na generalidade das marcas e existe uma razoável variedade de acessórios e material cénico. Em Portugal a escala de "15 mm" tem uma aceitação muito boa por parte dos jogadores que preferem os períodos atrás anunciados.



Mesa de jogo na escala 1/300. Miniaturas e maquete de Miguel Morão.

Em seguida temos os "25 mm", originalmente concebidos para uma compatibilização com as escalas 1/72 e 1/76. As diferenças entre os produtos de fabricantes diferentes prendem-se com os mesmos princípios de interpretação referidos em relação à escala de "15 mm". Daí que haja figuras (embora poucas) perfeitamente integráveis nas escalas 1/76 e 1/72, e outras cuja altura e proporções se enquadram mais dentro de uns "30 mm". Não obstante, o detalhe alcançado nesta escala de redução torna-a favorita dos jogadores (e colecionadores) que preferem "exércitos" mais limitados em peças mas extremamente cuidados em relação à pin-

tura. Os períodos preferidos são os mesmos que os da escala de "15 mm", embora o preço por unidade seja um factor que restrinja a constituição de "exércitos" numerosos. Também os jogadores de "Jogos de Personagem" vão recrutar preferencialmente a esta escala as suas figuras.

É claro que os leitores entusiastas dos jogos navais estarão nesta altura a interrogar-se sobre a não inclusão neste espaço, até agora, das escalas 1/700, 1/1200 ou 1/3000, entre outras. Não sendo um especialista desta variante de Jogos de Guerra, posso no entanto avançar comparações com os jogos "terrestres", para dizer que a escala 1/1200 tem a vantagem do espaço e do detalhe em termos de máximo aproveitamento. Logicamente destinadas a um tipo de jogo muito específico, estas grandes escalas de redução conseguem retratar com fidelidade os navios de guerra de diversas épocas. A escala 1/1200 é utilizada para jogos de todos os períodos, desde a Antiguidade até aos nossos dias, passando pela época medieval, renascentista, napoleónica, Primeira e Segunda Guerras Mundiais, para citar os temas mais populares.

Por fim, não poderia deixar de referir escalas mais exóticas, como a de "2 mm" (!) — inacessível a dióptricos acentuados — ou outras "intermédias", como a de 1/200, as quais não têm uma grande divulgação, mas prestam-se para diversos fins: a primeira para confrontos entre corpos de exércitos (sobretudo para a Guerra da Secessão Americana ou Guerras Napoleónicas), mas convém advertir os jogadores para a conveniência de não ingerirem qualquer alimento susceptível de criar sujidade próximo da mesa de jogo, pois algumas migalhas podem passar por "companhias independentes" no meio da "confusão da batalha"; a segunda escala citada procura compatibilizar as vantagens das escalas 1/76 e 1/300, mas aparentemente sem grande impacto em termos de popularidade. Utilizam-na alguns entusiastas de jogos sobre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra do Vietname.

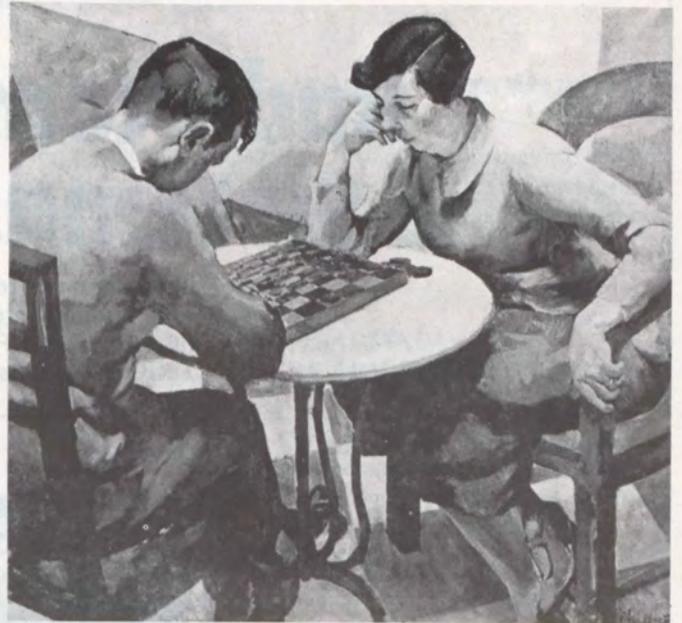
Por INÊS GALVÃO



1 - O autor deste quadro foi uma figura importante na cultura portuguesa deste século. A quem nos referimos?



2 - Quem é o autor deste quadro?



3 - A este pintor se devem as primeiras composições abstractas portuguesas. A quem nos referimos?



4 - Em que cidade do nosso país se encontra esta estátua? Representa uma figura popular do século XVI que foi poeta e actor. Sabe de quem se trata?



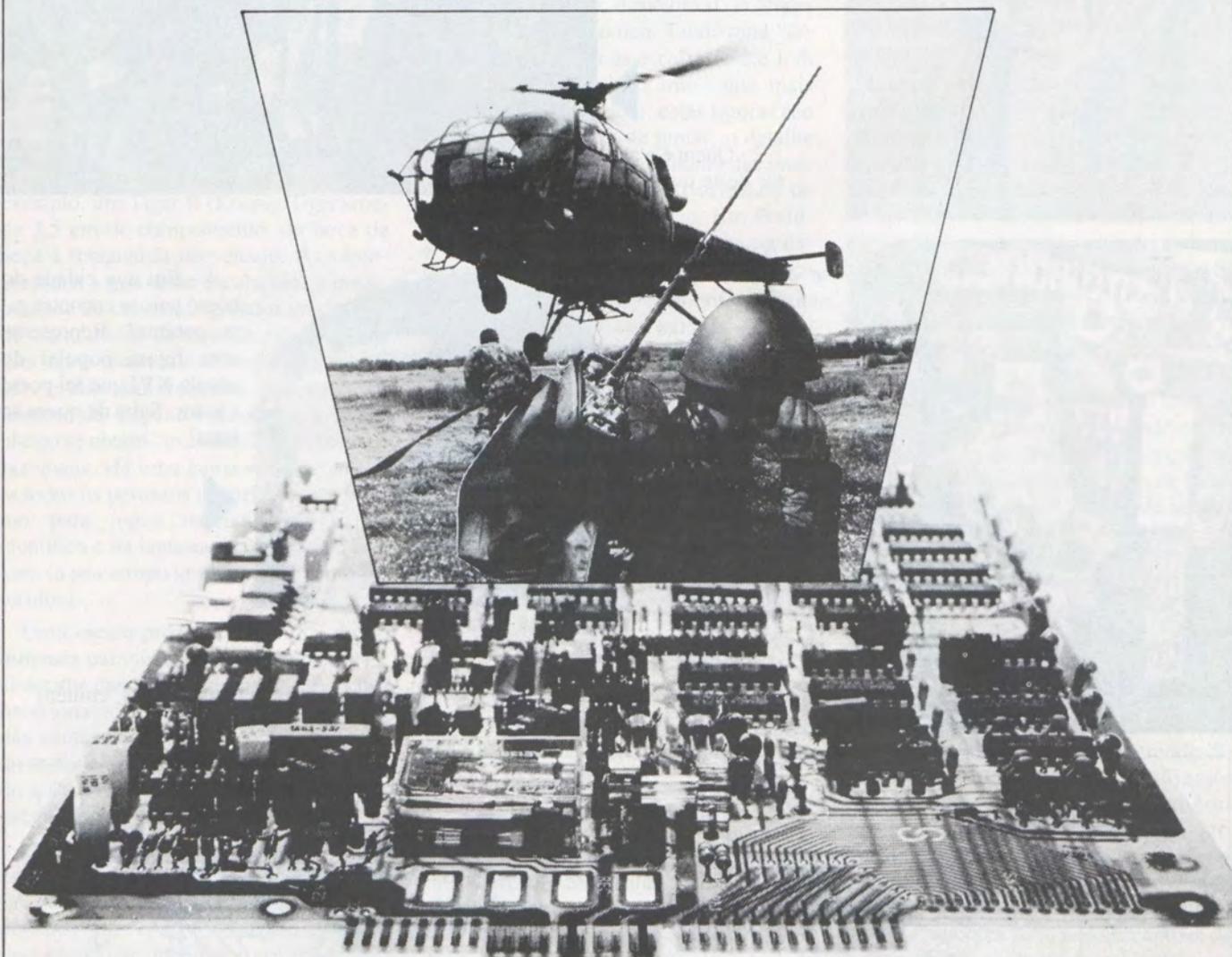
5 - Estes dois desenhos, aparentemente iguais, contêm 8 pequenas diferenças. Vamos descobri-las?



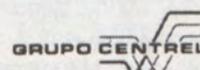
Tecnologia & Qualidade

Radiocomunicações e Sistemas Militares

Somos uma empresa tecnologicamente evoluída.
Somos responsáveis pelo projecto e fabrico de sofisticados sistemas utilizados pelas Forças Armadas Portuguesas.
Somos a Sistel.



S SISTEL
COMUNICAÇÕES, AUTOMAÇÃO E SISTEMAS, SA



Quinta dos Medronheiros - Lazarim - Apartado 9 - 2825 Monte da Caparica - Tel. 295 24 25 - Fax 295 06 16 - Telex 13149 SISTEL P

Coord SargMor NELSON FERREIRA

ACADEMIA MILITAR

Portaria n.º 804/89:

— Aprova a duração e a estrutura curricular dos cursos ministrados na Academia Militar. (D.R. n.º 210 - I Série de 12SET89).

ARMADA

Despacho conjunto:

— Fixa a tabela da gratificação suplementar do serviço dos mergulhadores da Armada.

O presente despacho produz efeitos a partir do dia 1 do mês seguinte ao da sua aplicação (D.R. n.º 248 - II Série de 27OUT89)

APOSENTAÇÃO VOLUNTÁRIA DE PESSOAL EXCEDENTE

Resolução do Conselho de Ministros n.º 26/89:

— O pessoal constituído em excedente e bem assim o subutilizado, pode aposentar-se por sua iniciativa, independentemente de submissão a junta médica, desde que preencha qualquer das seguintes condições:

- Possua 15 anos de serviço, qualquer que seja a sua idade;
- Possua 40 anos de idade e reúna 10 anos de serviço para efeitos de aposentação. (D.R. n.º 172 - I Série de 28JUL89).

CURSO DE ESTADO-MAIOR - CLASSIFICAÇÃO

Despacho n.º 36/89 de 2 de Maio:

— No final do Curso de Estado-Maior, é atribuída aos oficiais-alunos uma das seguintes classificações:

- Distinto;
- Aprovado;
- Reprovado;

Fica revogado o disposto em 5a) do Despacho n.º 11/89, de 23 de Janeiro (O.E. n.º 5 - 1.ª Série de 31 MAI89).

EQUIVALÊNCIA DE CATEGORIAS - TABELA

Portaria n.º 959/89:

— Aprova tabelas de equivalência de categoria da administração central e da antiga administração ultramarina. (D.R. n.º 250 - I Série de 30OUT89).

ESCALAS SALARIAIS

Portaria n.º 904-B/89:

— Fixa o valor do índice 100 de cada uma das escalas salariais. (D.R. n.º 238 - I Série de 16OUT89).

ESTATUTO DO PESSOAL DIRIGENTE DA F. PÚBLICA

Decreto-Lei n.º 323/89:

— Revê o Estatuto do Pessoal Dirigente da Função Pública. (D.R. n.º 222 - I Série de 26 SET89).

ESTATUTO REMUNERATÓRIO DA FUNÇÃO PÚBLICA

Decreto-Lei n.º 353-A/89:

— Estabelece regras sobre o estatuto remuneratório dos funcionários e agentes da Administração Pública e a estrutura das remunerações base das carreiras e categorias nele contempladas. (D.R. n.º 238 - I Série de 16OUT89).

FORÇAS ARMADAS

- REMODELAÇÃO DE MODELOS IMPRESSOS

Portaria n.º 873/89:

— Revoga o n.º 3.º da Portaria n.º 212/89, de 14 de Março, que aprova os modelos de impressos para requisição de transporte de pessoal por via aérea e por via terrestre, marítima e fluvial e de transporte de material e ou animais. (D.R. n.º 233 - I Série de 10OUT89).

INSPECÇÕES PERIÓDICAS DE VEÍCULOS

Decreto-Lei n.º 352/89:

— Estabelece o regime das inspeções periódicas de veículos, define as bases gerais da concessão do serviço de inspeções periódicas obrigatórias e revoga o Decreto-Lei n.º 154/85, de 9 de Maio. (D.R. n.º 236 - I Série de 13OUT89).

JURAMENTO DE BANDEIRA DO CEOM, CFOM E CFMS

Despacho n.º 37/89 de 02MAI89:

— O Juramento de Bandeira dos instruendos a frequentar os CEOM, CFOM e CFMS tem lugar no final da 2.ª Parte dos respectivos cursos (6.ª Feira da última semana de instrução ou no Sábado ou Domingos imediatos).

Para efeitos do disposto do n.º 2 do artigo 1.º do Decreto-Lei 119/88, de 14 de Abril, o "Período de Instrução de Recruta" mencionado naquele artigo corresponde à 1.ª Parte dos Cursos referidos no número anterior. (O.E. n.º 5 - 1.ª Série de 31MAI89).



medaglis ORÇAMENTOS GRÁTIS

medalhões • gravações • taças • emblemas • artigos militares • porta-chaves • troféus

OS MELHORES PREÇOS
(ABERTA TODO O ANO)
R. Benfornoso, 136-1100 LISBOA ☎ 86 10 86 - 86 67 08
Telex NR 43127 MEDALS P

MEDALHA COMEMORATIVA DO 30º ANIVERSÁRIO DO JORNAL DO EXÉRCITO

30 anos de publicação ininterrupta é já um marco significativo na vida de um jornal. E mais importante se torna quando essa idade faz do "Jornal do Exército" uma das publicações mais antigas da actual imprensa militar e o torna um prestigioso e prestigiante referencial dentro do Exército.

A assinalar tão importante efeméride foi mandada cunhar uma medalha em cujo averso figura o brasão de armas deste Jornal e, no reverso, o motivo principal da sua primeira capa (Janeiro de 1960) - um cabo corneteiro de Infantaria anunciando o nascimento do "Jornal do Exército" - e as inscrições "JANEIRO 1960" e "JANEIRO 1990".

Foi feita uma cunhagem de 500 exemplares, todos numerados. Parte desta edição é agora posta à disposição dos nossos assinantes e leitores.

Características: medalha em bronze com 80 mm de diâmetro e com numeração de 1 a 500.

Preço unitário: 1.300\$00 nas aquisições directas na sede do Jornal (+ 240\$00 para despesas de embalagem e portes nos pedidos de envio pelos CTT).



BOLETIM DE ENCOMENDA

- Solicito o envio de medalhas comemorativas do 30º aniversário do Jornal do Exército.

- Para pagamento da minha encomenda e dos respectivos portes, junto a quantia de Esc. _____ \$ _____ em cheque vale de correio

NOME _____

MORADA _____

CÓDIGO POSTAL _____ LOCALIDADE _____

para todos os **DESPORTOS**



SOCIDEL - SOCIEDADE COMERCIAL DE ARTIGOS DE DESPORTO, LDA
Rua Nova do Almada, 49 - 1200 LISBOA - Telef. 37 35 41/2/3 - Teleg. SOCIDEL - Telex: 42498 SPORT P

SOLUÇÕES DO RECREIO

Da Presente Edição

Perguntas de algeibra

1 - 31 de Dezembro de 1990. 2 - Lamecenses. 3 - Libérrimo. 4 - Doze. 5 - Zona temperada do Norte. 6 - 48. 7 - Aveiro. 8 - Por usar as trainas, que são justamente grandes redes que se empregam na pesca daquela espécie marinha. 9 - Gardénia. 10 - D. Francisco de Almeida.

Adivinhas portuguesas

1 - Tacho de xerém. 2 - Tu falas-me em trigo limpo / Vê lá bem não tenha joio / Quatrocentas e oitenta / Meias quartas tem um moio. 3 - A cabaça.

Provérbios ocultos

1 - Nevoeiro de mais de três dias dura oito.
2 - Em Janeiro um porco ao sol outro ao fumeiro.
3 - Janeiro tem uma hora por inteiro.

Charadismo

1 - Malho / i. 2 - Carrada / e. 3 - Ovil / a. 4 - Escala / m. 5 - Tora / c.

Hieroglifos comprimidos

1 - Entre aspas. 2 - Sapatos de quarto. 3 - Bacalhau frito.

De Edições Anteriores

Passatempo literário Setembro de 1989

1 - Antero do Quental. 2 - Em Ponta Delgada. 3 - 49 anos. 4 - Conjuncão integrante. 5 - Complemento directo. 6 - Conferências democráticas do Casino Lisbonense.

Não houve concorrentes

SOLUÇÕES DO PASSATEMPO

1 - Almada Negreiros (1893 - 1970)
2 - Abel Manta (1888)
3 - Amadeo de Sousa - Cardoso (1887 - 1918)
4 - É a estátua de João Ribeiro **Chiado** no Largo do mesmo nome em Lisboa.
5 - Diferenças entre os dois desenhos: atacador do sapato direito; raios do sol; tronco de palmeira; nuvem; folhinhas no chão (4ª); folhas da palmeira; riscos do chão; pingos de chuva.

Pelo TCorArt HENRIQUE MAURÍCIO

Avaliação no Exército dos EUA

Depois do artigo dedicado à avaliação no Exército Espanhol publicado nos números de Mar e Abr 89 do nosso Jornal, iniciamos o ano de 1990 com o presente artigo dedicado ao Exército dos EUA. São artigos, repito, da maior importância, já que nos permitem servir de termo de comparação com o que se faz no nosso Exército, nomeadamente com o exigido nas PAF (Provas de Aptidão Física) preconizadas no REFE (Regulamento de Educação Física do Exército).

Tal como fizemos no artigo anterior, começamos por indicar o documento oficial que lhe está na base, após o que nos referiremos aos controlos efectuados nos diferentes cursos, aspectos ligados à sua organização, para concluirmos com uma síntese comparativa com o nosso REFE. Mais uma vez chamamos a vossa atenção para o facto deste artigo poder não estar actualizado, por nos faltarem elementos de informação mais recentes. De qualquer forma, repetimos, tal não invalida o seu interesse, até porque o nosso REFE está, em alguns aspectos, a necessitar, igualmente, de actualização.

1. Documento Oficial

FM (FIELD MANUAL) 21 - 20 - PHYSICAL READINESS TRAINING de 31 OUT. 80.

2. Controlos a efectuar

O Exército dos Estados Unidos da América utiliza 3 tipos de testes para avaliar a condição física do seu pessoal:

- STEP TEST
- APRT
- CONTROLO MÉDICO-FISIOLÓGICO

3. STEP TEST

Utilizado como teste diagnóstico para se determinar o nível de aptidão física do pessoal (masculino e feminino).

Consiste em subir e descer um banco (com a altura de 15 1/4 polegadas para os homens ou 13 polegadas para as mulheres), alternadamente com o pé esquerdo e o direito, durante 5', com uma frequência por metrónomo (de 90 batimentos por minuto).

15" após o exercício e durante 5', contam-se as pulsações (no pulso ou carótida).

Antes da realização do teste, o pessoal é pesado. Entrando com os dois valores (pulso e peso) numa tabela de dupla entrada (há duas tabelas, conforme o sexo), determina-se o grau de aptidão do executante. O grau de aptidão encontrado pode ser comparado com os valores ideais para a idade e o sexo do executante, utilizando tabelas apropriadas.

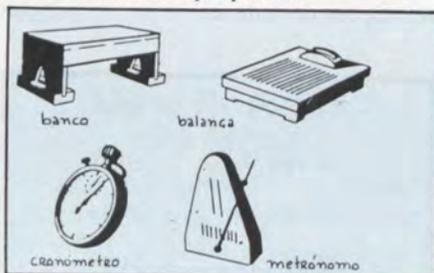


Fig. 1: Material necessário para realizar o STEP TEST

Face aos valores encontrados no «step test», o pessoal é distribuído por uma das cinco categorias (correspondentes a outros tantos níveis de aptidão física) tendo em vista seguir o programa de treino mais adequado.

Consideram-se 5 níveis: I e II correspondentes à Fase Preparatória do Programa, o nível III à Fase de Condicionamento e os níveis IV e V à Fase de Manutenção.

Antes da realização do teste, o pessoal deve observar um repouso de 5', não sendo de aconselhar a sua aplicação a seguir às refeições, depois de exercícios, café ou cigarros.

4. APRT (ARMY PHYSICAL READINESS TEST)

a. Finalidade do teste

Teste obrigatório para todo o pessoal (masculino e feminino) até aos 60 anos de idade, do EXÉRCITO ACTIVO, RESERVA E ARMY NATIONAL GUARD, apresentando-se sob duas modalidades de aplicação de acordo com as duas faixas etárias consideradas (dos 17 aos 39 anos e dos 40 aos 60 anos).

- No primeiro caso (grupo dos 17 aos 39 anos), o APRT consta de 3 provas (PUSHUP, SITUP e CORRIDA DE 2 MILHAS), com mínimos obrigatórios de acordo com a Fase de Instrução.

- No segundo caso (dos 40 aos 60 anos), utiliza-se, apenas, a corrida de 2 milhas, ou, como alternativa, NADAR 800 jardas, ANDAR de BICICLETA 6 milhas ou MARCHAR 2 1/2 milhas, estabelecendo-se, para cada caso, mínimos a serem cumpridos e que estão de acordo com o escalão etário dos executantes.

Em qualquer das modalidades o controlo é executado duas vezes por ano; no entanto, em circunstância alguma o pessoal pode ser testado sem que decorram, no mínimo, 6 meses após o início do programa de treino físico regular.

O APRT destina-se a avaliar não só o grau de aptidão física individual mas também o nível médio da unidade a que pertence.

- O pessoal da Aviação do Exército, Ranger ou de Forças Especiais têm um teste específico.

b. Aspectos ligados à organização e execução do controlo APRT

(1) Local de realização

O controlo realiza-se em Áreas Tipo ocupando uma superfície plana de 100 jardas de comprimento para 90 jardas de largura.

Cada Área Tipo contém uma Pista Relvada de 1/4 milha de comprimento, onde se efectua a CORRIDA DE 2 MILHAS, a qual, por sua vez comporta no seu interior 10 ESTAÇÕES (ocupando, cada uma, uma área de 5 jardas de comprimento por 6 pés de largura) onde se realizam as restantes provas de controlo (PUSHUP e SITUP).



Fig. 2: Execução do Teste

mento por 6 pés de largura) onde se realizam as restantes provas de controlo (PUSHUP e SITUP).

(2) Pessoal Controlador

O Comando é o responsável pela aplicação do controlo, o qual está a cargo do seguinte pessoal:

- CHEFE EXAMINADOR
- SUPERVISORES (1 por cada 5 demonstradores)

- DEMONSTRADORES

(3) Uniforme

Calças de trabalho, T-Shirt ou camisa de trabalho e botas.

Durante o tempo frio podem usar um agasalho.

(4) Ficha Individual

Os resultados obtidos em cada prova a que corresponde determinada pontuação (a tabela de pontuação é distinta para os dois sexos, e tem uma escala de valores dos 0 aos 100 pontos) são lançados numa ficha individual (ARMY PHYSICAL READINESS TEST SCORE CARD).



Fig. 3: Tomada do Pulso

(5) Divulgação e Tratamento dos resultados obtidos

O Exército dos Estados Unidos dá uma grande importância ao tratamento e interpretação dos resultados obtidos no APRT, uma vez que eles permitem revelar:

- O grau de aptidão física individual;
- O grau de preparação duma determinada unidade;
- Deficiências resultantes da aplicação do controlo;
- O pessoal que requer uma atenção especial.

Constituem dados importantes para o Comandante de qualquer escalão pois eles revelam, no fundo, o grau de operacionalidade duma unidade.

Por outro lado, os Comandantes põem especial ênfase na sua divulgação, pelo que de motivador ela representa, suscitando a competição individual (a tentativa de cada um se superar a si próprio e aos seus camaradas) ou entre sub-unidades.

(6) Descrição das provas

- PUSHUP (FLEXÃO de BRAÇOS em QUEDA FACIAL)

Prova que pretende medir a potência do trem superior.

Efectuar o maior número de repetições possíveis durante 2'.

- SITUP (ABDOMINAIS)

Prova que pretende medir a força média.

Partindo da posição inicial de "deitado dorsal, pernas reflectidas a 90°, naturalmente afastadas e com mãos à nuca, pés fixos por um parceiro", elevar à vertical e voltar à posição inicial.

Efectuar o maior número possível de repetições durante 2'.

LEVEL I	35-39
LEVEL II	40-44
LEVEL III	45-49
LEVEL IV	50-54
LEVEL V	55+

Fig. 4: Os 5 níveis dos executantes

- TWO-MILE RUN (CORRIDA de 2 MILHAS)

Prova que pretende medir a resistência e a endurance muscular do trem inferior.

Efectuar o melhor tempo possível.

(7) Sequência da execução das provas

As três provas são efectuadas num só dia, sendo a corrida, obrigatoriamente, a última prova. Para as outras duas a ordem de execução é indiferente.

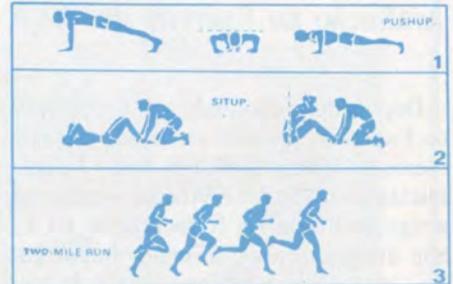


Fig. 5: Provas do APRT

(8) Mínimos a obter em cada prova

Em cada prova do APRT os executantes têm de atingir obrigatoriamente uma pontuação mínima variável com a fase de instrução e o escalão etário.

Assim, o pessoal com menos de 40 anos deve:

- No final das primeiras 6 semanas de instrução, o instruído tem de atingir um mínimo de 50 pontos em cada prova e 160 no total das 3 provas.

- No final da instrução 60 pontos por prova e 180 pontos no total, mínimos que deve continuar a cumprir sempre que for testado e até atingir a idade dos 40 anos.

O pessoal dos 40 aos 60 anos deve cumprir mínimos (apenas na CORRIDA de 2 MILHAS ou provas alternativas) de acordo com o seu escalão etário.

No entanto, os Comandantes de Unidade têm autonomia suficiente para, de acordo com as circunstâncias, alterar os mínimos.

(Conclui no próximo número)

IDADES	(MASCULINOS)			(FEMININOS)		
	PUSHUP	SITUP	2-MILE RUN	PUSHUP	SITUP	2-MILE RUN
40-45	TBA *	TBA *	20:00	TBA *	TBA *	26:00
46-50	TBA *	TBA *	21:00	TBA *	TBA *	27:00
51-55	TBA *	TBA *	22:00	TBA *	TBA *	28:00
56-60	TBA *	TBA *	23:00	TBA *	TBA *	29:00

*TO BE ANNOUNCED (a estabelecer)

Fig. 6: Mínimos para maiores de 40 anos

	STANDARDS			
	40-45	46-50	51-55	56-60
(1) SWIMMING: 800 YARDS	17:00 MIN	17:30 MIN	18:30 MIN	19:00 MIN
(2) CYCLING: 6 MILES	23:00 MIN	23:30 MIN	24:00 MIN	24:30 MIN
(3) WALKING: 2 1/2 MILES	36:00 MIN	36:30 MIN	37:00 MIN	37:30 MIN

Fig. 7: Provas alternativas

Coord TCor Art^a HENRIQUE MAURÍCIO

Campeonato de Voleibol do Exército/89

Realizou-se de 14 a 17NOV89, no Pavilhão Desportivo da EPA em VENDAS NOVAS, organizado pela RMS, o campeonato de Voleibol do Exército, destinado a militares do QP (oficiais, sargentos e praças) e ao qual concorreram as equipas representativas das RM, ZM e 1.^aBMI.

O campeonato disputou-se em duas fases, tendo-se registado os seguintes resultados e classificações:

1.^a FASE

Série A (RMC - ZMM - 1.^a BMI)

- 1.^a Jorn. RMC - ZMM ... 3-0 (15-3; 15-10, 15-7)
 2.^a Jorn. 1.^aBMI - RMC .. 3-1 (15-5; 11-15, 15-10, 15-3)
 3.^a Jorn. ZMM - 1.^aBMI .. 0-3 (2-15; 6-15, 14-16)

Classificação

- 1.^o - 1.^aBMI 4 pontos
 2.^o - RMC 3 pontos
 3.^o - ZMM 2 pontos

SérieB (RMN - RML - RMS - ZMA)

1.^a Jornada

- RMN - RMS 3-0 (15-11, 15-11, 15-10)
 ZMA - RML 0-3 (3-15, 12-15, 8-15)

2.^a Jornada

- RMN - ZMA 3-1 (15-4, 12-15, 15-0, 15-11)
 RMS - RML 0-3 (8-15, 15-17, 7-15)

3.^a Jornada

- RMN - RML 1-3 (6-15, 15-12, 14-16, 2-15)
 RMS - ZMA 1-3 (13-15, 15-8, 12-15, 15-17)

Classificação

- 1.^o RML 6 pontos
 2.^o RMN 5 pontos
 3.^o ZMA 4 pontos
 4.^o RMS 3 pontos

FASE FINAL

Jogo 3.^o/4.^o lugar - RMC - RMN
 0-3 (12-15, 4-15, 9-15)

Final 1.^aBMI - RML
 0-3 (12-15, 9-15, 8-15)

Classificação Final

- 1.^o RML
 2.^o 1.^aBMI 5.^o ZMA
 3.^o RMN 6.^o ZMM
 4.^o RMC 7.^o RMS

Esta prova corolária duma movimentação desportiva do pessoal do QP, que englobou os campeonatos internos (nível Unidades) e campeonatos de Região Militar, teve um nível aceitável, contribuindo para fortalecer os laços de camaradagem entre os militares do QP do Exército.

JE congratula-se pela iniciativa esperando vê-la extensiva a outras modalidades.

Mérito Desportivo para Militar

O TCor Inf^a LEONEL DE CARVALHO e o atleta do SCP ARMANDO ALDEGALEGA foram agraciados pelo ministro da Educação, Roberto Carneiro, com a medalha de Mérito Desportivo, numa cerimónia de homenagem que teve lugar em Lisboa, no passado dia 30NOV89, no final da sessão comemorativa do 20.^o aniversário do Clube de Veteranos de Atletismo. O TCor LEONEL DE CARVALHO, actualmente em serviço no SHAPE (MONS-BÉLGICA), é mestre de EFM e foi atleta do CDUL, director da FPA durante seis anos, membro do COP durante oito, e conquistou, em provas internacionais para veteranos, uma medalha de ouro, sete de



prata e uma de bronze (ver notícia do JE de NOV89). JE congratula-se por esta justíssima homenagem e deseja ao TCor Leonel de Carvalho a continuação dos maiores êxitos profissionais e desportivos.

Corta-Mato da ZMM/89

Organizado pelo Grupo de Artilharia de Guarnição N.^o 2 (GAG 2) realizou-se no Caniçal, em 26OUT89, o Campeonato Regional de 89, de Corta-Mato, nas modalidades "curto e longo".

Participaram equipas representativas do Quartel-General (QG), Regimento de Infantaria do Funchal (RIFc), do Esquadrão de Lanceiros do Funchal (ELFc), para além da Unidade organizadora (GAG 2).

As classificações finais foram as seguintes:

MODALIDADE	CAMPEONATO da ZMM/89			
	Concorrentes	Origem	Class./tp	
CORTA-MATO CURTO (IND.)	AspOfMil Mouraia	QG	1. ^o	15'16''
	Cb Pelágio	GAG 2	2. ^o	16'18''
	AspOfMil Encarnação	GAG 2	3. ^o	16'29''
CORTA-MATO LONGO (IND.)	Cb Sargo	GAG 2	1. ^o	43'42"
	Sold Gonçalves	RIFc	2. ^o	44'00"
	Cb Pereira	GAG 2	3. ^o	44'39"
VETERANOS (IND.)	Cb Gomes	RIFc	1. ^o	20'53"
	Cb Ferreira	RIFc	2. ^o	22'53"
	TenCor Reis Moura	RIFc	3. ^o	28'36"
CORTA-MATO CURTO	EQUIPAS		Class.	Pts
	GAG 2		1. ^a	9
	RIFc		2. ^a	23
CORTA-MATO LONGO	GAG 2		3. ^a	24
	GAG 2		1. ^a	39
	RIFc		2. ^a	74
VETERANOS	QG		3. ^a	103
	RIFc		1. ^a	(única equipa participante)

Agenda

FEVEREIRO

DIA	SOL (a) (b)		LUA (a) (b)			MARÉS (a)				EFEMÉRIDES
	Nasc.	Acaso	Nasc.	Ocaso	Fase	Preiamar		Baixamar		
01. 5.ª f.	07.43	17.58	10.30	*		06.37	19.04	00.00	12.30	1835 – Revolta militar em Goa
02. 6.ª f.	07.42	17.59	11.02	00.43	Q.C.	07.28	20.00	00.51	13.25	1927 – Revolução no Porto chefiada pelo Gen Sousa Dias
03. Sáb.	07.41	18.00	11.41	01.57		08.33	21.15	01.56	14.35	1384 – D. Nuno Álvares Pereira conquista Arronches
04. Dom.	07.40	18.01	12.28	03.10		10.00	22.46	03.21	16.00	1841 – Organizada em Abrantes uma Companhia de Artilheiros Nacionais
05. 2.ª f.	07.39	18.03	13.26	04.19		11.33	—	04.56	17.24	1842 – O BI 15 assiste em Beja à proclamação da carta constitucional
06. 3.ª f.	07.38	18.04	14.31	05.18		00.08	12.47	06.14	18.30	1608 – Baptismo do Padre António Vieira
07. 4.ª f.	07.37	18.05	15.41	06.09		01.11	13.43	07.12	19.22	1888 – Atentado contra Pinheiro Chagas
08. 5.ª f.	07.36	18.06	16.52	06.49		02.02	14.30	07.59	20.05	1897 – Amnistia aos crimes de liberdade de imprensa
09. 6.ª f.	07.35	18.08	18.01	07.23	L.C.	02.46	15.11	08.39	20.43	1842 – O BC 1 (da Guarda) revolta-se, marchando para Castelo Branco
10. Sáb.	07.34	18.09	19.07	07.51		03.26	15.48	09.14	21.18	1890 – Reorganização das Guardas Municipais de Lisboa e Porto
11. Dom.	07.33	18.10	20.11	08.15		04.03	16.23	09.47	21.51	1891 – Carta de Concessão à Companhia de Moçambique
12. 2.ª f.	07.32	18.11	21.12	08.38		04.38	16.55	10.18	22.24	1959 – A Escola do Exército passa a chamar-se Academia Militar
13. 3.ª f.	07.30	18.12	22.12	09.01		05.10	17.27	10.48	22.56	1873 – Autorizada a organização de um Bat Inf destinado a Angola
14. 4.ª f.	07.29	18.13	23.13	09.23		05.42	17.58	11.18	23.29	1854 – Mandado fazer o registo dos escravos portugueses, com vista à sua emancipação
15. 5.ª f.	07.28	18.14	*	09.47		06.13	18.30	11.51	—	1907 – Ataque dos Cuamatás ao forte Roçadas
16. 6.ª f.	07.27	18.15	00.14	10.16		06.45	19.06	00.05	12.27	1636 – Os Holandeses assaltam Olinda (Brasil)
17. Sáb.	07.25	18.16	01.15	10.48	Q.M.	07.25	19.55	00.48	13.13	1510 – 1.ª Conquista de Goa por Afonso de Albuquerque
18. Dom.	07.24	18.17	02.14	11.27		08.26	21.14	01.47	14.20	1834 – Derrota das forças de D. Miguel na Batalha de Almoester
19. 2.ª f.	07.23	18.18	03.12	12.14		10.11	22.59	03.16	15.57	1811 – Os Franceses são vencidos em Rio Maior (G. Peninsular)
20. 3.ª f.	07.22	18.19	04.06	13.09		11.50	—	04.56	17.24	1835 – A fortaleza da Serra do Pilar é considerada praça de 1.ª classe
21. 4.ª f.	07.20	18.21	04.54	14.11		00.14	12.51	06.06	18.22	1816 – Reorganização do Exército Português
22. 5.ª f.	07.19	18.22	05.36	15.18		01.06	13.35	06.54	19.06	1912 – Amnistia aos conspiradores monárquicos
23. 6.ª f.	07.18	18.23	06.12	16.29		01.48	14.14	07.33	19.45	1757 – Tumulto no Porto contra a Companhia das Vinhas do Alto Douro
24. Sáb.	07.16	18.24	06.42	17.40		02.26	14.50	08.11	20.23	1747 – Benedito XIV declara S. Francisco Xavier padroeiro do Oriente
25. Dom.	07.15	18.25	07.10	18.51	L.N.	03.03	15.26	08.47	21.00	1867 – Abolição da escravatura em Portugal continental e ultramarino
26. 2.ª f.	07.13	18.26	07.37	20.02		03.40	16.02	09.24	21.37	1847 – Rendição da Praça de Almeida às tropas governamentais
27. 3.ª f.	07.12	18.27	08.04	21.15		04.17	16.38	10.01	22.16	1866 – Sublevação popular em Moçâmedes (Angola)
28. 4.ª f.	07.11	18.28	08.32	22.30		04.55	17.16	10.40	22.57	1834 – Reorganizados so Reg Cav n.º 1 e n.º 6

(a) Os dados referem-se a Lisboa

(b) Bordo superior

DIAS FESTIVOS

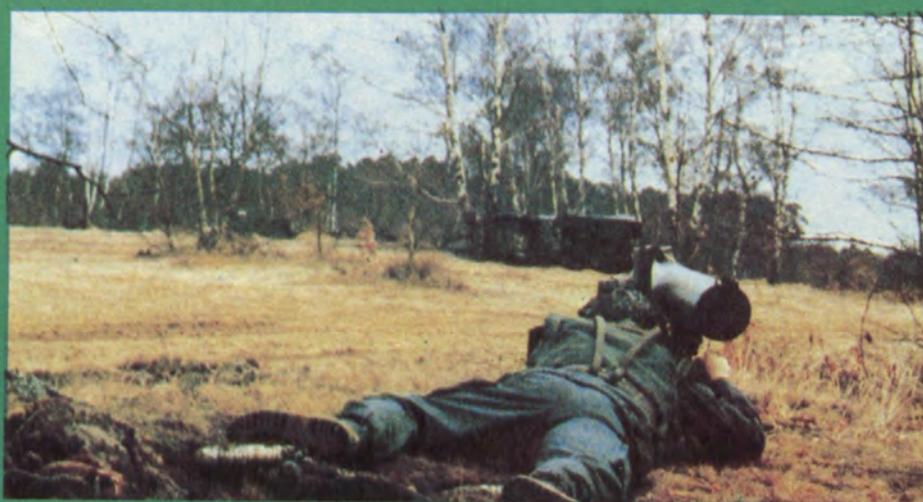
01. Escola Prática de Transmissões
07. Regimento de Lanceiros de Lisboa
Presídio Militar de Santarém
16. Laboratório Militar de Produtos Químicos e Farmacêuticos

21. Centro de Gestão Financeira da Zona Militar dos Açores
Centro de Gestão Financeira da Zona Militar da Madeira
Centro de Gestão Financeira Geral

ospat
aerospatiale
aerospatiale
aerospatiale
aerospatiale
ospati

ENGENHOS TÁCTICOS

ERYX - Nova arma anticarro de Infantaria para curtas distâncias



Eficácia contra todas as blindagens modernas • **Perfuração 900mm** de aço homogêneo • **Alcance 600 metros** • **Precisão** Alta probabilidade entre os 50 e 600 metros • **Peso**—Posto de tiro 4,8 kgs—Munição 11 kgs.

ARMA DE DEFESA IDEAL PARA ZONAS URBANAS, PODENDO FAZER FOGO EM ZONAS CONFINADAS DADO NÃO TER EFEITOS PARA A RETAGUARDA

REPRESENTANTES
EXCLUSIVOS



MONTAGREX — OPTAGREX

Sociedade Portuguesa de Importações e Exportações, Lda.

Av. Óscar Monteiro Torres, 20 - 2º H
1000 LISBOA (Portugal)
Telex: 15397 Agrex P
Telefs. 76 61 12 - 76 77 34
Telefax 77 56 33



BRASÃO DE ARMAS DA ESCOLA DE SARGENTOS DO EXÉRCITO

- Escudo chevronado de dez peças de verde e de oiro.
- Elmo militar, de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra.
- Correia de vermelho perfilada de oiro.
- Paquife e virol de verde e de oiro.
- Timbre: duas alabardas de oiro passadas em aspa, atadas de verde, sustentando uma lucerna com dois bicos flamejantes, do primeiro.
- Divisa: num listel de branco, ondulado sotoposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir, «VONTADE E SABER».

Simbologia e alusão das peças:

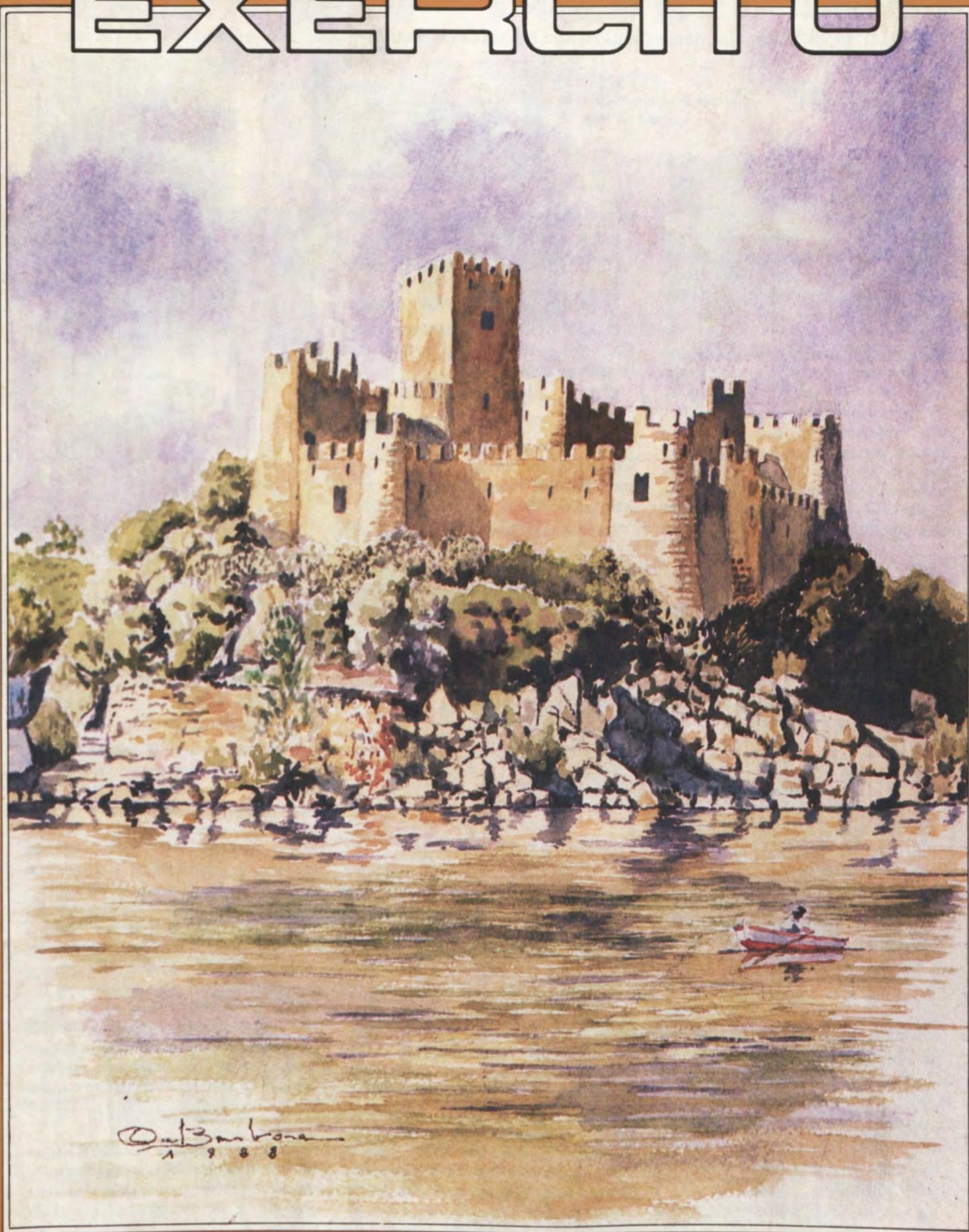
- O CHEVRONADO, evocando as insígnias do sargento, é símbolo do aluno da Escola onde é formada esta classe, elo fundamental da estrutura do Exército.
- Em timbre duas ALABARDAS — «A sua arma he huma alabarda e lhe serve de insígnia» lê-se na clássica MILÍCIA PRÁTICA ao referir-se ao posto de sargento — e a LUCERNA bilume a invocar a dupla formação — básica e de aperfeiçoamento — que constitui a missão desta Escola.

Os esmaltes significam:

- O OIRO a constância no esforço essencial à obtenção da sabedoria.
- O VERDE o entusiasmo da juventude do candidato e a esperança no prosseguimento da carreira.

Jornal
do

EXÉRCITO



Pelo Cap VASCO MOURA

PLANO DE EMISSÕES

Os CTT indicaram as emissões de selos a serem lançados em circulação no corrente ano que, a exemplo dos anos anteriores, poderão vir a sofrer alterações se se verificar que haja interesse em realçar qualquer outro evento.

Duma primeira leitura deste plano é de realçar o início dum novo grupo de selos dedicados à Faiança Portuguesa que deverá vir substituir as séries alusivas à Pintura Portuguesa do séc. XX. Com bastante interesse, é a substituição da actual série base, por uma outra representativa dos Navegadores Portuguesas, no período em que se comemoram os 500 anos dos Descobrimentos.

tas Sub-tropicais da Madeira - Série base

11 JUL - Vultos das Letras em Portugal - Profissões Típicas Açorianas - Série base

24 AGO - Barcos Típicos da Madeira

21 SET - Pintura Portuguesa do séc. XX (VI grupo) - Navios dos Descobrimentos

11 OUT - Palácios Nacionais

07 NOV - 100 anos da Estação do Rossio

Como se pode verificar pelo citado plano, a primeira emissão ocorrida neste ano, em 24 de Janeiro, dá a conhecer a faiança portuguesa do século XVII.

Trata-se duma série constituída por seis



24 JAN - Faiança Portuguesa (I grupo)

14 FEV - Pintura Portuguesa do séc. XX (V grupo) - Protecção à Natureza - Açores

06 MAR - Datas da História - Navegadores Portugueses - Série base

11 ABR - Europa - GEPT Portugal / Açores / Madeira

03 MAI - 150 anos do 1.º Selo Postal

05 JUN - Felicitações - Frutos e Plan-

selos (2 com a taxa de 33\$00, 1 de 35\$00 e 3 com o valor facial de 60\$00) e dum bloco contendo um selo de 250\$00. Acompanha esta emissão um carimbo comemorativo do primeiro dia com o desenho igual ao do selo do bloco. Como curiosidade se refere que os CTT deviam esperar que o porte normal da correspondência tivesse sido alterado para 33\$00 em vez de 32\$00 (actual porte) pois só assim se compreende esta diferença de

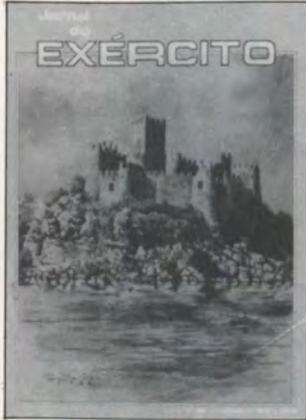
1\$00 nos valores citados.

Sobre o interesse desta série na valorização cultural, refere-se que, embora ainda se não possam determinar datas concretas respeitantes ao início da produção da faiança em Portugal, são contudo conhecidas várias referências a esta cerâmica em documentos da 2.ª metade do séc. XVI, não havendo dúvidas quanto à sua excelente qualidade. Exportaram-se estes produtos, pelo menos, desde o início do séc. XVII, o que também demonstra não só a sua qualidade como a sua aceitação num vasto mercado. As peças do início deste século, na sua maioria, usaram temas ornamentais que têm alguma semelhança com os das peças italianas, espanholas e orientais, pintadas em tons de azul de cobalto sobre esmalte branco de estanho.

Na segunda metade do séc. XVII, a faiança perde qualidade, as peças tornam-se mais pesadas, o esmalte branco mais grosseiro e os desenhos de expressão popular.

EXÉRCITO

ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60



A NOSSA CAPA

Castelo de Almourol
Vila Nova da Barquinha -
Santarém - (Séc. XII).
Aquarela do General Orlando Barbosa



REPORTAGEM

O Exército no Apoio às Populações
Atingidas pelas Cheias

HISTÓRIA

O Destacamento do Forte
do Alto do Duque

25

Sumário



O EXÉRCITO EM 1989

6

Filatelia	2	Uniformes Militares	30
Efeméride	4	Transmissões	31
Prémio Jornal do Exército 1990	5	Os Escudos	33
O Exército em 1989	6	Poesia	34
Figuras e Factos	10	Livros	35
O Exército no Apoio às Populações Atingidas pelas Cheias	15	Modelismo	37
Miramundo	17	Jogos de Guerra	39
Portugal e a CEE	20	Recreio	41
Antologia	21	Passatempo	43
Isto Aconteceu	22	Legislação	45
A Aclamação no Campo de Batalha	24	Desporto	47
O Destacamento do Forte do Alto do Duque	25	Agenda	50
Monumentos de Evocação Militar	29	Brasão de Armas do Destacamento do Forte do Alto do Duque	52

PROPRIEDADE DO
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

DIRECTOR:
General Carlos Elmano Rocha

REDACÇÃO:
Chefe:
TCor José Machado Diniz

Redactor:
Capitão Francisco Marques Fernando

Orientação Gráfica:
Inês Galvão



Colaboração Fotográfica:
CAV/CHEMATI

SERVIÇO ADMINISTRATIVO:
Chefe:
Coronel Vítor Pires Mendes

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Largo da Graça, 94
1100 LISBOA
Tel. 87 03 55

Execução Gráfica:
MADEIRA & MADEIRA, LDA.
R. 16 de Abril, 6 c/v, Alto do Bexiga
S. Pedro - 2000 SANTARÉM
Tel. 2 01 96 - Fax 2 07 37

TABELA DE PREÇOS

PREÇO DE CAPA	180\$00
ASSINATURA ANUAL (12 números) VIA SUPERFÍCIE	950\$00
— Portugal Continental	2.000\$00
— Países africanos de língua portuguesa e Espanha	2.800\$00
— Restantes países	2.800\$00

VIA AÉREA	
— Madeira e Açores	1.500\$00
— Macau	3.000\$00
— Espanha	2.500\$00
— Países europeus (excepto Espanha)	3.000\$00
— Países africanos de língua portuguesa	3.500\$00
— Restantes países	4.500\$00

NOTA: As assinaturas devem ser pagas antecipadamente. As despesas de cobrança ao domicílio são por conta dos assinantes.

TIRAGEM: 8.000 exemplares
Depósito Legal nº 1465/82

Os artigos e secções assinados exprimem a opinião dos seus autores e não reflectem, necessariamente, um ponto de vista oficial. Os artigos e secções não assinados são da responsabilidade da Direcção.

13 de Fevereiro de 1668

Ratificado em Lisboa o tratado de paz com a Espanha, assinado a 5 de Janeiro em Madrid, que punha fim a 28 anos de guerra entre os dois países ibéricos, conhecida na nossa História por Guerra da Restauração.

“Graças à intervenção da Inglaterra, desde 1666 que se buscava pôr termo ao longo conflito. Tal era a vontade dos dois reinos: da Espanha, onde a morte de Filipe IV, a 17 de Setembro de 1665, retirava da cena política o teimoso actor que nunca aceitara a “rebelião” portuguesa; e do nosso País, que realizara enormes sacrifícios humanos, financeiros e materiais para sustentar os direitos da Casa de Bragança ao trono. A paz luso-espanhola não era menos do agrado das grandes potências: a França, para assegurar a hegemonia europeia que a Guerra dos Trinta Anos lhe concedera; e a Inglaterra, apostada em dilatar o seu poderio naval e ultramarino. No jogo diplomático para impôr o equilíbrio de forças, a França chegou a assinar com Portugal, em 31 de Março de 1667, uma aliança ofensiva e defensiva, por 10 anos, contra Carlos II de Espanha. Em Madrid, o embaixador inglês Sandwich trabalhou no sentido de estabelecer, em 1667, um tratado anglo-espanhol em que se previa uma tregua de 45 anos com Portugal. O quadro político era, pois, de molde a satisfazer a vontade das coroas ibéricas, levando à assinatura do Tratado de Paz de Madrid a 5 de Janeiro e ratificado em Lisboa a 13 de Fevereiro de 1668. Como delegado espanhol figurava D. Gaspar de Haro, marquês del Carpio e filho do conde-duque de Olivares, que fora preso na Batalha do Ameixial e, graças ao bom tratamento que encontrara em Portugal, se fizera agente de uma paz efectiva.

Carlos II, por intermédio de sua mãe, a rainha Maria Ana de Áustria, exprimia o desejo de acabar com “las diferencias” entre os dois reinos, pelo que concedia o título real a D. Afonso VI. Os 13 artigos do tratado assentavam uma paz perpétua, com a cessação imediata das hostilidades nos reinos e senhorios de Espanha e de Portugal (art.º 1). Deviam os naturais ter “boa correspondência e amizade”, esquecendo as ofensas e danos passados e voltando a circular livremente em pessoas e mercadorias como no tempo de D. Sebastião (art.º 3). Os outorgantes deviam restituir as presas feitas, sobretudo a artilharia, deixando as praças e terras indevidamente ocupadas, com excepção da cidade de Ceuta que, “pelas razões que para isso se consideraram”, ficaria dora-



vante em poder da Espanha (art.º 2). Os prisioneiros de guerra eram objecto de troca, sem qualquer excepção (art.º 6), e as demandas por causa da privação de heranças e pelo ódio da guerra seriam resolvidas de acordo com o direito (art.º 8). As duas nações comprometiam-se a auxílio mútuo contra os seus inimigos, dando liberdade de comunicação, “por mar

ou rios navegáveis”, incluindo o de comércio (art.º 7). O acordo era ratificado pelo rei de Inglaterra, que ficava como mediador e garante da paz”.

(Joaquim Veríssimo Serrão, in História de Portugal, ed. Verbo, Lisboa, 1980, 5.º volume, p. 56-57).

PRÉMIO JORNAL DO EXÉRCITO

1990

O Jornal do Exército (JE) promove no corrente ano de 1990 o concurso em epígrafe que se rege pelas seguintes disposições:

1. Ao concurso são admitidos os trabalhos que obedçam às condições que se indicam:

a) Versarem assuntos de natureza científica, cultural, histórica ou artística de qualquer forma ligados ao Exército e que enriqueçam o seu património documental e contribuam para a valorização profissional e cultural dos seus militares;

b) Serem inéditos;

c) Possuírem nível literário que autorize a sua publicação no JE;

d) Não excederem 10 páginas de formato A4, dactilografadas a 2 espaços;

e) Incluírem, se possível, as ilustrações convenientes;

f) Darem entrada no JE até data que permita a respectiva publicação nos seus onze primeiros números (Janeiro a Novembro).

2. Compete, em exclusivo, à direcção do JE a selecção, para publicação, dos artigos que lhe sejam enviados para o efeito.

3. São submetidos ao concurso os artigos publicados de Dezembro/89 a Novembro de 1990 que obedçam às condições indicadas no n.º 1, independentemente do desejo expresso do seu autor.

4. Os trabalhos admitidos a concurso são submetidos à apreciação de um júri, a designar, que selecciona o trabalho, ou o conjunto de trabalhos de um mesmo autor que tratam a mesma temática, a que será atribuído o "Prémio JE 1990".

5. O "Prémio JE 1990" é pecuniário e tem o valor de 75.000\$00 (setenta e cinco mil escudos).

6. Além deste prémio serão atribuídas menções honrosas, até ao máximo de três, aos trabalhos classificados a seguir ao titular do prémio, desde que a sua pontuação seja relativamente próxima da daquele.

7. O júri é livre de considerar que o prémio ou as menções honrosas não devem ser atribuídos caso, em seu critério, ache que nenhum dos trabalhos publicados o merece.

8. O júri a que se refere o n.º 4 será designado pelo General Vice-CEME e apresentará a sua decisão até ao dia 8 de Janeiro de 1991.

9. A entrega do prémio ao autor do artigo ou artigos seleccionados é feita, em princípio, no "Dia do JE" - 11 de Janeiro.



O EXÉRCITO EM 1989

Das múltiplas actividades desenvolvidas pelo Exército ao longo do ano findo, foi este Jornal dando notícia na sua rubrica "Figuras e Factos" e noutros apontamentos de reportagem.

Vamos rever, nestas páginas, algumas dessas imagens em cuja escolha houve a preocupação de diversificar o mais possível esta retrospectiva.

JANEIRO



12, 16 Mudaram os comandos das Regiões Militares do Norte e Centro, respectivamente. O primeiro era assumido pelo General Guerreiro Ferreira e o segundo pelo General Fausto Marques.



19 Tinha lugar no Quartel-General da Região Militar do Centro a primeira reunião periódica dos altos comandos do Exército. À sua chegada a Coimbra para presidir a esta reunião o General CEME passa revista à guarda de honra.

FEVEREIRO

28 Era recebido em Santa Margarida para se despedir da 1.ª Brigada Mista Independente o General Benito Gavazza prestes a deixar o Comando das Forças Terrestres Aliadas do Sul da Europa (FTASE).



10 Recebiam as espadas de oficial general os Brigadeiros do Exército, Baccalar Begonha, Goulão de Melo, Paiva Morão e Silvestre Martins, cuja promoção havia ocorrido em Janeiro.



17 Eram entregues os primeiros diplomas de formação profissional no âmbito de algumas especialidades ministradas no Exército, cuja equivalência às qualificações profissionais adquiridas no Instituto do Emprego e Formação Profissional fora objecto de um acordo celebrado em Outubro/88 entre os Ministérios da Defesa Nacional e do Emprego e da Segurança Social.



29 Tomava posse do cargo de Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas o General Soares Carneiro.

ABRIL



16 Como acto mais significativo da comemoração do dia do Centro de Instrução de Operações Especiais era apresentada a nova Companhia de Elementos de Operações Especiais, vocacionada para a execução de missões de operações especiais em proveito de grandes unidades do sistema de Forças do Exército.



27 Ministro da Defesa Nacional de S. Tomé e Príncipe era recebido pelo General CEME com quem tratou de assuntos ligados à cooperação militar entre Portugal e aquele país de expressão portuguesa.

MAIO

4 O Ministro da Defesa Nacional impunha no estandarte do Regimento de Engenharia de Espinho as insígnias da Medalha de Ouro de Serviços Distintos, condecoração que distingue a prestigante acção desenvolvida por esta Unidade não só na área operacional como também em missões de interesse público.



2 Era assinado o Acordo de Transportes por Via Aérea entre o Estado-Maior do Exército e a LAR-Transregional, SA, o qual prevê tarifas especiais no transporte de pessoal ou de material requisitado pelo Exército ou, individualmente, pelos seus militares.



JUNHO



20 Os deputados membros da Comissão de Defesa Nacional da Assembleia da República visitaram a Escola Prática de Artilharia.



27 Assumia o comando da 1.ª Brigada Mista Independente o Brigadeiro Gaspar Rosa.

JULHO



25 O Exército levou as comemorações do seu dia festivo até Ourique e Castro Verde região onde se presume se tenha travado na mesma data do ano 1139 a Batalha de Ourique.



24 Terminava na região de Sines o Exercício "ORION 89" iniciado no dia 9, em que participaram forças de todas as Regiões Militares.



14 Novos sargentos recebiam as suas divisas no final da 1.ª parte do respectivo curso de formação que decorreu na Escola de Sargentos do Exército.

AGOSTO



4 Era assinado um protocolo de cooperação no âmbito da formação profissional entre o Instituto Militar dos Pupilos do Exército e a General Motors de Portugal.



14 Em Mafra tinham lugar as tradicionais comemorações do dia da Infantaria.

SETEMBRO

Ao longo de todo o mês a 1.ª Brigada Mista Independente esteve empenhada no Exercício "DISPLAY DETERMINATION 89" que se desenrolou no norte de Itália, inserido no conjunto periódico e regular de manobras realizadas no âmbito da NATO.



23 A "Escola de Mafra" participava na cidade suíça de Genebra num espectáculo equestre organizado pela Associação Suíça do Cavalo de Pura Raça Espanhola e Lusitana.



OUTUBRO

Nos primeiros dias do mês o Regimento de Comandos e o Grupo de Operações Especiais do Exército Espanhol estiveram empenhados no Exercício "COMANGOE 89" nas serras da Gardunha e de Alvelos.



30 O General do Exército Monteiro Pereira assumia o cargo de Comandante-Chefe das Forças Armadas nos Açores.



31 Tomava posse do comando da Zona Militar da Madeira o Brigadeiro Rodrigues Areia.

NOVEMBRO



11 Nas comemorações do armistício da I Guerra Mundial realizadas no Porto foi prestada homenagem ao soldado Milhões, símbolo das virtudes militares do soldado português do Corpo Expedicionário à Flandres.



29 Tomava posse do comando da Zona Militar dos Açores o Brigadeiro Bancelar Begonha.

DEZEMBRO

8 Entre várias outras acções de apoio e auxílio às populações atingidas pelas cheias, o Exército, através da Escola Prática de Engenharia, montou uma ponte militar na cidade de Tavira para substituição temporária da velha ponte danificada pela torrente do rio Gilão.



5 O Centro de Instrução de Artilharia de Cascais recebia um novo sistema de coordenação de tiro de antiaérea, o BCP-Radar DR-641, fornecido pela República Federal da Alemanha em satisfação da ajuda acordada no âmbito da NATO.

Comissão de Defesa Nacional visita o IAEM

A Comissão de Defesa Nacional da Assembleia da República, presidida pelo deputado Jaime Gama, visitou o Instituto de Altos Estudos Militares (IAEM) no passado dia 18 de Janeiro tendo sido recebida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Firmino Miguel, e pelo Director interino daquele Instituto, Brigadeiro Adelino Rodrigues Coelho.

Após a apresentação de uma exposição sobre organização e actividades do IAEM, os deputados acompanharam a instrução a decorrer nos diferentes cursos, apreciando os trabalhos elaborados.

De seguida, percorreram as instalações e a visita terminou com um almoço na Messe de Pedrouços.



Dia da Academia Militar

O Chefe do Estado-Maior do Exército, General Firmino Miguel, presidiu no passado dia 12 de Janeiro às cerimónias do Dia da Academia Militar que decorreram no aquartelamento de Gomes Freire.

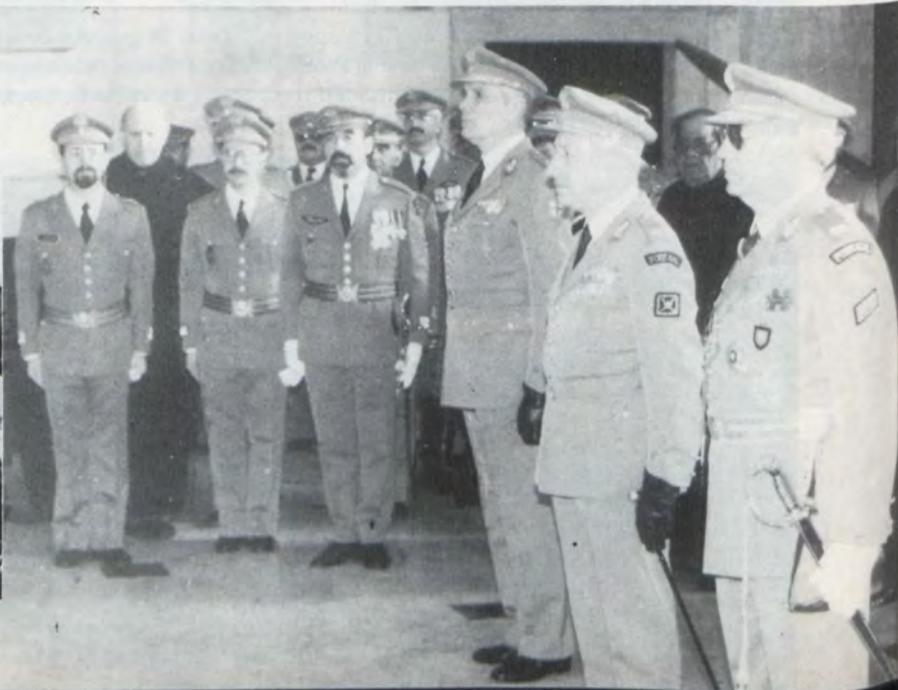
Destacaram-se nas cerimónias a missa de sufrágio pelos antigos alunos falecidos, a homenagem aos mortos em campanha e a alocução proferida pelo Comandante da AM, General Almeida

Bruno, perante a formatura geral do Corpo de Alunos.

A Academia Militar, cujas origens remontam ao ano de 1641, tem como antecessora a Escola do Exército na qual o ensino dos futuros oficiais passou a ser ministrado de uma forma integrada e moderna.

As comemorações encerram à noite com um jantar de confraternização dos

antigos alunos da actual Academia Militar e das suas antecessoras: Escola do Exército, Escola Militar e Escola de Guerra. Este encontro, que reuniu mais de 2.000 antigos alunos, foi a primeira vez que se realizou com estas características e é a concretização do desejo há muito acalentado por muitos dos que frequentaram este Estabelecimento de Ensino Militar: verem esta data transformada no ponto de encontro de todos eles.



Instituto de Odivelas comemora 90º aniversário

O Instituto de Odivelas comemorou no dia 14 de Janeiro a passagem do 90º aniversário da sua fundação.

As cerimónias foram presididas pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Firmino Miguel, e constaram de uma missa solene, da inauguração de uma exposição subordinada ao tema "90 anos de vida do Instituto" e de um almoço-convívio de antigas e actuais alunas e professoras.

Entre os convidados é de realçar a presença da Dr.^a Maria Barroso, esposa do Presidente da República.

Fundado em 1900 pelo Infante D. Afonso de Bragança, o Instituto de Odivelas é um estabelecimento militar de ensino que tem por fim a educação de filhas de militares e também de filhas de elemen-



tos da GNR, GF, PSP, pessoal militarizado e civis.

Funcionando em regime de internato, constitui principal cuidado da Direcção a formação moral, intelectual e física das alunas.

O Instituto ministra, além do Ciclo Pre-

paratório, o Curso secundário unificado e o Curso complementar do ensino secundário, incluindo o 12º ano, de acordo com a orientação do Ministério da Educação. Estende, ainda, a sua acção à vida pós-escolar, principalmente em relação a educandas orfãs, interessando-se pela sua colocação.

Adido de Defesa do Canadá apresenta cumprimentos de despedida

O Adido de Defesa do Canadá, Ten-Coronel da FA Joseph Jean François Lefevre, deslocou-se no passado dia 8 de Janeiro ao Estado-Maior do Exército a fim de apresentar cumprimentos de despedida, tendo sido recebido pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, General Tomé Pinto.



Novas funções de oficiais generais

Através dos despachos n.ºs 5/90, 6/90 e 12/90, o Chefe do Estado-Maior do Exército nomeou os seguintes oficiais generais para as funções abaixo indicadas:

General Raul Jorge Gonçalves Passos, Membro do Conselho Superior de Dis-

ciplina do Exército;

General Alberto Porfírio de Carvalho e Silva, Director do Gabinete de Estudos e Planeamento do EME (que acumula com a função de Director do Departamento de Instrução, cargo que vem exer-

cendo desde 10 de Janeiro de 1990, conforme despacho 126/89, de 29 de Dezembro do General CEME);

General José Alberto Loureiro dos Santos, Director do Instituto de Altos Estudos Militares.

DA REGIÃO MILITAR DO NORTE

Concertos em Santa Cruz de Lamego

O Centro de Instrução de Operações Especiais está a comemorar os 30 anos da sua criação e século e meio da presença da Unidade Militar em Lamego.

A música é uma das notas dominantes do seu programa.

Assim, "Concertos em Santa Cruz" é hoje um ponto de referência na vida cultural da região, depois da actuação das bandas sinfónicas da Região Militar do Norte e da Polícia de Segurança Pública, do coro "Canto Firme" de Tomar e da Orquestra de Metais do Porto, que primaram pela qualidade e diversidade musicais, razão de ser de uma excepcional afluência de público.

Deste modo, o CIOE, herdeiro e continuador das glórias do Regimento de Infantaria n.º 9, está a contribuir com estes concertos — e mais os que se hão-de seguir — para uma maior valorização cultural da Comunidade com a qual vive, lembrado os tempos em que a Banda Regimental do Nove congregava lamecenses e pessoas das imediações em redor de um dos coretos da cidade para lhes proporcionar um agradável convívio.

Encerramento do Curso de Operações Especiais

No dia 21 de Dezembro do ano findo,



realizou-se no Centro de Instrução de Operações Especiais (CIOE), em Lamego, a cerimónia de encerramento do curso de operações especiais para oficiais e sargentos do QP.

Concluíram este curso 11 oficiais (sendo um do Exército Espanhol) e 13 sargentos, aos quais foi entregue a boina verde e imposta a insígnia de operações especiais.

A cerimónia foi presidida pelo Comandante da Região Militar do Norte, General Guerreiro Ferreira.



Dia Festivo do Centro de Selecção do Porto

Comemorou-se no passado 10 de Janeiro o Dia Festivo do Centro de Selecção do Porto, estabelecimento militar que tem por missão seleccionar e classificar os jovens recenseados militarmente no Norte do País, determinando-lhes o grau de aptidão psicofísica para o serviço militar.

Presidiu à cerimónia o Comandante da Região Militar do Norte, General Guerreiro Ferreira, a quem foram prestadas as devidas honras militares.



DA REGIÃO MILITAR DO CENTRO

Centro de Selecção de Coimbra comemora 12.º aniversário

O Centro de Selecção de Coimbra, instalado no Convento de Santa-Clara-a-Nova, festejou no passado dia 16 de Janeiro o seu 12.º aniversário.

A cerimónia foi presidida pelo Comandante da Região Militar do Centro, General Fausto Marques, e contou com a presença, entre outras, dos directores do Serviço de Pessoal do Exército e da Armada, do director do Centro de Estudos Psicotécnicos do Exército e dos representantes do director do Serviço Pessoal da Força Aérea, do Presidente do Tribunal da Relação de Coimbra e do Presidente da CMC.

Esta data, 16 de Janeiro, corresponde ao início da actividade do CSC como "centro piloto", de acordo com a deliberação tomada em Conselho de Chefes dos Ramos em 25 de Outubro de 1977.

O Dr. Reis Marques proferiu uma palestra subordinada ao tema "As alterações psíquicas e o serviço militar".



Durante o período das festividades esteve patente ao público de Coimbra uma exposição alusiva às actividades gerais

dos três Ramos das Forças Armadas e ainda às do Centro de Selecção.

DA ZONA MILITAR DOS AÇORES

Comandante da ZMA visita o RIAH

Em 5 de Dezembro de 1989, o Brigadeiro Bacelar Begonha, recentemente empossado no cargo de Comandante da Zona Militar dos Açores, visitou o Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo, instalado na Fortaleza de S. João Baptista.



Fogos reais na Ilha Terceira

Na região da Baía da Mina, na Ilha Terceira, o Batalhão Operacional do Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo realizou exercícios de fogos reais com morteiros 120 e 81 e metralhadoras pesadas, no dia 6 de Dezembro último.

Juramento de Bandeira no RIPD

O Comandante da ZMA, Brigadeiro Bacelar Begonha, presidiu ao Juramento de Bandeira do 3.º T/89 no Regimento de Infantaria de Ponta Delgada.

Os convidados e os familiares dos novos militares tiveram a oportunidade de assistir a uma excelente demonstração táctica onde foram postos à prova os ensinamentos ministrados na recruta.



DA 1ª BRIGADA MISTA INDEPENDENTE

Liga dos Bombeiros Portugueses atribui medalha de serviços distintos ao ABSM

A Liga dos Bombeiros Portugueses, por proposta da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Constância, atribuiu ao Agrupamento Base de Santa Margarida a sua medalha de serviços distintos (grau prata), com o fim de agradecer, distinguindo, àquela Unidade como sendo a que maior apoio logístico lhe prestou, ao longo dos vários anos.

A cerimónia da entrega da condecoração teve lugar em 22 de Dezembro do ano findo e foi presidida pelo Brigadeiro Comandante da 1ª Brigada Mista Independente e do CIMSM. Contou, também, com a presença do Presidente da Câmara



ra de Constância, do Vice-Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, da Direcção e Comando da Corporação de Bombeiros de Constância e de uma delegação de bombeiros, para além de ofi-

ciais, sargentos e praças e pessoal civil da Unidade e, ainda, dos familiares dos soldados-recrutados do 3º T/89 que antes tinham prestado Juramento de Bandeira.

DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

Ministro da Administração Interna visita Comando-Geral

No passado dia 30 de Janeiro, o Ministro da Administração Interna, Dr. Manuel Pereira, recentemente empossado neste cargo, visitou o Comando-Geral da GNR, tendo-lhe sido prestadas as honras militares protocolares por uma Companhia de Infantaria com banda de música e fanfarra.

O Comandante-Geral da GNR, Gene-



ral Francisco Cabral Couto, proferiu palavras de boas vindas às quais o Ministro, em breve improvisado, respondeu, salientando a importância desta força militar de segurança.

O Ministro da Administração Interna, acompanhado pelo Secretário de Estado da Administração Interna e pelo Secretário de Estado Adjunto, assistiu a uma exposição sobre o passado histórico, actividades presentes, necessidades e perspectivas futuras da Guarda Nacional Republicana, tendo-se seguido um almoço na Messe de Oficiais do Carmo.

Bolsas de estudo da NATO



Dada a recente evolução dos acontecimentos nos países de Leste, a NATO entendeu incrementar as relações Leste-Oeste, fomentando informação alargada sobre o funcionamento das instituições democráticas, nomeadamente das instituições governamentais e, ainda, do papel dos "media" e de outras instituições não governamentais. Assim, decidiu criar um novo programa de bolsas de estudo, integrado num programa já es-

tabelecido desde 1956 para os países da NATO.

Deste modo os cidadãos dos países do Pacto de Varsóvia poderão agora beneficiar dessas bolsas de estudo devendo, para tal, dirigir-se às embaixadas dos países da NATO. As candidaturas serão aceites durante o mês de Março do corrente ano e as primeiras bolsas deverão ser concedidas já em Maio.

Coord. Cap MARQUES FERNANDO

O EXÉRCITO NO APOIO ÀS POPULAÇÕES ATINGIDAS PELAS CHEIAS

Sem dar nas vistas, como é seu timbre, aí está a acção do Exército, uma vez mais, em tempos difíceis para o País, por causa do mau tempo que assolou o território continental, a valer, com meios humanos e materiais, à população civil.

Com efeito, as fortes chuvas fizeram transbordar as barragens e estas os rios que transbordaram as suas margens transformando-se em verdadeiros mares de água doce... muito azeda para as populações vizinhas e para a agricultura, fonte da sua economia.

Assim, a Região Militar do Norte desencadeou a operação "Calamus" para acorrer à calamidade provocada pelas cheias do Rio Douro, em Dezembro passado.

Com o fim de apoiar o Serviço Nacional de Protecção Civil e as autoridades civis competentes, a zona de acção foi dividida em duas áreas distintas, uma compreendida entre a Fronteira e o Meridiano de Mesão Frio (à responsabilidade do CIOE - Centro de Instrução de Operações Especiais, em Lamego) e outra delimitada pelo mesmo meridiano e a foz do rio Douro (sob o directo comando da Região Militar). Procedeu-se ao transporte de bens diversos das populações civis e à



evacuação de inúmeras pessoas em viaturas e barcos pneumáticos do CIOE e do Regimento de Infantaria de Vila Real, única maneira de pôr a salvo aquela gente aflita e os seus haveres da fúria das águas na região da Régua. Foram também fornecidas rações de combate, colchões e cobertores ao Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto e à Delegação da CVP naquela cidade.

O Regimento de Artilharia da Serra do Pilar (RASP) colaborou com os bombeiros de Vila Nova de Gaia na recuperação de embarcações de pesca da zona ribeirinha de Afurada.

A Região Militar do Centro teve idêntica actuação, empenhando material diverso, nomeadamente viaturas de vários tipos (jeeps, unimogs, auto-tanques, atrelados-água, prontos-socorros), barcos pneumáticos, moto-bombas, equipamento de transmissões, tendas (para abrigo de famílias desalojadas), colchões e cobertores; foram, ainda, fornecidas cerca de 1500 refeições a bombeiros, pessoal da CVP e muitos desalojados.



As populações mais apoiadas foram as do Rossio ao Sul do Tejo, Alvega e Rio de Moinhos.

Após as inundações, Abrantes ficou sem água e, então, o Regimento de Infantaria daquela cidade (RIA) apoiou, com auto-tanques e atrelados-água, o fornecimento do precioso líquido a várias escolas e instituições de caridade.

Ainda nas margens do Tejo, na zona de Santarém, se verificou o apoio militar, através da entrada em acção do plano de operações "Tejo Grande" da Escola Prática de Cavalaria, unidade da Região Mi-





litar de Lisboa, e do plano de operações "Tejo" do Estado-Maior da Armada, acções que foram conjugadas com a actualização do Centro Coordenador Distrital da Protecção Civil de Santarém. Este apoio envolveu forças da EPC, EPE, do Destacamento de Fuzileiros, do Destacamento de Helicópteros (da Força Aérea Portuguesa) e traduziu-se na evacuação de pessoas e bens, evacuação de gado e transporte de rações para o mesmo, re-

cuperação de viaturas civis, reparação de pontões, busca de desaparecidos, evacuação de doentes, etc..

O mau tempo estendeu-se à costa algarvia e a Região Militar do Sul prestou, também, a sua prestimosa colaboração à população do Algarve, particularmente em Tavira e Faro, levando a cabo operações de desobstrução e limpeza das artérias ribeirinhas.

O Destacamento do Regimento de In-



fanteria de Faro, em Tavira, procedeu à lavagem e secagem de roupa de parte da população impossibilitada de o fazer.

O RI Faro empenhou grande parte do seu efectivo na construção e reforço de diques na zona sul da estrada Faro-Olhão.

A Escola Prática de Engenharia, através da sua Companhia de Pontes, com toda a eficiência e prontidão, montou em Tavira, sobre o rio Gilão, uma ponte Bailey, que restabeleceu a ligação entre as suas margens, que até então era garantida por uma vetusta ponte romana, ora parcialmente destruída pela torrente daquele curso de água.

Enfim, o tempo amainou, a população já não está em pânico, o Exército regressou a quartéis e a sua meritória acção, que quase passou despercebida, caiu na indiferença do esquecimento...



LESTE - 1990: O ANO DE TODAS AS ELEIÇÕES



RDA:

Eleições: 18 de Março

O Partido Comunista, em maré de dificuldades, a enfrentar pressões internas para se dissolver, multiplica esforços de cosmética, viu aceite uma das suas propostas; preparar um governo de maioria não comunista, de transição, até às eleições, antecipadas de 6 de Maio para 18 de Março. Criada a Aliança Eleitoral 90, formada por seis partidos da oposição para concorrer às eleições.

Gorbatchev, quando da visita de Mordrow à União Soviética, reconheceu a legitimidade da unificação da Alemanha. Atitude bem aceite pela RFA que pensa deverem ser respeitadas as fronteiras como as decisões dos parlamentos sobre a reunificação.

O Congresso da Central Única, que deveria durar dois dias, durou 40 minutos por a maioria dos delegados não aceitar os quadros da organização que fazem parte da "velha guarda" comunista.

O alemão ocidental Willy Brandt foi eleito presidente de honra do PSD da RDA.

No campo da ECONOMIA, a abertura das fronteiras levou à fuga de muita mão-de-obra especializada e gente jovem. A RDA é, no entanto, o país de Leste com melhor base industrial e conta com substancial apoio da RFA.

União Soviética:

Eleições, em todas as Repúblicas, para os governos locais e para o Soviete Supremo

As eleições já se iniciaram em Dezembro e prolongar-se-ão até ao Verão. É na-

tural que em todas as Repúblicas o Partido Comunista enfrente o desafio dos nacionalismos locais. As três repúblicas bálticas - Estónia, Letónia e Lituânia - são as que estão mais perto do multipartidarismo emergente na Europa de Leste.

No Azerbaijão, como na Arménia, na Ucrânia e na Geórgia as reivindicações nacionalistas causaram grandes alterações da ordem que motivaram a declaração do estado de emergência e o envio de tropas para reforço das acções policiais.



Os estudantes universitários vão deixar de fazer exame final de marxismo-leninismo a que eram obrigados, independentemente da carreira escolhida. Além disso, várias outras disciplinas mudaram de nome ou de conteúdo como, por exemplo, o lugar de história do PCUS passou a ser preenchido pela história política e social do século XX.

Inédita também foi a manifestação, no centro de Moscovo, que reuniu três centenas de milhar de pessoas, reclamando mais reformas políticas e económicas. Isto em vésperas de reunião do Comité Central do PCUS, que prepara a próxima sessão do Soviete Supremo, para definir a forma de trabalho dos deputados do Partido.

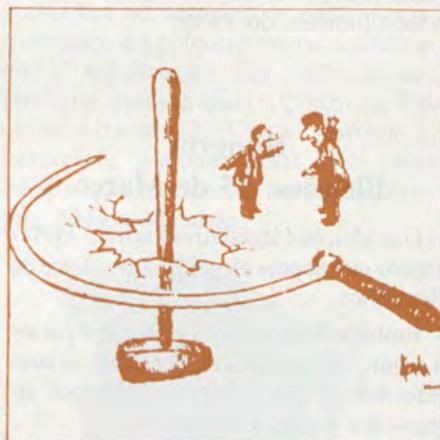
Roménia

Eleições: 20 de Maio

A situação política é ainda muito confusa, com a Frente de Salvação Nacional (FSN) a sofrer grande contestação, especialmente depois de ter anunciado a intenção de concorrer às eleições. É

acusada de continuar as práticas comunistas e de não dar tempo à oposição para se preparar para as eleições.

O Conselho da FSN acaba de propor aos partidos políticos da oposição que participem no Conselho Nacional Provisório (CNP), para a supervisão das eleições. O CFSN irá dividir-se em: CNP, que deterá o poder executivo e a FSN para participar nas eleições. A oposição pretende que o CNP conte com cem lugares, dois terços dos quais não pertencentes à FSN.



No campo da ECONOMIA o desastre é completo, com a população a tomar conhecimento da realidade que era encoberta pela estatística do partido comunista. Recorrendo aos abastecimentos preparados para a exportação, a Frente espera satisfazer, temporariamente, as principais necessidades.

Polónia

Eleições:

Em 4 de Junho de 1989

Das eleições condicionadas, então realizadas, resultou a formação de um governo não-comunista, o primeiro em países de Leste, presidido por Tadeus Mazowiecki.

O Partido Operário Unificado Polaco (POUP) foi dissolvido e substituído por dois: os ortodoxos fundaram o partido da Social-Democracia da República da Polónia; os reformistas, liderados por Fiszback, criaram a União Social-Democrata.



No campo da ECONOMIA, com uma dívida externa de 39 bilhões de dólares, baixa produtividade e inflação a rondar os 600 por cento, enfrenta gravíssimos problemas. Acaba de aprovar um plano para a introdução da economia de mercado, redução de subsídios e convertibilidade limitada do Zloty.

Hungria

Eleições: 25 de Março

Das eleições legislativas sairá o Parlamento que depois elegerá o Presidente da República.

Embora fosse um dos primeiros países a seguir uma política de abertura, as suas reformas já foram ultrapassadas por alguns dos países vizinhos.



O Primeiro-Ministro Nemeth afirmou em Estrasburgo o desejo de ver o seu país aderir ao Conselho da Europa "como membro de pleno direito ainda este ano".

O Parlamento aprovou uma lei que garante a liberdade de consciência e de religião, como direito constitucional. A Igreja é reconhecida como instituição autónoma e o Estado não pode interferir nos seus assuntos internos. Foi reintroduzido o ensino religioso. Aprovou ainda nova legislação que liberaliza as leis de imprensa e permite a todos os cidadãos fundarem novos jornais, estações de rádio e televisão.

Checoslováquia

Eleições: Junho

Das eleições resultará um Parlamento que escolherá o novo Presidente da República. A oposição pretende que antes se realizem as eleições locais e as regionais para as assembleias checa e eslovaca.

Em menos de seis semanas a situação alterou-se radicalmente: um Presidente não-comunista e um governo em que predomina a anterior oposição reunida em torno do "Forum Cívico", que permaneceu solidamente unido.



O Primeiro-Ministro Calfa demitiu-se do Partido Comunista, cujo aparelho vai ser reduzido em cerca de 80 por cento e o do comité central em 77 por cento.

É o país de Leste que reúne as melhores condições para prosseguir o processo de mudança iniciado.

No campo da ECONOMIA o endividamento externo é reduzido e apoia-se numa base industrial sólida, ainda que antiquada. A desvalorização da moeda e o desejo de sair do COMECON denunciam forte determinação para alterar o sistema económico. O país "fará todos os possíveis para criar rapidamente as condições para a abertura da sua economia", segundo o seu primeiro-ministro.

Bulgária

Eleições: Maio

A oposição rejeitou a proposta do PCCB de formar um governo de coligação e põe condições antes de se pronunciar sobre as eleições.

A União das Forças Democráticas (UFD), que reúne 13 partidos, pretende



um governo de "consenso nacional", eleições em Maio e a supressão do domínio do PCB e do estado sobre a cultura, a economia e outros sectores do Estado.

O projecto da nova constituição suprime o papel dirigente da classe operária e a ideologia marxista-leninista e introduz uma "economia socialista de mercado".

No seu congresso extraordinário o PCB abandonou os velhos dogmas do centralismo democrático e da economia planificada, mas conservou o seu antigo nome. A declaração política pronuncia-se a favor de "eleições livres", do "multipartidarismo" e de uma "democracia parlamentar".

No campo da ECONOMIA têm sido feitas muitas promessas de reformas, mas o avanço tem sido muito lento. Há falta de alimentos, com tendência para o agravamento, e a produtividade permanece baixa.

"ESTADO DA UNIÃO"

O discurso anual do Presidente dos Estados-Unidos perante o Congresso, em que dá a conhecer as grandes linhas de acção política, interna e externa, e as orientações para o orçamento, é conhecido por discurso do "Estado da União", foi este ano marcado pela mais recente proposta de redução de efectivos militares na Europa e pelo orçamento dedicado à defesa.

Bush anunciou ter proposto a Gorbachev uma ampla redução no número de efectivos norte-americanos e soviéticos estacionados na Europa Central. A redução seria para um limite de 195 mil homens e decorre da sua análise de que os recentes acontecimentos na Europa de Leste provocaram "transformações tão profundas que marcam o início de uma nova era mundial". As reduções teriam de ser "assimétricas" - 80 mil homens dos Estados-Unidos e 370 mil da União So-



viética - princípio que Moscovo já aceitou e é natural que os dirigentes soviéticos aceitem a proposta, dadas as exigências da Hungria, Polónia e Checoslováquia para a retirada de todas as forças soviéticas dos seus territórios. Os observadores admitem que os limites apontados tornariam improvável uma acção ofensiva de qualquer dos lados.

Da proposta do Presidente Bush resultará, naturalmente, uma redução nos gastos militares o que responde, em parte, às fortes críticas dos congressistas da oposição que estão extremamente descontentes com a proposta do Pentágono de pequenos cortes nos gastos com a defesa.

RESPONSÁVEIS DE LESTE E DE OESTE DEBATEM DOCTRINAS MILITARES

Os principais responsáveis militares da Europa, tanto do Leste como do Ocidente e da América do Norte reuniram-se em



Viena para um diálogo, sem precedentes, sobre as suas políticas de defesa. O seminário reuniu mais de 20 chefes de estado-maior, no quadro das negociações sobre as medidas de confiança (CSBM) estabelecidas pelos 35 países da Conferência sobre a Segurança e a Cooperação na Europa, com excepção da Albânia.

Em reunião à porta fechada foram discutidas as respectivas doutrinas militares, a estrutura das Forças Armadas e a forma como encaram os seus orçamentos para a defesa. O encontro dos chefes do estado-maior foi continuado entre peritos e responsáveis militares.

“O COMECON OU MUDA OU MORRE”

O Conselho para a Assistência Económica Mútua (COMECON) - equivalente, no Leste, à Comunidade Europeia - abriu as suas portas à economia de mercado e vai iniciar o seu processo de reforma, ao longo de um período de transição de três a cinco anos. Ao fim de dois dias de conversações as forças mais reformadoras, lideradas pela Hungria, Polónia e Checoslováquia conseguiram, assim, fazer prevalecer os seus pontos de vista.

O COMECON, tal como tinha sido concebido no pós-guerra, para coordenar as economias e as trocas comerciais entre os países de Leste, já se encontrava, virtualmente, condenado. As reformas aprovadas em Sófia prevêem que as trocas comerciais entre os países do Leste europeu se realizem com base nos preços do mercado mundial, e não em valores estabelecidos artificialmente, pretendem encorajar os laços comerciais com o Ocidente; e, para facilitar a evolução, apontam para a criação de uma nova moeda convertível, em substituição do rublo transferível, sem cotação internacional.

Antes da reunião na capital búlgara ha-

via quem admitisse a possibilidade de o COMECON acabar. No entanto, a comunhão de interesses entre os Estados-membros acabou por funcionar como um factor de coesão, pelo menos enquanto decorrer o período de transição para a criação de um novo sistema de trocas.

VENTOS DE MUDANÇA TAMBÉM NA ÁFRICA DO SUL

Num histórico discurso, proferido na Cidade do Cabo para inaugurar a sessão parlamentar, o Presidente Frederik de Klerk suprimiu os principais obstáculos à abertura de negociações entre o regime branco e a oposição negra, anunciando a legalização das organizações proibidas, entre as quais o Congresso Nacional Africano (ANC) e a “próxima libertação”, incondicional, do líder histórico do movimento nacionalista negro, Nelson Mandela.



Mandela, agora com 71 anos, foi condenado em 1964 a prisão perpétua, por sabotagem e tentativa de derrube do regime. Hoje, Mandela é o mais célebre prisioneiro político do mundo e o símbolo vivo de resistência à política de “desenvolvimento separado”. As restrições à liberdade foram ainda extensivas a 374 oposicionistas e a 33 organizações, em que também se inclui o partido comunista.

O acolhimento às iniciativas de De Klerk foi de muita satisfação e mesmo entusiasmo nas principais capitais, por representarem uma alteração profunda da política sul-africana, ainda não previsível há poucos meses.

“Presidência Verde”

A Irlanda assumiu a presidência do Conselho das CE, no primeiro semestre de 1990, elegendo como prioridade de actuação: preparação da conferência intergovernamental sobre a união económica e monetária, a protecção do ambiente, procurando assegurar uma “presidência verde”, e as relações com os países de Leste.

Quanto à primeira das prioridades o programa prevê que uma vez concluídas as medidas respeitantes à primeira fase, que se inicia a 1 de Julho, se entrará na preparação da conferência intergovernamental, que abrirá caminho às duas fases seguintes. Por outro lado, o Conselho de Dublin analisará, também, o relatório da Comissão Europeia sobre todos os aspectos da UEM, o qual deverá estar concluído em Março.

A presidência irlandesa defende também o reforço dos poderes do Parlamento Europeu. No tocante ao ambiente, a Irlanda prometeu tentar alcançar progressos substanciais no que se refere à redução da poluição atmosférica, à protecção dos “habitats”, à qualidade da água e no acesso à informação. A Comunidade deverá manter o seu “papel catalizador vital”, no sentido de uma acção efectiva em todas as áreas do globo que enfrentam problemas ambientais como o das alterações climáticas e a destruição das florestas tropicais, segundo o pensamento da nova presidência.

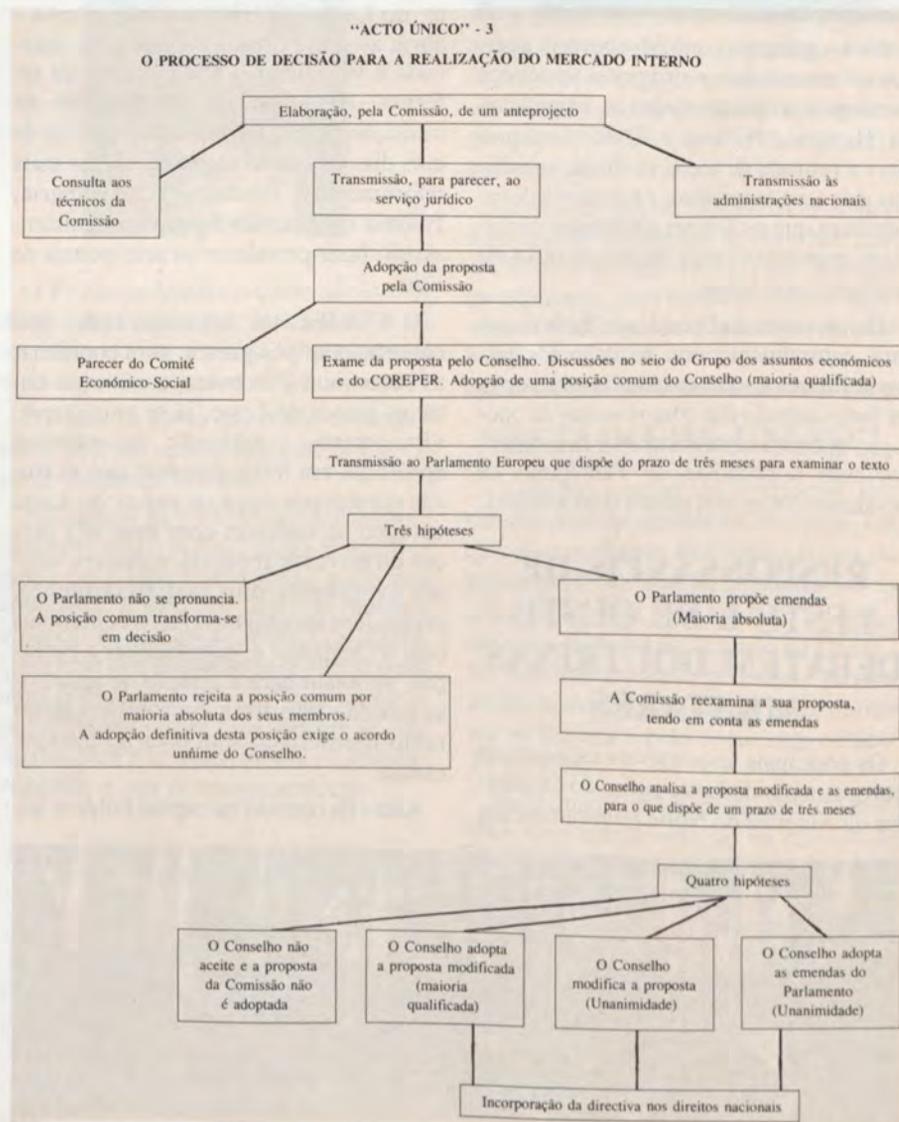
A conclusão de um relatório elaborado pela Comissão Europeia, sobre A SITUAÇÃO ultraperiférica DOS ARQUIPÉLAGOS DOS AÇORES E DA MADEIRA, e destinado às autoridades nacionais e regionais portuguesas, salienta que “importantes fundos estruturais são uma condição necessária, mas provavelmente não suficiente, ao desenvolvimento daquelas regiões longínquas e insulares”. Por isso, o seu desenvolvimento passa pela aplicação diferenciada de certas políticas comunitárias nas duas Regiões Autónomas.

A Comissão das CE concedeu cerca de 143 milhões de contos para o FINANCIAMENTO DE 11 PROGRAMAS OPERACIONAIS de formação profissional e emprego em Portugal, a realizar nos próximos quatro anos. Trata-se de uma dotação do Fundo Social Europeu para programas de formação, integração e emprego de jovens, desempregados de longa duração, mulheres, trabalhadores emigrantes e deficientes, os quais deverão abranger mais de meio milhão de pessoas.

A taxa de imposto sobre o valor acrescentado (IVA) que incidia SOBRE A GASOLINA SUPER EM PORTUGAL em Dezembro último - oito por cento - era a mais baixa entre os Doze. Uma das propostas de directiva da Comissão, no âmbito da harmonização fiscal da CEE, é a adopção de um intervalo, entre 14 e 20 por cento, para as taxas de IVA sobre a gasolina super e o gasóleo.

OS PREÇOS AGRÍCOLAS PARA A CAMPANHA DE 1990/91 deverão ter um complemento geral, se for aprovada a proposta da Comissão Europeia a ser discutida em Março. Em compensação, serão concedidas ajudas comunitárias de cerca de mil escudos por hectare a todos os pequenos produtores. A proposta abrange somente 15 por cento dos produtos portugueses, por ser este o último ano em que Portugal tem a competência para fixar os seus preços agrícolas.

A CONVENÇÃO DE LOMÉ IV, para a cooperação entre os países de África, Caraíbas e Pacífico (ACP) e a CE foi assinada, a 15 de Dezembro último, na capital do Togo, cobrindo pela primeira vez um período de 10 anos. Privilegiando, assim, os projectos de longo prazo, como condição indispensável ao desenvolvimento estrutural daqueles países, na esteira dos objectivos de longo prazo de Lomé III no tocante à promoção de um desenvolvimento mais auto-sustentado, ao papel essencial ao desenvolvimento rural e à concentração da ajuda nas políticas estruturais, embora também contenha novas disposições que permitem à Comunidade intervir no curto prazo.

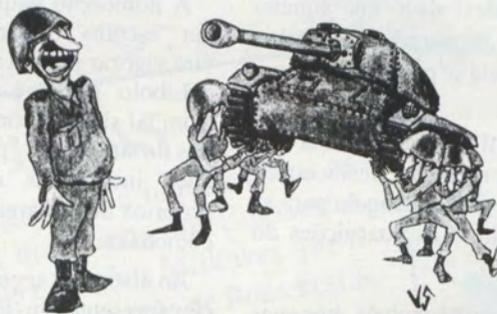


Esta página é dedicada à reprodução fac-similada de artigos ou ilustrações que fizeram época neste Jornal ou no Exército nestes últimos 30 anos.

BOM HUMOR NA TROPA



SEM LEGENDA



OMBRO... ARMA!!!



— SENTINELA! QUE ESTA AQUELA MULHER A FAZER DENTRO DO PAIOL?
— É...É... UMA «LOIRA EXPLOSIVA», MEU CAPITAO!

Pelo Cor MÁRIO DE MENDÇA FRAZÃO

Memórias de um V.A. (Viajante Aéreo) - I

Regressado de uma missão de seis meses no interior de Angola, missão relacionada com ameaças alemãs de se apoderarem da zona do Libolo durante a fase mais eufórica das campanhas tedescas na Europa, encontrava-se o futuro V.A. desfrutando certa noite o aconchego, do lar quando foi chamado ao Quartel-General de Luanda.

Ali tomou conhecimento pormenorizado da situação: deflagrara há pouco uma sublevação dos povos Mucubais no Distrito de Moçâmedes; dado que aqueles povos praticam a transumância, a rebelião estava em toda a parte, em todo o Distrito.

O Comando Militar da Província não esteve com meias medidas: deslocou toda a guarnição do Sul de Angola para as operações, reduzindo as guarnições do Sul a zero.

Aconteceu que os Mucubais, nas suas deslocações vieram a orientar-se sobre Benguela, desprovida de qualquer guarnição militar.

O facto causou certo pânico, levando o Governador do Distrito a solicitar me-

didias de protecção da população.

O Comando respondeu com uma "obra de fachada": nomeou 2 oficiais, 3 sargentos e 4 cabos para, na manhã seguinte, se deslocarem para Benguela utilizando o único avião existente (D.T.A.). A missão daquele núcleo era defender Benguela com tropas a "arrebancar": praças que à data da saída da Companhia para as operações se encontravam de licença, ausentes ou doentes no Hospital, reservistas-voluntários, etc..

A nomeação daquele núcleo foi feita por "escolha" (sistema que o futuro V.A. vira vigorar já para a sua nomeação para o Libolo (1939) e até ao ano de 1963. Com tal sistema conseguiam os Comandos furtar os seus "protegidos" a nomeações incómodas e livrarem-se eles próprios de reclamações igualmente incómodas).

Ao alvorecer seguinte àquela convocação apresentaram-se no Campo de Aviação os 9 escolhidos; ali depararam com o avião de transporte, um BEECH-CRAFT (bimotor, de asa baixa e de 550 HP).

O piloto, subalterno de Aviação, fran-

ziu o nariz ao contar os pretendentes a embarque: o avião destinava-se ao transporte de 6 passageiros e de 2 tripulantes = 8.

Com 1 tripulante e 9 passageiros = 10, um excesso de 25% de carga!

Como a situação era de excepção (a defesa da população de Benguela) o piloto assumiu as responsabilidades e as dificuldades e passou a raciocinar alto, para nosso entendimento:

"O pior é a descolagem... depois a situação melhora continuamente dado o consumo de combustível..."

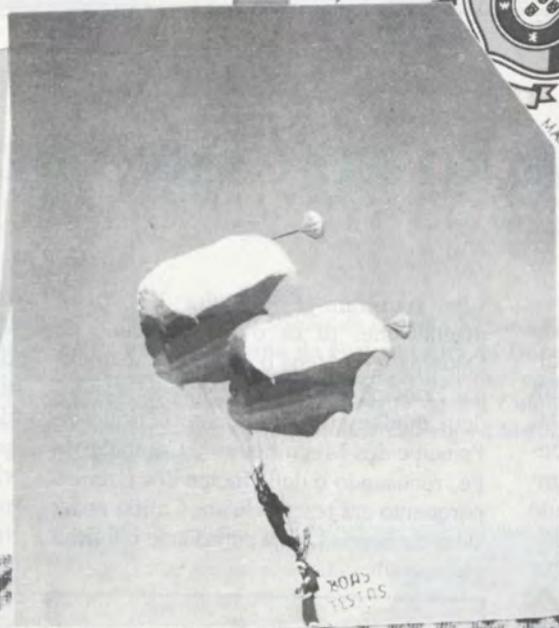
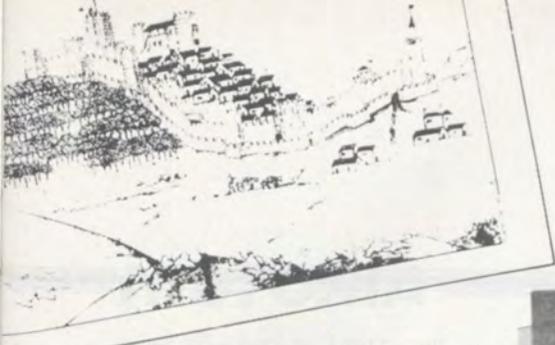
Vieram depois as instruções:

— Logo que o avião comece a rolar, vocês deslocam-se para a frente do avião; ao aproximarmos da vala que limita o campo vocês correm para a rectaguarda: isto deverá fazer levantar o focinho do avião. Vamos!

E foram! Piloto, aparelho e passageiros houveram-se o melhor possível.

A viagem decorreu tão bem que só muito depois de estarem no ar se lembraram de que estavam recebendo o seu "baptismo de voo".





BOAS FESTAS
 O Jornal do Exército agradece a todos os seus assinantes, leitores e amigos, bem como aos Comandos, Unidades, Estabelecimentos e Órgãos Militares que tiveram a amabilidade de endereçar votos de Boas Festas. A todos retribui e deseja um ótimo ano de 1990.



A ACLAMAÇÃO NO CAMPO DE BATALHA

I

Até 1945 eram Duarte Galvão e Fr. António Brandão os cronistas a quem principalmente recorriam os estudiosos para lerem aquela verdade, há muito sabida, de que o infante filho do conde D. Henrique fora aclamado rei no próprio campo de batalha, em 1139. Mas nesse ano apareceu publicado o códice 886 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, que outrora havia pertencido ao mosteiro de S.^a Cruz de Coimbra. Deve-se a Artur de Magalhães Basto o grande mérito da publicação. Uma vez publicado verificaram os eruditos não só aquela verdade escrita em fonte anterior como também muitas outras coisas que esclareceram determinadas questões. Entre essas questões destacamos um pormenor que reputamos de transcendente importância histórica. É este pormenor — que rigorosamente consiste em apenas uma letra de certa passagem do texto — aquilo que vai constituir a matéria central do presente trabalho.

Podemos, no entanto, alargar um pouco a matéria aqui tratada, estabelecendo um paralelo entre D. Afonso Henriques e um outro guerreiro muito conhecido: Yusuf bin Tashufin, o vencedor de Zalaca, batalha travada nas planuras de Badajoz cinquenta e três anos antes da de Ourique. E não poucas vezes temos pensado que tivesse A. Herculano conhecido o paralelo talvez não houvesse escrito que a aclamação em Ourique fora um “facto adverso à tradição”.

II

Assim como Afonso, filho do conde D. Henrique, foi alçado por rei, também Yusuf foi aclamado Príncipe dos Muçulmanos e Campeão da Fé, por virtude da sua acção em Zalaca. E é curioso notar o modo de cada uma destas aclamações. Quanto a D. Afonso Henriques sabe-se que “os senhores e os grandes homens que estavam com o Príncipe pediram-lhe que consentisse em que o fizessem rei”. Mas logo a resposta foi: contento-me em ter honra e senhorio entre vós, porque fui sempre de vós bem servido. E acrescentou: não me quero chamar rei nem o ser. Ora também após Zalaca os “sheikhs” e os notá-

veis reuniram-se à volta de Yusuf dizendo-lhe: tu és o representante de Deus na terra; tens o direito de te apelar Príncipe dos Crentes. Mas ele respondeu: que se contentava com o título de Príncipe dos Muçulmanos e Campeão da Fé, recusando o de Príncipe dos Crentes porquanto era reservado aos Califas abássidas de Bagdad, cuja autoridade religiosa ele reconhecia.



Mas uma vez que terminara a conquista do Andaluz, e após saudado com aqueles títulos pelos quinze reis de taifas então existentes, entenderam os Ulemas que Yusuf devia comunicar com o Califa a dar-lhe parte dos seus feitos, sobretudo para que através do competente rescrito pudesse ele exercer a sua soberania como uma emanação da autoridade do Califa. E então este remeteu-lhe o documento de investidura naquele título dúplice, os mantos honoríficos e as bandeiras. Com o nosso Rei sucedeu coisa parecida. Reconhecia ele a autoridade do Papa de Roma, enviando-lhe mais tarde emissários pedindo o reconhecimento do seu título à face da cristandade. O resultado é bem conhecido: o Papa expediu a bula **Manifestis probatum**.

Até aqui vimos semelhanças entre as duas aclamações dos dois chefes milita-

res, embora de fé oposta. Agora vamos ver a diferença fundamental: o momento da aclamação. É que embora não tenhamos notícia de que Yusuf fosse aclamado imediatamente a seguir à batalha, e no próprio campo dela, com D. Afonso Henriques a aclamação ocorreu efectivamente no campo da lide. Mas em que preciso momento?

Sempre pensámos, apenas na base da intuição do modo como os acontecimentos se iam desenrolando, que o alçamento tivera lugar quando D. Afonso Henriques e os seus se viram circundados a toda a volta pela mourama, na tática ancestral deles. Nessa altura o caminho era: ou vencer, ou morrer. O espectáculo que podia ser observado deve ter sido a causa do alçamento. Os guerreiros ficavam a ver na frente a sorte que lhes estava reservada caso perdessem a lide. Por isso, como diz Vaseu, “... proelium commissurus, rex ab exercitu salutatus est”.

E na realidade é a conclusão a que temos de chegar depois de publicado o códice 886, que actualmente é conhecido por **CRÓNICA DE CINCO REIS DE PORTUGAL**. Diz a crónica assim: “... quando os mouros também foram postos no campo... os senhores e os grandes homens que estavam com o príncipe disseram, senhor nós vimos a vós para que nos façais uma mercê que será grande honra aos que morrerem e a toda a sua geração...”. Um peticionante que fala desta maneira mostra que o pedido era feito antes da lide; pois caso contrário teria dito “aos que morreram”. Os especialistas da literatura portuguesa, mestres universitários e outros, incidiam a sua atenção mais sobre a provável origem da mão que escreveu a crónica, sobre o estilo empregue e sobre outros ângulos da crónica. O que nunca vimos foi alguém afirmar que a fala ali dirigida ao chefe reproduzia um facto autêntico. Afirmamo-lo nós. Aquela letra **E** no vocábulo **morrerem** é a prova de que a aclamação régia teve lugar antes da batalha, mau grado a opinião de alguns segundo a qual o facto ocorreu após a lide, por — dizem eles — ser assim mais lógico.

O DESTACAMENTO DO FORTE DO ALTO DO DUQUE

Quando publicámos o “*Dossier*” *Região Militar de Lisboa*, no número de Julho/89, cometemos um lapso ao omitir o Destacamento do Forte do Alto do Duque como Unidade daquela Região Militar. Quando foi feito o reparo logo prometemos ao seu Comando um artigo sobre esta Unidade. Graças à pronta colaboração do seu Comandante, Tenente-Coronel Gonçalves Novo, organizámos este apontamento sobre a história deste Destacamento e do forte que lhe dá o nome.

Um reduto para a defesa de Lisboa

A defesa da capital do País e do seu porto esteve sempre, naturalmente, na primeira linha das preocupações dos responsáveis políticos e militares. À medida que a cidade foi crescendo e os meios técnicos e as táticas de combate foram evoluindo, o sistema defensivo foi-se adaptando às novas exigências. Hoje, o castelo de S. Jorge, o que resta de várias cinturas de muralhas, os fortes que ladeiam as duas margens do Tejo, as célebres Linhas de Torres ou os redutos construídos no século passado para fazer face às ameaças terrestres, quase todos perderam a sua importância militar e são monumentos vivos que contam a história de uma grande cidade, cabeça de um



A entrada do forte é feita através de uma ponte sobre o fosso exterior.

A “*Margarida*” cujo fogo certo susteve a deserção dos marinheiros revoltosos, em 1936.



País de quase nove séculos.

O Forte do Alto do Duque, surgido da reformulação do plano defensivo de Lisboa e do seu porto, de meados do século passado, é dos poucos que ainda desempenha uma função militar importante.

Em 1859 foram nomeados pelo Marechal de Campo José Feliciano da Silva e Costa três comissões para elaboração dos projectos de defesa de Lisboa e respectivo porto que deveriam ter em conta as seguintes directivas:

- organizar a defesa imediata da cidade;
- constituir uma linha defensiva na margem esquerda do rio Tejo, em frente a Lisboa;
- organizar a defesa da barra e do porto de Lisboa, por meio de um conveniente sistema de fortificações nas duas margens do Tejo, em cooperação com as forças navais.

Para a defesa afastada da capital eram postas de parte as Linhas de Torres Vedras e criada uma linha mais próxima que, apoiando o seu flanco direito no rio Tejo, junto à foz da Ribeira de Sacavém, acompanhava o curso desta ribeira por Unhos, Boavista, Ameixoeira e Lumiar, passava por Carnide, Amadora, Queluz, Barcarena, S. Miguel e Porto Salvo e apoiava o seu flanco esquerdo na praça de S. Julião.

Para a defesa próxima era preconizada uma segunda linha que teria por posição central a Serra de Monsanto que, dada a sua cota dominante, deveria ser objecto de forte ocupação. Esta linha deveria apoiar o seu flanco direito no Tejo passando por Palma e à esquerda apoiar-se-ia em Algés passando pelo Alto do Duque.



Uma pequena porta dá acesso ao reduto central do forte.

A concretização deste plano foi lenta sofrendo uma reformulação em 1887 com a criação da "Grande Comissão de Defesa do Porto de Lisboa". A importância da posição do Alto do Duque manteve-se e sabe-se que a construção do actual foi iniciada em 1875 e supõe-se que esti-

vesse concluída em 1890, a avaliar pela leitura dos mapas de despesa cujo valor global somou 101.840\$18.

Neste último ano foi aquartelado no reduto do Alto do Duque o Regimento de Infantaria de Lisboa, a título temporário, e uma Brigada de Instrução a título permanente.

A Criação do Destacamento

A reestruturação do dispositivo militar da guarnição de Lisboa, iniciada em 1931, levou à criação no ano seguinte, do Destacamento do Forte do Alto do Duque (DFAD). Com efeito, o Decreto nº 21833, de 5 de Novembro de 1932, extinguiu a 7.ª Bateria do Regimento de Artilharia de Costa nº 1 que na altura guarnecia aquele forte. Em sua substituição eram dadas instruções pelo Ministro da Guerra para a constituição de um destacamento especial semelhante ao que guarnecia o Forte de Almada e que teria a seguinte orgânica:

- 1 divisão de Artilharia (com uma peça de 15 cm CTR), a destacar do RAC nº 1;
- 1 pelotão de Infantaria, a destacar do RI nº 5 e dos BC nºs 1, 4 e 6;
- 1 equipa de projectores;
- 1 equipa de TSF.

Um despacho de 4Dez32 do Governador Militar de Lisboa determinava que o Destacamento estivesse formado entre 10 e 15 do mesmo mês.

A missão do DFAD era essencialmente de ordem pública, pelo que se integrava num dispositivo de forças à ordem do Governo Militar de Lisboa.

A sua primeira acção importante ocorreu em Setembro de 1936 aquando da sublevação de marinheiros que tentaram sair a barra, a bordo dos navios, "Afonso de Albuquerque" e "Dão" para se juntarem às forças republicanas espanholas. Foram impedidos graças ao fogo certo das peças que guarneciam o forte do Alto do Duque, entre as quais a célebre "Margarida", com calibre de 15 cm, que ainda hoje se encontra na sua posição local, de onde se disfruta um belo panorama ribeirinho que vai desde a ponte e se estende Tejo abaixo até onde a vista alcança.



O reduto central com a sua porta. Ao fundo a paisagem que se estende

A partir de Março de 1964 o DFAD passa a ter a missão de defender a ponte sobre o Tejo, encargo que deixa de existir a partir de Fevereiro de 1973 por desactivação das peças ali instaladas.

A partir de Julho de 1974 o DFAD passa a garantir a segurança e a fornecer o apoio administrativo-logístico ao recém-

A cisterna, vendo-se no cimo os tubos de entrada das águas pluviais.



HISTÓRIA



a de acesso e fosso interior.
nde para além da ribeira de Algés.

-criado Comando Operacional do Continente (COPCON).

Esta missão de apoio continuou após a extinção daquele Comando, em Novembro de 1975, estando a ser prestada, actualmente, ao Núcleo Permanente do Comando Operacional das Forças Terrestres criado por despacho do CEME, de 1Ago84.

* * *

Quem visita o Forte do Alto do Duque não pode deixar de se impressionar pela grandiosidade subterrânea de uma construção capaz de, ainda hoje, oferecer uma razoável protecção contra armas convencionais. Totalmente enterrado, desenvolve-se em dois blocos separados entre si por um fosso interior. O acesso é feito por uma ponte sobre o fosso exterior que circunda todo o complexo, ao longo do qual se situam os alojamentos da guarnição. Uma pequena porta dá acesso ao reduto central, um autêntico poço dividido em dois pisos, cujas instalações se alinham "encostadas" à sua parede e separadas por corredores da enorme cisterna que ocupa a parte central. Esta cisterna servia para armazenar toda a água das chuvas caída na cobertura do forte, canalizada através de um

complexo sistema de drenagem que não permite infiltrações de humidade na restante área do "poço". Actualmente, a cisterna continua a receber as águas pluviais que, ao caírem no fundo, se somem imediatamente pelos tubos de escoamento, por já não se justificar o seu armazenamento.

É nos dois pisos referidos que se desenvolve toda a actividade do comando e órgãos de apoio do DFAD, bem como dos Comandos superiores que lá funcionam, quando activados.

No miradouro superior situado na cobertura central domina-se toda a bela paisagem circundante do forte, desde o Tejo e toda a área da cidade que da Ajuda, do Restelo, de Belém e de Algés sobe até ao forte, passando pelo vale da ribeira de Algés até ao alto de Monsanto.

Depois de percorrer todos os recantos do Forte do Alto do Duque o visitante não pode deixar de se sentir satisfeito pelas atenções e simpatia com que foi recebido, pelo ambiente de harmonia e disciplina reinante entre a sua guarnição, pela paisagem observa e, sobretudo, pelo óptimo estado de conservação, limpeza e aseo de todas as instalações interiores e exteriores deste monumento.



Os pisos subterrâneos do reduto central e os corredores que circundam a cisterna.

Ao longo do fosso exterior alinham-se os alojamentos enterrados da guarnição.





Nova Colt[®] M16A2

5.56mm NATO

AUMENTO DE ALCANCE E PENETRAÇÃO

A nova Colt M16A2 de cano de 7" de estria permite a utilização de toda a gama de munições 5.56mm, incluindo a munição NATO 5.56mm SS109. Um novo desenho de alça permite de maneira fácil tirar partido do maior alcance e poder de penetração deste novo tipo de munição.

PROVADA EM COMBATE

A Colt M16 é a arma automática de calibre 5.56mm mais exaustivamente provada em combate. Mais de 6.000.000 de armas foram produzidas para equipar as F.A. de mais de 60 países de todo o Mundo. Em cada dez armas calibre 5.56mm existentes no mundo 9 são M16.

LEVE FIÁVEL E ROBUSTA

A introdução de novos desenhos da coronha e punho e a utilização de materiais de grande resistência conferem à M16A2 maior robustez, conforto na utilização e eficiência. A existência de um selector para rajada de 3 tiros permite maior probabilidade de acerto com menor consumo de munições.

ADOPTADA PELA F.A. AMERICANAS

A nova M16A2 é a arma que equipa todas as F.A., dos E.U.A., estando já distribuída ao Corpo de Fuzileiros. Recentemente foi também adoptada pelo Canadá como a arma automática cal. 5.56mm para equipar as suas F.A.

ESPECIFICAÇÕES — M16A2 MODELOS 701 & 705

Calibre	5,56 x NATO
Capacidade p/carregador	30 RD
Peso (s/carregador)	3,4 kg
Comprimento	1,00 m
Velocidade inicial (M193)	991 m/SEC
Velocidade inicial (5,56 mm NATO)	948 m/SEC
Alcance útil (m193)	460 m
Alcance útil (5,56 mm NATO)	800 m
Cadência de tiro (tiro/min)	600-940
Selector de tiro	
Modelo 701	smi-automático
Modelo 705	smi-rajada de 3 tiros

COLT Firearms



Hartford, CT 06101

Pelo Cor Eng.^o BASTOS MOREIRA

Forte da Trafaria

De novo vamos aqui fazer menção à excelente obra de R. H. Pereira de Sousa intitulada "Fortalezas de Almada e seu termo" e, prestando a nossa homenagem e a admiração, é nela que, com a devida vénia, nos vamos basear para estruturar o presente artigo.

Foi das suas páginas que extraímos a totalidade dos elementos escritos e também o elemento figurado. A construção do Forte da Trafaria data dos anos 80 do século XVII quando reinava D. Pedro II. A sua localização, na vertente da margem esquerda do Tejo, perto da Ribeira da Raposeira, frente a Lisboa, não agradou aquele soberano e a algumas Entidades militares com o argumento de que, citamos: "os ventos dominantes do quadrante norte tenderiam a fazer descair os navios sobre o espreado areal com pequenos fundos e uma baixa perigosa, a Pedra de Lage ou Calhau do Mar, o que levaria o eventual inimigo a afastar-se do local, ficando fora do alcance eficaz da artilharia da época. A fortaleza tinha assim a sua utilidade limitada a reduzir o perigo de um possível desembarque".

O armamento de artilharia com que o forte era dotado foi evoluindo e assim no princípio do século XIX, após o desaire militar de Junot durante a primeira invasão francesa e quando da retirada das suas forças, existiam seis peças de bronze e de calibre 36 e oito de calibre 18. No início da segunda década do século passado o seu artilhamento era constituído por oito peças de ferro de calibre 24 e quatro de calibre 18.

Após meados de 1831 ainda contava com treze peças de ferro de calibre 24 e quatro de calibre 18, encontrando-se as peças de 24 montadas em reparos GRI-BEAUVAL.

Do relatório de uma inspecção feita ao forte em 1832 transcrevemos o seguinte passo que se refere aos efectivos e especialidades do pessoal que constituía a guarnição: "5 artilheiros da Brigada Real da Marinha para cada peça, tendo demais 2 soldados de infantaria para auxiliares, e dividida em 3 brigadas pelo sistema de bordo, que me parece dever adoptar-se

em todas as nossas baterias marítimas. E achando-se a guarnição reunida à do presídio, dali recebe reforço em caso de necessidade de soldados de infantaria".

A aplicação que teve este forte variou ao longo dos anos, embora se mantivesse sempre em simultâneo a finalidade de defesa da costa.

Assim, dadas as características da construção e as suas condições de isolamento foi utilizado nos últimos anos do século XVIII e até 1820, como lazareto para quarentenas.

Em 1830 realizaram-se trabalhos de reparação envolvendo a porta de armas, parapeitos, arrecadações, quartel e paiol, além de uma renovação da artilharia.

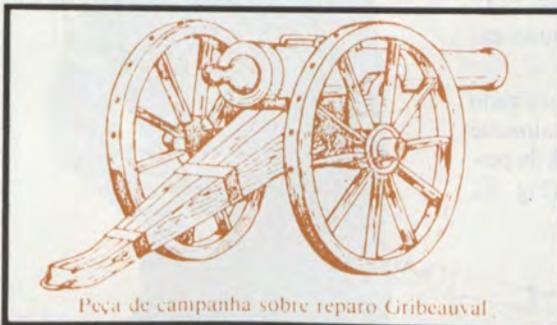
A partir de 1831 começou a ter a função de presídio.

No final das lutas liberais o forte foi abandonado, tendo sido mais tarde, se-

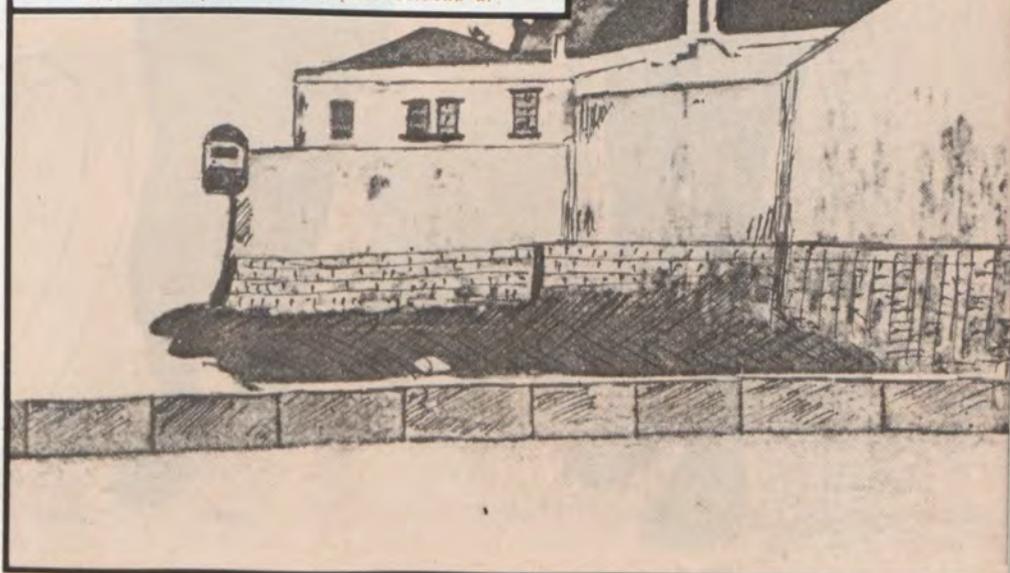
gundo consta, utilizado pela Companhia de Pescarias para uma instalação de uma fábrica de guano de peixe.

No ano de 1917 encontrava-se novamente abandonado; num jornal local foi escrito o seguinte: "Neste Forte está a ermida da senhora da Saúde que há pouco tempo tinha porta e telhado, mas que ameaça próxima ruína. Está transformada em curral de gado! As suas imagens foram passadas para a grande ermida de S. Pedro. É particular, comunica com o Forte, e uma senhora a quem pertence a capela, não se sabe porque bulas, tomou conta do Forte, reduziu-o a horta e jardim".

Após a guerra mundial de 1914-18 e realizadas obras de reparação na ermida, o Forte foi adaptado a Presídio Militar inicialmente sob a jurisdição da Marinha passando depois à do Exército.



Peça de campanha sobre reparo Gribeauval.



Por MANUEL A. RIBEIRO RODRIGUES

Regimento da Cavalaria Nº 6 - Caçadores a Cavalo

Os oficiais vestiam calças de mescla cinzenta, tendo duas listas ao longo das costuras exteriores da cor da gola, que para este Regimento era amarela (Fig. 1).

Botim fechado ou sapato abotinado de couro preto, com esporas de ferro colocadas no tacão.

Luvas brancas com canhão de anta para proteger os braços dos golpes de espada (Fig. 2).

Espada direita com quatro palmos e seis polegadas e meia de comprimento (1,06 m aprox.), tendo o guarda-mão, o pomo e o botão de metal dourado e o punho de fio metálico dourado. Bainha de ferro branco com bocal, ponteira, braçadeira e argolas de metal dourado. Fiador de cordão e pera, tudo de couro preto (Fig. 3).

Talabarte de couro branco com ferragens e argolas de metal dourado. Correias para suspender a pasta e a espada de couro branco. Pasta de couro preto envernizado, tendo ao centro a sigla "M" encimada por uma coroa real, tudo em metal dourado (Fig. 4).

Boldrié de couro branco envernizado com canana de couro preto, igualmente envernizada com uma sigla igual à da pasta, mas, de menores dimensões (Fig. 5).



Fig. 1



Fig. 2

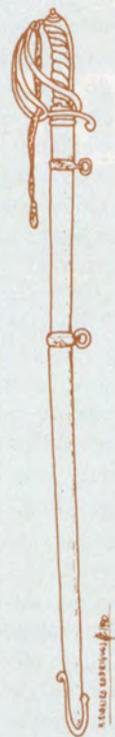


Fig. 3

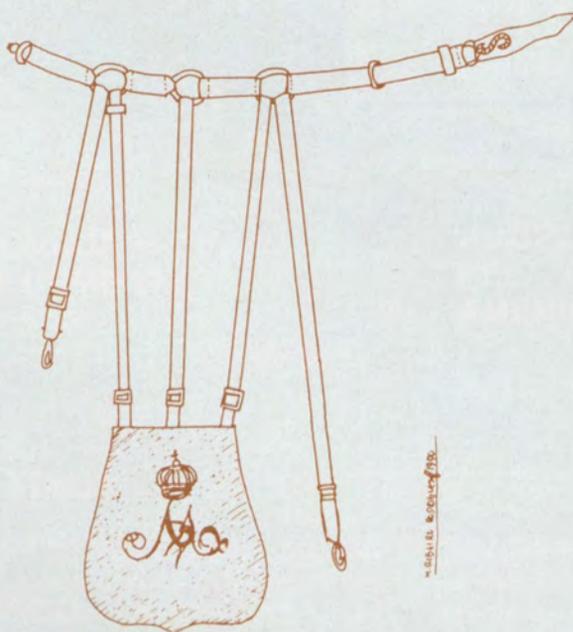


Fig. 4

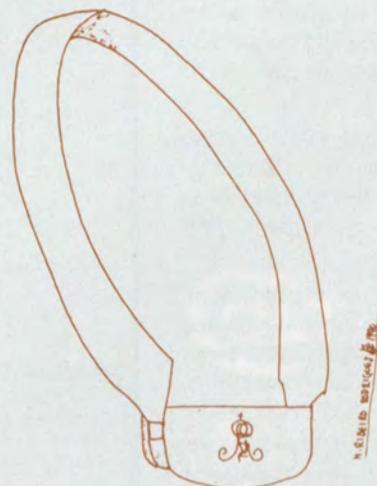


Fig. 5

Pelo Cor Eng.º BASTOS MOREIRA

Breves Apontamentos Históricos

O Carregador de Baterias PROTOM

Entre os equipamentos produzidos ou montados pela indústria nacional com destino às Unidades Militares que seguiam para o Ultramar e também para dotação das Unidades do Continente, encontra-se o rectificador para carga de baterias PROTOM.

Projectado e fabricado por uma firma nacional, aquele equipamento prestou excelentes serviços pela sua boa qualidade e ainda hoje continua a ser utilizado.

Trata-se, portanto, de um equipamento digno de ser incluído nos nossos APONTAMENTOS HISTÓRICOS, embora o seu fabrico se situe num passado recente, circunstância esta que, como já anteriormente temos afirmado, não constitui razão impeditiva.

Passamos, a seguir, a fazer referência às suas possibilidades:

1. Data de fabrico: meados dos anos 60;
2. Característica base: rectificador de

corrente; transforma tensões alternas em tensões contínuas (pulsantes);

3. Alimentação: origens de corrente de 110 ou de 220 Volts A.C.;

4. Características militares: tropicalizado, caixa metálica, cofre de madeira robusto para transporte; capa de lona para protecção;

5. Finalidade: carga de baterias dos seguintes tipos:

— baterias de chumbo de 2 a 36 Volts (1 a 18 elementos);

— baterias alcalinas de 1,2 a 36 Volts (1 a 30 elementos) com os cuidados devidos, inerentes a este tipo de baterias;

6. Possibilidade de carga simultânea das seguintes baterias em série:

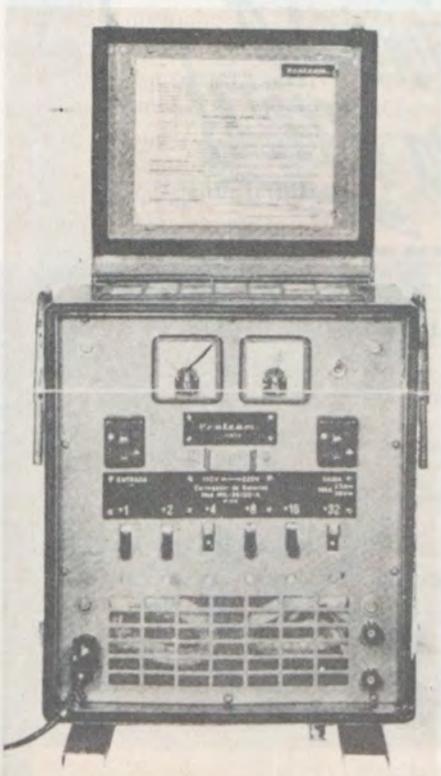
- Seis de 6 Volts;
- Três de 12 Volts;
- Duas de 12 Volts e duas de 6 Volts;
- Uma de 12 Volts e quatro de 6 Volts;

7. Peso total com caixa: 53 quilogramas;

8. Tensões de saída reguláveis de zero a 45 Volts;

9. Corrente regulável de zero a 25 amperes;

10. Pannel de comandos com amperímetro, voltímetro, comutadores e disjuntores.



3+1

Razões para aprender ELECTRÓNICA

1 A electrónica é a força impulsionadora da moderna técnica. Ser **técnico especializado** nesta área é ser um profissional **SOLICITADO** e **BEM REMUNERADO**.

2 No fascinante mundo da electrónica, **rotina** é uma palavra que **não existe**. Em constante evolução, a electrónica pode ser uma via para a sua verdadeira **REALIZAÇÃO PROFISSIONAL**.

3 Aprender electrónica é um acto individual, que alia o **estudo à pesquisa**. Com o apoio de uma boa escola e com um bom curso, essa aprendizagem pode ser feita em **SUA CASA** conforme a sua disponibilidade!

+1 Razão!

O estudo da electrónica exige uma eficiente ligação teórico-prática. Para que a sua **FORMAÇÃO PROFISSIONAL** seja um **EXITO** os cursos CIT completam a sua aprendizagem teórica com **250 FASCINANTES MONTAGENS PRÁTICAS**.

Se a Electrónica for o seu futuro!



Centro de Instrução Técnica é a sua ESCOLA!

Desejo receber GRÁTIS e SEM COMPROMISSO informações pormenorizadas sobre os cursos de ELECTRÓNICA

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cód. Postal _____

End. Emprego _____ Idade _____ anos

CIT Centro de Instrução Técnica Ensino Técnico à Distância
R. D. Estefânia, 32 1066 LISBOA CODEX

a preencher pelos n/ serviços

1	0	0	1	3	5	6	3	1	2	6
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Pelo Cap VICTOR VALE

O Mercado de Capitais - VII

As Bolsas de Valores

(Conclusão)

D. Interpretação da informação jornalística e alguns breves conselhos

Para conclusão desta abordagem ao mercado de capitais, que se estendeu por diversos números, irei fazer uma breve explicação sobre alguns dos indicadores da Bolsa, publicados na imprensa diária e a que vulgarmente temos fácil acesso.

1. Indicadores de conjuntura

São os denominados índices, de que salientarei alguns dos mais conhecidos em Portugal - Banco Totta & Açores, Caixa Geral de Depósitos e Jornal das Nove - e no estrangeiro - Dow Jones (USA), Nikkei Doe (Japão), CAC Generale (França), FT-100 (Inglaterra), Madrid SE (Espanha) e Commerzbank (Alemanha).

Estes indicadores, constituem-se a partir da soma das cotações de um conjunto de acções cotadas na Bolsa, consideradas representativas de toda a actividade ou seja, que sobem quando o mercado está confiante ou descem na situação inversa e arrastam normalmente as cotações das restantes acções. Não estranhe pois, que no mesmo dia possa acontecer simultaneamente a subida de um índice e a descida de outro: é que as acções que servem de base aos seus cálculos, são diferentes. Normalmente, aquilo que se passa é que existem acções de empresas que entram

na maioria dos índices e outras (digamos as de segunda linha) que só entram nalguns.

O indicador é calculado numa base percentual, em relação a um determinado nível que vulgarmente é denominado "Base 100", o qual é calculado num dia previamente considerado. A partir daí, basta somar as cotações e calcular a variação percentual relativamente ao valor definido como "Base".

2. Indicadores para obrigações

Os indicadores relativos a obrigações, são em número reduzido, já que, como foi dito anteriormente, o risco associado a variações produzidas não é muito significativo. Existem no entanto várias formas de obter indicadores, de que salientarei uma muito fácil de consultar e que resulta da comparação da taxa de juro da obrigação, descrita nos jornais normalmente logo a seguir à sua designação, e a taxa de referência (ou taxa de desconto) do Banco de Portugal, que normalmente se encontra junto dos quadros de câmbios e de cotações do ouro. Desta comparação deverá resultar que a 1.^a taxa deverá ser superior à segunda ou, em caso contrário, o valor de cotação deverá ser inferior ao valor nominal. Se assim não for, não arrisque. Prefira também as "Obrigações do Tesouro", mesmo que a taxa seja inferior, pois a certeza do seu reembolso no período respectivo é praticamente absoluta, e tal poderá não acontecer nos casos de obrigações de empresas públicas ou privadas.

3. Indicadores para acções

Normalmente o maior número de indicadores, pertence às acções, o que se justifica pelo facto de o risco ser maior e portanto, logicamente, a necessidade de informação também o ser.

Retomando o nosso último exemplo e comparando com os elementos que normalmente aparecem nos jornais, direi que

no dia 6 de Dezembro, a acção da "Estoril-Sol", terá na coluna das quantidades efectuadas, o número 1790; na coluna referente ao preço efectuado 1.730\$00; na coluna da posição de compra o preço mais alto que não foi satisfeito, ou seja 1.730\$00; na coluna referente ao preço de venda, estará o preço mais baixo de venda que não foi satisfeito ou seja 1.750\$00; finalmente a variação corresponderá à variação percentual entre o dia em questão e a cotação anteriormente estabelecida.

Para além destes elementos (que não são propriamente indicadores), são ainda normalmente referidos o PER (Price Earning Ratio), que é o quociente do valor da cotação da acção, pelo lucro líquido por acção; este valor deverá rondar os 10, para empresas industriais e agrícolas e 20 para empresas financeiras, se bem que tais valores devam apenas ser indicativos, pois, como se sabe, a cotação depende de um conjunto bastante grande de factores. De qualquer forma, se esse indicador tiver valores muito elevados não compre e, da mesma forma, se tiver valores muito baixos (mas sempre positivos), não venda.

Um outro indicador comumente utilizado, é o valor contabilístico e a comparação deste com o valor da cotação; sobre este já falei em artigo anterior; interessa apenas agora referir e que, como é evidente, haverá conveniência da parte do investidor que a cotação seja inferior ao valor contabilístico; porém, se aquela é muito inferior a este, desconfie, pois algo de anómalo se passa nessa empresa que provavelmente não é conhecido do grande público.

Poderá ainda servir-se dos valores máximos e mínimos de acções dentro de determinado período, o que lhe permitirá localizar-se, mais facilmente, nos valores habitualmente aceites no mercado para uma dada acção.



DEFESA NACIONAL

É dever
um dever continuamente defendido
por uma muralha d'ossos
da memória sagrada
de uma dádiva de sangue.
E daí a dívida.

É um dever
de se transformar em fronteiras d' aço
a consciência do dever.
Vontade nacional
caldeada na forja de espadas e cansaços
pelo fogo de todos, vivo a crepitar.

É o dever
de desmistificar certas vozes feitas
ditadas a uma luz residual
de uma defesa própria e singular
sob o fluxo aparente de unidade virtual
repartida por canais imaginários.

É um dever
a defender urgentemente:
Atacando os inimigos com coragem
antes dos recursos vários
se consumirem em tempo de voragem:
Honestamente e seriamente.

Miguel Pinto



Pelo Cap MARQUES FERNANDO

RESENHA HISTÓRICO-MILITAR DAS CAMPANHAS DE ÁFRICA (1961-1974)

Dispositivo das Nossas Forças - Moçambique

- Comissão para o Estudo das Campanhas de África
- Serviço Histórico Militar
- Lisboa, 1989, 4.º vol., 326 pp

Com a edição deste 4.º volume fica completa a publicação da primeira parte da "Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)". Tal como no 2.º (Angola) e no 3.º (Guiné) - o 1.º foi introdutório e deu uma visão global das campanhas - este volume, relativo ao texto de operações de Moçambique, divide-se em três partes: a primeira é preenchida por uma monografia do território; a segunda dá-nos uma leitura do evoluir da guerra desde o início de 1963 a Abril de 1974 através das cartas de situação, com localização do dispositivo no terreno; a terceira parte apresenta esse dispositivo graficado com os nomes de todas as Unidades e Subunidades que intervieram em Mo-



çambique.

Primeiro resultado do exaustivo trabalho que está a ser realizado pela Comissão para o Estudo das Campanhas de África (CECA), esta obra serviu para refrescar a memória dos Portugueses, exorcisar traumas e abrir caminhos para outros desenvolvimentos da nossa História Militar mais recente.

JD

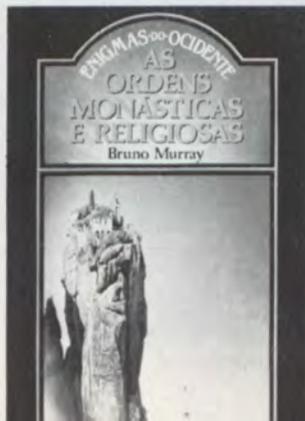
As Ordens Monásticas e Religiosas

- Bruno Murray
- Publicações Europa-América
- Coleção "Enigmas do Ocidente"
- Mem Martins - 1989, 190 pp

Neste ensaio, que o próprio autor considera "tão resumido", estabelece-se a distinção entre ordens monásticas e ordens seculares que, por definição, denomina "congregações". Essa distinção é, incontestavelmente, evidente: resulta da própria natureza do compromisso dos religiosos no mundo. Tão evidente, porém, já não é a diferença que pode existir entre monges beneditinos e monges cistercienses, entre o Carmelo e a Cartuxa, entre um membro da Congregação de S. Vicente e um membro do Oratório, por exemplo.

Para descrever a história da formação das ordens, o autor estabelece quatro períodos que vão do início do cristianismo até ao século VI, do século VI ao século XIII, do século XIII ao século XVIII e do século XVIII até à época actual.

Fala-nos dos padres do deserto, das ordens mendicantes, da Companhia de Jesus, dos frades pregadores ou Dominicanos, da Família Franciscana, dos Jesuítas, dos Assuncionistas e Sale-



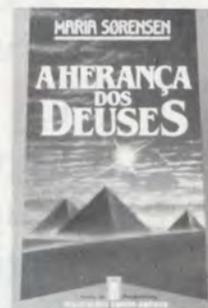
sianos...

Enfim, de uma forma clara e sucinta, Bruno Murray explica-nos nesta obra as diferenças entre os vários membros das duas grandes famílias formadas pelas ordens monásticas e pelas congregações.

A Herança dos Deuses

- Maria Sorensen
- Publicações Europa-América
- Coleção "Portas do Desconhecido"
- Mem Martins - 1989, 138 pp

A fim de encontrar resposta para perguntas como: "Qual o objectivo das divindades ao manipularem o código genético dos hominídeos, criando o Homo sapiens? Por que é que o ADN das células humanas pregou a partida de só pôr em funcionamento uma ínfima parte do cérebro do



homem? Será possível que os sábios da antiguidade tivessem tido em seu poder o conhecimento do aspecto físico dos extraterrestres? Terão os "deuses cósmicos" deixado informação do seu saber nas milenária escrituras? Maria Sorensen elaborou a sua pesquisa e decidiu tornar públicos os resultados, dando origem à obra "A Herança dos Deuses", que Europa-América lançou nas "Portas do Desconhecido".

É, pois, um tema interessante que entusiasma o leitor curioso.

LIVROS À VENDA NO "JORNAL DO EXÉRCITO"

"RESENHA HISTÓRICO-MILITAR DAS CAMPANHAS DE ÁFRICA (1961-1974)

- 1.º volume - Enquadramento Geral

- 2.º volume - Dispositivo das Nossas Forças (Angola)

- 3.º volume - Dispositivo das Nossas Forças (Guiné)

- 4.º volume - Dispositivo das Nossas Forças (Moçambique)

Comissão para o Estudo das Campanhas de África (CECA)

Preços: 1.º e 4.º volumes = 1.500\$00 cada; 2.º volume - esgotado; 3.º volume = 1.400\$00 (+ 150\$00, por cada volume, para portes e embalagem nos pedidos de envio pelos CTT)

"ELEMENTOS DE ESTRATÉGIA"

- 1.º e 2.º volumes

General Abel Cabral Couto

Preço, cada: 1.000\$00 (+ 90\$00 para portes e embalagem).

"LEI DE DEFESA NACIONAL E DAS FORÇAS ARMADAS"

(Anotada)

Coronel José Manuel da Silva Viegas

Preço: 600\$00 (+ 90\$00 para portes e embalagem).

"AS RAÍZES DAS INSTITUIÇÕES MILITARES PORTUGUESAS"

Coronel Nuno Valdez dos Santos

Preço: 450\$00 (+ 150\$00 para portes e embalagem).

A DEFESA DOS AÇORES DURANTE A II GUERRA MUNDIAL"

General Manuel de Sousa Menezes

Preço: 500\$00 (+ 90\$00 para portes e embalagem).

"ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A INSTITUIÇÃO MILITAR E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS"

Cor. Óscar Gomes da Silva

Preço: 500\$00 (+ 50\$00 para portes e embalagem).

"AS IMPRESSIONANTES VERDADES DO CAPITÃO FIÚZA"

Coronel Matias Fiúza Álvares da Costa

Preço: 500\$00 (+ 50\$00 para portes e embalagem).

"ASPECTOS DO REINO DO ALGARVE"

"ASPECTOS DO REINO DE PORTUGAL"

Lívio da Costa Guedes

Preço, cada: 1.550\$00 (+ 100\$00 para portes e embalagem).

"PRÁTICA E DEFESA DO CATOLICISMO"

Lívio da Costa Guedes

Preço: 650\$00 (+ 100\$00 para portes e embalagem).

Todas as gráficas sabem

(Mas você, saberá?)

Em tempos idos, a comunicação gráfica era apenas cultura.

Depois, tornou-se (também) arte

e, após isso, informação!

O ritmo da vida trouxe à informação a velocidade.

Mas a comunicação continuou arte

e voltou a ser cultura

informativa e veloz,

logo instrumento de mercado,

porque o mercado é vida

como a cultura, a arte, a informação

e a velocidade do viver do nosso tempo!

Todas as gráficas sabem o que é ter de fazer

“trabalhos para ontem” com a melhor qualidade.

Algumas conseguem-no, por vezes.

Nós fazemos disso a nossa profissão!

(Mas você, saberá?)

Fale com a Equipa Pentaedro. Amanhã! De manhã!

CONTE CONNOSCO PARA CUIDAR DA SUA IMAGEM

CRIAÇÃO PUBLICITÁRIA
ARTE-FINAL
FOTOCOMPOSIÇÃO
FOTOGRAFIA
FOTOLITOGRAFIA
IMPRESSÃO
PLASTIFICAÇÃO
BROCHURA
ENCADERNAÇÃO
PAPELARIA

*Como gráficos fazemos tudo excepto o papel (até ver!)
Vamos da concepção até à distribuição. Até onde quiser.*



Publicidade e Artes Gráficas, Lda.

Praceta da República, Loja B
Tels. 987 61 80 / 987 07 41
Póvoa de Santo Adrião
2675 ODIVELAS
LISBOA — PORTUGAL

Há 15 anos a fazer LIVROS — REVISTAS — CATÁLOGOS — CARTAZES

Por LUÍS COSTA

Viatura de Transportes Gerais "GMC" CCKW 353 2,5 ton 6x6 m/1952

PARTE III

As viaturas do Exército Português foram na sua maioria pintadas de verde escuro, mas existiram algumas exceções como é o caso da viatura que aparece nas duas fotografias aqui publicadas, a qual se encontra pintada de cinzento claro. Para a pintura do modelo o cinzento n.º 64 e o 87 da "Humbroll" servem perfeitamente. Estas fotografias foram tiradas em 1984 pelo autor a uma viatura que pertencia a um lote que havia sido vendido em leilão pelo Depósito Geral de Material de Guerra, a uma firma metalúrgica. Esta firma tinha esta e outras viaturas já em mau estado de conservação.

Esta viatura tem a cabine fechada e tem uma abertura no tejadilho para o acompanhante do condutor poder erguer-se e fazer fogo com uma arma ligeira ou apenas para observação. Muitas destas viaturas vinham originalmente equipadas com um suporte para uma metralhadora pesada "Browning" M2 12,7 mm para defesa antiaérea, mas não temos conhecimento que alguma viatura do Exército



Português tenha tido este tipo de suporte.

A matrícula desta viatura é MG-20-54 sendo estas letras e números pintados a branco sobre a chapa preta. Nas portas

aparece a inscrição "Exérc. Port." pintada em branco. Não aparece qualquer identificação ou símbolos da unidade à qual esta viatura esteve adstrita.

Outras pinturas são possíveis, pois, como já referimos, na sua maioria estas viaturas encontravam-se pintadas de verde escuro. Chegaram também a existir algumas pintadas com camuflagens, como foi o caso de diversas viaturas do Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea de Cascais (CIAAC). Esta camuflagem era constituída por verde escuro a servir de base e com faixas de vermelho cor de tijolo (Humbroll n.º 70) e com outras em cinzento (Humbroll n.º 64 ou 87).

Continuamos, infelizmente, sem receber fotografias de modelos executados pelos nossos leitores aficionados do Modelismo. Não custa nada: basta pegar nos vossos modelos e ir para um jardim ou para a varanda munidos da máquina fotográfica; depois enviem-nos uma cópia. Bons modelos!...



COLEÇÕES DE POSTAIS

Uniformes Militares Portugueses

Brasões de Armas do Exército Português

Na sua missão de "promover a difusão dos conhecimentos e problemas militares" o "Jornal do Exército" tomou há já alguns anos a iniciativa de editar postais com reproduções de Uniformes Militares Portugueses e, mais recentemente, iniciou a edição de postais com reproduções dos Brasões de Armas actualmente em uso no Exército Português.

- A colecção de postais de uniformes é constituída por 252 exemplares (28 séries de 9) que reproduzem as aguarelas do Coronel Ribeiro Arthur existentes no Arquivo Histórico-Militar, as quais retratam a evolução do uniforme militar em Portugal desde meados do século XVIII até princípios do século XX.

- A colecção de postais de brasões de armas é, por ora, constituída apenas por 18 exemplares (2 séries de 9) onde figuram os brasões de armas do Exército, das Regiões e Zonas Militares, da 1.ª BMI, das Armas, de alguns Serviços e do nosso Jornal.

- Entretanto, o Museu Militar lançou recentemente a edição de 18 postais (2 séries de 9) que reproduzem aguarelas de Uniformes Militares Portugueses da primeira metade do século XX, da autoria do Mestre Alberto de Souza (plano de uniformes de 1911 e do CEP - Grande Guerra).

Estas três colecções encontram-se à disposição dos nossos estimados leitores pelos seguintes preços:

Cada série de 9 postais:

- Venda ao público 150\$00
- Preço especial para militares e assinantes . . 125\$00

Nos pedidos de envio pelo correio acresce mais a seguinte quantia para despesas com portes e embalagem: até 5 séries - 75\$00; até 10 séries - 125\$00; até 25 séries - 200\$00; até 50 séries - 300\$00.

Faça já a sua encomenda usando o boletim junto



À VENDA

NO
JORNAL
DO EXÉRCITO

— Solicito o envio das seguintes séries de postais (marcar com x as séries pretendidas)

- UNIFORMES MILITARES PORTUGUESES — colecção Cor Ribeiro Arthur

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16
17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

- BRASÕES DE ARMAS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

1 2

- UNIFORMES MILITARES PORTUGUESES — colecção Alberto Souza

1 2

— Para pagamento da minha encomenda e dos respectivos portes junto a quantia de Esc. &

NOME

MORADA

CÓDIGO POSTAL LOCALIDADE

Nº DE ASSINANTE POSTO E UNIDADE

MANUTENÇÃO MILITAR



Rações de combate



UMA VASTA ORGANIZAÇÃO
AO SERVIÇO DA DEFESA NACIONAL
DA INDÚSTRIA ALIMENTAR
E DA EXPORTAÇÃO



Silos



Laboratório



Bolachas



Moagem



Poeleiras



Panificação



Massas



Rua do Grilo - Apt. 8032 1801 LISBOA CODEX - Telefone 38 43 81 - TELEX 14015 MM SEDE P



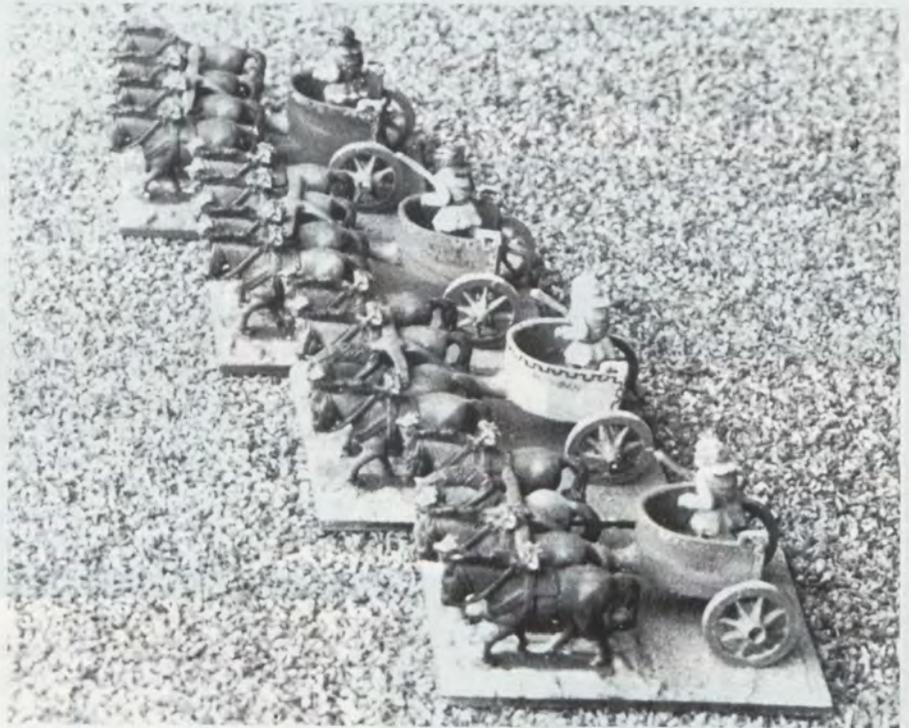
Por JORGE FREITAS

Períodos Históricos - 1

Antiguidade

A popularidade deste período como tema para jogos de guerra ficou a dever-se em grande parte à divulgação do "Wargames Research Group" e da "Society of Ancients", uma firma e uma associação, respectivamente, com sede na Grã-Bretanha mas com expansão nos cinco continentes. Os seus interesses e produtos centram-se na história militar, remontando ao terceiro milénio antes de Cristo, abrangendo épocas e regiões muito diversificadas, com base na investigação histórica e pesquisa arqueológica.

A hegemonia da "WRG" é contestada por alguns puristas, pois, pese embora um valioso esforço de divulgação pelo grande público de vastíssimos conhecimentos de história militar da Antiguidade (bibliografia de apoio profusamente ilustrada e regras para os jogos), os interesses comerciais fazem sentir a sua pressão. O leitor que tenha curiosidade de se informar sobre este período e folheie algumas publicações da "WRG", encontrará algumas centenas de listas de exércitos a partir das quais poderá constituir as suas unidades, cujo rigor é por vezes colocado em dúvida, e um corpo de regras que abarca um período de vários milénios (!): 3000 a.C. - 1485 d.C.. Se é certo que em termos puramente tecnológicos a evolução não foi grande até ao aparecimento das armas de fogo, o mesmo já não se pode dizer quando se coloca o ênfase no aspecto tático específico a cada exército e a cada contexto bélico. Daí as críticas de certos puristas, que não perdoam a amálgama que as regras muito generalizadas e as numerosas listas de exércitos provocam. Isto sem referir o anacronismo, pois o sistema de pontos que é tomado para a elaboração das listas permite que se oponham forças "equilibradas" de (por exemplo) egípcios do Médio Império e bizantinos do século XI. Mas se se procurar esquecer estes excessos levados a cabo por alguns jogadores, fica-nos a certeza de que a grande quantidade e a variedade de material disponível sobre a história militar desde a Antiguidade pré-clássica até à Idade Média tardia se deve, em grande parte, ao esforço de divulgação da "WRG".



Carros de combate persas utilizados pelo Exército da Selúcia, um dos reinos formados após a morte de Alexandre Magno e a divisão do seu Império, Século IV a.C.. (Modelos de Miguel Morão, na escala "15mm").

Quanto aos mecanismos de jogo propriamente ditos, independentemente dos diferentes conjuntos de regras, o ponto comum é o combate em massa, algo muito diferente do que tem sido divulgado nestas páginas a propósito da simulação de operações com pequenas unidades. Por via disso há que recorrer a uma escala de redução, que varia entre 1/20 (leia-a: uma figura representa vinte homens), 1/50 para a infantaria, cavalaria e camelaria, e 1/5 (um modelo para cinco animais ou peças) para artilharia, carros e elefantes. As figuras são agrupadas em bases e as forças organizadas em grandes unidades.

As tropas são classificadas segundo o seu tipo, treino, moralização e armamento. As táticas variam conforme as utilizadas pelos protótipos históricos, mas o tipo das tropas implica, à partida, um determinado comportamento tático. Há exércitos cuja composição privilegia elementos destinados a desgastar o inimigo através de escaramuças, com o emprego de armas de arremesso e dotados de grande mobilidade em detrimento da protec-

ção individual (por exemplo, Hunos, com uma elevada percentagem de cavalaria ligeira), enquanto outros são compostos por tropas superprotegidas cuja função é quebrar o inimigo através do choque (por exemplo, os Bizantinos, com formações compactas de cavalaria extrapesada). Indispensável é sempre uma pesquisa histórica sobre a época que se escolheu e o exército que se pretende constituir, para completar a informação destinada especificamente aos jogos de guerra.

Regras para a simulação de cercos e de campanhas completam o quadro deste período muito popular entre os entusiastas dos jogos, mas não é tudo: menos divulgada, mas muito interessante, é a reconstrução de batalhas navais, com a utilização de modelos na escala 1/1200. Existe pelo menos um conjunto de regras (em inglês, evidentemente) e uma firma que produz excelentes modelos dos navios, com uma gama que permite escolher esquadras de todas as épocas da Antiguidade até à Idade Média.

AGORA
INTRODUZIDO EM
REGIME EXCLUSIVO NO
EXERCITO DA R.F.A.

Dynamit Nobel

DYNAMIT NOBEL

Representação exclusiva em Portugal:

A **PAUKNER**, Lda

Av. Elias Garcia, 76-6.º E

Telef. 76 45 87 1000 LISBOA

Telex 65400 APALIS P.

O novo componente tático no âmbito do conceito de combate de armas combinadas

Panzerfaust 3

A arma anti-tanque portátil
para todas as tropas

- dispara de recintos fechados
- possibilita a selecção prévia para carga oca ou cabeça explosiva
- tem capacidade de perfuração superior a 700 mm de aço RHA
- assegura alta probabilidade de acertar ao 1º tiro
- o custo do sistema é reduzido
- não necessita manutenção e precisa apenas pouco treino
- está dotada de um sistema subcalibre de 18 mm que corresponde às condições reais.

Dynamit Nobel —

Os especialistas em armas anti-tanque.



Dynamit Nobel

Defence Division
D-5210 Troisdorf/West Germany

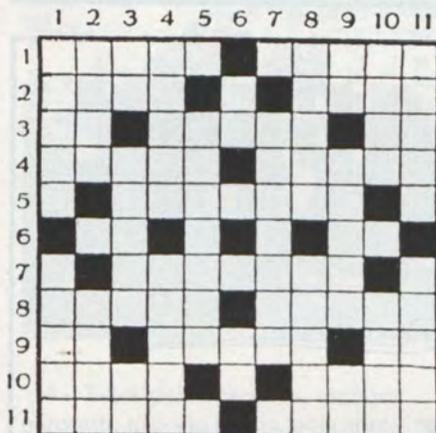
Por RAIUGA

Palavras Cruzadas

Problema nº 2/90 - a prémio

Horizontais

1 - Plano; a maior das ilhas do arquipélago de Querimba ou de Cabo Delgado. 2 - Espécie de jogo popular; sedal. 3 - Isso; tornar-se notável; entre. 4 - Traquinada; porto da Suécia meridional, à beira do Zonte. 5 - Mico. 6 - Símbolo químico; primeira corda do violino. 7 - Adivinho. 8 - Deduzi de uma importância; centauro que, por haver querido raptar Dejanira, mulher de Hércules, foi morto por este. 9 - Letra grega; ilha do Arquipélago (Dodecaneso); "movimento". 10 - Enfadonho; "Mulher". 11 - Escritor francês autor de "Le Portugal em 1850 et le Comte de Thomar"; Ernesto... - político e estadista inglês (1881-1951).



Verticais

1 - "La..." - nome espanhol da cidade da Argentina, capital da Província de Buenos Aires; antigo nome da Cirenaica (Líbia). 2 - Cair com estrondo; cidade de Espanha, na Província de Oviedo. 3 - Asa; caixa; nota musical. 4 - Discuti; filho de Pélope e rei de Micenas, famoso nas lendas gregas pelo ódio que tinha a seu irmão Tiestes. 5 - Casitéu. 6 - Letra grega; que. 7 - "Mulher". 8 - ... (João Paulo) - político e físico francês (1743-1793) assassinado por Carlota Corday; este. 9 - "Interioridade"; imundícies; dígito romano. 10 - Ficam; "sal". 11 - Vivificantes;... (Augusto) - célebre escultor francês (1840-1917).

Envie a solução em qualquer papel para a Redacção do Jornal, indicando nome e morada e, se for militar, o posto, colocação ou situação e número mecanográfico. Os assinantes deverão indicar o respectivo número.

Haverá um prémio a sortear entre os totalistas.

Problema nº 3/90 - aberto

Horizontais

1 - Cena; alada. 2 - Fiança; vamos. 3 - Nota musical; fazer eco; a minha pessoa. 4 - Boi bravo; faz marcha-atrás. 5 - Vivenda. 6 - Ofereça; simples. 7 - Implores. 8 - Ame; tímido. 9 - Nome de letra; acarinha; nome antigo da nota musical "dó". 10 - Cidade de Portugal; nome de fruta. 11 - Adicionar; senhoras.

Verticais

1 - Ministério; roedores. 2 - Atendo; tenho a obrigação de. 3 - Ali; osso do braço do ombro ao cotovelo; "amerício". 4 - A classe sacerdotal; rezara. 5 - Valentia. 6 - Laço; andava. 7 - Brilharam. 8 - Curei; caminhada. 9 - Outra coisa; tecido de algodão ou linho muito transparente; sobre. 10 - Padeceu; rija. 11 - Aborrecem-se; direcções.

Perguntas de Algibeira

- Quantos Reis houve em Portugal com o nome de Afonso?
- Qual é a longitude de um lugar situado no meridiano de Greenwich?
- Que designação tem a arte de medir versos?
- Que outro nome se dá ao instrumento musical chamado **pífaró**?
- Onde se encontra o túmulo de D. Diniz?
- Que nome tem a ciência da Moral?
- Qual é o órgão reprodutor das plantas?
- Como se representa a quantidade **quatro** na base numérica 4?
- Qual será o último ano da 1ª década do séc. XXI?
- Como se designava, na Idade Média, a torre principal de uma fortaleza?

Charadismo

1 - O diabo, como chefe absoluto, é o demónio principal. (2, 3) - Hapl.

2 - Um cálculo aproximado que leve a fatigar um raciocínio faz digerir mal um resultado. (2, 2) - Hapl.

3 - Procura alguém de cara áspera e encontrarás um mau estado de ânimo. (2, 2) - Adic.

4 - Um homem que se diverte tem pena de ser despreocupado? (2, 1) - Adic.

5 - O artista, quando é grande, deixa na sua obra a marca da sua fama. (3, 2) Sinc.

Adivinhas Portuguesas

- Alto como um pinheiro,
Redondo como um pandeiro.
- Campo grande,
Semente miúda,
Menina bonita,
Cão gadelhudo.
- Que é, que é?
Que quanto mais se lhe tira,
Maior é?

Provérbios Ocultos

Complete os provérbios seguintes, colocando as vogais em falta;

- 1 - _m F_v_r_r_n_v_ fr_ _ , _d_sp_r_r_rdr_n_ _st_
- 2 - Cr_v_n_p_t_ , _sn_f_t_
- 3 - N_ h_ m^s q_ n_ v_lt_ _tr_v_z

Hieroglifos Comprimidos

- 1 -

pulo s

- 2 -

nota musical ssão

- 3 -

30,479 cm basta ali

O SENHOR SABE MAS AINDA NÃO VERIFICOU QUE:



NA INVERNIA, CARRO TAPADO COM CAPAS «RR» IGUAL A...

- Bateria protegida, pega à primeira!
- Radiador seguro contra a congelação!
- Pintura livre de corrosão!

As únicas capas cardadas interiormente
o que as distingue

um exclusivo de
Estabelecimentos:

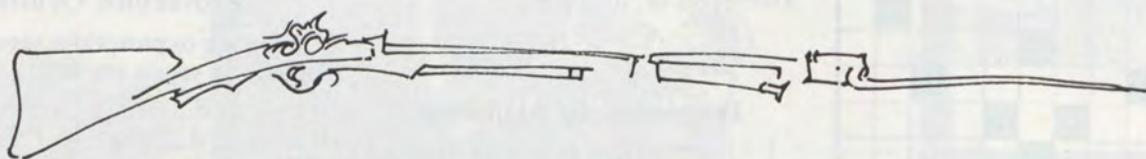
RODRIGUES & RODRIGUES, SA

R. Nova do Carvalho, 79 — Tel. 37 22 21
Apartado 2199 — 1200 LISBOA

Agentes em todo o país

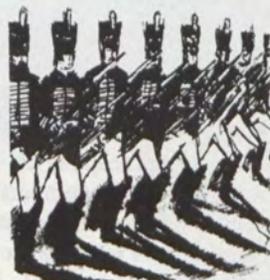
LIVRARIA LINHARES

A SOLUÇÃO... para encontrar os seus



LIVROS (UNIFORMES e MILITARIA, Ficção Científica, Ilustração, Design, Arte, Fotografia e Cinema, Arquitectura, Esoterismo, Uniformes, BD, Automóveis, Técnico ou outro, em Francês, Inglês ou Espanhol).

SOLDADOS DE CHUMBO (TRADITION, HISTOREX, CIMIER e... brevemente muitos outros: 110, 90, 54, 25 e 15 mm e escala 1/300, incluindo micro-tanques)



LIVRARIA LINHARES

(AO PARQUE MAYER, NAS TRASEIRAS DOS BOMBEIROS DA PRAÇA DA ALEGRIA)

DESTARTE, REPRESENTAÇÕES E EDIÇÕES, LDA.
RUA SANTO ANTÓNIO DA GLÓRIA, 90 - 1200 LISBOA
TEL. 346 51 55-TELEX 62 235 DESLIN P-FAX 347 58 11



HORÁRIO: 2.ª a 6.ª feira, das 10 às 19 horas; Sábado, das 10 às 12.30 horas - ABERTO À HORA DO ALMOÇO

Por INÊS GALVÃO

1 - Construiu a 1.ª casa submarina e foi precursor na construção de aparelhos submersíveis para a exploração do fundo do mar. Quem é esta figura inconfundível?

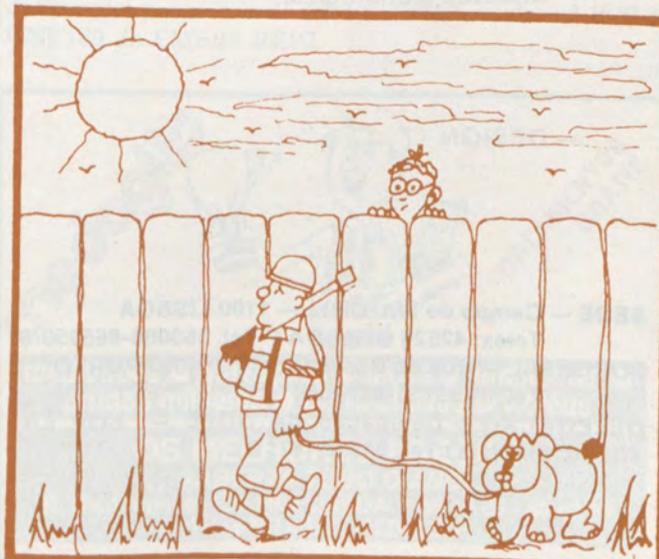
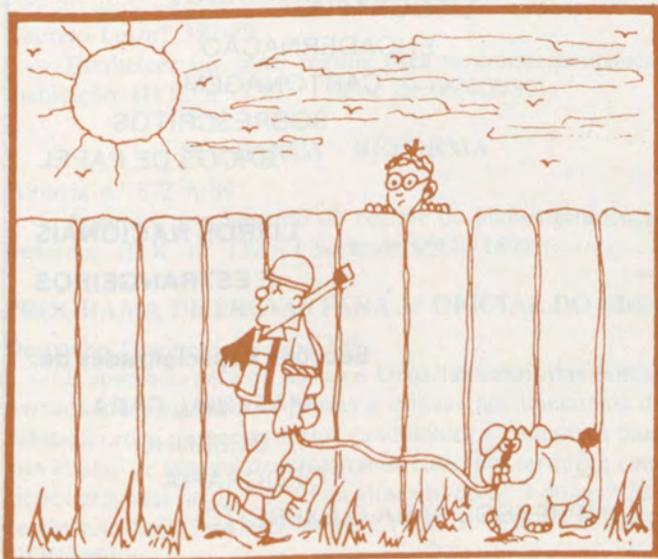


2 - Trata-se de um auto-retrato de um dos grandes pintores portugueses contemporâneos. De quem falamos?



3 - Esta estátua foi inaugurada em 25/10/70 num dos locais mais típicos de uma cidade portuguesa, da qual o santo representado é patrono. De que santo e de que cidade se trata?

4 - Estes dois desenhos, embora pareçam, não são iguais, pois apresentam 8 diferenças. Descubra-as.





ESTABELECIMENTO FABRIL DO EXÉRCITO

- FÁBRICA DE FARDAMENTOS
- FÁBRICA DE CALÇADO
- FÁBRICA DE EQUIPAMENTOS
- FÁBRICA DE METALO-MECÂNICA

- CENTROS COMERCIAIS
Dimensionados às necessidades
da Família Militar

- CONTROLO DE QUALIDADE
Garantia de fabrico.
Análises tecnológicas.

- DESIGN

SEDE — Campo de Sta. Clara — 1100 LISBOA
Telex: 42526 OFARDA P Tel. 863006-865950/9
SUCURSAL — Rua da Boavista, 230 — 4000 PORTO
Tel. 02 29751-0224054
DELEGAÇÃO — Delegação da OGFE — 2330 EN-
TRONCAMENTO Tel. 049 66147



I.A.T.A.

INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO

FUNDADO EM 1966

Alvará do Ministério da Educação e credenciado
pelo Ministério do Emprego e Segurança Social

**CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ACELERADA
ANO LECTIVO DE 1989/1990**

CURSOS DE 3 ANOS

- TÉCNICO SUPERIOR DE INFORMÁTICA DE GESTÃO
- TÉCNICO SUPERIOR DE TOPOGRAFIA
- DESENHADOR PROJECTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
- SECRETARIADO DE DIRECÇÃO
- HOSPEDEIRAS RECEPCIONISTAS — ASSISTENTES DE RECEPÇÃO

CURSOS DE 4 A 20 MESES

- ANALISTA PROGRAMADOR DE INFORMÁTICA
- PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES — LINGUAGEM • COBOL • BASIC • RPG II • PASCAL • C.
- MICROPROCESSADORES • LOTUS 1-2-3 • DBASE III E IV
- ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS
- CONTABILIDADE GERAL — IRS/ IRC • FISCALIDADE
- INFORMÁTICA APLICADA À CONTABILIDADE
- CONTABILIDADE ANALÍTICA E GESTÃO ORÇAMENTAL
- GESTÃO DE PRODUÇÃO • GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS • GESTÃO FINANCEIRA
- GESTÃO COMERCIAL (MARKETING E TÉCNICA DE VENDAS)
- GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS • GESTÃO DE STOCKS
- CÁLCULO FINANCEIRO E ANÁLISE DE PROJECTOS DE INVESTIMENTO
- COMUNICAÇÃO: RELAÇÕES PÚBLICAS, PUBLICIDADE E JORNALISMO
- DECORAÇÃO E ARQUITECTURA DE INTERIORES • DESENHADOR DE MÁQUINAS
- MEDIDOR ORÇAMENTISTA DE CONSTRUÇÃO CIVIL

**PROFISSÃO • ACTUALIZAÇÃO • VALORIZAÇÃO •
ESTÁGIO E APOIO NO EMPREGO**

**ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA AS VAGAS
LIMITADAS AINDA EXISTENTES**

**CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS E PLANEAMENTO
INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO**

Rua Vitor Cordon, 45 — 1200 LISBOA — Telex. 371032 - 325577
Telex 43331 — Telefax 520887 — Informações das 9,30 às 19,30 ininterruptamente

**PAPELARIA
FERNANDES**

Oficinas de:

TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO
CARTONAGEM
SOBRESCRITOS
SACOS DE PAPEL

**LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS**

Secções Especializadas de:

MATERIAL PARA
DESENHO
TOPOGRAFIA
E IMPRESSOS PARA O EXÉRCITO

Coord SargMor NELSON FERREIRA

LEI ORGÂNICA DO MDN

Decreto-Lei n.º 334/89:

— Altera o Decreto-Lei n.º 46/88, de 11 de Fevereiro (aprova a Lei Orgânica do Ministério da Defesa Nacional). (D.R. n.º 226 - I Série de 30SET89).

MILITARES NA RESERVA - TAXA MODERADA

Despacho de 28SET89 do General do D.F.

— Os militares na situação de reserva porque disfrutam de iguais direitos e regalias e estão sujeitos aos semelhantes deveres dos militares do activo, não estão isentos do pagamento das taxas moderadas legalmente fixadas para os Hospitais Cívicos Estatais. (Circular n.º 18 - P.º 11 de 16OUT89 da Direcção de Finanças).

MDN - ESTABELECE A ORGÂNICA E SERVIÇOS

Decreto Regulamentar n.º 32/89:

— Estabelece a orgânica, modo de funcionamento, atribuições e quadros de pessoal de organismos e serviços do Ministério da Defesa Nacional. (D.R. n.º 248 - I Série de 27OUT89).

OFICIAIS MÉDICOS RESERVA DIFERENCIAL NA CARREIRA

Despacho do General AG de 10JUL89:

— Os oficiais médicos do QP na situação de reserva, mas na efectividade de serviço, têm direito ao abono do diferencial de carreira. (Circular n.º 19/89 de 25SET89 do CFE).

POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

Portaria n.º 810/89:

— Aprova o plano de uniformes da Polícia de Segurança Pública. (D.R. n.º 211 - I Série de 13SET89).

POUPANÇA - HABITAÇÃO

Decreto-Lei n.º 382/89:

— Estabelece um novo regime para as contas poupança-habitação. (D.R. n.º 232 - I Série de 06NOV89).

POUPANÇA - REFORMA

Portaria n.º 872-A/89:

— Aprova o regulamento do regime de planos poupança-reforma. (D.R. n.º 232 - I Série de 09OUT89).

PROGRAMA DE PROVAS PARA 3.º OFICIAL DO SDEA

Despacho Conjunto de 29SET89:

— É aprovado para os serviços Departamentais das Forças Armadas, o programa de provas a utilizar nos concursos de habitação com vista a posterior candidatura a concursos para provimento de lugares de terceiros-oficiais, nos termos e condições previstas no art.º 17.º e na alínea b) do n.º 1 do art.º 22.º do Decreto-Lei n.º 248/85, de 15/7. (D.R. n.º 235 - I Série de 12OUT89).

PROGRAMA A UTILIZAR NOS CONCURSOS PARA 3.º OFICIAL SDEA

Despacho Conjunto de 28SET89:

— Aprova o programa a utilizar nos concursos de habitação com vista a posterior candidatura a concursos para provimento de lugares de 3.º Oficial. (D.R. n.º 235 - II Série de 12OUT89).

REMUNERAÇÕES BASE AOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS

Portaria n.º 904-B/89:

— Actualiza a tabela de remunerações base dos funcionários e agentes da Administração Pública e dos organismos de coordenação económica e demais institutos públicos bem como as pensões, ajudas de custo, subsídios de refeição e de viagem e marcha e as participações da ADSE. (D.R. n.º 238 - I Série de 16OUT89).

RENDAS LIVRES E CONDICIONADAS P/1990

Portaria n.º 965-A/89:

— Actualiza o coeficiente das rendas livres e condicionadas para vigorar durante o ano civil de 1990. (D.R. n.º 251 - I Série de 31OUT89).

RENDAS - FACTORES DE CORRECÇÃO

Portaria n.º 965-B/89:

— Actualiza os factores de correcção extraordinária das rendas. (D.R. n.º 251 - I Série de 31OUT89).

TRIBUNAIS COMUNS - DESLOCAMENTO DE MILITARES

Despacho do General AG de 06OUT89:

— A comparência dos militares nos Tribunais Comuns, após notificação judicial para intervirem em processos decorrentes de factos que tiveram origem em actos de serviço, constituem deslocações por motivo de serviço. Tais deslocações darão origem a emissão de guias de marcha e as respectivas despesas correm por conta do Exército, em termos idênticos a outras deslocações por motivo de serviço. (Nota-circular n.º 1520 de 07SET89 do EME/1.ª REP7).

medaglis

ORÇAMENTOS GRÁTIS

medalhões • gravações • taças • emblemas •
artigos militares • porta-chaves • troféus

OS MELHORES PREÇOS
(ABERTA TODO O ANO)

R. Benfornoso, 136-1100 LISBOA ☎ 86 10 86 - 86 67 08
Telex NR 43127 MEDALS P

MEDALHA COMEMORATIVA DO 30º ANIVERSÁRIO DO JORNAL DO EXÉRCITO

30 anos de publicação ininterrupta é já um marco significativo na vida de um jornal. E mais importante se torna quando essa idade faz do "Jornal do Exército" uma das publicações mais antigas da actual imprensa militar e o torna um prestigioso e prestigiante referencial dentro do Exército.

A assinalar tão importante efeméride foi mandada cunhar uma medalha em cujo anverso figura o brasão de armas deste Jornal e, no reverso, o motivo principal da sua primeira capa (Janeiro de 1960) - um cabo corneteiro de Infantaria anunciando o nascimento do "Jornal do Exército" - e as inscrições "JANEIRO 1960" e "JANEIRO 1990".

Foi feita uma cunhagem de 500 exemplares, todos numerados. Parte desta edição é agora posta à disposição dos nossos assinantes e leitores.

Características: medalha em bronze com 80 mm de diâmetro e com numeração de 1 a 500.

Preço unitário: 1.300\$00 nas aquisições directas na sede do Jornal (+ 240\$00 para despesas de embalagem e portes nos pedidos de envio pelos CTT).



BOLETIM DE ENCOMENDA

- Solicito o envio de medalhas comemorativas do 30º aniversário do Jornal do Exército.

- Para pagamento da minha encomenda e dos respectivos portes, junto a quantia de Esc. _____ \$ _____ em cheque vale de correio

NOME _____

MORADA _____

CÓDIGO POSTAL _____ LOCALIDADE _____



PRIMEIRA CASA DAS BANDEIRAS

ANTÓNIO CARDOSO

Sucessora
MARGARIDA CARDOSO
DA COSTA, LDA.

Rua dos Correios, 149/151 Telefax 37 10 75
1100 LISBOA Tel. 32 74 82 • 37 10 75

Execução rápida e perfeita de:

BANDEIRAS — ESTANDARTES — FLÂMULAS
E GUIÕES

Emblemas esmaltados — Medalhas — Emblemas impressos
em plástico e alumínio fotoanodizado — Varas de madeira e
metal — Taças — Gravuras — Carimbos e gravações em
plástico e metal, e outros

CASA BUTTULLER

— Miguel Buttuller, Lda. —

37 — Rua Barros Queirós — 39
1100 LISBOA — Telef. 36 93 50

CASA

B
U
T
T
U
L
L
E
R
LISBOA



ESPECIALIZADA EM:

Todos os artigos militares para as
Forças Armadas e Militarizadas, assim
como:

Bonés, Fardas militares e civis, Botões,
cordões, Dragonas, Galões, Divisas,
Charlateiras, Camisas, Emblemas, em
metal, Bordados, Plásticos e em alumínio
anodizado.

Condecorações, Espadas, Cintos e
Fiadores, Bandeiras, Estandartes, Ga-
lhardetes, Guiões, Varões e Hastes.
Taças, Medalhas e Troféus, etc.

SOLUÇÕES DO RECREIO

Da Presente Edição

Cruzadismo - Problema nº 3/90

Palco, asada, aval, n, alom, si, ecoar, eu, touro, recua, a, moradia, m, de, a, e, so, r, rogares, r, adore, atado, te, amima, ut, ovar a pera, somar, damas.

Perguntas de Algebeira

1 - Seis. 2 - Zero graus. 3 - Métrica. 4 - Pifano. 5 - No convento de Odivelas, onde funciona o Instituto D. Afonso, mais conhecido por Colégio de Odivelas. 6 - Ética. 7 - A flor. 8 - 10 (Lê-se "um zero"). 9 - 2010. 10 - Torre de menagem.

Charadismo

1 - De(mo)narca. 2 - Es(mo)er. 3 - Catadura. 4 - Folgado. 5 - Obrador.

Adivinhas Portuguesas

1 - O poço. 2 - Céu, estrelas, lua, noite. 3 - Um poço ou uma cova.

Provérbios Ocultos

1 - Em Fevereiro neve e frio, é de esperar ardor no estio.
2 - Cravo no peito, asno feito.
3 - Não há mês que não volte outra vez.

Hieroglifos Comprimidos

1 - Sobressalto; 2 - Submissão; 3 - Pétala.

De Edições Anteriores - Outubro de 1989

Piano, sarre, ragus, oleos (O enunciado desta pedra saiu errado. As nossas desculpas), ai, aleva, np, dau, oca, adi, osso, o, ecoa, tom, fla, anil, m, ames, rea, par, eli, cs, girar, mg, ogmio, malon, sagas, acaso.

Premiado o Confrade VISO

SOLUÇÕES DO PASSATEMPO

1 - Jacques Cousteau
2 - Malhoa
3 - S. Vicente. Lisboa
4 - Diferenças: sapato; gaivotas; patas do cão; focinho do cão; chão; calças; espingarda; mão do rapaz.

Pelo TCor Art.^o HENRIQUE MAURÍCIO

AVALIAÇÃO NO EXÉRCITO DOS EUA (Conclusão)

5. CONTROLO MÉDICO-FISIOLÓGICO

O Regulamento não estabelece para indivíduos com menos de 40 anos um CONTROLO MÉDICO FISIOLÓGICO STANDARD, periódico, tal como o nosso REFE. Tal é uma tarefa da responsabilidade do Departamento Médico de cada Unidade, que avalia o seu pessoal duma forma constante, anotando os resultados na ficha médica individual.

Para o pessoal com 40 anos ou mais, é obrigatório o Controlo Médico-Fisiológico estabelecido no doc. AR 600-9.

6. ESTUDO COMPARATIVO COM O REFE/84

A modalidade de aplicação do STEP-TEST, relacionando os valores da frequência cardíaca com o peso, idade e sexo dos executantes, e comparando os resultados obtidos com os valores ideais, dá-nos, duma forma muito simples e rápida, um conhecimento muito preciso da condição física dos executantes.

O APRT para menores de 40 anos, em especial na fase de preparação, parece-nos bastante incompleto, pois para além de não testar a velocidade, não inclui qualquer prova de características essencialmente militares, até porque o programa preconizado no FM 21 - 20 dedica bastante tempo ao Treino Físico Militar. Como teste a incluir numa fase de manutenção parece-nos correcto.

O APRT para maiores de 40 anos, parece-nos uma boa solução, já que opta por modalidades de exercício (Corrida ou alternativas) que são das mais aconselháveis para estas idades.

Comparando as duas tabelas de pontuação (REFE/84 e FM 21 - 20) nas provas comuns, verifica-se que a tabela americana é mais exigente na prova de braços e é semelhante na prova de abdominais; no entanto, não nos podemos esquecer que o controlo do REFE/84 inclui mais uma prova de braços (Flexões na trave).

Inversamente, a tabela da prova de Corrida do APRT parece-nos bastante mais aligeirada do que a tabela do REFE/84.

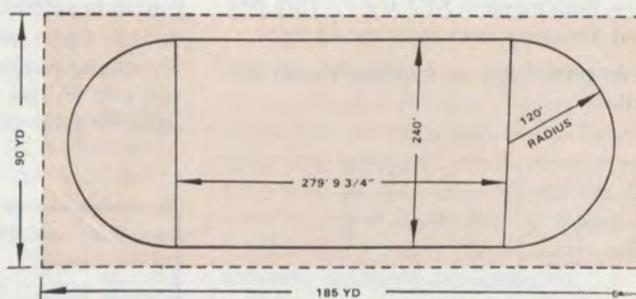
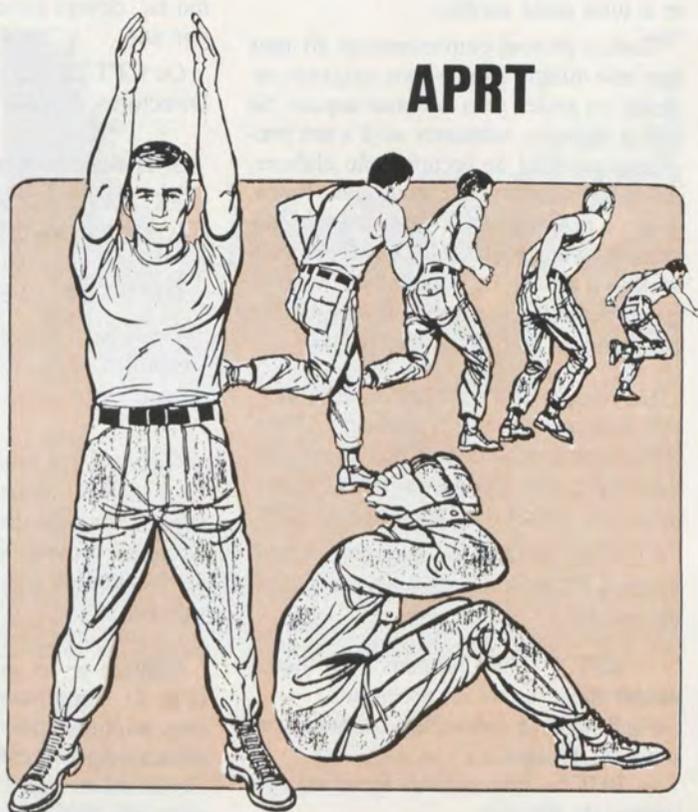


Fig. 8: Uniforme e Área Tipo

AVALIAÇÃO NO EXÉRCITO INGLÊS

1. Documento Oficial

FIT TO FIGHT - PHISICAL FITNESS IN THE ARMY

ARMY CODE N.^o 712082

2. Controlos a efectuar e sua finalidade

O Exército Regular utiliza 3 tipos de testes:

— APFA (ARMY PERSONAL FITNESS ASSESSMENT)

Trata-se de um teste diagnóstico da aptidão física utilizado pelos instrutores

de educação física (ou pelos comandantes de unidade, se assim o desejarem) para determinarem o nível de aptidão física do pessoal e, a partir daí, elaborarem os adequados planos e programas de educação física. O pessoal é agrupado em três escalões etários (dos 17 anos aos 29; dos 30 aos 34; e dos 35 aos 39) e, face à pontuação obtida no APFA, classificado em três graus (Elevado, Satisfatório, Pobre).

— BFT (BASIC FITNESS TEST)

É um teste de aptidão física básica,

obrigatório para todo o pessoal com idade inferior a 50 anos, e serve para verificar se se possui a aptidão física mínima.

É efectuado pelo menos 2 vezes por ano, sendo obrigatório um intervalo mínimo de 4 meses entre eles.

O pessoal com mais de 50 anos é aconselhado a manter a sua condição física embora não seja testado. Isso não implica que não possa ser submetido a testes de condição física ou outros julgados mais apropriados sempre que seja presen-

te a uma junta médica.

Todo o pessoal com menos de 50 anos que não atingir os mínimos exigidos repetirá os testes uma semana depois. Se falhar de novo, submeter-se-á a um programa especial de recuperação elaborado pelo instrutor de educação física, sendo o pessoal vigiado de perto pelo médico da unidade. Passados 6 meses é submetido a novo teste e, se falhar de novo, é submetido a uma junta médica para se aquilatar da sua desgradação.

De realçar que o Inspector de Educação Física poderá, em qualquer altura, testar o grau de aptidão física dum Unidade indicando a percentagem de indivíduos que deverão submeter-se ao BFT.

O BFT apresenta-se em várias modalidades, de acordo com o sexo e o escalão etário:

- BFT 1 - Para homens com menos de 40 anos
- BFT 2, 3 e 4 - Para homens com mais de 40 anos
- BFT 5 - Para pessoal feminino com menos de 40 anos
- Finalmente o BFT 6 e 7 - Para pessoal feminino com mais de 40 anos.

As provas que os constituem são descritas.



Os instrumentos são considerados AP-TOS ou INAPTOS consoante satisfaçam ou não os mínimos exigidos para cada prova.

— CFT (COMBAT FITNESS TEST)

Trata-se de uma bateria de Testes de aptidão física para o combate, específicos de cada arma ou serviço (Ex.: O "INFANTRY COMBAT FITNESS TEST - INFCFT" efectuado, obrigatoriamente, por todo o pessoal que presta serviço em unidades operacionais de infantaria).

Esclarece-se que este teste não é alternativo ao teste de aptidão física básica (BFT) mas complementar deste e, co-

mo tal, deverá ser executado duas vezes por ano.

Os CFT são da responsabilidade dos Directores de cada Arma ou serviço.

3. Descrição das provas

3.1. APFT (ARMY PERSONAL FITNESS ASSESSMENT)

(1) "STEP - TEST" (Fig. 1)

Destina-se a avaliar a aptidão cardio-respiratória do executante e a evolução do seu ritmo cardíaco.

Consiste em subir e descer um banco de 43 cm de altura (subindo alternadamente com o pé direito e o pé esquerdo) durante 5 minutos e com uma frequência de 30 subidas por minuto (total de 150 subidas).

Contam-se as pulsações durante 30^s (Fig. 2), um minuto após o esforço (P1), dois minutos após o esforço (P2) e três minutos após o esforço (P3); somando-se os valores de P1, P2 e P3 acha-se o valor do SPC (Sum of Pulse counts). Entrando-se com o valor do SPC determinado numa tabela de conversão (Fig. 3), acha-se o valor do STS (Step Test Score); este último, para cada grupo etário indica o grau de aptidão.

São estabelecidos 3 grupos etários (17 a 29; 30 a 34 e 35 a 39 anos)

(2) FLEXÕES na TRAVE (BARRA) (SUSPENSÃO PURA) (Fig. 4)

Trata-se dum prova de potência do trem superior.

Partindo da posição de suspensão facial (palmas das mãos voltadas para a frente), efectuar a flexão de braços até tocar com o queixo na parte superior da Trave (Barra), contando-se o número de repetições seguidas. Para cada grupo etário é exigido um número mínimo de repetições (Fig. 5).

(3) ELEVAÇÕES do TRONCO em BANCO INCLINADO (SIT UP) (Fig. 6)

Destina-se a avaliar a Força Média (abdominais).

O executante deita-se de costas sobre um banco inclinado (fixo no 10^o degrau do espaldar), com os pés fixos e as mãos à nuca.

Elevar o tronco à vertical e voltar à posição inicial, contando-se o n.º de elevações.

Para cada grupo etário é exigido um número mínimo de repetições (Fig. 7).

(Continua)

SPC	STS												
101	104	126	79	151	59	176	45	201	35	226	26	251	20
102	103	127	78	152	58	177	45	202	34	227	26	252	20
103	102	128	77	153	58	178	44	203	34	228	26	253	19
104	101	129	76	154	57	179	44	204	34	229	26	254	19
105	100	130	75	155	57	180	43	205	33	230	25	255	19
106	99	131	74	156	56	181	43	206	33	231	25	256	19
107	98	132	74	157	56	182	42	207	32	232	25	257	18
108	97	133	73	158	55	183	42	208	32	233	24	258	18
109	96	134	72	159	54	184	42	209	32	234	24	259	18
110	95	135	71	160	54	185	41	210	31	235	24	260	18
111	94	136	70	161	53	186	41	211	31	236	24	261	17
112	93	137	70	162	53	187	40	212	31	237	23	262	17
113	92	138	69	163	52	188	40	213	30	238	23	263	17
114	91	139	68	164	52	189	39	214	30	239	23	264	17
115	90	140	67	165	51	190	39	215	30	240	22	265	17
116	89	141	66	166	50	191	38	216	29	241	22	266	16
117	88	142	66	167	50	192	38	217	29	242	22	267	16
118	87	143	65	168	49	193	38	218	29	243	22	268	16
119	86	144	64	169	49	194	37	219	28	244	21	269	16
120	85	145	63	170	48	195	37	220	28	245	21	270	16
121	84	146	63	171	48	196	36	221	27	246	21	271	15
122	83	147	62	172	47	197	36	222	27	247	21	272	15
123	82	148	61	173	47	198	36	223	27	248	20	273	15
124	81	149	61	174	46	199	35	224	27	249	20	274	15
125	80	150	60	175	46	200	35	225	27	250	20	275	15

AGE	GRADE	
	HIGH	SATISFACTORY
a	b	c
17 to 29	55	40
30 to 34	50	36
35 to 39	47	33

Note:
SPC = Sum of pulse counts.
STS = Step Test Score.

Fig. 3 - Tabela de conversão (STEP-TEST).

Coord. TCor Art.º HENRIQUE MAURÍCIO

Campeonato de Meia-Maratona da Zona Militar da Madeira (ZMM)

No passado dia 16Dez89 teve lugar a Meia-Maratona da ZMM, prova organizada pelo Esquadrão de Lanceiros do Funchal (ELFc).

Participaram 31 militares (1 of, 2 sarg e 28 praç), dos quais 2 veteranos, em representação das três Unidades daquele arquipélago, exactamente o Regimento de Infantaria do Funchal (RIFc), o Grupo de Artilharia de Guarnição N.º 2 (GAG2), para além da Unidade organizadora.

A prova disputou-se entre MADALENA DO MAR e RIBEIRA BRAVA, passando pela PONTA DO SOL, numa extensão de 21 Km.

As classificações foram as seguintes:

MODALIDADE	MEIA MARATONA da ZMM/1989			
	Concorrentes	Origem	Class./tp	
GERAL INDIVIDUAL I ESCALÃO (ATE 39 ANOS)	Sold Geraldo Gonçalves	RIFc	1.º	1.21.58
	Sold José Nascimento	RIFc	2.º	1.22.32
	1.º Cb Pelagio	GAG2	3.º	1.22.57
POR EQUIPAS I ESCALÃO		RIFc	1.º	32pts
		GAG2	2.º	48'
		ELFc	3.º	118'
INDIVIDUAL II ESCALÃO 39 ANOS	1.º Cb José Gomes	RIFc	1.º	1.37.14
	1.º Sarg Luis Fernandes	RIFc	2.º	2.02.46

Provas Desportivas integradas nas Comemorações no Dia do Regimento de Infantaria de Castelo Branco (RICB)

Torneio de Futebol de 5

Terminou o Torneio de Futebol de 5 (integrado nas comemorações do Dia da Unidade) do RIBC, saindo vencedora a equipa da "casa" que bateu na final a GNR por 2-0.

Os principais resultados:

Meias-finais: GNR, 2 - Bombeiros Vol. CB 1 e RIBC (A), 5 - RIBC (B), 0.

Apuramento dos 3.º e 4.º lugares: BVCB, 3 - RIBC (B), 0.



Final: RIBC (A), 2 - GNR, 0.

A classificação final ficou assim ordenada: 1.º RIBC (A); 2.º GNR; 3.º BVCB; 4.º RIBC (B); 5.º Guarda Fiscal; 6.º Tribunal; 7.º Estab. Prisional e 8.º PSP.

IV Grande Prémio de Atletismo

Igualmente integrado nas comemorações do Dia da Unidade, além do Torneio de Futebol de Cinco, realizou-se no dia 22 de Outubro de 1989 pelas ruas da cidade de Castelo Branco, numa extensão de 6 Km, o IV Grande Prémio de Atletismo do Regimento de Infantaria de Castelo Branco.

Alinharam à partida 102 concorrentes, distribuídos por 21 equipas civis e militares. Concluíram a prova 96 atletas, tendo-se classificado todas as equipas.

Distribuíram-se taças a todas as equipas; troféus individuais aos primeiros cinco classificados e medalhas do Regimento do 6.º ao 20.º lugares.

Referindo os prémios é de justiça realçar a contribuição entusiástica e total evidenciada pelas instituições e firmas comerciais da cidade e do distrito de Castelo Branco, a quem o Regimento solicitou a sua colaboração.

Foram todos incedíveis na satisfação dessas solicitações e o êxito desportivo e social alcançado no IV Grande Prémio a essas entidades é devido.

Momento da partida para o IV Grande Prémio de Atletismo do Regimento de Infantaria de Castelo Branco.

Após a distribuição dos prémios serviu-se um almoço-convívio no Regimento com a presença dos atletas civis e seus dirigentes que participaram na prova de atletismo, bem como aqueles que anteriormente haviam participado num torneio de futebol de 5, além dos militares intervenientes, num ambiente de franca camaradagem.

As classificações constam do Quadro em destaque:

MODALIDADE	IV GRANDE PRÉMIO DE ATLETISMO DO RIBC			
	Concorrentes	Origem	Class./tp	
CLASSIFICAÇÃO INDIVIDUAL	Sold Fernandes	RIT	1.º	21',44
	Sold Teixeira	BSM	2.º	
	Fernando Matos	ESNA "A"	3.º	
	Catarino	GCDF	4.º	
	Cb Dias	RIT	5.º	
CLASSIFICAÇÃO COLECTIVA	Regimento de Infantaria	de Tomar	1.º	14 pts
	E.S. Nuno Álvares "A"		2.º	27'
	C.P.T. Rodrigo "A"		3.º	35'
	BSM		4.º	39'
	Batalhão de Infantaria	de Aveiro	5.º	48'

Agenda

MARÇO

DIA	SOL (a) (b)		LUA (a) (b)		Fase	MARÉS (a)				EFEMÉRIDES	
	Nasc.	Ocaso	Nasc.	Ocaso		Preiamar		Baixamar			
01. 5.ª f.	07.09	18.30	09.04	23.45		05.36	17.57	11.21	23.41	1874 – Inaugurado o monumento a Salvador Correia de Sá, em Luanda. 1630 – Capitulação do Forte de S. Jorge (Recife) 1388 – Melgaço é tomada aos Castelhanos	
02. 6.ª f.	07.08	18.31	09.41	*		06.20	18.43	–	12.05		
03. Sáb.	07.07	18.32	10.26	01.01		07.52	19.40	00.32	12.59		
04. Dom.	07.05	18.33	11.21	02.11	Q.C.	08.21	20.58	01.38	14.10	1498 – Extinção dos Corpos de Besteiros na antiga milícia 1421 – Igreja de Ceuta é elevada a catedral 1586 – Martim Afonso de Melo conquista Mombaça 1814 – Tropas anglo-lusas ocupam Pau 1868 – Confronto entre habitantes da Madeira e a guarnição militar 1899 – Criado o Instituto D. Afonso V, hoje Instituto de Odivelas 1811 – Os franceses são vencidos pelas tropas anglo-lusas no combate de Giranda	
05. 2.ª f.	07.04	18.34	12.23	03.13		09.55	22.36	03.13	15.48		
06. 3.ª f.	07.02	18.35	13.31	04.06		11.30	23.58	04.59	17.21		
07. 4.ª f.	07.01	18.36	14.40	04.49		–	12.39	06.15	18.26		
08. 5.ª f.	06.59	18.37	15.48	05.24		00.58	13.29	07.06	19.12		
09. 6.ª f.	06.58	18.38	16.54	05.53		01.46	14.11	07.46	19.50		
10. Sáb.	06.56	18.38	17.58	06.18		02.26	14.48	08.19	20.23		
11. Dom.	06.55	18.39	18.59	06.41	L.C.	03.03	15.22	08.49	20.55		1537 – Fernão Mendes Pinto parte de Lisboa para o Oriente 1621 – Canonização de S. Francisco Xavier 1896 – Promovido a Major, por distinção, o Cap Cav Mouzinho de Albuquerque 1811 – Wellington derrota Massena em Condeixa 1916 – António José de Almeida assume a Presidência do Conselho de Ministros 1642 – Os Portugueses reconquistam a Fortaleza de Angra do Heroísmo 1490 – Tavira é elevada a cidade
12. 2.ª f.	06.53	18.40	20.00	07.03		03.37	15.24	09.17	21.25		
13. 3.ª f.	06.51	18.41	21.01	07.26		04.09	16.24	09.45	21.55		
14. 4.ª f.	06.50	18.42	22.01	07.50		04.40	16.54	10.13	22.25		
15. 5.ª f.	06.48	18.43	23.02	08.17		05.09	17.23	10.42	22.57		
16. 6.ª f.	06.47	18.44	*	08.47		05.38	17.53	11.13	23.31		
17. Sáb.	06.45	18.46	00.02	09.24		06.08	18.25	11.47	–		
18. Dom.	06.44	18.47	01.00	10.06	Q.M.	06.44	19.07	00.11	12.28	1833 – Baterias realistas bombardeiam o Porto 1879 – Major Serpa Pinto conclui a travessia de África 1890 – O RI 1 passa a denominar-se Reg. n.º 1 de Inf. da Rainha 1464 – Afonso V ganha combate em Alcácer-Ceguer. 1823 – Guarda Nacional é mandada organizar em todo o reino 1838 – RI 4 passa a denominar-se RI 20 1764 – A Repartição de Tenência passa a denominar-se Arsenal do Exército	
19. 2.ª f.	06.43	18.48	01.56	10.57		07.39	20.17	01.04	13.27		
20. 3.ª f.	06.41	18.49	02.45	11.55		09.19	22.03	02.26	15.03		
21. 4.ª f.	06.39	18.50	03.29	12.59		11.07	23.29	04.11	16.42		
22. 5.ª f.	06.38	18.50	04.06	14.06		–	12.13	05.28	17.48		
23. 6.ª f.	06.36	18.51	04.39	15.16		00.26	12.59	06.19	18.35		
24. Sáb.	06.34	18.52	05.08	16.26		01.12	13.40	07.02	19.17		
25. Dom.	06.33	18.53	05.35	17.38	L.N.	01.53	14.18	07.41	19.57	1912 – Assalto ao Jornal de Notícias do Porto 1809 – Início da defesa da cidade do Porto 1211 – Aclamação de Afonso II, 3.º rei de Portugal 1641 – Rendem-se os Espanhóis do Forte de S. Sebastião, na Terceira 1809 – Desastre da Ponte das Barcas (Porto) 1922 – Gago Coutinho e Sacadura Cabral iniciam 1.ª travessia aérea do Atlântico 1834 – O Almirante Carlos Napier pôs cerco à Praça de Valença	
26. 2.ª f.	06.31	18.54	06.02	18.52		02.33	14.57	08.20	20.36		
27. 3.ª f.	06.30	18.55	06.31	20.08		03.14	15.36	08.58	21.16		
28. 4.ª f.	06.28	18.56	07.02	21.26		03.55	16.16	09.38	21.57		
29. 5.ª f.	06.27	18.57	07.38	22.44		04.37	16.57	10.18	22.40		
30. 6.ª f.	06.25	18.58	08.22	23.59		05.21	17.41	11.00	23.26		
31. Sáb.	06.24	18.59	09.15	*		06.09	18.30	11.46	–		

* Nestes dias não se verifica o nascimento ou o ocaso da lua.

(a) Os dados referem-se a Lisboa. (b) Bordo superior.

DIAS FESTIVOS

- | | |
|---|--|
| 03. Colégio Militar | 19. Hospital Militar Regional n.º 2 |
| 08. Serviço de Saúde Militar | Serviço Histórico Militar |
| Hospital Militar Regional n.º 4 | Regimento de Infantaria de Viseu |
| Escola de Serviço de Saúde Militar | 20. Batalhão de Infantaria de Aveiro |
| 09. Distrito de Recrutamento e Mobilização do Funchal | 21. Museu Militar do Porto |
| Distrito de Recrutamento e Mobilização de Braga | Batalhão do Serviço de Material |
| Distrito de Recrutamento e Mobilização de Angra do Heroísmo | 24. Arma de Transmissões |
| Distrito de Recrutamento e Mobilização de Beja | 25. Regimento de Infantaria de Chaves |
| Distrito de Recrutamento e Mobilização de Setúbal | 27. Corpo de Intervenção da PSP |
| 11. Polícia de Segurança Pública de Lisboa | 31. Batalhão de Informações e Reconhecimento das |
| 13. Regimento de Cavalaria de Santa Margarida | Transmissões |

ospatiale
aerospatiale
aerospatiale
aerospatiale
aerospatiale
ospati

ENGENHOS TÁCTICOS

ERYX - Nova arma anticarro de Infantaria para curtas distâncias



Eficácia contra todas as blindagens modernas • **Perfuração 900mm** de aço homogêneo • **Alcance 600 metros** • **Precisão** Alta probabilidade entre os 50 e 600 metros • **Peso**—Posto de tiro 4,8 kgs—Munição 11 kgs.

ARMA DE DEFESA IDEAL PARA ZONAS URBANAS, PODENDO FAZER FOGO EM ZONAS CONFINADAS DADO NÃO TER EFEITOS PARA A RETAGUARDA

REPRESENTANTES
EXCLUSIVOS



MONTAGREX — OPTAGREX

Sociedade Portuguesa de Importações e Exportações, Lda.

Av. Óscar Monteiro Torres, 20 - 2º H
1000 LISBOA (Portugal)
Telex: 15397 Agrex P
Telefs. 76 61 12 - 76 77 34
Telefax 77 56 33



BRASÃO DE ARMAS DO DESTACAMENTO DO FORTE DO ALTO DO DUQUE

- Escudo de vermelho calçado de prata carregado com uma torre quadrada do mesmo.
- Elmo militar, de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra.
- Correia de vermelho perfilada de ouro.
- Paquife e virol de vermelho e de prata.
- Timbre: um grou de negro, bicado, barbado, coroadado, animado e sancado de vermelho, a sua vigilância de prata.
- Divisa: num listel de branco, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir “ALERTA ESTÁ”.

b. Simbologia e alusão das peças

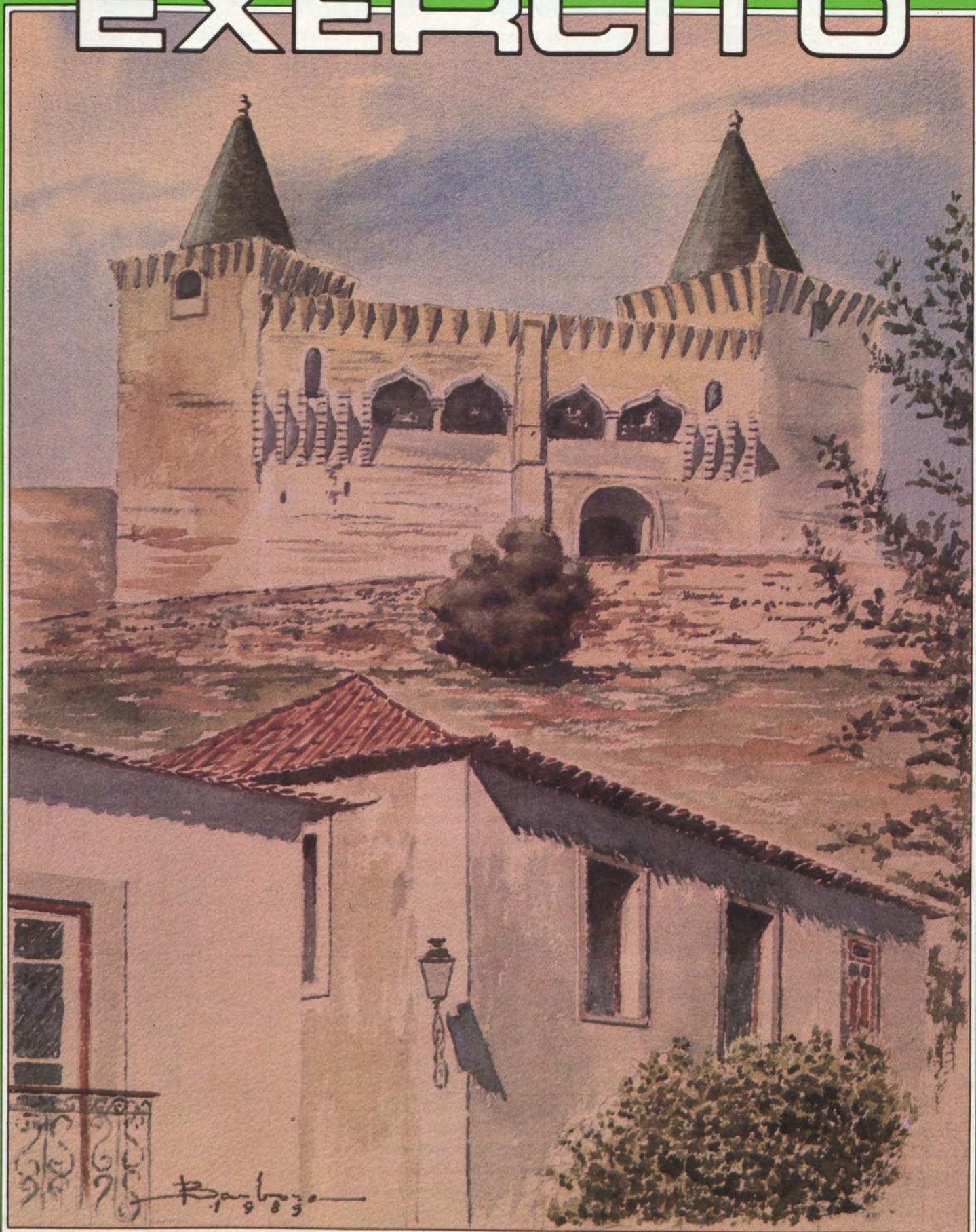
- A Torre invoca o velho forte, atalaia secular de eventuais movimentos inimigos na massa argêntea do rio — a PRATA — pronto a desencadear o seu fogo — o VERMELHO — sobre a ameaça marítima à cidade.
- O GROU, símbolo lendário de vigilância, recorda que, se na hora do combate são a coragem e a força os factores determinantes, o êxito assenta inicialmente no alerta atempado que informa o defensor que o momento da luta chegou.
- A DIVISA “ALERTA ESTÁ” proclama a prontidão permanente do forte no cumprir das responsabilidades que lhe incumbem no conjunto da defesa.

c. Significado dos esmaltes

- A PRATA — A humildade de quem faz da atenção a base do cumprir.
- O VERMELHO — A resolução de actuar no exacto momento.
- O NEGRO — O senso de julgar correctamente a decisão a tomar.

Jornal
do

EXÉRCITO



Uniformes Militares

Por MANUEL A. RIBEIRO RODRIGUES

Regimentos de Cavalaria Caçadores a Cavalo

Este artigo é dedicado à iconografia do grande uniforme dos oficiais de Caçadores a Cavalo e ao mesmo tempo um pequeno exemplo do trabalho de investigação em uniformologia.

Uma das ilustrações reproduzidas quase não necessita de apresentação devido ao seu traço e excelente aguarela: trata-se de um trabalho do Coronel Ribeiro Arthur que não necessita de comentários.

A outra é uma gravura aguarelada, por autor desconhecido, e que se encontra no Arquivo Histórico Militar. Verifica-se facilmente que se trata de uma gravura contemporânea do uniforme, pelo facto de estar bastante estilizada e pela cintura do figurino ser extremamente delgada, tão em moda nessa época, verificando-se que se trata de uma figura extremamente elegante, com a grande vantagem de se apresentar de frente e de costas.

No respeitante à qualidade da aguarela, vê-se facilmente, e ao ler-se os meus artigos anteriores ainda mais, que se trata de uma gravura que foi colorida, ou muito mais tarde, ou por alguém que desconhecia as verdadeiras cores a utilizar, verificando-se assim: todas as guarnições de barretina apresentam-se em prata e na realidade eram douradas; a espada tinha o guarda-mão, o pomo e o botão dourado; a bainha da espada tinha o bocal, a ponteira, as braçadeiras e as argolas igualmente douradas e não prateadas; a pasta e a canana tinham a sigla "M" de metal dourado. Nota-se na gola a falta das duas casas, de cada lado, de galão dourado.

Como se pode verificar, a aguarela tem muitos erros no respeitante à cor; contudo a gravura é excelente no respeitante ao uniforme e seus pormenores, podendo-se dizer que foi uma pena ter sido aguarelada. Aliás, este facto pode-se verificar na grande maioria de gravuras que, infelizmente, foram aguareladas por curiosos ou por simples passatempo: têm erros muito grandes nas cores, o que é pena e leva



muitas pessoas depois a cometerem enganos bastante graves.

Pelo exposto, vê-se que nem todas as fontes iconográficas estão correctas, principalmente as respeitantes a uniformes. Por isso, aconselha-se sempre a consulta das origens; neste caso toda a legislação publicada respeitante ao uniforme que pretendemos apresentar, sendo necessário ter sempre em atenção os pormenores e cores, além de um grande sentido de observação.

Hoje em dia, infelizmente, existem muitos antiquários e leiloeiros que, para valorizarem uma gravura a mandam aguarelar, ou eles próprios o fazem, sem o mínimo conhecimento das cores dos uniformes, vendendo aos incautos, por um valor excessivo uma gravura rica em pormenores, mas sem rigor iconográfico, o que a desvaloriza e esvazia como fonte documental. Fica apenas a fantasia de um aguarelista sem qualquer cuidado de rigor e o interesse comercial do antiquário ou leiloeiro.



EXÉRCITO

ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60



A NOSSA CAPA

Paço — Castelo de Porto de Mós
Distrito de Leiria - Séc. XV.
(Aguarela do General Orlando Barbosa)

A DEFESA COMUM EUROPEIA

8



Sumário

NÚMEROS

6



OS PAINÉIS DE S. VICENTE

26



Uniformes Militares	2	Monumentos de Evocação Militar	29
Efeméride	4	Transmissões	30
Editorial	5	Os Escudos	31
Números	6	Poesia	32
A Defesa Comum Europeia	8	Língua Portuguesa	33
Figuras e Factos	10	Livros	34
Prémio Jornal do Exército 1990	16	Modelismo	37
Miramundo	17	Jogos de Guerra	38
Portugal e a CEE	20	Filatelia	39
Antologia	21	Recreio	41
Isto Aconteceu	22	Passatempo	43
História Breve da Construção da Fortaleza de S. José ou da		Legislação	47
Amura em Bissau	23	Desporto	48
Dia das Transmissões	25	Agenda	50
Os Painéis de S. Vicente	26	Brasão de Armas da Escola Militar de Electromecânica	52

PROPRIEDADE DO
ESTÁDO-MAIOR DO EXÉRCITO

DIRECTOR:
General Carlos Elmano Rocha

REDACÇÃO:
Chefe:
TCor José Machado Diniz

Redactor:
Capitão Francisco Marques Fernando

Orientação Gráfica:
Inês Galvão



Colaboração Fotográfica:
CAV/CHEMATI

SERVIÇO ADMINISTRATIVO:
Chefe:
Coronel Vítor Pires Mendes

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Largo da Graça, 94
1100 LISBOA
Tel. 87 03 55

Execução Gráfica:
MADEIRA & MADEIRA, LDA.
R. 16 de Abril, 6 c/v, Alto do Bexiga
S. Pedro - 2000 SANTARÉM
Tel. 2 01 96 - Fax 2 07 37

TABELA DE PREÇOS

PREÇO DE CAPA	180\$00
ASSINATURA ANUAL (12 números)	
VIA SUPERFÍCIE	950\$00
— Portugal Continental	
— Países africanos de língua portuguesa e	
Espanha	2.000\$00
— Restantes países	2.800\$00

VIA AÉREA	
— Madeira e Açores	1.500\$00
— Macau	3.000\$00
— Espanha	2.500\$00
— Países europeus (excepto Espanha)	3.000\$00
— Países africanos de língua portuguesa	3.500\$00
— Restantes países	4.500\$00

NOTA: As assinaturas devem ser pagas antecipadamente. As despesas de cobrança ao domicílio são por conta dos assinantes.

TIRAGEM: 8000 exemplares
Depósito Legal nº 1465/82

Os artigos e secções assinados exprimem a opinião dos seus autores e não reflectem, necessariamente, um ponto de vista oficial. Os artigos e secções não assinados são da responsabilidade da Direcção.

9 de Março de 1918

Uma companhia de Infantaria 21, comandada pelo Capitão Ribeiro de Carvalho, executa com êxito um *raid* às linhas alemãs, na frente da Flandres.



Jaime Cortezão, nas suas "Memórias da Grande Guerra", dá-nos o relato desta temerária operação, recolhido da boca do Tenente Luís Gonzaga na sua cama de hospital, quando recuperava dos graves ferimentos recebidos no assalto às posições alemãs:

— "Pois foi assim, amigo:

No dia 7 fui avisado pelo ajudante Zé Ferreira que o general Gomes da Costa queria alguns *boches* e escolhera a minha companhia para essa operação, tanto reclamo eu e os alferes Henrique Augusto e Cruz Oliveira fazíamos dela.

O dia 8 foi passado em reconhecimento à região a atacar e regulação do tiro pela artilharia; e uma visita às latas a La Gorgue (você sabe: o nosso sector em miniatura, armado em lata e cimento no jardim do Q.G. 2).

À noite fez-se a divisão de grupos em corta-arames, protecção às metralhadoras ligeiras, granadeiros e fuzileiros, distribuição de missões e munições. Às duas da madrugada marchámos pela trincheira para os pontos de saída. E cautelosos, em silêncio, rastejando, cortamos a *terra de ninguém*, até que às duas e quarenta e cinco estamos em linha a 25 metros do *boche*, devidamente escalonados em grupos por ordem de execução das missões. Então o capitão Ribeiro de Carvalho percorre a linha, nas barbas do *boche*, verificando se tudo estava em ordem, não sem ter largado alguns feios palavrões, próprios da *trincha*.

Às três, a artilharia pesada começa a festa. O *boche* mostra-se inquieto. Gasta muitos *very-lights*. E bate toda a *terra de ninguém*, ao acaso, com rajadas consecutivas de metralhadoras. E à minha frente, ali a dois passos, vejo os *boches*, sondando o chão, de pé no parapeito, inclinando-se desconfiados. A gente reteve o respirar, mas parece-nos, tão próximos os vemos, que até as pancadas do coração eles podem ouvir.

Às quatro e cinquenta e cinco a nossa artilharia de campanha rompe um fogo infernal, desarrumando a casa ao nosso Fritz, por completo.

São cinco horas. A artilharia calou-se por

segundos para alongar o tiro. E neste instante ergue-se tudo. Os cento e vinte homens, ao sinal dos alferes, atiram-se ao assalto. Mas como a artilharia não conseguira abrir o caminho por completo, têm os grupos corta-arames de acabar o serviço, de tal maneira que os 25 metros que nos separam do *boche* são transpostos, enervantemente, desesperadamente, não a passo de carga, mas pouco mais que em cadência ordinária. Saltamos dentro de trambulhão.

De frente, à queima-roupa, uma metralhadora desfecha contra nós. As balas rugem aos ouvidos.

Caio-lhe em cima com uma ordenança voluntária, a tiro e à baioneta. De lá vêm também granadas de mão. Mas o *boche* apontador, com os intestinos furados, largamos a metralhadora.

Os meus soldados, já na *trincha*, varrem à frente os *boches* à baioneta e à granada. Corro a juntar-me a eles. Um alemão joga-me a baioneta, que me toca de leve; mas um soldado no mesmo instante desfecha contra ele. Foi ao entrar na trincheira de comunicação que um estilhaço me furou o ventre.

No centro o capitão Ribeiro de Carvalho corre com duas ordenanças sobre um oficial alemão, que está com um grupo de homens, mas todos *cavam* prudentemente. Conseguem ainda assim apanhar-lhe as duas ordenanças.

Nesta altura, enquanto alguns soldados correm pelas *trinchas* de comunicação à linha de suporte, continuar a caça, convidam-se os *bo-*

ches, são e feridos, que estão dentro dos abrigos a *vir connosco*.

— *Portugal três bonne. Came on tout de suite.*

Mas os *boches* recusam todos com pertinácia; motivo por que a engenharia faz saltar abrigos e abrigados com igual teimosia.

Eu já tinha uma metralhadora e um prisioneiro.

Mandei lançar os *very-lights* para retirada e a artilharia cessar fogo. Ao meu lado, o Cruz Oliveira tinha as pernas furadas e uma delas, de peróneo feito em dois. *Comeu*, logo ao entrar da *trincha*, mas aguentou-se como um homem, até ao fim da *soirée*.

E ele coxo, lacerado, pingando sangue e eu a agarrar o ventre do lado esquerdo, a tomarmos um sobre o outro e a perder as forças aos poucos, assistimos de pé à retirada dos soldados triunfantes, alegres, agarrado cada qual a um *souvenir*.

A malta veio toda, com 25 feridos ao que me disseram. Alguns foram como voluntários. E um que tinha de ficar noutra serviço, tanto protestou a sua indignação por ficar e o seu desejo de ir comigo que o deixei ir e lá portou-se como os mais valentes.

Chegado à nossa *trincha*, fui para uma ambulância. Aí os seus colegas abriram-me a máquina e mexeram cá por dentro. E ao que parece estive a *patear*.

E se mais lhe não digo, é porque mais não sei."

Editorial

Prémios e colaboradores

Criado há cinco anos, o "Prémio Jornal do Exército" veio despertar um interesse redobrado junto dos leitores, não só porque passaram a contar com temas mais variados e interessantes mas também porque tomaram consciência de que o seu Jornal é mesmo seu, isto é, deixaram de o encarar passivamente como simples leitor e a vê-lo como algo que lhes toca de perto, os provoca e os convida a pegar na caneta para passarem a letra de forma o resultado de estudos ou de leituras, o que ficou da experiência ou na memória e é útil partilhar com os outros.

Felizmente, este apelo à colaboração dos leitores tem dado os seus frutos. Uns descobriram um espaço onde, já assiduamente, podem expressar as suas ideias; outros vêem chegada a oportunidade de um trabalho, feito com enorme esforço no âmbito de um curso ou de um colóquio, não ficar esquecido para sempre no canto de uma gaveta quando mereceria uma divulgação mais alargada.

Todos têm aproveitado: os que escrevem, mesmo que não tenham ganho o prémio, porque se podem rever na sua escrita e se sentem úteis; os que lêem porque se enriquecem e são levados a seguir o exemplo dos primeiros; o Jornal porque está a ser um meio de comunicação na verdadeira acepção do termo; o Exército, porque dispõe de um órgão que pode complementar, com eficiência, a informação e a formação directa ministrada aos seus militares.

O afluxo de artigos à Redacção tem melhorado muito nos últimos anos e o recurso à tradução ou à transcrição tem sido mínimo, o que já é um bom indicador. Porém, ainda existe uma certa relutância dos militares para escreverem, situação que importa inverter, através de incentivos e da consciencialização do papel importantíssimo que a Imprensa Militar pode desempenhar na divulgação da imagem do Exército, interna e externamente.

Um dos motivos que levou à institucionalização do "Prémio JE" foi, precisamente, incentivar a colaboração. A princípio pretendeu-se que essa colaboração privilegiasse a História Militar contemporânea procurando, sobretudo, recolher memórias da Guerra do Ultramar de 1961-74. Depois o âmbito do concurso alargou-se a um vasto campo de temas por forma a que todos os leitores, sem excepção, pudessem ter alguma coisa para comunicar, desde o oficial ao soldado e aos civis, no activo, na reserva ou na reforma. Neste momento os mais jovens são os menos motivados para estas coisas da escrita e é pena, pois o JE é-lhes especialmente destinado. Eles que estão mais em contacto com o Exército real, seriam os comunicadores privilegiados e tornariam o Jornal do Exército num elo de ligação ainda mais dinâmico entre todos os militares e um espelho da imagem do Exército junto da sociedade civil.

Dos mais velhos é importante recolher a experiência e a memória; dos mais novos importa auscultar os anseios e incentivar a motivação. É sobretudo para estes que dirigimos este apelo de colaboração e chamamos a atenção do anúncio do "Prémio do Jornal do Exército 1990" publicado na página 16 deste número.

J.D.

NÚMEROS

Pelo Cor Eng.^a MANUEL FANGUEIRO

“Faz o recenseamento de toda a Assembleia”
(Livro dos Números, Cap. I, versículo 2)

“Numa herdade há...” Um dos problemas começava assim e foi justamente a gravura (só pernas de militares) que me recordou. A gravura e o texto do “Semanário” de 13 de Janeiro p.p., a propósito da reunião na Academia Militar de “2.500 oficiais, mais de 50% dos oficiais existentes no País”, susceptível de “várias leituras”.

Mas que leituras podem ser feitas dos números?

Há uns bons vinte anos, deu-se uma revolução no ensino da matemática do 1.º ciclo. Uma forma diferente de ensino, denominada, pomposamente, matemática moderna.

O ensino tradicional partia da simples aritmética da Escola Primária, onde os problemas eram manipulados e chegava à aritmética racional do 7.º ano do liceu onde eram abstraídos. Correspondia ao desenvolvimento natural do aluno: memória - raciocínio - abstracção, uma vez ultrapassada a fase inicial do afecto e dos sentidos.

Na escada pestalozziana do conhecimento, o 1.º degrau é o amor. A criança desperta mais rapidamente, quando acarinhada. O 2.º, os sentidos, porque no despertar referencia o mundo, embora com erros de perspectiva. O 3.º, a memória que fixa a experiência. O 4.º, o raciocínio, tantas vezes um falso degrau apenas a servir o **karaté** do espírito que ofusca sem iluminar. Finalmente o 5.º, a abstracção — criação.

A tecnocracia no ensino da matemática invertia a escada e, logo no início do 1.º ano, desafiava o aluno com exercícios que apelavam à capacidade de abstracção. Ao mesmo tempo, não exigia o memorizar da tabuada. Como a tabuada era o músculo do cálculo mental, ao inverter a escada tão completamente, a tecnocracia acabou por unir os pés com a cabeça, tirando o patamar à cabeça e aos pés, com os referidos exercícios.

Naturalmente a miudagem retorcia-se por não atinar com as dificuldades, como os pombos correios sem órgãos de direcção.

Era o caso do meu sobrinho António, quando a mãe solicitou a minha ajuda. À distância, aconselhei-a a tentar um explicador. Para este, todavia, os problemas só podiam resolver-se com equações do 1.º grau. Como o rapaz não as tinha dado, o explicador retirou-se solene, a minha irmã afligiu-se e o António sorriu, aliviado, para umas férias completamente livres.

No entanto, a mãe voltou a insistir e, um tanto contrariado, lá marchei de Tanços (ou St.^a Margarida) para uma curta vilegiatura na Póvoa onde interrompi as correrias da praia ao meu sobrinho, encantado por ainda não ter alcançado as equações do 1.º grau.

Sentei-o à mesa e meditei com ele nos tais problemas da matemática moderna. Um deles começava assim: “Numa herdade há touros e galinhas, totalizando um número de 600 cabeças e 1600 pernas. Quantos são os touros e as galinhas?”.

O problema, relacionando touros (t), galinhas (g), pernas (p) e cabeças (c) podia ser arrumado facilmente e sem raciocínio num sistema de duas equações a duas incógnitas, como pretendia o explicador. Era uma simples tradução do enunciado para linguagem matemática.

Também podia ser resolvido com uma equação a uma incógnita, explicitando quer os touros, quer as galinhas. Tal exigia um pouco mais de reflexão. Se todos os exemplares tivessem, por hipótese, duas pernas, os pares das pernas sobranteriam equivaleriam ao número de touros ou seja: $t = 0,5 (p-2c)$. Analogamente se tivesse quatro, o número de galinhas seria $g = 0,5 (4c-p)$.

Desta forma, tornava-se evidente que as galinhas e os touros, para serem explicitados, deviam pagar, respectivamente, uma espécie de imposto em pernas com respeito às cabeças relativamente às pernas.

Era óbvio que o meu sobrinho não entraria em sintonia com este esquema e, assim, resolvi apelar para viagens susceptíveis de o atrair. Uma delas, a do machado. O António cortaria as pernas

diantes aos touros, transformando-os em galinhas. Depois contaria os pares de pernas cortadas e chegaria aos touros mutilados. Subtraindo o número de touros ao das cabeças, deduziria o das galinhas. No exemplo, com os touros transformados em galinhas teríamos $600 \times 2 = 1200$ pernas. Como havia 1.600, os pares de pernas cortadas, portanto os touros seriam $0,5 (1.600-1.200) = 200$ e, finalmente, 400 galinhas (600-200).

Com o machado imaginário, o António resolvia qualquer problema deste tipo, fosse de agro-pecuária ou de motores de aviões.

Fiz então três descobertas:

1.^a) Muitos raciocínios não passam de mnemotécnicas de procedimentos;

2.^a) Os problemas, embora não assimilados, podem resolver-se (infelizmente) com números desligados do suporte real;

3.^a) Os pedagogos ao provocarem tais resoluções nunca tinham sido crianças. Quando muito foram crianças complexadas a fustigarem, mais tarde, já adultos, outras crianças com a vara dum raciocínio que eles próprios nunca entenderam bem.

Entretanto, o meu sobrinho divertia-se neste jogo mecânico, indiferente à realidade dos números e à lógica do conhecimento. Não sentia problemas de consciência, porque a batota era minha e os resultados serviam.

Resultados pragmáticos, como os do António, já os egípcios colhiam, milhares de anos antes de Cristo, por necessidade de rectificarem as propriedades, após as cheias do Nilo. Sabiam que um triângulo de lados 3, 4 e 5 é rectângulo, embora desconhecêssem a relação $5^2 = 4^2 + 3^2$. Mas Pitágoras, ao universalizá-la, não deixou também de extrair dos números um significativo místico e interesseiro para satisfazer uma religião cujo preceito capital residia no pecado de comer favas.

Como se vê, com os números há sempre várias leituras, segundo os interesses de cada um. Mas tais leituras jamais cor-



responderão, na falta de vivência, aos resultados do conhecimento socrático, arrancado à memória de Ménon, conhecimento que provém da memória, como a memória da experiência. Quem saberá, por exemplo, falar das Forças Armadas, se nunca lhes percorreu as fileiras, confundindo os soldados com bombeiros e os quartéis com fábricas improdutivas a que faltam chaminés?

O pragmatismo dos números vestiu-se sempre das mais diversas modas, até ser exibido nas montras políticas do nosso tempo, à laia de figurinos, em percentagens e estatísticas.

Falemos um pouco disto.

Para o discurso político, a percentagem é uma proposta que levanta um problema epistemológico na medida em que representa uma relação. Ora nessa relação, torna-se difícil colocar no mesmo plano o antecedente e o consequente. Em qualidade, são como as impressões digitais. Sempre diferentes, por não disporem dos mesmos condicionamentos. Deste modo, a percentagem, como proposta, não passa dumha petição de princípio, ao partir, na relação entre termos, da homogeneidade que pretende (sem a demonstrar) incluir nos resultados. Não houvesse o perigo de prolongar impertinente o artigo e interessantes exemplos poderiam apresentar-se nesta matéria sobre os números.

Quanto às estatísticas... Bom... Se numa aldeia de 10 habitantes metade come galinhas e a outra metade açorda, as estatísticas logo informam que a aldeia consome meia galinha "per capita".

Dirão que as estatísticas, como as leis

da sorte, só contemplam os grandes Números. Mas qual é o limite de aplicação num povo individualista como o nosso, repleto de filhos e enteados?

Certamente, por influência de Pitágoras para quem o número era lei do Universo e a unidade a lei de Deus, as Forças Armadas, aturdidadas com a lógica de alguns números novos, vão sofrendo a ingenuidade de acreditar que, embora o Universo provenha do caos, Deus é com certeza militar.

Que leituras podem ser feitas dos números?

Naquela tarde de reunião na Academia, bem agasalhado por causa da minha isquémia, via a parada regorgitar de oficiais. Havia frio e subi devagar os degraus da antiga sala dos alunos. As minhas pernas eram mais ponteiros de minutos que de segundos, por causa do ângor.

— "Então como vais, engenheiro? A mulher? Os filhos?" - Era um velho camarada.

— "Assim, assim... E tu?"

Os contactos estabeleciam-se por geração, com bornes entre baterias a faiscarem para a mesma antiguidade. O olhar circunvagava até às origens. A parada, os edifícios...

— "Fizeram mais um andar! Isto agora está muito melhor..."

Tentei ressuscitar a Escola do Exército de há 40 anos. As formaturas. O corpo de alunos aos Sábados. A "cavalgada das valquírias" aos Domingos. O Espírito de Corpo todos os dias. Os toques de clarim. O tinir das espadas...

Mas, com o tempo, cada geração teria as suas paradas e os seus clarins.

A contemporaneidade ainda era a grande senha.

— "Está muita malta. Dizem que entre uns 2.000 a 3.000!..."

De novo os números e as diferentes gerações sobrepostas no mesmo tapete cinzento do asfalto pelo grande adesivo da memória a cobrir a ferida do tempo e outras feridas...

O unir dos abraços e mãos no deambular pelas mesas, como se fossem mesas pés de galo com o sortilégio de ressuscitar passados onde muitos outros camaradas, cobertos pelo lençol da noite, só poderiam reunir-se em espírito.

Então reflecti que talvez os números possuíssem algum sentido bíblico de reencarnamento. Só para nós, militares. Não para os outros que haveriam sempre de confundir-nos com botas cardadas de centopeias sem rosto.

Há 40 anos... Nesse tempo, não nos viam com pernas decepadas, mas por inteiro, porque sempre nos demos por inteiro, quando fomos chamados.

Nesse tempo... A memória é curta e os juízos agora têm mnemotécnicas diferentes. São outros os machados. Mais afiados...

O meu sobrinho não é militar. Há vários anos devolveu-me o machado imaginário. Já não precisa dele. Tem pernas que o levam a vencimentos superiores aos meus.

Inverteram-se as posições pedagógicas e é ele agora a procurar ajudar-me, mesmo em problemas sem pernas nem cabeças.

Vejam. Numa herdade havia...

Mas valerá a pena? E qual é a escada da nova Revolução dos Números neste reencarnamento?

A Assembleia é nossa. Só nós a compreendemos e a sentimos na carne. Só Nós!...

A DEFESA COMUM EUROPEIA

Pelo CorTir ÓSCAR GOMES DA SILVA

"Tudo amadurece a seu tempo e torna-se fruto na sua hora."

DIVYAVADANA

1. É inquestionável que, desde que Mikhail Gorbatchev ascendeu à liderança soviética em 1985, o mundo, em geral, e a Europa, em particular, têm vindo a ser palco de rápidas transformações sócio-políticas, com repercussões antes inesperadas no relacionamento Leste-Oeste.

Se bem que não se tenha verificado, ainda, uma mudança sensível na postura militar soviética, não é mais possível aos analistas de informações considerar que a URSS e o Pacto de Varsóvia mantêm o mesmo grau de ameaça que há um ano atrás.

Depois dos recentes acontecimentos na Polónia, na Hungria, na RDA, na Checoslováquia, na Roménia, na Bulgária, nos Estados Bálticos e no Cáucaso Soviético, parece poder afirmar-se que a União Soviética perdeu a capacidade de desencadear uma ofensiva generalizada em larga escala contra a Europa Ocidental.

É um facto que o Ocidente tem revelado um marcado fascínio pela personalidade de Gorbatchev e a opinião pública ocidental não consegue esconder o que tem sido designado de "gorbimania". Não se afigura prudente, todavia, depositar uma confiança total num só homem. Na realidade, a possibilidade de que Gorbatchev possa não sobreviver não deverá ser excluída, dado os múltiplos conflitos de interesses no seio da URSS. De momento, a sua posição parece forte, com o apoio das Forças Armadas e do KGB.

Assim, parece de admitir a existência de um consenso na liderança soviética quanto ao abrandamento das tensões Leste-Oeste e às transformações na Europa de Leste, tendo em conta a prioridade para a solução dos problemas sócio-económicos e políticos internos.

Até há pouco tempo, as duas superpotências têm vindo a ser elas, quase que, exclusivamente, a decidir sobre o que interessa à Europa e, por isso, cada vez mais se tem formulado a pergunta:

Deve a Europa continuar a ver discutir a sua segurança e, em certa medida, o seu destino, sem participar efectivamente nessa discussão?

2. Logo após o termo da 2ª Guerra Mundial, as tentativas de intervenção da URSS na Grécia, Turquia e Jugoslávia, o seu comportamento nos Estados Europeus de Leste e a forma como aplica os acordos na Alemanha ocupada, mostram claramente os desígnios de Estaline, o que faz nascer entre os países da Europa Ocidental a consciência da ameaça que se vislumbra no horizonte.

Assim, em 4 de Março de 1947, é assinado o Tratado de Dunquerque, entre o Reino Unido e a França; a 12 de Março, é proclamada a doutrina Truman e a 5 de Junho é anunciado o Plano Marshal de recuperação económica da Europa, que a URSS recusa.

O golpe de Praga, em Fevereiro de 1948, e o bloqueio de Berlim, de Abril de 1948 a Setembro de 1949, vêm evidenciar a urgente necessidade de se criar uma organização capaz de enfrentar com êxito o expansionismo soviético.

Desta forma, surge a 17 de Março de 1948, a União Ocidental, que integra os países do Benelux, a França e o Reino Unido, e, em Abril de 1949, a OTAN, cujos membros fundadores são a Bélgica, o Canadá, a Dinamarca, a França, a Islândia, a Itália, o Luxemburgo, a Holanda, a Noruega, Portugal, o Reino Unido e os EUA. Posteriormente, tornaram-se membros a Grécia, a Turquia, a RFA e a Espanha.

Em 1952, tendo como objectivo a participação da RFA na defesa da Europa, surge a tentativa de criação da Comunidade Europeia de Defesa (CED). Dois anos de diligências no seio da União Oci-

dental conduziram a um acordo em 1954 que, todavia, não entrou em vigor por a Assembleia Nacional Francesa ter recusado a sua ratificação.

Na sequência dos Acordos de Paris de Outubro de 1954, é criada a União da Europa Ocidental (UEO), tendo como objectivo essencial a cooperação europeia de defesa, que passou a integrar a RFA e a Itália, além dos cinco países fundadores da União Ocidental.

Salvo alguns períodos em que serviu de **forum** de consulta e reflexão, a UEO esteve praticamente inactiva, até que, a partir de 1984, passou a ganhar uma nova dinâmica, não só pela necessidade de harmonização da política europeia de defesa, mas também pelo desenvolvimento das matérias relacionadas como o controlo de armamentos e uma maior integração política e económica a nível da Comunidade Económica Europeia.

Portugal e Espanha passaram a membros da UEO desde Novembro de 1988.

3. No quadro da OTAN, a América do Norte e a Europa Ocidental têm constituído os dois pilares fundamentais para se fazer face à ameaça soviética e do Pacto de Varsóvia, mas cada vez mais se sente a necessidade de aumentar a coesão e de melhorar a coordenação do pilar europeu, em matéria de segurança e defesa.

Convém, por isso, recordar o que estabelece o Artigo 30º do Acto Único Europeu:

A OTAN terá que considerar as transformações em curso na Europa de Leste e na RDA e o Pacto de Varsóvia virá a sofrer profunda evolução.



A unificação alemã será inevitável e as transformações aceleradas nos estados da Europa de Leste fazem admitir a necessidade de um novo equilíbrio.



“As altas partes contratantes consideram que uma cooperação mais estreita sobre as questões de segurança europeia pode contribuir de forma essencial para o desenvolvimento de uma identidade da Europa em matéria de política externa e estão dispostas a coordenar melhor as suas posições sobre os aspectos políticos e económicos de segurança”.

Sabendo nós quão importante é a relação economia-defesa, uma coordenação europeia mais eficaz iria permitir a correção das assimetrias e o apoio ao desenvolvimento económico e estrutural dos países membros, ao mesmo tempo que a Europa passaria a ter uma voz mais coesa e mais forte no diálogo com as superpotências.

Citando Henry Kissinger, “a Europa deve assumir uma responsabilidade crescente pela sua própria defesa, com os EUA desenvolvendo uma acção apoiante efectiva.”

Perante o novo quadro geoestratégico que se vem desenhando no continente europeu, convém atender que:

- a unificação alemã tornou-se de alguma forma inevitável;
- a OTAN terá que considerar as transformações ocorridas e a acontecer na Europa de Leste e na RDA, em particular, e a consequente erosão da ameaça soviética;
- o Pacto de Varsóvia virá a sofrer, naturalmente, uma profunda evolução nos próximos anos;
- a integração política e económica da Europa Ocidental deverá ser incrementada;
- o relacionamento Leste-Oeste deverá ser olhado de uma nova perspectiva.

4. É importante referir que o “efeito Gorbachev” tem vindo a atingir de maneira crescente os diferentes públicos europeus e ocidentais, que se interrogam sobre a justificação dos gastos militares perante o dealbar do “admirável mundo novo”.

Não há pior cego do que aquele que não quer ver. Será, naturalmente, desejável uma redução das despesas militares

e a transferência das correspondentes verbas para sectores como a saúde e a educação, sendo, todavia, conveniente não esquecer que são os homens que fabricam e utilizam os sistemas de armas e que o “desarmamento” das mentalidades humanas está longe de ser alcançado e não sei mesmo se algum dia se atingirá esse desiderato.

Até lá, os Estados não poderão dispensar as suas Forças Armadas porque a paz terá que continuar a ser assegurada através da dissuasão, aos mais baixos níveis de forças, no âmbito do conceito da “segurança estratégica mútua”.

A OTAN terá que ser adaptada às novas realidades, mas não deverá ser extinta, tal como tem sido alvitado por alguns arautos do pacifismo utópico, antes deverá manter-se coesa e solidária e, no seio da Aliança, a UEO deverá ganhar um novo dinamismo e eficácia. Uma Europa Ocidental política, económica e militarmente coesa, no seio da OTAN, será o melhor garante de uma paz duradoura no continente.

5. Uma defesa comum europeia exige que os membros da UEO harmonizem e coordenem as suas políticas, tendo em vista:

- uma participação mais coesa e activa nas relações Leste-Oeste;
- a adopção de um conceito integrado de “Defesa Europeia Ocidental”, no âmbito da OTAN;
- o aumento da cooperação no sector da defesa;
- a consolidação de uma “Europa de Segurança”, no âmbito da OTAN, paralelamente com a Europa política e económica;
- a racionalização da produção militar e a cooperação logística, através do “INDEPENDENT EUROPEAN PROGRAMME GROUP” (IEPG) e do “EUROGROUP”;
- o estabelecimento de um adequado Programa de Informação Pública, em coordenação com a OTAN;
- o incremento da cooperação tecnológica;
- uma distribuição mais equitativa dos encargos com a defesa.

As transformações aceleradas que estão ocorrendo nos Estados da Europa de Leste fazem admitir a necessidade de um novo equilíbrio, equilíbrio este que deveria assentar nos seguintes pontos:

- um conceito para a unificação alemã, de acordo com o princípio da auto-determinação;
- um estatuto especial de segurança para o território da RDA;
- um potencial equilibrado de forças nos dois lados da actual divisória entre as duas Europas, incluindo uma acentuada redução das forças terrestres soviéticas e americanas;
- manutenção na Europa Ocidental de forças aéreas e nucleares dos EUA, como elemento fundamental da estratégia ocidental;
- um acordo verificável a nível do armamento estratégico;
- um reforço dos laços da Europa Ocidental com as democracias emergentes da Europa de Leste.

A História ensina que uma paz estável e duradoura somente pode ser estabelecida quando os interesses de todos os principais jogadores são harmonizados e conseguidos, ou seja, se as preocupações de segurança de todas as partes são adequadamente reconhecidas.

Se os dirigentes políticos responsáveis conseguirem alcançar um entendimento, creio que a Europa poderá continuar em paz, sem guerras quentes nem frias, e com reflexos positivos no caminho da tão almejada paz universal.

NOTA BIBLIOGRÁFICA:

- Nato, Our guarantee of Peace, Hugh Hanning, 1987
- Portugal e a UEO, Cor José Tavares Pimentel, 1988
- Living with the inevitable, Henry Kissinger, Newsweek, Dec 1989
- World almanac and book of facts, 1989
- Gorbachev and Perestroika, vários, 1989
- EUA - URSS, o Grande Desafio, Zbigniew Brzezinski, 1987

CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO DE ESPANHA VISITOU PORTUGAL

O Tenente-General D. Miguel Iñiguez Del Moral, Chefe do Estado-Maior do Exército de Espanha, chegou no passado dia 15 de Janeiro a Lisboa para uma visita oficial ao Exército Português.

No dia seguinte, 16 de Janeiro, visitou o Instituto de Altos Estudos Militares, onde foi recebido pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, tendo assistido a uma exposição sobre o Exército de Portugal.

No dia 18 o Tenente-General Del Moral, acompanhado pelo seu Chefe de Gabinete e pelos Adidos Militares de Espanha em Lisboa e de Portugal em Madrid, visitou a 1.ª BMI e o CIMSM.

À sua chegada àquele Campo Militar foi recebido pelo Vice-Chefe do EME, General Tomé Pinto, que foi o anfitrião desta visita.

O CEME espanhol assistiu a um exercício de prontidão operacional com um esquadrão de carros de combate.

Após o almoço no Clube de Tiro do Campo, os visitantes regressaram a Lisboa.

No Campo de Instrução Militar de Santa Margarida o ilustre visitante tomou contacto com as Unidades da 1.ª Brigada Mista Independente.



À sua chegada ao aeroporto de Lisboa, o Tenente-General Del Moral era aguardado pelo General Firmino Miguel.



Na sua visita ao Instituto de Altos Estudos Militares o CEME do país vizinho assistiu a uma exposição sobre o nosso Exército.



VISITAS AO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Cumprimentos de despedida do Adido de Defesa da Coreia do Sul

O Adido de Defesa da Coreia do Sul, Coronel Song-Sae Park, esteve, no dia 20 de Fevereiro, no Estado-Maior do Exército, a apresentar cumprimentos de despedida, tendo sido recebido pelo Director do Departamento de Operações e pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército.



Novo Adido de Defesa do Egipto apresenta cumprimentos

Esteve no passado dia 21 de Fevereiro no EME o novo Adido de Defesa, Militar, Naval e Aeronáutico do Egipto, Brigadeiro-General Mohamed Magdi Rashed Allam, tendo sido recebido pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, General Tomé Pinto.



Missão Militar de Angola

Um grupo de oficiais da delegação angolana, que acompanhou o Vice-Ministro da Defesa na sua deslocação a Portugal, foi recebido no Estado-Maior do Exército, em 29 de Janeiro, pelo Vice-CEME, General Tomé Pinto.

No dia 1 de Fevereiro aqueles oficiais deslocaram-se ao Campo de Instrução Militar de Santa Margarida, tendo visitado a 1ª Brigada Mista Independente, em cujo Quartel General assistiram a um *briefing* sobre a missão, características e possibilidades daquela Grande Unidade; visitaram, também, o Regimento de Cavalaria instalado naquele Campo Militar.

De Santa Margarida os oficiais angolanos seguiram para Tanços onde efectuaram idêntica visita à Escola Prática de Engenharia.



Comissão de Defesa visita a Academia Militar

A Comissão de Defesa Nacional da Assembleia da República visitou no passado dia 1 de Fevereiro a Academia Militar.

À sua chegada os membros da Comissão foram recebidos pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Firmino Miguel, tendo em seguida assistido a uma cerimónia de homenagem aos antigos alunos mortos em campanha.

Após a apresentação de cumprimentos aos oficiais da Academia Militar, os parlamentares visitaram o Palácio da Bemposta, assistiram a uma exposição sobre a organização e funcionamento da Academia e visitaram as instalações da Direcção de Ensino, do Corpo de Alunos e do Treino Físico.

Depois de assistirem à formatura e desfile de um batalhão de alunos, os membros da Comissão participaram no



almoço no refeitório de alunos, tendo no final da visita assinado o livro de honra.

Oferta do Espólio do Coronel Maia Magalhães ao Exército

Teve lugar no passado dia 19 de Fevereiro, na Biblioteca do Museu Militar, a cerimónia de entrega ao Exército do espólio de artigos e documentos militares do Coronel do Corpo de Estado-Maior, Manuel Firmino de Almeida Maia Magalhães, um dos impulsionadores e heróis da implantação da República.

Este espólio constituído por legados testamentários de sua filha, Dr.^a Alice Maia Magalhães, foi entregue pelo Dr. Arnaldo Bravo Torres Félix Alves e pelos sobrinhos do falecido, Prof. Dr. Vitorino Magalhães Godinho e Dr. José Magalhães Godinho, na presença de algumas personalidades militares e civis.

Os legados foram atribuídos ao Museu Militar, Arquivo Histórico-Militar, Biblioteca do Exército e Câmara Municipal de Chaves, com destino à secção militar do Museu Municipal.

Durante a cerimónia usaram da palavra o Director Interino do Museu Mili-



tar, que se referiu à distribuição dos vários legados, e o Prof. Vitorino Magalhães Godinho que fez uma exposição acerca do Coronel Maia Magalhães, traçando o seu perfil político-militar.

Por último, o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Mário Firmino Miguel, agradeceu os legados feitos ao Exército, enaltecendo também a figura do Coronel Maia Magalhães.

DA REGIÃO MILITAR DO NORTE

EPT comemora dia festivo

A 1 de Fevereiro, a Escola Prática de Transmissões, instalada no Quartel do Bom Pastor, no Porto, comemorou o seu dia festivo.

As cerimónias foram presididas pelo Comandante da Região Militar do Norte, General Guerreiro Ferreira, que proferiu uma alocução alusiva à efeméride.

O Comandante da Escola, Coronel José Luís da Silva Louro, proferiu um discurso enaltecendo a Unidade e dos seus militares.

Além das habituais actividades estritamente militares, teve lugar uma conferência proferida por Monsenhor Miguel Sampaio sobre a origem e história do Quartel do Bom Pastor que outrora fora Convento com o mesmo nome, local onde viveu e morreu a Irmã do Divino Coração, cujo processo de beatificação está em curso.

O Bispo Ordinário Castrense e Auxiliar de Lisboa, D. Januário Torgal Ferreira, celebrou uma missa na recém-restaurada capela da Irmã do Divino Coração, por intenção dos militares falecidos.



DA REGIÃO MILITAR DO CENTRO

Simpósio Internacional de Gastroenterologia e Endoscopia Digestiva

Nos dias 9 e 10 de Fevereiro teve lugar no auditório dos hospitais da Universidade de Coimbra o Simpósio Internacional de Gastroenterologia e Endoscopia Digestiva.

Este simpósio foi promovido pelo Hospital Militar Regional nº 2 com o apoio do HMP e do HMR nº 1.

Contou com a presença de cerca de 150 médicos especialistas, nacionais e estrangeiros, e à sessão de abertura, presidida pelo Comandante da Região Militar do Centro, General Fausto Marques, assistiram o Governador Civil, o Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, o Rei-

tor da Universidade e o Director do Serviço de Saúde, além dos presidentes das sociedades portuguesas de Gastroenterologia e Endoscopia Digestiva, do Presidente da Comissão Instaladora da Direcção Regional de Saúde, dos directores dos hospitais militares e dos directores do Hospital da Universidade de Coimbra, do Instituto de Oncologia e do Centro Hospitalar de Coimbra.

DA ZONA MILITAR DOS AÇORES

Comandante da ZMA visita delegação do SFOE

No seu excurso pelas várias Unidades e Órgãos da Zona Militar dos Açores, o Comandante da ZMA, Brigadeiro Baccelar Begonha, visitou em Dezembro último a Delegação do Serviço de Fortificações e Obras do Exército, onde se inteirou do seu funcionamento e plano de actividades.



O NOSSO DIRECTOR VISITOU A ADFA

Acedendo ao convite feito pelo Director do Jornal "Elo", Sr. Patuleia Mendes, por ocasião do VI Colóquio da Imprensa Militar, o Director do nosso Jornal, General Elmano Rocha, acompanhado pelo Chefe de Redacção, visitou a Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA) no dia 24 de Janeiro.

Após os cumprimentos aos elementos da Direcção Central da ADFA, seguiu-se uma reunião informal em que o Presidente, Sr. José Arruda, começou por saudar os visitantes e abordou o papel e os objectivos da Associação, enunciando os vários campos por onde se expande a sua actividade como a formação profissional, a questão da assistência hospitalar e o apoio social, o Jornal Elo, a participação no Conselho Nacional de Reabilitação e as relações internacionais, realçando, neste último aspecto, a iniciativa da ADFA da realização, em Maio próximo, do I Encontro de Antigos Combatentes de Portugal, Angola, Guiné e Moçambique. José Arruda sublinharia ainda a solidariedade actual da Instituição Militar para com a ADFA.



Em seguida os responsáveis pelos vários departamentos da Associação fizeram breves exposições sobre as respectivas actividades.

Por último o nosso Director agradeceu, sensibilizado, a oportunidade de conhe-

cer, por dentro, a ADFA e todo o trabalho que está a ser realizado em prol dos deficientes militares.

A terminar a visita foi apresentado o projecto da nova sede da Associação, cujos trabalhos de construção já foram iniciados.

**DATAS DE PASSAGEM
À DISPONIBILIDADE DE
OFICIAIS, SARGENTOS
E PRAÇAS
DO SERVIÇO
EFFECTIVO NORMAL
INCORPORADOS
EM 1989**

CATEGORIA	CURSOS	TURNOS	DISPONIBILIDADE
OFICIAIS	CEOM	1º T/89	19MAI90
		2º T/89	12OUT90
	COM	1º T/89	19MAI90
		2º T/89	27OUT90
SARGENTOS	CSM	1º T/89	19MAI90
		2º T/89	27OUT90
PRAÇAS	CFP	1º T/89	19JAN90
		2º T/89	27JUL90
		3º T/89	09NOV90
OFICIAIS (a)	COM	1º T/89	19MAI90
		2º T/89	17NOV90
SARGENTOS (a)	CSM	1º T/89	19MAI90
		2º T/89	17NOV90
PRAÇAS (a)	CFP / CMDS	1º T/89	19MAI90
		1º T/89	13JUN90
	CFP/N-CMDS	2º T/89	15DEZ90

(a) Incorporados no Regimento de Comandos.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL



EXÉRCITO PORTUGUÊS



INSTITUTO DO EMPREGO
E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

ESPECIALIDADES MILITARES OBTIDAS NO EXÉRCITO
TÊM EQUIVALÊNCIA A QUALIFICAÇÕES PROFISSIONAIS
CONFERIDAS PELO INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO
PROFISSIONAL.

XXXII PEREGRINAÇÃO MILITAR
INTERNACIONAL

LOURDES 1990

DE 17 A 23 DE MAIO



PARTICIPAÇÃO DAS

**FORÇAS ARMADAS
E DE SEGURANÇA DE PORTUGAL**

ORGANIZAÇÃO

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA
DAS FORÇAS ARMADAS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA DA

Agência PAXTUR - Departamento de Peregrinações

PRÉMIO JORNAL DO EXÉRCITO 1990

O Jornal do Exército (JE) promove no corrente ano de 1990 o concurso em epígrafe que se rege pelas seguintes disposições:

1. Ao concurso são admitidos os trabalhos que obedeam às condições que se indicam:

a) Versarem assuntos de natureza científica, cultural, histórica ou artística de qualquer forma ligados ao Exército e que enriqueçam o seu património documental e contribuam para a valorização profissional e cultural dos seus militares;

b) Serem inéditos;

c) Possuírem nível literário que autorize a sua publicação no JE;

d) Não excederem 10 páginas de formato A4, dactilografadas a 2 espaços;

e) Incluírem, se possível, as ilustrações convenientes;

f) Darem entrada no JE até data que permita a respectiva publicação nos seus onze primeiros números (Janeiro a Novembro).

2. Compete, em exclusivo, à direcção do JE a selecção, para publicação, dos artigos que lhe sejam enviados para o efeito.

3. São submetidos ao concurso os artigos publicados de Dezembro/89 a Novembro de 1990 que obedeam às condições indicadas no n.º 1, independentemente do desejo expresso do seu autor.

4. Os trabalhos admitidos a concurso são submetidos à apreciação de um júri, a designar, que selecciona o trabalho, ou o conjunto de trabalhos de um mesmo autor que tratem a mesma temática, a que será atribuído o "Prémio JE 1990".

5. O "Prémio JE 1990" é pecuniário e tem o valor de 75.000\$00 (setenta e cinco mil escudos).

6. Além deste prémio serão atribuídas menções honrosas, até ao máximo de três, aos trabalhos classificados a seguir ao titular do prémio, desde que a sua pontuação seja relativamente próxima da daquele.

7. O júri é livre de considerar que o prémio ou as menções honrosas não devem ser atribuídos caso, em seu critério, ache que nenhum dos trabalhos publicados o merece.

8. O júri a que se refere o n.º 4 será designado pelo General Vice-CEME e apresentará a sua decisão até ao dia 8 de Janeiro de 1991.

9. A entrega do prémio ao autor do artigo ou artigos seleccionados é feita, em princípio, no "Dia do JE" - 11 de Janeiro.



Beirute cada vez mais destruída

A guerra inter-cristã que opõe as tropas do general Michel Aoun à milícia das Forças Libanesas, de Samir Geagea, é um verdadeiro conflito fratricida, muito mortífero e destruidor. Um balanço parcial de duas semanas de combate alude a 522 mortos e 853 feridos.

De momento não se antevê a possibilidade de um acordo político por serem irreconciliáveis as posições das duas partes. Aoun, chefe do governo militar cristão, quer integrar nas suas forças a milícia de Samir Geagea, exigindo a este que recuse claramente o acordo de Taif - o projecto de entendimento entre cristãos e muçulmanos aprovado em Setembro passado pelos deputados libaneses, reunidos na Arábia Saudita e que Michel Aoun rejeita liminarmente. Geagea, por seu lado, quer manter a estrutura militar da sua milícia e a independência da sua política, afirmando-se "nem a favor nem contra Taif".

O problema subjacente a esta guerra é que o vencedor decidirá a política a seguir no enclave cristão do Líbano, cerca de mil quilómetros quadrados ao longo do mar.

A Grécia novamente em dificuldades

Pela terceira vez em oito meses, o governo grego caiu. Desta vez, a dissolução foi precipitada pelo líder da Nova Democracia, Mitsotakis, um dos partidos da coligação no governo, por desentendimento com o antigo primeiro-ministro socialista, Papandreu, a propósito de promoções nas forças armadas. O assunto foi, no entanto, um mero pretexto, porque a verdadeira crise era a quase total inoperância do governo. Nos últimos três meses os gregos enfrentaram greves quase todos os dias: motoristas dos transportes públicos, bancários, taxistas, pessoal da limpeza, etc.. Para as enfrentar não havia verdadeira capacidade governativa desde que das eleições de Novembro foi instalado um governo de

conservadores, socialistas e comunistas, que se mostraram incapazes de chegarem a acordo quanto aos problemas mais importantes. Isto especialmente no tocante às soluções para os problemas económicos, dívida externa e inflação a rondar os 15 por cento.

Em tais condições não surpreende que o Parlamento não tivesse conseguido eleger um novo Presidente ao longo de três votações previstas na Constituição. Tudo aponta para que os gregos sejam novamente chamados às urnas, provavelmente para 8 de Abril.

A libertação do herói negro sul-africano

A "perestroika" também chegou à África do Sul, com o Presidente De Klerk a tomar decisões impensáveis até há bem pouco tempo. Uma das de maior repercussão mundial foi a libertação de Nelson Mandela, o líder carismático do ANC e que, com os seus continuados anos de prisão, se tornara um verdadeiro herói mítico. O regresso a casa de Mandela foi



saudado ruidosamente no interior do país, particularmente pela comunidade negra já que a branca está bastante dividida, mas também seguida com todo o interesse pela comunidade internacional e a merecer a saudação de todos os dirigentes mundiais.

Às primeiras intervenções de Mandela estiveram muito atentos os brancos sul-africanos para tirarem as suas conclusões quanto ao rumo que imprimiria aos acontecimentos, nomeadamente quanto à violência e à continuação da pre-

sença no país. Muito embora defendendo algumas medidas impopulares o dirigente do ANC fez questão de sossegar a todos, apelando para a coexistência pacífica de todas as comunidades, pois todas teriam o seu lugar na nova África do Sul.

Quando os Presidentes dos países da Linha da Frente se reuniram em Lusaca, Mandela esteve presente e foi recebido com todas as honras pelo Presidente zambiano. Dias depois na reunião das cúpulas do ANC baseadas naquele país Nelson Mandela foi eleito vice-presidente do movimento, mantendo-se Oliver Tambo, em tratamento na Grã-Bretanha, como presidente.

O sucesso das medidas ultimamente adoptadas pelo Presidente De Klerk pode ser apreciado pela aceitação que passou a ter entre os dirigentes dos países africanos, que o convidaram para participar numa reunião no Zaire e para visitar outros países africanos como, por exemplo, Cabo Verde.

Primeiro-ministro sueco derrotado no Parlamento

O governo sueco caiu com a resignação do seu primeiro-ministro, o social-democrata Ingvar Carlsson. Ao submeter o seu plano de austeridade a votação no Parlamento, Carlsson pensava que obteria aprovação para as suas medidas de recuperação económica, numa altura em que os bancos suecos estiveram fechados três semanas, num misto de greve e de "lock-out", a inflação considerada galopante - 9% ao ano - e os salários tinham aumentado 28% desde 1986.

O plano do primeiro-ministro propunha: congelamento dos salários, preços e rendimentos por dois anos e arbitragem compulsiva para prevenir greves. Os cinco partidos da oposição reuniram-se para derrotar a proposta, pelo que Carlsson decidiu resignar. Porém, como os mesmos partidos da oposição se não conseguiram coligar para formar governo Ingvar Carlsson foi novamente chamado para se manter em funções.

Nicarágua: a derrota da Frente Sandinista pelo voto

Daniel Ortega, que governava a Nicarágua desde a derrota do ditador Somoza, decidiu submeter-se a eleições livres, controladas por observadores internacionais, para decidir o futuro do país. Depois de uma campanha muito vigorosa mas sem incidentes de maior todas as previsões apontavam para uma vitória nítida da Frente Sandinista e do seu líder Daniel Ortega. Porém, os resultados finais deram a vitória a Violeta Chamorro



da "União Nacional da Oposição" (UNO) por 55,2 por cento dos votos contra os 40,9 por cento de Ortega.

Com os resultados conseguidos pela UNO desaparece o bastião de Fidel de Castro na América Central, que assim fica cada vez mais isolado, e concluem-se com inteiro sucesso as diligências de paz desenvolvidas por Óscar Arias, Presidente costa-riquenho, que lhe valeram a escolha para Prémio Nobel da Paz. Mas, o caminho da paz não vai ser nada fácil. Em primeiro de tudo há que não esquecer que se tratou de uma vitória de 14 partidos coligados que quando forem chamados a governar o país dificultarão os necessários consensos; por outro lado há o problema dos "contra", do controlo das forças armadas e das forças policiais. Os "contra" ainda não depuseram as armas, nem se mostram dispostos a fazê-lo; as forças armadas e policiais estão organizadas, instruídas e preparadas pela Frente Sandinista pelo que a obediência aos novos poderes é, no mínimo, duvidosa.

Violeta Chamorro assumirá as suas novas funções a 25 de Abril próximo e, para enfrentar alguns dos graves problemas económicos do país, já enviou a Washington uma delegação para pedir um auxílio de 500 mil milhões de dólares.

Lituânia no caminho da independência

Nas primeiras eleições pluripartidárias realizadas na União Soviética nos últimos 72 anos, os lituanos rejeitaram maciçamente o domínio do Partido Comunista e elegeram uma assembleia legislativa que irá avançar com o processo de independência.

O movimento Sajudis, pró-independência, fez eleger setenta e dois dos 90 deputados eleitos o que lhe garante a maioria no Parlamento de 141 lugares, independentemente dos que ainda irá eleger na segunda volta. O Partido Comunista, numa tentativa de reconquistar prestígio, também se desligara de Moscovo em Dezembro, apoiando uma plataforma de independência social.



Contudo a mudança não foi suficiente para obter o apoio dos eleitores.

Os dirigentes do Sajudis estão na disposição de lançarem de imediato as bases para o processo de independência da Lituânia, mas estão conscientes de que

ela vai ser bastante morosa, como se pode constatar da afirmação de que "mesmo nos Estados-Unidos, só muitos anos depois da Declaração da Independência é que houve uma independência real".



Eleições japonesas apoiaram a estabilidade

O Partido Liberal Democrático (PLD), que governa o Japão desde 1955, obteve uma confortável maioria nas eleições para a Câmara Baixa ou dos Representantes, tendo o Partido Socialista aumentado o número de votos, para se fixar como a segunda grande força eleitoral do país. Toshiki Kaifu considerou os resultados como "um mandato popular para continuar como primeiro-ministro, até 1991, para poder cumprir as promessas eleitorais".

O PLD conta na próxima Câmara dos Representantes com 275 lugares a que haverá que juntar nove independentes que se manifestaram nesse sentido e outros seis independentes de linha conservadora; o Partido Socialista ultrapassou o número de 140 a que se tinha proposto (136 do partido mais 5 independentes); os restantes partidos da oposição perderam todos os votos. Os mandatos obtidos pelo PLD asseguraram-lhe a presidência de todas as Comissões da Câmara e apenas com mais dois mandatos teria conseguido a totalidade dos representantes nas Comissões, onde assim terão assento alguns socialistas.

O maior comício da oposição no centro de Moscovo

Convocada para a tarde de um domingo na capital soviética uma manifestação,

que foi autorizada, provocou uma autêntica ocupação da cidade: as estações do metro fechadas; o trânsito interrompido e milhares de soldados equipados com material anti-motim, guardavam os edifícios públicos e cercavam os manifestantes. Objectivo da manifestação: oposição ao Partido Comunista e apoio a reformas mais rápidas.

Em mais de quatro horas de discursos, os oradores elogiaram as cerca de cem mil pessoas que compareceram no comício, por terem tido a coragem de resistir às "táticas de terror" do governo. As reformas exigidas incluíam a legalização da propriedade privada, a realização de eleições presidenciais directas e a independência dos órgãos de comunicação social. E a verdade é que algumas delas foram adoptadas dias depois em reunião do Comité Central: a propriedade privada foi reconhecida, sendo permitida a sua transmissão por herança e tendo por limite o não poderem ter assalariados; a figura do Presidente da União Soviética foi aprovada e será independente do Partido, mas o primeiro - naturalmente o próprio Gorbachev - ainda será votado pelo Soviete Supremo e só depois haverá eleições gerais. As alterações aprovadas exigem alterações da Constituição pelo que, ao menos formalmente, só poderão ocorrer após o Congresso anunciado para meados do corrente ano.

NATO e Pacto de Varsóvia reunidos em Otava

As duas alianças militares europeias reuniram-se na capital do Canadá para debaterem a segurança na Europa. No final foi obtido um acordo sobre efectivos militares que permite ultrapassar as maiores dificuldades ainda existentes para a conclusão de um acordo sobre forças convencionais na Europa (CFE). Nos termos do acordo, os Estados Unidos e a União Soviética não poderão manter mais de 195 mil homens das suas forças aérea e terrestre nos países do centro da Europa. Porém, os EUA poderão estacionar um máximo de 30 mil homens nos países europeus fora daquela zona.

O acordo a que se chegou não difere da proposta em tempos apresentados pelo Presidente Bush e secundada pela NATO. Mas a resposta de Moscovo exigia igualdade numérica de forças.

A reunião de Otava permitiu ainda aos 23 ministros presentes concluírem um acordo para a definição de um regime de "céu aberto", cujos pormenores técnicos ficaram para análise de peritos das duas alianças. Pretende-se que aviões não armados possam efectuar voos de reconhecimento sobre instalações militares, assim se reforçando a confiança entre os Estados e reduzindo os riscos de conflito.

Cimeira contra a droga

Os Presidentes da Bolívia, Colômbia, Estados Unidos e Peru reuniram-se na cidade colombiana de Cartagena para definir uma estratégia de combate à droga. Em causa estava a criação de uma economia alternativa à "economia da coca" pois os três países sul-americanos não podem eliminar a cultura da coca



pois nela se apoia toda a sua economia. Por conseguinte, as medidas necessárias para acabar com a produção, distribuição e consumo de drogas passam por um apoio à reconversão da economia dos países produtores, tendo ficado consagrada a tese de que a produção de droga não pode ser combatida apenas por meios repressivos. Mas o único compromisso financeiro que o Presidente George Bush aceitou foi pedir ao Congresso novos recursos para substituir a cultura da coca por outros produtos.

BREVES

O político italiano mais popular, Sandro Pertini, acaba de desaparecer com 83 anos. Entre 1968 e 1975 foi presidente da Câmara dos Deputados e de 1978 a 1985 foi Presidente da República.

Napoleon Duarte, de 64 anos, morreu após uma longa agonia provocada por cancro do fígado. Presidente de El Salvador entre 1984 e 1988 deparou com grandes dificuldades para governar entre dois focos opostos: a oligarquia de direita e a esquerda e os guerrilheiros da Frente Farabundo Marti.

Willy Brandt é o presidente honorário do SPD leste-alemão, que se reuniu em Congresso para se preparar para as eleições gerais de 18 de Março, para as quais as sondagens o apontam como grande vencedor.

Juan Ponce Enrile, o senador filipino como o principal adversário da Presidente Aquino, foi detido sob a acusação de conspirar contra o regime.

O foguetão Ariane, de tecnologia e fabrico europeus, falhou a tentativa de pôr em órbita dois satélites de comunicações japonesas, explodindo menos de dois minutos depois de ter descolado.

Carlos Menem continua esperançado no apoio de Eduardo Angeloz - o candidato derrotado nas recentes eleições presidenciais - para debelar a grave crise económica com que a Argentina se debate. As pilhagens em estabelecimentos comerciais e supermercados têm atingido grandes proporções em diversas cidades satélites de Buenos-Aires.

A Hungria reabilitou oficialmente o Cardeal Mindszenty, primaz da Hungria, perseguido pelo poder comunista e que morreu no exílio em 1975. Na mesma ocasião seria anunciado formalmente o restabelecimento das relações diplomáticas com o Vaticano.

A PRODUÇÃO DE OLEAGINOSAS da Comunidade Europeia deverá atingir, em 1990, cerca de 11,5 milhões de toneladas, mais 12,75 por cento que no ano passado. O défice de sementes oleaginosas para a indústria extractiva será, por isso, atenuado, mas manter-se-á como sempre acontece. A CE importa cerca de 80 por cento das suas necessidades de farinha e quase metade da de óleos vegetais, azeite excluído. Em contrapartida exporta óleo de girassol e de colza.

PORTUGAL APRESENTOU em Bruxelas uma PROPOSTA NEGOCIAL, visando investimentos na Madeira e nos Açores da ordem dos 42 milhões de contos (72 por cento com comparticipação do FEDER). Os investimentos a negociar têm por finalidade a aplicação do programa de desenvolvimento das regiões ultraperiféricas portuguesas e insere-se no âmbito das decisões tomadas pela CE, no final de 1989.

A Comissão Europeia propôs um CONGELAMENTO GERAL DOS PREÇOS AGRÍCOLAS na CEE para a campanha 1990-91 e uma ajuda de 50 ecus (cerca de 10 mil escudos) por hectare a todos os pequenos agricultores. O quase congelamento geral dos preços não foi contestado formalmente pelos Ministros da Agricultura mas a decisão foi adiada para os primeiros dias de Março. Só a partir da campanha de 1991-92 é que todos os preços dos produtos agrícolas portugueses são definidos no âmbito comunitário.

O Comité dos 12 Governadores dos Bancos Centrais da Comunidade defendeu,

em Basileia, A INTENSIFICAÇÃO DO PROCESSO DA UNIÃO ECONÓMICA E MONETÁRIA, em função dos acontecimentos nos países de Leste, pois "apenas sob um guarda-chuva europeu é que todo o processo pode ir por diante".

O presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors, propôs em Estrasburgo, perante o Parlamento Europeu, a realização de uma CIMEIRA EXTRAORDINÁRIA SOBRE A REUNIFICAÇÃO ALEMÃ e sugeriu ainda avançar a data da conferência intergovernamental sobre a união económica e monetária.

A cimeira foi marcada para os primeiros dias do mês de Abril em Dublin, pela presidência irlandesa.

O Parlamento Europeu decidiu adiar por um mês o parecer sobre o projecto da criação da AGÊNCIA EUROPEIA SOBRE O AMBIENTE. Os deputados europeus consideram insuficientes os poderes atribuídos pela Comissão e pelo Conselho ao Parlamento, que pretende o alargamento dos seus poderes e seja dotado do poder de inspecção e de controlo, entre outros.

A concertação de posições face às incidências das aberturas do Leste, na futura arquitectura europeia, a aproximação de pontos de vista face à UEM e o entendimento sobre a necessidade do reforço dos fundos estruturais após 1992 foram as principais conclusões da CIMEIRA IBÉRICA, que reuniu os primeiros-ministros dos dois países ibéricos, bem como os respectivos responsáveis sectoriais.

O vice-presidente da Comissão Euro-

peia, Martin Bangemann, responsável pelos assuntos industriais e mercado interno, esteve em Lisboa para participar na cerimónia oficial de LANÇAMENTO do Programa Integrado de Tecnologia de Informação e Electrónica (PITIE) e do Programa de Desenvolvimento da Indústria dos Bens de Equipamento (PRODI-BE). Os programas, cujas verbas estão estimadas em 15 e 9 milhões de contos, respectivamente, destinam-se a apoiar projectos onde seja preponderante o uso de tecnologias de informação e de electrónica integradas na produção industrial, assim como o lançamento de indústria de produção de equipamentos que possam contribuir para a modificação da estrutura produtiva nacional.

A Comissão propôs a criação de formação e um PROGRAMA DE MOBILIDADE TRANS-EUROPEU PARA ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS (TEMPUS) com o fim de ajudar os países da Europa Central e de Leste. A Fundação deverá ter como funções ajudar os países a definirem as suas necessidades de formação, servir de ponto de apoio do grupo dos 24 países em matéria de informação sobre iniciativas actuais e necessidades futuras e também recolher informações junto dos países contribuintes para iniciativas bilaterais. O programa TEMPUS, que se apoia na experiência obtida com os programas ERASMUS, COMETT, LINGUA, SPES, contará à partida com um orçamento de 250 milhões de ecus.

Dos 14 PROGRAMAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL apresentados em Bruxelas, o governo português já conseguiu a aprovação comunitária para 11.

"ACTO ÚNICO" - 4

O processo 1992 tem a ver com três tipos de acções que se imbricam e interagem umas com as outras: o desmantelamento das fronteiras (físicas, técnicas e fiscais) e harmonização das legislações; a adaptação das empresas a estas transformações; a evolução dos Estados-membros.

Um espaço sem fronteiras

Os avanços principais, em termos de decisões regulamentares, respeitam: às normas técnicas; a liberalização dos serviços financeiros; a liberalização do movimento de capitais; o reconhecimento mútuo dos diplomas.

Os pontos de dificuldade ou de bloqueio relacionam-se com aspectos bastante sensíveis: harmonização da fiscalidade; livre circulação das pessoas, ou em sentido amplo "Europa dos Cidadãos" (formalidades de fronteira, trabalho, direito de permanência, etc.).

Harmonização das legislações

- A jurisprudência do Tribunal de Justiça das Comunidades é um elemento determinante.
- As directivas podem agora ser adoptadas pelo Conselho por maioria qualificada e já não por unanimidade como era exigido pelo anterior artigo 100% do Tratado.
- A harmonização deve limitar-se ao essencial, deixando as especificações técnicas para os organismos europeus de normalização.

(Continua)

Esta página é dedicada à reprodução fac-similada de artigos ou ilustrações que fizeram época neste Jornal ou no Exército nestes últimos 30 anos.

página do soldado

DEVERES MILITARES



7.º — Não se ausentar, sem a precisa autorização, do lugar onde deva permanecer por motivo de serviço ou por determinação superior;



8.º — Cumprir, como lhe for determinado, o castigo imposto pelo superior;

9.º — Ser asseado e cuidar da limpeza e conservação dos artigos de fardamento, armamento, equipamento, arreios e outros quaisquer que lhe forem distribuídos ou estejam a seu cargo;



10.º — Cuidar com zelo do cavalo, muiar ou qualquer animal que lhe tenha sido distribuído para serviço ou tratamento;



11.º — Apresentar-se rigorosamente uniformizado e equipado nos actos de serviço e, fora deste, devidamente uniformizado ou decentemente vestido quando fizer uso de traje civil;



12.º — Manter nas formaluras uma atitude firme e correcta;



13.º — Não vender, empenhar, arruinar, inutilizar, ou por qualquer maneira distrair do seu legal destino os artigos de armamento, fardamento, equipamento ou outros quaisquer que lhe sejam necessários para o desempenho das obrigações do serviço militar, ainda que os tenha adquirido à própria custa;



14.º — Não se apoderar de objectos ou valores que lhe não pertençam;

(Continua)

Pelo Cor GONÇALVES DIAS

A Unidade Internacional de Medida de Mortos

Havia na Escola do Exército um óptimo rapaz, camarada como poucos, mas pouco vivido.

Isto de pouco vivido refere-se aos dois sentidos, como com certeza já adivinharam.

O moço praticamente não tinha saído de baixo das saias da mãe. Criado numa cidade de província, pequena, daquelas que quando um indivíduo passa a terceira vez na mesma rua já metade das pessoas estão atrás das cortinas a ver para onde ele olha ou então, o nosso camarada vinha do liceu para casa e de casa para o liceu, mas não saindo disso. Brincadeiras de rapaz tinha-as no recreio. Iam uns a casa dos outros e as mães vinham sempre à janela desde que o menino deixava o portão aberto até entrar no outro.

Daí o nosso homem não conhecer muito o mundo, acreditar nos amigos e nos camaradas e não perceber que em Lisboa os amigos tinham muito mais maldade e astúcia e que as amizades não eram tão francas e tão leais como donde ele viera.

A pessoa de quem vos falo também não tinha um conhecimento preciso do significado de certas palavras mais arrevesadas, daí o que lhe aconteceu.

Certo dia à noite, no quarto onde ele estudava, como mandava a sua consciência de bom estudante e lhe impunham os conselhos ouvidos à despedida e repetidos em todas as cartas, entraram dois moços, gente alfacinha que não perdia nunca a oportunidade de sair.

Se não tinham dispensa pediam-na, primeiro ao Comandante da Companhia e, não a obtendo, ao oficial de dia, mediante uma necessidade urgente e que as mais das vezes lá ia dando resultado. Em último caso saltavam o muro e pela madrugada lá entravam de qualquer maneira.

Vinham os rapazes bem dispostos, sem sono e embora vissem que ele estava a estudar estiveram-se nas tintas e foram conversando e fumando a sua cigarrada.

Um deles, daí a algum tempo pegou no jornal da noite e foi passando os olhos pelas páginas.

— O Sporting lá vai de vento em popa, ninguém lhe tira o campeonato.

Era o tempo dos "violinos", os cinco céle-



bres avançados dos Leões que tanto deram que falar.

— Até já chateia! Ainda se ao menos esses gajos perdessem de vez em quando, poderia o campeonato ter qualquer interesse; assim é duma monotonia...

— E a ti que te importa? - disse um dos habitantes do quarto, que não era amante do futebol - Uma pessoa que se presa vai à bola quando vai, num desafio internacional, numa final, num jogo decisivo e pouco mais. Acho cretino um tipo perder todos os domingos a ir ver vinte e dois tipos aos pontapés a uma bola, três com sete olhos a ver se eles chutam dentro das regras e uma multidão ululante a berrar que nem uns cevados em dia de matança, quando um dos tais primeiros vinte e dois mete a bola dentro das balizas. Na vida há outros prazeres! Para mim só contam mulheres, jogo, vinho e cavalos; o resto é paisagem.

— És um materialão, é o que tu és!

— Serei como tu dizes, mas francamente também ainda não consegui ver onde está o espírito do *coice-ball*.

— Nesta altura já o outro tinha voltado a página e ia passando os olhos pelo jornal daquele modo especial que todos nós conhecemos, em que só se lêem as letras gordas.

O nosso rapaz lá de riba, que com todo aquele barulho não podia de forma alguma prestar a devida atenção ao que queria estudar, fechara as folhas, conformado com a sua sorte, e ouvia a conversa.

— Eh! pá! Mas que grande hecatombe houve no Chile. Nem mais nem menos que 700 tipos.

O outro nada disse; pelos vistos o assunto não lhe despertava o menor interesse.

O nosso homem lá da Beira é que ficou intrigado.

— É quê?

— Hecatombe!

— Hecatombe?

— Sim pá! Setecentos indivíduos que foram visitar o S. Pedro.

— O que é que quer dizer hecatombe?

Nesta altura já todos estavam a dar atenção à admiração do nosso moço.

— Não sabes o que é uma hecatombe?

— Eu não! - Disse ele com a maior simplicidade.

O camaradinha de Lisboa engoliu em seco, deitou um olhar de revés ao resto da rapaziada e disse-lhe.

— Bem se vê que foste criado lá nas berças, meu selvagem. Nem sequer conheces uma das unidades de medida de mortos!

— Unidade de medida...

— Sim, meu trouxa. Não conheces por exemplo e centiare, o are e o hectare? Ou conheces?

— Lá esses conheço.

— Pois para os desastres também existe uma medida internacional, o TOMBE, e representa a morte de um indivíduo. Não tem submúltiplos, como é óbvio, pois não morre um décimo ou um centésimo de um indivíduo, mas tem múltiplos que são: o DECATOMBE, o HECATOMBE e o KILOTOMBE. Hecatombe é uma desgraça elevada à centésima potência, acrescentou o aspirante, que já não sabia muito bem como pôr ponto final no assunto.

O nosso rapaz não tugiou nem mugiu convicto da sua ignorância em tal matéria, e só daí a algum tempo, pelas piadas que lhe deram é que verificou como fora desfrutado.

HISTÓRIA BREVE DA CONSTRUÇÃO DA FORTALEZA DE S. JOSÉ OU DA AMURA EM BISSAU

ANTECEDENTES

Até ao fim do Séc. XVII, Bissau não tem significado face ao Cacheu e a Bolama, mas com a instalação em Bissau de um entreposto da Companhia de Cacheu e Cabo Verde, criou-se Capitania de Bissau com a guarnição de 40 homens e deu-se início à construção dos primeiros templos e das primeiras fortificações, constituídas por uma edificação central e uma cortina abaluartada bem artilhada protegendo a zona ribeirinha.

Segundo o capitão do Cacheu, Francisco Roque Sotto Mayor, "... Era a dita fortaleza erguida sobre um pequeno morro junto ao porto, e nela montadas 18 a 20 peças de artilharia; seguia-se a fortificação da Marinha, com sete ou oito baluartes e cada um com 4 ou 5 peças" (ofício de 12 Março de 1752, A.H.U. DOC. AV. da Guiné, maço 1).

Com a extinção da Companhia no início do Séc. XVIII as fortificações entraram em ruína e a maior parte da artilharia segue para o Cacheu. O abandono de Bissau origina o interesse dos Franceses pelo local de tal modo que, em 1723 projectavam construir uma fortificação em Bissau. Esta situação é ultrapassada com o pedido do capitão-mor de Cacheu, Pedro de Barros, feito ao régulo da ilha, para se opor ao intento dos Franceses. Esta necessidade de recorrer ao chefe indígena leva o Conselho Ultramarino a mandar erguer a "fortaleza que nela houve...". (Consulta de 11 de Outubro 1723. Livro 1.º das consultas de Cabo Verde e S. Tomé folhas 215v e 216).

Em 1748, João de Távora, capitão-mor de Cacheu, insiste na reedificação da fortaleza de Bissau, junto do Conselho Ultramarino. (Consulta de 25 de Setembro 1748 A.H.U. DOC. AV. da Guiné, maço 4).

João de Távora morre e é substituído por Francisco Roque Sotto Mayor, que novamente expressa ao Conselho Ultramarino, através da Carta de 12 Março 1752 (A.H.U. DOC. AV. da Guiné, maço 1), a necessidade de reerguer a forta-



Plantas da Ilha e Praça de Bissau existentes no Arquivo Histórico Ultramarino.



leza e, por isso, envia uma relação do que é necessário para continuar a obra, (A.H.U. DOC. AV. da Guiné, maço 2) de que se salienta: telhas, lages e cal; aguardentes, drogas farmacêuticas, 34 peças de artilharia; da metrópole 6 pedreiros e 50 soldados, um pintor, um ajudante, um escrivão, um guarda-mor e também 60 crioulos.

Em 4 de Janeiro de 1753 segue para Bissau a fragata Nossa Senhora da Estrela, sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra Guilherme Kinsay, onde embarcam quase todos os homens e os materiais pedidos. Com esta fragata segue um navio do contratador da urzela com armamentos que não couberam na fragata (A.H.U. DOC. AV. da Guiné, maço, 2). Não é referido o nome do navio mas sabe-se que seguiram 2 navios denominados Santa Margarida e Ventura de Amigo, para além das caravelas Nossa Senhora da Guia e Santo António e um iate cujo o nome não é divulgado.

Para o Régulo de Bissau, de nome Bercanta, segue aguardente, tabaco de rolo, licores... (A.H.U., códice 402).

Os trabalhos de construção devem ter-se iniciado de imediato mas de pouca monta, pois continua a verificar-se o problema da necessidade de fortificar Bissau. Assim, o capitão-mor de Bissau, Nico-

lau de Pina Araújo, solicita um engenheiro para delinear a fortificação, operários de vários ofícios e gente para a guarnição.

Com a formação da Companhia do Grão-Pará e Maranhão, em Junho 1755, esta assume as despesas com a construção da fortaleza e lucros com a exploração comercial da Costa da Guiné entre o Cabo Branco e o das Palmas, assim como das ilhas de Cabo Verde. Mas, em 25 de Agosto de 1760, ainda se discutia o problema da fortificação de Bissau assim como se a capital deveria ser Bissau ou Cacheu (A.H.U. DOC. AV. Guiné, maço 2). O estado da fortificação de Cacheu não deveria ser famoso pois o capitão-mor Filipe José dos Santos e Matos, em carta de 18 de Abril de 1760, diz não ter uma só peça de artilharia com que fazer fogo, tal o estado de ruína dos reparos assim como da fortificação.

Em petição de 6 de Agosto 1765, dirigida à coroa, a Companhia solicita autorização para construção de uma fortaleza a erigir na ilha de Bissau ou na ilha que fique defronte... Como diligência prévia consta que a Companhia encarregou o capitão-mor da Ilha do Fogo, Manuel Germano, que se dizia engenheiro, de escolher o sítio e formar planta: esta é, porém, tão mal feita que foi decidido não a executar.

A CONSTRUÇÃO DA FORTALEZA DE S. JOSÉ DE BISSAU

Em 2 de Novembro de 1765 saiu de Lisboa a Fragata Nossa Senhora da Penha de França, sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra Luís Caetano de Castro, e nela embarcou João da Costa Ataíde e Teive com a missão de construir a fortaleza. Para tomar conta dos homens e materiais, Teive nomeou comandante de campo o tenente da 1.ª Companhia de Granadeiros de Lisboa com exercício de engenheiro, Bernardino António Álvares de Andrade, que, para além de engenheiro de obras, acumulou com a direcção do Hospital Militar. A fragata chegou a Bissau em 26 de Dezembro 1765 e em Janeiro 1766 inicia-se a construção da fortaleza só concluída a 20 de Agosto de 1775. Segundo o livro de Bernardino António Álvares de Andrade de 1796. "Planta da Praça de Bissau e suas adjacências" ... "faleceram na sua construção mais de dois mil seiscentos e dois indivíduos...". Antes do início da sua construção decorreram negociações com os régulos da zona, a quem foi explicado que a fortaleza se destinava a defesa contra os franceses. Entre os régulos as opiniões dividiram-se e começaram-se as obras sem este problema estar resolvido, razão pela qual, decorridas 10 semanas, foram mortos alguns militares portugueses que se encontravam fora da zona dos trabalhos.

As dificuldades de abastecimento de víveres, a imperfeição da fortaleza, a má qualidade de mão de obra, na maior parte degredados, e a insalubridade local, fizeram atrasar os trabalhos; quanto à ferramenta assinale-se que "... vieram 400 enxadas... mais próprias para sachar milho... que logo no primeiro dia começaram a partir, de sorte que é necessário fazer todo o trabalho à força da picareta... para 700 homens vieram 100 pás...". No ano seguinte novamente a Fragata Nossa Senhora da Penha de França, em 24 Novembro 1766, escolta uma frota de transporte com 700 soldados e 40 marinheiros para auxílio das obras da fortaleza. Manuel Germano da Mata foi o seu primeiro director e distinguiu-se pelo mau feito e pelos atritos que teve com a tropa e os naturais; as desordens eram frequen-

tes face ao diverso pessoal existente e às deficientes instalações, pois, para se protegerem da chuva e do calor só existiam lonas e velames de alguns navios.

Manuel da Mata, por ofício de 17 Fevereiro 1767, diz que "... a obra se vai continuando na abertura do fosso". Salienta mais uma vez a necessidade de pessoal observando que "... de 315 homens devido à insalubridade do local só trabalha uma terça parte, porque quando uns melhoram se acham outros doentes...". António Carlos Andreis foi o segundo director da obra. O seu passado justifica a nomeação, pois foi ajudante de Carlos Mardel e Eugénio dos Santos na reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755. Malgrado ter adoecido logo à chegada dá solução a vários problemas surgidos por incompetência do seu antecessor e solicita para prosseguir a obra (A.H.U. DOC. AV. Guiné, maço 2) 12 cabouqueiros, 24 pedreiros, 12 ferreiros, 12 serralheiros, 12 carpinteiros...". No entanto, por se encontrar em permanente estado de embriaguez é substituído por António José de Santana Carneiro. Em 8 Novembro de 1766, este assinala a irregularidade dos terraplenos dos baluartes e cortinas onde achou diferenças de três palmos e meio e propõe a edificação de parapeitos com canhoeriras na face voltada ao mar, inconveniente que se teria evitado com a construção da fortaleza

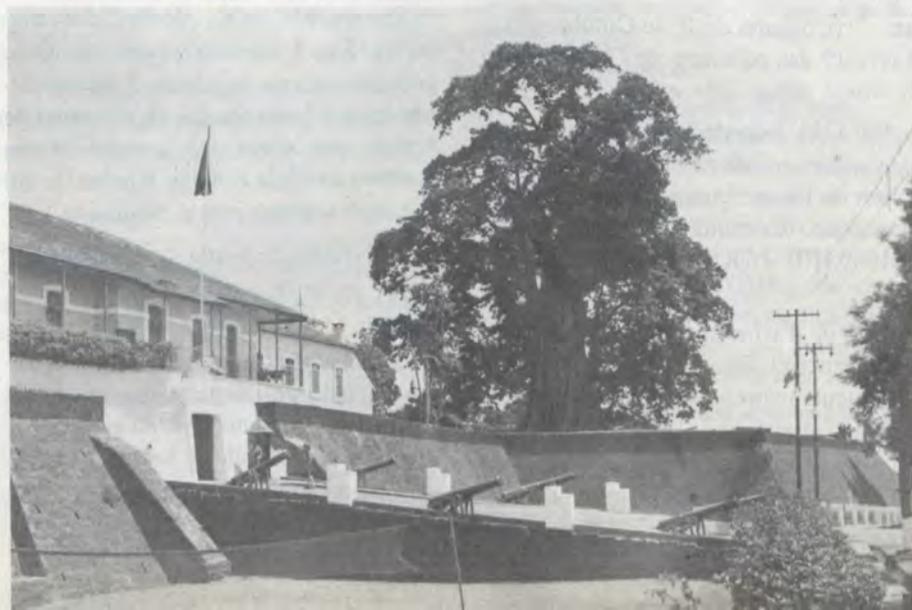
afastada um tiro de mosquete da posição onde se encontrava, para se proteger de ser batida pelo lado do mar. Por fim, António Félix de Amaral, ajudante de infantaria com o exercício de engenheiro, assume a direcção das obras que conclui.

Num relatório de 2 de Novembro de 1778, consagrado às fortalezas existentes na Guiné, o capitão-mor de Cacheu, António Vaz de Araújo, (A.H.U. DOC. AV., Guiné, maço 5) refere que a fortaleza de Bissau "... é de cal e pedra, tem quatro baluartes, toda mal fabricada e de pouca duração, e só um pedaço que fez o engenheiro Félix de Amaral está bom...". As dificuldades sentidas na construção do forte podem ser ajuizadas por carta de Álvares de Andrade escrita em 19 de Maio de 1766; nela se diz que, devido à má alimentação e ao clima, morreram, de 26 de Dezembro a 20 Maio, 1080 pessoas na maioria por escorbuto.

BIBLIOGRAFIA

- Arquivo Histórico Ultramarino, Documentos Avulso da Guiné.
- Companhias Gerais de Comércio e Navegação para o Brasil, Lisboa 1938.
- Dicionário dos Arquitectos e Engenheiros e Construtores Portugueses, Sousa Viterbo.
- A Fortaleza de Bissau e a Companhia do Grão-Pará e Maranhão, Cunha Saraiva, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1946.
- Planta da Praça de Bissau e suas Adjacências, Academia Portuguesa de História, 1952.

Fortaleza de S. José ou da Amura nos anos sessenta.



DIA DA ARMA DE TRANSMISSÕES

Como vai sendo tradição o Jornal do Exército dedica uma página do seu número de Março à Arma de Transmissões cujo dia festivo se comemora a 24 daquele mês, dia do Arcanjo S. Gabriel, o primeiro e mais remoto mensageiro e patrono das Telecomunicações Militares.

O assunto que escolhemos para ser tratado nesta página de 1990 foi: "Os brasões da Armas e seu simbolismo". Assim faremos uma análise comparativa desses brasões: Arma de Transmissões (Direcção - DAT), Escola Prática (EPT), Regimento (RT) e Depósito Geral de Material (DGMT).



Brasão de Armas da Arma de Transmissões.



Brasão de Armas da Escola Prática de Transmissões.

A) São idênticos e comuns a todos os Brasões:

Elmo - militar, de prata, forrado a vermelho;

Correias - de vermelho perfiladas a ouro;

Paquife e virol - de azul e ouro.

B) **Timbre** - garra de leão que alude às Armas do Exército, empunhando seis raios elétricos. A garra é de ouro (DAT), de prata (EPT), de vermelho (RT) e de azul (DGMT).

C) **Escudo**

DAT - de azul, oito raios elétricos simbolizando a acção da Arma. Brocante um castelo de ouro aberto e iluminado a vermelho aludindo à Arma de Engenharia da qual é originária a Arma de Transmissões. O conjunto de um castelo com oito raios constitui o símbolo da Arma.

EPT - de azul; oito raios elétricos com um castelo brocante, símbolo da Arma. Um livro aberto e duas lucernas representando respectivamente a instrução e sabedoria.

RT - de azul. Almenara de ouro acesa de vermelho perfilada a ouro. A almenara (Torre de sinais) é o símbolo heráldico das comunicações.

DGMT - de azul. Brocante uma faixa dentelada e contra dentelada representando o fluxo eléctrico.

D) **Divisa**

Em listel branco ondulado, inferiormente ao escudo, em letras tipo elzevir, maiúsculas de negro:

DAT - Por engenho e ciência

EPT - Honra e valor

RT - Sempre melhor

DGMT - Pronto e eficiente

E) **Significado dos metais e cores**

Os significados das cores mencionadas e representadas nos diversos elementos dos Brasões adaptam-se perfeitamente ao espírito das Transmissões.

Ouro - Nobreza, constância, força, sol

Prata - Riqueza, eloquência

Azul - Zelo, lealdade, ar, espaço

Vermelho - Ardor bélico, fogo, energia criadora.



Brasão de Armas do Regimento de Transmissões.



Brasão de Armas do Depósito Geral de Material de Transmissões.

OS PAINÉIS D

O debate que têm gerado os célebres painéis encontrados n conclusões definitivas, tantas são as teses defendidas acerca da a

O Senhor Comandante Gonçalves de Proença é autor de um est de arte e historiadores e explana também a sua tese desenvolvida resumo deste seu contributo que agora reproduzimos nestas pági

Provas concludentes levaram ao conhecimento geral de que se trata de 2 trípticos.

Pode considerar-se a Obra de Arte Portuguesa mais célebre, pois resultou dos ensinamentos de Jan Van Eyck, o primeiro utilizador do óleo vegetal e que esteve em Portugal para retratar a Infanta D. Isabel, filha de D. João I, fazendo depois parte da comitiva que acompanhou esta Infanta à Flandres para desposar o Duque de Borgonha. A chamada técnica a óleo que veio dar impulso a toda a pintura italiana do Renascimento só foi conhecida em Veneza através de Antonello de Messina posterior a Jan Van Eyck.

Para explicar os Painéis o então Director do Museu de Arte Antiga considerou como figura central S. Vicente, Padroeiro da cidade de Lisboa.

Elementos fornecidos pelo Dr. José Saraiva e pelo Dr. Bêlard da Fonseca estabeleceram que se trata realmente de 2 trípticos.

O Dr. José Saraiva é possuidor duma fotografia tirada à bota do Regente D. Pedro (obtida antes do restauro feito por Lu-

ciano de Freire) onde pode ver-se a data 1445 e o Dr. Bêlard da Fonseca mostra que o livro aberto no painel lateral do 2.º tríptico tem escrito que os ossos do Infante D. Pedro tinham sido sepultados na Igreja de S. Maria no mês de Junho de 1455.

1.º tríptico

O Regente D. Pedro em 1445 manda executar este tríptico aos pintores Nuno Gonçalves e João Eanes em homenagem a seu irmão Infante Santo.

Além do Infante Santo, vê-se o Regente D. Pedro semi-ajoelhado com 53 anos, o Infante D. Henrique com 51 anos, D. Isabel a viúva de Infante D. João com 45 anos, a Rainha D. Isabel com 13 anos e o Rei D. Afonso V com 13 anos.

No canto superior esquerdo identifica-se Nuno Gonçalves e João Eanes.

No painel lateral dos cavaleiros vê-se o Duque de Bragança, ajoelhado, com 68 anos, tendo atrás os seus 2 filhos Conde de Ourém com 43 anos e Conde de Araiolos com 41 anos.



1. Infante Santo
2. Regente D. Pedro
3. Infante D. Henrique
4. D. Isabel, viúva do Infante D. João
5. Rainha D. Isabel (com 13 anos)
6. Rei D. Afonso V (com 13 anos)
7. Duque de Bragança
8. Conde de Ourém

E S. VICENTE

Os paços patriarcais de S. Vicente de Fora em 1882 está longe de história e das figuras neles representadas.

do sobre o assunto onde historia posições defendidas por críticos em torno da figura central e dos autores dos dois trípticos. É um mas.

2º tríptico

O Rei D. Afonso V que aparece semi-ajoelhado perante o Infante Santo manda executar este tríptico por volta de 1463 (não depois porque já cá não está o Condestável D. Pedro) aos 2 pintores Nuno Gonçalves e João Eanes sob influência de sua tia a Duquesa de Borgonha. D. Afonso V, que em 1458 já reintegrara nas suas funções o Condestável D. Pedro que, acompanhado de seu cunhado Adolfo de Cleves já o ajudara nas conquistas em África, dá assim uma prova de arrependimento. Concorda em que fora injusto

para com seu tio o Regente D. Pedro e determina várias doações a membros da família próxima deste.

Ao lado de D. Afonso V vê-se seu irmão D. Fernando e a figura de pé com a lança é exactamente o Condestável D. Pedro identificável pela figura da moeda que ele mandou cunhar no curto espaço em que foi Rei de Aragão 1464 e 1465.

A figura de joelhos é facilmente identificável pelo seu grande nariz e existem muitos retratos seus da autoria de pintores flamengos — Adolfo de Cleves.

No painel principal deste tríptico identifica-se ainda o arcebispo de Lisboa que é D. Afonso de Nogueira e o Deão da Sé que é o futuro Cardeal d'Alpedrinha.

No canto superior direito vêem-se os 2 pintores Nuno Gonçalves e João Eanes com aspecto mais velho que no I tríptico (15 a 18 anos).

No painel lateral chamado “da Relíquia” identifica-se o enviado da Duquesa de Borgonha que, durante muito tempo foi confundido com um judeu pois as “aspas” que ele tem no peito e que é o distintivo do Duque de Borgonha pareciam-se com a insígnia judaica. Segura o livro cujo texto já expusemos e que traduz o esforço que havia muito tempo andava a ser feito pela Duquesa no sentido do seu sobrinho D. Afonso V perdoar aos adeptos de seu irmão o Regente D. Pedro.

Identifica-se ainda o Presidente da Confraria de St.º António ostentando a relíquia que foi trazida da Paiva pelo Regente D. Pedro em 1428 e que é um pedaço do parietal direito do crâneo de Santo António.



- 9. Conde de Arraiolos
- 10. Infante Santo
- 11. Rei D. Afonso V
- 12. D. Fernando
- 13. Condestável D. Pedro
- 14. Adolfo de Cleves
- 15. Enviado da Duquesa de Borgonha
- 16. Relíquia de St.º António



Colt® 9mm SMG

LEVE FIÁVEL E ROBUSTA

A pistola-metralhadora COLT 9 mm é uma arma leve e compacta incluída na mesma linha de desenho e construção da mundialmente famosa arma COLT M16 A2.

A perfeição de construção, aliado ao curto recuo, juntamente com a munição de 9 mm, provoca um alto poder de fogo sem oscilação especialmente em tiro de rajada.

A introdução de novos desenhos da coronha e punho e a utilização de matérias de grande resistência conferem à COLT 9 mm SMG maior robustez, conforto na utilização e eficiência.

Sendo basicamente uma arma idêntica às M16A2 carabina ou comando, torna-se assim uma arma sem necessidade de treino especial no seu uso ou na sua manutenção, levando a que a COLT 9 mm SMG seja uma arma extremamente bem aceite pelas organizações militares e para-militares em vários países do mundo, que necessitem de uma arma leve, compacta e eficiente.

Dois tipos de carregadores de 20 e 32 munições de 9 mm, são especialmente utilizados por esta arma.

ESPECIFICAÇÕES COLT 9 mm SMG

— Calibre	9 mm
— Peso (s/carregador)	2.59 kg
— Carregador vazio (32 munições)	0.23 kg
(20 munições)	0.18 kg
— Carregador cheio (32 munições)	0.59 kg
(20 munições)	0.41 kg
— Comprimento (coronha estendida)	0.73 m
(coronha recolhida)	0.65 m
— Velocidade inicial (9 mm NATO)	397 m seg.
— Cadência de tiro (tiro-minuto)	800-1000
— Selector de tiro	semi-automático

Colt

Firearms Division

Hartford, CT 06101
Telex: 994421 Colt Fire Hfd



Pelo Cor Eng.^a BASTOS MOREIRA

Forte de S. João das Maias

No período da Guerra Peninsular procedeu-se à organização de uma linha de obras fortificadas em torno de S. Julião da Barra que se destinava a proteger a retirada e um possível embarque das forças aliadas no caso de insucesso das operações.

Essa linha fortificada tinha, na sua parte a montante de S. Julião, o seu início no Forte das Maias.

Porém, a origem deste forte data de época mais recuada, o que se confirma com a legenda inscrita numa lápide lá existente:

*He delrei nosso
Senhor dō Tuao
4.º Alvaro de Sou
za o fes fazer
Anno 1644*

Recuando um pouco no tempo verifica-se que a defesa da barra de Lisboa era da responsabilidade especialmente da Torre de S. Gião (S. Julião da Barra), da Torre de S. Lourenço da Cabeça Seca (Bugio), da Torre de S. Vicente de Belém e da Torre Velha. Todas elas teriam oferecido séria resistência à esquadra espanhola quando da invasão do Duque de Alba.

A primeira foi construída a partir de meados do século XVI quando reinava D. João III e estava bem guarnecida de artilharia. A Torre de S. Lourenço, construída no último quartel do século XVI (reinado de D. Sebastião) também dispunha de bom poder de fogo.

A Torre de Belém que remonta à segunda década do mesmo século (reinado de D. Manuel) encontrava-se também bem artilhada. Finalmente a Torre Velha, construída na margem esquerda do Tejo num local onde este rio estreita, conjugava os seus fogos com os da Torre de Belém situada em frente, na outra margem.

Nos meados do século XVII assiste-se à aceitação e aclamação do ideal do 1.º de Dezembro de 1640.

D. João IV é aclamado e em poucos dias reconhecido como rei de todo o país, resolvendo logo de início encarar o problema da defesa para o que tomou a iniciativa de organizar o exército e tratar das obras fortificadas.

Assim remodelam-se e reforçam-se fortificações existentes, como Valença, Caminha, Vila Nova de Cerveira, Chaves, Braga, Pinhel, Serpa, Almeida, Castro Marim e outras.

Foi dada também a melhor atenção às obras de defesa marítima entre as quais se consta o Forte de S. João das Maias que constituiu uma obra de apoio a S. Julião da Barra devendo as suas peças cruzar fogos com o Forte de S. Pedro em Paço de Arcos.

A construção teve início sob a direcção de D. José de Menezes o qual foi exonerado das suas funções em 1643, tendo sido substituído pelo Conselheiro de Guerra Álvaro de Sousa.

O Forte ficaria incluído no sistema de defensivo da margem direita do Tejo e destinava-se essencialmente à defesa das praias de Santo Amaro de Oeiras e da barra daquele rio, tendo em vista proteger Lisboa.

Poucos anos depois de 1640, S. João das Maias já se encontrava artilhado com peças de ferro e, no último quartel do século passado, ainda dispunha de 10 peças operacionais. A construção era logo de início muito robusta e ao longo dos tempos o Forte foi sempre melhorado e ampliado com novos elementos de fortificação.

Embora já bem artilhada, a obra não teve qualquer intervenção quando a esquadra francesa do Almirante Roussin

forçou a barra do Tejo em 1831 a fim de aprisionar navios portugueses e impor a D. Miguel uma indemnização avultada ao súbdito francês Bonhomme que tinha sido preso por ter troçado de certas cerimónias religiosas.

Mencionamos a seguir nomes que exerceram o cargo de governadores do Forte: Conde de Vila Flor, Capitão Manuel de Brito Freire, Sargento-Mor José da Cruz da Silva e Tenente-Coronel João da Graça Cabreira. Em 1645 estavam instaladas 5 bocas de fogo de ferro e a guarnição era composta de 20 soldados, 10 artilheiros e 1 condestável.

No ano de 1942 o Forte, a Bateria exterior e mais dependências existentes são transferidas do Ministério da Guerra para o das Finanças.

Por proposta da Legião Portuguesa, assinada pelo então primeiro tenente Henrique Tenreiro, conseguiu-se que o Forte fosse destinado a colónia balnear infantil para filhos de legionários pobres e para filhos de praças dos três Ramos das Forças Armadas.

Em 1944 começou lá a funcionar, após trabalhos de adaptação, uma Colónia balnear infantil da Brigada Naval da Legião Portuguesa com uma centena de crianças, filhas de legionários e de marinheiros.

A partir de 1976 o Forte torna a ser destinado a uma Colónia de Férias após ser atribuído ao Estado-Maior-General das Forças Armadas e entregue aos Serviços Sociais.

O respectivo auto de entrega foi assinado pelo Dr. António Gomes Machado (Director de Finanças e Chefe da Repartição de Património) e pelo Brigadeiro Almeida Fernandes da Direcção dos Serviços Sociais das Forças Armadas.



Pelo Cor Eng.^a BASTOS MOREIRA

BREVES APONTAMENTOS HISTÓRICOS

Serviço Telegráfico Militar

O Serviço de Telecomunicações Militares (S.T.M.), cujo funcionamento constitui a primordial reunião do actual Regimento de Transmissões, teve como origem remota o Serviço Telegráfico Militar do qual se pode considerar uma evolução e uma actualização.

Como apontamento histórico vamos aqui fazer uma transcrição do decreto que aprovou o Regulamento do Serviço e dos quatro primeiros Artigos, que se referem à organização.

DECRETO

Em conformidade com o disposto no § 3.º do artigo 36.º do decreto com força da lei de 7 de setembro de 1899: hei por bem aprovar e mandar pôr em execução o regulamento do Serviço Telegraphico Militar, que faz parte d'este decreto e baixa assignado pelo presidente do conselho de ministros, ministro e secretário d'estado dos negocios do reino, e ministros e secretarios d'estado dos negocios da guerra e das obras públicas, commercio e industria.

O mesmo presidente do conselho e ministros e secretarios d'estado assim o tenham entendido e façam executar.

Paço, em 12 de dezembro de 1900.

REI.

*Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro
Luiz Augusto Pimentel Pinto
Manuel Francisco de Veigas*

CAPÍTULO I - Da Organização do Serviço

Artigo 1.º Os serviços da telegraphia, telephonia, aereostação e pombaes militares estarão a cargo de uma inspecção dependente da direcção geral do serviço de engenharia e que se denominará: Inspeccção dos Telegraphos Militares.

Art. 2.º São da competência d'esta Inspeccção os serviços seguintes:

- a) A exploração das estações telegraphicas e telephonicas das fortificações, estabelecimentos militares, quartéis generaes e quartéis dos regimentos ou de outras unidades do exercito;*
- b) A guarda, conservação e pequenas reparações das linhas telegraphicas e telephonicas militares, bem como a montagem das respectivas estações;*
- c) Os projectos e estimativas das novas linhas telegraphicas e telephonicas militares a construir, bem como das grandes reparações nas existentes;*
- d) O serviço da telegraphia optica militar;*
- e) O estabelecimento de comunicações aereas;*

f) A construcção, guarda e conservação do material destinado aos serviços acima enumerados, bem como o estudo relativo ao aperfeiçoamento e emprego d'esse material;

g) A instrucção do pessoal subordinado á inspecção.

Art. 3.º A Inspeccção dos Telegraphos Militares comprehenderá:

- Um inspector;*
- Um sub-inspector;*
- Quatro chefes de secção;*
- A secretaria da inspecção;*
- Os depositos de material;*
- As officinas;*
- Duas escolas de ensino telegraphico;*
- Os pombaes militares.*

§ 1.º O inspector será um official superior do estado maior de engenharia com residência em Lisboa.

§ 2.º O sub-inspector será um capitão do estado maior de engenharia com residência em Lisboa.

§ 3.º Os chefes de secção serão capitães ou subalternos do estado maior de engenharia com residencia, cada um, na séde do quartel general da respectiva divisão militar. Os chefes de secção da 2.ª e 4.ª divisões deverão accumular este serviço com o fas inspecções de engenharia das mesmas divisões.

Art. 4.º A divisão dos serviços de telegraphia militar, emquanto no regimento de engenharia não for organizada uma unidade de telegraphistas de praça, especialmente destinada a estes serviços, será levada a effeito pelo pessoal seguinte:

- a) A exploração das estações telegraphistas e telephonicas das fortificações e estabelecimentos militares e da rede optica militar do paiz, a montagem de estações, e bem assim a construcção, reparação, guarda e conservação das linhas telegraphicase telephonicas respectivas, por praças da actual companhia de telegraphistas do regimento de engenharia;*
- b) A exploração das estações dos quartéis generaes e quartéis de tropas, por praças dos differentes regimentos.*

Pelo Cap Sam VICTOR VALE

A evolução no Leste Europeu e a Economia Portuguesa

1. O panorama a Leste

Confrontados com uma crise de identidade, logo após as recentes convulsões políticas, os países da Europa de Leste têm forçosamente no momento actual preocupações de vária ordem, entre as quais assumem plano de relevo as inerentes ao ambiente político, social e económico.

Neste último caso podem-se considerar como objectivos prioritários actuais destes países, por um lado, o aumento do poderio económico através da obtenção de maiores níveis de eficácia e eficiência e por outro o equilíbrio da sua economia, por forma a conseguirem nos próximos anos ultrapassarem a situação de subdesenvolvimento em que a maioria actualmente se encontra, e isto através da renovação das estruturas económicas actuais, as quais são ainda bastante arcaicas e completamente desprovidas de capacidade de poderem vir a ser competitivas quando confrontadas com as das Economias de Mercado de tipo capitalista.

Dentro das diversas medidas que deverão ser preconizadas a médio/curto prazo, salientam-se a mudança do sistema de preços, através da redução dos subsídios atribuídos a diversos produtos, os quais têm deformado completamente a realidade económica dos mesmos e, acima de tudo, têm criado discrepâncias assinaláveis, em termos de vida no dia-a-dia, com situações que chegam a ser caricatas em vários sectores, como por exemplo o de transportes, em que os preços são completamente desajustados e irrelevantes. Esta situação tem provocado fortes desequilíbrios orçamentais, já que foram criadas, por via desses subsídios, imensas despesas sem a correspondente contrapartida de receitas. Para agravar este panorama existe ainda o espectro da inflação, a qual subirá como uma flecha quando esses subsídios forem retirados, caso não hajam medidas (normalmente impopulares) de restrição ao consumo.

Outro aspecto a considerar como prioritário é a descentralização de decisões a nível das empresas, criando-lhes uma

maior autonomia relativamente ao poder central, já que ainda é visível (e continuará a sê-lo durante alguns anos) o peso da máquina administrativa desses países; esta descentralização passa por uma nova mentalidade em termos de actividade do "Gestor" a qual não poderá continuar a estar condicionada ao Planeamento Central, como aconteceu até aqui.

É também importante nesta fase uma evolução no pensamento, com vista à adopção de regras de concorrência sem que hajam grandes convulsões económicas, já que não podemos esquecer que esta era uma palavra completamente desconhecida nos países de economia planificada, ou seja, não havia perigo de que um produto deixasse de ser vendável, porque não havia alternativa para a compra e consumo do mesmo.

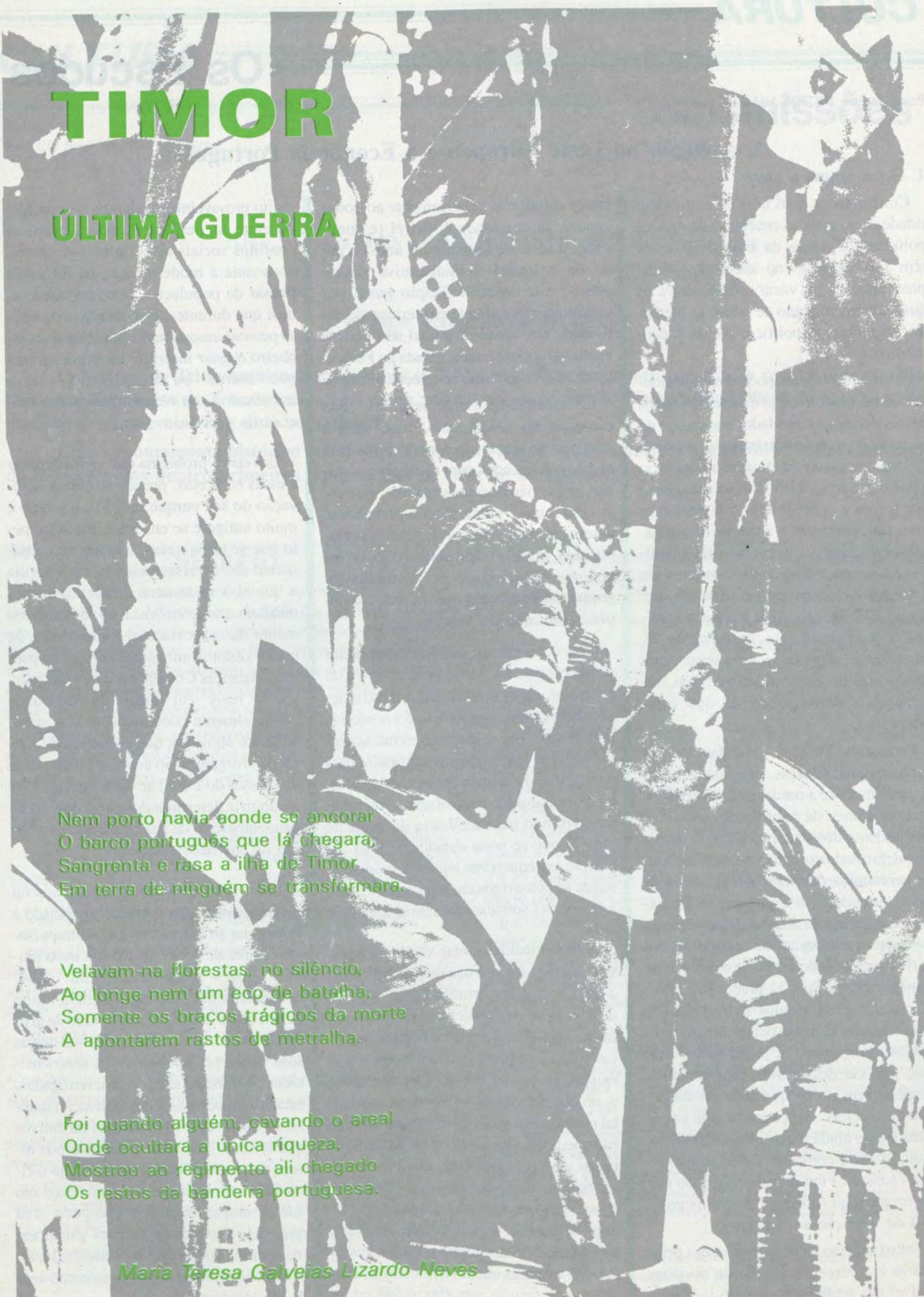
Uma outra preocupação económica dos actuais Governos destes países, será a de controlar a procura, já que as restrições sucessivas a que a população foi sendo sujeita levou a que esta actualmente se sinta com uma apetência extraordinária para o consumo de artigos até aí inexistentes, ou extremamente controlados e racionados, visando uma melhoria do nível de vida, o que se pode considerar uma aspiração extremamente legítima, principalmente se pensarmos em todo o sofrimento e restrições sofridas durante dezenas de anos.

A estas medidas juntar-se-á muito provavelmente uma política de privatizações, a qual no entanto levantará logo à partida dois tipos de problemas: em primeiro lugar, será difícil imaginar quem vai ficar com as empresas existentes, pois não existem grupos económicos significativos e, no que diz respeito à abertura ao capital estrangeiro, será duvidoso que quer os Europeus do Ocidente, quer os Americanos quer os Japoneses, queiram arriscar num mercado que começa a despertar agora, mas que apresenta grandes problemas estruturais; a prática tem mostrado que na maioria dos casos serão os gestores que neste momento orientam as empresas que ficarão com elas, o que criará

muito provavelmente alguma desigualdade entre as pessoas e poderá provocar conflitos sociais mais ou menos graves, consoante a modernização na forma de pensar da população. Não nos esqueçamos que durante várias dezenas de anos as pessoas associaram à posse de mais dinheiro o estar inserido em negócios menos claros ou explorar a classe trabalhadora ou receber benesses especiais do partido.

Um outro problema que se irá deparar a essas empresas, prende-se com a renovação do seu parque industrial, o qual é muito antigo e se encontra obsoleto, pelo que se torna necessário um reequipamento das diversas indústrias por forma a que elas se tornem competitivas, nomeadamente com vista ao desenvolvimento das exportações, única forma de poder garantir um equilíbrio nas respectivas Balanças Comerciais e de criar mercados reais em lugar de mercados artificialmente constituídos como acontecia até aqui, em que os países do Comecon (organização económica conjunta dos países do Leste) se viam "obrigados" a adquirir determinados produtos, independentemente da sua qualidade ou mesmo da sua necessidade.

Todos estes problemas serão mais ou menos graves, consoante a capacidade de evidenciar pelas pessoas para ultrapassarem a falta de concepção deste novo modelo de Economia, em que, nomeadamente, não sabem ainda muito bem o que é o quê, ou como tudo se articula. Assim, facilmente se explica que as suas ideias próprias sobre os novos métodos de trabalho ainda sejam retrógradas, estando associadas à desmotivação anterior, com a respectiva falta de incentivos que levaram aos actuais baixíssimos níveis de produtividade, ou que haja dificuldade em aceitar conceitos novos em que as empresas podem prosperar sem que, pelo facto de os patrões ganharem mais dinheiro do que os trabalhadores, sejam culpabilizados por estes como sendo exploradores do povo.



TIMOR

ÚLTIMA GUERRA

Nem porto havia onde se ancorar
O barco português que lá chegara,
Sangrenta e rasa a ilha de Timor.
Em terra de ninguém se transformara.

Velavam-na florestas, no silêncio,
Ao longe nem um eco de batalha,
Somente os braços trágicos da morte
A apontarem rastos de metralha.

Foi quando alguém, cavando o areal
Onde ocultara a única riqueza,
Mostrou ao regimento ali chegado
Os restos da bandeira portuguesa.

Maria Teresa Galveias Lizardo Neves

Pelo SargAjd VENTURA CUNHA

“Que... Pontuação!”

“Errare humanum est”

“Errar é próprio do homem” o que significa que todos estamos sujeitos a cometer erros, porque neste mundo ninguém é perfeito. Erra quem diz que dois e dois são cinco; erra o motorista que não pára no sinal vermelho; erra o militar que não acerta no alvo. Mas depois de ponderarem as causas e os efeitos, o primeiro ficará a saber que dois e dois são quatro; o segundo só passará com o sinal verde e o terceiro acertará mesmo no centro do alvo.

Vem esta lengalenga a propósito de uns artigos que escrevi há já algum tempo, os quais versavam o uso irregular, em documentos militares, de determinada pontuação afectante da gramática.

Houve, felizmente, quem aceitasse a nossa sugestão, mas alguns cépticos deixaram tudo na mesma. É para estes que voltamos a “martelar” no mesmo tema.

Todavia, antes de entrarmos propriamente no assunto, julgamos interessante transcrever as opiniões que obtivemos de duas pessoas responsáveis a quem expussemos o problema. Disse a primeira: “Eu concordo consigo, mas há pessoas que se habituam aos erros e não os querem assumir.” E disse a segunda: “Isso não tem importância! O que é preciso é perceber-se o que está escrito.”

Para que os possíveis leitores interessados fiquem a saber a que documentos nos estamos a referir, vamos transcrever fragmentos de “ordens de serviço”:

1. Que, em 20DEZ89 entrou de licença...”
2. Que, foi recebida a nota...”
3. O General Governador Militar de Lisboa, por seu despacho de 03JAN90, LOUVA o...”
4. Marchou para o Porto, em 25JAN90, o...

Basta analisarmos a pontuação para verificarmos que os exemplos 1. e 2. se en-

contram errados, enquanto os exemplos 3. e 4. estão correctos.

Embora consciente do que tinha afirmado, para tirar as dúvidas aos incrédulos, escrevi para o “Consultório / Língua Portuguesa” em “A Capital”. Eis os esclarecimentos dados pela Dr.^a Edite Estrela:

“Não lembraria a ninguém, pensava eu, colocar um vírgula depois de conjunção integrante. Mas lembrou, há já muito tempo, como nos conta V.C., nas “ordens de serviço” de “unidades e estabelecimentos militares”.

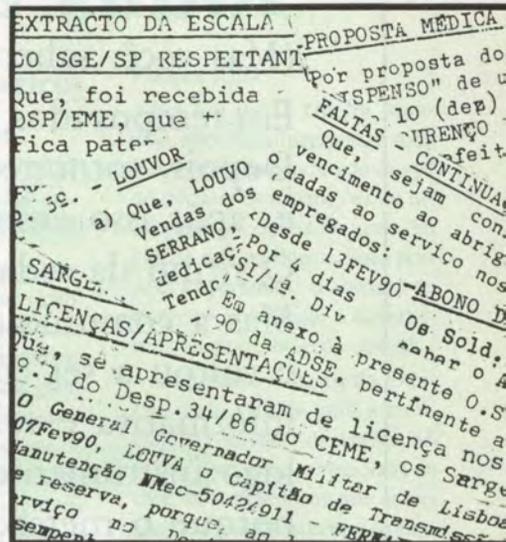
Em 1957, o modelo apresentado dava a ideia de que todos os textos seriam iniciados pela partícula **que** seguida de vírgula (Que,), esclarece o nosso leitor. “Por despacho do CEME, de 1986”, prossegue V.C., “entrou em vigor um novo modelo em que já não é referido o uso daquela componente”. Com a eliminação da vírgula melhora-se a escrita, reconhece ainda este consulente, todavia o “que” é também escusado.

Tem razão V.C.. Nem outra coisa esperaria de quem está sempre atento e bem informado acerca das especificidades do nosso idioma.

- Não é português correto escrever:
- “Que, louvo o soldado...”
 - “Que, seja averbado nos documentos...”
 - “Que, marchou para...”
 - “Que, foi recebida a circular...”

Pelo contrário, é erro crasso. Por três razões:

1. A conjunção integrante **que** não pode ser separada do resto da oração que introduz;
2. A conjunção integrante **que** não pode ser separada do verbo de que depende;
3. Não é correcto iniciar um período por uma oração integrante, isto é, sem a anteceder de oração **subordinante**.



Apesar de V.C. não indicar qual o verbo de que dependem os vários **que**, parece-me que só podem ser verbos declarativos. “Declaro que louvo...”, “Mando que seja averbado...”, etc.. Se não houver declarativo antes, já não é erro crasso, é escrita sem nexos. Pior ainda!

Das duas uma:

- a) Verbo declarativo + integrante + restantes elementos da oração, sem qualquer vírgula a separar o **que** (nem antes nem depois);
- b) Não há verbo declarativo, nem **que**, nem vírgula, ficando apenas as afirmações: “Louvo o soldado...”, “Seja averbado nos documentos...”.

Não encontro outra via!”

Ficam, assim, dissipadas todas as dúvidas que ainda possam subsistir.

Salientamos, também, que as formas verbais dos preâmbulos “Determino e mando publicar:” ou “Determina e manda publicar:” não têm qualquer acção declarativa em relação aos textos que se seguem às diversas epígrafes das “ordens de serviço”.

Insistir em “dar pontapés na gramática” não abona quem assim procede.

É bom lembrar que o redactor deve ter muito cuidado na elaboração do citado documento, tendo em consideração de que quem o assina, confiadamente, é sempre responsável tanto pelo que está bem como pelo que está mal, acabando, no caso do documento estar errado, “por ser o justo a pagar pelo pecador”.

Todas as gráficas sabem

(Mas você, saberá?)

Em tempos idos, a comunicação gráfica era apenas cultura.

Depois, tornou-se (também) arte

e, após isso, informação!

O ritmo da vida trouxe à informação a velocidade.

Mas a comunicação continuou arte

e voltou a ser cultura

informativa e veloz,

logo instrumento de mercado,

porque o mercado é vida

como a cultura, a arte, a informação

e a velocidade do viver do nosso tempo!

Todas as gráficas sabem o que é ter de fazer

“trabalhos para ontem” com a melhor qualidade.

Algumas conseguem-no, por vezes.

Nós fazemos disso a nossa profissão!

(Mas você, saberá?)

Fale com a Equipa Pentaedro. Amanhã! De manhã!

CONTE CONNOSCO PARA CUIDAR DA SUA IMAGEM

CRIAÇÃO PUBLICITÁRIA
ARTE-FINAL
FOTOCOMPOSIÇÃO
FOTOGRAFIA
FOTOLITOGRAFIA
IMPRESSÃO
PLASTIFICAÇÃO
BROCHURA
ENCADERNAÇÃO
PAPELARIA

*Como gráficos fazemos tudo excepto o papel (até ver!)
Vamos da concepção até à distribuição. Até onde quiser.*



Publicidade e Artes Gráficas, Lda.

Praceta da República, Loja B
Tels. 987 61 80 / 987 07 41
Póvoa de Santo Adrião
2675 ODIVELAS
LISBOA — PORTUGAL

Há 15 anos a fazer LIVROS — REVISTAS — CATÁLOGOS — CARTAZES

Por J.D.



Textos Essenciais de Psicanálise

- Sigmund Freud
- Seleção e introdução de Anna Freud
- Publicações Europa-América
- Mem Martins, 1989, 3 volumes

Para assinalar o 50º aniversário da morte do “pai da Psicanálise”, a Europa-América editou durante o ano de 1989 os “Textos Essenciais da Psicanálise” em três volumes, obra ainda inédita em Portugal.

Estes “Textos” foram selecionados por Anna Freud, filha do autor e também ela psicanalista de grande mérito, e tratam das seguintes áreas: “O Inconsciente, os Sonhos e a Vida Pulsional” (vol. I); “A Teoria da Sexualidade” (vol. II); “A Estrutura da Personalidade Psíquica e a Psicopatologia” (vol. III).

Parafrazeando a nota introdutória à edição portuguesa, a leitura desta obra é o início de uma viagem “pela mais espantosa das ciências (...) aquela ciência que se interessa pelo mundo secreto das motivações humanas e aceita tentar compreender a dor, a alegria, a esperança e a complexidade das contradições que residem no âmago do homem, das suas representações, crenças e relações sociais”.

Biplano

- Richard Bach
- Publicações Europa-América
- Coleção: Obras de Richard Bach
- Mem Martins, 1989, 180 pp

“Biplano” é a obra de um escritor apaixonado pelo tema que ele próprio escolheu.

“É como se fosse a noite de estreia de um novo modo de vida, só que, em vez de ser a noite é o dia e, em lugar de cortinas de veludo, que, majestosamente, se abrem, há portões de *hangar* em folha ondulada, que, mais obstinada que majestosamente, ribombam e arranham os



sulcos do pavimento.” Com a eloquência e a sensibilidade que lhe são peculiares, Richard Bach começa, assim, esta obra. E interroga-se: “O biplano? Quero o biplano porque me apetece viajar no tempo... e porque quero sentir o vento em pleno voo e que as pessoas olhem, vejam e tomem consciência de que a glória ainda existe”.

O excelente relato dum voo de duas mil milhas pela América termina dizendo: “Quatro simples palavras. Mas valeu a pena.”

Livro a não perder. M.F.

A Hora dos Coveiros

- Hans Helmut Kirst
- Publicações Europa-América
- Coleção “Século XX”
- Mem Martins - 1989, 244 pp

“Os episódios, que serão relatados a seguir, passaram-se durante os primeiros meses do ano de 1943 num lugar aparentemente bem distante do palco da guerra. Porém, não é possível deixá-los cair em total esquecimento como muitos outros; porque ainda existem algumas sepulturas daqueles tempos, bem como provas documentais: “dossiers”, cartas, diários, actas de interrogatórios e depoimentos”. Assim começa o primeiro parágrafo deste romance empolgante, adjectivo que bem caracteriza a maneira de contar de Hans

Helmut Kirst.

No fim da 2ª Guerra Mundial, após Estalinegrado, à roda de três corpos pendurados ao pé do portão das instalações de hidrogenação, o destino junta, na cidade de Lieblingen, duas pessoas importantes: o coronel do Exército Straffhalls e Kommerell, chefe de brigada das SS.

Enquanto os oficiais do Exército estão virados para a realidade da guerra, os chefes SS vivem com a sua consciência de elite, num mundo em que as ilusões e a realidade brutal se fundem de forma esquizofrénica.

Nesta obra é traçada, com vigor, a imagem destrutiva do estado nacional-socialista e dos seus representantes no final de uma guerra já há muito sem sentido, onde se joga tudo por tudo.

M.F.

LIVROS À VENDA NO “JORNAL DO EXÉRCITO”

“RESENHA HISTÓRICO-MILITAR DAS CAMPANHAS DE ÁFRICA (1961-1974)

- 1º volume - Enquadramento Geral
- 2º volume - Dispositivo das Nossas Forças (Angola)
- 3º volume - Dispositivo das Nossas Forças (Guiné)
- 4º volume - Dispositivo das Nossas Forças (Moçambique)
- Comissão para o Estudo das Campanhas de África (CECA)
- Preços: 1º e 4º volumes = 1.500\$00 cada; 2º volume - esgotado; 3º volume = 1.400\$00 (+ 150\$00, por cada volume, para portes e embalagem nos pedidos de envio pelos CTT)

“ELEMENTOS DE ESTRATÉGIA”

- 1º e 2º volumes
- General Abel Cabral Couto
- Preço, cada: 1.000\$00 (+ 90\$00 para portes e embalagem).

“LEI DE DEFESA NACIONAL E DAS FORÇAS ARMADAS” (Anotada)

- Coronel José Manuel da Silva Viegas
- Preço: 600\$00 (+ 90\$00 para portes e embalagem).

“AS RAÍZES DAS INSTITUIÇÕES MILITARES PORTUGUESAS”

- Coronel Nuno Valdez dos Santos

- Preço: 450\$00 (+ 150\$00 para portes e embalagem).

A DEFESA DOS AÇORES DURANTE A II GUERRA MUNDIAL’

- General Manuel de Sousa Menezes
- Preço: 500\$00 (+ 90\$00 para portes e embalagem).

“ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A INSTITUIÇÃO MILITAR E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS”

- Cor Óscar Gomes da Silva
- Preço: 500\$00 (+ 50\$00 para portes e embalagem).

“AS IMPRESSIONANTES VERDADES DO CAPITÃO FIÚZA”

- Coronel Matias Fiúza Álvares da Costa
- Preço: 500\$00 (+ 50\$00 para portes e embalagem).

“ASPECTOS DO REINO DO ALGARVE”

“ASPECTOS DO REINO DE PORTUGAL”

- Lívio da Costa Guedes
- Preço, cada: 1.550\$00 (+ 100\$00 para portes e embalagem).

“PRÁTICA E DEFESA DO CATOLICISMO”

- Lívio da Costa Guedes
- Preço: 650\$00 (+ 100\$00 para portes e embalagem).



ESTABELECIMENTO FABRIL DO EXÉRCITO

- FÁBRICA DE FARDAMENTOS
- FÁBRICA DE CALÇADO
- FÁBRICA DE EQUIPAMENTOS
- FÁBRICA DE METALO-MECÂNICA

— CENTROS COMERCIAIS
Dimensionados às necessidades
da Família Militar

— CONTROLO DE QUALIDADE
Garantia de fabrico.
Análises tecnológicas.

— DESIGN

SEDE — Campo de Sta. Clara — 1100 LISBOA
Telex: 42526 OFARDA P Tel. 863006-865950/9
SUCURSAL — Rua da Boavista, 230 — 4000 PORTO
Tel. 02 29751-02 24504
DELEGAÇÃO — Delegação da OGFE — 2330 EN-
TRONCAMENTO Tel. 049 66147



I.A.T.A.

INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO

FUNDADO EM 1966

Alvará do Ministério da Educação e credenciado
pelo Ministério do Emprego e Segurança Social

**CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ACELERADA
ANO LECTIVO DE 1989/1990**

CURSOS DE 3 ANOS

- TÉCNICO SUPERIOR DE INFORMÁTICA DE GESTÃO
- TÉCNICO SUPERIOR DE TOPOGRAFIA
- DESENHADOR PROJECTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
- SECRETARIADO DE DIRECÇÃO
- HOSPEDEIRAS RECEPCIONISTAS — ASSISTENTES DE RECEPÇÃO

CURSOS DE 4 A 20 MESES

- ANALISTA PROGRAMADOR DE INFORMÁTICA
- PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES — LINGUAGEM • COBOL • BASIC • RPG II • PASCAL • C.
- MICROPROCESSADORES • LOTUS 1-2-3 • DBASE III E IV
- ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS
- CONTABILIDADE GERAL — IRS/ IRC • FISCALIDADE
- INFORMÁTICA APLICADA À CONTABILIDADE
- CONTABILIDADE ANALÍTICA E GESTÃO ORÇAMENTAL
- GESTÃO DE PRODUÇÃO • GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS • GESTÃO FINANCEIRA
- GESTÃO COMERCIAL (MARKETING E TÉCNICA DE VENDAS)
- GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS • GESTÃO DE STOCKS
- CÁLCULO FINANCEIRO E ANÁLISE DE PROJECTOS DE INVESTIMENTO
- COMUNICAÇÃO, RELAÇÕES PÚBLICAS, PUBLICIDADE E JORNALISMO
- DECORAÇÃO E ARQUITECTURA DE INTERIORES • DESENHADOR DE MÁQUINAS
- MEDIDOR ORÇAMENTISTA DE CONSTRUÇÃO CIVIL

**PROFISSÃO • ACTUALIZAÇÃO • VALORIZAÇÃO •
ESTÁGIO E APOIO NO EMPREGO**

**ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA AS VAGAS
LIMITADAS AINDA EXISTENTES**

**CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS E PLANEAMENTO
INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO**

Rua Vitor Cordon, 45 — 1200 LISBOA — Telex. 371032 - 325577
Telex 43331 — Telefax 520887 — Informações das 9,30 às 19,30 ininterruptamente

**PAPELARIA
FERNANDES**

Oficinas de:

TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO
CARTONAGEM
SOBRESCRITOS
SACOS DE PAPEL

**LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS**

Secções Especializadas de:

MATERIAL PARA
DESENHO
TOPOGRAFIA

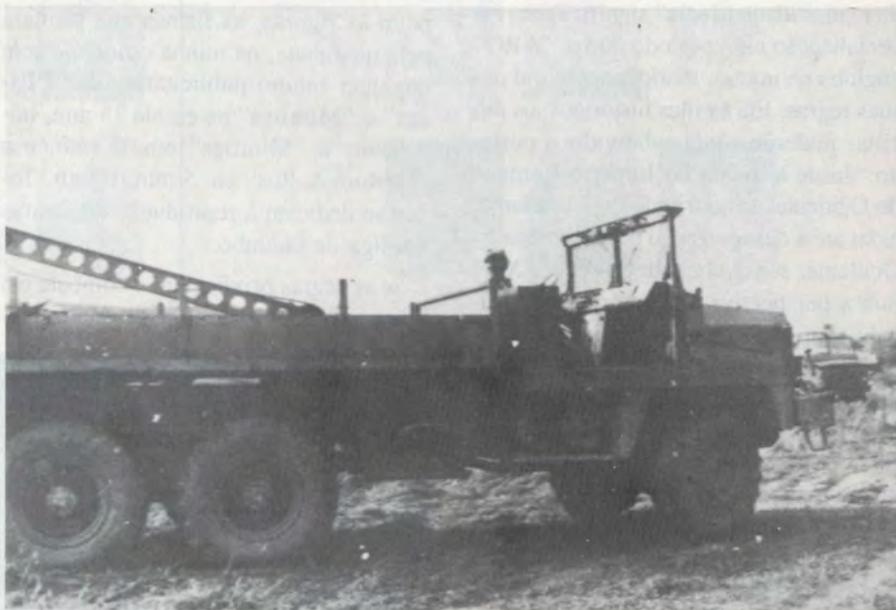
E IMPRESSOS PARA O EXÉRCITO

Por LUÍS COSTA

Viatura de Transportes Gerais "Berliet-Tramagal" GBC 8 KT 4 Ton. 6×6 m/1966

Parte I

Com o início das hostilidades nos territórios portugueses de África no começo dos anos sessenta, o Exército Português foi obrigado a mobilizar todos os meios materiais existentes para fazer face às necessidades da guerra. O material então em serviço era insuficiente e também, na sua maioria, já contava com cerca de vinte anos e mais, o que obrigou o Exército a procurar mais material nos mercados estrangeiros. A França forneceu ao Exército inúmeros e diversos tipos de materiais, nomeadamente armamento e viaturas blindadas e de transporte. Devido a esta abertura e também ao facto do Exército não se encontrar interessado em depender exclusivamente dos mercados externos para aquisição dos materiais necessários, a Metalúrgica Duarte Ferreira, situada na região do Tramagal, iniciou estudos em conjunto com a firma francesa Berliet com vista à produção em Portugal de viaturas tácticas todo o terreno para o Exército Português. Assim, em 1964 a MDF iniciou a entrega das primeiras viaturas BERLIET-TRAMAGAL GBC 8 KT 4 Ton. 4×4 m/1964 ao Exército, das quais foram produzidas 1670 viaturas.

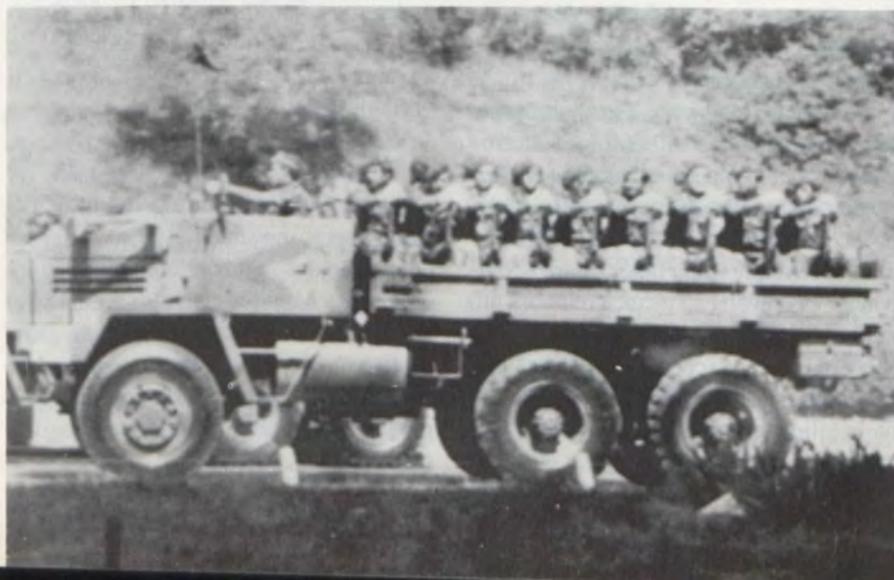


Viatura BERLIET-TRAMAGAL GBC 8 KT 4 Ton. 6×6 m/ 1966. (Colecção do autor).

Dois anos mais tarde a MDF lança outra viatura, a BERLIET-TRAMAGAL GBC 8 KT 4 Ton. 6×6 m/1966 proporcionando ao Exército uma viatura ligeiramente diferente da anterior, com a particularidade de possuir mais um eixo

motor. Desta produziram-se 972 viaturas. Em 1968, face a um novo caderno de encargos apresentado pelo Exército, a MDF estudou e desenvolveu conjuntamente com a Berliet uma nova viatura que se designou BERLIET-TRAMAGAL GBA MT 2,5 Ton. 6×6 m/1968. Era uma viatura mais ligeira que as GBC 8 KT com uma capacidade de carga inferior e mais adequada à classificação "standard" da NATO. A sua produção manteve-se até 1974 altura em que cessou a produção para o Exército devido ao final das hostilidades em África. Devido a esta interrupção da produção, a MDF ficou com algumas centenas de viaturas por concluir, tendo sido lançada uma campanha a nível internacional, nomeadamente nos países africanos de expressão portuguesa. Assim, em 1976 a MDF vendeu 134 viaturas à República Popular de Angola para as Forças Armadas seguidas em 1979 de mais de 120 viaturas.

Viatura BERLIET-TRAMAGAL GBA MT 2,5 Ton. 6×6 m/ 1968. (Colecção do autor).



Por JORGE FREITAS

Períodos Históricos - 2

Idade Média

Pelo que aqui ficou escrito no mês passado, facilmente se deduz que, em termos de jogo, "Idade Média" significa uma especialização num período que o "WRG" engloba na imensa vastidão temporal das suas regras. Em termos históricos, os puristas poderão ainda subdividir o período: desde a queda do Império Romano do Ocidente até ao triunfo do feudalismo, e daí até à desagregação deste sistema no Ocidente, sensivelmente no século XIV. Sob a perspectiva da História de Portugal, com um pouco de investigação podem-se recriar algumas batalhas desde a fundação da nacionalidade até à Guerra da Independência contra Castela (1383-85). É também possível avançar um pouco mais, até ao século XV, e recriar os exércitos que participaram na tomada de Ceuta e de outras praças-fortes do Norte de África. Uma boa referência, embora para uma época mais tardia, são as tapeçarias que representam a tomada de Arzila em 1471 por D. Afonso V, para quem queira reproduzir as tropas envolvidas naquela acção. As tapeçarias encontram-se no Paço dos Duques de Bragança, em Guimarães. Dado que os trabalhos de divulgação sobre história militar não abundam no nosso país — sob a perspectiva dos jogos de guerra, entenda-se —, ao contrário do que acontece na Grã-Bretanha, a tarefa do entusiasta do "hobby" e do período será muito mais difícil, e todas as referências pictóricas e narrativas coevas são importantes.

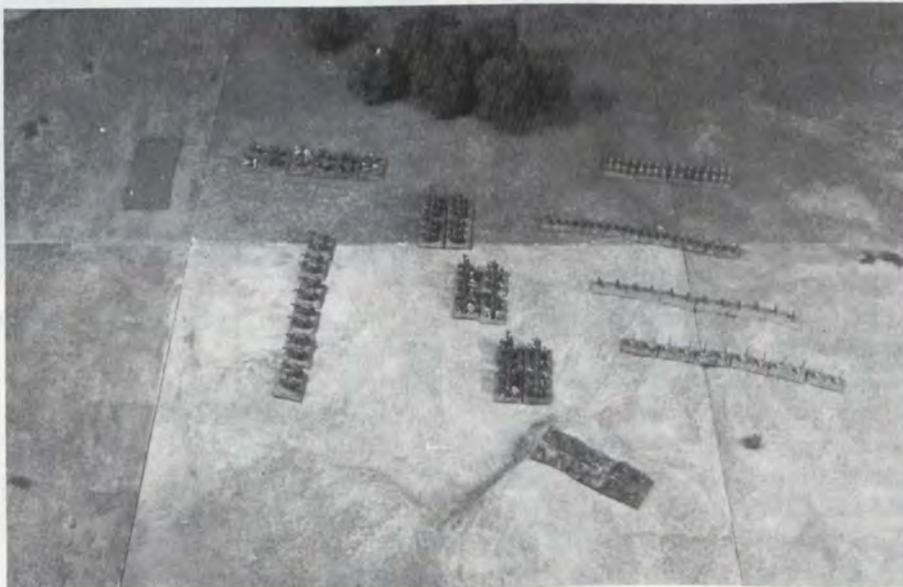
Quanto a regras e figuras para este período, é claro que terão que vir do estrangeiro. A oferta é abundante, a qualidade é tão variada quanto os preços. As regras do "WRG" podem servir, mas há melhor, sobretudo se tivermos em conta que a especialização contribui para uma melhor simulação sem quebrar a dinâmica do jogo: neste caso, aconselho "Lance", que inclui algumas listas de exércitos, para os jogos a partir do século XI. Tal como cer-

tos conjuntos de figuras, é possível encontrar estas regras em algumas boas casas da especialidade no nosso País, sobretudo em Lisboa e no Porto. Infelizmente essas casas não abundam, pelo que a alternativa poderá ser a aquisição directa ao fabricante ou editor. No que diz respeito às figuras, as firmas que primam pela qualidade, na minha opinião e sem qualquer intuito publicitário, são: "Essex" e "Minifigs" na escala 25 mm, novamente a "Minifigs" em 15 mm, e a "Heroics & Ros" em 5 mm (1/300). Todos se dedicam à reprodução de figuras em liga de chumbo.

Se as regras privilegiam o combate em massa, como é natural, as variantes tácticas

cas elaboradas (há excepções, como o caso de Aljubarrota e outros), pelo que os jogos simulando batalhas campais deste período se caracterizam pelo choque de forças de cavalaria bastante protegida, apoiadas por elementos apeados de menor protecção mas imprescindíveis para suavizar com os seus mísseis o ímpeto do inimigo. Pode parecer bastante inflexível do ponto de vista táctico, mas mesmo assim o jogo não perde o interesse, dada a especificidade de cada exército.

No estrangeiro, os subperíodos mais jogados referem-se à Alta Idade Média (sobretudo a ameaça viking no norte da Europa) e, à Baixa Idade Média: as Cruzadas, a Guerra dos Cem Anos (da qual



Exército Bizantino do Século XI em 5 mm (Escala 1/300). (Figuras da colecção do autor)

são menores em relação a épocas anteriores. Gradualmente se foi assistindo a uma evolução na protecção das tropas — da cota de malha até à armadura metálica completa — se bem que o termo "tropas" aqui deva ser entendido pela força de choque dos exércitos deste período: a cavalaria, constituída pela nobreza, uma ordem que tinha posses para acompanhar essa evolução técnica (embora um aprofundamento desta questão nos leve a estabelecer excepções interessantes). E o ênfase era invariavelmente colocado na habilidade individual no manejo das armas, mais do que na prática de tácti-

podemos considerar as "nossas" Guerras Fernandinas uma extensão ibérica) e a Guerra das Rosas, a célebre guerra civil inglesa entre as casas de Lancaster e de York.

Poderei adiantar que este e outros períodos serão novamente focados após a conclusão das regras referentes à Segunda Guerra Mundial que têm vindo a ser publicadas, mas dessa feita numa perspectiva mais nacional, isto é, aprofundando algumas acções do Exército Português passíveis de serem simuladas em jogo de guerra.

Pelo Cap VASCO MOURA



MACAU

Por não circularem no continente português, os selos emitidos pelos CTT de Macau são quase totalmente desconhecidos da maioria dos portugueses.

No entanto, todos os anos Macau põe em circulação as mais diversificadas séries que, devido por vezes ao exotismo dos desenhos, têm muito interesse para a cultura e expressão do mundo oriental.

Por exemplo, para o corrente ano, estão previstas as seguintes emissões:

- 19 JAN - Ano Lunar do Cavalo
- 1 MAR - Profissões Típicas
- 3 MAI - Anos do Selo Postal
- 8 JUN - Peixes da Região
- 24 AGO - Diversificação Industrial
- 22 SET - Jogos Asiáticos 1990
- 9 OUT - Rosa dos Ventos das Antigas Cartas Náuticas Portuguesas
- 15 NOV - Jogos e Diversões de Macau

Como se pode verificar desta relação, estas oito séries referem-se quase na sua totalidade a assuntos de interesse local, mas transmitem a todo o mundo filatelista e não só, elementos de estudo.

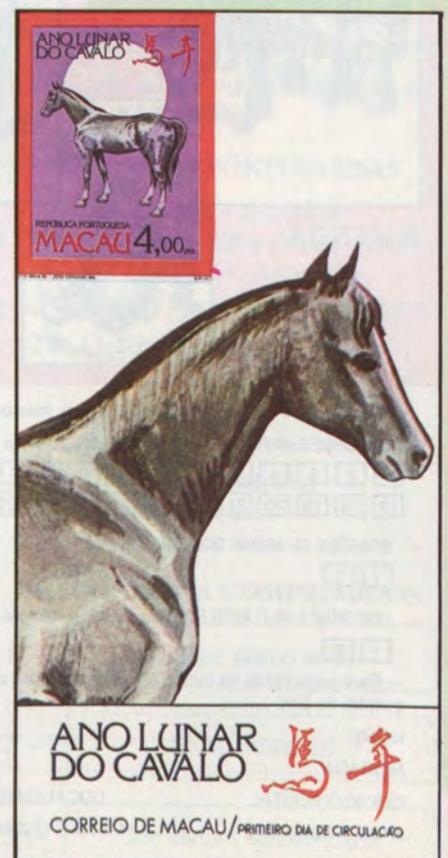
Refere-se neste número uma belíssima emissão de selos de Macau onde são reproduzidas gravuras da época e ainda existentes, repre-

sentando o mapa de Malaca e cenas representativas da presença no Oriente: em Malaca (selo de 40 avos), Tailândia (70 avos), Índia (90 avos), Japão (2.50 patacas) e China (7.50 patacas).

O bloco filatélico, igualmente emitido com esta temática, é constituído por seis selos, os cinco anteriormente indicados e um de 3.00 patacas representando uma cena de Macau.

Este território soube reunir a ciência, a religião, o comércio e a diplomacia ao longo de mais de quatrocentos anos de permanência dos Portugueses como campo de encontro do Oriente com o Ocidente.

Quando Vasco da Gama regressou da Índia trouxe presentes de porcelana da China que ofereceu à rainha de Portugal. Em 1512, Afonso de Albuquerque tomou Malaca, Terminal dos comerciantes da China. Em 1554, as autoridades de Cantão autorizaram oficialmente o comércio e a edificação de algumas habitações de apoio no porto abrigado que viria a ser Macau. Deste local, seria iniciada a viagem ao Japão. Assim se foi consolidando a prosperidade deste cobiçado território, que viria a aumentar progressivamente com a Guerra do Pacífico, com a movimentação internacional, depois com o Jogo e, nos últimos vinte anos, com o surto industrial.



COLEÇÕES DE POSTAIS

Uniformes Militares Portugueses

Brasões de Armas do Exército Português

Na sua missão de "promover a difusão dos conhecimentos e problemas militares" o "Jornal do Exército" tomou há já alguns anos a iniciativa de editar postais com reproduções de Uniformes Militares Portugueses e, mais recentemente, iniciou a edição de postais com reproduções dos Brasões de Armas actualmente em uso no Exército Português.

• A colecção de postais de uniformes é constituída por 252 exemplares (28 séries de 9) que reproduzem as aguarelas do Coronel Ribeiro Arthur existentes no Arquivo Histórico-Militar, as quais retratam a evolução do uniforme militar em Portugal desde meados do século XVIII até princípios do século XX.

• A colecção de postais de brasões de armas é, por ora, constituída apenas por 18 exemplares (2 séries de 9) onde figuram os brasões de armas do Exército, das Regiões e Zonas Militares, da 1.ª BMI, das Armas, de alguns Serviços e do nosso Jornal.

• Entretanto, o Museu Militar lançou recentemente a edição de 18 postais (2 séries de 9) que reproduzem aguarelas de Uniformes Militares Portugueses da primeira metade do século XX, da autoria do Mestre Alberto de Souza (plano de uniformes de 1911 e do CEP - Grande Guerra).

Estas três colecções encontram-se à disposição dos nossos estimados leitores pelos seguintes preços:

Cada série de 9 postais:

- Venda ao público 150\$00
- Preço especial para militares e assinantes . . 125\$00

Nos pedidos de envio pelo correio acresce mais a seguinte quantia para despesas com portes e embalagem: até 5 séries - 75\$00; até 10 séries - 125\$00; até 25 séries - 200\$00; até 50 séries - 300\$00.

Faça já a sua encomenda usando o boletim junto



À VENDA

NO
JORNAL
DO EXÉRCITO

- Solicito o envio das seguintes séries de postais (marcar com x as séries pretendidas)

• UNIFORMES MILITARES PORTUGUESES - colecção Cor Ribeiro Arthur

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28				

• BRASÕES DE ARMAS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

1	2
---	---

• UNIFORMES MILITARES PORTUGUESES - colecção Alberto Souza

1	2
---	---

- Para pagamento da minha encomenda e dos respectivos portes junto a quantia de Esc. &

NOME

MORADA

CÓDIGO POSTAL LOCALIDADE

N.º DE ASSINANTE POSTO E UNIDADE

MANUTENÇÃO MILITAR



UMA VASTA ORGANIZAÇÃO
AO SERVIÇO DA DEFESA NACIONAL
DA INDÚSTRIA ALIMENTAR
E DA EXPORTAÇÃO



Rações de combate



Silos



Laboratório



Bolachas



Moagem



Poeadeiras



Panificação



Massas



Rua do Grilo - Apt. 8032 1801 LISBOA CODEX - Telefone 38 43 81 - TELEX 14015 MM SEDE P.



Por RAIUGA

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 4/90 - a prémio

Horizontais

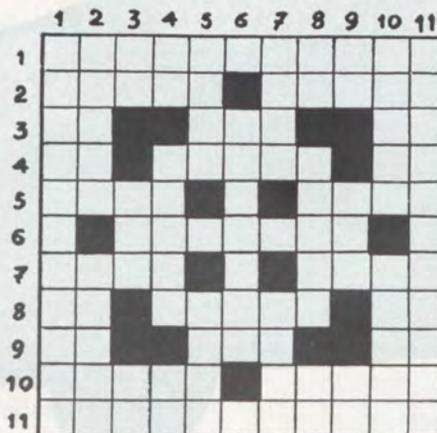
1 - Já. 2 - Descrédito; ameaçar ruína. 3 - Símbolo químico; logo que; símbolo químico. 4 - Símbolo químico; antiga moeda espanhola de prata; "nota musical". 5 - Pequeno pedaço; africano. 6 - Cortesã. 7 - "Multiplicação"; João..., marechal britânico, comandou as forças expedicionárias inglesas em França (1939-1940). 8 - "Perfeição"; escolhida; símbolo de uma unidade física. 9 - Tratamento que se dá na China a certas pessoas; "Mulher"; símbolo químico. 10 - Bacantes; advogue. 11 - "Homem".

Verticais

1 - Célebre filósofo grego, nasceu na Estagira, na Macedónia (384-322 a.C.). 2 - Cidade da França; maçarico. 3 - Pronome pessoal; voz usada para chamar a atenção de alguém; símbolo químico. 4 - Dígito romano; antiga medida de comprimento de 6 pés; "junção". 5 - Designação antiga da nota musical *sol*; nome árabe do Egipto. 6 - Empadas. 7 - República da África Ocidental; Santa Joana..., denominada Donzela de Orleães. 8 - O; rocha sedimentar, calcário-argilosa em que a argila e o calcário entram em proporções quase iguais, utilizada no fabrico de cimentos; contracção de preposição com artigo. 9 - Descalço; "Organização para a Alimentação e a Agricultura"; primeira letra da primeira sílaba e primeira letra da terceira sílaba da palavra que designa o inverso de *nadir*. 10 - ... Leng, conquistador tártaro, fundador do Segundo Império Mongol; peregrinou. 11 - Filósofo, astrónomo e matemático célebre da escola de Alexandria, nasceu em Cirene (284-192 a.C.).

Envie a solução em qualquer papel para a Redacção do Jornal indicando nome e morada e, se for militar, o posto, colocação ou situação e número mecanográfico. Os assinantes deverão indicar o respectivo número.

Haverá um prémio a sortear entre os totalistas.



Problema n.º 5/90 - aberto

Horizontais

1 - Dolorosamente. 2 - Recolhimento; ligais. 3 - "Platina"; óxido de cálcio; actínio. 4 - Ataque; variedade de maçã (pl.); "rádio". 5 - Faça girar; fiança. 6 - Adução. 7 - Osa; livra. 8 - Nome de consoante; numerário; "antes de Cristo". 9 - "Alumínio"; veste; logaritmo decimal do inverso da actividade ou da pressão do hidrogéneo molecular. 10 - Carta de jogar (pl.); farto. 11 - Imoralidades.

Verticais

1 - Fanfarronada. 2 - Veia poética; estampilham. 3 - Nota musical; lírio; pedra de amolar. 4 - Outra coisa; sofrem; ataque. 5 - Meigo; atreve-se. 6 - Antiga máquina de guerra formada de uma grossa e comprida viga que era aplicada para arrombar as portas dos castelos (pl.). 7 - "Música"; Salvador... pintor espanhol, nasceu em Figueras em 1904. 8 - O; peneira; elas. 9 - "Sódio"; vai pelos ares; unidade. 10 - A dignidade pontificia; cheio. 11 - Agitação produzida na água por um navio em andamento.

CHARADISMO

5 charadas aferéticas

- 1 — *Consumir* é sinónimo de *comer*? (3, 2)
- 2 — *Pacífico* não é o teu vizinho? Como *viverás* com ele? (3, 2)
- 3 — *Abjecto* em tantos lugares é o que se diz do *planeta*. (3, 2)

4 — Um *rapaz* pode usar um *abanico*. (3, 2)

5 — *Dinheiro* é coisa que dificilmente se *possui*. (2, 1)

PERGUNTAS DE ALGIBEIRA

1 — Que Presidente da República Portuguesa exerceu o cargo apenas durante 18 dias?

2 — Que nome se dá ao instrumento musical que mais não é do que uma pequena viola com 4 cordas de tripa?

3 — Como se designa a primeira parte e a mais grossa do intestino grosso, na qual se abre o intestino delgado?

4 — Que nome se dá aos naturais e habitantes de Vila Viçosa?

5 — Em que dia foi inaugurada em Lisboa a iluminação a gás?

6 — Na gíria brasileira o que é "um centão"?

7 — Por que razão uma potência de expoente nulo é igual à unidade?

8 — O ano 2000 será o último ano do séc. XX ou o 1.º do séc. XXI?

9 — Que outro nome se dá à hortênsia?

10 — Que rei português recebeu o cognome de "O Piedoso"?

ADIVINHAS PORTUGUESAS

- 1 — Sou gigante e gigantão,
Tenho doze filhos no meu coração,
De cada filho trinta netos,
Metade brancos e metade pretos.
- 2 — Quatro à canga,
Nova a charrua,
Que vem a ser?
- 3 — Branca larada
Que vai pela estrada,
Não fia nem tece
E seus filhos veste.

HIEROGLIFOS COMPRIMIDOS

- 1 —
- 2 —
- 3 —

O SENHOR SABE MAS AINDA NÃO VERIFICOU QUE:



NA INVERNIA, CARRO TAPADO COM CAPAS «RR» IGUAL A...

- Bateria protegida, pega à primeira!
- Radiador seguro contra a congelação!
- Pintura livre de corrosão!

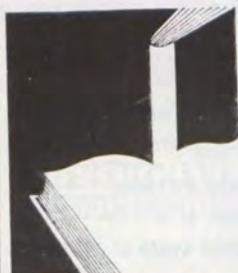
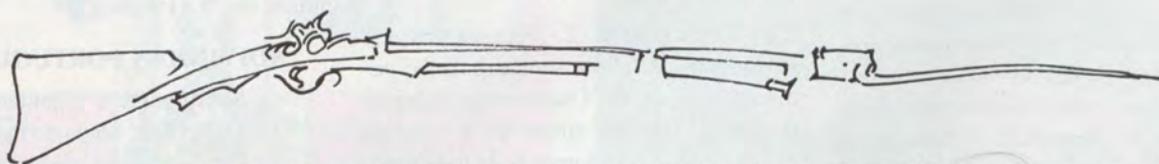
As únicas capas cardadas interiormente
o que as distingue

um exclusivo de
Estabelecimentos:

RODRIGUES & RODRIGUES, SA
R. Nova do Carvalho, 79 — Tel. 37 22 21
Apartado 2199 — 1200 LISBOA
Agentes em todo o país

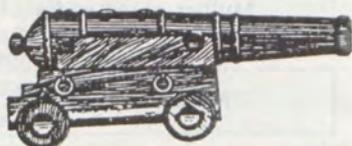
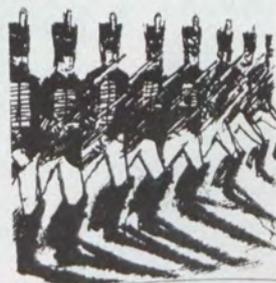
LIVRARIA LINHARES

A SOLUÇÃO... para encontrar os seus



LIVROS (UNIFORMES e MILITARIA, Ficção Científica, Ilustração, Design, Arte, Fotografia e Cinema, Arquitectura, Esoterismo, Uniformes, BD, Automóveis, Técnico ou outro, em Francês, Inglês ou Espanhol).

SOLDADOS DE CHUMBO (TRADITION, HISTOREX, CIMIER e... brevemente muitos outros: 110, 90, 54, 25 e 15 mm e escala 1/300, incluindo micro-tanques)



LIVRARIA LINHARES

(AO PARQUE MAYER, NAS TRASEIRAS DOS BOMBEIROS DA PRAÇA DA ALEGRIA)

DESTARTE, REPRESENTAÇÕES E EDIÇÕES, LDA.
RUA SANTO ANTONIO DA GLÓRIA, 90 - 1200 LISBOA
TEL. 346 51 55-TELEX 62 235 DESLIN P-FAX 347 58 11



HORÁRIO: 2.ª a 6.ª feira, das 10 às 19 horas; Sábado, das 10 às 12.30 horas - ABERTO À HORA DO ALMOÇO

Por INÊS GALVÃO

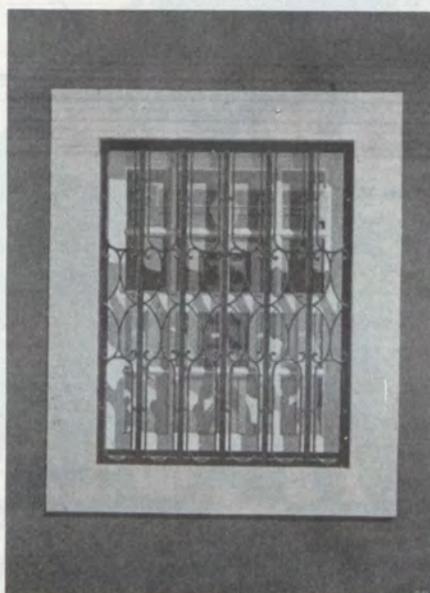


3 - Senhora inglesa célebre pela sua filantropia (1820-1910). Durante a Guerra da Crimeia organizou o serviço de socorros aos feridos em combate e o seu exemplo inspirou a fundação da Cruz Vermelha. A quem nos referimos?



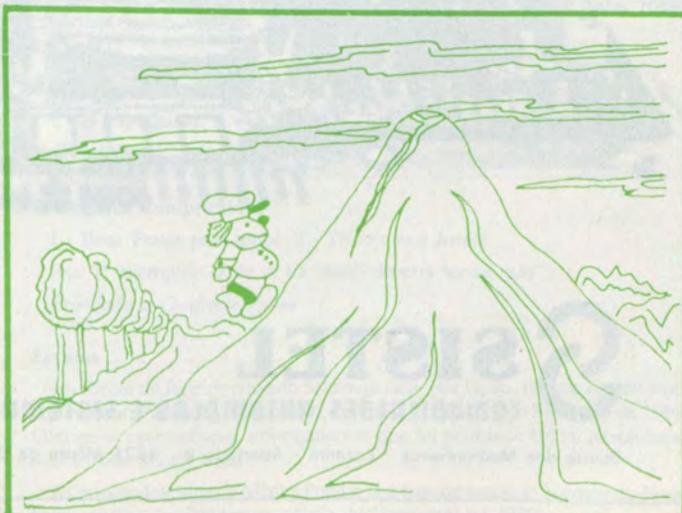
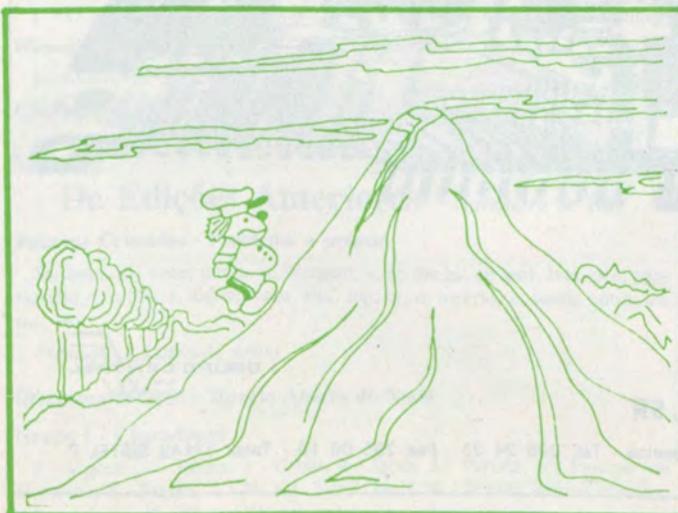
2 - Em que reinado foi mandado construir o Mosteiro dos Jerónimos e como se designa o estilo arquitectónico que o caracteriza?

1 - Este monumento, *ex-libris* de Lisboa, é vulgarmente conhecido por Torre de Belém. Porém, esta não é a sua designação oficial. Sabe qual é?



4 - Estilo inconfundível de pintura em que predominam os jogos de luz e sombra. Além das janelas, são bem identificativos da sua autora os quadros de telhados e dos quiosques de Lisboa. De quem se trata?

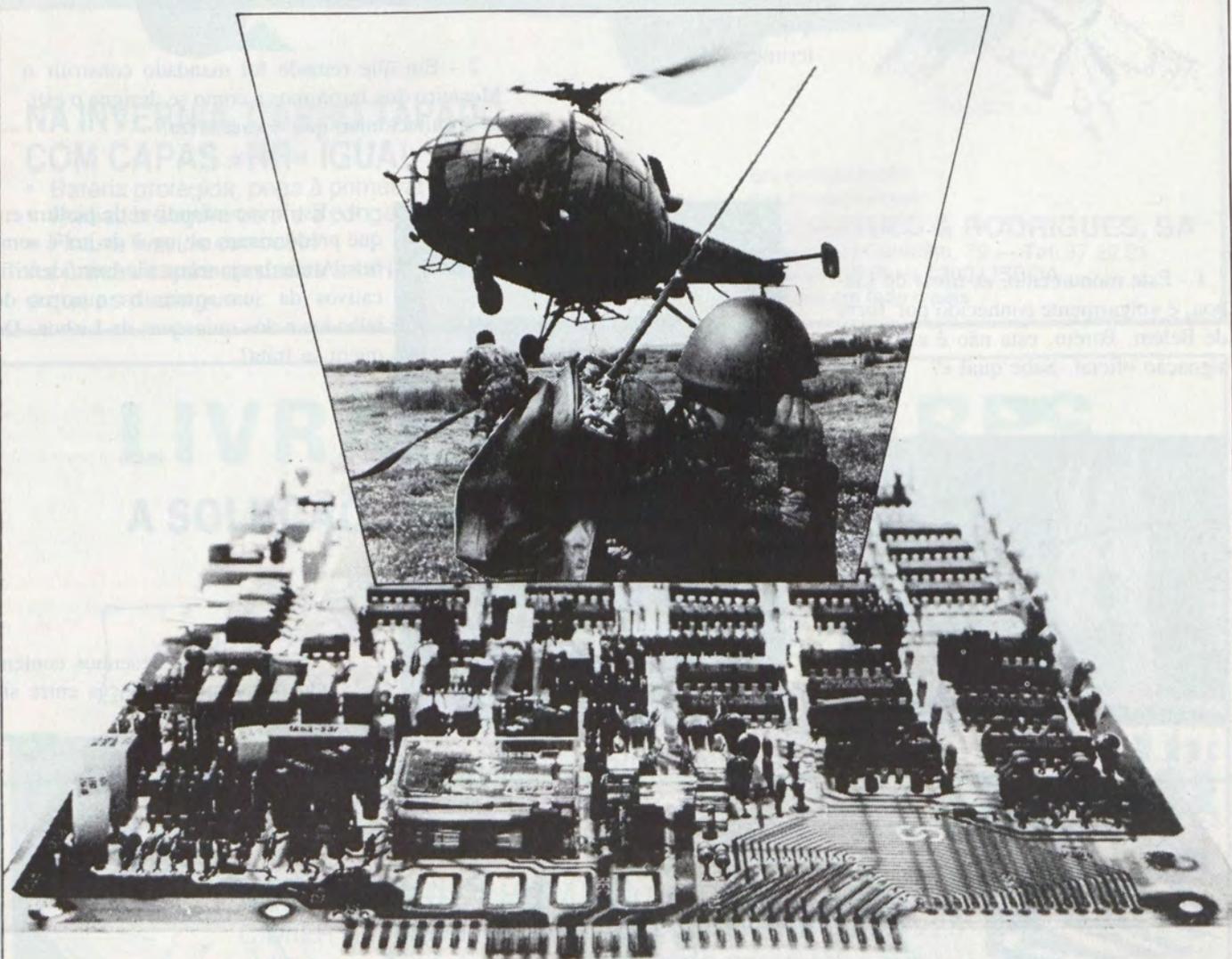
5 - Estes dois desenhos contêm oito pequenas diferenças entre si. Vamos descobri-las?



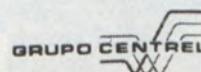
Tecnologia & Qualidade

Radiocomunicações e Sistemas Militares

Somos uma empresa tecnologicamente evoluída.
Somos responsáveis pelo projecto e fabrico de sofisticados
sistemas utilizados pelas Forças Armadas Portuguesas.
Somos a Sistel.



S SISTEL
COMUNICAÇÕES, AUTOMAÇÃO E SISTEMAS, SA



Quinta dos Medronheiros - Lazarim - Apartado 9 - 2825 Monte da Caparica - Tel. 295 24 25 - Fax 295 06 16 - Telex 13149 SISTEL P

MEDALHA COMEMORATIVA DO 30º ANIVERSÁRIO DO JORNAL DO EXÉRCITO

30 anos de publicação ininterrupta é já um marco significativo na vida de um jornal. E mais importante se torna quando essa idade faz do "Jornal do Exército" uma das publicações mais antigas da actual imprensa militar e o torna um prestigioso e prestigiante referencial dentro do Exército.

A assinalar tão importante efeméride foi mandada cunhar uma medalha em cujo averso figura o brasão de armas deste Jornal e, no reverso, o motivo principal da sua primeira capa (Janeiro de 1960) - um cabo corneteiro de Infantaria anunciando o nascimento do "Jornal do Exército" - e as inscrições "JANEIRO 1960" e "JANEIRO 1990".

Foi feita uma cunhagem de 500 exemplares, todos numerados. Parte desta edição é agora posta à disposição dos nossos assinantes e leitores.

Características: medalha em bronze com 80 mm de diâmetro e com numeração de 1 a 500.

Preço unitário: 1.300\$00 nas aquisições directas na sede do Jornal (+ 240\$00 para despesas de embalagem e portes nos pedidos de envio pelos CTT).

BOLETIM DE ENCOMENDA

- Solicito o envio de medalhas comemorativas do 30º aniversário do Jornal do Exército.

- Para pagamento da minha encomenda e dos respectivos portes, junto a quantia de Esc. _____ \$ em cheque vale de correio

NOME _____

MORADA _____

CÓDIGO POSTAL _____ LOCALIDADE _____



SOLUÇÕES DO RECREIO

Da Presente Edição

Cruzadismo - Problema nº 5/90

Penadamente, asilo, elais, pt, cal, aC, ar, peros, ra, role, i, aval, r, incenso, r, ossa, t, safa, te, moeda, aC, al, usa, rh, damas, lauto, amoralismos.

Perguntas de Algebeira

1 - Mendes Cabeçadas (de 31/V/26 a 17/VI/26). 2 - Cavaquinho. 3 - Ceco. 4 - Calipolenses. 5 - 30 de Julho de 1848. 6 - Cem cruzeiros. 7 - Porque assim se estabeleceu por convenção. 8 - Será o último ano do séc. XX. 9 - Rosa-do-Japão. 10 - D. João III.

Adivinhas Portuguesas

1 - O ano, os meses e os dias. 2 - O arado e os bois. 3 - As ovelhas.

Hieroglifos comprimidos

1 - Maratona. 2 - Ópera. Lusfadas.

Charadismo

1 - Estragar. 2 - Bom-serás. 3 - Imundo. 4 - Moleque. 5 - Vintém.

De Edições Anteriores - Novembro de 1989

Palavras Cruzadas - Problema a prémio

Se, uma, sa, artur, unida, d, aturgam, s, ac (ou al, ou am), bua, pes, panturrilha, t, ai, lo, s, algonquinos, vau, iug, bi, e, incerto, n, linda, outra, os, sus, os.

Premiado o Confrade Águia

Dezembro de 1989 - Torneio Aberto do Natal

Grupo I - Charadismo

1 - Vigorar. 2 - Russo. 3 - Cruel. 4 - Jacre. 5 - Partida. 6 - Fastoso (ou faustoso). 7 - Picada. 8 - N, sal, Natal, lar, l. 9 - F, mas, mimar, família, salmo, rio, a. 10 - V (ou Z), ser, velem (ou zelem), rei, m.

(Os enunciados das charadas nºs 6 e 7 saíram com erro. De facto, a 2ª pedra da charada nº 6 deveria ser *orgulhoso* e a 1ª pedra da charada nº 7 deveria ser *censura*, e não como foi publicado. Por essa razão foram consideradas como certas a todos os concorrentes).

Premiado o Confrade Rochame

Grupo II - Perguntas de Algebeira

1 - Em Física, ao sentido em que se deslocam os ponteiros de um relógio. 2 - Segunda. 3 - Olho-de-boi. 4 - Celebérrimo. 5 - 24 horas de 31 de Dezembro de 2000. 6 - No solo. 7 - Cristóvão Falcão. 8 - É 2. 9 - Oeiras. 10 - Belém.

Premiado o Confrade José António Martins Lobato

Grupo III - Grupo Misto

Palavras Cruzadas

Natal, Feliz, a, eriçado, e, b/ oasis, datar, ovo, avo, avo, aco, sisas, soros, s, r, r, m, Maria, Magos, era, doo, ode, ramir, falar, o, adorara, e, salas, rosas.

Premiado o Confrade Arneamar

Adivinhas Portuguesas

1 - A espingarda. 2 - O botão. 3 - Estão ambos fora da estação.

Premiado o Confrade Artur Veras

Hieroglifos Comprimidos

1 - Boas Festas para todos. 2 - Deseja este Jornal.

(No 1º hieroglifo onde se lia "são" deveria ler-se "sãs")

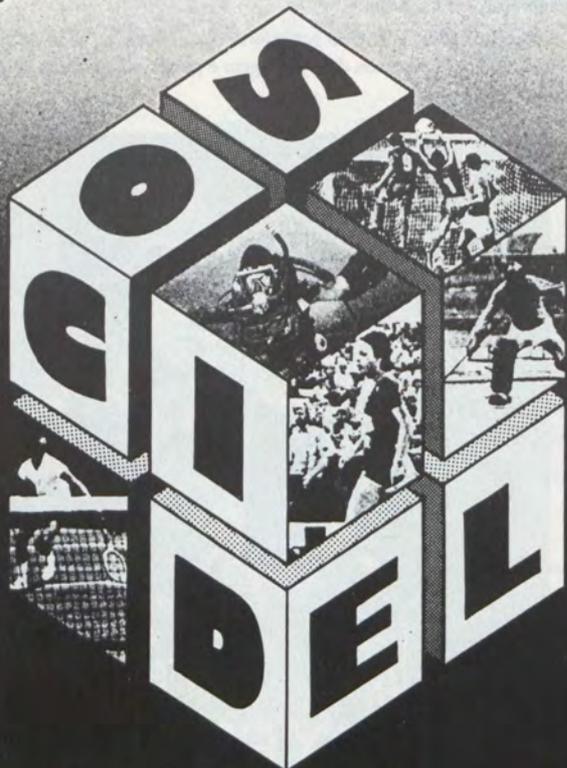
Premiado o Confrade Águia

Erratas

No Jornal de Janeiro passado foi anunciado, por lapso, não ter havido concorrentes ao Passatempo Literário, a prémio, publicado em Setembro de 1989. Corrige-se esse anúncio, informando-se que foi premiado em tal passatempo o Confrade Mister Pond.

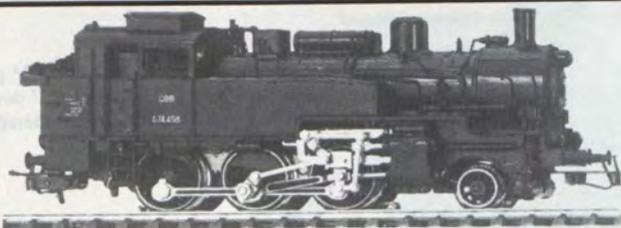
As nossas desculpas a Mister Pond e aos concorrentes ao Torneio do Natal pelas gralhas verificadas na edição de Dezembro de 1989.

para todos os **DESPORTOS**



SOCIDEL - SOCIEDADE COMERCIAL DE ARTIGOS DE DESPORTO, LDA.

Rua Nova do Almada, 49 - 1200 LISBOA - Telef.: 37 35 41/2/3 - Teleg.: SOCIDEL - Telex: 42498 SPORT P



BIAGIO FLORA, LDA.

Rua do Ouro, 138 Telef. 346 06 91 1100 Lisboa

COMBOIOS ELÉTRICOS BRINQUEDOS TÉCNICOS
PISTAS DE AUTOMÓVEIS JOGOS DIDÁCTICOS

AOS MELHORES PREÇOS

medalhas



**ORÇAMENTOS
GRATIS**

medalhões • gravações • taças • emblemas •
artigos militares • porta-chaves • troféus

**OS MELHORES PREÇOS
(ABERTA TODO O ANO)**

R. Benfornoso, 136-1100 LISBOA ☎ 86 10 86 - 86 67 08
Telex NR 43127 MEDALS P



PRIMEIRA CASA DAS BANDEIRAS

ANTÓNIO CARDOSO

Sucessora
MARGARIDA CARDOSO
DA COSTA, LDA.

Rua dos Correiros, 149/151 Telefex 37 10 75
1100 LISBOA Tel. 32 74 82 • 37 10 75

Execução rápida e perfeita de:

BANDEIRAS — ESTANDARTES — FLÂMULAS
E GUIÕES

Emblemas esmaltados — Medalhas — Emblemas impressos
em plástico e alumínio fotoanodizado — Varas de madeira e
metal — Taças — Gravuras — Carimbos e gravações em
plástico e metal, e outros

CASA BUTTULLER

— Miguel Buttuller, Lda. —

37 — Rua Barros Queirós — 39
1100 LISBOA — Telef. 36 93 50



ESPECIALIZADA EM:

Todos os artigos militares para as
Forças Armadas e Militarizadas, assim
como:

Bonés, Fardas militares e civis, Botões,
cordões, Dragonas, Galões, Divisas,
Charlateiras, Camisas, Emblemas, em
metal, Bordados, Plásticos e em alumínio
anodizado.

Condecorações, Espadas, Cintos e
Fiadores. Bandeiras, Estandartes, Ga-
lhardetes, Guiões, Varões e Hastes.

Taças, Medalhas e Troféus, etc.

SOLUÇÕES DO PASSATEMPO

- 1 - Torre de S. Vicente
- 2 - D. Manuel I. Estilo Manuelino
- 3 - Florence Nightingale
- 4 - Maluda
- 5 - Tronco de árvores; botão da manga; rocha; nuvem; calças; monte; monte; rocha.



Coord SaírgMor NELSON FERREIRA

REGULAMENTO DA LEI DO SERVIÇO MILITAR

Nota-circular n.º 11563 de 10AGO89 da RR/DSP:

— Os pedidos de levantamento da nota de refractário que não satisfaçam à condição nela expressa, devem ser enviados pelas unidades aos Comandos dos Quartéis Gerais respectivos, entidade em que foi delegada a competência para apreciar e decidir sobre os pedidos de justificação de faltas de incorporação nas respectivas áreas Territoriais. (D.R. n.º 164 - II Série de 19JUL89 - Página 7126).

PENSÕES À EX-ADMINISTRAÇÃO ULTRAMARINA

Portaria n.º 588/89:

— Actualiza as pensões degradadas da ex-administração ultramarina. (D.R. n.º 173 - I Série de 29JUL89).

POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA E GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

Despacho Conjunto A-167/89-XI:

— Fixa em 1500\$00 o montante da gratificação mensal de especialidade a abonar ao pessoal da Polícia de Segurança Pública e Guarda Nacional Republicana que tenha a seu cargo o tratamento de solípedes e de canídeos. (D.R. n.º 206 - II Série de 07SET89).

PESSOAL CIVIL DOS SERVIÇOS DEPARTAMENTAIS DAS FA

Decreto-Lei n.º 264/89:

a) Define o regime jurídico aplicável ao pessoal civil dos Serviços Departamentais das Forças Armadas. (D.R. n.º 189 - I Série de 18AGO89).

Decreto Regulamentar n.º 25/89:

b) Estabelece o regime jurídico das carreiras e categorias do pessoal civil dos Serviços Departamentais das Forças Armadas. (D.R. n.º 188 - I Série de 17AGO89).

REGIMENTO DE ARTILHARIA DE LEIRIA

Despacho CEME de 13ABR89:

— Foi autorizado o Regimento de Artilharia de Leiria (RAL) a usar e ostentar as condecorações atribuídas ao Regimento de Obuses de Campanha (ROC) e ao 1.º Grupo de Baterias de Artilharia do Regimento de Artilharia n.º 2 (1.º GBA/RA2). (O.E. n.º 10 - 2.ª Série de 15MAI89).

REGIMENTO DE ARTILHARIA ANTIAÉREA N.º 1

Despacho n.º 33/89 de 19 de Abril:

— O dia 1 de Outubro passa a ser o "DIA FESTIVO" do Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1 por corresponder à data, no ano de 1943, do início do funcionamento do Comando de Defesa Antiaérea de Lisboa e, também, à data da comemoração do "DIA FESTIVO" do Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa, do qual a RAA.1 é herdeiro das tradições e património. (O.E. n.º 4 - I Série de 30ABR89).

REMUNERAÇÕES DOS MILITARES

Decreto-Lei n.º 279/89:

— Actualiza as remunerações a abonar mensalmente aos militares dos três ramos das forças armadas durante o período de serviço militar obrigatório. O presente diploma produz efeitos a partir de 01JAN89. (D.R. n.º 193 - I Série de 23AGO89).

SUBVENÇÃO VITALÍCIA

Lei n.º 26/89:

— Atribuição de uma subvenção vitalícia aos cidadãos que participaram na revolta de 18 de Janeiro de 1934. (D.R. n.º 192 - I Série de 22AGO89).

SHAPE - ALTERAÇÃO DO QUADRO

Portaria n.º 524/89:

— Altera o quadro da Representação Militar Nacional no Quartel-General do Comando Supremo Aliado da Europa (SHAPE). (D.R. n.º 156 - I Série de 10JUL89).

TESOUREIROS - ABONO PARA FALHAS

Decreto Legislativo Regional n.º 7/89/A:

— Atribui abono para falhas a tesoureiros e a outros funcionários ou agentes situados na mesma área de tesouraria e cobrança. (D.R. n.º 165 - I Série de 20JUL89).

UTILIZAÇÃO DAS SECÇÕES COMERCIAIS DAS OGFE

Rectificação — Por ter saído com inexactidão a publicação inserta no Jornal do Exército n.º 336 de Agosto de 1989 referente à utilização das Secções Comerciais das OGFE, rectificase que onde se lê "d) Pessoal da PSP, GNR" deve ler-se "PSP, GNR e GF".

UTILIZAÇÃO DAS MESSES DA MANUTENÇÃO MILITAR

Despacho do General CEME de 26JUL89:

— Para efeitos de utilização, pelo pessoal civil em serviço no Exército e respectivo agregado familiar das Messes da Manutenção Militar de Oficiais e Sargentos, aprovou a tabela de equivalência entre o pessoal civil e militar que a seguir se difunde:

a. A OFICIAL

— Pessoal do grupo técnico superior e técnico a quem para o exercício das suas funções são exigidas habilitações de licenciatura ou curso superior.

b. A SARGENTO

— Pessoal dos grupos técnico-profissional, administrativo e operário (qualificado e semiquualificado) cujas exigências habilitacionais para ingresso se enquadrem nos seguintes números:

(1) Curso técnico-profissional c/ duração não inferior a 3 anos para além de 9 anos de escolaridade.

(2) Curso de Formação profissional de duração não inferior a 18 meses, para além de 9 anos de escolaridade.

(3) Curso Geral de ensino secundário ou equivalente.

(4) Escolaridade obrigatória, acrescida de habilitação profissional específica.

Pelo TCor Art^a HENRIQUE MAURÍCIO

AVALIAÇÃO NO EXÉRCITO INGLÊS (Conclusão)

(4) ELEVAÇÕES em BARRAS PARALELAS (DIPS) (Fig. 8)

Destina-se a avaliar a Força Superior.

O executante coloca-se na posição inicial de suspenso com mãos em apoio nas barras paralelas.

Partindo da posição inicial, flexionar os braços até que o braço e o antebraço formem um ângulo recto, voltando, então, à posição inicial, contando-se o número de repetições.

Para cada grupo etário é exigido um número mínimo de repetições (os mesmos da prova de Flexões na Barra).

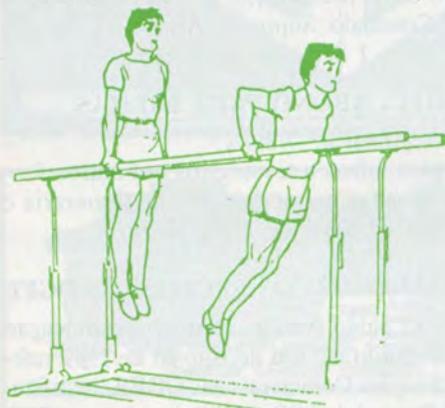


Fig. 8 - ELEVAÇÕES em BARRAS PARALELAS

(5) SALTO VERTICAL (Fig. 9)

Destina-se a avaliar a Potência do Trem Inferior (FORÇA INFERIOR).

O executante coloca-se de pé ao lado duma parede, levanta o braço mais próximo desta, e risca a parede com um pedaço de giz que segura na ponta dos dedos.

Em seguida, flecte as pernas e salta para o ar, na vertical, riscando novamente a parede, o mais alto possível.

Mede-se, então, a distância entre as duas marcas e anota-se 5 pontos por cada 2,5 cm.

À semelhança das restantes provas, são exigidos mínimos a cada grupo etário, utilizando-se a mesma tabela da prova de Flexões na Trave (Barra) (por exemplo, para o grupo dos 17 aos 29 anos exigidos 6 pontos ou $6 \times 2,5 = 15,0$ cm).

3.2. BFT (BASIC FITNESS TEST), o qual apresenta, como atrás se disse, 7

modalidades, a saber:

BFT 1 (HOMENS COM MENOS DE 40 ANOS)

Após CORRER e ANDAR 2,4 Km (milha e meia) (obrigatoriamente no tempo de 15 minutos), CORRER, imediatamente a seguir, os mesmos 2,4 Km no melhor tempo possível.

Para cada um dos 3 grupos etários considerados são estabelecidos mínimos (a aplicar, apenas, nos climas temperados).

Nos climas tropicais os tempos são diferentes e constam duma proposta a apresentar pelos respectivos comandos ao IPAT (Inspector Of Physical and Adventurous Training).

BFT 2, 3 e 4 (HOMENS COM 40 ANOS E MAIS)

O pessoal desta idade poderá optar por uma das seguintes modalidades de teste:

BFT 2

Após CORRER e ANDAR 2,4 (obrigatoriamente no tempo de 15') CORRER-SE-Á, imediatamente a seguir, a mesma distância no melhor tempo possível.

Para cada um dos dois grupos etários considerados (40 a 44 e 45 a 49) são estabelecidos mínimos.

BFT 3

CORRER e ANDAR 4,8 Km no melhor tempo possível, sendo igualmente estabelecidos mínimos para os dois grupos etários considerados.

BFT 4

Executar o "STEP-TEST" estabele-



Fig. 9 - SALTO VERTICAL

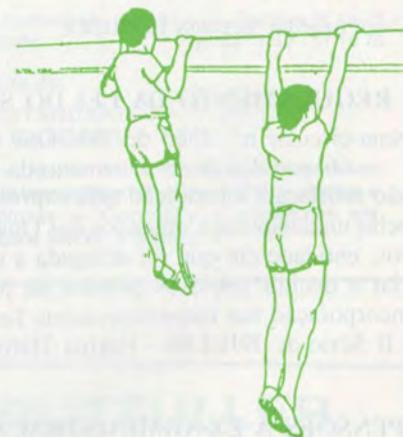


Fig. 4 - FLEXÕES de BRAÇOS na TRAVE

AGE		SCORES	
a	b	a	b
17 to 29	6		
30 to 34	5		
35 to 39	4		

Fig. 5

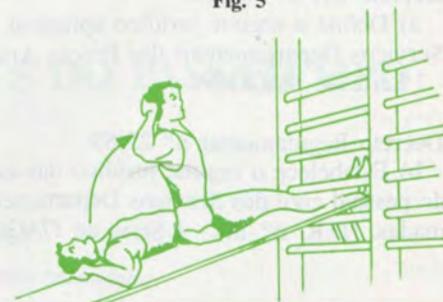


Fig. 6 - ABDOMINAIS em BANCO INCLINADO

AGE		SCORES	
a	b	a	b
17 to 29	12		
30 to 34	10		
35 to 39	8		

Fig. 7

cendo-se para cada um dos dois grupos etários considerados STS (STEP TEST SCORE) mínimos.

BFT 5 (PESSOAL FEMININO COM MENOS DE 40 ANOS)

Trata-se do "STEP-TEST (adaptado)": subir e descer um banco de 43 cm de altura (alternadamente com o pé esquerdo e o pé direito) durante 5 minutos e com uma frequência de 25 subidas por minuto (total de 125 subidas). A seguir e tal como foi referido para os homens, contam-se as pulsações durante 30", um minuto após o esforço (P1), dois minutos após o esforço (P2) e três minutos após o esforço (P3).

O somatório de P1+P2+P3 (SPC - SUM OF PULSE COUNTS) é transformado no STS (STEP TEST SCORE) à custa duma tabela ou conversão.

Consideram-se dois grupos etários (até aos 29 anos e dos 30 aos 39 anos), estabelecendo-se para cada um mínimos do STS a atingir obrigatoriamente.

BFT 6 e 7 (PESSOAL FEMININO

COM 40 ANOS OU MAIS)

Para pessoal nestas condições é-lhes dado a escolher entre duas modalidades do teste:

BFT 6

"STEP TEST" (Adaptado) em que se estabelece para o único grupo etário considerado (40-49 anos) um STS mínimo a atingir obrigatoriamente.

BFT 7

"CORRER e ANDAR" a distância de 3,2 Km (duas milhas) em que é igualmente estabelecido para o único grupo etário considerado um tempo mínimo a atingir obrigatoriamente.

4. COMPARAÇÃO COM O REFE/84 (PORTUGAL)

— Teste diagnóstico mais completo do que o nosso, muito embora lhe notemos a falta de uma prova de velocidade, além da inclusão de duas provas visando testar a FORÇA SUPERIOR.

Além disso, trata-se de um teste de mais difícil aplicação do que qualquer dos

nostros controlos, exigindo mais aparelhagem de ginásio.

— Em contrapartida, o teste básico é mais pobre do que os nossos CONTROLOS 1, 2 e 3, pois visa, apenas, testar o sistema cárdio-círculo-respiratório.

— O CFT parece-nos uma solução melhor do que a nossa (ditada por razões de simplicidade), porquanto, como sabemos, cada arma ou serviço tem a sua especificidade própria, com exigências muito diferentes sob o ponto de vista físico.

— Na única prova comum ao nosso Controlo (FLEXÕES de BRAÇOS na TRAVE), os mínimos são ligeiramente superiores (diferença de 1 repetição, considerando a nota 10 das nossas tabelas).

— A não classificação do pessoal no BFT e CFT nas várias categorias, à semelhança do que se passa no nosso REFE, parece-nos um factor desmotivador.

— As consequências da aplicação do controlo no Exército Inglês são mais rigorosas do que no nosso caso.

Noticiário

Coord. TCor Art.º HENRIQUE MAURÍCIO



CAMPEONATOS DE ESGRIMA DO EXÉRCITO

Realizaram-se nos dias 8, 9 e 16 DEZ 89 na Sala de Armas do Centro Militar de Educação, Física, Equitação, e Desportos (CMEFED) os Campeonatos de Esgrima do Exército de 1989, que contaram com a presença de Atiradores e Atiradoras do CMEFED, Academia Militar (AM), Escola de Sargentos do Exército (ESE), Instituto de Odontologia (IO), Colégio Militar (CM), Instituto Militar dos Pupilos do Exército (IMPE) e da Região Militar de Lisboa (RML).

As classificações (Individuais e Colectivas) foram as seguintes:

MODALIDADE		CAMPEONATO de ESGRIMA do EXÉRCITO/89		
		Concorrentes	Origem	Class./tp
SABRE	INDIVIDUAL	Cap. Marquilhas	AM	1.º
		Maj. Rui Viana	EME	2.º
		Cap. Grave Pereira	RE 1	3.º
		Cap. Diogo	AM	4.º
	POR EQUIPAS	AM		1.º
		CM		2.º
		IMPE		3.º

MODALIDADE		CAMPEONATO de ESGRIMA do EXÉRCITO/89		
		Concorrentes	Origem	Class./tp
FLORETE MASCULINO	INDIVIDUAL	Sarg. Viães	IMPE	1.º
		Al Sérgio Filipe	CM	2.º
		Asp. Mil.º Rui Frazão	IMPE	3.º
		Cap. Caneira	CMEFED	4.º
	POR EQUIPAS	IMPE		1.º
		CMEFED		2.º
ESPADA	INDIVIDUAL	Asp. Mil.º Rui Frazão	IMPE	1.º
		Sarg. Viães	IMPE	2.º
		Cap. Marquilhas	AM	3.º
		Cap. Diogo	AM	4.º
	POR EQUIPAS	IMPE		1.º
		AM		2.º
		CM		3.º

FLORETE FEMININO

SANDRA BERNARDO	IO	1.º
EDNA BERNARDO	IO	2.º
CLÁUDIA GARCIA	IO	3.º

Participaram nos campeonatos cerca de 60 atiradores às quatro armas o que demonstra um renovado interesse dos militares dos quadros e dos Estabelecimentos de Ensino pela prática deste desporto.

De salientar a melhoria do nível técnico-táctico apresentado na competição, em especial pelos atiradores de espada, consequência natural dos contactos internacionais havidos nos últimos anos.

Na cerimónia de encerramento, que foi presidida pelo Brig. António Marquilhas, Director do SEFE, foram atribuídos ao 2.º Sarg. Eng. João Viães e Cap. Inf. João Marquilhas, respectivamente, os troféus, "T.C. VEIGA VENTURA" e "COR. ÓSCAR MOTA", instituídos por despacho do Gen. CEME de 30 MAI88, para galardoar os melhores atiradores de ESPADA e SABRE no conjunto das provas de Esgrima integrado no calendário anual dos CDM (Campeonatos Desportivos Militares).

A organização e o secretariado das provas esteve a cargo dos oficiais e sargentos especializados em Esgrima do CMEFED.

Agenda

ABRIL

DIA	SOL a) b)		LUA (a) (b)			MARÉS (a)				EFEMÉRIDES
	Nasc.	Ocaso	Nasc.	Ocaso	Fase	Preiamar		Baixamar		
01. Dom.	06.22	19.00	10.16	01.06	C.Q.	07.05	19.30	00.21	12.41	1808 - Criação do Conselho Supremo Militar e de Justiça
02. 2.ª f.	06.21	19.01	11.23	02.02		08.16	20.47	01.32	13.57	1905 - Ascensão aerostática de Costa Bernardes no balão "Nacional"
03. 3.ª f.	06.19	19.02	12.32	02.49		09.46	22.18	03.13	15.39	1811 - General Massena é derrotado no Sabugal
04. 4.ª f.	06.18	19.03	13.41	03.26		11.12	23.36	04.51	17.07	1820 - Embarca para o Brasil o Tenente-General Beresford
05. 5.ª f.	06.16	19.04	14.47	03.56		—	12.16	05.58	18.07	1814 - Batalha de Toulouse que põe fim à Guerra Peninsular
06. 6.ª f.	06.15	19.05	15.50	04.22		00.34	13.04	06.44	18.50	1385 - Aclamação de D. João I, 10.º rei de Portugal
07. Sáb.	06.13	19.06	16.51	04.46		01.20	13.43	07.19	19.25	1498 - Vasco da Gama chega a Mombaça
08. Dom.	06.12	19.07	17.51	05.08	L.C.	02.00	14.19	07.49	19.57	1381 - Os Portugueses conquistam Arronches aos Castelhanos
09. 2.ª f.	06.10	19.08	18.51	05.31		02.36	14.52	08.17	20.28	1875 - Decreto aprova o Código de Justiça Militar
10. 3.ª f.	06.08	19.09	19.51	05.54		03.09	15.25	08.45	20.58	1851 - O B.C. 5 pronuncia-se a favor do movimento do Marechal Saldanha
11. 4.ª f.	06.07	19.09	20.52	06.20		03.42	15.56	09.13	21.26	1811 - O General Beresford expulsa os Franceses de Almeida
12. 5.ª f.	06.05	19.10	21.53	06.49		04.13	16.27	09.42	22.00	1657 - A guarnição de Olivença repele um ataque castelhano
13. 6.ª f.	06.03	19.11	22.51	07.23		04.44	16.58	10.12	22.32	1809 - O General Silveira ocupa Penafiel, em poder dos Franceses
14. Sáb.	06.02	19.12	23.48	08.03		05.15	17.28	10.44	23.08	1869 - É regulamentada a Divisão Administrativa da Guiné
15. Dom.	06.00	19.13	*	08.51	Q.M.	05.48	18.03	11.20	23.49	1834 - As tropas liberais ocupam Vila Flor
16. 2.ª f.	05.59	19.14	00.39	09.46		06.28	18.45	—	12.02	1809 - Derrota dos Franceses no combate da Lixa
17. 3.ª f.	05.58	19.15	01.23	10.47		07.22	19.46	00.41	12.59	1890 - A Escola Prática de Infantaria e Cavalaria é desmembrada em EPI e EPC
18. 4.ª f.	05.56	19.16	02.02	11.50		08.41	21.09	01.54	14.22	1864 - É mandado construir no Porto o edifício para o Hospital Militar
19. 5.ª f.	05.55	19.17	02.36	12.57		10.10	22.32	03.23	15.53	1834 - O Duque da Terceira entra na Vila da Pesqueira
20. 6.ª f.	05.54	19.18	03.06	14.05		11.21	23.37	04.39	17.03	1859 - Portugal e Holanda assinam tratado de demarcação das fronteiras de Timor
21. Sáb.	05.53	19.19	03.33	15.14		—	12.14	05.37	17.58	1546 - Começa o 2.º cerco de Diu
22. Dom.	05.51	19.20	03.39	16.25	L.N.	00.30	13.01	06.25	18.45	1895 - Parte de Lisboa um contingente expedicionário para Moçambique
23. 2.ª f.	05.50	19.21	04.27	17.39		01.17	13.45	07.09	19.29	1877 - Aprovação do Regulamento das Companhias de Reformados
24. 3.ª f.	05.49	19.22	04.57	18.56		02.03	14.28	07.51	20.13	1869 - Decreto manda reformar o "Real Colégio Militar"
25. 4.ª f.	05.47	19.23	05.31	20.16		02.49	15.12	08.33	20.56	1795 - É criado o Conselho de Almirantado
26. 5.ª f.	05.46	19.24	06.12	21.36		03.36	15.57	09.16	21.41	1877 - Aprovado o Plano para a organização da Arma de Artilharia
27. 6.ª f.	05.44	19.25	07.03	22.50		04.23	16.43	09.59	22.28	1521 - Fernão de Magalhães morre em combate nas Molucas (Filipinas)
28. Sáb.	05.43	19.26	08.03	23.52		05.11	17.31	10.44	23.18	1708 - Criado o posto de brigadeiro no Exército Português
29. Dom.	05.42	19.27	09.10	*	06.03	18.22	11.33	—	1851 - Publicada no Porto a 1.ª "Ordem do Exército Regenerador"	
30. 2.ª f.	05.40	19.28	10.22	00.45						07.00

(a) Os dados referem-se a Lisboa e a hora indicada é a solar.

(b) Bordo superior.

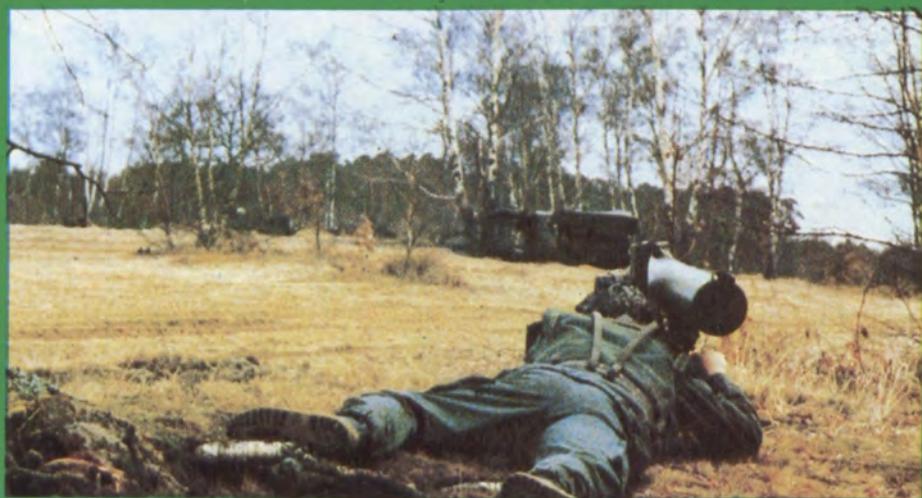
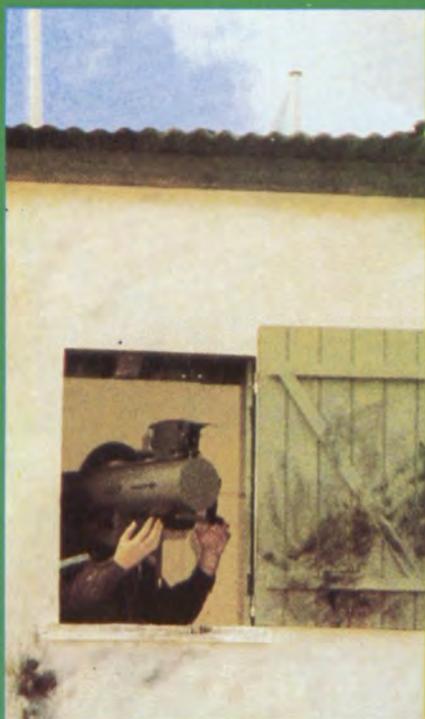
DIAS FESTIVOS

- | | |
|--|--|
| 04. Tribunal Militar Territorial de Tomar
Assinatura do Pacto do Atlântico (OTAN) | 13. Serviço de Material
Escola Prática do Serviço de Material |
| 06. 1.ª Brigada Mista Independente | 15. Serviço Geral do Exército |
| 09. Regimento de Artilharia de Lisboa
Regimento de Infantaria de Vila Real | 16. Centro de Instrução de Operações Especiais |
| 10. Direcção de Serviço de Educação Física do Exército | 17. Escola Prática de Cavalaria |
| 11. Depósito Geral de Fardamento e Calçado | 22. Hospital Militar Regional n.º 1 |



ENGENHOS TÁCTICOS

ERYX - Nova arma anticarro de Infantaria para curtas distâncias



Eficácia contra todas as blindagens modernas • **Perfuração 900mm** de aço homogêneo • **Alcance 600 metros** • **Precisão** Alta probabilidade entre os 50 e 600 metros • **Peso**—Posto de tiro 4,8 kgs—Munição 11 kgs.

ARMA DE DEFESA IDEAL PARA ZONAS URBANAS, PODENDO FAZER FOGO EM ZONAS CONFINADAS DADO NÃO TER EFEITOS PARA A RETAGUARDA

REPRESENTANTES
EXCLUSIVOS



MONTAGREX — OPTAGREX

Sociedade Portuguesa de Importações e Exportações, Lda.

Av. Óscar Monteiro Torres, 20 - 2º H
1000 LISBOA (Portugal)
Telex: 15397 Agrex P
Telefs. 76 61 12 - 76 77 34
Telefax 77 56 33



BRASÃO DE ARMAS DA ESCOLA MILITAR DE ELECTROMECHANICA

- Escudo de negro, quatro faixas serpeadas de oiro.
- Elmo militar, de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra.
- Correia de vermelho perfilada de oiro.
- Paquife e virol de negro e de oiro.
- Timbre: Uma mão de carneação segurando uma roda dentada de negro e quatro raios de oiro, em aspa.
- Divisa: Num listel de branco, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir «PELA CIÊNCIA E PELA TÉCNICA»

Simbologia e alusão das peças:

- As FAIXAS sugerem as ondas hertzianas e simbolizam o tipo de instrução ministrada na Escola.
- Os RAIOS e a RODA DENTADA dominados pela MÃO invocam a missão de formação de electricistas e mecânicos.
- Ensino predominantemente apoiado na Ciência e na Técnica, a divisa «PELA CIÊNCIA E PELA TÉCNICA» representa o compromisso de, através do aprofundamento do estudo das inovações introduzidas nesses dois campos, tornar possível o cumprimento da missão que lhe está confiada.

Os esmaltes significam:

- O OIRO a constância no esforço de obter e manter permanentemente actualizados os conhecimentos científicos necessários para dominar a técnica.
- O NEGRO a firmeza e honestidade na obtenção do saber indispensável ao desempenho das missões técnico-militares dos especialistas em electromecânica.

Jornal
do

EXÉRCITO



Monumentos de Evocação Militar

Pelo Cor Eng.^a BASTOS MOREIRA

Viagem aérea Lisboa - Funchal

Reconhecendo bem a sua importância e enorme valor tivemos ocasião de fazer no Jornal do Exército referência já por duas vezes ao notável acontecimento de repercussão internacional que foi a primeira travessia aérea do Atlântico Sul. E porque deste memorável acontecimento foram protagonistas dois ilustres oficiais da nossa Aviação Naval — Gago Coutinho e Sacadura Cabral — resolvemos incluir na presente rubrica, monumentos que a ele se referem.

O monumento objecto do artigo deste mês recorda um facto de certo modo ligado ao grande feito acima mencionado.

Foi quando se atravessava no país (primeiro quartel do século corrente) um período politicamente bastante agitado, que se fizeram os preparativos do célebre voo Lisboa - Rio de Janeiro.

Este voo, das águas do Tejo até às costas do Brasil estava projectado desde 1919 e a ideia da sua execução surgiu dos votos de se criarem melhores e mais íntimas relações entre os dois países, formulados pelo presidente brasileiro eleito, Epitácio Pessoa, quando da sua visita a Portugal.

O estudo e projecto de uma tão grandiosa viagem deve-se principalmente a Sacadura Cabral que teve o apoio do Ministro da Marinha.

Nos preparativos em curso nada foi deixado ao acaso ou à aventura e os oficiais interessados meteram "a vida em despesa" como um deles confessou.

Tudo foi estudado minuciosamente: tipo de avião, pormenor das etapas, problemas de navegação e de reabastecimento.

A preferência foi dada a um hidroavião, pois tinha a vantagem de poder pousar ou deslocar sobre a água e portanto sem a sujeição da procura e existência de aeródromos.

Razões de ordem técnica e de economia levaram Sacadura Cabral a optar por um aparelho a construir na firma inglesa

FAIREY e que veio a chegar a Lisboa em Janeiro de 1922.

Entretanto e como corolário e confirmação dos estudos foi realizado um voo experimental de Lisboa ao Funchal, no qual tomaram parte Gago Coutinho, Sacadura Cabral e o tenente aviador naval Ortins Bettencourt.

Esse voo forneceu uma valiosa confirmação das concepções teóricas formuladas relativamente às possibilidades de efectuar cálculos de posição a bordo dum avião em voo.

O monumento ergue-se no Comando da Defesa Marítima do Porto de Lisboa. Ele está colocado no centro de um pequeno canteiro florido e é constituído por uma base em degraus de cantaria onde se apoia uma coluna prismática também de cantaria, no cimo da qual se encontra uma águia de bronze de asas abertas.

Na face anterior e na face posterior da coluna estão colocados, esculpidos em pedra, respectivamente um escudo nacional e uma cruz de Cristo.

Legendas que se podem ler no monumento:

a) Na fase anterior:

DAQUI PARTIRAM NO DIA 22 DE
MARÇO DE 1921
A BORDO DO HIDROAVIÃO FS Nº 4018
PARA A VIAGEM AÉREA
LISBOA - FUNCHAL
O CAPITÃO DE MAR E GUERRA
CARLOS VIEGAS GAGO COUTINHO
O CAPITÃO TENENTE PILOTO AVIADOR
ARTUR SACADURA FREIRE CABRAL
O PRIMEIRO TENENTE PILOTO AVIADOR
MANUEL ORTINS TORRES BETTENCOURT
E COMO MECÂNICO ROGER SOUBIRAN
MESTRE GERAL DAS OFICINAS

Na face esquerda:

HOMENAGEM DA CORPORAÇÃO
DA ARMADA PROMOVIDA
PELO CLUB MILITAR NAVAL

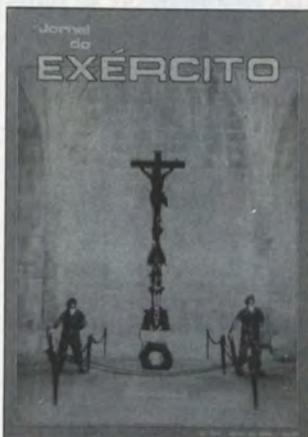
Na face direita:

PARTIDA DO BOM SUCESSO
ÀS 16 H 30 M
CHEGADA AO FUNCHAL
ÀS 18 H 04 M



EXÉRCITO

ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60



Sumário

MIRAMUNDO

16



A NOSSA CAPA

Túmulo do Soldado Desconhecido na Sala do Capítulo do Mosteiro da Batalha, tendo ao fundo a "chama da Pátria" e o Cristo das Trincheiras.

HISTÓRIA 23

Forte de Lippe...
Forte de Nossa Senhora da Graça em Elvas

Monumentos de Evocação Militar	2	Os Escudos	30
Efeméride	4	Língua Portuguesa	31
Prémio Jornal do Exército 1990	5	Poesia	33
Distâncias	6	Filatelia	35
A Última Aventura do Mercenário Bob Dénard	8	Modelismo	37
Figuras e Factos	10	Jogos de Guerra	38
Miramundo	16	Recreio	41
Portugal e a CEE	19	Passatempo	43
Isto Aconteceu	20	Legislação	45
Antologia	21	Desporto	47
Ainda a Componente Feminina nas Forças Armadas	22	Agenda	50
Forte de Lippe... Forte de Nossa Senhora da Graça	23	Brasão de Armas do Colégio Militar	52
Uniformes Militares	29		

PROPRIEDADE DO
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

DIRECTOR:
General Carlos Elmano Rocha

REDACÇÃO:
Chefe:
TCor José Machado Diniz

Redactor:
Capitão Francisco Marques Fernando

Orientação Gráfica:
Inês Galvão

Revisão:
SargAjd Ventura Cunha



Colaboração Fotográfica:
CAV/CHEMATI

SERVIÇO ADMINISTRATIVO:
Chefe:
Coronel Vítor Pires Mendes

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Largo da Graça, 94
1100 LISBOA
Tel. 87 03 55

Execução Gráfica:
MADEIRA & MADEIRA, LDA.
R. 16 de Abril, 6 c/v, Alto do Bexiga
S. Pedro - 2000 SANTARÉM
Tel. 2 01 96 - Fax 2 07 37

TABELA DE PREÇOS

PREÇO DE CAPA	180\$00
ASSINATURA ANUAL (12 números)	
VIA SUPERFÍCIE	
— Portugal Continental	950\$00
— Países africanos de língua portuguesa e	
— Espanha	2.000\$00
— Restantes países	2.800\$00

VIA AÉREA	
— Madeira e Açores	1.500\$00
— Macau	3.000\$00
— Espanha	2.500\$00
— Países europeus (excepto Espanha)	3.000\$00
— Países africanos de língua portuguesa	3.500\$00
— Restantes países	4.500\$00

NOTA: As assinaturas devem ser pagas antecipadamente. As despesas de cobrança ao domicílio são por conta dos assinantes.

TIRAGEM: 8.000 exemplares
Depósito Legal nº 1465/82

Os artigos e secções assinados exprimem a opinião dos seus autores e não reflectem, necessariamente, um ponto de vista oficial. Os artigos e secções não assinados são da responsabilidade da Direcção.

9 de Abril de 1918

Travada a Batalha de La Lys, em que as tropas portuguesas se bateram heroicamente para tentarem suster a poderosa ofensiva alemã, cujo esforço principal foi desencadeado contra o sector guarnecido pelo Corpo Expedicionário Português (CEP).



Monumento ao esforço militar de Portugal em França (1916-18), erigido em Lacouture.

O 9 de Abril é celebrado entre nós para invocar o valor, a coragem, o heroísmo e a imolação suprema do combatente português.

Na verdade, as condições extremamente adversas com que as tropas portuguesas tiveram de enfrentar, na madrugada de 9 de Abril de 1918, a avassaladora ofensiva alemã foram das maiores provações por que terá passado o nosso Exército ao longo da sua história: nunca tantos actos de heroísmo terão sido praticados nem tantas baixas terão sido sofridas em tão pouco tempo — 7.500 entre mortos, feridos e capturados.

Um conjunto de circunstâncias, bem exploradas pelos Alemães, levaram a que o Corpo Expedicionário Português se batesse em tamanha desvantagem. Ao fim de dez meses de guerra de trincheiras o desgaste, físico e psíquico, era enorme e de Portugal não chegavam reforços tantas vezes esperados para recompletamento e refrescamento das Unidades da frente. Não havendo reservas, o alto comando britânico em que o CEP se integrava decidiu a rendição das duas divisões portuguesas por tropas daquela nacionalidade. Prevista para 27 de Março, esta operação teve de ser adiada por imperativos operacionais noutras zonas da frente. Viria a ser iniciada no dia 6 de Abril com a retirada da 1.ª Divisão do CEP, passando a 2.ª a ocupar toda a frente confiada aos Portugueses. A segunda fase da rendição ficou apazada para 9 de Abril quando todas as tropas portuguesas seriam substituídas por Unidades britânicas.

Como é de ver o dispositivo do sector por-

tuguês ficou muito diluído e foi nesta situação de dupla fraqueza que, na madrugada do dia 9, recebeu o impacto brutal do ataque alemão, dirigido aos flancos da Divisão portuguesa de modo a isolá-la das Unidades britânicas que a ladeavam, conjugado com um ataque frontal.

A ofensiva alemã foi antecedida por uma formidável barragem de artilharia iniciada às 4h15 que veio complicar ainda mais a situação, já de si delicada, de uma operação de rendição de grande envergadura como era a que estava em curso. Estes fogos de preparação inutilizaram a maior parte das ligações telefónicas e de rádio entre as Unidades e os Comandos, ficando cada qual entregue à sua sorte. Tudo isto, agravado pelo densíssimo nevoeiro que caíra naquela madrugada e aliado ao baixo moral e ao deficiente enquadramento da tropas, veio contribuir para o sucesso do ataque alemão desencadeado ao princípio da manhã.

“Atacaram em massa, às ondas, sempre em ondas, numa catadupa de homens. Só muito perto os vimos surgir do nevoeiro espesso da manhã. De nós, os que ficámos, raros intactos, resistimos até à última. Houve cargas de baioneta. Uma fúria...”(1).

A ausência de ligações e a falta de reservas para tentar um contra-ataque transformaram “a batalha num conjunto de combates parciais, locais, sem conexão, em que se praticaram actos de valor que resultaram inúteis, acabando os combatentes por se decidirem a retirar por

sua iniciativa, quando se convenceram da inutilidade de prolongarem o seu sacrifício. A valorosa e tenaz resistência da Red House pelo BI 29 é um dos exemplos típicos da constância portuguesa. A resistência que os lusobritânicos ofereceram sobretudo nos postos de Le Drumez, Le Marais, Bout de Ville, Huit Maisons, La Fosse, Richebourg, Les Lobes e Loisne, constitui um título de legítimo orgulho para as suas improvisadas guarnições que, em alguns deles, se sustentaram até ao cair da tarde, e nos dois últimos até à manhã de 11. E para coroamento destes feitos merece destacar-se com justo relevo a notável e heroica defesa do reduto de Lacouture, onde forças de Infantaria 13 e 15 e britânicas se aguentaram encarniçadamente, sem desfalecimento de moral, apesar das graves perdas sofridas, até ao momento em que, esgotados todos os recursos, foram forçadas a render-se. Eram 11h e 45m do dia 10 de Abril”. (2).

J.D.

(1) Depoimento recolhido de um combatente por Jaime Cortesão, médico militar, na altura internado no Hospital de Sangue n.º 2 que recebeu a avalanche de feridos, e transcrito nas suas “Memórias da Grande Guerra”, p. 225.

(2) General Ferreira Martins, História do Exército Português, Ed. Inquérito, Lisboa, 1945, p. 531.

A vida nas trincheiras portuguesas.



PRÉMIO JORNAL DO EXÉRCITO

1990

O Jornal do Exército (JE) promove no corrente ano de 1990 o concurso em epígrafe que se rege pelas seguintes disposições:

1. Ao concurso são admitidos os trabalhos que obedecem às condições que se indicam:

a) Versarem assuntos de natureza científica, cultural, histórica ou artística de qualquer forma ligados ao Exército e que enriqueçam o seu património documental e contribuam para a valorização profissional e cultural dos seus militares;

b) Serem inéditos;

c) Possuírem nível literário que autorize a sua publicação no JE;

d) Não excederem 10 páginas de formato A4, dactilografadas a 2 espaços;

e) Incluírem, se possível, as ilustrações convenientes;

f) Darem entrada no JE até data que permita a respectiva publicação nos seus onze primeiros números (Janeiro a Novembro).

2. Compete, em exclusivo, à direcção do JE a selecção, para publicação, dos artigos que lhe sejam enviados para o efeito.

3. São submetidos ao concurso os artigos publicados de Dezembro/89 a Novembro de 1990 que obedecem às condições indicadas no n.º 1, independentemente do desejo expresso do seu autor.

4. Os trabalhos admitidos a concurso são submetidos à apreciação de um júri, a designar, que selecciona o trabalho, ou o conjunto de trabalhos de um mesmo autor que tratam a mesma temática, a que será atribuído o "Prémio JE 1990".

5. O "Prémio JE 1990" é pecuniário e tem o valor de 75.000\$00 (setenta e cinco mil escudos).

6. Além deste prémio serão atribuídas menções honrosas, até ao máximo de três, aos trabalhos classificados a seguir ao titular do prémio, desde que a sua pontuação seja relativamente próxima da daquele.

7. O júri é livre de considerar que o prémio ou as menções honrosas não devem ser atribuídos caso, em seu critério, ache que nenhum dos trabalhos publicados o merece.

8. O júri a que se refere o n.º 4 será designado pelo General Vice-CEME e apresentará a sua decisão até ao dia 8 de Janeiro de 1991.

9. A entrega do prémio ao autor do artigo ou artigos seleccionados é feita, em princípio, no "Dia do JE" - 11 de Janeiro.



DISTÂNCIAS...

Pelo Cor Eng.º Manuel Figueiro

Experimente jogar xadrez num tabuleiro de casas maiores que as regulamentares. Com o aumento das distâncias entre as peças, verá também aumentar a dificuldade das jogadas, por erros de leitura nas diagonais e colunas do tabuleiro. O quadro da perspectiva distorceu-se. Todavia, num tabuleiro de casas menores, já não cometemos erros de atenção. Isto parece demonstrar a nossa tendência para a miopia.

O problema das distâncias é muito antigo. Os Gregos, na Arquitectura, preocupavam-se com as distâncias para servirem o Homem — a medida de todas as coisas. Hoje preocupamo-nos com o homem (ou a mulher) para servir a arquitectura, sem olhar às distâncias nem dos investimentos nem dos empréstimos (entre outras...).

Fundamentalmente, o confrontar a vida leva-nos à solidão ou, no extremo oposto, a suportar o hálito do contendor, porque é um problema de distâncias. Especialistas do assunto fazem revelações sobre o “stress” dos animais cujo território é invadido; sobre a tendência das pessoas para se colocarem a distâncias de segurança, em relação aos desconhecidos (e sobretudo aos amigos...).

Problemas de distâncias a todos os níveis. Nas reuniões de “jet-set”, do Poder, da Defesa Militar próxima ou afastada no “bacalhau” artilheiro colocado sobre cartas sem orçamentos balísticos, etc., etc.. Tudo distâncias...

Falemos pois das distâncias num mundo tão agitado, como o actual, em que o Homem se move ou é removido dum lado para o outro, entre seres da mesma espécie, ou de espécies diferentes, percorrendo distâncias em estranhos caminhos, como iões duma electrólise desconhecida. Distâncias que não se medem pelas rectas de Euclides, mas em curvas retorcidas neste ovo universal de relatividades. O teorema de Macaulay carece de revisão urgente!

Comecemos pelos vertebrados. Argumentou-se exaustivamente sobre a lei da protecção de animais, com imagens de irrecusável humor, na Assembleia da República. Dos touros às lagostas. Dos vertebrados aos mosquitos (pulgas ou percevejos...).

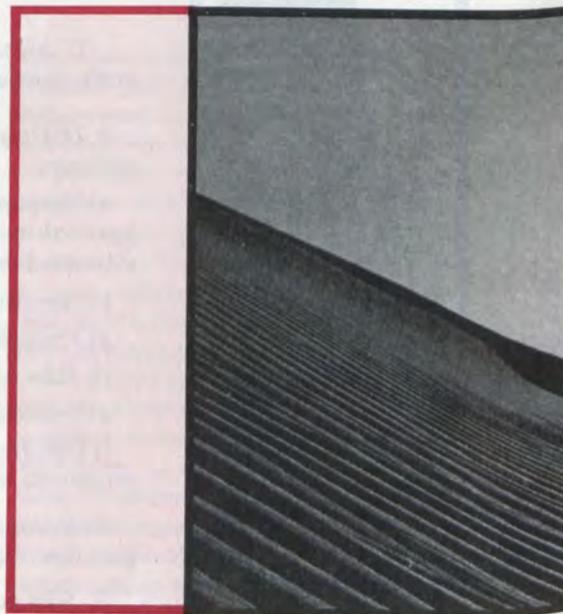
De facto, não existe só um problema ético, mas de sobrevivência. Ou nós os matamos ou eles nos comem. (Penso que acabaremos por os matar e eles por nos comer). Quando o mundo se extinguir ou as revoluções terminarem definitivamente (o que é a mesma coisa), os micróbios não-de permanecer...

De tão distanciados argumentos ocorreu-nos duas frases também distanciadas, mas não desligadas completamente da polémica em causa. Uma revisteira: “caiu-lhes um avião na sopa”. Outra mais séria: “metemos isto no computador para ver o que dá”. (Como quem pousa a travessa no fogão, regula os botões e espera o guisado.)

Ao passar do touro para o mosquito, há uma diminuição de medida, como ao passar do adulto à criança ou dum Boeing 704 para um avião de brinquedo. Porque não cair um avião destes numa sopa míope? E se ao passar do mosquito para o touro existe uma ampliação distorcida de perspectiva, porque não confiar numa cassette programada que nos dispense de pensar?

Assim, num caso e no outro, por miopia ou incapacidade, não iremos diminuindo entre nós as distâncias, progressivamente, até ficarmos a pontos tangenciais? E, desta forma, o nosso mundo não poderá ser visto como uma tangerina achatada nos polos e cada vez mais coberta pelas gulosas formigas que somos?

Na minha opinião quanto às distâncias, o homem suportou, desde sempre, três olhares: o da água, o de Deus e o do sexo oposto. No olhar da água procurou reconhecer-se. No olhar de Deus procurou explicar-se. No olhar da mulher mis-



turou o reconhecimento com a explicação e povoou o mundo (até ao extremo a que chegamos onde tudo, ou quase tudo, é posto em causa...).

Poderia desenvolver historicamente a mesma ideia como num filme. Primeiro o troglodita a afirmar-se (o ou contra o “não-eu” fichteano). Depois, o “homo sapiens” a defender os deuses que o guiam no mundo. Sobretudo nos melhores lugares deste e de outros mundos desconhecidos, em detrimento das benesses dos deuses rivais. Finalmente a mulher, ao confundir tudo no repouso do guerreiro e a repetir os problemas anteriores na mesma espécie renovada e incorrigível que a Natureza lhe encomendou. (Freud procurou desmistificar o fenómeno e aliviou a mulher, embora confundisse o gelo da superfície com o “iceberg” do fundo. Resultado: o “Titanic” dum mundo superpovoado.)

Não tenho a pretensão de apresentar uma sequência histórica como “a lei dos três estados” de Comte (ingenuamente enunciada na “Ordem e Progresso” da bandeira brasileira). Nem sempre os três olhares nos espreitam à mesma distância

A sociedade continua a andar para a frente ao ritmo do conhecimento. A cauda encontra-se agora onde estava a cabeça há algumas gerações, mas a distância continua a mesma, entre a cabeça e a cauda.

T. MACAULAY



ou pela mesma ordem e é raro não coexistirem. Há quem inicie uma vida monástica e a termine donjuanescamente. Há quem comece pelo amor e acabe num retiro. E existe sempre o provinciano atrevido, com uma fé astuta na sacola remendada, a inchar nas hierarquias, afirmando um narcisismo que nenhum espelho de água será capaz de reflectir...

O grande olhar ainda é o da mulher. Mas, com a relatividade do nosso tempo, desdobra-se numa quarta dimensão, ao competir com o homem, até ao limite de repousar com ele nas mesmas camaratas de guerreiros, com as novas incorporações das Forças Armadas.

Outro problema, terrível, de distâncias! Como situar-nos nesta tangerina cada vez mais coberta?

Onde os bons tempos em que as jovens abriam sombrinhas, atraindo os "pés de alferes" e senhores respeitáveis disrecreavam pelas avenidas, entre maciços de verdura? A saudade das gravuras antigas estampadas nos azulejos dos bons restaurantes!...

Entramos hoje num ritmo de "jazz-band" com os sentidos aturdidos. Não

há espaços para respirar um ar de primeira nem tempo para conversar nem conversas para matar o tempo. A nossa "Dinamarca é uma prisão". Poucos lêem as notícias e ficam-se nas opiniões já "prontas a vestir" e informatizadas, com olhar rápido pelos escaparates das ruas e narcotizado pelos vídeos das casas...

Não há lugares sentados para meditar. Os Bancos engoliram os Cafés. Os peões são ameaçados como uma espécie em vias de extinção. Carros ocupam passeios. Carros, quiosques de jornais e tabacos, vendedores ambulantes, legiões de mendigos, bichas de autocarros, esplanadas, os restaurantes metálicos nas avenidas, as escadas rolantes do Rossio, pontualmente avariadas, as "roulottes" de propaganda das Instituições, etc., etc..

Privados de se sentarem, (por definição, diriam os Bancos) os peões esbracejam sair dos labirintos onde deambulam para se desatrelarem das burocracias que os montam (com tantos cartões e documentos acessórios, não podem transportá-los nas algibeiras, mas em alforques suplementares).

Estranham-se, empurram-se e, quando se reconhecem, apenas uns cumprimentos por educação, com monólogos indecifráveis!... Olham logo o relógio, prisioneiros de um compromisso qualquer. O tempo! A tal misteriosa dimensão do afastamento, porque não há só o tempo no "tempo - espaço" desta "relatividade" com que a vida nos brinda ao distanciar-nos.

Os "grandes de Espanha", que vivem das hierarquias e para as hierarquias, vão pela "arreatá" de secretários com tudo acertado até ao segundo. Talvez só na intimidade dos salões de banho possam, indecorosamente, sentir-se livre e dar saltos e fazerem caretas aos espelhos, aliviando-se da compostura que representam todos os dias para manterem as distâncias e o narcisismo.

Mas as distâncias medem-se em números. Os números comparam-se em per-

centagens e as percentagens memorizam-se e prevêem-se nas informáticas.

Assim, neste polígono com um número de lados sempre maior, a confundir-se na circunferência abrangente, é cada vez mais arriscado admitir que as distâncias separam o homem. Pelo contrário, tendem a afastá-lo cada vez menos. Apertam-no, codificam-no, obrigam-no a cumprir programas esotéricos, sujeitos a viroses. As secretárias, nas reuniões, nos discursos, nos almoços de trabalho...

Daqui a algum tempo, o homem já não terá nada para dizer, nem para pensar, nem para comer... Tudo gravado e computadorizado, tomará à hora exacta os seus comprimidos de sono e das refeições. (Situação, aliás, de que nos aproximamos já, na sonolência dos "snacks" apertados, a engolir pastelinhos cada vez mais reduzidos).

Mendigos uns dos outros, reciprocamente mendigos de votos e de metal sonante, a própria mendicidade entrará em colapso, na luta por uma vida insípida. E depois?

O drama não é defender os touros ou os vertebrados, com ou sem as osgas. É não defender as distâncias para sobreviverem e impedir que a tangerina fique irremediavelmente coberta de formigas! Então não haverá mais água que nos reconheça, nem eucaliptos que nos expliquem os jornais divinos... Nem olhos de mulher (ardentemente fechados e demograficamente indiferentes...) neste superpovoado túnel que cegará de vez os três olhares.

Perdidas as distâncias, perder-se-ão os números e as referências. Mas, perdidas as referências, que farão os "grandes de Espanha"? Como na história da camisa do homem feliz, hão-de mandar emissários em busca de alguma rude cabana, sob as pregas dos montes, na esperança de descobrirem o raríssimo analfabeto, sem código nem vídeo, com quem possam ainda conversar e comer a boa sardinha assada num casqueirão...

A ÚLTIMA AVENTURA DO MERCENÁRIO BOB DÉNARD

Pelo Brig HÉLIO FELGAS

Há quase três décadas que o francês Bob Dénard é conhecido como um dos mercenários mais aventureiros dos tempos modernos.

Com cerca de trinta anos de idade, combateu no Congo ex-belga onde foi gravemente ferido. Participou na guerra do Biafra, contra a Nigéria e esteve no Yémen.

Cumpriu depois diversas "tarefas" com maior ou menor sucesso e, em 1977, comandou um ataque contra o governo da antiga colónia francesa do Dahomé, na África Ocidental, já então liderado pelo actual presidente Mathieu Kerekou que, em 1972, se apossara do poder no "velho" estilo africano, isto é, por meio de um bem sucedido golpe de Estado.

Em 1974, Kerekou resolveu seguir a moda política de então e declarou o seu país um Estado marxista-leninista. No ano seguinte mudou-lhe o nome para Benim.

Tanta alteração deve ter descontentado Bob Dénard.

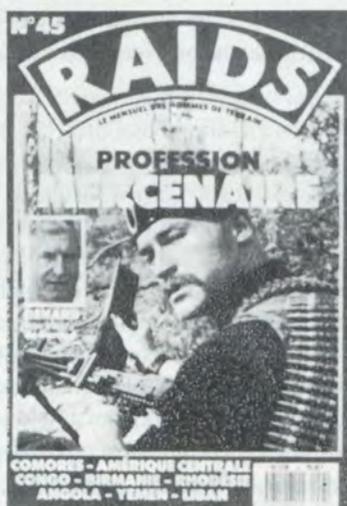
Daí o seu ataque de 1977 que, no entanto, redundou em fracasso. Além disso o governo de Paris emitiu contra ele um mandato de captura que ainda vigora e que o impossibilitou de regressar a França.

Um ano depois, comandando meia centena de mercenários franceses e belgas, Bob Dénard passou à África Oriental e desembarcou nas Comores, apossando-se do poder onde colocou o seu amigo árabe Ahmed Abdallah.

As Comores ficam no extremo norte do canal de Moçambique, entre este país e Madagáscar. É um arquipélago ex-francês com quatro ilhas principais. Mas uma delas, Mayotte, recusou tornar-se independente quando as outras o fizeram em 1975, permanecendo uma dependência francesa onde o governo de Paris instalou uma pequena base naval. As restantes três formaram a República Federal Islâmica das Comores, com uma superfície total de 1.800 quilómetros quadrados e uma po-

pulação pouco superior a 400.000 habitantes, quase todos mestiços de africanos, malaio, malgaches, árabes e iranianos.

Verdadeiras ilhas paradisíacas depressa se tornaram conhecidas do turismo internacional, com realce para franceses e sul-africanos.



Bob Dénard continua a ser notícia com honras de capa de revista.

Durante uma dúzia de anos, Abdallah presidiu calmamente aos destinos das Comores.

Mas quem mandava era Bob Dénard e os seus mercenários que, para maior segurança de Abdallah, criaram e enquadraram uma Guarda Presidencial de cerca de 500 homens, muito superior em armamento, disciplina e efectivos, às forças regulares do país.

Esta situação anómala foi no entanto tacitamente reconhecida pela França e pela África do Sul, cujo apoio financeiro permitiu a sobrevivência económica de um Estado que se limitava a produzir e exportar pequenas quantidades de baunilha, copra e cravinho.

Foram mesmo mantidos os acordos de defesa e cooperação estabelecidos logo após a independência e, por isso, havia nas Comores uns 150 cooperantes franceses, civis e militares.

Além disso, o clima e a beleza das ilhas atraíram quase dois mil franceses e sul-

-africanos que se instalaram em permanência, desenvolvendo plantações onde empregavam a pouco dispendiosa mão-de-obra local.

Na época própria, centenas de sul-africanos iam passar férias nas Comores, tal como antes da independência faziam em Moçambique.

Mas, em 26 de Novembro de 1989, o presidente Abdallah foi assassinado.

Bob Dénard negou qualquer responsabilidade no assunto mas tomou logo conta do poder, apesar dos protestos dos governos de Paris e de Pretória. "Aceitou" outro árabe, Saíd Djohar, como presidente interino e desarmou as débeis forças regulares locais. Reprimiu com violência manifestações de estudantes e de funcionários públicos, proibindo as greves. E desenvolveu a defesa das ilhas, receoso de uma invasão pelos legionários franceses estacionados em Mayotte.

Dedicou-se depois a uma intensa actividade "diplomática", actuando como se fosse chefe do Estado. A primeira exigência que fez, para a concessão de asilo político em França, foi-lhe logo negada.

Por seu lado o governo francês ameaçou suspender a ajuda financeira (que em 1989 atingiu quase quatro milhões de contos) e mandou retirar os seus conselheiros civis e militares. Reforçou também a guarnição de Mayotte com fuzileiros e pára-quedistas que dispunham de alguns aviões de transporte e de meia dúzia de helicópteros. E a pequena força naval de quatro navios de guerra aproximou-se de Moroni, capital das Comores, em atitude nada pacífica, embora as autoridades francesas declarassem que, conforme o acordo de defesa existente, só interviriam caso o presidente interino Saíd Djohar apelasse para tal. Isto embora soubessem que Djohar era na prática um refém de Bob Dénard.

A África do Sul suspendeu também a ajuda financeira e pressionou os mercenários a deixarem as Comores, fornecendo-lhes transporte aéreo. Alguns aceitaram.



Mas Bob Dénard exigia uma transmissão oficial de poderes entre a Guarda Presidencial e o Exército Francês. E pediu ao governo de Paris o envio de uma delegação a Moroni com o objectivo de negociar a segurança no arquipélago.

Paris não lhe respondeu. Ninguém queria nada com ele.

E, na manhã do dia 15 de Dezembro, com grande solenidade, Bob Dénard passou uma última revista à Guarda Presidencial.

Em seguida, com os 25 mercenários que lhe restavam, dirigiu-se para o aeroporto e tomou o avião para a África do

Sul (onde aliás ficou pouco tempo).

Poucas horas depois, a pedido do presidente Saïd Djohar, pára-quadristas franceses chegavam em helicópteros e começaram cercando e desarmando a Guarda Presidencial. Outros aterravam em pontos estratégicos de Moroni.

Não houve incidentes de maior.

Mas os que assistiram à revista passada por Bob Dénard à Guarda Presidencial, mal reconheceram naquele velho de 60 anos o garboso chefe mercenário que, durante quase três décadas, foi um dos maiores aventureiros dos tempos actuais. Curvado, envelhecido, Bob Dénard pare-

cia querer dizer, ele próprio, que aquela fora a última aventura da sua agitada vida de mercenário. Terá sido?

Quanto às Comores, o presidente interino Saïd Djohar marcou eleições para 18 de Fevereiro de 1990 mas, nesse dia, mandou-as “parar” ao meio-dia, anulando-as depois. Motivo: a tinta indelevel que devia marcar os dedos dos votantes para que eles não votassem mais do que uma vez, afinal não era tão indelevel e saía com uma simples lavagem de mãos. Já havia mais votantes que eleitores inscritos quando a fraude foi descoberta.

VISITAS AO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

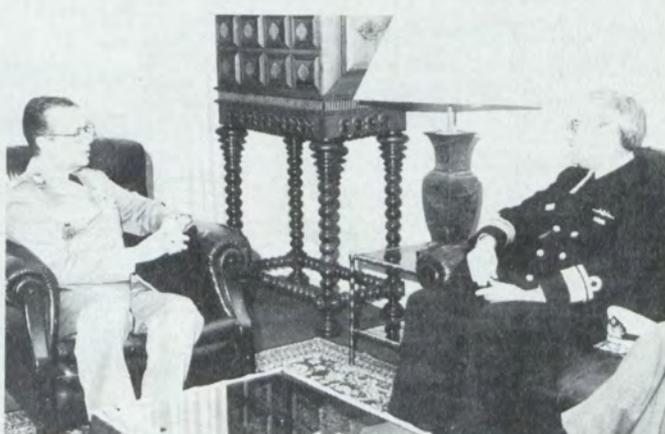
Novo Adido de Defesa do Canadá

O Tenente-Coronel Richard Aubry do Exército do Canadá, que foi acreditado em Lisboa como Adido das Forças Armadas do seu País, esteve no dia 5 de Março no Estado-Maior do Exército, para apresentação de cumprimentos protocolares, tendo sido recebido pelo Vice-CEME, General Tomé Pinto.



Novo Adido Militar, Naval e Aeronáutico da Venezuela

No dia 6 de Março o novo Adido Militar, Naval e Aeronáutico da Venezuela, Contra-Almirante José Humberto Tavio Gonzalez, esteve no Estado-Maior do Exército para apresentação de cumprimentos protocolares, tendo sido recebido pelo Vice-CEME, General Tomé Pinto.



Comandante da 5ª Região Militar de Espanha

O General Andrés Cassinello Perez, Comandante da 5ª Região Militar Pirinaico-Occidental de Espanha, que esteve em Portugal como convidado para as celebrações do dia da Brigada das Forças Especiais, deslocou-se, no passado dia 15 de Março, ao EME, onde foi recebido pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, General Tomé Pinto.



Cumprimentos de despedida do Adido Militar do México

No dia 26 de Março, o Adido Militar do México, General-Brigadeiro Jacinto Romero Arredondo, foi recebido pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, General Alípio Tomé Pinto, tendo apresentado cumprimentos de despedida em virtude de ter terminado a sua comissão de serviços no nosso País.



DIA DO SERVIÇO DE SAÚDE MILITAR

No passado dia 8 de Março, na Direcção do Serviço de Saúde, tiveram lugar as cerimónias do Dia do Serviço de Saúde Militar que foram presididas pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Firmino Miguel.

Do programa das cerimónias destacou-se a entrega de espadas aos oficiais do Serviço de Saúde, tendo sido, pela primeira vez na história do Exército Português, atribuída uma espada a um oficial do sexo feminino.



187.º ANIVERSÁRIO DO COLÉGIO MILITAR

O Colégio Militar comemorou nos passados dias 3 e 4 de Março o seu 187.º aniversário.

Como é tradição, as cerimónias do dia 3 de Março realizaram-se no edifício principal do Colégio Militar e foram presididas pelo General Firmino Miguel, Chefe do Estado-Maior do Exército, que procedeu à condecoração do Estandarte Nacional do Colégio Militar com a Medalha de Ouro de Serviços Distintos. Houve ainda condecorações de pessoal militar e civil, entrega de distinções a alunos e inauguração da Exposição "Colégio em 1814".

No Domingo, dia 4 de Março, em cerimónia presidida pelo General Tomé Pinto, Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, realizou-se o tradicional desfile do Batalhão Colegial pela Avenida da Liberdade, pelas 10 horas, seguido de missa na igreja de S. Domingos por intenção dos antigos alunos e servidores do Colégio, já falecidos.

Nesse mesmo dia teve lugar no Colégio Militar o habitual convívio dos antigos alunos com a reabertura da exposição

"Colégio em 1814".

Antes do jantar de confraternização, em que participaram os antigos alunos, realizou-se a tradicional cerimónia do acender da "Chama do Colégio".

Desde a sua fundação, tem sido missão e preocupação do Colégio Militar a

formação de gerações de cidadãos válidos e conscientes que sejam úteis para o País, quer enveredem por carreiras militares ou civis.

O Batalhão Colegial tem actualmente um efectivo de 470 alunos, do 5.º ao 12.º ano de escolaridade.



VISITA DA COMISSÃO DE DEFESA NACIONAL À MANUTENÇÃO MILITAR

A Comissão de Defesa Nacional da Assembleia da República visitou no passado dia 22 de Março de 1990 a Manutenção Militar.

À sua chegada os membros da Comissão foram recebidos pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Mário Firmino Miguel.

Após a apresentação de cumprimentos que decorreu na Biblioteca, os parlamentares assistiram a uma exposição sobre a organização e actividades da Manutenção Militar tendo em seguida apreciado uma mostra de produtos deste Estabelecimento Fabril.

Antes do almoço a Comissão visitou as instalações, nomeadamente, Armazéns de Géneros, Linha de Fabrico de Rações de



Combate, Silos de Cereais, Fábrica de Bolachas e Laboratório de Controlo de Moagem, Fábrica de Massas, Fábrica de Qualidade.

PROCISSÃO DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE OU DOS ARTILHEIROS



A Real Irmandade de Nossa Senhora da Saúde e de S. Sebastião vai levar a efeito, uma vez mais, a realização, no próximo dia 6 de Maio, pelas 16 horas, da tradicional e centenária Procissão de Nossa Senhora da Saúde e das festividades que a antecedem e que se realizam na sua Capela, à Mouraria, em Lisboa, de 2 a 6 do mesmo mês.

As celebrações serão presididas pelo Bispo D. Januário Torgal Ferreira, Vigário Geral Castrense.

DA REGIÃO MILITAR DO SUL

Carros de combate para o Regimento de Cavalaria de Estremoz

No âmbito do reequipamento e modernização das Unidades de Cavalaria, foram entregues ao Regimento de Cavalaria de Estremoz os primeiros 6 carros de combate M 48 AS, viatura que a breve prazo equipará um Esquadrão daquele Regimento.

A chegada do referido material a Estremoz efectuou-se nos dias 7 e 8 de Fevereiro, suscitando o entusiasmo do pessoal do Regimento que vê assim possibilitarem-se as condições de renovação, quer de instrução, quer de actividade operacional da Unidade.

Os Dragões de Olivença, sem quebras de eficácia e determinação, apanágio do seu espírito cavaleiro, são agora mais pesados e "cospem mais fogo"...



DA ZONA MILITAR DOS AÇORES

Palestra sobre a Batalha da Ladeira da Velha

No dia 11 de Fevereiro, no QG da ZMA, o Tenente-Coronel Pereira da Silva proferiu uma palestra sobre a Batalha da Ladeira da Velha, a qual teve lugar em 2 de Agosto de 1831 na costa Norte da Ilha de S. Miguel, entre Liberais e Absolutistas.

Entre a numerosa assistência, militar e civil, contava-se a presença do Comandante Naval, do Reitor e mais Professores catedráticos da Universidade dos Açores e ainda de entidades ligadas ao estudo da História.



Comunicação Social dos Açores recebida no Quartel-General da ZMA

O Comandante da Zona Militar dos Açores, Brigadeiro Bancelar Begonha, reuniu os Órgãos da Comunicação Social dos Açores numa recepção que teve lugar no Forte de S. Brás, sede do Quartel-General da ZMA, no passado dia 2 de Fevereiro.

O convívio que se estabeleceu entre unidades civis e militares foi agradável e profícuo.

Exercícios Foca/Onça 90

Tiveram lugar na ilha de Santa Maria, nos dias 5 e 6 de Março, os exercícios FOCA/ONÇA 90, os quais consistiram no transporte em meios navais, nomeadamente a bordo da Corveta João Coutinho, de uma Companhia de Atiradores do Regimento de Infantaria de Ponta Delgada de S. Miguel para Santa Maria e na defesa de um ponto sensível nesta ilha.



DA ZONA MILITAR DA MADEIRA

O Exército no combate à Maré Negra em Porto Santo

Desde 16 de Janeiro passado têm vindo a desenvolver-se no Arquipélago da Madeira operações de combate à poluição marítima, causada pelo derramamento de crude que afectou de forma particularmente gravosa a ilha de Porto Santo.

O Exército, através da Zona Militar da Madeira e de alguns meios de reforço enviados do continente expressamente para o efeito, tem tido uma participação



importante naquelas operações.

O espírito de missão com que os militares se têm empenhado nos trabalhos, duros e penosos, de limpeza das áreas poluídas, evidencia a um nível de formação militar e consciência cívica dignos do maior apreço. Aliás, está bem patente o reconhecimento da colaboração do Exército por parte das autoridades regionais e pelos órgãos da Comunicação Social, o que se torna gratificante para os comandos militares envolvidos, não podendo deixar de se repercutir favoravelmente na imagem pública do Exército.

DIA DA BRIGADA DE FORÇAS ESPECIAIS

A 15 de Março, a Brigada de Forças Especiais comemorou o seu dia festivo, realizando um conjunto de cerimónias que tiveram lugar junto à Torre de Belém e foram presididas pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Mário Firmo Miguel.

As cerimónias iniciaram-se com as forças em parada prestando continência ao Chefe do Estado-Maior do Exército, seguindo-se uma alocução proferida pelo Comandante da Brigada de Forças Especiais, Brigadeiro Pereira Bonito.

Momento alto foi a entrega do Estandarte Nacional a esta grande Unidade do Exército Português.

No final, as forças em parada desfilarão em continência perante o Chefe do Estado-Maior do Exército.



CONCURSO DE ADMISSÃO DE ALUNOS À ACADEMIA MILITAR PARA 1990

De acordo com o calendário abaixo indicado, é aberto concurso de Admissão à Academia Militar para ingresso no 1.º ano dos Cursos das Armas e Serviços nela ministrados, a saber: Infantaria, Artilharia, Cavalaria, Engenharia, Transmissões, Administração Militar e Material.

Podem concorrer civis e militares.

Não são admitidos a concurso candidatos que já tenham sido objecto de anterior eliminação da frequência da Academia Militar ou que tenham sido julgados inaptos pela Junta Médica em anteriores concursos de admissão de alunos.

Os concorrentes têm de ser titulares de um dos seguintes cursos do 12.º ano de escolaridade, ou habilitação legal equivalente: 1.º curso, 2.º curso, 5.º curso com aprovação em Matemática; devem, ainda, ter realizado a Prova Geral de Acesso ao Ensino Superior.

Os candidatos civis devem ter idade inferior a 20 anos até 1 de Janeiro de 1990; os candidatos militares do Exército, idade inferior a 25 anos e os da Armada e Força Aérea, idade inferior a 22 anos, até à mesma data (1Jan90).

A prova específica é de Matemática.

Os concorrentes são submetidos a uma inspecção médica e a provas psicotécnicas, de aptidão física e de aptidão militar.

85% das vagas são atribuídas a candidatos civis e 15% a candidatos militares.

Informações pormenorizadas podem ser dadas através do seguinte contacto:

Secção de Recrutamento e Admissão da Direcção de Ensino

Paço da Rainha • 1100 LISBOA

Telef. 56 39 91 - Extensão 213

Horário de Atendimento:

De 2.ª a 6.ª feira, das 9.30 às 12 e das 14 às 16.30.

ACADEMIA MILITAR

CALENDRÁRIO DO CONCURSO DE ADMISSÃO DE ALUNOS - 1990

■ - feriado

	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO
S	5 12 19 26	5 12 19 26	2 9 16 23 30	7 14 21 28	4 11 18 25	2 9 16 23 30	C D 20 27	3 10 17 24	1 8 15 22 29
T	6 13 20 ■	6 13 20 27	3 10 17 24	■ 8 15 22 29	5 12 19 26	3 10 17 24 31	7 14 21 28	4 11 18 25	2 9 16 23 30
Q	7 14 21 28	7 14 21 28	4 11 18 ■	2 9 16 23 30	6 ■ 20 27	4 11 18 25	1 8 ■ 22 29	E 12 19 26	3 10 F 24
Q	1 8 15 22	1 8 15 22 29	5 12 19 26	3 10 17 24 31	7 ■ 21 28	5 12 19 26	2 9 16 23 30	6 13 20 27	4 11 18 25
S	2 9 16 23	2 9 16 23 30	6 ■ A 27	4 11 18 25	1 8 15 22 29	6 B 20 27	3 10 17 24 31	7 14 21 28	■ 12 19 26
S	3 10 17 24	3 10 17 24 31	7 14 21 28	5 12 19 26	2 9 16 23 30	7 14 21 28	4 11 18 25	1 8 15 22 29	6 13 20 27
D	4 11 18 25	4 11 18 25	1 8 15 22 29	6 13 20 27	3 ■ 17 24	1 8 15 22 29	5 12 19 26	2 9 16 23 30	7 14 21 28






■ Prova de Aptidão Física dos candidatos militares.

▨ Inspeções médicas dos candidatos militares.

▩ Inspeções médicas dos candidatos civis.

▧ Prova de Aptidão Militar no decorrer da qual se realizam a Prova Específica e as P. Espec. (1ª e 2ª Partes) bem como a Prova de Aptidão Física para os candidatos civis.

▦ Períodos reservados à publicidade do concurso através dos órgãos de informação.

□ Período destinado à entrega pelos candidatos militares dos documentos dos processos de candidatura nas Unidades, Órgãos ou Estabelecimentos militares de colocação.

▤ Período destinado à entrega pelos candidatos civis dos documentos dos processos de candidatura na AM, ou dentro do qual tais documentos devem dar entrada na Academia se remetidos via postal.

A - Data limite para a entrada na AM dos documentos de candidatura dos candidatos militares.

B - Data de actuação, no âmbito da AM, da relação dos candidatos civis a submeter à Inspeção Médica.

C - Data limite da comprovação de habilitação dos candidatos sujeitos a exame do 12º ano de escolaridade.

D - Data de actuação, no âmbito da AM, da relação dos candidatos admitidos à Prova de Aptidão Militar.

E - Prova Específica.

F - Incorporação na AM dos candidatos admitidos.

EPQ - Escola Preparatória de Quadros.



ACADEMIA MILITAR

Democracia, guerra à inflação e reabilitação do Aparelho do Estado

A intervenção do Presidente brasileiro Collor de Melo, nas cerimónias de posse, privilegiaram o desejo da instalação do pluripartidarismo — pela assunção colectiva de responsabilidades, considerando errado um desfecho dominado pela celebração dos vencedores e o desânimo dos vencidos — o combate à inflação — o “o imposto mais cruel”, factor de desmoralização interna e infelizmente já considerada como “instituição brasileira” — e a reabilitação do Aparelho do Estado — para contribuir para a reconstrução nacional.

Na ordem externa considerou importante a integração latino-americana e o diálogo com os Estados- Unidos para diluir as discrepâncias entre os dois aliados. Privilegiou também o relacionamento com Portugal, “necessariamente” o interlocutor mais próximo do Brasil e nas melhores condições para a ligação com a Europa Comunitária.

As primeiras medidas de natureza económica não se fizeram tardar, pois iniciaram-se ainda antes da posse com o



encerramento dos bancos e foram anunciadas no dia imediato. Entre outras assinalam-se: congelamento de todos os preços, seguido por regulação de aumentos e ajustamentos nos salários; redução nos subsídios ao sector privado; demissão de 50.000 trabalhadores da função pública; aumento das taxas e punição severa às evasões fiscais; encerramento ou venda de 188 companhias estatais ineficien-

tes; manutenção do cruzeiro como moeda nacional, substituindo o cruzado que “reinou” nos últimos quatro anos.

As medidas são vigorosas, mas a sua aplicação pode deparar com dificuldades tanto mais que têm de ser sancionadas pelo Congresso, onde o Presidente não dispõe, à partida, de maioria segura para o apoio às suas iniciativas.

Regime de Pinochet chegou ao fim

Ao ser empossado como Presidente do Chile, democraticamente eleito, Patricio Aylwin pôs termo ao regime ditatorial de Pinochet, instalado a 11 de Abril de 1973 quando foi morto o Presidente Salvador Allende. Tal não significa que Pinochet se tenha retirado de todo porque atempadamente conseguiria que o Parlamento adoptasse uma medida constitucional que lhe garantisse a permanência no importante cargo de Chefe das Forças Armadas.

Num emocionante discurso proferido no Estádio Nacional de Santiago, que foi palco em 1973 de mortes e fuzilamentos nos primeiros meses do regime de Pinochet, Aylwin declarou que a democracia tinha voltado para ficar. Perante mais de 70.000 espectadores afirmaria: “Nunca mais. Não mais atentados à dignidade. Não mais ódio entre irmãos. Não mais



violência fraternal”.

O cristão-democrata Aylwin ganhou as eleições dirigindo uma coligação de 17 partidos e agora ainda terá de governar com um Senado dominado por conservadores o que certamente lhe dificultará o seu programa de reformas sociais bem como as necessárias emendas constitucio-

nais para restaurar, em plenitude, o poder civil.

Roménia: demitido o chefe espiritual

Ao contrário do que tem acontecido nos outros países do Leste, onde os líderes espirituais têm estado no centro das modificações políticas, o patriarca ortodoxo romeno, Sua Beatitude Teoctist, foi demitido do cargo de chefe espiritual, por imposição dos fiéis, da hierarquia da Igreja Ortodoxa e por vontade das novas autoridades, que não esqueceram as palavras de apreço com que Teoctist brindara o ditador deposto. Como justificação diria ter “agido apenas tendo em vista o bem-estar da igreja, para que os nossos pastores e monges não fossem incomodados”, acrescentando ainda: “Tive receio de que a religião fosse proibida e os nossos bens confiscados”.

“Guerra de Nervos”

Na Lituânia vive-se uma verdadeira “guerra de nervos” em resultado da declaração unilateral da independência que Moscovo não tolera e os países ocidentais continuam a não apoiar, muito embora a maior parte nunca tenha reconhecido a anexação em 1939.

“O exercício da auto-determinação através da secessão é ficar aparte da união, e pôr os povos uns contra os outros, lançar a discórdia, o derramamento de sangue e a morte”, acusa Gorbachev, que aumentou as tropas no país, mandou fazer a ocupação de edifícios públicos e demonstrações de força.

Vytantas Landsbergis, o líder da revolta lituana, acusa que “os fantasmas do estalinismo se passeiam pelo Kremlin” e insiste que a solução não pode ser outra senão a independência decidida pelo Parlamento da Lituânia. Neste “braço de fer-



ro” todos receiam a intervenção militar soviética.

A questão da eventual independência dos países bálticos é de importância vital para a União Soviética pelo apoio que daria aos movimentos centrípetos de outras Repúblicas que, entretanto, também já se começaram a manifestar, como a Bielorrússia, a Moldávia, etc..



RDA: a vitória de KOHL

Os resultados das eleições na República Alemã — desmentindo todas as sondagens prévias — significam uma esmagadora maioria dos conservadores. A “Aliança para a Alemanha”, integrada pela “União Cristã-Democrática” e por dois partidos mais pequenos conseguiu quase metade dos votos e pouco menos que a maioria absoluta dos deputados. O Partido Social-Democrata, apoiado pelo seu homólogo da RFA, e que as sondagens davam como vencedor, ficou abaixo dos 22 por cento de votos, ou seja, uma percentagem muito inferior ao que normalmente consegue na RFA (muito acima dos 30 por cento).

Praga foi “abastecedor” do terrorismo mundial

Durante a sua visita a Londres o Presidente checoslovaco, Vaclav Havel, afirmou que os anteriores responsáveis do país tinham exportado explosivo SEMTX para a Líbia em quantidades suficientes para abastecer os terroristas do mundo durante 150 anos.

Havel afirmou: “Deixámos de exportar este explosivo há algum tempo, mas o anterior regime comunista exportou mil toneladas para a Líbia... quando duzentos gramas são suficientes para fazer explodir um avião”. Segundo opiniões expressas por especialistas foram encontrados vestígios do explosivo nos destroços de muitos aviões, incluindo o da Pan Am caído na Escócia em 1988 e que matou 259 pessoas, bem como em bombas colocadas pelo IRA nas suas acções de guerrilha contra o regime britânico na Irlanda do Norte.

Namíbia independente

A Namíbia foi a última colónia africana a tornar-se um estado de direito, internacionalmente reconhecido. Antiga colónia alemã, o território do Sudoeste Africano passou, a partir de 1915, a ser administrado pela África do Sul, na condição de protectorado a partir de 1920 quando a Sociedade das Nações concedeu a Pretória um mandato de tutela. Em 1966 a ONU retirou-lhe esse mandato, mas a medida não foi reconhecida pela África do Sul. Foi a partir desse ano que SWAPO (Organização do Povo do Sudoeste Africano) iniciou a luta armada.

A resolução 435 do Conselho de Segurança, votada em 1978, exigia à África



do Sul que conduzisse um processo de descolonização o que só viria a acontecer alguns anos mais tarde e após a assinatura do Tratado de Nova Iorque, em que participaram a África do Sul, Angola e Cuba, que acordava num processo de independência supervisionado pela ONU.

Para presidir aos destinos do país foi eleito o líder histórico da SWAPO, Sam Nujoma, pois desde 1963 que foi reconhecido como presidente do movimento, quando o seu quartel-general era a Tanzânia. O seu regresso triunfal à Namíbia teve lugar no dia 14 de Setembro de 1989 e, desde então, faz questão de salientar que, no futuro, todos os namibianos, negros ou brancos, têm um papel a desempenhar.

A Namíbia foi admitida, no dia da Independência, à Comunidade Britânica, passando a ser o seu 50º Estado.



Cai o Governo israelita

O governo de unidade nacional, incluindo conservadores e socialistas, caiu com os líderes dos dois grandes blocos a acusarem-se mutuamente: Shamir, primeiro-ministro e chefe do LIKUD, acusa Shimon Peres de defender um apaziguamento "vergonhoso" com os árabes e este, que lidera os socialistas, diz que Shamir estava a "assassinar o processo de paz".

No centro da discórdia estava a apreciação do projecto de paz para a região proposto por James Baker, o Secretário de Estado norte-americano, que defende negociações dos israelitas com os árabes. O socialista Peres, ministro dos negócios estrangeiros do governo, concordara



tratar-se de um projecto aceitável enquanto Shamir e os conservadores se continuam a opor a quaisquer contactos com os árabes.

Shimon Peres foi encarregado de formar governo e procurou a colaboração dos pequenos partidos religiosos, indispensáveis para obter a necessária maioria parlamentar. Já obteve o apoio do Agudat Israel, mas terá ainda de conquistar a neutralidade dos ultra-ortodoxos de Shach, que detêm oito lugares no Parlamento. Líder espiritual dos ultra-ortodoxos do Deguel Hatora, fundador do partido sefardita Shas, Eliezer Schach — rabino lituano quase centenário e que fala uma mistura de hebraico e yidish — converteu-se no árbitro da crise.

A Albânia, numa aparente tentativa de acabar com o seu isolamento internacional, comunicou à Itália que está interessada em participar na Conferência de Segurança e Cooperação Europeia.

A mesa-redonda Governo-oposição sobre o futuro da Bulgária fixou as datas da eleição, em duas voltas, da Assembleia Constituinte para 10 e 17 de Junho próximos.



O Haiti tem uma mulher na presidência, após a demissão do ex-presidente Prosper Avril, que se refugiou na Flórida. Trata-se duma juíza do Supremo Tribunal, Ertha Pascal, a quem caberá a difícil missão de preparar eleições livres no país.

O Parlamento mongol aprovou, por unanimidade, uma emenda à Constituição, suprimindo formalmente o papel dirigente do Partido Revolucionário do povo Mongol, no poder há 66 anos.



O Primaz da Igreja Anglicana, arcebispo de Cantuária, Robert Runcie anunciou que se vai aposentar em Janeiro próximo. A nomeação política do Primaz tem origem na Reforma de Henrique VIII, que fez do Anglicanismo a religião do Estado e do monarca britânico o seu chefe supremo.

Acabou o mais poderoso Partido Comunista do Ocidente: o PCI

O 19.º Congresso do Partido Comunista Italiano tomou algumas medidas históricas, a primeira das quais foi a alteração da sua orientação política que agora pretende a filiação na Internacional Socialista.

O discurso inicial do Secretário-Geral Achille Occhetto foi muito claro: "Temos de fazer nascer um novo partido reformista, europeu e dentro da Internacional Socialista", propondo ao líder do Partido Socialista Italiano, Craxi, uma "reflexão comum com fraqueza e lealdade... única forma de reequilibrar a esquerda. Porém, e pela primeira vez, os congressistas estavam divididos: somente cerca de dois terços apoiavam Occhetto enquanto um segundo bloco de 300 participantes desejava conservar toda a estrutura partidária.

De Bolonha — a cidade governada há 40 anos pelo PCI, no que é reconhecido por um dos modelos europeus de gestão municipal — não saíram resolvidos os inúmeros problemas que se colocam com as alterações decididas, com o apoio de 67 por cento dos congressistas, e cuja definição só depois do Congresso irá ser feita pelo Comité Central do partido. Para já a única coisa que se mantém é a cor vermelha da bandeira.

Breves

No mesmo dia em que Gorbachev foi eleito Presidente da União Soviética, Moscovo e o Vaticano anunciavam simultaneamente a nomeação do arcebispo Francesco Colassuono como representante oficial do Vaticano em Moscovo, muito embora a sede da nunciatura não seja ainda na capital soviética.

A criação de um banco central na Comunidade Europeia — o EUROFED — mesmo antes da adopção do ECU como moeda única, é uma das conclusões do relatório da Comissão sobre a União Económica e Monetária. O estudo, que já pressupõe a união das Alemanhas, alerta para a importância da criação de tal instituição, entendendo que a sua capacidade de decisão se deve equiparar à da Reserva Federal dos Estados Unidos e ao Banco Central do Japão.

A mesma Comissão Europeia também propôs que o ECU fosse a MOEDA ÚNICA DAS CE EM 1995 OU 1996, altura em que se prevê já esteja concluída a união económica e monetária. É a primeira vez que a Comissão indica datas sobre a união. A utilização na CEE das onze diferentes moedas custa anualmente entre 15 a 20 mil milhões de ecus (2700 a 3600 milhões de contos) no domínio das transacções.

Ainda no domínio financeiro a CE propôs a adopção, até 1993, de legislação apropriada para a DETECÇÃO DE TRANSFERÊNCIAS FINANCEIRAS QUE VISEM "BRANQUEAR" FUNDOS, através de bancos comerciais e instituições de crédito, obtidos do tráfico de droga ou visando apoiar actividades consideradas terroristas ou ligadas à Máfia e que, a nível mundial, se elevam a 300 mil milhões de dólares anuais.

Para divulgar os objectivos para 1992 o gabinete em Portugal da Comissão das CE adquiriu um autocarro que se irá deslocar por todo o país. O "AUTOCARRO 92" dispõe de meios audiovisuais e de diverso material de divulgação para sensibilização e informação do público em geral e dos estudantes em particular.

Vai ser lançado o programa "EUROPA CONTRA O CANCRO", um plano de acção para 1990/94, dotado de um orçamento de 9,5 milhões de ecus para o primeiro ano e 55 milhões na totalidade. Este ano os objectivos programáticos principais são a formação profissional na área da saúde e o prosseguimento das iniciativas na luta antitabágica, designadamente nos seus aspectos legislativos de

medidas de sensibilização dos consumidores.

Portugal vai beneficiar, a partir de 1991, de apoios substanciais da CE para desenvolver o PROGRAMA TEDIS — Trade Electronic Data Interchange Systems". O programa foi considerado, em 1987, pelo Conselho de Ministros, de "importância estratégica para um crescimento rápido e normalizado da troca de electrónica de dados — EDI, Electronic Data Interchange — e de mercadorias entre os Estados-Membros, particularmente para as pequenas e médias empresas". Para o avanço deste programa torna-se necessário melhorar as infra-estruturas das telecomunicações portuguesas, para que o concorrerão fundos estruturais ou do programa STAR. Mas a necessidade de avançar no projecto está patente na afirmação de que "qualquer empresa que não use EDI estará em desvantagem em 1992". Uma vez implementada, a utilização de papel é mínima e o que circulará são mensagens normalizadas para troca de informação comercial, técnica ou transferência de fundos.

Portugal vai beneficiar de um FINANCIAMENTO adicional da CEE, no montante de 105 milhões de ecus (cerca de 19 milhões de contos), para o desenvolvimento do PROJECTO DO GÁS NATURAL.



Chegou ao Funchal o NAVIO "PÁTRIA" que substituirá o "Independência" nas viagens entre a Madeira e o Porto Santo. O navio tem capacidade para transportar 400 passageiros, deslocando-se a 30 milhas/hora; custou 850 mil contos, 50 por cento dos quais financiados pela CEE.

OS FUNDOS ESTRUTURAIS DERAM A PORTUGAL 148 MILHÕES DE CONTOS EM 1989, segundo um relatório recentemente publicado. Considerando 1989 como um "ano de transição" — por ter havido alteração de normativos dos fundos — aponta-se como orientação do esforço desenvolvido a preparação e negociação com as CE dos instrumentos de base sobre os quais assenta a reforma, ou seja o Plano de Desenvolvimento Regional para 1989/93 e o quadro comunitário de apoio. A aprovação do quadro envolveu, numa primeira fase, 46 intervenções operacionais co-financiadas pelos fundos estruturais, no montante global de apoio a fundo perdido de 1300 milhões de contos, entre 1989 e 1993.



A sede da Comissão Europeia, em Bruxelas, foi posta à venda

O edifício em forma de estrela de quatro pontas, conhecido por Berlaymont, onde estão os serviços centrais da Comissão Europeia, e que se converteu desde os anos 60 no ex-libris da Comunidade, foi posto à venda por cerca de 60 milhões de contos pelo Ministério das Obras Públicas belga.

A Comissão tem um contrato de aluguer do Berlaymont até fins de 1993 e o problema agora surgido deverá ser discutido dentro de duas semanas. O pretexto imediato é a necessidade de obras no edifício determinadas pela urgência na remoção do amianto incluído na sua estrutura, na sequência de receios generalizados de que aquele material seria cancerígeno.

As obras de renovação do edifício e de remoção do amianto ascendem a cerca de 27 milhões de contos. A renda paga anualmente pela Comissão ao governo belga atinge mais de dois milhões de contos (o equivalente a cerca de 170 mil contos por mês).

Pelo Cor MÁRIO DE MENDÓÇA FRAZÃO

Memórias de um V.A. (Viajante Aéreo)

II

Nas proximidades do Natal o oficial que assumira o comando da Guarnição de Benguela, atendendo a que as Operações estavam como que suspensas e a que se sentia de certo modo responsável pela nomeação do V.A. para aquela "escolha", acenou-lhe com a possibilidade de passar o Natal com a família, para tanto aproveitando o retorno a Luanda de um avião (Téco-Téco) do Aero-Club; entretanto, ele pediria a devida autorização ao Q.G.

Em 10 minutos o V.A. estava instalado no Téco-Téco.

(Torna-se agora necessário informar de que naqueles tempos se afirmava em Angola que os pilotos de avião eram os netos dos antigos condutores de trens hipomóveis e filhos dos condutores de taxi. Verdade? "Blague"?)

O certo é que não conheciam a bússola: o piloto militar referido em I quando veio a ser nomeado Instrutor de tais pilotos teve muita dificuldade para os convencer de que a bússola era necessária e até indispensável.

Pode dizer-se que faziam uma pilotagem artesanal).

A viagem "à boleia" correu admiravelmente até cerca de 100 kms de Luanda: naquele dia, parece, resolveram dar espectáculo às manadas de búfalos e de elefantes, todas sob a rota aérea.

Ao chegarmos àquela distância de Luanda surgiram subitamente na rota a seguir densos e extensos bancos de nevoeiro.

O V.A. não gostou de reconhecer certo pânico no rosto do piloto; a partir daquele momento o avião deixou a linha recta para descrever círculos de grande raio mas de centro estacionário.

Ao cabo de uns 15 minutos o V.A. interpelou o piloto sobre o que estava fazendo; a resposta foi: "eu não vejo a costa e assim não sei para onde fica Luanda; só ao avistar a costa eu poderei seguir."

Nova pergunta do V.A.: e se o nevoeiro permanecer por umas horas?

"Bem! Talvez o nevoeiro não tarde a levantar!"

O V.A., para manter conversa perguntou-lhe pela bússola.

A expressão com que respondeu, mudamente, à pergunta, correspondia à de uma pessoa ofendida.

Após outro quarto de hora de círculos estacionários o nevoeiro dissipou-se e pouco depois estava Luanda à vista.



III

No termo da viagem relatada em II o V.A. dirigiu-se para a sua residência, feliz por imaginar que ia levar à Família o melhor presente daquele Natal; porém, sua mulher ao avistá-lo exclamou: esconde-te! Estás aqui clandestinamente! F... telegrafou informando de que a guerra se reacendeu e que o Q.G. indeferiu o teu pedido. Tens que regressar imediatamente!

Após isto viu-se o V.A. forçado a permitir que fosse sua mulher a sair para fretar um avião (e lá se foram as economias de um ano de Comissão...).

A mulher do V.A. conseguiu fretar um avião que fora baptizado com o nome de TALVEZ (curiosamente, pouco antes de V.A. partir para Benguela um seu subalterno contara-lhe um sonho de sua avó, senhora africana muito conceituada pelos seus vaticínios; no sonho, aquela senhora vira o TALVEZ despenhar-se após o ataque de duas águias, sendo óbvia a interpretação do sonho; mais curiosamente: pouco tempo depois do seu afretamento pelo V.A. o TALVEZ foi derrubado nas bocas do Zaire por 2 rajadas de metralhadora partidas do antigo Congo Belga).

O embarque ficou apazado para o alvorecer do dia seguinte, quer pela urgência quer para diminuir as possibilidades de identificação do passageiro.

Não obstante tal precaução, quando o piloto se preparava para descolar surgiram no Campo alguns pilotos que correram para o avião vociferando: "Feijão branco! Feijão branco!", designação dada então aos odiados traficantes de diamantes; generosamente, o TALVEZ ergueu-se rapidamente a caminho de Benguela.

Durante a viagem, sentado à retaguarda do Piloto, o nosso V.A. sentia-se intrigado pelo facto de o piloto, de 5 em 5 minutos, se debruçar e levantar até à boca uma garrafa de vidro preto, movimento seguido de sinais de deglutição.

Ao cabo de uma hora de tais manejos convenceu-se o V.A. de que o piloto era um alcoólico furioso, que acabaria por se embriagar e abandonar os comandos em voo.

Começou então o V.A. a esforçar-se por rememorar o que sobre pilotagem aérea aprendera no seu 7º ano de Física, com o objectivo de saltar para o lugar do piloto e tentar governar uma planagem, senão mesmo uma aterragem.

Como não há mal que sempre dure, verificou-se a aterragem em Benguela.

Tendo o piloto que regressar a Luanda o V.A. ofereceu-lhe um almoço no Hotel Virgínia, o melhor da cidade.

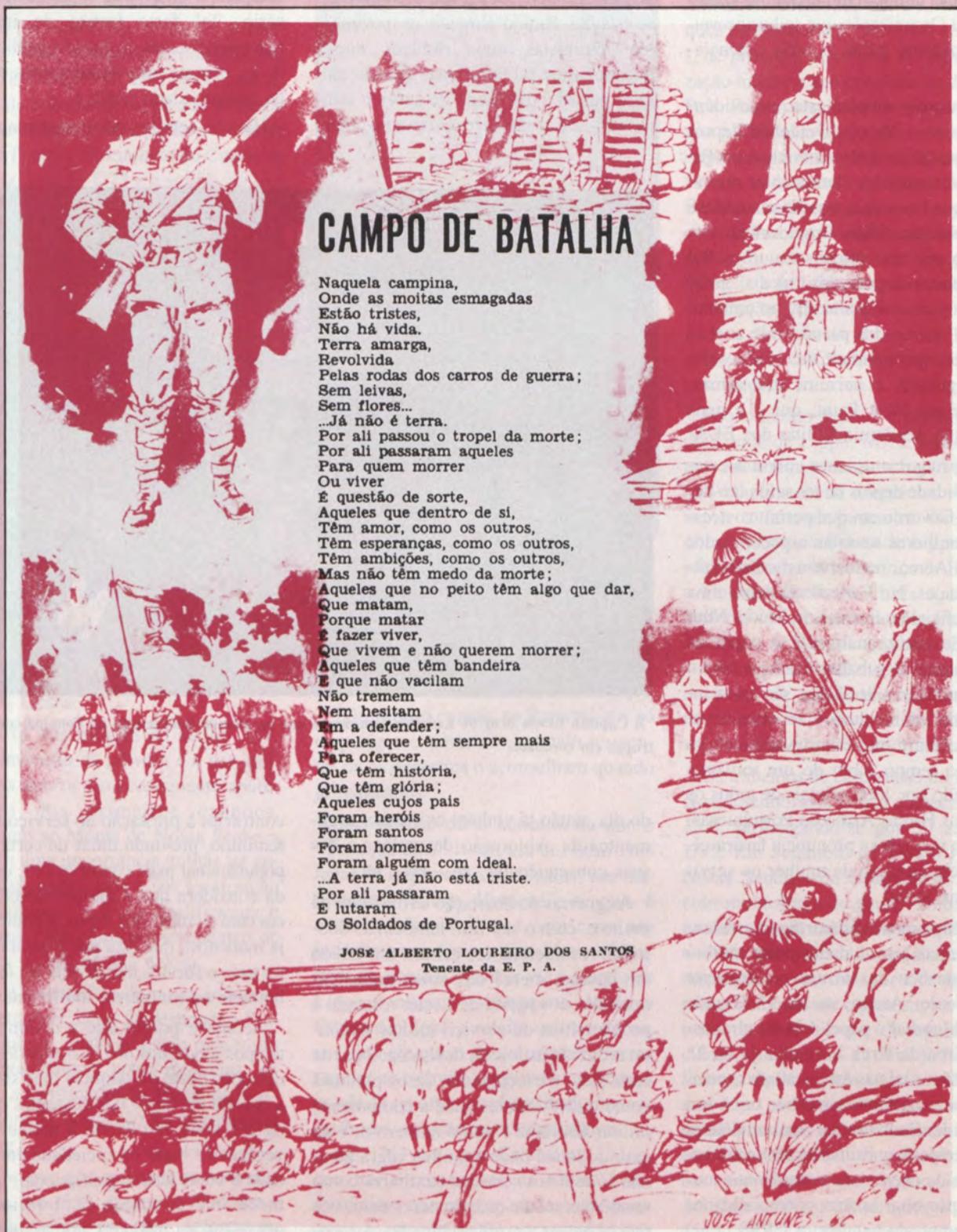
Bom anfitrião, perguntou V.A. ao piloto qual o vinho que preferia para o almoço.

Respondeu-lhe o piloto: "Oh! Eu não bebo vinho!"

Foi tão grande a perplexidade do V.A. que sentiu a obrigação de explicar aquilo que observara durante o voo e o que ficara julgando.

Riu-se o piloto com a maior vontade e explicou: fui operado a um cancro da laringe há poucos meses, pelo que tenho necessidade de, com frequência, humedecer a garganta com água.

Esta página é dedicada à reprodução fac-similada de artigos ou ilustrações que fizeram época neste Jornal nos últimos 30 anos.



CAMPO DE BATALHA

Naquela campina,
Onde as moitas esmagadas
Estão tristes,
Não há vida.
Terra amarga,
Revolvida
Pelas rodas dos carros de guerra;
Sem leivas,
Sem flores...
...Já não é terra.
Por ali passou o tropel da morte;
Por ali passaram aqueles
Para quem morrer
Ou viver
É questão de sorte,
Aqueles que dentro de si,
Têm amor, como os outros,
Têm esperanças, como os outros,
Têm ambições, como os outros,
Mas não têm medo da morte;
Aqueles que no peito têm algo que dar,
Que matam,
Porque matar
É fazer viver,
Que vivem e não querem morrer;
Aqueles que têm bandeira
E que não vacilam
Não tremem
Nem hesitam
Em a defender;
Aqueles que têm sempre mais
Para oferecer,
Que têm história,
Que têm glória;
Aqueles cujos pais
Foram heróis
Foram santos
Foram homens
Foram alguém com ideal.
...A terra já não está triste.
Por ali passaram
E lutaram
Os Soldados de Portugal.

JOSE ALBERTO LOUREIRO DOS SANTOS
Tenente da E. P. A.

JOSE ANTUNES - 60

AINDA A COMPONENTE FEMININA NAS FORÇAS ARMADAS

Pelo Cap PINTO BESSA

Mais uma vez neste Jornal venho tentar evidenciar as vantagens resultantes de um serviço militar onde a componente feminina seja não só um elemento complementar mas também um elemento válido para uma Organização que saiba aproveitar ao máximo todas as suas potencialidades.

Esta questão voltou a estar em evidência em todo o Mundo Ocidental depois da intervenção militar americana no Panamá onde uma das Companhias operacionais que levaram a termo uma missão de combate era muito simplesmente comandada por uma oficial... mulher. Tal facto mereceu da parte dos "media" grandes títulos de caixa alta. E, no entanto, os EUA são um dos países onde as mulheres têm oportunidade de, se o desejarem, seguirem a carreira das armas, inclusive em West Point, que é a mais prestigiada Academia Militar dos EUA.

Em Portugal o assunto voltou a estar na actualidade depois de ter saído um decreto do Governo em que permite o acesso das mulheres a várias especialidades da Força Aérea, inclusive a de oficial piloto de caças. No Exército já existe uma mulher oficial no Serviço de Saúde. Num país onde tradicionalmente o papel da mulher ainda é subalternizado e pouco aceite em lugares de chefia, são assaz interessantes os resultados absolutamente notáveis de um inquérito levado a efeito há pouco tempo junto de um universo constituído por 1000 oficiais de todos os ramos das Forças Armadas Portuguesas, em que a maioria se pronuncia favoravelmente pela inserção da mulher no serviço militar activo.

Será de somenos importância evidenciar algumas provas dadas pelas mulheres ao serviço das armas no decorrer deste século. Assim, se na 1.ª Grande Guerra Mundial o papel dela foi circunscrito à área da Cruz Vermelha já na 2.ª Guerra Mundial nas forças aliadas, principalmente inglesas, a mulher tinha um lugar evidenciado nos serviços auxiliares que desempenhou brilhantemente: em geral todos os exércitos em confronto souberam aproveitar as suas potencialidades e, no campo da batalha, a URSS.

Mas foi na década de 50-60, com o advento dos movimentos revolucionários, que o papel da mulher revolucionária era sinónimo da mulher guerrilheira e, como tal, assumiu em toda a sua plenitude esse estatuto. Paradoxalmente, os movimentos feministas mais radicais nunca questionaram tal facto, mas quando nalguns países a discussão do serviço militar alargado às mulheres entrava na ordem

meça a ser discutida e a ser implantada, tendo há poucos meses, em Inglaterra, voltado à ribalta com a determinação de a mulher na Armada Inglesa poder desempenhar lugares de combate se necessário. Tal facto trouxe de imediato reacções diversas de opinião pública, tendo no entanto uma percentagem elevada de receptividade pública.

Haverá sempre no entanto opiniões



A Capitã Linda Bray do Exército Americano que na recente intervenção no Panamá comandou tropas em combate.

do dia, então lá vinham os eternos argumentos da exploração da mulher e das suas consequências, etc., etc., etc..

As guerras de libertação terminaram há muito e, com o seu fim, também as doutrinas revolucionárias caíram um pouco em desuso, mercê das novas mudanças operadas nos países de Leste, restando a problemática do serviço militar feminino reduzido às leis da defesa nacional de cada país, e exceptuando casos pontuais como o da Albânia, onde a componente militar feminina é muito numerosa, e no caso de Israel onde a mulher regra geral não só está nos serviços auxiliares como também combate quando necessário; nos outros países a problemática do caso co-

contrárias à prestação do serviço militar feminino, provindo umas de certa franja populacional mais conservadora, que ainda considera que a mulher deverá estar em casa a cuidar dos filhos, e doutra franja mais nova que está por princípio contra todo o serviço militar seja ele feito por homens ou mulheres, indiferentemente.

Acontece porém que a dinâmica dos tempos modernos não se compadece com opiniões deste ou daquele mas sim com a natural evolução dos costumes que cada vez mais vão dando à mulher o seu verdadeiro lugar na sociedade em igualdade total ao acesso profissional, que começa na educação e termina nas organizações militares por assim dizer.

“FORTE DE LIPPE... FORTE DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA... FORTE DA GRAÇA... MUSEU DE ARQUITECTURA MILITAR?”

Resenha História

Durante todo o reinado de D. José I, o actual Forte da Graça recebeu a primeira das suas inúmeras denominações, “FORTE DE LIPPE” em homenagem ao Conde de Schauberg Lippe que delineou a sua construção. Coincidindo a morte de D. José I com o falecimento do Conde de Lippe no ano de 1777 e a subida ao trono da Rainha regente D. Maria I que, excitada pela reacção contra a obra de Pombal, ordenou, pouco tempo depois de ter subido ao trono, que o forte se denominasse de “FORTE DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA”, pelo motivo assaz piedoso de ter havido no mesmo local uma pequena ermida com a invocação de Nossa Senhora da Graça que já no Séc. XIV existia no local.

A Ermida de Nossa Senhora da Graça ainda se conservava em 1659, pois serviu de reduto ao pequeno forte mandado levantar por D. João de Zunica, mestre de campo do exército castelhano comandado por D. Luís Mendes Haro, que dirigiu o 2.º cerco à cidade de Elvas. As ruínas desta antiquíssima ermida desapareceram de todo quando se construiu o Forte da Graça.

A partir dos meados do século XIV, com a invenção da pólvora e a sua aplicação na guerra e o conseqüente aparecimento dos primeiros canhões, conferiram ao Monte de Nossa Senhora da Graça uma importância militar até então insuspeitada: dada a sua localização e proximidade de Elvas qualificaram o Forte como um elemento estratégico de primeira ordem na sua defesa.

Com a restauração da nossa independência em 1640, Elvas foi destinada a Praça de Guerra, tendo-se então procedido ao levantamento de novas muralhas; no entanto, a fortificação do Monte de Nossa Senhora da Graça não foi considerada na altura.

Foi um erro que se pagou mais tarde, pois que, em 1659, durante o 2.º cerco a Elvas pelo exército espanhol, as forças si-



tiantes ocuparam a colina, fortificaram-na e nela estabeleceram duas bocas de fogo que flagelaram a cidade e que hoje simbolicamente ornamentam a porta principal da entrada designada por PORTA DO DRAGÃO.

É lastimoso condão de Portugal que só os perigos o advertem, quando iminentes ou os desastres o aconselham quando já realizados.

Seja ou não certo conceito de que o “Portugal de D. José I era um falso Portugal de importação, nas ideias, nas instituições, e nos Homens”, o que é correcto afirmar é que para criar um exército e construir as fortalezas, o Marquês de Pombal mandou vir o Conde de Lippe e oficiais estrangeiros, tendo o Conde de Lippe o mérito valioso de haver sido ele quem deu a primeira forma regular ao exército português e procurou igualá-lo na organização e disciplina aos melhores exércitos contemporâneos.

Em 1763 o Conde Schauberg Lippe, que havia comandado as tropas lusobritânicas nas nossas lutas contra franceses e espanhóis, foi encarregado por

Pelo Cap Inf.º DESIDÉRIO VILAS LEITÃO

Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal e 1.º Ministro de D. José I, de proceder à reforma de uma organização militar e aos trabalhos de defesa do País. Foi em resultado dos estudos feitos, que o Conde de Lippe, reconhecendo ser imprescindível à defesa de Elvas a fortificação permanente do Monte de Nossa Senhora da Graça, assim o fez ao Marquês de Pombal, o qual, aceitando o conselho, o encarregou ele próprio de delinear a fortificação e proceder à sua construção. Aprovado o plano, foi confiada a direcção da obra a Mr. Etienne, então oficial do Corpo de Engenheiros de naturalidade francesa.

Pouco tempo depois, e por nomeação do Conde de Lippe, Mr. Etienne sai do país encarregado da construção da praça de Wilhelmstein na Alemanha. A fim de suprir a falta do primeiro director da obra, recorreu o Conde de Lippe a outro oficial estrangeiro ao serviço de Portugal, o Coronel Guilherme Luís António de Valleré, comandante do Regimento de Artilharia de Estremoz, já então reconhecido e respeitado pelos seus vastos conhecimentos de engenharia militar, tendo introduzido no projecto inicial vários aditamentos de grande importância.

Os trabalhos de construção do Forte de Nossa Senhora da Graça começaram em 1763, prolongando-se por 30 anos, até 1793. Em Setembro de 1763 o Forte de Nossa Senhora da Graça ia-se fazendo com muita força de gente. Trabalhavam nas obras seis mil homens e quatro mil animais, dos quais mil e quinhentos eram empregues só no transporte de água. Para sua comodidade e para suprir o transporte da distância que os separavam da cidade, os operários da obra do Forte edificaram algumas habitações e estabeleceram lojas de comestíveis junto a uma quinta próxima, a Oeste da Serra da Graça conhecida por Quinta do Vedor, nome proveniente do Vedor-Geral de Artilharia, Manuel Rodrigues de Ataíde, dando assim origem à pequena povoação

de Védor que ainda hoje ali existe.

O Forte da Graça foi construído para uma guarnição de 1500 homens, sendo 1200 de Infantaria, 200 artilheiros e 100 mineiros, dispondo de 143 bocas de fogo (peças e obuses).

Vem a propósito falarmos agora do custo de tão grande obra. Desde Julho de 1763 até princípios de 1777 importou em 734.890\$174 réis. De 1778, até 1793, em que foi concluída, a despesa foi de mais 32.308\$865 réis. Despendeu-se, pois, com a construção do Forte da Graça 767.199\$039 réis (cerca de 770 mil escudos).

O Forte da Graça é uma fortificação oitocentista do sistema rasante, ou VAUBAN, oposto ao sistema tradicional de altas muralhas existentes na época medieval nos castelos e cidades. No sistema Vauban as frentes são guarnecidas de bastiões ou de polígonos, compreendendo do exterior para o interior um conjunto completo de esplanadas, fossos, meias-luas, escarpas, taludes, parapeitos, barbets e redutos.

O Forte da Graça nunca foi propriamente conquistado. Durante as invasões francesas, o Forte foi guarnecido por um núcleo das tropas de Junot.

Durante as Lutas Liberais e após uma revolta de alguns elementos das Unidades da guarnição de Elvas, verificada em 1827, o Forte da Graça recebeu algumas dezenas de presos liberais, tendo em 1894 sido criado no Forte da Graça o Depósito Disciplinar, (Ordem do Exército n.º 13 de 1894 - 1.ª Série) passando desde essa altura a constituir a prisão militar mais conhecida do país.

O Forte da Graça tem a forma de um quadrado de cerca de 150 metros de lado e compõe-se de três corpos de defesa distintos, interdependentes, separados por profundos fossos:

- O Corpo Central ou Reduto;
- O Corpo Intermédio ou Magistral;
- As Obras Exteriores.

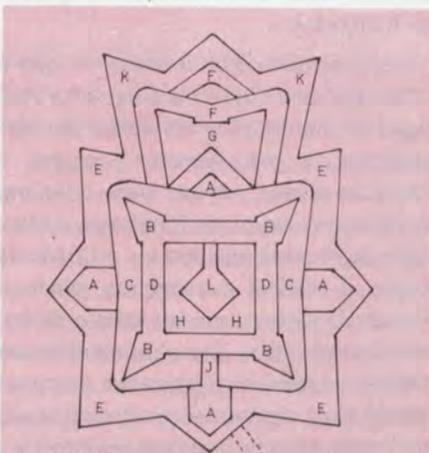
O reduto é constituído por dois pavimentos abobadados, tendo o inferior a forma de cruz, encontrando-se actualmente a capela num dos braços menores da cruz junto ao portão de acesso ao pa-

lácio, estando o altar-mor, do lado da Epístola, o altar de Santa Bárbara e do lado do Evangelho, o de Santo António. Na capela-mor há quatro tribunas que se podiam transformar em canhoieiras para defender as quatro portas que dão entrada para igreja e, por conseguinte, para o reduto.

Em volta da igreja, e bem assim nas casamatas vazias dos baluartes da cidade, Badajoz, Santo Amaro e Malefa estavam arrecadados os objectos de material de guerra. O segundo pavimento do reduto é todo ele circundado de armazéns que eram ocupados com a secretaria, arquivo do depósito disciplinar, com mobília, utensílios e diferentes outros artigos de caserna.

Neste pavimento há sete canhoieiras elípticas correspondentes às capitais dos baluartes e ao meio das cortinas. Há também várias seteiras, tudo destinado a bater com artilharia e fuzilaria os terraplenos e os baluartes depois de ocupados pelo inimigo.

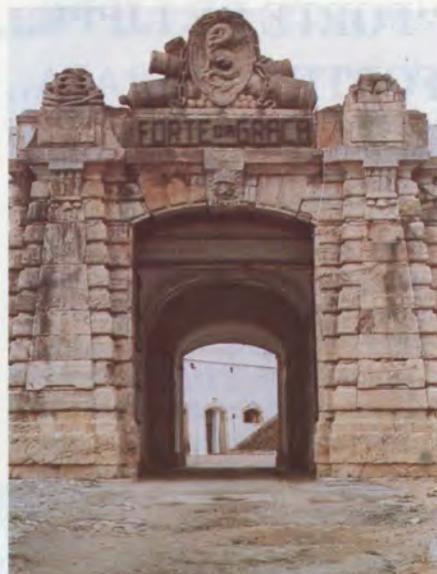
O terceiro pavimento é uma varanda ladrilhada, ou o terrapleno do reduto, o qual está circundado de um parapeito abobadado de 2,10 metros de alto por 3,50 metros de espessura, que oferece duas ordens de fogo de fuzilaria: a primeira pelas seteiras abertas na abóbada do parapeito e a segunda por cima do mesmo parapeito, tendo quatro MACHICOU LIS ao meio dos lados do reduto, que defendem as quatro portas que existem nesses mesmos lados.



LEGENDA

- | | |
|---------------------|-----------------------|
| A - Revelins | G - Hornaveque |
| B - Baluartes | H - Reduto |
| C - Fosso Principal | I - Portão de Entrada |
| D - Magistral | J - Porta Interior |
| E - Estrada Coberta | K - Barbets |
| F - Fossos | L - Palácio |

A porta exterior ou do dragão.



Sobre esta varanda ou terrapleno eleva-se a casa destinada à residência do Governador do Forte, a qual se compõe de um pavimento ao rés do terraço e de um andar superior. Em parte do andar de baixo estava estabelecida a secretaria da praça, gabinete do Governador e a estação telegráfica que se correspondia com a do Quartel-General da Praça de Elvas. Por cima do andar superior corre um terraço de onde se descobre um delicioso panorama. A altura do reduto até à aresta exterior do parapeito ou seu relevo mede 15,40 metros e o seu comando sobre o corpo da praça é de 8 metros de maneira que o comando do terraço desta casa sobre o mesmo corpo da praça é de 12 metros.

O reduto está completamente separado do recinto do da magistral e distante de 6,10 metros, e este intervalo é o que funciona como fosso do reduto. Este reduto comunicava com o corpo da praça por meio de uma ponte levadiça que media 2,75 metros de comprimento e 1,90 metros de largo, que é hoje de betão armado.

Por baixo do pavimento da capela existe uma boa cisterna que recebe as águas pluviais das varandas do reduto, casa do Governador e sobre o recinto da magistral as quais, passando por diferentes depósitos devidamente preparadas por meio de filtros, chegavam à cisterna, limpas de quaisquer impurezas. Esta água chegava para consumo da guarnição da praça durante muitos meses, quando em tempo de sítio.

O reduto central era um reduto de segurança, onde a guarnição podia refugiar-se, e fazer dali uma tenaz resistência, visto que o espaço que então o inimigo ocuparia seria muito circunscrito e todo ele completamente dominado pelo fogo mortífero de artilharia e fuzilaria, procurando assim obter, pelo menos, uma capitulação honrosa para a sua guarnição.

A magistral é composta por quatro pequenos baluartes, começando por aquele que fica voltado para o NE e continuando para a direita, denominavam-se sucessivamente da Malefa, de Badajoz, da Cidade, e de St.º Amaro, assim designados pelo facto de se encontrarem voltados para os locais supra citados.

Cada baluarte tem quatro quartéis para alojamento dos oficiais, sendo dois com três casas e cozinha na parte superior e igual número na parte inferior e os outros dois só com uma pequena, com casamata por baixo, canhoelras e o competente armamento de defesa. Cada baluarte tem três guaritas de alvenaria. A magistral tem quatro escadas de cantaria para o fosso do reduto e a meio da escadaria de acesso ao baluarte da cidade, assim como a meio da escadaria de acesso ao baluarte de St.º Amaro, há um filtro em cada uma, por onde passam as águas pluviais para a cisterna.

No fosso de reduto central há oito paióis em circunferência, e quatro portas incluindo a principal, com escadas de pedra para oito quartéis de praças de pré com as competentes cozinhas e poternas para o fosso geral que têm portas de madeira e grades de ferro. Dois dos quartéis são nos lados do corpo de guarda principal, com casa de atafona, para moer o trigo que fosse necessário para consumo da guarnição durante o tempo de sítio, assim como três grandes fornos para cozer o pão, uma prisão designada de casa redonda e casas da guarda.

Este forte tem duas portas de entrada: a exterior e a interior. Na porta interior havia as pontes levadiças e dormente de madeira, com escadas de pedra na parte exterior para o fosso geral. Sobre esta magnífica porta, existe um conjunto escultórico, composto pelas armas nacionais, em estilo D. João V, cercadas de ornatos no mesmo estilo e ladeadas por

duas grandiosas panóplias; por baixo numa lápide em mármore que traduzida do latim diz:

“JOSÉ I, AUGUSTO, INVICTO, PIO, PARA IMPEDIR A ENTRADA DOS INIMIGOS NA PROVÍNCIA, SOB A DIRECÇÃO DE GUILHERME, CONDE DE LIPPE, MARECHAL-GENERAL DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, E DE SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELO, CONDE DE OEIRAS, PRIMEIRO CONSELHEIRO E MINISTRO, FUNDOU ESTE FORTE E O MUNICIOU COMPLETAMENTE. ANO 1776”

As casernas para a guarnição deste forte eram nas galerias da escarpa corres-

ponde ao fosso principal, sendo circundado por um parapeito que envolve todo o conjunto fortificado, medindo cerca de 1350 passos. Da crista do parapeito partem as imensas esplanadas cofradas, que se estendem pelas vertentes, numa extensão aproximada de 150 metros.

O fosso principal tem uma entrada próximo à ponte, do lado do poente, que tinha cancela de madeira e é cercada por uma galeria subterrânea (galeria da contra-escarpa, por baixo da estrada coberta), com seteiras, grades de ferro e portas interiores de madeira. Tem quatro casas para oficinas na testa do fosso do revelim do hornaveque, com três divisões interiores em cada uma, continuando a galeria geral em volta do fosso



ponde às cortinas. Estas galerias com seteiras para o fosso principal em toda a extensão eram à prova de bomba e podiam albergar cerca de 200 praças. Têm de extensão 253 metros por 3,90 metros de largo e 2,90 metros de altura, até ao começo da abóbada que é semicircular.

As obras exteriores compreendem o hornaveque (construção avançada numa fortificação e constituída por dois meios baluartes unidos por cortina) circundado por um fosso com 10 metros de largura e com uma galeria seteirada, cinco revelins a meio das quatro cortinas da magistral e da cortina do hornaveque, poços militares (covas de lobo) onde as esplanadas têm declive mais suave, como seja na parte envolvente do hornaveque, lunetas, barbetes, e a estrada coberta cujo talude interior forma a contra-escarpa do

de hornaveque, com cinco contraminas da 1.ª do norte, duas poternas e quatro óculos ovais para assentar artilharia, para a defesa do mesmo fosso. A galeria da contra-escarpa, mede em toda a extensão 500 metros, tendo de largura 1,10 metros e de altura 1,20 metros até ao começo da abóbada de forma semi-circular, onde eram alojados 47 praças, com 20 metros cúbicos de ar respirável por homem. Parte desta galeria podia servir para alojamento da tropa destinada a defender as obras exteriores. A parte desta galeria correspondente ao hornaveque servia de arrecadação dos reparos das bocas de fogo que existiam no terraplano desta obra exterior.

Esta galeria tem diferentes saídas para o fosso correspondente ao meio da cortina e aos ângulos flanqueados dos baluar-

tes, todas elas fechadas com portas de ferro. A parte da galeria da contra-escarpa correspondente ao hornaveque tem três saídas para o fosso, correspondentes aos ângulos flanqueados dos dois meios baluartes e ao da respectiva cortina.

A porta exterior do Forte da Graça, designada por Porta do Dragão é a primeira porta de entrada, encimada por uma moldura com a figura de um monstro mitológico em alto relevo, tendo em volta, dispostas simetricamente, duas peças de artilharia e outros instrumentos de guerra, tudo esculpido em pedra assaz grosseira para trabalho tão perfeito.

Por baixo do terraplano do revelim da porta do dragão existiam três cavaliças que podiam alojar 15 cavalos e dois paióis. Este revelim é vazio. Os outros três revelins são cheios e sotopostos aos respectivos terraplenos e existem os paióis que são à prova de bomba. No interior do hornaveque existem dois paióis também à prova de bomba e uma casa da guarda. Finalmente o revelim do mesmo hornaveque tem igualmente um paiol sotoposto ao respectivo terraplano.

Todos os revelins, assim como os dois meios baluartes do hornaveque, têm barbetes para poder jogar a artilharia em diferentes direcções.

Da estrada coberta, em frente ao baluarte da Malefa, parte uma escada abo-



badada por baixo do aterro da esplanada, até à raiz das mesmas, com dez travezes cinco quartéis de alvenaria e onze barbetes, debaixo dos quais existem sete pequenos depósitos, sem portas, para munições. A esta escada segue-se um caminho coberto que conduz até próximo de uma fonte de boa água, denominada Fonte do Marechal, a meia enconsta, para em tempo de sítio a guarnição poder ir com segurança buscar água.

Na frente este do Forte encontra-se o Outeiro de São Domingos que, pela sua proximidade à fortaleza, constitui o único lado onde o inimigo poderia estabelecer-se para efectuar um ataque, tendo por isso sido planeada a construção do hornaveque, havendo naquele lado uma maior concentração dos meios de defesa, os quais para serem conquistados exigiam muitos combates parciais e ofereciam prolongada resistência.

A construção particular das suas esplanadas, com dez salientes cujo comprimento varia entre os 72 metros e 207 metros, formadas na sua maior parte por grandes pedras, cobertas com uma simples camada de terra vegetal, assim como a estreiteza do caminho coberto e das outras obras exteriores tornavam de extremo dificuldade o ataque ao recinto da magistral.

Todavia, em 1894 foi criado no Forte da Graça um Depósito Disciplinar (Ordem do Exército nº 13 de 1894 - 1ª Série - cap. VIII), chegando a albergar um efectivo de incorporados (reclusos) da ordem dos setecentos homens, tendo ficado célebre o sistema de transporte de água para as necessidades da vida corrente em barris que, da Fonte do Marechal, a meia encosta da vertente norte, eram transportados a dorso pelos incorporados para a cisterna principal do Forte. Eram as famosas "Barriladas" que, em levas de quarenta homens, se realizavam várias vezes ao dia até 1971, ano a partir do qual a água passou a ser bombeada para o Forte. Muitas das tentativas de fuga dos reclusos eram feitas durante as barriladas, embora tivessem poucas êxito pelo facto do terreno adjacente ser pouco arborizado.

A porta interior com magnífica ornamentação e a inscrição transcrita na página anterior.



No corpo central ou reduto ergue-se

A 20 de Novembro de 1985, conforme determinação superior, o Forte da Graça inicia um processo de desactivação, com transferência para a Casa de Reclusão da Região Militar do Sul e para o Regimento de Infantaria de Elvas da maior parte dos seus efectivos.

Em 18 de Março de 1989 o Presidente da República, Dr. Mário Soares, numa deslocação ao distrito de Portalegre, vi-

Numa colina sobranceira à praça e cidade Forte da Graça.





O palácio do Governador do Forte.

sitou o Forte da Graça.

Em 30 de Junho de 1989, por despacho de 23 de Junho de 1989 do General Chefe do Estado-Maior do Exército, Gen. Firmino Miguel, o Forte da Graça cessa toda a sua actividade e as suas instalações passam para a dependência do Regimento de Infantaria de Elvas.

É então a partir desta altura que sob directivas do Coronel de Infantaria César

de Elvas ergue-se, imponente e vigilante, o



Rodrigues, Comandante daquele Regimento, se elaboram autos de incapacidades de alguns materiais e se efectuou a transferência do material de aquartelamento e material de guerra para a Secção Logística do Regimento tendo-se iniciado um plano director de demolição, restauro e conservação do Forte por forma a dar a este toda a sua traça histórica.

Entretanto, aguarda-se a confirmação da provável denominação a atribuir a este monumento oitocentista de "Museu de Arquitectura Militar".

Podemos afirmar sem reboço que nos encontramos perante um raro e grandioso monumento de arquitectura militar,

magnífico exemplo de uma obra de fortificação permanente, completo e na sua traça original e partilhamos ainda a ideia de que:

"não é possível que nos limites de uma nota se detalhe a vastíssima combinação de ideias de M. Valleré, e somente se pode dizer, que as diferentes obras que ali se acham tão sabiamente reunidas formam um novo sistema de fortificação que até agora não foi descrito nem praticado por nenhum autor". (a)

(a) Elogio Histórico de Guilherme Luís António de Valleré... por Francisco Borgia Garção Stockler... publicado por sua filha, D^a Maria Luiza de Valleré. Paris 1808.



Vista parcial do interior do Forte.



O Capitão de Infantaria Desidério Manuel Vilas Leitão nasceu em S. Romão a 26 de Agosto de 1960

Foi incorporado voluntariamente na Academia Militar em Outubro de 1979, onde concluiu o curso de Infantaria em 1984. Ainda como cadete frequentou o Estágio de Educação Física no CMEFED (1981) e o Curso de Pára-quedismo na BETP (1982).

Em 1984 frequentou na EPI o Curso de Oficiais de Tiro (Julho), o 1.º COIR no CIOE (Setembro) e o Curso de NBQ na EPE (Novembro). Ainda na Escola Prática de Engenharia frequentou os cursos de Sapadores das Armas (Setembro/86) e de Contra-Vigilância (Outubro/87).

Em 1988 frequentou na EPI o Curso de Promoção a Capitão (CPC), sendo promovido ao actual posto em Setembro do mesmo ano.

Possui ainda o Curso de Condução Auto que frequentou em Fevereiro/89 na EPST.

Actualmente desempenha as funções de Oficial de Informações no Regimento de Infantaria de Elvas.



Colt® M16A2 Modelo 723 Carabina e Modelo 733 Comando 5,66 mm NATO

AUMENTO DE ALCANCE E PENETRAÇÃO

A nova Colt M16A2 de cano de 7" de estria permite a utilização de toda a gama de munições 5.56mm, incluindo a munição NATO 5.56mm SS109. Um novo desenho de alça permite de maneira fácil tirar partido do maior alcance e poder de penetração deste novo tipo de munição.

PROVADA EM COMBATE

A Colt M16 é a arma automática de calibre 5.56mm mais exaustivamente provada em combate. Mais de 6.000.000 de armas foram produzidas para equipar as F.A. de mais de 60 países de todo o Mundo. Em cada dez armas calibre 5.56mm existentes no mundo 9 são M16.

LEVE FIÁVEL E ROBUSTA

A introdução de novos desenhos da coronha e punho e a utilização de materiais de grande resistência conferem à M16A2 maior robustez, conforto na utilização e eficiência. A existência de um selector para rajada de 3 tiros permite maior probabilidade de acerto com menor consumo de munições.

ADOPTADA PELA F.A. AMERICANAS

A nova M16A2 é a arma que equipa todas as F.A., dos E.U.A., estando já distribuída ao Corpo de Fuzileiros. Recentemente foi também adoptada pelo Canadá como a arma automática cal. 5.56mm para equipar as suas F.A.

ESPECIFICAÇÕES M16A2 MODELO CARABINA 723

Calibre	5.56 × 45 NATO
Capacidade p/ Carregador	30 RD
Peso (s/ Carregador)	2.7 kg
Comprimento c/ coronha estendida	0.84 m
Comprimento c/ coronha recolhida	0.76 m
Velocidade inicial (M193)	921 m/seg
Velocidade inicial (5.56 mm NATO)	906 m/seg
Alcance útil (M193)	360 m
Alcance útil (5.56 mm NATO)	600 m
Selector de Tiro	Semi-aut./ /automático

ESPECIFICAÇÕES M16A2 MODELO COMANDO 733

Calibre	5.56 × 45 NATO
Capacidade p/ Carregador	30 RD
Peso s/ Carregador	2.59 kg
Comprimento c/ coronha estendida	0.76 m
Comprimento c/ coronha recolhida	0.68 m
Velocidade inicial (M193)	839 m/seg
Velocidade inicial (5.56 mm NATO)	795 m/seg
Alcance útil (M193)	300 m
Alcance útil (5.56 mm NATO)	500 m
Selector de Tiro	Semi-aut./ /automático

Colt

Firearms Division

Hartford, CT 06101
Telex: 994421 Colt Fire Hfd.



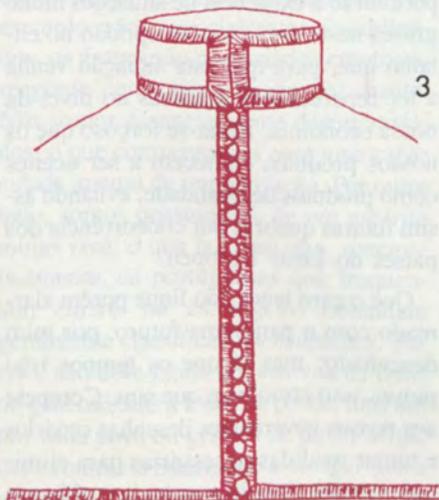
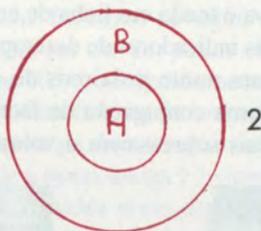
Por MANUEL A. RIBEIRO RODRIGUES

Regimento de Cavalaria nº 6 - Caçadores a Cavallo

O pequeno uniforme dos oficiais deste Regimento era o seguinte:

Boné: sem pala de cor azul ferrete (B) com um galão de ouro com duas polegadas de largura em toda a volta (A). Na copa tem uma rodela de galão de ouro (A), tudo conforme as figuras nºs 1 e 2.

Jaqueta: de pano azul ferrete, abotoada à frente a direito por uma fila de 22 botões pequenos de metal dourado, tendo o mesmo feitio dos do grande uniforme. A jaqueta é debroada por um galão de liga de seda preta. A gola amarela, para este Regimento, é avivada à volta, por cima e por baixo, por um galão de liga de seda preta (vide planificação, fig. 3). Canhões das mangas em forma de "V" com os vértices virados para os cotovelos, de cor amarela, guarnecidos de um galão de liga de seda preta; entre este e a cor distintiva o galão da patente. Cada manga tem dois botões de metal dourado, tudo conforme a planificação (figura 4).

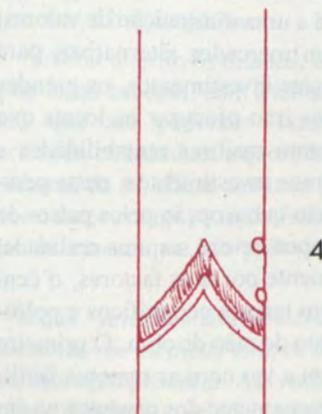


Calças: de pano de cor alvadia (branco sujo).

Botim fechado ou sapato abotinado de couro preto, com esporas de ferro colocadas no tacão.

À volta da cintura um cordão de seda carmesim, que termina com duas borlas da mesma cor, sendo atadas e pendentas sob o lado direito, não muito abaixo. Luvas de pelica branca.

O armamento é o mesmo do grande uniforme, não utilizando a pasta de couro preto.



Nota: O desenho que acompanha o artigo faz parte do Plano de Uniformes de 1834 (coleção do autor).

Pelo Cap SAM VICTOR VALE

A evolução no Leste Europeu e a Economia Portuguesa

2. As possíveis repercussões em Portugal

Tendo em conta que cada vez mais a economia de um país é o reflexo de múltiplas relações internacionais, as quais afectam directa ou indirectamente através das suas variações e equilíbrios os parâmetros existentes dentro de cada país, então poderemos concluir que, não nos encontrando geograficamente afastados destes países, forçosamente iremos ser mais ou menos afectados por estas alterações. Aliás, de outra forma não se compreenderia o recente empenhamento do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em mandar à Pátria todos os embaixadores credenciados nos Países de Leste a fim de lhes definir uma estratégia económica comum.

A nível nacional, julgo que estas últimas alterações irão provocar algumas mudanças a curto prazo e outras a médio/longo prazo. Dentro das primeiras, salientarei os **auxílios financeiros** da Comunidade Económica Europeia, os quais serão forçosamente reduzidos, já que, a partir de 1990, passou a haver um conjunto de países com potencialidades superiores às nossas que necessitam dessa mesma ajuda comunitária. Se aliarmos a esse facto, o de que a Alemanha Ocidental é o país que mais contribui para o orçamento da Comunidade e é simultaneamente aquele que por laços de sangue se pode considerar mais próximo desses mesmos países, então o quadro ficará perfeitamente definido e não custa acreditar que aquela ajuda irá ser reduzida. Não se alarmem no entanto as pessoas, já que essa redução nunca será substancial como o prevêem alguns economistas, e isto devido essencialmente ao peso insignificante que essa mesma ajuda tem representado no contexto do orçamento global da Comunidade. Neste aspecto, penso que os espanhóis terão que forçosamente se encontrar mais apreensivos do que nós.

As outras alterações decorrerão, muito provavelmente, a médio/longo prazo e deverão ser as seguintes:

- **desemprego:** apesar de considerar

que tal aspecto não irá ser muito significativo, parece-me no entanto que ele irá aumentar por via indirecta, já que a abertura das fronteiras a Leste irá provocar um êxodo, mais ou menos maciço, consoante as medidas adoptadas pelos países de origem e de destino dessas correntes migratórias, o que se reflectirá numa diminuição de postos de trabalho na Alemanha, na Suíça e na França para os trabalhadores portugueses. Nesta perspectiva e tendo em linha de conta que os actuais indicadores de desemprego se encontram muito próximos do zero, devido a uma conjugação de factores, entre os quais sobressaiem o volume da emi-



gração actual, será lógico deduzir que, caso esse volume não se possa manter, muito provavelmente assistiremos a um aumento do número de desempregados em Portugal.

- **emigração:** variará, de acordo com os aspectos já referidos no ponto anterior, ou seja diminuirá.

- **investimento directo:** creio que aqui se assistirá a uma diminuição de valores, já que com mercados alternativos para efectuar esses investimentos, os grandes investidores irão procurar os locais que lhes garantam maiores rentabilidades a esses mesmos investimentos; nesta perspectiva creio que a opção pelos países do Leste Europeu deverá ser uma realidade, principalmente por dois factores: o centralismo em termos geográficos e políticos e o custo de mão de obra. O primeiro aspecto tem a ver com as maiores facilidades de escoamento dos produtos no caso de as empresas se encontrarem em

mercados produtores localizados num ponto mais central, relativamente ao mercado consumidor e aqui a maioria destes países está muito mais perto da França, da Alemanha ou dos países nórdicos, normalmente sociedades de grande consumo, do que Portugal, que se encontra numa zona periférica, bastante afastada dos principais mercados consumidores e dos principais centros de decisão, o que não tendo muita importância num século caracterizado pela informação e pelas comunicações, também terá o seu peso; o segundo aspecto tem a ver com a mão de obra barata existente em Portugal e que até aqui tornava o nosso País extremamente atractivo em termos de investimento estrangeiro; este factor também existe na Europa de Leste e, quicá, ainda mais rentável em termos de investimento. Em face dos aspectos expostos, julgo que a médio/longo prazo, o investimento directo em Portugal irá diminuir.

- **exportações:** um último aspecto que irá sofrer transformações a curto prazo, por influência da abertura a Leste, será a diminuição do valor das exportações, já que passará a haver uma concorrência maior por parte de um conjunto de produtos desses países que mais facilmente serão colocados nos mercados centrais europeus; não me parece no entanto que esta redução venha a ser muito significativa até porque os mecanismos normalmente utilizados pela Comunidade não permitirão a existência de situações muito graves nesta área. Sou de opinião no entanto que, para que esta situação venha a ter repercussões mínimas ao nível da nossa economia, torna-se forçoso que os nossos produtos comecem a ser aceites como produtos de qualidade, evitando assim futuras quebras por concorrência dos países do Leste Europeu.

Que o caro leitor não fique porém alarmado com o panorama futuro, por mim desenhado; mas lá que os tempos irão piorar, isso creio bem que sim. Compete aos nossos governantes desenhar cenários e tomar medidas necessárias para eliminar ou minimizar os eventuais problemas futuros. Assim esperamos que aconteça.

Pelo SargAjd VENTURA CUNHA

“D. ORTOGRAFIA, COMO VAI?”

“... a ortografia também é gente”
Bernardo Soares (Pessoa)

Se, por fantasia, transformassem a **ortografia** num “ser falante” e lhe perguntassem, em jeito de entrevista, “D. Ortografia, como vai?”, talvez a resposta fosse mais ou menos assim: “Muito mal! Veja lá que quando me devem dar “vitamina C” aplicam-me a “vitamina S”; se quero “cozido à portuguesa”, dão-me “cosido à portuguesa”; nem queira saber como me custa a digerir as linhas que vêm misturadas com os feijões; quando escrevem “oje á iscas”, a falta do **h**, para mim, é como se tirassem as muletas a um coxo; e quando me obrigam a dar uns “paços”, doente como estou, ainda fico pior; por vezes, colocam-me um “assen-to” em vez dum “acento”, na perspectiva de que vou ficar sentada a ler tanta asneira. Muito mais teria para dizer, mas fico por aqui”.

Mas deixemos a fantasia e voltemos à realidade. De facto, actualmente, a **ortografia** — forma correcta de escrever as palavras — é bastante desprezada pelos alunos das escolas. E não só.

Frisando este tema, entre outros, o sr. Tenente-Coronel Freitas Lopes, nosso prezado amigo e apreciado colaborador do **JE**, enviou-nos uma interessante e pertinente carta da qual transcrevemos alguns excertos:

“Cada povo, cada raça tem as suas características. Os povos germânicos, por exemplo, são essencialmente disciplinados, os árabes são demasiados emotivos, reagindo como tal, e assim por diante. Nós somos essencialmente desorganizados, o que compensamos com uma capacidade imensa de improvisação. Por outro lado, somos possuidores de um espírito muito vivo, o que faz com que, sistematicamente, os portugueses que frequentam cursos no estrangeiro obtenham geralmente classificações brilhantes. Por isso, não deve haver um sistema de ensino generalizado a todos os povos, mas um por cada povo ou grupos de povos afins, caso contrário estaremos a obrigar uns a andarem devagar de mais e outros depressa de mais.

No tempo da “outra senhora”, um aluno que saía da 4.^a classe da instrução primária não cometia erros de ortografia, e fazia contas enormes sem contar pelos dedos — porque sabia a tabuada. Depois veio uma reforma a considerar que não deveria ser exigido dos alunos da instrução primária demasiado, evitar os esforços de memória, em proveito dos apelos à inteligência. Procurou-se seguir métodos de ensino em uso em países como a França e os EUA, sobretudo neste último, em que o coeficiente de conhecimentos com que se sai da instrução primária corresponde à nossa antiga 2.^a classe: escrever mal, cometer erros em abundância, ter que contar pelos dedos para se fazer simples contas de aritmética, na praça ou no dia a dia. O resultado é que, hoje, dezena e meia de anos volvidos, os alunos universitários cometem erros de ortografia incríveis, em qualidade e quantidade.

Lembro-me que uma vez, há uns anos atrás, um fulano fez um requerimento qualquer em que a certa altura se referia à autarquia “Concelho”, que no entanto escrevera com um **S**. O caso não era muito grave, mas o Director-Geral que devia despachar ficou tão indignado que tomou a decisão insólita de despachar que o requerente aprendesse português e depois fizesse novo requerimento — mas sem erros de ortografia. Penso que, hoje, a usar-se de tanto zelo, muitos dos estudantes universitários chumbariam sem apelo nem agravo, por verdadeiramente brutalizarem a língua pátria.

Acabou-se com os ditados, com as cópias feitas em casa, com a tabuada — coisas que até poderiam fazer mal às crianças, coitadinhas, a quem bastaria que saíssem da 4.^a classe sabendo ler, escrever e fazer contas — **mal**. E tão mal, em tantos casos, que não poderia ser pior. (...).”

Estas verdades indiscutíveis fazem recordar-me os meus tempos de menino da instrução primária. As centenas de cópias e ditados que escrevi, principalmente na 4.^a classe, foram frutuozos na sua in-



tencionalidade: as cópias serviam para se aprender a grafia correcta das palavras; os ditados eram os complementos das cópias.

O meu professor e outros usavam, na elaboração dos ditados, um sistema que produzia bons resultados: a cada erro além de quatro correspondia uma reguada. “Uma violência — diriam hoje”. Mas não era, porque as reguadas eram apenas “simbólicas”, por serem simuladas. O efeito psicológico é que era surpreendente, pois os alunos, para não sofrerem a “vergonha” da punição das “reguadas”, aplicavam-se com denodo na eliminação dos erros ortográficos.

Mas nem só “muitos estudantes universitários brutalizam a língua pátria” — como refere o Tenente-Coronel Freitas Lopes. Também no meio militar a coisa não é lá muito famosa. Entre outros casos que conheço, refiro apenas este: recentemente, numa das conversas habituais com um médico militar, com funções de chefia, tive conhecimento de que alguns clínicos lhe entregavam relatórios com bastantes erros de ortografia, facto incompreensível em pessoas consideradas cultas.

Há quem suponha que os erros ortográficos não têm importância, desde que se perceba a mensagem. Pessoalmente, julgo que tal pensamento está errado, pois a ortografia, parte integrante da gramática, é o “estudo dos factos da linguagem falada e escrita, bem como das leis que a regulam”. E as “leis” são para se cumprir.

Todas as gráficas sabem

(Mas você, saberá?)

Em tempos idos, a comunicação gráfica era apenas **cultura**.

Depois, tornou-se (também) arte

e, após isso, **informação!**

O ritmo da vida trouxe à informação a **velocidade**.

Mas a comunicação continuou arte

e voltou a ser cultura

informativa e veloz,

logo **instrumento de mercado**,

porque o mercado é vida

como a cultura, a arte, a informação

e a velocidade do viver do nosso tempo!

Todas as gráficas sabem o que é ter de fazer

“trabalhos para ontem” com a melhor qualidade.

Algumas conseguem-no, por vezes.

Nós fazemos disso a nossa profissão!

(Mas você, saberá?)

Fale com a Equipa **Pentaedro**. Amanhã! De manhã!

CONTE CONNOSCO PARA CUIDAR DA SUA IMAGEM

CRIAÇÃO PUBLICITÁRIA
ARTE-FINAL
FOTOCOMPOSIÇÃO
FOTOGRAFIA
FOTOLITOGRAFIA
IMPRESSÃO
PLASTIFICAÇÃO
BROCHURA
ENCADERNAÇÃO
PAPELARIA

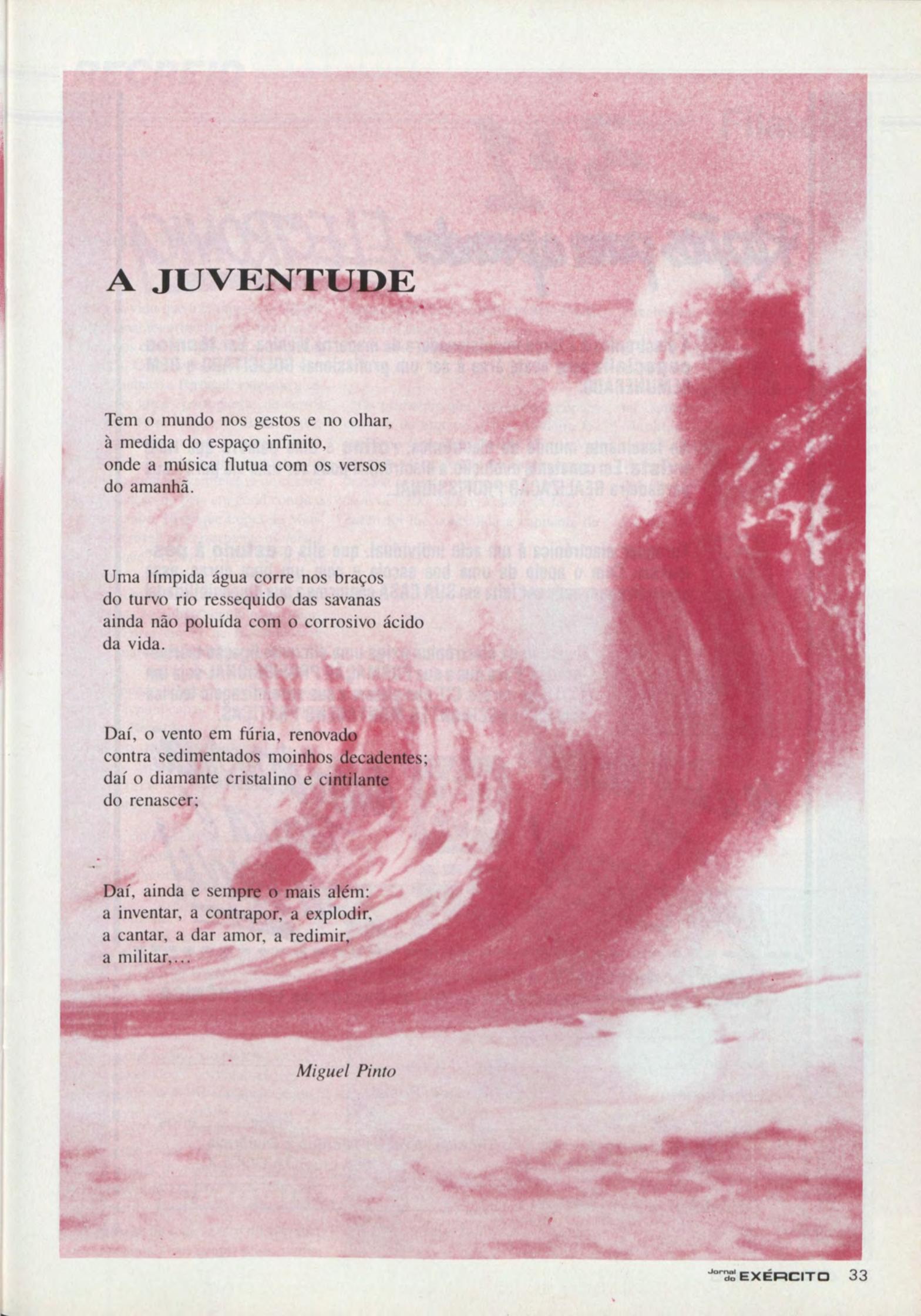
*Como gráficos fazemos tudo excepto o papel (até ver!)
Vamos da concepção até à distribuição. Até onde quiser.*



Publicidade e Artes Gráficas, Lda.

Praceta da República, Loja B
Tels. 987 61 80 / 987 07 41
Póvoa de Santo Adrião
2675 ODIVELAS
LISBOA — PORTUGAL

Há 15 anos a fazer LIVROS — REVISTAS — CATÁLOGOS — CARTAZES



A JUVENTUDE

Tem o mundo nos gestos e no olhar,
à medida do espaço infinito,
onde a música flutua com os versos
do amanhã.

Uma límpida água corre nos braços
do turvo rio ressequido das savanas
ainda não poluída com o corrosivo ácido
da vida.

Daí, o vento em fúria, renovado
contra sedimentados moinhos decadentes;
daí o diamante cristalino e cintilante
do renascer;

Daí, ainda e sempre o mais além:
a inventar, a contrapor, a explodir,
a cantar, a dar amor, a redimir,
a militar,...

Miguel Pinto

3+1

Razões para aprender ELECTRÓNICA

1 A electrónica é a força impulsionadora da moderna técnica. Ser **técnico especializado** nesta área é ser um profissional **SOLICITADO** e **BEM REMUNERADO**.

2 No fascinante mundo da electrónica, **rotina** é uma palavra que **não existe**. Em constante evolução, a electrónica pode ser uma via para a sua verdadeira **REALIZAÇÃO PROFISSIONAL**.

3 Aprender electrónica é um acto individual, que alia o **estudo à pesquisa**. Com o apoio de uma boa escola e com um bom curso, essa aprendizagem pode ser feita em **SUA CASA** conforme a sua disponibilidade!

+1 Razão! O estudo da electrónica exige uma eficiente ligação teórico-prática. Para que a sua **FORMAÇÃO PROFISSIONAL** seja um **ÉXITO** os cursos CIT completam a sua aprendizagem teórica com **250 FASCINANTES MONTAGENS PRÁTICAS**.

*Se a Electrónica for
o seu futuro!*



*Centro de Instrução
Técnica é
a sua ESCOLA!*

Desejo receber GRÁTIS e SEM COMPROMISSO
informações pormenorizadas sobre os cursos de **ELECTRÓNICA**

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cód. Postal _____

End. Emprego _____ Idade _____ anos

CIT Centro de Instrução Técnica Ensino Técnico à Distância
R. D. Estefânia, 32 1066 LISBOA CODEX

a preencher pelos n/ serviços

	0	0	1	3	5	6	3		1	2	6
--	---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---

Pelo Cap VASCO MOURA

Filatelia Militar

Sem dúvida que a composição do Hino Nacional foi originada por motivos relacionados com a actividade portuguesa da época. Com efeito, o ultimato do Governo Britânico a Portugal, exigindo a retirada das forças portuguesas de certos territórios entre Angola e Moçambique, foi apresentado em 1 de Janeiro de 1890. O músico Alfredo Keil escreveu uma marcha patriótica interpretativa do clamor da indignação do país em geral contra a Grã-Bretanha. Henrique Lopes de Mendonça escreveu posteriormente os versos do hino, que receberia o título de "A Portuguesa". Em Fevereiro de 1890, já a mesma tinha uma grande divulgação. Quando da sublevação militar republicana, ocorrida no Porto em 31 de Novembro de 1891, a marcha que acompanhou os revoltosos foi "A Portuguesa", transformando-se assim no hino das aspirações republicanas. Após a implantação da República, em 1910, já o Ministério da Guerra determinava que quando se executasse este hino, todos os militares presentes, quando fardados, fariam continência.

Porém, foi só na sessão da Assembleia Nacional constituinte de 19 de Junho de 1911 que foi proclamado como Hino Nacional.

Para comemorar o centenário de "A Portuguesa", foi lançado em circulação em 6 de Março de 1990 um milhão de selos com a taxa de 32\$00, integrado na emissão DATAS DA HISTÓRIA. Tem desenho de José Luís Tinoco, pouco expressivo.

Do mesmo modo, não podemos deixar que os navegadores portugueses não sejam incluídos como verdadeiros combatentes das forças armadas da época. Os navegadores eram verdadeiros marinheiros e soldados que combatiam, quer no mar os piratas do norte de África, quer desembarcando em terra para combater os guerreiros hostis daquelas regiões.

A emissão de 6 de Março do corrente ano, constituída por quatro selos, repre-

senta os NAVEGADORES PORTUGUESES. Foi também lançado em circulação um bilhete postal simples com o selo de 32\$00.

Os primeiros que fizeram o reconhecimento do arquipélago da Madeira foram João Gonçalves Zarco, Tristão Vaz Teixeira e Bartolomeu Perestrelo (reproduzidos respectivamente nos selos com as taxas de 2\$00, 5\$00 e 32\$00). A João G. Zarco foi-lhe concedida a capitania de

Funchal em 1450, tendo tido uma acção muito notável no povoamento do lado ocidental da ilha da Madeira, onde viveu de 1425 a 1470. Tristão Vaz Teixeira foi nomeado capitão donatário da parte oriental - setentrional da ilha, com capital em Machico. Bartolomeu Perestrelo estabeleceu-se na ilha de Porto Santo em 1425. Diogo Silves (selo com o valor facial de 100\$00) achou as primeiras sete das nove ilhas do arquipélago dos Açores em 1427.



AGORA
INTRODUZIDO EM
REGIME EXCLUSIVO NO
EXÉRCITO DA R.F.A.

Dynamit Nobel

DYNAMIT NOBEL

Representação exclusiva em Portugal:
A **PAUKNER**, Lda
Av. Elias Garcia, 76-6.º E
Telef. 76 45 87 - 1000 LISBOA
Telex 65400 APALIS P.

O novo componente tático no âmbito do conceito de combate de armas combinadas

Panzerfaust 3

A arma anti-tanque portátil
para todas as tropas

- dispara de recintos fechados
- possibilita a selecção prévia para carga oca ou cabeça explosiva
- tem capacidade de perfuração superior a 700 mm de aço RHA
- assegura alta probabilidade de acertar ao 1º tiro
- o custo do sistema é reduzido
- não necessita manutenção e precisa apenas pouco treino
- está dotada de um sistema subcalibre de 18 mm que corresponde às condições reais.

Dynamit Nobel —
Os especialistas em armas anti-tanque.



Dynamit Nobel

Defence Division
D-5210 Troisdorf/West Germany

Por LUÍS COSTA

Viatura de Transportes Gerais "BERLIET-TRAMAGAL" GBC 8 KT 4 Ton. 6x6 m / 1966

PARTE II

Esta viatura tem uma capacidade de carga da ordem dos 4.000 Kg e pode transportar vinte e um soldados totalmente equipados, incluindo o condutor. Tem um motor BERLIET modelo MK 520 de cinco cilindros arrefecido a água, com 7900 cm³ de cilindrada. Pode atingir os 80 Km/h em estrada tendo uma potência máxima de 125 cv (cavalos vapor) a 2100 r.p.m. (rotações por minuto). Usa combustível policarburante e tem um depósito com capacidade para 200 litros, com uma média de consumo em estrada da ordem dos 28 litros, o que lhe permite ter uma autonomia de 800 km. Dispõe de uma caixa de velocidades com seis mudanças para a frente e uma para trás e de uma caixa de transferência com duas velocidades, o que permite doze mudanças para a frente e duas para trás. O seu peso em vazio é de 8370 kg e, completamente carregada, é de 12370 kg. As suas



Berliet-Tramagal GBC 8 KT da Escola Prática de Artilharia (Coleção do autor).

Berliet 6x6 - Type GBC 8 MK - Gazelle, de fabrico francês.



dimensões são as seguintes: comprimento total - 7,28 m; largura total - 2,4 m; altura total com capota - 3,3 m.

Estas viaturas foram largamente utilizadas durante o período das guerras em Angola, Guiné e Moçambique até 1974 e foram distribuídas a todas as Unidades do continente e ilhas. Foram igualmente utilizadas na 1.^a Brigada Mista Independente desde a sua criação, em 1978, até há cerca de três anos, altura em que começaram a ser substituídas.

Além da caixa de carga normal foram também equipadas com outros tipos de caixas, tais como postos de comando, centrais de radar, guinchos e outros.

Actualmente, encontram-se praticamente todas retiradas do serviço activo. Em museu, não sabemos da existência de nenhum exemplar, pelo menos por enquanto.

Por JORGE FREITAS

Períodos Históricos - 3

Renascimento

Este termo designa na realidade uma comparticipação histórica para os Jogos de Guerra algo diferente daquela que o conceito convencionalmente abrange. Isto porque respeita uma certa evolução tecnológica e tática no campo da guerra ocorrida a partir do século XVI, mais do que uma concepção limitada por condicionamentos culturais que baptizou uma época (de limites também discutíveis) na Europa Ocidental.

Assim, verifica-se que a partir do século XVI o cavaleiro medieval deu lugar a um outro tipo de cavaleiro, com comportamento e sistema de valores diferentes. As funções deste novo cavaleiro na guerra já não eram primordialmente a demonstração da destreza e força individuais e a prestação de grandes feitos assentes naquelas qualidades. A esta mudança de atitude da elite militar (e social) não foi estranha a evolução tecnológica registada no período e, obviamente, o próprio repensar da arte da guerra tinha-se imposto. Também a era de Quinhentos viu desaparecer gradualmente (embora não de um modo generalizado) o lanceiro apeado e o arqueiro, surgindo o piqueiro e o arcabuzeiro. O século XVII trouxe desenvolvimentos tecnológicos no que concerne às armas de fogo, e o arcabuz cedeu o lugar ao mosquete e este, mais tarde, passou a empregar a pedreira. A artilharia, que no início do século XVI era pesada, lenta e pouco apropriada para uma guerra de movimento, viu no século seguinte o seu papel como arma de cerco ser complementado de modo a se tornar praticamente imprescindível a qualquer exército numa batalha campal.

Restringindo-nos ao jogo, este período caracteriza-se pela grande variedade e colorido das peças. O sistema de jogo não difere muito do que se disse para outras épocas já apresentadas: a escala de representação é geralmente de uma figura para vinte homens (alinhados, na realidade, em três fileiras), e o combate em massa exige o agrupamento das figuras em bases comuns, salvo para os casos em que



Decurso de um jogo na escala 1/300, integrado numa campanha situada em 1940, França. UM pouco fora do âmbito do período abordado este mês... mas com muitos atractivos para os jogadores. Maqueta e modelos do autor.

é necessário ter uma ou outra figura "solta"; isto porque as regras existentes impõem o registo de baixas por figura, e quando uma unidade atinge, por exemplo, trinta baixas, retira-se uma figura e regista-se o restante numa folha onde deverão constar os efectivos iniciais, ordens e moral. Ao contrário do que pode parecer aos leitores pouco habituados a este sistema, o procedimento referido não só não atrasa o decorrer do jogo como facilita aos jogadores o acompanhamento da situação das unidades, jogada após jogada, no que respeita a efectivos e moral.

O número de figuras sobre cada base depende da forma como os protótipos reais lutavam: em ordem aberta (como os escaramuceiros), ordem normal (infantaria que utilizava armas de fogo e que por isso necessitava de um certo espaço entre cada elemento para as disparar, ou cavalaria carregando a galope), ou ordem cerrada (infantaria com armas de combate próximo ou cavalaria carregando a trote ou em formação de "caracol" para disparar as suas armas de fogo). A investigação deverá sempre complementar as informações que os bons conjuntos de regras e listas de exércitos fornecem, neste como em qualquer outro período escolhido para tema dos Jogos de Guerra. Aliás, a pesquisa é um aliciante deste passatempo.

Quase todas as regras para este período (em inglês, como seria de esperar) abordam também outras variantes na constituição das forças: o treino, moral e grupos táticos (isto é, se determinadas tropas eram utilizadas para escaramu-

ças e operações de reconhecimento, se utilizavam principalmente armas de fogo ou se o seu emprego era primordialmente o combate próximo ou corpo-a-corpo). Os grupos táticos podem ser mistos, se as particularidades de um exército assim ditavam, o treino e moral são conjecturas que variam de exército para exército, de época para época, consoante os teatros de operações e circunstâncias particulares.

Só posso recomendar um conjunto de regras aos jogadores interessados: "Tér-cio", de Peter Harris, que já vai na 5.^a edição e é publicado por "Tabletop Games"; pode ser encontrado à venda em algumas (poucas) casas especialidade, em Lisboa. Para além das regras, o conjunto apresenta uma enorme lista de exércitos que começa no final do século XV e vai até ao final do século XVII. Os portugueses são contemplados, como seria natural, e o malogrado exército de D. Sebastião (e seus aliados) em Alcácer-Quibir é uma das alternativas oferecidas aos jogadores. Quanto a outros conjuntos de regras existentes, o ubíquo "Wargames Research Group" assina um, que não conheço mas que é muito utilizado em campeonatos deste período em Inglaterra.

Em conclusão: o "Renascimento" é um período com tantos aliciantes como a "Antiguidade" ou "Idade Média", com a vantagem, para o jogador português, da possibilidade de conduzir uma pesquisa mais acessível sobre determinadas acções (o exército de D. Sebastião, o período da Restauração, por exemplo).

AMAVE

AMARAL VEICULOS, LDA.



TELEFS. 55 11 15 - 55 18 85 - 55 19 50 - 1/2/3 — SERVIÇO NOCTURNO 55 17 18
TELEX 37029 - IVEGAL P — 3740 SEVER DO VOUGA



IVECO

COLECÇÕES DE POSTAIS

Uniformes Militares Portugueses

Brasões de Armas do Exército Português

Na sua missão de "promover a difusão dos conhecimentos e problemas militares" o "Jornal do Exército" tomou há já alguns anos a iniciativa de editar postais com reproduções de Uniformes Militares Portugueses e, mais recentemente, iniciou a edição de postais com reproduções dos Brasões de Armas actualmente em uso no Exército Português.

- A colecção de postais de uniformes é constituída por 252 exemplares (28 séries de 9) que reproduzem as aquarelas do Coronel Ribeiro Arthur existentes no Arquivo Histórico-Militar, as quais retratam a evolução do uniforme militar em Portugal desde meados do século XVIII até princípios do século XX.

- A colecção de postais de brasões de armas é, por ora, constituída apenas por 18 exemplares (2 séries de 9) onde figuram os brasões de armas do Exército, das Regiões e Zonas Militares, da 1.ª BMI, das Armas, de alguns Serviços e do nosso Jornal.

- Entretanto, o Museu Militar lançou recentemente a edição de 18 postais (2 séries de 9) que reproduzem aquarelas de Uniformes Militares Portugueses da primeira metade do século XX, da autoria do Mestre Alberto de Souza (plano de uniformes de 1911 e do CEP - Grande Guerra).

Estas três colecções encontram-se à disposição dos nossos estimados leitores pelos seguintes preços:

Cada série de 9 postais:

- Venda ao público 150\$00
- Preço especial para militares e assinantes . . 125\$00

Nos pedidos de envio pelo correio acresce mais a seguinte quantia para despesas com portes e embalagem: até 5 séries - 75\$00; até 10 séries - 125\$00; até 25 séries - 200\$00; até 50 séries - 300\$00.

Faça já a sua encomenda usando o boletim junto



À VENDA

NO
JORNAL
DO EXÉRCITO

— Solicito o envio das seguintes séries de postais (marcar com x as séries pretendidas)

- UNIFORMES MILITARES PORTUGUESES — colecção Cor Ribeiro Arthur
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16
 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

- BRASÕES DE ARMAS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS
 1 2

- UNIFORMES MILITARES PORTUGUESES — colecção Alberto Souza
 1 2

— Para pagamento da minha encomenda e dos respectivos portes junto a quantia de Esc. &

NOME

MORADA

CÓDIGO POSTAL LOCALIDADE

Nº DE ASSINANTE POSTO E UNIDADE

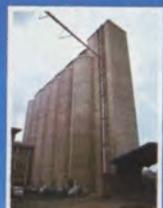
MANUTENÇÃO MILITAR



UMA VASTA ORGANIZAÇÃO
AO SERVIÇO DA DEFESA NACIONAL
DA INDÚSTRIA ALIMENTAR
E DA EXPORTAÇÃO



Rações de combate



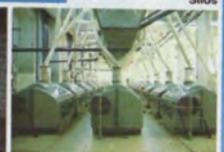
Silos



Laboratório



Bolachas



Moagem



Poeiras



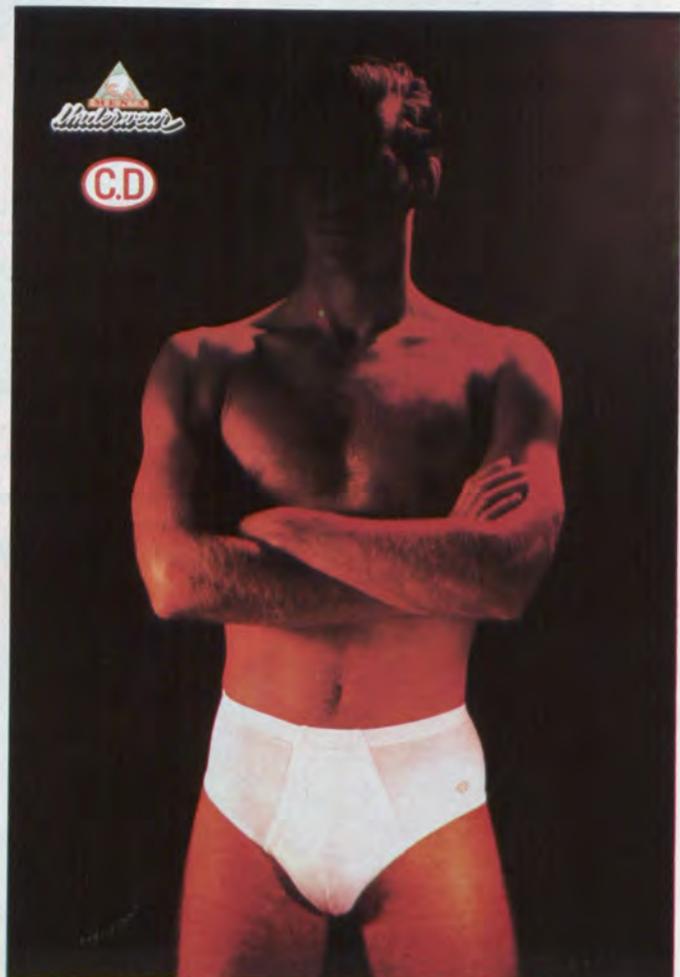
Panificação



Massas



Rua do Grilo - Apt. 8032 1801 LISBOA CODEX - Telefone 38 43 81 - TELEX 14015 MM SEDE P



Por RAIUGA

PALAVRAS CRUZADAS

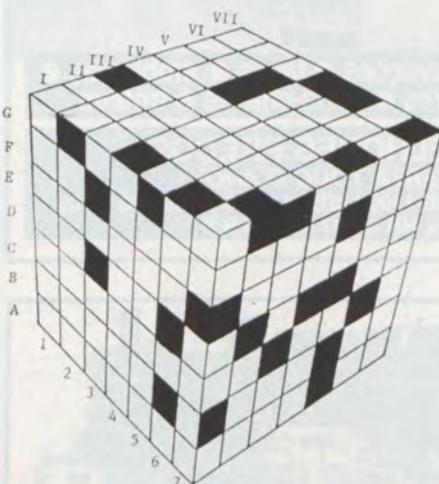
Problema n.º 6/90 - a prémio

1.ª Entrada (1, 2, 3...)

1 - Estavam; cidade da Argélia. 2 - Selecta; um dos tempos indeterminados da conjugação grega que indica acção pura e simples, sem ideia de duração. 3 - "Raiz"; ... (Olavo) - académico, poeta e jornalista brasileiro (1865-1918). 4 - Gomas; punas. 5 - Conjuntos de crianças turbulentas; combina. 6 - Cidade e porto da Finlândia; admiração (!). 7 - Saúba; ... (Eugénio de) - filósofo, romancista e crítico de arte espanhol, n. em 1882; símbolo químico.

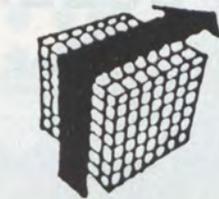
2.ª Entrada (A, B, C...)

A - Simbólico; nonos. B - Que não dá madeira; superfície plana de alguns objectos; nota. C - Pessoa mexeriqueira; agora. D - "Interioridade"; sem talento ou arte; símbolo químico; vós. E - Lago do Estado do Amazonas (Brasil); reproduzir na imaginação. F - Rota; filho de Saul, reinou dois anos e foi morto por Baana e Rochab (ver ERRATA inserida na Secção das SOLUÇÕES); divisa. G - Segundo (pl.); além disso; antiga unidade monetária.

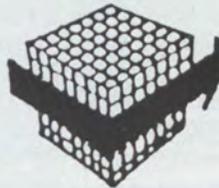


3.ª Entrada (I, II, III...)

I - Deixa de exercer; suas; "dó". II - Instrumento musical de palheta livre, precursor do harmónio; no caso de; paxá de Jánina (cerca de 1744-1822). III - Apresenta lacunas; duração sem fim; símbolo químico. IV - Amarelinho;



1.ª Entrada



2.ª Entrada



3.ª Entrada

"montanha". V - Círculos; "água rumorejante". VI - Símbolo químico; povoações indígenas de Angola; tratamento que se dá na China a certas pessoas. VII - Ós; Ervilhacas ou plantas afins.

Envie a solução para a Redacção do Jornal, indicando nome e morada e, se for militar, o posto, colocação ou situação e número mecanográfico. Os assinantes deverão indicar o respectivo número.

Haverá um prémio a sortear entre os totalistas.

Problema n.º 7/90 - aberto

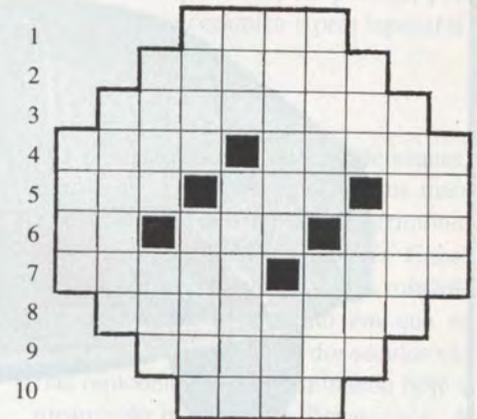
Horizontais

1 - Não saio. 2 - Cachopa. 3 - Arma de fogo parecida com a espingarda mas de comprimento menor e calibre inferior. 4 - Esmola; pessoa vítima da sua própria ambição. 5 - Aro; liga ferrocarbónica; luar. 6 - Consoante; "Mulher"; oceano. 7 - Mar; jeito. 8 - Deusa grega da caça, irmã de Apolo. 9 - Faz passar ao estado gasoso. 10 - Adicione.

Verticais

1 - Encantadora. 2 - Camarada. 3 - Banho; berne. 4 - Cidade de Portugal; barcos de recreio. 5 - Irritação; afirmo. 6 - Desejo; eu. 7 - Do ouvido ou a ele relativo; o mesmo que "diz". 8 - "Mulher"; alimentação. 9 - Esquadra. 10 - Metal nobre.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10



Charadismo

Charadas combinadas

- 1 - ____ + pa = comida
 ____ + chorra = paciência
 ____ + ma = senhora

Conceito: papeira

- 2 - ____ + lada = traição
 ____ + to = descendente
 ____ + no = juízo
 ____ + sa = lar

Conceito: teoria do movimento

- 3 - ____ + te = transporte
 ____ + ma = insiste
 ____ + to = pista

Conceito: Cancela de um cerrado (pl.)

Perguntas de Algibeira

1 - Onde faleceu o Infante D. Duarte, irmão de D. João IV?

2 - Qual é a extensão, em metros, de 1 milha marítima?

3 - Que nome dá a um período de 25 anos?

4 - Qual é o superlativo absoluto sintético irregular do adjectivo "pobre"?

5 - Como se designa o acto da saída do animal, do ovo ou do invólucro?

6 - Que nome têm os naturais ou habitantes da Idanha?

7 - Como se chama a graduação que acompanha instrumentos de medida?

8 - Que nome tem a pedra preciosa de cor verde característica?

9 - Que postos constituem o conjunto dos "Oficiais Superiores" do Exército?

10 - Em que data entrou em vigor o Tratado que criou a Comunidade Económica Europeia?

AGORA QUE O SOL APERTA... DÊ AO SEU CARRO A MELHOR COBERTA



As Capas «RR» para o seu automóvel dão-lhe total protecção e são fabricadas em tela plastificada por fora e cardada no interior o que as distingue.

UM EXCLUSIVO DE:

ESTABELECIMENTOS RODRIGUES & RODRIGUES, S. A. — R. Nova do Carvalho, 79

Telefone 37 22 21

NPR

A INFORMÁTICA É SIMPLES

NA VANGUARDA DE:

- VIDEOTEX
- FORMAÇÃO E ENSINO ASSISTIDOS POR COMPUTADOR
- SISTEMAS MULTIPOSTO E REDES
- ACESSÓRIOS PARA INFORMÁTICA

Representante e Concessionário:



LISBOA: R. Gregório Lopes, Lt-1732-Lj-AB - 1400 LISBOA
☎ +81 73 33 Fax 817332 Telex 85630 NPR P
PORTO: Av. P. António Vieira, 222,5º-E - 4300 PORTO
MARINHA GRANDE: R. Machado Santos, 24
2430 MARINHA GRANDE ☎ (044) 5 73 17

medalhas

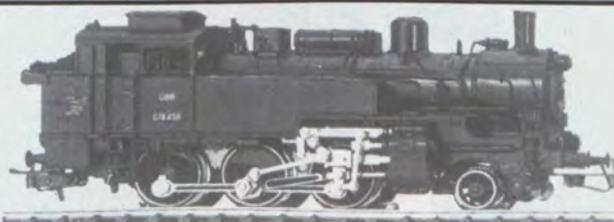


**ORÇAMENTOS
GRATIS**

medalhões • gravações • taças • emblemas •
artigos militares • porta-chaves • troféus

OS MELHORES PREÇOS
(ABERTA TODO O ANO)

R. Benfornoso, 136-1100 LISBOA ☎ 86 10 86 - 86 67 08
Telex NR 43127 MEDALS P



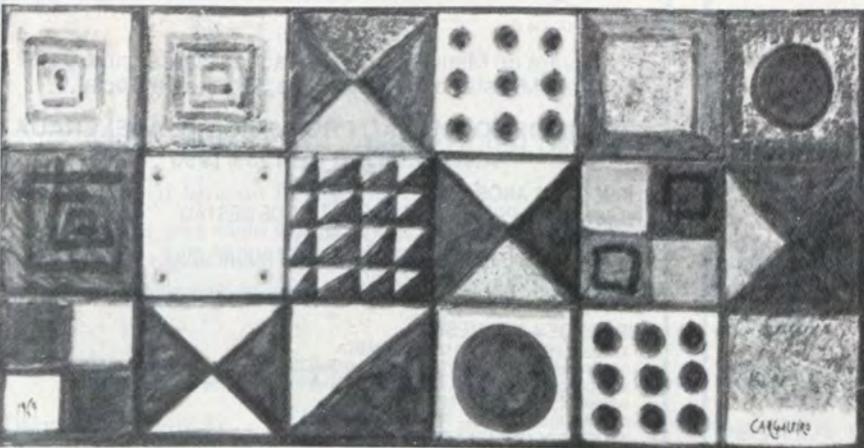
BIAGIO FLORA, LDA.

Rua do Ouro, 138 Telef. 346 06 91 1100 Lisboa

COMBOIOS ELÉCTRICOS BRINQUEDOS TÉCNICOS
PISTAS DE AUTOMÓVEIS JOGOS DIDÁCTICOS

AOS MELHORES PREÇOS

Por INÉS GALVÃO



Passatempo

1 - É dos artistas plásticos portugueses de maior projecção internacional. A sua vasta obra reparte-se pela pintura, pela gravura, pela cerâmica e pela tapeçaria. De quem falamos?

2 - Fundada por D. Afonso Henriques, esta igreja é um dos monumentos mais representativos do riquíssimo património de uma cidade do centro do País. Construída primitivamente em estilo românico, bem como o convento em que se integrava, sofreu ao longo dos séculos várias remodelações predominando hoje a mistura do manuelino e Renascença. A sua capela-mor acolhe os túmulos dos dois primeiros reis de Portugal. Como se chama esta igreja e em que cidade se ergue?

3 - Cidade antiquíssima do norte de Portugal, tem como característica mais identificativa a ponte romana sobre o rio Tâmega. Famosas são as suas águas termais, cujos poderes curativos levaram o Imperador Tito Flávio Vespasiano, no ano 78 da nossa era, a fundar uma povoação junto à respectiva nascente a que deu o nome de **Aquae Flaviae** e de que derivou o actual nome da cidade. É a cidade de...



4 - Estes dois desenhos apresentam 7 pequenas diferenças. Vamos descobri-las?





ESTABELECIMENTO FABRIL DO EXÉRCITO

- FÁBRICA DE FARDAMENTOS
- FÁBRICA DE CALÇADO
- FÁBRICA DE EQUIPAMENTOS
- FÁBRICA DE METALO-MECÂNICA

- CENTROS COMERCIAIS
Dimensionados às necessidades
da Família Militar

- CONTROLO DE QUALIDADE
Garantia de fabrico.
Análises tecnológias.

- DESIGN

SEDE — Campo de Sta. Clara — 1100 LISBOA
Telex: 42526 OFARDA P Tel. 863006-865950/9
SUCURSAL — Rua da Boavista, 230 — 4000 PORTO
Tel. 02 29751-02 24504
DELEGAÇÃO — Delegação da OGFE — 2330 EN-
TRONCAMENTO Tel. 049 66147



I.A.T.A.

INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO

FUNDADO EM 1966

Alvará do Ministério da Educação e credenciado
pelo Ministério do Emprego e Segurança Social

**CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ACELERADA
ANO LECTIVO DE 1989/1990**

CURSOS DE 3 ANOS

- TÉCNICO SUPERIOR DE INFORMÁTICA DE GESTÃO
- TÉCNICO SUPERIOR DE TOPOGRAFIA
- DESENHADOR PROJECTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
- SECRETARIADO DE DIRECÇÃO
- HOSPEDEIRAS RECEPCIONISTAS — ASSISTENTES DE RECEPÇÃO

CURSOS DE 4 A 20 MESES

- ANALISTA PROGRAMADOR DE INFORMÁTICA
- PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES — LINGUAGEM • COBOL • BASIC • RPG II • PASCAL • C.
- MICROPROCESSADORES — LOTUS 1-2-3 • DBASE III E IV
- ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS
- CONTABILIDADE GERAL — IRS/ IRC • FISCALIDADE
- INFORMÁTICA APLICADA À CONTABILIDADE
- CONTABILIDADE ANALÍTICA E GESTÃO ORÇAMENTAL
- GESTÃO DE PRODUÇÃO • GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS • GESTÃO FINANCEIRA
- GESTÃO COMERCIAL (MARKETING E TÉCNICA DE VENDAS)
- GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS • GESTÃO DE STOCKS
- CÁLCULO FINANCEIRO E ANÁLISE DE PROJECTOS DE INVESTIMENTO
- COMUNICAÇÃO: RELAÇÕES PÚBLICAS, PUBLICIDADE E JORNALISMO
- DECORAÇÃO E ARQUITECTURA DE INTERIORES • DESENHADOR DE MÁQUINAS
- MEDIDOR ORÇAMENTISTA DE CONSTRUÇÃO CIVIL

**PROFISSÃO • ACTUALIZAÇÃO • VALORIZAÇÃO •
ESTÁGIO E APOIO NO EMPREGO**

**ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA AS VAGAS
LIMITADAS AINDA EXISTENTES**

**CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS E PLANEAMENTO
INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO**

Rua Vitor Gordon, 45 — 1200 LISBOA — Telex. 371032 - 325577
Telex 43331 — Telefax 520887 — Informações das 9,30 às 19,30 ininterruptamente

**PAPELARIA
FERNANDES**

Oficinas de:

TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO
CARTONAGEM
SOBRESCRITOS
SACOS DE PAPEL

**LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS**

Secções Especializadas de:

MATERIAL PARA
DESENHO
TOPOGRAFIA
E IMPRESSOS PARA O EXÉRCITO

Coord SargMor NELSON FERREIRA

ADSE - TABELA DAS COMPARTICIPAÇÕES

D.R. n.º 265 - II Série de 17NOV89:

— As tabelas para efeito de processamento das comparticipações da ADSE, em regime livre, a partir de 01OUT89, encontram-se publicadas no D.R. supra, as quais poderão ser consultadas pelos interessados.

CRÉDITO ESPECIAL PARA JOVEM

Decreto-Lei n.º 419/89:

— Define um regime de crédito especial para cooperativas de construção e habitação cujos empreendimentos se destinam a jovens.

(D.R. n.º 276 - I Série de 30NOV89).

CONDIÇÃO MILITAR - BASES GERAIS DO ESTATUTO

Lei n.º 11/89 de 1 de Junho:

— A presente lei estabelece as bases gerais a que obedece o exercício dos direitos e o cumprimento dos deveres pelos militares dos quadros permanentes em qualquer situação e dos militares enquanto na efectividade de serviço e define os princípios orientadores das respectivas carreiras. (O.E. n.º 6 - 1ª Série de 30JUN89).

CORPO DE TROPAS PÁRA-QUEDISTAS

Decreto-Lei n.º 310/89 de 21 de Setembro:

— Os sargentos do quadro permanente especializados em pára-quedismo oriundos de praças e sargentos de complemento do Exército, da Armada ou da Força-Aérea e promovidos a sargentos do quadro permanente directamente para os quadros do Corpo de Tropas Pára-Quedista deixam, à data da promoção, de ser inscritos no quadro de sargentos da Arma de Infantaria e ingressam na categoria de pessoal militar permanente do Corpo de Tropas Pára-Quedistas, preenchendo as vagas existentes no quadro de sargentos. (D.R. n.º 218 - I Série de 21SET89).

DOCENTES DA EDUCAÇÃO - ESCALA INDICIÁRIA

Portaria n.º 1002-B/89:

— Fixa em 93.800\$00 o índice 100 da escala indiciária para a carreira docente da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário. (D.R. n.º 266 - I Série de 18NOV89).

DESPESAS DE REPRESENTAÇÃO

Despacho do Presidente da República de 17NOV89:

— O abono mensal para despesas de representação é fixado, com efeitos a partir de 01OUT89, nos seguintes termos:

- a) Chefes da Casa Civil, da Casa Militar e do Gabinete - montante igual ao legalmente fixado para Secretários do Estado;
- b) Assessores da Casa Civil e Militar 150.700\$00;
- c) Adjunto do Gabinete 120.400\$00;
- d) Ajudantes-de-Campo 120.400\$00;
- e) Secretários pessoais dos chefes das Casas Civil e Militar e Secretários do Gabinete 70.300\$00.

(D.R. n.º 278 - II Série de 04DEZ89).

ESCALAS SALARIAIS DOS DOCENTES UNIVERSITÁRIOS

Decreto-Lei n.º 408/89:

— Define o estatuto remuneratório do pessoal docente universitário, do pessoal docente do ensino superior politécnico e do pessoal de investigação científica. [D.R. n.º 266 - I Série de 18NOV89 (Suplemento)].

ESTATUTO REMUNERATÓRIO DO PESSOAL DOCENTE

Decreto-Lei n.º 409/89:

— Aprova a estrutura da carreira do pessoal docente da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário e estabelecer as normas relativas ao seu estatuto remuneratório. (D.R. n.º 266 - I Série de 18NOV89).

OBJECTORES DE CONSCIÊNCIA - CADERNETA CIVIL

Portaria n.º 1036/89:

— Aprova o modelo de caderneta civil de objector de consciência. Revoga os n.ºs 6.º, 7.º e 8.º da Portaria n.º 140/88 de 4 de Março. (D.R. n.º 275 - I Série de 29NOV89).

PENSÕES DOS REGIMES GERAL E ESPECIAL

Portaria n.º 1013/89:

— Actualiza as pensões de invalidez, velhice e sobrevivência dos regimes de Segurança Social. (D.R. n.º 269 - I Série de 22NOV89).

RENDAS DE CASA - SUBSÍDIO PARA 1990

Portaria n.º 1012/89:

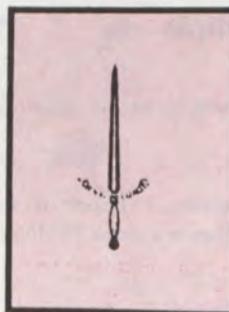
— Fixa as tabelas do subsídio de renda de casa e de renda limite para vigorarem durante o ano civil de 1990. (D.R. n.º 269 - I Série de 22NOV89).

RENDAS NOS CONTRATOS NÃO HABITACIONAIS ACTUALIZAÇÃO

Portaria n.º 965-D/89:

— Determina o coeficiente de actualização das rendas nos contratos de arrendamento não habitacionais para vigorar durante o ano civil de 1990. (D.R. n.º 251 - I Série de 31OUT89 - 3.º Suplemento).

ENCADERNAÇÕES



Caro assinante

Aceitamos colecções do JE para encadernar, com pagamento antecipado.

Preço por cada encadernação completa, com capa em percalina e gravação do ano e número respectivos a dourado: 1.250\$00 (+ 200\$00 nos pedidos de envio pelo correio, por cada volume).

Temos, também, capas soltas, mas sem indicação do ano, ao preço de 750\$00 cada (+ 125\$00 nos pedidos de envio pelo correio, por cada capa).

MEDALHA COMEMORATIVA DO 30.º ANIVERSÁRIO DO JORNAL DO EXÉRCITO

30 anos de publicação ininterrupta é já um marco significativo na vida de um jornal. E mais importante se torna quando essa idade faz do "Jornal do Exército" uma das publicações mais antigas da actual imprensa militar e o torna um prestigioso e prestigiante referencial dentro do Exército.

A assinalar tão importante efeméride foi mandada cunhar uma medalha em cujo anverso figura o brasão de armas deste Jornal e, no reverso, o motivo principal da sua primeira capa (Janeiro de 1960) - um cabo corneteiro de Infantaria anunciando o nascimento do "Jornal do Exército" - e as inscrições "JANEIRO 1960" e "JANEIRO 1990".

Foi feita uma cunhagem de 500 exemplares, todos numerados. Parte desta edição é agora posta à disposição dos nossos assinantes e leitores.

Características: medalha em bronze com 80 mm de diâmetro e com numeração de 1 a 500.

Preço unitário: 1.300\$00 nas aquisições directas na sede do Jornal (+ 240\$00 para despesas de embalagem e portes nos pedidos de envio pelos CTT).



BOLETIM DE ENCOMENDA

- Solicito o envio de medalhas comemorativas do 30.º aniversário do Jornal do Exército.

- Para pagamento da minha encomenda e dos respectivos portes, junto a quantia de Esc. _____ \$ _____ em cheque vale de correio

NOME _____

MORADA _____

CÓDIGO POSTAL _____ LOCALIDADE _____

CASA BUTTULLER

— Miguel Buttuller, Lda. —

37 — Rua Barros Queirós — 39
1100 LISBOA — Telef. 36 93 50



ESPECIALIZADA EM:

Todos os artigos militares para as Forças Armadas e Militarizadas, assim como:

Bonés, Fardas militares e civis, Botões, cordões, Dragonas, Galões, Divisas, Charlateiras, Camisas, Emblemas, em metal, Bordados, Plásticos e em alumínio anodizado.

Condecorações, Espadas, Cintos e Fiadores, Bandeiras, Estandartes, Galhardetes, Guiões, Varões e Hastes.

Taças, Medalhas e Troféus, etc.



PRIMEIRA CASA DAS BANDEIRAS

ANTÓNIO CARDOSO

Sucessora
MARGARIDA CARDOSO
DA COSTA, LDA.

Rua dos Correios, 149/151 Telef. 37 10 75
1100 LISBOA Tel. 32 74 82 • 37 10 75

Execução rápida e perfeita de:

BANDEIRAS — ESTANDARTES — FLÂMULAS
E GUIÕES

Emblemas esmaltados — Medalhas — Emblemas impressos
em plástico e alumínio fotoanodizado — Varas de madeira e
metal — Taças — Gravuras — Carimbos e gravações em
plástico e metal, e outros

SOLUÇÕES DO RECREIO

Da Presente Edição

Cruzadismo - Problema nº 7/90

Fico, garota, carabina, bodo, ícaro, elo, aço, mu, lê, isa, mar, águas, dedo, Artemisa, aeriza, some.

Perguntas de Algebeira

1 - Em Milão. 2 - 1852. 3 - Quartel. 4 - Paupérrimo. 5 - Ecloração. 6 - Egita-niense. 7 - Escala. 8 - Esmeralda. 9 - Major, Tenente-Coronel e Coronel. 10 - 1/1/1958.

Charadismo

1 - Papada. 2 - Cinética. 3 - Porteiras.

De Edições Anteriores

Dado o atraso da vinda a lume destas edições, não se publicam soluções, dispondo os concorrentes de mais um mês para o envio das mesmas.

ERRATA - A 3.ª sílaba do nome pedido em F/2.º da 2.ª Entrada do Problema nº 6/90 desta edição, tem apenas um s. Na solução deve, porém, considerar-se que tal sílaba tem dois ss.

Trata-se de um lapso de que aqui se apresentam as desculpas que são devidas.

SOLUÇÕES DO PASSATEMPO

- 1 - Manuel CARGALEIRO.
- 2 - É a igreja do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.
- 3 - É a cidade de Chaves.
- 4 - Ervas; peito da camisola do homem a correr; espingarda; nuvens; traços no chão; botas do soldado; neve no monte do fundo.

Pelo TCor Art.º HENRIQUE MAURÍCIO

A AVALIAÇÃO NO EXÉRCITO BRASILEIRO

1. DOCUMENTO OFICIAL

MANUAL DE CAMPANHA C 20-20, TREINAMENTO FÍSICO MILITAR DO MINISTÉRIO DO EXÉRCITO - ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO - EDIÇÃO DE 1980.

2. CONTROLOS A EFECTUAR E A SUA FINALIDADE.

O Treino Físico Militar é controlado e avaliado através dos:

- CONTROLO MÉDICO-FISIOLÓGICO

- TESTE DE APTIDÃO ATLÉTICA (TAA)

- TESTE DE APTIDÃO FÍSICA (TAF)

— O **CONTROLO MÉDICO-FISIOLÓGICO** subdivide-se em **controlo imediato** destinado a “avaliar a adequabilidade do treino à capacidade física dos executantes”, e o **controlo tardio**, efectuado a médio prazo com o objectivo de “avaliar as modificações fisiológicas no organismo dos praticantes”.

— O **TESTE DE APTIDÃO ATLÉTICA (TAA)** tem como objectivo “fornecer dados básicos indispensáveis para a composição das equipas representativas das subunidades e classificar os combatentes conforme o seu valor utilitário”.

— O **TESTE DE APTIDÃO FÍSICA (TAF)** destina-se a “avaliar o estado de aptidão física do combatente”.

— Simultaneamente, todo o pessoal é sujeito anualmente a um **EXAME MÉDICO-SANITÁRIO** destinado a verificar “o estado de higidez orgânica e as limitações para a prática do treino físico militar”.

3. ASPECTOS LIGADOS À ORGANIZAÇÃO DOS CONTROLOS

3.1. CONTROLO MÉDICO-FISIOLÓGICO

Os parâmetros a serem controlados são:

— No controlo imediato

- FREQUÊNCIA CARDÍACA DE REPOUSO

- FREQUÊNCIA CARDÍACA DE ESFORÇO SUBMÁXIMO (FCES)

(Frequência ideal a ser atingida durante a realização do esforço físico, determinada pela tabela de BRUCE)



TESTE COOPER (EVENTUALMENTE)

- FREQUÊNCIA CARDÍACA DE RECUPERAÇÃO, tomada 6' após o esforço, e cujo valor normal deve oscilar entre 20% e 30% da Frequência Cardíaca de Repouso.

Pretende-se, assim, determinar a correlação entre a quantidade de trabalho realizado e a frequência cardíaca atingida durante a sua realização.

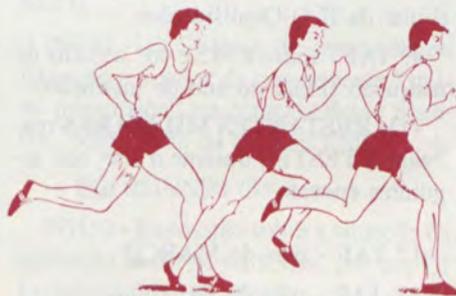
— No controlo tardio

- FREQUÊNCIA CARDÍACA DE REPOUSO

Ela é tanto mais baixa quanto melhor for a condição física do indivíduo.

- PESO CORPORAL E ALTURA (ESTATURA)

O seu aumento graças ao aumento de volume muscular traduz a eficiência do treino, mas, ao invés, esse aumento conseguido à custa do aumento de tecido adiposo demonstra a insuficiência do treino físico face ao porte energético (alimentação).



CORRIDA de 400 m

- MEDIDA DA CAPACIDADE TORÁCICA

As **pesagens** são realizadas **para todos os militares** durante o **EXAME MÉDICO-SANITÁRIO** e para o contingente incorporado anualmente, no início do período de Instrução e no final do mesmo período de Instrução.

- A **tomada de altura** é feita na 1.ª e 20.ª semanas

- A **medida da capacidade torácica** é feita, sempre que possível, por ocasião das tomadas de peso e altura.

3.2. TESTE DE APTIDÃO ATLÉTICA (TAA)

- Conjunto de provas agrupadas como segue:

GRUPO I - 100 m; Lançamento do peso e salto em altura.

GRUPO II - Salto em comprimento; lançamento de granada e 400 m

GRUPO III - Natação; (eventualmente, um teste de corrida).



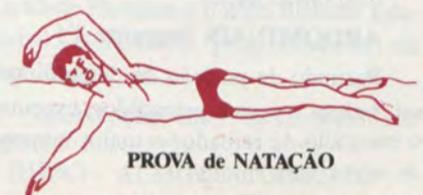
LANÇAMENTO de PESO



SALTO em ALTURA



SALTO em COMPRIMENTO



PROVA de NATAÇÃO

- A realização do teste é feita no âmbito das subunidades e durante 3 dias consecutivos.

- Para o teste e selecção dos corredores de fundo é tido em conta o resultado da prova de corrida (teste cooper) do teste de Aptidão Física. No caso de haver necessidade de uma selecção antes do TAF, o mesmo teste de corrida deve ser incluído e aplicado no GRUPO III.



CORRIDA de 100 m



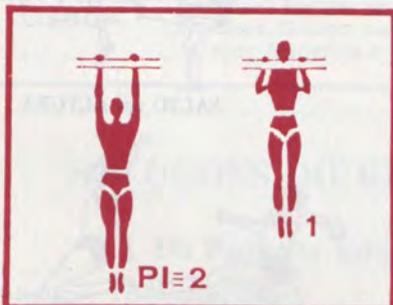
LANÇAMENTO de GRANADA

3.3. TESTE DE APTIDÃO FÍSICA (TAF)

— Provas que o constituem

- FLEXÕES DE BRAÇOS NA BARRA

- Barra com 2,8 m de alt. e 0,4 cm de diâmetro;



FLEXÕES de BRAÇOS na BARRA

- Suspensão facial
- ABDOMINAIS (durante 1')
- Partindo da posição de deitado dorsal, braços e pernas estendidos, executar o exercício de remador o maior número de vezes num minuto.



ABDOMINAIS



EXTENSÃO de BRAÇOS

- EXTENSÃO DE BRAÇOS EM QUEDA FACIAL

- Executar o maior número de repetições sem interrupções.

- TESTE DE COOPER (12)

- Correr a maior distância em 12'.

- MODALIDADES DE APLICAÇÃO

- O TAF, para os conscritos, é constituído pelas 4 provas referidas, realizadas em dois dias consecutivos:

1º DIA: Flexões na Barra e ABDOMINAIS

2º DIA: Extensões de Braços e Teste Cooper

- O TAF, para os RESTANTES MILITARES, é constituído apenas por 3 provas igualmente realizadas em dois dias consecutivos:

1º DIA: FLEXÕES NA BARRA (até aos 39 anos inclusive)

EXTENSÕES DE BRAÇOS

(a partir dos 40 anos)

ABDOMINAIS

2º DIA: TESTE COOPER

- PERIODICIDADE DE APLICAÇÃO

- Os CONSCRITOS durante o ano de instrução realizam 4 TESTES:

1º TAF - Na 4ª semana de instrução;

2º TAF - Entre a 12ª e 14ª semanas de instrução

3º TAF - Na 22ª semana de instrução (Final da II Q-Qualificação)

4ª TAF - Entre a 38ª e 40ª semana de instrução (Final do ano de instrução).

- Os RESTANTES MILITARES realizam 3 TESTES durante o ano, nas seguintes épocas:

1º TAF - mês de MARÇO

2º TAF - mês de JULHO

3º TAF - mês de NOVEMBRO

- PONTUAÇÕES

- A cada prova, de acordo com o resultado alcançado, são atribuídos pontos de acordo com uma tabela de Pontuação que tem em conta o escalão etário dos executantes.

- O somatório da pontuação obtida nas 4 provas para os conscritos, nas três provas para os demais militares, permite classificações numa das seguintes categorias:

- Até 150 pontos - I (INSUFICIENTE)

- 151 - 200 pontos - R (REGULAR)

- 201 - 260 pontos - B (BOM)

- 261 - 299 pontos - MB (MUITO BOM)

- 299 - 300 pontos - E (EXCEPCIONAL)



TESTE COOPER

- Os militares do activo classificados nas categorias de I (INSUFICIENTE) ou R (REGULAR), em qualquer TAF devem seguir um programa de treino físico individualizado, sob a coordenação do Oficial de Treino Físico da Unidade.

- Os resultados do TAF são lançados numa ficha individual (Ficha de Aptidão Física).

- Aos militares que atinjam a pontuação da MB (MUITO BOM) é atribuída uma insígnia e diploma; aos que atinjam a pontuação máxima (300 pts.) é igualmente atribuído um diploma específico.

3.4. EXAME MÉDICO-SANITÁRIO

- Trata-se de um exame bastante completo, constituído por:

- EXAME BÁSICO - obrigatório para todos os militares.

- EXAMES COMPLEMENTARES - obrigatórios para todos os militares, que revelem insuficiências no exame básico.

- EXAMES COMPLEMENTARES ESPECÍFICOS - obrigatórios para todos os praticantes de treino físico.

Coord. TCor Art.º HENRIQUE MAURÍCIO

IX SEMANA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO

A Direcção de Educação Física do Exército (DSEFE) vai levar a efeito no período de 04 a 08 de Junho próximo, no Aquartelamento do Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desportos (CMEFED), em Mafra, a "IX Semana de Educação Física do Exército", a qual, nas suas edições anteriores se tem caracterizado, fundamentalmente, pela discussão de um "tema nuclear" do âmbito da Educação Física e Desportos com interesse para o Exército, e pela participação de Entidades civis e de outros Ramos das Forças Armadas, com contributos vários para a actualização de conceitos relacionados com os temas em análise.

A edição deste ano tem como objectivo fundamental fazer um ponto de situação actual sobre a Educação Física Militar (EFM) nomeadamente da Instrução a nível dos RM/ZM/Brigadas, para se tirarem ilações que, certamente, se revestirão de muito interesse para o futuro da EFM.

Com vista à divulgação junto de todos os que se interessam pela Educação Física e Desportos e, em especial pelos especialistas de EFM, aqui se apresentam as linhas gerais pelas quais se vai orientar a organização de tão importante certame:

OBJECTIVO ESSENCIAL

"Levantamento da situação actual da EFM nas diversas RM/ZM/Brigadas, em todas as suas vertentes: organização; comando e direcção; pessoal interveniente a todos os níveis da instrução; técnicas e métodos empregues no Treino Físico (TF); infra-estruturas, material e equipamento; acidentes no TF e desportivo e sua prevenção; programas de instrução, seu cumprimento integral ou dificuldades que se deparam para o efeito; campeonatos desportivos militares; sistemas de avaliação dos resultados; controlo médico-fisiológico; função inspectiva da instrução/EFM."

PARTICIPANTES

Presença Obrigatória:

— Oficiais de EFM das RM/ZM/Brig;

— Especialistas de EFM das RM/ZM/Brig, designados pelos respectivos Cmds, para apresentarem a situação da sua RM/ZM/Brig conforme se define na alínea a) anterior;

— Oficiais delegados das 1.ª Rep, 6.ª Rep e DSP/EME;

— Oficiais da DSEDE e DEEF/CMEFED.

Presença Facultativa:

— Oficiais e Sargentos do QP especializados e no desempenho de funções directa ou indirectamente ligadas à instrução de EFM.



Quantitativo máximo de participantes:

— 50 (cinquenta).

PROGRAMA

— Dia 04JUN90 (2.ª feira)

09H30 - Recepção dos participantes pelo Cmd/CMEFED;

11H00 - Prática Gimnodesportiva;

14H00 - SESSÃO DE ABERTURA:

- Introdução à IX SEMANA EFE pelo Cmdt do CMEFED;

- Balanço das Actividades de EFM desenvolvidas em 1989 e Objectivos da presente SEMANA EFE pelo Director SEFE.

15H30 - O Sistema de Instrução no Exército e o valor da componente "treino psicofísico" no contexto desse Sistema, pelo Chefe da 6.ª Rep/EME.

— Dia 05JUN90 (3.ª feira)

09H30 - Exposição sobre a situação da instrução de EFM na RMN, por um Of Especialista da Região.

11H00 - Prática Gimnodesportiva.

14H00 - Exposição sobre a situação da instrução de EFM na RMC, por um Of Especialista da Região.

15H30 - Exposição sobre a situação da instrução de EFM na 1.ª BMI, por um Of Especialista da Brigada.

— Dia 06JUN90 (4.ª feira)

09H30 - Exposição sobre a situação da instrução de EFM na RML, por um Of Especialista da Região.

11H00 - Prática Gimnodesportiva.

14H00 - O Sistema de alimentação e distribuição dos quadros (QP e QC) especializados ou a especializar em EFM, pelo Chefe da 1.ª Rep/EME.

15H30 - Exposição sobre a situação da instrução de EFM na RMS, por um Of Especialista da Região.

— Dia 07JUN90 (5.ª feira)

09H30 - Exposição sobre a situação da instrução de EFM na ZMA, por um Of Especialista da Zona Militar.

10H15 - Exposição sobre a situação da instrução de EFM na ZMM, por um Of Especialista da Zona Militar.

11H00 - Prática Gimnodesportiva.

14H00 - Exposição sobre a situação da instrução de EFM nas Unidades / FEspecciais, por um Of Especialista da Brigada.

15H30 - Debate final e apuramento das Conclusões (DEEF/CMEFED).

— Dia 08JUN90 (6.ª feira)

09H30 - Análise do documento com as "Conclusões Finais".

11H00 - SESSÃO DE ENCERRAMENTO DA IX SEMANA EFE:

- Leitura das "Conclusões Finais" sobre o levantamento da situação da EFM no Exército, pelo DEEF/CMEFED.

- Palestra sobre: "A Faculdade de Motricidade Humana e o novo Sistema Educativo Nacional", pelo Director da Faculdade.

- Intervenção final do Director do SEFE.

13H00 - ALMOÇO-CONVÍVIO.

Agenda

MAIO

DIA	SOL (a) (b)		LUA (a) (b)		Fase	MARÉS (a)				EFEMÉRIDES
	Nasc.	Ocaso	Nasc.	Ocaso		Preiamar	Baixamar			
01. 3.ª f.	05.39	19.28	11.32	01.25	Q.C.	08.05	20.30	01.28	13.43	1647 - Nasce em Lisboa S. João de Brito, apóstolo do Oriente
02. 4.ª f.	05.38	19.29	12.39	01.58		09.21	21.47	02.57	15.13	1890 - Regulamento provisório da Escola Prática de Cavalaria
03. 5.ª f.	05.37	19.30	13.44	02.26		10.36	22.59	04.19	16.32	1878 - Mandada organizar a Escola de Serviço de Torpedos
04. 6.ª f.	05.36	19.31	14.45	02.51		11.38	23.58	05.21	17.31	1705 - O Marquês das Minas toma ao inimigo Salvaterra do Extremo
05. Sáb.	05.35	19.32	15.45	03.14		-	12.28	06.07	18.17	1811 - Massena é derrotado na batalha de Fuentes de Onôro (Guerra Peninsular)
06. Dom.	05.34	19.33	16.44	03.36	L.C.	00.47	13.10	06.43	18.54	1385 - Os Castelhanos são vencidos no Combate de Trancoso
07. 2.ª f.	05.33	19.34	17.45	03.59		01.28	13.48	07.14	19.28	1908 - Os crimes políticos de 28 de Janeiro são amnistiados
08. 3.ª f.	05.32	19.35	18.45	04.23		02.06	14.24	07.44	20.01	1444 - Gonçalo Velho descobre a Ilha de S. Miguel (Açores)
09. 4.ª f.	05.31	19.36	19.45	04.52		02.43	14.59	08.15	20.33	1386 - Tratado de Windsor entre Portugal e Inglaterra
10. 5.ª f.	05.30	19.37	20.44	05.25		03.19	15.33	08.46	21.06	1834 - As forças liberais ocupam a cidade de Aveiro
11. 6.ª f.	05.29	19.38	21.41	06.03		03.53	16.08	09.18	21.40	1811 - As tropas anglo-lusas terminam o 2.º bloqueio à praça de Almeida
12. Sáb.	05.28	19.39	22.34	04.28		04.28	16.41	09.51	22.16	1886 - Convenção entre Portugal e a França sobre os limites da Guiné
13. Dom.	05.27	19.40	23.21	07.40	Q.M.	05.03	17.15	10.25	22.53	1896 - Nova reforma da "Escola do Exército"
14. 2.ª f.	05.26	19.41	*	08.39		05.39	17.52	11.03	23.36	1846 - Adesão do Minho à revolta de Maria da Fonte
15. 3.ª f.	05.25	19.42	00.01	09.41		06.20	18.33	11.47	-	1815 - Mandada organizar a expedição de "Voluntários Reais D'El-rei" ao Brasil
16. 4.ª f.	05.24	19.43	00.36	10.46		07.08	19.24	00.26	12.40	1828 - Revolta Militar no Porto restaurando o regime da Carta Constitucional
17. 5.ª f.	05.23	19.44	01.06	11.51		08.07	20.27	01.27	13.48	1906 - Forma-se o Ministério de João Franco
18. 6.ª f.	05.22	19.45	01.33	12.58		09.16	21.37	02.38	15.05	1828 - Aclamação de D. Miguel I na Ilha Terceira
19. Sáb.	05.21	19.46	01.59	14.05		10.25	22.46	03.50	16.17	1837 - O Reg. Inf. n.º 3 passa a denominar-se Bat. Inf. n.º 19
20. Dom.	05.20	19.47	02.25	15.16	L.N.	11.27	23.47	08.52	17.19	1449 - Recontro de Alfarrobeira
21. 2.ª f.	05.20	19.47	02.53	16.29		-	12.22	05.47	18.13	1874 - O Infante D. Augusto é nomeado general de Divisão honorário do Exército
22. 3.ª f.	05.19	19.48	03.24	17.47		00.44	13.14	06.38	19.04	1501 - De regresso da Índia a armada de Pedro Álvares Cabral passa o Cabo da Boa Esperança
23. 4.ª f.	05.18	19.49	04.01	19.05		01.38	14.05	07.26	19.53	1907 - Decretada a "Reorganização Administrativa de Moçambique"
24. 5.ª f.	05.18	19.50	04.46	20.24		02.31	14.54	08.12	20.41	1848 - Criado o Batalhão Nacional de Caçadores de Vila da Feira
25. 6.ª f.	05.17	19.50	05.43	21.34		03.22	15.43	08.58	21.30	1773 - Abolição da distinção entre Cristãos Velhos e Cristãos Novos
26. Sáb.	05.17	19.51	06.49	22.32		04.13	16.32	09.44	22.19	1834 - Convenção de Évora - Monte que terminou com a guerra civil (Lutas Liberais)
27. Dom.	05.16	19.52	08.02	23.20		05.03	17.21	10.32	23.11	1828 - Decreto aprovando o novo "Plano de Organização do Estado-Maior do Infante Regente"
28. 2.ª f.	05.15	19.53	09.15	23.57		05.54	18.11	11.21	-	1847 - As baterias do Conde de Vinhais bombardeiam Setúbal
29. 3.ª f.	05.15	19.53	10.26	*		06.46	19.04	00.07	12.15	1357 - Aclamação de D. Pedro I, 8.º rei de Portugal
30. 4.ª f.	05.14	19.54	11.34	00.28		07.41	20.01	01.09	13.17	1864 - Revolta militar em Timor
31. 5.ª f.	05.14	19.55	12.38	00.54		08.41	21.04	02.18	14.28	1896 - Embarca para Lourenço Marques um contingente expedicionário

(a) Os dados referem-se a Lisboa e respeitam à hora solar.

(b) Bordo superior.

DIAS FESTIVOS

- | | |
|---|--|
| 03. Guarda Nacional Republicana | 25. Instituto Militar dos Pupilos do Exército |
| 04. Regimento de Engenharia de Espinho | Casa de Reclusão da Região Militar do Centro |
| 11. Regimento de Infantaria de Beja | 26. Batalhão do Serviço de Saúde |
| 12. Regimento de Artilharia da Serra do Pilar | 29. Vicariato Castrense das Forças Armadas |
| 19. Regimento de Infantaria de Tomar | 30. Quartel-General da Zona Militar da Madeira |
| 21. Instituto de Altos Estudos Militares | |

ospatiale
aerospatiale
aerospatiale
aerospatiale
aerospatiale
ospati

ENGENHOS TÁCTICOS

ERYX - Nova arma anticarro de Infantaria para curtas distâncias



Eficácia contra todas as blindagens modernas • **Perfuração** 900mm de aço homogêneo • **Alcance** 600 metros • **Precisão** Alta probabilidade entre os 50 e 600 metros • **Peso**—Posto de tiró 4,8 kgs—Munição 11 kgs.

ARMA DE DEFESA IDEAL PARA ZONAS URBANAS, PODENDO FAZER FOGO EM ZONAS CONFINADAS DADO NÃO TER EFEITOS PARA A RETAGUARDA

REPRESENTANTES
EXCLUSIVOS



MONTAGREX — OPTAGREX

Sociedade Portuguesa de Importações e Exportações, Lda.

Av. Óscar Monteiro Torres, 20 - 2º H
1000 LISBOA (Portugal)
Telex: 15397 Agrex P
Telefs. 76 61 12 - 76 77 34
Telefax 77 56 33



BRASÃO DE ARMAS DO COLÉGIO MILITAR

- Escudo de verde, um zimbório sustendo uma Cruz de Cristo ambos de prata, acompanhado em chefe de duas lucernas de ouro acesas de vermelho perfilado de ouro, a da dextra voltada.
- Elmo militar, de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra.
- Correia de vermelho perfilada de ouro.
- Paquife e virol de verde e de prata.
- Timbre: um leão rompante saínte de ouro, segurando na garra dianteira dextra uma espada em pala e, na sinistra, um livro aberto do mesmo.
- Condecorações: circundando o escudo o colar de Cavaleiro da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.
- Divisa: num listel de branco, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir. «UM POR TODOS, TODOS POR UM».
- Grito de guerra: num listel de prata, ondulado, sobreposto ao timbre, em letras negras, maiúsculas, de estilo elzevir «ZACATRAZ».

Simbologia e alusão das peças:

— O ZIMBÓRIO representa o edifício principal das instalações do Colégio, monumentalmente definido pelos claustros, como base e por aquele como remate condigno da cobertura da capela.

É ainda como cúpula, remate de obra educativa portuguesa, com a sua CRUZ DE CRISTO plena de simbolismo de fé e de patriótico portuguesismo.

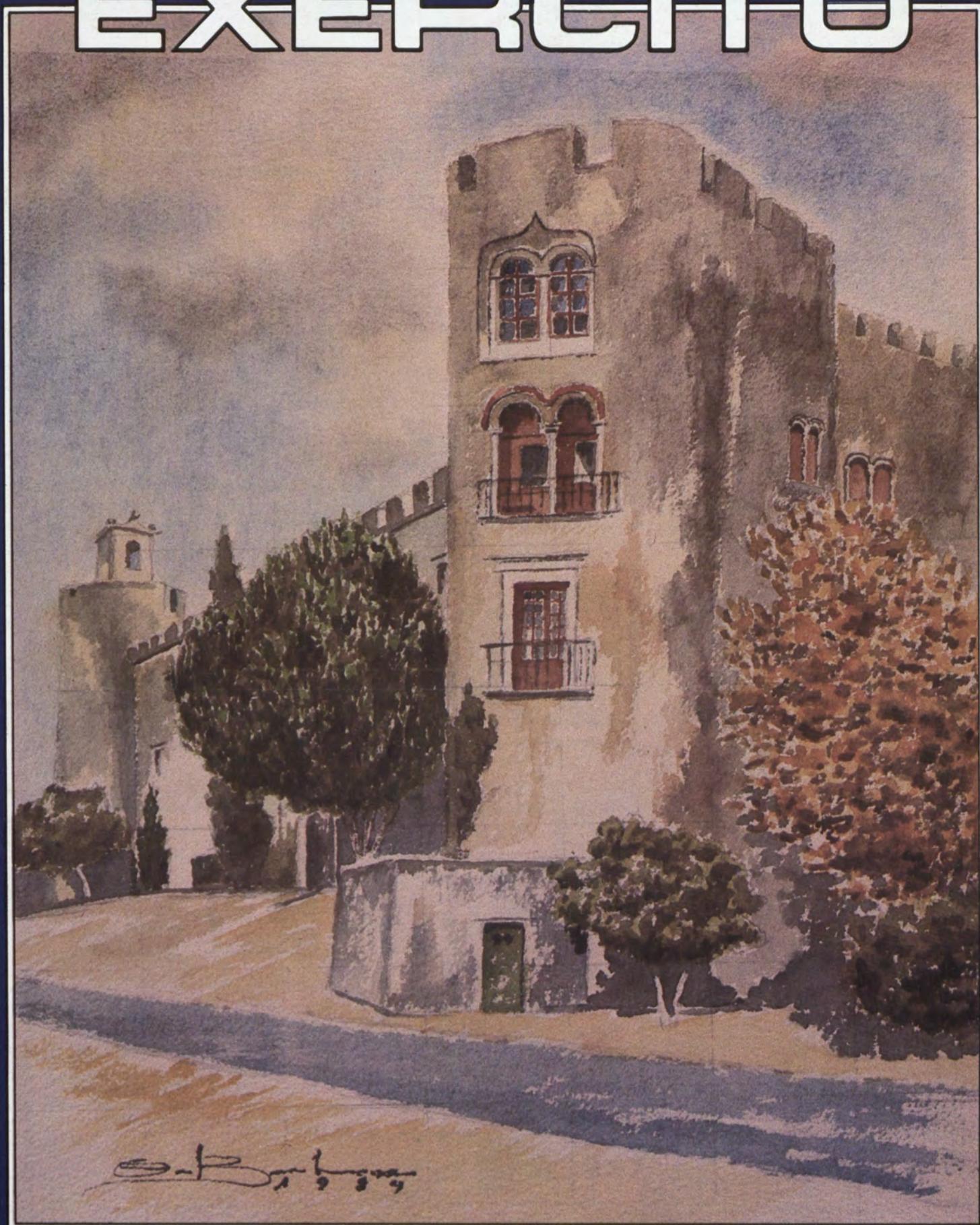
— É, por último, um dos símbolos de um antigo arrabalde de Lisboa conhecido pela Luz, onde o Colégio Militar se instalou desde 1813, o que deu origem à designação popular e prestigiosa de «Meninos da Luz» para referenciar os seus alunos.

— As LUCERNAS são o símbolo da luz do espírito, da fé viva e da força da sabedoria, alicerces da juventude em formação educativa.

A figura do LEÃO justifica a raiz histórica do Colégio, que nasceu por iniciativa de um oficial do Exército e desde logo foi tutelado oficialmente pelo Exército e pelo Rei ao passar a chamar-se Real Colégio Militar (1813).

Jornal
do

EXÉRCITO



Pelo cap. VASCO MOURA

Filatelia Militar

Os hidroaviões foram o tema escolhido pelos Correios de Macau para integrar a série dedicada aos Meios de Transporte Tradicionais. Esta emissão é constituída por quatro selos que têm as taxas de 50 e 70 avos, 2, 80 e 4 patacas. Foi também emitido um bloco filatélico contendo um selo de 7,5 patacas e todos os desenhos reproduzem os hidroaviões voando sobre Macau.

Só no princípio deste século se conseguiu voar num avião, pois só nessa altura se soube construir um motor que permitisse ao avião elevar-se no espaço. Mas é com a I Guerra Mundial que a aviação começa a demonstrar as suas potencialidades.

A pagela dos CTT de Macau edita um texto onde se pode verificar a evolução da aviação em Portugal, onde "em 1914 se começa por criar a Escola de Aviação Militar, em Vila Nova da Rainha e em 1916 cria-se o Centro de Aviação Naval de Lisboa. Só entre as duas guerras mundiais se começa a desenvolver a aviação civil. Não é pois de estranhar que os primeiros aviões que voaram em Macau fossem militares e, dadas as características do território, aviões da Aviação Naval. Esta chega a Macau em 1927, fundando-se o Centro de Aviação Naval de Macau, equipado com três aviões Fairey, os N.ºs 17, 19 e 20. O Fairey n.º 17, o Santa Cruz, era um dos três aviões que, pilotados por Sacadura Cabral e tendo Gago Coutinho como Navegador, tinham tomado parte na Travessia aérea Lisboa-Rio de Janeiro em 1922.

(Em 1972, os CTT emitiram uma série comemorativa do 50.º aniversário desta viagem, um selo para cada território do Ultramar.

Nesta emissão, três dos selos representavam precisamente o "Santa Cruz" durante a sua viagem. Assim, no selo de 1.00 de Angola verifica-se a chegada do referido hidroavião à ilha de Fernando de Noronha; no da mesma taxa de Moçambique a amaragem na cidade de Recife e, por fim, no selo de 5 patacas de Macau, o fim glorioso desta viagem no Rio de Janeiro.)

O Centro de Aviação Naval é extinto em 1933 e reactivado em 1938, com 2 aviões Osprey que tinham embarcado nos navios Afon-

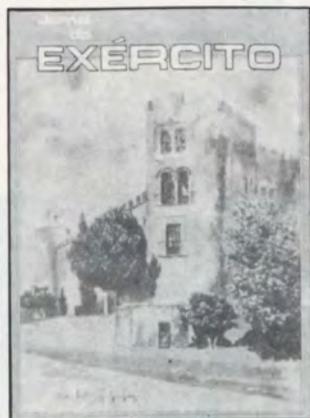
so de Albuquerque e Bartolomeu Dias, a que se juntam mais tarde outros quatro aviões do mesmo tipo. Em 1942, o Centro de Aviação Naval é extinto.

Mais uma vez, o selo explica a história, desta vez, a história militar, pelo que a filatelia não é só um passatempo mas, principalmente, cultura.



EXÉRCITO

ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60



Sumário

PORTUGUESES NA LEGIÃO ESPANHOLA

6



MIRAMUNDO 16

Polícias Políticas de Leste Que é feito delas?

A NOSSA CAPA

Castelo de Alvito - Distrito de Beja
Séc. XV - (Aquarela do General
Orlando Barbosa)

Filatelia	2	Monumentos de Evocação Militar	29
Efeméride	4	Uniformes Militares	30
Mensagem do General CEMGFA em 25 de Abril	5	Transmissões	31
Portugueses na Legião Espanhola	6	Língua Portuguesa	33
Figuras e Factos	10	Livros	34
Miramundo	16	Poesia	35
Portugal e a CEE	19	Para Quem Gosta de Saber	36
Isto Aconteceu	20	Recreio	41
Antologia	21	Passatempo	43
História	22	Legislação	45
IX Encontro de Estudos Militares	24	Desporto	47
Jogos de Guerra	25	Agenda	50
Modelismo	26	Brasão de Armas do Instituto Militar dos Pupilos do Exército	52

PRÓPRIEDADE DO
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

DIRECTOR:
General Carlos Elmano Rocha

REDACÇÃO:
Chefe:
TCor José Machado Diniz

Redactor:
Capitão Francisco Marques Fernando

Orientação Gráfica:
Inês Galvão

Revisão:
SargAjd Ventura Cunha



Colaboração Fotográfica:
CAV/CHEMATI

SERVIÇO ADMINISTRATIVO:
Chefe:
Coronel Vítor Pires Mendes

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Largo da Graça, 94
1100 LISBOA
Tel. 87 03 55

Execução Gráfica:
MADEIRA & MADEIRA, LDA.
R. 16 de Abril, 6 c/v, Alto do Bexiga
S. Pedro - 2000 SANTARÉM
Tel. 2 01 96 - Fax 2 07 37

TABELA DE PREÇOS

PREÇO DE CAPA	180\$00	VIA AÉREA	
ASSINATURA ANUAL (12 números)		- Madeira e Açores	1.500\$00
VIA SUPERFÍCIE		- Macau	3.000\$00
- Portugal Continental	950\$00	- Espanha	2.500\$00
- Países africanos de língua portuguesa e		- Países europeus (excepto Espanha)	3.000\$00
Espanha	2.000\$00	- Países africanos de língua portuguesa	3.500\$00
- Restantes países	2.800\$00	- Restantes países	4.500\$00
		NOTA: As assinaturas devem ser pagas antecipadamente. As des-	
		pesas de cobrança ao domicílio são por conta dos assinantes.	

TIRAGEM: 8000 exemplares
Depósito Legal nº 1465/82

Os artigos e secções assinados exprimem a opinião dos seus autores e não reflectem, necessariamente, um ponto de vista oficial. Os artigos e secções não assinados são da responsabilidade da Direcção.

16 de Maio de 1811

O exército anglo-luso-espanhol trava o avanço para Badajoz das tropas francesas comandadas por Soult, vencendo-as na Batalha de Albuera.

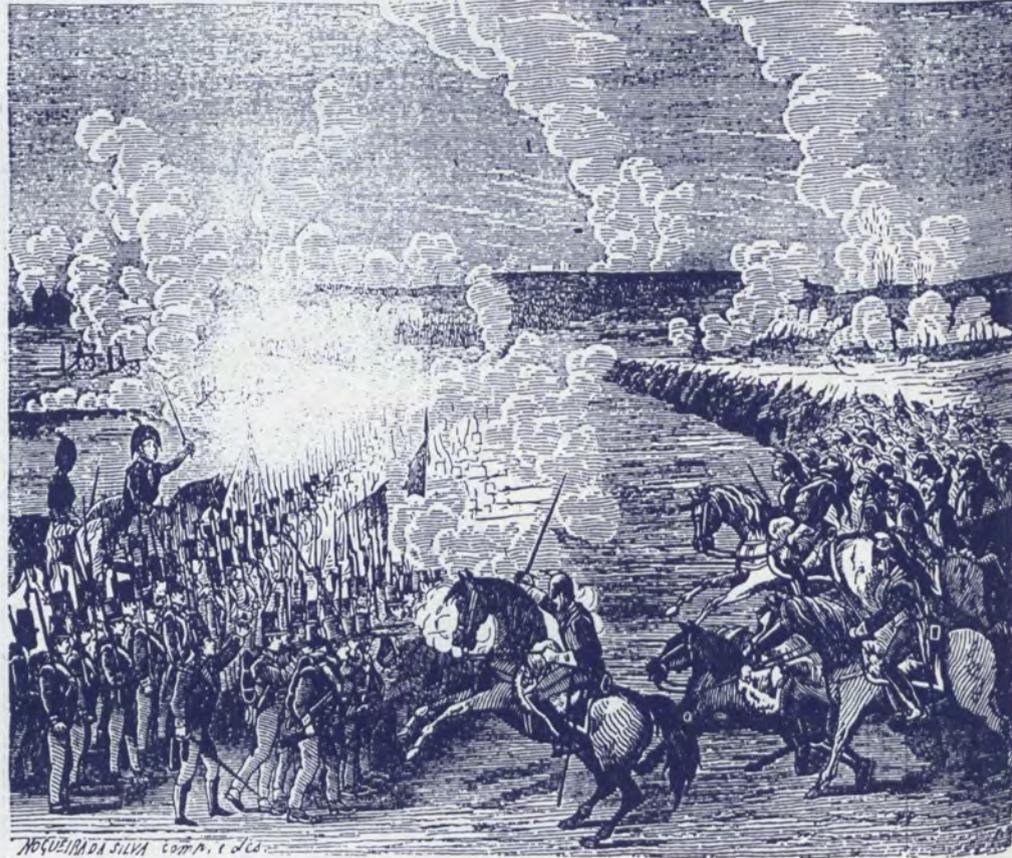
Depois de esbarrar nas linhas de Torres Vedras, Massena, acossado por Wellington e pelas guerrinhas portuguesas, vê-se obrigado a retirar de Portugal (Abril de 1811), sem que o prometido auxílio de Soult, a vir do Sul de Espanha através do Alentejo, chegasse a ameaçar as nossas fronteiras.

Precisamente para prevenir a invasão do Alentejo, Wellington, comandante-chefe faz deslocar importantes efectivos para Elvas. A 5 de Maio é iniciado o cerco à praça de Badajoz, ocupada pelos franceses.

Soult, que se encontrava em Sevilha, resolve marchar em socorro dos sitiados com o grosso das suas tropas: 20.000 infantas, 5.000 cavaleiros e 40 bocas de fogo. Tornava-se necessário barrar o avanço de tão importantes forças inimigas de modo a evitar a sua aproximação da praça sitiada. Para isso os aliados acharam mais prudente levantar o cerco e esperar Soult em terreno favorável.

Na noite do dia 15 as forças portuguesas, inglesas e espanholas tomavam posições ao longo de uma linha de alturas junto à povoação de Albuera, distante cerca de 20 km de Badajoz. Os espanhóis, sob comando do General Blak, ocuparam o flanco direito, os ingleses do General Stewart o centro e os portugueses comandados pelo General Hamilton preenchiam o flanco esquerdo, num efectivo total de 31.000 homens. Destes, 10.200 eram portugueses pertencentes aos Regimentos de Infantaria 2, 4, 5, 10, 11, 14 e 23, aos Batalhões de Caçadores 5 e 7, aos Regimentos de Cavalaria 1, 5, 7 e 8 e de Artilharia 1 e 2. Beresford era o comandante de todas estas forças.

Soult vê-se obrigado a acometer tão importante posição defensiva e, pelas 8 horas do dia 16, lança a força do seu ataque contra o flanco direito, com a intenção de envolver as forças aliadas e cortar-lhes a retirada pela estrada de Val-



verde. Em vagas sucessivas os franceses investem contra as posições defendidas pelos espanhóis logo auxiliados pela divisão de Stewart e depressa o combate se generaliza a toda a 1.ª linha. A força do pejeja continua, porém, no flanco direito e Beresford ordena que a Brigada portuguesa comandada por Harvey e composta pelos Regimentos de Infantaria 11 e 23 vá em socorro de ingleses e espanhóis. De tal modo se bateu que se pode dizer que foi a heróica acção deste corpo que ditou a sorte da batalha, como aliás deram testemunho os próprios ingleses que presenciaram o seu comportamento e o saudaram deste modo:

''Viva quem marchando em linha derro-

tou por duas vezes a cavalaria polaca e, saltando por cima destes destroços, foi concluir a batalha!''.

Depois de seis longas horas de combate os franceses desistem da ofensiva e optam pela retirada. O balanço das perdas é pesado, de parte a parte: entre mortos, feridos e prisioneiros foram contados 6.007 franceses, 3.065 espanhóis, 4.114 ingleses e 338 portugueses.

Após Albuera estava decisivamente afastado o perigo de nova invasão de Portugal e ganhava ânimo redobrado a campanha para a libertação de Espanha do jugo de Napoleão.

MENSAGEM DO ÀS FORÇAS 25 DE ABRIL



GENERAL CEMGFA ARMADAS EM

Militares,

Vivemos um processo de aceleração histórica sem precedentes, em que sobressaem as transformações em curso no leste europeu e nas relações leste-oeste.

Na Europa, é o início de uma mutação que pode significar o termo das soberanias limitadas e das restrições aos direitos fundamentais dos cidadãos. Deste movimento foi precursor o 25 de Abril que hoje comemoramos.

Caminhamos para o futuro em que cada povo tem o direito de viver conforme a sua identidade cultural, em obediência à sua história e no respeito pelas raízes sentimentais que o prendem à sua pátria, e em que cada cidadão tem direito a viver em liberdade, com justiça e dignidade.

Todos desejamos que as transformações complexas desta década possam conduzir a um mundo melhor, com abrandamento das tensões que, por vezes, dilaceram as relações entre os estados, e que também se agitam no seio de cada país, das suas instituições e dos cidadãos.

A caminhada para a liberdade e a democracia bem como o aumento de transparência dos países do leste europeu são motivo de regozijo para toda a comunidade internacional. Mas, só por si, não garantem uma paz duradoira.

As reduções de forças e a limitação de armamentos previstas, com a conseqüente diminuição do risco de confrontação militar entre o Pacto de Varsóvia e a OTAN, significam o fim da Guerra Fria. Mas, por paradoxal que pareça, a Europa não se sente num clima de maior estabilidade.

A segurança e a estabilidade são estados que exigem cuidados preventivos. Mas, tal como a saúde, só se lhes dá atenção quando entram em crise. Então todos se lembram das Forças Armadas e da sua indispensabilidade, como se uma atribuição extraordinária de recursos pudesse possibilitar o aparecimento, de um dia para o outro, de forças estruturadas, armadas e instruídas.

Face à actual conjuntura internacional, a procura da melhor relação custo-eficácia determina o estudo de soluções em que a redução quantitativa deve ser compensada pela melhoria qualitativa bem como por uma maior capacidade de mobilização. As Forças Armadas, instituição nacional ao serviço do povo português, mantêm-se indispensáveis à afirmação do nosso País no seio das nações.

As Forças Armadas constituem um grupo social com características próprias cujo desrespeito altera profundamente a sua coesão e a capacidade para o cumprimento dos fins que a Constituição e a Lei lhes determinam.

É disso exemplo a disciplina militar com que estão intimamente ligadas a honra da chefia e a sensatez, a lealdade e a solidariedade, a verdade e a honradez, a discrição e a exemplaridade da conduta, a abnegação, o apartidarismo político.

As Forças Armadas não podem ser factores de clivagem da sociedade nem devem ter apetências que não sejam as que as consagram ao cumprimento das missões nacionais que lhes estão assinaladas.

A identificação com a vida democrática, a coesão, a disciplina, o respeito mútuo e a comunhão com o povo de que emanam, são pressupostos necessários para as Forças Armadas garantirem a soberania da Nação e o seu direito de viver em paz e em liberdade.

Militares, honrai a Pátria que a Pátria vos contempla.

O documentado trabalho do Professor Burgos Madroñero trata, na primeira parte, dos milhares de portugueses que, como simples legionários, misturados com os espanhóis e outros estrangeiros, lutaram na Legião durante a Guerra Civil de Espanha; o seu número pode cifrar-se em pelo menos sete mil em todo o período.

A segunda parte é dedicada aos oficiais e sargentos dos quadros permanentes do Exército Português que, como membros da Secção de Assistência da Missão Militar Portuguesa de Observação em Espanha, também lutaram na Legião, gozando de uma situação especial; o seu número em toda a guerra não passou de oitenta, alguns dos quais prestaram serviço noutras Unidades do Exército Nacional. Somente a este grupo se pode aplicar o nome de "Viriatos".

INTRODUÇÃO

No Boletim de Arquivo Histórico Militar de Lisboa do ano de 1987 foi publicado um extenso trabalho da minha autoria (p.1.-227) intitulado "**Vinte Mil Portugueses lutaram na Guerra Civil de Espanha 1936-1939**". Propunha-me ali fazer justiça histórica, cinquenta anos depois, aos milhares de portugueses que lutaram em Espanha, não importa por que lado.

Um dos resultados da minha estada em Lisboa, como professor do Instituto Espanhol, foi uma série de artigos já publicados e um livro no prelo "**Portugueses em Espanha e Espanhóis em Portugal 1936-1939**", os quais obtiveram como objectivo o estudo da atitude e Participação dos Portugueses na Guerra de Espanha. Até agora, à excepção das obras recentes de Iva Delgado, "**Portugal e a Guerra Civil de Espanha**" (1981), e de César de Oliveira, "**Salazar e a Guerra Civil de Espanha**" (1987), ambas sem tradução espanhola, e que dão a "sua" visão de Portugal e a Guerra Espanhola, ninguém se preocupou com o estudo dos efectivos portugueses que combateram por um ou pelo outro lado. Podemos afirmar que a historiografia da Guerra de Espanha teve como característica, quando não a falta de tratamento do tema português, a confusão e o erro sistematicamente repetido nos milhares de títulos da vastíssima bibliografia espanhola e estrangeira.

Apesar das inexactidões, todos os historiadores coincidem em afirmar a importância e transcendência da ajuda portuguesa e também a presença, mais ou menos numerosa, de portugueses como combatentes na Legião Espanhola, a favor do partido nacional, minimizando-a

ou exaltando-a, mas sem qualquer prova justificativa. Enquanto que para Hugh Thomas foram vários milhares os portugueses que lutaram na Legião, para Jesús Salas só algumas dezenas actuaram na aviação e algumas centenas na Legião. Ricardo de la Cierva, sem prova alguma, dogmatiza: "inventou-se nada menos do que vinte mil Viriatos quando com todos os portugueses vindos para as frentes nacionais não se conseguia formar uma bandeira legionária de setecentos homens". Apenas José Manuel Cuenca, com espírito mais crítico, se expressa do seguinte modo: "a participação de voluntários portugueses nas fileiras do Exército Nacionalista tem provocado uma inflamada polémica. Para alguns especialistas, os Viriatos não passaram de setecentos, ao passo que para outros passaram amplamente os dez mil. Os primeiros estimam que esta intervenção se processou especialmente através do recrutamento legionário ao qual afluíram em grande número os lusitanos".

Dito isto e a partir daqui, pondo de lado qualquer outro aspecto, por mais interessante que seja, dedicar-me-ei apenas e exclusivamente ao estudo da participação dos Portugueses como combatentes na Legião, procurando esclarecer dois pontos muito concretos: um, a presença maciça de portugueses na Legião no período de 1936 a 1939; o outro desfazer a falácia de uma Unidade autónoma de portugueses lutando no partido nacional, conhecida pelo nome de "Viriatos" ou simplesmente Legião de Viriatos. Para não sobrecarregar um artigo que considero de divulgação, ainda que de rigor histórico, convém ter em conta que a documentação utilizada e em que me baseio se encontra referenciada nos meus trabalhos citados atrás, pelo que nos abs-



temos de repeti-la, apesar de a referirmos constantemente.

Dividido o trabalho em duas partes, ocupar-me-ei, na primeira parte, dos milhares de portugueses que, como simples legionários de infantaria, misturados com milhares de espanhóis e alguns estrangeiros, lutaram na Legião; a segunda parte será dedicada aos oficiais e sargentos dos quadros permanentes do Exército Português que, como membros da Secção de Assistência da Missão Militar Portuguesa de Observação em Espanha, também lutaram na Legião.

Os primeiros foram simplesmente legionários, aos quais não se lhes exigiu nem o nome, nem nacionalidade nem ou-

tra coisa que não fosse ser e actuar como legionários. Poderíamos avaliar o seu número em não menos de sete mil, em todo o período. Os segundos, isto é, os chefes, oficiais e sargentos dos quadros permanentes do Exército Português, foram membros da Missão Militar Portuguesa de Observação em Espanha que, conservando os seus nomes, nacionalidade e posto, estiveram enquadrados na Le-

pública, que as relações entre Portugal e a Espanha vinham sofrendo os altos e baixos dos movimentos revolucionários da oposição portuguesa refugiada em Espanha e da oposição espanhola refugiada em Portugal; uma e outra, com a conivência e até com a protecção das autoridades respectivas, são de tal modo que a beligerância portuguesa face à República Espanhola vai sendo paralela à beligerância espanhola face à Ditadura de Salazar. Basta rever as Memórias de Azaña e a documentação tanto espanhola como portuguesa.

Quando, em 17 de Julho de 1936, se inicia o levantamento militar em Melilha, Salazar está convencido que é chegado o momento, ainda que temido, esperado há muito de fazer de Espanha o pântano onde se afundará a oposição portuguesa no exterior refugiada em Espanha, e que o conflito que se iniciava podia converter-se em válvula de escape para aliviar a pressão social interna de Portugal. Salazar pensa que a ajuda ao partido sublevado deve supor, assim como aconteceu, a transferência para solo espanhol da guerra civil que existia latente em Portugal.

Salazar considerou essencial para a sua sobrevivência o desfecho do conflito espanhol e, por isso, a sua participação ao lado dos sublevados já estava decidida, facto este importantíssimo e apenas valorizado, quando aqui se explica a actualização de Portugal e dos Portugueses perante o rebentar da Guerra Civil.

Nenhum outro país estrangeiro tomou opção perante a Guerra de Espanha como o fizeram Portugal e os Portugueses; se na verdade houve voluntários estrangeiros em ambos os partidos confrontados em Espanha, não podem ser comparados com os Portugueses. A guerra de Espanha foi vivida por Portugal e por todos os Portugueses como coisa própria e todos foram tão acérrimos defensores das ideias personificadas por ambos os partidos como puderam sê-lo os próprios Espanhóis. Os portugueses sabiam claramente que a queda de Salazar ou o seu robustecimento, a implantação do regime democrático ou a continuidade do Estado Novo, dependia do resultado da

Guerra de Espanha.

Em Agosto de 1936 Portugal já estava dividido em duas zonas para efeitos de recrutamento de voluntários para o Exército Nacional: a primeira desde Coimbra até ao sul de Portugal e a segunda desde a mesma cidade até à Galiza. À frente da primeira estavam Manuel Feronda e Carlos Valência e da segunda o Capitão Miguel Morlán, todos com o poder de nomear agentes recrutadores, aos quais se pagaria cinquenta escudos por cada legionário ou soldado declarado apto na fronteira, correndo as despesas por conta dos delegados; estes, por sua vez, contratavam subrecrutadores a que pagavam cinco escudos.

OS PORTUGUESES NA LEGIÃO

Não houve episódio importante na Guerra Civil de 1936 em que não participassem contingentes legionários, a tal ponto que as baixas da Legião foram as mais impressionantes de todo o Exército Nacional: calcula-se que os seus mortos chegaram aos 7.674, dos quais 6.343 foram legionários, 546 cabos, 404 sargentos, 220 alferes, 12 tenentes, 39 capitães e 6 majores. Houve Bandeiras, como a quarta, de que se diz ter sofrido mais de mil baixas em ano e meio de guerra. A transformação sofrida pela Legião a partir de Setembro de 1936, e sobretudo em 1937, foi a maior da sua história. Se o rumo inesperado da guerra, para a qual não se via fim imediato, implicou a criação da 7.ª Bandeira no mês de Setembro e da 8.ª no mês de Outubro, no ano de 1937 foram criadas as 9.ª, 10.ª, 11.ª, 12.ª, 13.ª, 14.ª e 15.ª Bandeiras, respectivamente nos meses de Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Julho, Agosto e Setembro, preenchendo-se, além disso, as baixas provocadas pela guerra e reestruturando-se completamente o seu funcionamento. No último ano e meio da guerra apenas foram criadas mais três Bandeiras, até à 18.ª, não ultrapassando a Legião, no momento de maiores efectivos, os 15.000 homens.

De onde saíram os quase 7.000 homens que integraram as nove Bandeiras criadas entre Setembro de 1936 e finais de



gião, mas gozando de uma situação especial; o seu número não passou de oitenta, em toda a guerra, e nunca simultaneamente. Apesar de a maior parte ter estado sempre na Legião, alguns estiveram também na aviação legionária e/ou prestaram serviço noutras Unidades do Exército Nacional. A estes e apenas a estes, de certo modo, se aplicou e se pode aplicar o nome de Viriatos.

PORTUGAL E OS PORTUGUESES PERANTE A GUERRA CIVIL DE ESPANHA

Desde a proclamação da Segunda Re-

1937 e para cobrir as baixas sofridas neste período? Naturalmente, a resposta para mim é clara: estes são uma parte dos dez mil portugueses que saíram de Portugal precisamente entre Agosto de 1936 e Outubro de 1937 e dos vários milhares que se encontravam em Espanha formando parte da colónia portuguesa, que se alistaram, uns voluntariamente e outros pela força, na Legião. Treinados desde Agosto de 1936 e durante todo o ano de 1937, serão repartidos e distribuídos pelas novas e velhas Bandeiras, misturados os bisonhos com os veteranos. Em 1938 sabemos que se alistaram 382 portugueses, em 1939 chegaram aos 150 e, anteriormente a Julho de 1936, poderiam ter chegado aos 400.

A minha afirmação não é gratuita, pois quem conheça a chamada zona nacional naquela altura, sabe que desde o primeiro dia, os Espanhóis mais politizados se alistaram nas Milícias de Falange, de Requetés, de Accion Popular e independente e que os res-

tantes foram sendo incorporados no Exército Nacional à medida que eram apanhados pelo serviço militar, e que muito poucos espanhóis, naqueles primeiros meses, salvo excepções que confirmaram a regra, se incorporaram na Legião. Tradicionalmente, os Legionários, também com excepções, eram recrutados entre aventureiros, marginais, estrangeiros e, agora, entre os prisioneiros republicanos dos primeiros dias e entre muitos manifestos simpatizantes da causa republicana que, desta maneira, salvaram ou poderiam salvar as suas vidas. São os Portugueses que viviam em Espanha e os que vieram de Portugal, a base e a força destas novas unidades. Jesús Salas Larrazabal recorda como coisa sabida no Exército do Sul, que um numeroso grupo de comunistas portugueses alistados na Legião imediatamente antes da guerra se destacaram pela sua actuação entre Badajoz e Maqueda. Com efeito, a Legião era isso precisamente: um corpo de estrangeiros.

Em 4 de Abril de 1937, o embaixador de França na Espanha Republicana, numa informação secreta dizia: "A Legião Estrangeira Espanhola apenas compre-

de elementos dos primeiros tempos da Guerra Civil; as baixas sofridas, obrigaram à renovação dos seus efectivos que, actualmente, se compõem, sobretudo, por espanhóis e de cerca de trinta por cento de portugueses". Proporção, acrescento eu, que se manteve e foi a média da participação portuguesa na Legião que, incluídas as baixas, chegou a alcançar mais de 20.000 homens.

A partir de 1938 e em 1939, vai ser mais fácil preencher as baixas e a necessidade de homens para a Legião com os

rie de livros e artigos técnicos militares; Sepúlveda Veloso, Pequeto Rebelo, etc...

AS MINHAS INVESTIGAÇÕES SOBRE O NÚMERO DE LEGIONÁRIOS PORTUGUESES

Não constituiu de modo algum frustração a investigação realizada no Arquivo Histórico Militar de Lisboa, antes pelo contrário, primeiro porque a leitura e estudo dos milhares de documentos ali conservados permitiu-me encontrar mais mil

e trezentos nomes portugueses, não contabilizados pelo Major Rosa Bastos, (1) e isto já é suficiente; segundo, o facto de o próprio Coronel Chefe da Missão Militar Portuguesa ter intervindo neste assunto e até o próprio Sub-secretário do Estado da Guerra de Portugal o fizera recorrendo a Jorge Botelho Moniz para que os obtivesse do que consideravam um impossível; terceiro, pela recusa do Quartel-General do Generalíssimo em facilitar

**!Españoles y Extranjeros!
¡Al Tercio!**

La Legión va siempre en vanguardia y siempre llegó donde el mando dispuso. El recuerdo de la vida de legionario llenará de orgullo vuestro porvenir; borrará las amarguras del pasado, y sus heroicos lazos serán vuestro limpio blasón de caballeros: Como en las guerras de Flandes.

Podéis llegar a capitanea del Tercio. Tendréis alimentación sana y abundante. Vestuario de buena calidad, práctico y vistoso. Primas de enganches muy crecidas y aumento de haberes por años de servicio. Los LEGIONARIOS son los soldados del Ejército mejor retribuidos, los de me-

Quinto año: Comida, 2 pías.; Maquila (vestuario), 1'10; en roano, 2'60 pesetas. Total, 6'70 pías.

Premio mensual, 83'88 pías.

Décimo año: Comida, 2 pías.; Maquila (vestuario), 1'10; en roano, 4'00 pesetas. Total 7'10 pías.

Premio mensual, 88'88 pías.

Haberes de clases: Sargentos, pesetas 681 al mes; Brigadas, 755; Subtenientes, 909. Estos sueldos mensuales aumentan cada cinco años en 62'50 pías. más.

Señores oficiales: Capitanes Legionarios, 807'75 pías. al mes; Alféreces, 608; Tenientes, 720. Estos suel-

Convite ao alistamento na Legião Espanhola publicado no diário "Faro de Vigo" de 13 de Setembro de 1936.

espanhóis, pois, atrás das conquistas de novas zonas e da certeza do triunfo, serão muitos os prisioneiros republicanos, sobretudo os menos comprometidos, e muitos pró-nacionais agradecidos pela sua recente libertação, os que preenchem as baixas e constituem as novas Unidades.

Da época dos Portugueses na Legião ficaram-nos grande número de documentos, como são todas as memórias das diferentes Bandeiras da Legião onde existiam membros da Missão Militar Portuguesa, as crónicas das acções militares em que intervieram os Viriatos (quer dizer, os membros da Secção de Assistência da Missão Militar Portuguesa) que, escritas por Jorge Botelho Moniz, foram publicadas no "Diário de Lisboa" durante os anos de 1938-1939, para além de uma série de livros e artigos. O Capitão português da Missão Militar, J. de Lemos Puga, publicou "Visões da Guerra de Espanha" em Viana do Castelo, em 1949; o General Raul Esteves uma sé-

dados.

O Arquivo do Consulado Geral de Espanha em Lisboa e o Arquivo Histórico do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal foram suficientes para confirmar a minha tese de que entre doze e quinze mil portugueses lutaram pelo partido franquista, sendo metade deles na Legião, e não menos de cinco mil portugueses combateram pelo partido republicano.

Apesar de o Arquivo do Consulado Geral de Espanha em Lisboa não estar aberto ao público e por isso não ter ficheiros, nem esteja catalogado, nem disponha de comodidades para o investigador, foi-me permitido consultá-lo. Este arquivo, apesar do incêndio que sofreu a Embaixada e o Consulado de Espanha em Setembro de 1975, na sequência da Revolução de Abril, não sofreu qualquer dano em virtude de estar situado numas águas-furtadas do mesmo edifício. Depois de acalmados os ânimos, enviou-se para Madrid grande parte do seu acervo. Quando lá fui e passei em revista os seus documentos, adequadamente arquivados e classificados, dos anos de

1936-1939, logrei encontrar uma série de pastas, sobrescritos, arquivadores, classificadores e documentos de toda a ordem, dispersos em estantes, cremos que perdidos, correspondendo a maior parte à que foi a Representação em Lisboa da Junta de Defesa de Burgos. Com estes milhares de documentos, ordenados e classificados por mim, constituí dois maços que rotei: "Importante. Guerra Civil".

Ali encontrei:

1.º - Mais de sessenta listas, vários livros e uma série de documentos com

de Defesa de Burgos.

2.º - Também encontrei mais de sessenta salvo condutos passados a motoristas - a muitos dos quais foram retirados mais tarde com a indicação de "vermelhos" - para uma ou várias viagens à Espanha Nacional, os quais eram passados pela Representação em Lisboa da Junta de Defesa de Burgos. Tratava-se de motoristas que fizeram transportes com os seus camiões ou com camiões alugados por aquela Representação, para levar toda a classe de mercadorias, incluindo homens. Estes Transportes correspondem

ções de embaixadas e consulados portugueses, entre eles os do embaixador de Portugal em Madrid e depois em Alicante e os demais cônsules portugueses em Espanha, a quem coube viver aqueles dias de Julho de 1936, Ayamonte, Badajoz, Barcelona, Cadiz, Corunha, Fernando Pó, Granada, La Guardia, Huelva, Orense, Palma de Maiorca, Saragoça, San Sebastian, Sevilha, Santa Cruz de Tenerife, Tuy, Verin e Vigo, para além de Gibraltar e Tânger, informam detalhadamente o comportamento da colónia portuguesa das suas respectivas áreas.

TENIENTE DE AVIACIÓN
DON EDMUNDO PORTO CORREIA
ACTUACIÓN EN LA CAMPAÑA
Decreto de 21 de febrero de 1940 (B. O. E. núm. 69).

MÉRITOS

Terminados los expedientes de juicio contradictorio de todos los caídos por España del Arma de Aviación en la pasada campaña, aparecen méritos que hay que recompensar para ejemplo y estímulo de los demás y para hacer patente así el agradecimiento de la Patria a los héroes que tanto contribuyeron al triunfo de las Alas Azules.

En su virtud, a propuesta del Ministro del Aire y previa deliberación del Consejo de Ministros,

DISPONGO:

Artículo segundo.—Se concede la Medalla Militar a los siguientes jefes, oficiales y suboficiales, todos ellos muertos en acciones de guerra:

Entre los que figura el alférez legionario don Edmundo Porto Correia.

TENIENTE DE AVIACIÓN
DON JOSE SOARES DE OLIVEIRA
ACTUACIÓN EN LA CAMPAÑA
Decreto de 21 de febrero de 1940 (B. O. E. núm. 69).

MÉRITOS

Terminados los expedientes de juicio contradictorio de todos los caídos por España del Arma de Aviación en la pasada campaña, aparecen méritos que hay que recompensar para ejemplo y estímulo de los demás y para hacer patente así el agradecimiento de la Patria a los héroes que tanto contribuyeron al triunfo de las Alas Azules.

En su virtud, a propuesta del Ministro del Aire y previa deliberación del Consejo de Ministros,

DISPONGO:

Artículo segundo.—Se concede la Medalla Militar a los siguientes jefes, oficiales y suboficiales, todos ellos muertos en acciones de guerra:

Entre los que figura el alférez legionario don José Soares de Oliveira.

nomes de portugueses que saíram de Espanha e outros que se ofereciam mediante certas condições: respeitar a sua graduação militar, reconhecer as suas carreiras e título: engenheiros, médicos, técnicos, intérpretes, etc.. Nas referidas listas e documentos colhem-se nomes e outras circunstâncias pessoais dos interessados. Costumam acompanhar as listas anotações como estas: "foi pedida autorização ao Chefe da Polícia segundo o costume"; "saídos com destino ao Terço"; "sairam para a Falange ou para o Raqueté"; "estes indivíduos devem sair no próximo sábado, dia tal de Janeiro de 1937 pela fronteira do Caia, indo por estrada"...

Uns 1.500 nomes de portugueses e alguns estrangeiros figuram nestas listas, tendo a mais antiga a data de 25 de Agosto de 1936, e as últimas correspondem a meados de Fevereiro de 1937. Quem assina estes documentos e organiza o recrutamento em Lisboa, são o diplomata Amoedo e o Capitão Miguel Morlan. Naturalmente, documentos parecidos a estes devem ter sido emitidos noutros locais de Portugal, visto que no Porto também funcionava outra representação da Junta

aos meses de Agosto de 1936 até 1939.

3.º - Conservam-se ali pouco mais de trezentos salvo-condutos, emitidos para missões concretas a favor de membros da Representação para entrarem em Espanha, ou membros da colónia espanhola em Portugal em visita a familiares ou de férias a Espanha e que eram devolvidos posteriormente; este salvo-condutos, uma vez usados, tinham que ser devolvidos às autoridades espanholas, se os usuários ficavam em Espanha, ou à Representação, se regressavam a Portugal. As datas e os números extremos destes salvo-condutos permitem assegurar que entre 3 de Outubro de 1936, data do mais antigo, cujo é o 872, e 4 de Agosto de 1937, o mais moderno, com o número 9.368, portanto no período de um ano e sob o controlo da Representação em Lisboa (havia outra no Porto), passaram à Espanha Nacional e não regressaram, precisamente os dez mil portugueses que procuramos.

No Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Lisboa, sob o título "Guerra Civil de Espanha", conservam-se 22 maços, numerados de A8M1 a A8M22 e vários maços de telegramas de 1936 a 1939, onde se colhem informa-

Do que ficou dito anteriormente, fica documentalmente provado que não menos de 20.000 portugueses lutaram em Espanha, dos quais pouco mais de 10.000 saíram de Portugal sendo os restantes procedentes da colónia portuguesa em Espanha, onde se havia concentrado a oposição política ao regime de Salazar e cujos membros, em geral muito castelhanizados, puderam alistar-se segundo as suas preferências políticas, se as circunstâncias o permitiram, mas sobretudo pela necessidade de sobreviver. Até Outubro de 1936, na zona republicana, deu-se-lhes a opção de sair; sabe-se que muitos o fizeram mas não todos. Na zona nacional, a qualquer suspeito de ter colaborado com os republicanos ou seus simpatizantes era feito prisioneiro e entregue às autoridades portuguesas ou obrigado a alistar-se na Legião. Acalmadas as águas, muitos voltaram de Portugal para a zona nacional, enquanto os opositores a Salazar permaneceram na zona republicana até ao fim, saindo, como mais alguns espanhóis, pela fronteira francesa após derrota.

(Conclui no próximo número)

MINISTRO DA DEFESA NACIONAL VISITA O ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Em 27 de Abril o Ministro da Defesa Nacional, Dr. Joaquim Fernando Nogueira, recentemente enpossado no cargo, visitou o Estado-Maior do Exército, onde foi recebido pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Mário Firmino Miguel.

À sua chegada foram prestadas as devidas honras militares ao ilustre visitante que de seguida recebeu os cumprimentos dos altos comandos do Exército.

Depois de ter assistido a uma exposição sobre o Exército o Ministro da Defesa Nacional foi obsequiado com um almoço na Messe de Oficiais de Santa Clara.

Estiveram igualmente presentes no EME o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e o Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Defesa Nacional.



VISITA DO PRESIDENTE DE MOÇAMBIQUE À ACADEMIA MILITAR

Por ocasião da sua estada oficial em Portugal, o Presidente da República Popular de Moçambique, Joaquim Chissano, visitou em 22 de Abril último a Academia Militar. À sua chegada era aguardado no Paço da Rainha pelo Secretário de Estado Adjunto, Dr. Eugénio Ramos, em representação do Ministro da Defesa Nacional e pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Firmino Miguel. O Presidente moçambicano iniciou a sua visita prestando homenagem aos an-

tigos alunos mortos em campanha e, depois de uma sessão de cumprimentos, percorreu as instalações daquele estabelecimento de ensino militar.

O Director da Academia Militar, General Almeida Bruno, ao agradecer a presença do Presidente da República Popular de Moçambique, sublinhou o significado desta visita e referiu o facto de a Academia Militar estar a formar 24 cadetes moçambicanos, sinal de cooperação entre os dois países.



COMISSÃO DE DEFESA VISITA ESTABELECIMENTOS PRISIONAIS MILITARES



A Comissão de Defesa Nacional da Assembleia da República visitou no passado dia 19 de Abril a Casa de Reclusão Militar de Tomar e o Presídio Militar de Santarém, tendo sido recebida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Firmino Miguel.

Os deputados que integram a Comissão assistiram a exposições sobre aqueles estabelecimentos prisionais, tendo em seguida visitado as instalações.

Mais tarde deslocaram-se ao Regimento de Infantaria n.º 1 na Serra da Carregueira, onde estão a ser construídos o novo Presídio Militar e a Casa de Reclusão da Região Militar de Lisboa.

COMANDANTE DAS FTASE EM PORTUGAL

O comandante das Forças Terrestres Aliadas do Sul da Europa (FTASE), General Natale Dodoli, chegou no passado dia 18 de Abril a Lisboa para uma visita oficial a Portugal.

Depois de ter apresentado cumprimentos protocolares ao Mi-



nistro da Defesa Nacional, visitou o EME onde foi recebido pelo General Mário Firmino Miguel, Chefe do Estado-Maior do Exército. Da sua visita fez parte a deslocação à 1.ª Brigada Mista Independente, no Campo de Instrução Militar de Santa Margarida.

Durante a sua estada no nosso País, o General Dodoli teve ainda oportunidade de conhecer diversos locais de interesse cultural, histórico e turístico.

DA REGIÃO MILITAR DE LISBOA

Comemorações do 25.º aniversário do BIRT

O Batalhão de Informações e Reconhecimento das Transmissões (BIRT) comemorou no passado dia 30 de Março o seu 25.º aniversário.

As cerimónias foram presididas pelo Brigadeiro Faria Ravara, 2.º Comandante da Região Militar de Lisboa, em representação do General Governador Militar de Lisboa.

Nesse dia, após formatura geral, entrega de condecorações e leitura de uma Mensagem do GML, na qual foi transmitida a "satisfação pela forma como o BIRT, não só tem desempenhado cabal e eficientemente as suas missões orgânicas, como se tem constituído, por iniciativa própria, em Unidade piloto na procura e aperfeiçoamento de soluções que procuram maior eficácia no desempenho das diversas tarefas daquelas missões, com recurso à mais moderna tecnologia informática. Foi realçado que o BIRT é apontado como pioneiro nesta

matéria e solicitado para difundir a sua experiência".

Teve lugar uma visita à Unidade, com particular realce para o trabalho de pesquisa e implementação na área de infor-

matização dos vários sectores da Unidade.

Seguiu-se um almoço de confraternização entre os convidados e os militares da Unidade.



DA ZONA MILITAR DOS AÇORES

Centro de Gestão Financeira comemora dia festivo

No passado dia 21 de Fevereiro comemorou-se o dia festivo do Centro de Gestão Financeira da ZMA nas suas instalações, no Campo Militar de S. Gonçalo.

A imagem alude à entrega de um diploma de louvor a uma funcionária daquele Centro.



Visita de curso do IAEM

O Curso Superior de Comando e Direcção que está a ser ministrado no Instituto de Altos Estudos Militares, em Pedrouços, na visita de estudo que efectuou à ZMA, deslocou-se, no passado dia 12 de Março, ao Regimento de Infantaria de Ponta Delgada.

O director do IAEM, General Loureiro dos Santos, presidiu à referida visita.

Exercícios do Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo

Decorreram de 6 a 9 de Março último, no Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo, os exercícios finais do Curso de Formação de Praças do 1.º Turno/90, os quais culminaram com o exercício FO-CA 1/90, realizado na Baía de Angra do Heroísmo em cooperação com uma corveta da Armada.



DA ZONA MILITAR DA MADEIRA

Comemorações do 9 de Abril

O Brigadeiro Comandante-Chefe e Comandante da Zona Militar da Madeira, em representação do Ministro da República para a Região Autónoma daquele arquipélago, presidiu no passado dia 9 de Abril à cerimónia comemorativa da Batalha de La Lys, a que estiveram presentes altas entidades civis e militares da Região.



Visita do Director da Armada de Artilharia

O General Silvino da Cruz Curado, Director da Arma de Artilharia, esteve, de 19 a 21 de Março, de visita às instalações militares da Artilharia existentes na Madeira. No dia 19, apresentou cumprimentos ao Comandante-Chefe e Comandante da ZMM, Brigadeiro Rodrigues de Areia, na Fortaleza de São Lourenço.

No dia seguinte visitou o Grupo de Artilharia de Guarnição N.º 2. Depois das honras militares, foi-lhe proporcionado um "briefing", e uma visita às instalações. Após o almoço na Unidade, visitou a Bateria de Costa do Pico da Cruz. À noite jantou com os oficiais de Artilharia em serviço na Madeira, tendo no dia 21 partido para a Zona Militar dos Açores.

DA REGIÃO MILITAR DO CENTRO

Regimento de Infantaria de Viseu comemora "dia da Unidade"

O Regimento de Infantaria de Viseu comemorou em 19 de Março o seu dia festivo.

A cerimónia foi presidida pelo Brigadeiro Almeida Correia, 2.º Comandante da Região Militar do Centro.

O Comandante do RIV, Coronel Correia Tavares, usando da palavra exaltou o passado heróico do Regimento que tem as suas origens no R.I. n.º 14 e por divisa a seguinte frase: "Cuja fama ninguém virá que dome".

As comemorações desenrolaram-se num dilatado programa cultural e recreativo que envolveu actividades desportivas e militares. De referir o desfile, efectuado entre o Regimento e a Cava de Viriato, de uma Companhia com Guião, Banda e Fanfarra, seguindo-se uma homenagem a Viriato junto do respectivo monumento e uma missa de sufrágio pelos militares falecidos.



HMR N.º 2 celebra o dia festivo

Em 19 de Março o Hospital Militar Regional n.º 2, em Coimbra, comemorou o seu dia festivo.

Presidiu às cerimónias o General Fausto Marques, Comandante da Região Militar do Centro, e assistiram às mesmas as mais representativas entidades locais, civis e religiosas, e das Forças de Segurança.



Melhoramento no R.I. Elvas

O Regimento de Infantaria de Elvas, desde o dia 16 de Março último, passou a dispor de uma nova e mais digna Porta de Armas.

A fotografia mostra a nova entrada do quartel em fase de acabamento.

Exercício "Mercúrio 90"

Decorreu de 26 a 29 de Março na área de acção da Região Militar do Sul, na zona de Sousel, o exercício "Mercúrio 90", planeado e conduzido pelo Comando Operacional da Força Aérea e pela Região Militar do Sul.

O exercício envolveu aviões de ataque, helicópteros, um aviocar para a guerra

electrónica e mais de 1.800 homens, nomeadamente da Brigada de Defesa Territorial do Sul.

Estas manobras visaram o aperfeiçoamento da instrução táctica e técnica das forças do Exército e da Força Aérea.



DIA DA 1.^a BRIGADA MISTA INDEPENDENTE

No passado dia 6 de Abril comemorou-se no Campo de Instrução Militar de Santa Margarida (CIMSM) o dia da 1.^a Brigada Mista Independente, pela 12.^a vez.

A efeméride foi assinalada por diversas realizações, iniciando-se na véspera com um concerto pela Orquestra Ligeira do Exército. O ponto alto das comemorações foi a cerimónia militar no Largo de S. Jorge, frente à Capela do CIMSM. Esta cerimónia foi presidida pelo General Firmino Miguel, Chefe do Estado-Maior do Exército, e contou com a presença de altas patententes do Exército, e de representantes das Autarquias Locais. De notar ainda a presença dos antigos Comandantes desta Grande Unidade.

Durante a cerimónia foram impostas condecorações a militares da Brigada, e entregues os prémios da "Estafeta Nun'Alvares Pereira" e Pentatlo Militar, provas desportivas em que participaram equipas de todas as Unidades da 1.^a BMI.



DIA DO COMBATENTE

Como vem sendo tradição, a Liga do Combatentes promoveu no passado dia 9 de Abril uma romagem ao Túmulo do Soldado Desconhecido, no Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha, em homenagem à memória dos que se bateram ao serviço da Pátria.

Presidiu às cerimónias o Ministro da Defesa Nacional, Dr. Joaquim Fernando Nogueira.

A Liga dos Combatentes estava representada pelo seu Presidente, General Altino de Magalhães.

Referem-se entre os convidados as seguintes altas individualidades: Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, Chefes dos 3 Ramos das Forças Armadas, Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Defesa Nacional, Governador Civil do Distrito de Leiria, Presidente da Câmara Municipal da Batalha e o Bispo Ordinário Castrense que celebrou a missa de sufrágio pelos Combatentes.

Presentes estiveram, também, os Adidos Militares representantes dos países acreditados em Portugal.

Na casa do capítulo foi proferida uma alocução alusiva à cerimónia pelo Dr. Luís Aires de Sousa.

A deposição de flores no túmulo do Soldado Desconhecido bem como a deposição das condecorações do combaten-

te da I Grande Guerra, Capitão de Infantaria Henrique Augusto Perestrela da Silva, no referido túmulo foi momento solene das cerimónias.

A romagem terminou com um almoço de confraternização dos antigos Combatentes e das entidades participantes nas cerimónias no centro turístico "A Aldeia".



DA ACADEMIA MILITAR

Cumunhão Pascal

No dia 4 de Abril realizou-se a tradicional cerimónia da Comunhão Pascal dos alunos da Academia Militar.

Na eucaristia, que foi presidida pelo Bispo Castrense, D. Januário Torgal, participaram, além dos alunos, militares e familiares e pessoal civil em serviço naquele estabelecimento de ensino superior militar.



NOVO DIRECTOR DO SERVIÇO HISTÓRICO MILITAR

Por despacho do General CEME foi nomeado Director do Serviço Histórico-Militar o General Guilherme de Sousa Belchior Vieira.

Desempenhava interinamente esta função, desde 24 de Agosto de 89, o Coronel Teixeira de Aguiar em virtude de o General Themudo Barata ter deixado a mesma por limite de idade.

COMANDO - GERAL DA POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

123.º ANIVERSÁRIO

CONCURSO DE FOTOGRAFIA



TEMA:

"A POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA AO SERVIÇO DA COMUNIDADE"

NORMAS PARA CONCORRER

O concurso está aberto a qualquer pessoa. Cada concorrente pode apresentar 3 (três) trabalhos, a cores ou a preto e branco, nas dimensões entre 18 x 24 e 40 x 50

Os trabalhos são entregues em qualquer Esquadra ou Posto da PSP, devendo ser obrigatoriamente preenchida a ficha de inscrição respectiva, sendo aceite os trabalhos até 30/04/90. Ao inscreverem-se no concurso, os concorrentes têm de garantir que os trabalhos enviados são originais, de sua única e exclusiva propriedade e não foram apresentados ou aceites para publicação em qualquer outro lugar, nem se encontram sujeitos a qualquer contrato ou outro compromisso com qualquer outra entidade e não violam os direitos de outra pessoa. É condição de inscrição que os concorrentes permitam que a PSP, mediante publicação, exiba ou utilize os trabalhos enviados em qualquer lugar e altura, incluindo publicação na Revista de Polícia. Todos os trabalhos apresentados a concurso serão julgados por um grupo de peritos cujas decisões são irrevogáveis.

Os critérios de avaliação incluem a originalidade, a composição e técnicas fotográficas.

Os vencedores serão notificados por correio e os seus trabalhos expostos na EXPO 95/90 a partir do Palácio For no período de 28/JUNHO a 15/JULHO.

Os prémios são os seguintes:

- 1.º prémio numerado de 100 000\$00
- 2.º prémio numerado de 60 000\$00
- 3.º prémio numerado de 40 000\$00

A todos os participantes será entregue um diploma de participação.

Os prémios serão entregues na cerimónia de inauguração da EXPO 95/90 a partir do Palácio For no período de 15/JULHO a 15/AUGO 90.

Portugal e o Ultimatum

"Portugal e o Ultimatum - Um século depois" é o tema de um colóquio, a realizar em Dezembro deste ano e promovido pela Linha de História Contemporânea do Centro de História da Universidade de Lisboa, com o fim de assinalar o centenário deste episódio conflitual nas relações luso-britânicas. Refira-se que o *ultimatum* consistiu num lacónico telegrama, enviado em 11 de Janeiro de 1890, pelo Governo inglês às autoridades nacionais, exigindo a imediata retirada das forças militares portuguesas estacionadas em territórios hoje correspondentes ao Zimbabue e ao Malawi e ameaçando com uma intervenção militar, na ausência de resposta satisfatória por parte de Portugal.

O *ultimatum* insere-se num complexo processo só explicável mediante o seu enquadramento no duplo contexto nacional e internacional da época.

Este colóquio pretende aprofundar a pesquisa e a reflexão acerca deste importante facto histórico e conta com a douda participação dos professores Doutores Jorge Borges de Macedo e Joaquim Veríssimo Serrão e do Professor Doutor João Medina, entidade que está à frente da Linha de História Contemporânea.

POLÍCIAS POLÍTICAS DE LESTE: QUE É FEITO DELAS?

Os novos regimes dos países do Leste Europeu ou já se confrontam ou têm de confrontar-se com as polícias políticas, até aqui omnipresentes e componentes essenciais do Estado. Para além das questões de psicologia colectiva (como libertar toda a população de reflexos adquiridos em mais de quarenta anos de vigilância policial, espionagem nos domicílios e nas fábricas, por vezes de colaboração voluntária ou forçada?) os novos dirigentes têm, quase todos, de responder a questões como: que fazer destas polícias? Como se desembaraçar delas, espurgá-las ou controlá-las? Que fazer dos seus elementos mais nocivos e corrompidos?



1. BERLIM-LESTE

Aqui é onde se põe o problema com maior acuidade, uma vez que com a reunificação a dissolução dos seus serviços é inevitável. Por outro lado, a STASI possuía os maiores serviços, dotados de uma formidável instrumentação policial: o comité de cidadãos criado para supervisionar no seu desmantelamento avaliou os seus efectivos em 85.000 agentes, aos quais se juntavam 110.000 informadores regulares e 4.000 a 5.000 espões profissionais. Todos estes funcionários ficharam mais de um terço dos dezasseis milhões de alemães de Leste, ou seja, um adulto em cada dois! Muitos dos arquivos já foram destruídos, mas outros foram recuperados sem que as informações sejam tornadas públicas porque, como dizia um membro da comissão, "se tornássemos públicas todas as fichas arriscávamo-nos a desencadear verdadeiros linchamentos". Porém, mesmo das fichas destruídas as informações não se perderão todas porque a STASI enviava um duplicado da documentação mais sensível para a homóloga KGB, em Moscovo, onde se encontra já o antigo chefe dos serviços, durante mais de uma dezena de anos, Markus Wolf.

Ao anunciar a dissolução da STASI e a criação, em sua substituição, de um serviço de segurança nacional, os novos dirigentes depararam com a oposição popular, pelo que a maior parte dos antigos colaboradores da polícia política foi reciclada para a vida civil, enquanto muitos deles se transferiram para o KGB ou para o GRU, o serviço de informações do exército vermelho; os que trabalha-

vam no estrangeiro ou propuseram os seus serviços aos correspondentes serviços ocidentais ou passaram igualmente a servir aquelas organizações.

2. CHECOSLOVÁQUIA

O desmantelamento da sua polícia política - chamada Serviço de Segurança do Estado, contando 18.000 membros sem incluir os informadores - foi decidido nos princípios de Fevereiro, graças ao novo ministro do interior nomeado pelo Presidente Havel, o católico Richard Sacher. Na opinião realista de um dirigente checo "isto não quer dizer que todos os seus membros vão regressar a casa pacificamente, pois irão procurar tirar partido do menor descuido. Vão esperar, pacientemente, uma alteração da situação na União Soviética, especialmente aqueles que têm as "mãos sujas" bater-se-ão até ao fim". E são muitos os que estão nestas condições porque a repressão dos dissidentes foi sempre muito forte em Praga e não será sem sentimento de raiva que um bom número de agentes vê o seu prisioneiro mais notório na presidência do país.

O ministro manteve o vencimento dos agentes durante seis meses para que pudessem arranjar outro emprego e organizou, para a sua utilização, sessões de terapia de grupo por um psicólogo para contrariar as primeiras reacções conhecidas: alcoolismo, depressão e suicídio.

Apesar de não ter havido grandes perseguições, foi preso o antigo chefe da polícia política, o general Lorenc, acusado de ter recorrido a um agente provocador para fazer degenerar a manifestação de

Praga de 17 de Novembro de 1989, durante a qual foram feridos numerosos manifestantes, e também de ter ordenado a destruição dos arquivos mais comprometedores.

A tutela dos serviços soviéticos era também muito estreita e não é natural que os laços se tenham rompido de imediato, pelo que os actuais dirigentes checos têm a noção de estarem perante uma bomba de efeito retardado, a manusear com precaução e, sobretudo, a desligar de Moscovo.

3. HUNGRIA

A situação apresenta-se aqui mais simples porque nunca sofreu tanto com a espionagem e a repressão política como os países vizinhos. Porém ainda no mês de Janeiro rebentou um verdadeiro escândalo com a revelação de que a polícia política continuava a espiar os responsáveis dos partidos democráticos através de escutas telefónicas. A polícia política - um Departamento do Ministério do Interior - teve então sérias dificuldades, a que não resistiram o chefe do serviço de informações e o próprio ministro que tiveram de se demitir.

Os serviços de informações passaram então a depender directamente do primeiro-ministro, os quadros da antiga polícia política foram saneados - noventa afastados num efectivo de quatro centenas - mas a controvérsia manteve-se com a entrada dos novos dirigentes, muito mais ligados a Moscovo que os anteriores, no domínio das informações.

4. POLÓNIA

Tendo presente que o governo não-comunista entregou aos comunistas os Ministérios da Defesa e do Interior, não é difícil adivinhar que se está perante uma situação muito delicada. À frente do Ministério do Interior manteve-se o General Kiszczack que, não obstante ter desempenhado papel preponderante no desenvolvimento das conversações da célebre "mesa-redonda" que levou o Solidariedade ao poder, manteve como seu Vice-Ministro o General Pudysz que se vangloria da luta que conduziu contra os seus opositores.

Só recentemente o Primeiro-Ministro Mazowieck conseguiu fazer aprovar, no Parlamento, uma lei que reorganiza os serviços de segurança, ou melhor, conseguiu fazer nomear para Vice-Ministro um antigo jornalista católico.

Oficialmente, a polícia política (SB) que contava com 24.000 membros já não existe, sendo substituída por um Gabinete de Segurança do Estado encarregado da contra-espionagem e das informações, colocado na dependência do Ministro do Interior; os responsáveis de cada um dos serviços serão, contudo, nomeados por proposta do Primeiro-Ministro a que terão de prestar contas, assim como a uma comissão formada por representantes de cada grupo parlamentar.

As medidas decretadas não foram radicais, mas há que estar atento a uma pos-

sível hora de vingança, até porque se assiste a um crescendo da onda de criminalidade pelas difíceis condições económicas decorrentes do regime de austeridade.

5. BULGÁRIA

Os novos dirigentes búlgaros, todos eles saídos do partido comunista, têm sido os mais discretos quanto ao futuro da polícia política e dos serviços de informações, possuidores de grande reputação. Foi anunciada em 25 de Novembro de 1989 a dissolução do sexto departamento da "Darzhaven Sigurnost" (a KGB local), encarregado da vigilância dos opositores ao regime, mas os observadores afirmam que ele estará apenas mais discreto na capital e sempre activo na província, sendo-lhe imputada a organização, no final do ano, das manifestações xenófobas contra a minoria húngara. Os seus arquivos mantêm-se inacessíveis e não é previsível que o regime avance muito no campo da transparência de procedimentos, porque os actuais dirigentes estão muito próximos dos anteriores e nada indica que estejam na disposição de fazer revelações comprometedoras. Tal comportamento está patente na forma como foi tratado Jivkov, o destituído secretário-geral do partido.

6. ROMÉNIA

Como em muitos outros campos é nes-

te país que a situação se apresenta mais confusa, não obstante o novo ministro da defesa ter anunciado solenemente, em Fevereiro passado, que a célebre "Securitate" - 150.000 agentes permanentes e quatro ou cinco vezes mais de informadores - tinha sido desmantelada na sua componente de actividades de vigilância política dos cidadãos, tendo os restantes sectores passado ao controlo do Ministério da Defesa. Estas informações pretendiam responder a uma carta aberta de 46 intelectuais, mas mantêm-se os testemunhos de intimidações de todos os géneros que podem ser levadas a cabo por agentes ainda em funções ou por outros, reagrupados e actuando em bandos secretos. Alguns documentos terão sido destruídos durante a "revolução", mas é provável que a maior parte se encontre bem guardada para manter os cidadãos no receio de revelações comprometedoras. Com efeito, raros serão os romenos que não tenham tido relações com a "Securitate" e são numerosos os que terão tido de ceder aos seus perseguidores. Até agora somente algumas dezenas de responsáveis da polícia política foram julgados e menos de três mil, dos mais referenciados, terão sido afastados. A aparente "reconversão" ficou patente no julgamento do irmão do ditador, o General Andruta Ceausescu, quando depuseram os seus comandados, todos eles numa postura verdadeiramente "democrática".

(Adaptado do jornal "Le Monde")

Lituânia em apuros

A crise aberta entre a Lituânia e a União Soviética, desde a declaração unilateral de independência de 11 de Março, mantém-se num impasse, com Moscovo a agravar as restrições impostas à república rebelde e Vilnius a manter-se decidida a não abandonar a exigência da separação. As primeiras medidas foram o corte do abastecimento de petróleo, continuadas pelo fornecimento de gás natural e produtos alimentares.

A ronda que a presidente da Lituânia fez aos países nórdicos não conseguiu alterar as posições dos respectivos governos que se ficam pelo apoio moral e não se mostraram disponíveis para compensarem os abastecimentos suprimidos pelos soviéticos. Também o Presidente Bush anunciou que iria impor



restrições ao comércio com a União Soviética, em retaliação das medidas tomadas para a república báltica, mas pouco depois diria não o fazer para não agravar mais o conflito, mostrando-se esperançado em que os dirigentes de Moscovo revissem a situação.

O "braço-de-ferro" alterou-se grandemente

com o abandono por Moscovo da exigência de que o governo de Vilnius retirasse a declaração de independência, aceitando que ela seja apenas "congelada", por enquanto. À declaração do porta-voz soviético seguiu-se um primeiro fornecimento de gás natural necessário para fazer funcionar um complexo industrial próximo da capital lituana.

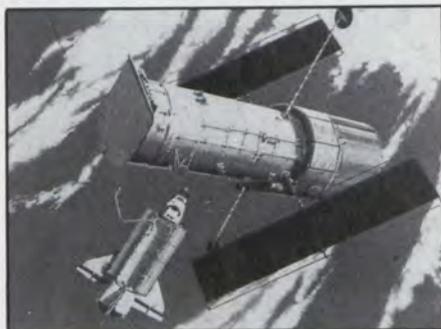


URSS-Polónia: Moscovo faz o seu "mea culpa"

A União Soviética reconheceu a sua responsabilidade pela morte de 15.000 soldados e oficiais polacos, desaparecidos nos anos 40 perto de Katyn, na Bielorrússia.

A NKVD, antecessora do KGB, foi responsabilizada pela chacina, exprimindo a URSS a sua profunda tristeza por esta tragédia, considerando-a como um dos piores crimes de Estaline. O anúncio coincidiu com a chegada a Moscovo do Presidente polaco, o General Jaruzelski, em visita oficial por quatro dias. Este deslocar-se-ia depois a Smolensko onde homenageou a memória das vítimas.

Telescópio Hubble no Espaço



Depois de várias tentativas fracassadas, o gigantesco telescópio Hubble foi finalmente para o espaço a bordo do transportador Discovery, que realizou o voo de maior altitude dos vaivens norte-americanos e a maior aventura da astronomia desde 1609, quando Galileu prescurotou o espaço, pela primeira vez, com uma "luneta astronómica".

O Hubble foi colocado numa órbita a 612 quilómetros de altitude e tem sensivelmente a dimensão de um autocarro, pesa 12,5 toneladas e custou perto de 2.500 milhões de dólares a conceber e construir. O telescópio, que se deve manter operacional durante quinze anos, tem sido considerado como "o instrumento científico mais complexo jamais lançado no espaço".

Dois grandes desastres na Índia

Como se já não bastasse a violência e o derramamento de sangue na Caxemira e no Pundjab, a Índia acaba de sofrer mais dois grandes desastres. Durante uma festa numa cidade do estado de Uttar Pradesh, as crianças come-

çaram, repentinamente, a vomitar e a caírem em convulsões e, em breve, eram também os adultos a adoecerem. De 250 convidados, 63 morreram em menos de vinte e quatro horas. O motivo: as autoridades pensam que tudo resultou da ingestão de pão envenenado que teria sido preparado com farinha de trigo contaminada por pesticidas.

Poucas horas depois ocorreu um incêndio, aparentemente causado por uma fuga de um cilindro de gás, transportado ilegalmente, e que chocou com um comboio, superlotado de passageiros, que ficou dividido em dois. O total de mortos ascendeu a quase uma centena.

João Paulo II na Checoslováquia

O papa João Paulo II celebrou em Praga a ressurreição europeia do cristianismo, depois da queda dos regimes comunistas leste-europeus. De regresso ao Vaticano disse que "ir à Checoslováquia foi um presente da Páscoa, uma vitória da fé". Este alargamento das viagens do Papa terá continuidade em Agosto próximo na Hungria, a que se seguirá Berlim Leste. No calendário há já uma previsão da ida de Sua Santidade à União Soviética em 1992, cabendo às chancelarias acordar a data da sua realização.

Na sua terra natal o Papa também obteve uma recente vitória quando o Parlamento polaco não aprovou o projecto de lei sobre liberalização do aborto, proposto pela esquerda.



Adiado o desenvolvimento dos Mísseis Lance

Após meses de deliberação, a administração Bush orienta-se para uma decisão inevi-

tável. Antecipando-se à unificação alemã e tendo presente os progressos nos esforços de desarmamento nas conversões Leste-Oeste, concluiu que não valia a pena manter em solo da RFA os mísseis nucleares tácticos. Em consequência, admite-se que seja adiado o programa para a substituição dos actuais mísseis Lance, embora ele seja cancelado, para já.

Pouco depois de ter sido conhecida a decisão, o Senador Sam Nunn, democrata que preside à Comissão das Forças Armadas, incitou a Administração a ir mais longe no corte dos seus compromissos na Europa. Na sua opinião todas as armas nucleares, de curto alcance e baseadas em terra, deveriam ser retiradas do Velho Continente e os efectivos militares reduzidos dos actuais 305.000 para menos de 100.000, muito abaixo dos 195.000 já proposto pelo Presidente Bush. Paralelamente, deveriam ser diminuídos os grandes aviões de transporte de unidades militares.

O programa de desenvolvimento dos mísseis Lance foi anunciado em 1988, mas muito mal recebido, na altura, pela RFA o que levou ao seu adiamento. O ano passado o Congresso mostrou-se relutante em afectar mais de um bilião de dólares ao programa, a que se juntou o pedido em idêntico sentido do Ministro dos Negócios Estrangeiros Genscher bem como de Margaret Thatcher, quando do seu encontro nas Bermudas com o Presidente norte-americano. Por isso o congelamento agora decidido foi, de modo geral, muito bem recebido.

Oskar Lafontaine, vítima, de atentado

Num comício eleitoral para as eleições estaduais da Renânia do Norte-Westfália o líder social-democrata alemão, Oskar Lafontaine, foi vítima de um atentado com arma branca perpetrado por uma mulher que, mais tarde, se soube não ter motivações políticas.

Lafontaine está a fazer uma carreira política meteórica e deve ser o candidato a chanceler pelos social-democratas nas eleições de Dezembro próximo. O ano passado foi escolhido para ministro-presidente do Estado do Sarre, interrompendo o reinado da democracia-cristã que se mantinha há 25 anos. Pela sua pequena estatura, chamam-lhe o "Napoleão do Sarre", mas tem sabido fazer-se eco e interpretar as preocupações populares e até defender teses que irritam a federação alemã dos sindicatos, tradicionalmente o maior apoio do partido social-democrata.

A comissão das CE propôs um orçamento de 45 milhões de contos para um conjunto de acções de desenvolvimento e promoção da INDÚSTRIA AUDIOVISUAL europeia entre 1991 e 1995.

A Comissão de selecção do SIBR (Sistema de Incentivos de Base Regional) aprovou mais 79 PROJECTOS PRIVADOS DE INVESTIMENTO, em Portugal, no sector industrial, a financiar pelo FEDER. Os 79 projectos vão beneficiar de um apoio do FEDER de 5,2 milhões de contos, que darão origem a investimentos da ordem de 26 milhões de contos e criarão cerca de dois mil postos de trabalho.

A Comissão Europeia aprovou NOVAS ORIENTAÇÕES PARA A FISCALIDADE DAS EMPRESAS DA COMUNIDADE, substituindo o princípio de harmonização das leis pela coordenação e aproximação das políticas nacionais. Paralelamente, foi decidido constituir um comité de personalidades independentes para elaborar, no prazo de um ano, estudos sobre as disparidades de impostos das empresas dos diversos Estados-membros.

No quadriénio de 1986/89, os COM-PROMISSOS COM A CEE, no quadro do FEDER, relativamente a Portugal ASCENDERAM A 300 MILHÕES DE CONTOS, dos quais 190 milhões foram já transferidos, tendo como objectivo a concretização do apoio a mais de 2900 projectos de investimento e nove programas. Em termos sectoriais, os transportes receberam a maior fatia das verbas (47 por cento do total).

Um milhão e 16 mil contos é o valor, a preços actuais, dos sete PROJECTOS APROVADOS NO ÂMBITO DO PEDIP (Programa Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa) PARA O CONCELHO DE ÁGUEDA e cujo início deverá ocorrer até 1 de Setembro próximo. Três deles destinam-se à rede viária, duas à construção de estações de tratamento de águas residuais (ETAR) e duas outras ao abastecimento de água, devendo todos eles estar concluídos até 1992.

O INVESTIMENTO na modernização e reestruturação NOS SECTORES DA TRANSFORMAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS DA PESCARIA em Portugal deverá aproximar-se dos 28 milhões de contos até 1994. Esta é a primeira vez que se concretiza um apoio comunitário à indústria de conservas de sardinhas.

A Comissão Europeia aprovou um RELATÓRIO QUE IDENTIFICA AS PRÁTICAS DESLEAIS DOS ESTADOS-UNIDOS em matéria comercial e que, no seu entender, constituem um obstáculo às exportações e aos investimentos comunitários naquele país. O relatório, não exaustivo, aponta para cerca de 50 barreiras, tarifárias ou não, às trocas comerciais, nomeadamente em termos de restrições quantitativas, políticas discriminatórias nos contratos de direito público, excessivos direitos alfandegários, subvenções à exportação e entraves fiscais. Segundo a Comissão, apesar de a economia americana ser relativamente aberta, os Estados-Unidos mantêm um grande número de práticas desleais ou discriminatórias de diversas disposições legislativas que entram ou distorcem o regime multilateral de comércio.

A Comissão finalizou o recrutamento para o 10.º PROGRAMA ETP (Executive Training Programme) no JAPÃO, tendo escolhido 47 jovens gestores europeus para aprender, na língua japonesa, o método nipónico de gestão. A maioria dos membros do grupo deste ano, que permanecerá no Japão por 18 meses, vem de pequenas e médias empresas, sendo uma das formas através das quais a Comissão encoraja as PME com vista a uma maior penetração no mercado Japonês. O programa ETP, criado em 1979 e financiado na sua maior parte pelo orçamento comunitário, formou mais de 350 executivos que, na sua maioria, se encontram hoje à frente de sucursais europeias instaladas no Japão e coordenando departamentos de exportação de empresas europeias vocacionadas para o comércio com o Japão.

O governo português apresentou no Conselho de Ministros do Ambiente da CEE, em Março passado, o que passou a ser conhecido por "ACORDO DE LISBOA" que visa o estabelecimento da

cooperação na prevenção e combate aos acidentes ambientais que envolveram hidrocarbonetos e outras substâncias perigosas, utilizadas no Atlântico Nordeste. No acordo estão também envolvidos a Irlanda, a Espanha e a França e nele se prevê a obrigatoriedade de informar os estados vizinhos sempre que ocorram acidentes ou ameaças de poluição bem como a criação de mecanismos de assistência mútua.

CIMEIRA DE DUBLIN

A presidência irlandesa pediu a realização de uma reunião especial dos Chefes de Estado e de Governo dos Doze para analisar a questão da reunificação alemã. Tratando-se de um assunto tão candente a Irlanda receava que ele ocupasse por completo a tradicional reunião com que se encerrará a sua presidência no próximo mês de Junho e daí a razão da sua iniciativa. Porém, o encontro de 27 e 28 de Abril em Dublin foi dominado pela "união política", levada ao conselho pelas mãos de Mitterrand e de Helmut Kohl, já que a unificação da Alemanha não levantou problemas especiais.

A unidade alemã realizar-se-á sem que haja necessidade de alterar os tratados existentes, devendo estar concluída no princípio de 1993, garantindo a RFA que suportará os respectivos custos sem que tal resulte uma diminuição dos apoios aos países do Sul.

A questão da prioridade à "união política", que até aqui só apareceria após a "união económica", não foi aceite pacificamente, sendo a voz da Grã-Bretanha, pela sua primeira-ministra Margeret Thatcher, de completa oposição, apresentando Portugal e a Dinamarca algumas objecções de fundo. A proposta franco-alemã pretendia que do encontro saísse uma data para uma cimeira intergovernamental para negociar o tratado de união política da Europa. Contudo, as objecções levantadas - Thatcher pediria "expliquem-me o que não é a união política e logo darei a minha opinião" - aconselharam alguma moderação pelo que foi decidido adiar para Junho a posição final, competindo aos ministros dos negócios estrangeiros preparar uma reflexão aprofundada sobre a definição e conteúdo da união política e a identificação das razões que poderão justificar um empenho da Comunidade neste objectivo, a ser apresentada à próxima cimeira dos Doze.

Pelo Cor MÁRIO DE MENDÓÇA FRAZÃO

Memórias de um V.A. (Viajante Aéreo) - IV

O nosso V.A. foi convocado, no ano de 1943, para frequentar um estágio numa Escola de Aviação pelo período de quatro semanas.

O programa de estágio determinava o voo durante todo o período da manhã de todos os dias úteis para exercício de "Observação Aérea".

Três dias antes da sua apresentação na Escola tomou o V.A. conhecimento pelos jornais de que um piloto cabo miliciano, em voo de instrução, tendo posto o seu avião a "cabrar" sobre o Castelo



de Sintra ficara com a "manche" na mão; dissera então ao cabo observador que o acompanhava que se atirasse de pára-quadras, atirando-se ele próprio de seguida.

Por razão desconhecida o observador despenhou-se com o avião; o piloto saíu ileso do acidente.

Chegando o V.A. ao estágio teve o primeiro dia preenchido com apresentações, instalação e sorteio de uma "combinação

de voo" e de um "pára-quadras".

Na manhã do dia seguinte, deselegantes nas suas combinações de voo e com os pára-quadras já ajustados, compareceram os estagiários no campo onde, igualmente por sorteio, lhes foi indicado um piloto (estes eram cabos, furrieis e alferes).

Ao V.A. coube-lhe em sorte (?) o cabo protagonista do incidente de quatro dias antes, que fora identificado pela notícia dos jornais.

Devo aqui dizer que embora o programa se referisse a "observadores aéreos" os senhores pilotos, ou por nula preparação didáctica ou por sadismo, transformaram aquele estágio em sessões de horas de "figuras" de acrobacia.

Devo atestar que o caso se passava com toda a delicadeza: após a execução dum primeiro "looping" perguntava o piloto se o tenente se sentia incomodado; a resposta era, invariavelmente, negativa, e aí se desencadeava uma enjoativa série de "figuras".

Em certos dias, ao almoço, notava-se a palidez em muitos rostos.

O nosso V.A. definiu a situação, no final do estágio, declarando que andara mais tempo em "voo invertido" do que em voo normal. Concretamente, com o V.A. no seu primeiro dia de voo aconteceu que o piloto já referido lhe perguntou:

— O meu Tenente suporta acrobacia? Obteve um rotundo SIM.

Imediatamente o avião aprobeu ao Castelo de Sintra e ali foi proficientemente posto a "cabrar" exactamente na vertical do Castelo enquanto o piloto informava que era "para o meu Tenente ver como esta vista é bonita".

Como a "manche" não se soltou, o V.A. chegou à Messe, para o almoço, com redobrado apetite.

Esta página é dedicada à reprodução fac-similada de artigos ou ilustrações que fizeram época neste Jornal nos últimos 30 anos.

DEVERES GERAIS DAS SENTINELAS

1 — A sentinela deve estar sempre vigilante, firme e bem quadrada no posto em que foi colocada ou passando em ordinário até 10 passos para cada lado desse posto, com a arma inclinada no ombro.

2 — Não fumar, comer, beber, dormir, deitar-se, sentar-se, nem falar sem necessidade provada, com qualquer pessoa.

3 — Não consentir que nas proximidades do seu posto se pratiquem imundices, nem permitir que pessoa alguma ali pratique acções contrárias ao brio ou ao decoro.

4 — Não entrar nas guaritas senão quando chover, saindo sempre que tiver de prestar continência a qualquer superior.

5 — Não questionar com pessoa alguma; quando não seja prontamente obedecida, no cumprimento das suas instruções, deve prender o desobediente e chamar o cabo da guarda.

6 — Não consentir ajuntamentos próximo do seu posto, nem mesmo de praças da própria guarda, nem permitir que ali se faça gritaria ou qualquer espécie de motim.

7 — Prestar continências devidas a todos os símbolos e pessoas que a ela tenham direito, sempre com a maior correcção, nos seus postos, volvendo por forma a tomarem uma frente paralela à do posto, a 5 passos de distância do superior e até que ele se afaste a 2 passos, devendo as sentinelas dobradas executar os movimentos simultaneamente, regulando-se o da esquerda pelo da direita.

8 — Um quarto de hora depois do toque de recolher, a sentinela das armas bradará: **Sentinela alerta**, ao que a sentinela mais próxima responderá: **Alerta está**, replicando-lhe a primeira: **Passa palavra**, o que esta fará, gritando **alerta** para a sentinela imediata, e assim todas as outras. O brado de **alerta** repetir-se-á de 15 em 15 minutos até ao toque da alvorada.

9 — As sentinelas devem ser respeitadas tanto por iguais como pelos superiores e ainda pelos indivíduos da classe civil. Devem conhecer bem as suas obrigações, tanto gerais, como privativas do posto, portar-se com a maior correcção e absoluta seriedade, não se distraindo, sob pretexto algum, do exacto e rigoroso cumprimento dos seus deveres e tendo sempre presente que as faltas cometidas por uma sentinela são mais graves, e, por isso, punidas com mais rigor.

AINDA A BATALHA DE OURIQUE

Por MARTIM VELHO

A maior alusão coeva

Na sua nota XIII do Livro II da História de Portugal diz Alexandre Herculano que nenhuma das memórias históricas coevas da batalha de Ourique encerra a menor alusão donde se possa concluir que Afonso Henriques fora aclamado rei na batalha de Ourique. Por isso chamou "anedota" à aclamação, o que não causa admiração porque no melhor pano cai a nódoa.

Por "memórias históricas" referia-se ele a documentos escritos e não a tradições transmitidas por boca, das quais aliás não era amigo. Todavia nós vamos contrariar o Mestre, começando por dizer que a memória histórica mais antiga, impossível até de ser mais coeva do acontecimento, está contida naquela fonte a que ele próprio chamou uma das cinco fontes legítimas para a história da mesma batalha. Isso implica um raciocínio complexo, coisa que ele não conseguiu fazer.

A vida do prior de S.^a Cruz de Coimbra, desde o seu nascimento até ao seu falecimento, consta daquela memória a que costuma dar-se a designação de VIDA de S. Teotónio - a Vida, em resumo. Não refere a aclamação de forma directa, expressa, é certo; mas fá-lo dum modo implícito, indirectamente, donde efectivamente se pode extrair a conclusão da sua aclamação. A VIDA menciona: quer a batalha (através do passo "quando no campo de Ourique venceu cinco reis dos pagãos" - **quando in campo V. reges paganorum... deucit**); quer a pessoa do vencedor, Afonso Henriques; quer dois períodos distintos na vida dele. No primeiro período trata-o por infante. É o período anterior à batalha. Mas a certa altura já o trata por rei (é o período seguinte). Eis a confirmação deste delimitação temporal bem nítida: "Quando Afonso, [ainda] nobre infante...", em contraposição à seguinte: "... quando pela sua invicta valentia Já lhe chamavam rei...".

Transpunhamo-nos a Julho de 1139. O infante dirige o seu exército rumo a Sevilha. Por alturas de Castro Verde surge-lhe de repente o inimigo sendo obrigado a travar batalha. Vence-o. São expedidas estafetas a Coimbra a dar a boa notícia. (Isto não está escrito mas induz-se do facto, aliás facto humano que se repete sempre em circunstâncias idênticas). Mesmo que hajam partido só após os três dias em que o vencedor, segundo o costume da época, permaneceu na posse do campo da lide, o certo é que nos primeiros dias de Agosto já toda a cidade de Coimbra e seus arredores sabiam de quanto se havia passado desde que o infante a deixa-

desde a chegada das estafetas, a saber-se; ou seja, por testemunhas directas que eram as primeiras memórias vivas de tudo.

Ora Alexandre Herculano não conseguiu proceder a este encadeamento de raciocínios. Mas ele já sabia que tinha havido a batalha, pois isso consta de outras fontes também. Sabia que haviam sido vencidos cinco reis dos pagãos, pois a própria Vida o assevera. O que não conseguiu foi ver um nexa no vocativo "Oh Rei!" que certamente não surgiu por geração espontânea. Pretenderia ele um documento coevo da batalha mais



ra com o seu exército. Portanto já sabiam da aclamação do infante-duque (isto é, o filho duma rainha que se comportava como condutor de homens guerreiros). Ficara sabendo isso o prior de Santa Cruz. E o próprio autor da Vida também ficou a sabê-lo.

Passados mais uns dias chega o vencedor. Vai o prior a recebê-lo pressurosamente, a ele que até então não tratava por rei mas sim por infante. Quiçá o acompanhava o próprio autor da Vida. Como o recebeu o prior? Assim: Oh Rei!... O prior já sabia, portanto, que estava a dar as boas-vindas a um vencedor de cinco reis dos pagãos. Sabia que por essa razão tinha havido uma batalha. Sabia que antes da batalha lhe haviam pedido para tomar o título de Rei. Tudo isso ficou,

significativo? Mas que documento mais coevo pretendia ele do que a Vida? Do que a fonte dos conhecimentos do autor dela por testemunhas directas? Que melhor e mais coeva prova do que a do prior, ao tratar o infante agora por Rei?

Essa fonte legítima não deixa de ser memória coeva lá porque foi escrita só após a morte do biografado. O seu conteúdo estava vivo na memória do seu autor quando a escreveu como se a tivesse começado a escrever em 1139.

Em resumo: a Vida constitui uma memória histórica fidelíssima que encerra a maior e melhor alusão possível donde se pode concluir que Afonso Henriques fora efectivamente na batalha de Ourique aclamado por Rei.

Uma recompensa de D. Afonso Henriques

Em artigo de 12 de Setembro de 1981 (1) já havíamos referido a data 25 de Março de 1136. Nesta data concedia D. Afonso Henriques uma larga recompensa a um seu fiel vassalo (**vassalo meo fideli**), como se vê do documento n.º 151 da coleção DOCUMENTOS MEDIEVAIS PORTUGUESES, editada pela Academia Portuguesa da História (2). O beneficiário chamava-se Paio Guterres. Não era o primeiro caso, nem o último, em que o infante ou sua mãe concediam recompensas por relevantes serviços. Com efeito a rainha Dona Teresa havia dado a Fromarigo Guterres uma recompensa **per servitium bonum que mihi fecisti** (documento n.º 20), a Soeiro Guterres **pro servicio quod mihi fecisti** (documento n.º 48), ou ainda a demais vassallos (documentos n.ºs 33, 34, etc.). Agora a recompensa dada por D. Afonso Henriques era-o porquanto o beneficiário **bono servitio... michi fecisti**.

Este Paio Guterres era, segundo tudo indica, da mesma estirpe que aqueles outros. Trata-se daquele "valente soldado" a que se refere a ementa de 1173 (ano 1135) da *CHRONICA GOTHORUM*, que o apelidou de "um outro Cipião Africano". Poderíamos jurar que este homem tomara parte no chamado fossado de Ladeia - isto é, à Ladeia, ali pela Ateanha. Conforme admitíamos no nosso artigo, a refrega final do fossado deve ter ocorrido pelos fins de Novembro do dito ano de 1135, isto é, pouco antes da data em que o castelo de Leiria começou a ser construído (10 de Dezembro logo a seguir), a meio caminho entre Coimbra e a muçulmana Santarém dessa data.

Repare-se agora no pequeno espaço de tempo que mediou entre a altura do recontro militar e a data do início da construção do castelo: cerca de uns quatro meses. Daqui flui que a recompensa deve ter tido como causa um bom serviço que Paio Guterres prestara nessa ocasião, quiçá o papel fundamental no recontro militar, ocorrido com forças sob a direc-



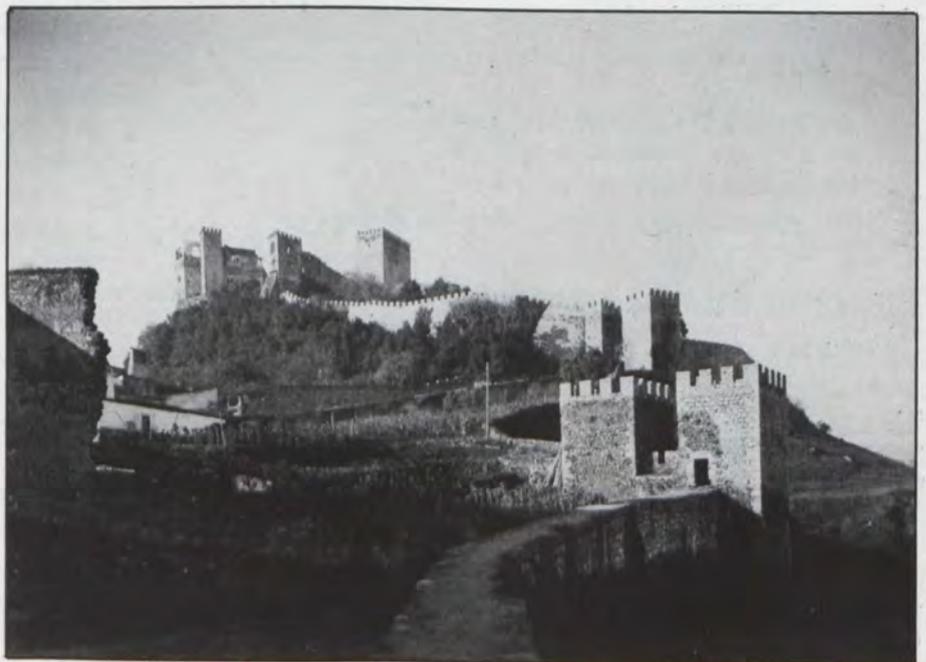
ção do emir Tashufin bin Ali. Do bom resultado havido para as forças cristãs é que resultou, por sua vez, a possibilidade da erecção do castelo pouco abaixo do campo da batalha.

Se virmos agora as coisas ao contrário, quer dizer tomando como ponto de partida a data da recompensa e lançando a atenção para ocasião retroactiva, concluiremos sem esforço que no curto espaço de uns quatro meses que precederam a recompensa não regista a história nem documentos avulsos que outro feito tivesse ocorrido, justificativo da recompensa, que não fosse o dito fossado de Ladeia. Foi, pois, no fossado e seu resultado que se situou o bom serviço prestado por Paio Guterres.

Mas as coisas não ficam por aqui, podendo agora observar-se que a escolha desse soldado para uma tal recompensa tinha a sua justificação acrescentada. É que o documento não se limita a recompensar um serviço já prestado, que tivesse terminado; pois ainda diz assim: ... **et praesentialiter facis**; donde se infere que com estas palavras tinha em vista D. Afonso Henriques o desempenho do lugar de guardião do castelo pelo beneficiário Paio Guterres, lugar que ocupou até ser em 1141 aprisionado.

(1) Publicado no jornal O DIA.

(2) Documentos Régios, volume I, tomo I, 1958, pág. 174.





IX ENCONTRO DE ESTUDOS MILITARES

Destinando-se a criar um espaço aberto à participação de elementos das Forças Armadas de Segurança, com vista ao debate e ao aprofundamento de assuntos relacionados com a Defesa Nacional surgiram, há alguns anos, os Encontros de Estudos Militares.

Tais encontros visam essencialmente fomentar e incentivar o gosto pela investigação em áreas fundamentais para o Exército.

O IX Encontro de Estudos Militares (EEM) decorrerá no IAEM na semana de 8 a 12 de Outubro do corrente ano, de acordo com a directiva de 27 de Março de 90 da respectiva comissão coordenadora.

1. PROGRAMAÇÃO

- Os originais das comunicações (acompanhados da síntese-resumo e da nota biográfica - Art.º 19.º do Regulamento) devem ser remetidos para o Secretariado da Comissão Executiva - GEP/EME. Rua Jardim do Tabaco, 23, 2.º Dto. - 1100 Lisboa Codex - até 28 de Agosto de 1990.

- A decisão sobre a admissão das comunicações será tomada até 18 de Setembro de 1990.

- A decisão sobre a atribuição de prémios de mérito será tomada no penúltimo dia da realização do Encontro.

2. TEMAS DA ÁREA PRIORITÁRIA

- O sistema de avaliação e o desenvolvimento da carreira dos oficiais do QP;
- O regime de contrato, a duração do SEN e a modernização do Exército;

- A organização do Exército e a carreira militar - perspectivas da situação de reserva.

A defesa integrada no território nacional e a componente de defesa territorial - conceito e meios (macro-estruturas).

- O Exército e a opinião Pública: estruturas e plano de acção a médio prazo para criar e manter uma melhor imagem;

- As novas tecnologias e a simulação - sua utilidade no campo militar;

- As novas tecnologias e a segurança e vigilância;

- A informatização de um posto de comando;

- O ensino militar à distância;

- Haverá ainda uma área livre para os temas não incluídos nesta área prioritária.

3. CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

Conteúdo e autoria das comunicações.

- As comunicações devem constituir trabalhos originais. Podem fundamentar-se noutros trabalhos ou estudos nacionais e estrangeiros, mas é essencial que sobre esse suporte exista uma análise pessoal e original que tenha em conta o caso nacional e a sua especificidade própria.

- As comunicações podem revestir uma qualquer forma de estudo, trabalho de investigação, inquérito, análise prospectiva ou simples expressão de ideias, devendo o texto ter um mínimo de dez páginas dactilografadas em formato A4.

- As comunicações podem ser individuais ou resultantes de traba-

lho colectivo, devendo sempre ser identificado o seu autor ou autores.

- As comunicações admitidas serão apresentadas oralmente pelo(s) autor(es), devendo seguir-se a cada exposição um período de debate.

- Em princípio as comunicações não devem conter matéria que, do ponto de vista militar, esteja sujeito a classificação de segurança "CONFIDENCIAL" ou grau superior.

No caso de haver extractos ou referências a documentos militares classificados deve ser feita a anotação conveniente com a indicação expressa da origem que autorizou a consulta desses documentos.

- Considerando que se trata da primeira edição dos Encontros após aprovação do novo Regulamento, fica limitado aos militares do Exército a possibilidade de apresentarem comunicações.

Apresentação gráfica

Os originais dactilografados devem respeitar os seguintes requisitos gráficos;

- Mancha dactilografada, formato A4, com o máximo de 38 linhas (a 1½ espaços entre linhas); páginas ímpares com margens de 3 cm do lado esquerdo e 1 cm do lado direito; páginas pares com margens de 1 cm do lado esquerdo e 3 cm do lado direito; numeração de páginas na parte superior da mancha, à direita para as páginas ímpares e à esquerda para as páginas pares.

- É aceitável acrescentar anexos, com apresentação gráfica idêntica à mancha acima descrita, não devendo os anexos ultrapassar metade do número total de páginas da comunicação.

Exposição

O tempo dedicado à exposição de cada comunicação não deve ultrapassar 30 minutos, pelo que convém preparar um resumo.

Em directiva posterior se fixará o período destinado ao debate.

4. PRÉMIOS

Prémio de participação

O valor do prémio de participação é de 20.000\$00 - para aquisição de livros à escolha do premiado - não sendo permitida a acumulação de prémios caso o autor, ou autores, tenham mais comunicações admitidas.

Prémios de Mérito

Na Área Prioritária - As comunicações admitidas, e classificadas nesta área, podem ser distinguidas com prémios de mérito nos seguintes valores;

- 100.000\$00 ao primeiro;

- 70.000\$00 ao segundo;

- 45.000\$00 ao terceiro;

Na Área Livre - Às comunicações admitidas a esta área não serão conferidos prémios desta natureza.

Esclarecimentos mais pormenorizados poderão ser pedidos para o Secretariado da Comissão Executiva que funciona no GEP/EME - Rua Jardim do Tabaco, 23 - 2.º Dto. - 1100 Lisboa Codex - Telef. 863171 (civil) ou 23147 (militar).

Por JORGE FREITAS

Períodos Históricos - 4

Renascimento (conclusão)

Faltava referir somente o jogo de guerra naval respeitante a este período. As escolhas são variadas, embora a informação não seja abundante para os principiantes. Desde a expansão portuguesa para o Índico até ao desastre da "Invencível Armada", passando por um ou outro teatro de operações menos conhecido, esta época presta-se ao coleccionismo tanto quanto ao passatempo centrado no jogo, dado o colorido dos modelos e o seu exotismo. Uma das batalhas deste período é a mais frequentemente reconstituída em miniatura: Lepanto (1571), onde o expansionismo turco foi detido após a decisiva vitória obtida pelos estados cristãos europeus aliados (com a excepção da França). Quanto a regras que permitam efectuar jogos subordinados a esta época, temos mais uma edição inglesa: "Age of Sail", acessível apenas aos leitores que se disponham a escrever para a firma "Tabletop Games" (que a comercializa no Reino Unido), a fim de adquirir o citado conjunto de regras. No que concerne a modelos - mais uma vez em liga de chumbo e estanho - a firma "Navwar" apresenta uma gama não muito extensa, mas perfeitamente suficiente para a organização das armadas do período. A escala de redução é 1/1200. Numa escala maior (1/1600) - no que respeita às dimensões das miniaturas, entenda-se - e no mesmo material, temos os modelos da "Skytrex".

As "Guerras com Punhos de Renda"

Sob este título, algo enganador quanto ao contexto feroz em que foram travadas muitas batalhas, designa-se o período que medeia entre os finais do século XVII e os finais do século XVIII. Os atractivos incidem no colorido e na variedade dos uniformes, bem assim como na dispersão dos teatros de operações passíveis de serem representados na mesa de jogo.

Se o mais célebre dos conflitos deste período se travou na Europa (a Guerra dos Sete Anos, 1756-63), não é menos verdade que se estendeu às colónias de duas das principais nações beligerantes: a Inglaterra e a França. Foi na América do Norte que estas duas potências se de-



frontaram, inicialmente, num teatro de operações para o qual nenhuma delas estava especialmente preparada. O mesmo pode ser dito em relação à Índia, sendo aqui as dificuldades acrescidas pela participação dos obsoletos mas numerosos exércitos dos soberanos locais, o que confere aos jogos que representem este período no cenário indiano um certo exotismo (por exemplo, elefantes contra infantaria armada de mosquete!).

Recuando um pouco no tempo, temos a Guerra da Sucessão de Espanha (1701-15), na qual Portugal desempenham papel de certo relevo. Mesmo assim não deixa de ser motivo para se poder reconstituir um ou outro confronto entre as forças portuguesas e as franco-espanholas. Novo salto no tempo e chegamos a 1775, data que marca o início de um novo conflito no cenário norte-americano, desta feita entre as colónias rebeldes e o governo de Sua Majestade Britânica. Mais uma vez as táticas convencionais utilizadas com êxito na Europa, por um exército que ascendera ao topo das suas capacidades após longos anos de conflito, foram inúteis face a um inimigo mediocramente organizado e equipado (pelo menos a princípio), mas que tinha a vantagem da flexibilidade num terreno que conhecia bem e ao qual se adaptava melhor. Claro que no primeiro caso me referia às forças britânicas, no segundo aludia às forças americanas rebeldes. Esta guerra da Independência dos E.U.A. terminou em 1783, numa data não muito distante de outro contexto bélico marcante, o qual será tratado no próximo mês.

As características deste período em termos de jogo resumem-se em poucas pa-

"Batalhas Aéreas da Primeira Guerra Mundial" - um tema a tratar brevemente. [Modelos (e bibliografia...) do autor].

lavras: grande rigidez táctica — no que respeita ao teatro de operações europeu, note-se —, necessidade de grandes concentrações de tropas armadas com mosquete, dada a relativa ineficácia desta arma de fogo, maior mobilidade de artilharia no campo de batalha graças a um maior recurso aos trens hipomóveis. Muito mais poderia ser dito, mas excederia os objectivos desta síntese de apresentação dos vários períodos abrangidos pelos jogos de guerra.

Quanto a miniaturas, há muito por onde escolher. Desde a escala 1/300 até aos "25 mm", diversas firmas inglesas produzem figuras e equipamento para os jogos sob este tema. Caso os leitores estejam interessados, poderei esclarecer qualquer dúvida ou informação requerida sobre a acessibilidade dos modelos e figuras (deste ou de outro qualquer período), bastando para isso escrever para a redacção do Jornal do Exército.

Para quem esteja interessado na Guerra dos Sete Anos como tema de jogo, há vários "guias de pintura" para os diferentes exércitos envolvidos naquele conflito, elaborados com o pensamento nos entusiastas do passatempo e editados por uma firma inglesa já anteriormente mencionada: "Tabletop Games". Pelo menos, facilitam imenso a pesquisa sobre a organização, equipamento e uniformes das forças beligerantes. Regras também não faltam, sendo de mencionar "Tricorn" e "Musket", Fife and Drum" ambas comercializadas pela "TTG".

Por LUÍS COSTA

Tractor de artilharia "FORD" FGT - Exército Português. (Colecção do modelista João Duarte).



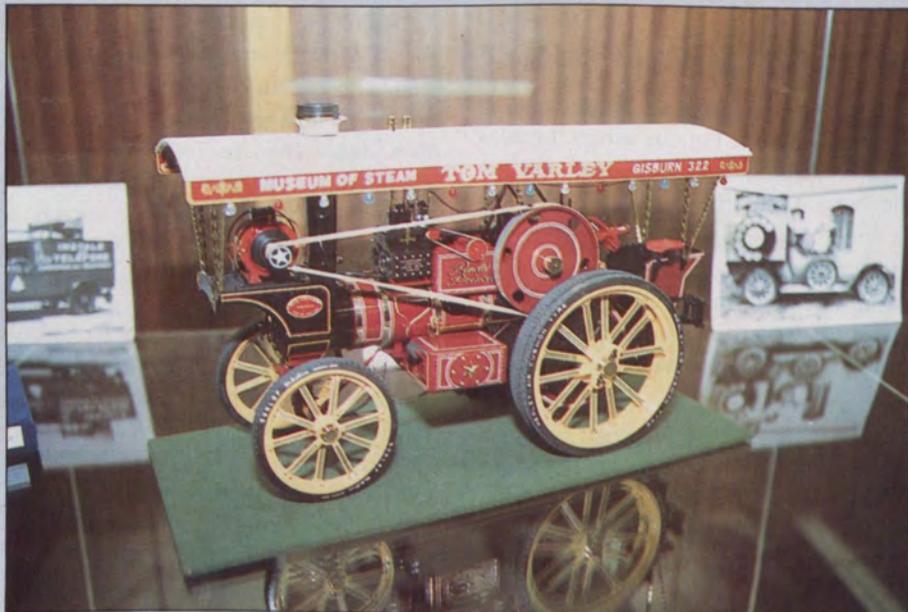
Realizou-se entre 12 e 18 de Fevereiro a Quarta Exposição de Modelismo do Centro Cultural e Desportivo dos Trabalhadores dos TLP. Contou com mais de trinta expositores que apresentaram algumas dezenas de trabalhos subordinados a diversos temas, tais como: viaturas militares de diversos exércitos onde se incluía cerca de uma dezena do Exército Português, viaturas civis, locomotivas, viaturas dos TLP, viaturas de incêndio, figurinos militares e civis, navios, aviões, peças de artilharia, cenários de guerra, cabines telefónicas, etc..

Tivemos oportunidade de apreciar autênticas peças de arte, pois muitas delas foram totalmente construídas pelos modelistas, sendo baseadas por vezes em kits comerciais para a sua transformação.

Esta quarta exposição, tal como as anteriores, tornou-se realidade devido à boa vontade do nosso grande amigo e modelista Mário Rocha que, apesar das diversas dificuldades, as tem conseguido realizar ininterruptamente ao longo destes últimos quatro anos, sendo actualmente a única do género realizada no nosso País. Tal acontece, não pela falta de condições, pois uma sala com vitrines fechadas e em segurança é o quanto basta, mas sim pela falta de interesse da parte das entidades oficiais e dos mais directos beneficiários destas exposições que são as casas da especialidade.



Diversas Viaturas de incêndio. (Collecções dos modelistas José Funenga, Carlos Ribeiro e Mário Rocha).



Locomotiva

Carro de combate "STUART" M5A1 do Regimento de Lanceiros 2 - Exército Português. (Colecção do modelista Luís Costa).



em exposição

Guerreiro português da Idade Média. (Colecção do modelista Victor R. Almeida).



Audi 90. (Colecção do modelista Eduardo Jorge).

do início do século. (Colecção do modelista Eduardo Jorge).

Carl-Gustaf

SISTEMA DE ARMA ANTICARRO 84mm

O SISTEMA ANTICARRO
CARL-GUSTAF
DISTINGUE-SE
POR GRANDE

- CADÊNCIA DE FOGO
- EFEITOS LETAIS
- FLEXIBILIDADE
- MOBILIDADE
- ALCANCE

e é

- PRECISO
- SEGURO
- ROBUSTO
- BAIXO CUSTO
- EFECTIVO

Por isso está
em uso nas Forças
Armadas Portuguesas,
e em mais
70 países
incluindo os países
da NATO



Pelo Cor Eng.^a BASTOS MOREIRA

FORTE DE BELIXE

Escreveu Jaime Cortesão: "O caminho geralmente seguido para o Cabo de S. Vicente é, desde Sagres, à direita, por uma estrada cortando um descampado bravio de charneca, terreno árido, coberto de estevais e capacheiras hirtas e pedregulhos alvos, a que a beira-mar dá uma severa e inóspita grandeza. Ao fundo, como o terreno sobe, ergue-se mais a mole branca do farol. Já perto, à esquerda sobre a riba sobranceira ao mar, levantam-se alguns panos de paredes esventradas, restos informes da Fortaleza de Belixe, construída em 1632, mesmo à beira da escarpa e a prumo sobre o mar, as ruínas duma capela dedicada a Santa Catarina. À direita e antes de transposto o portão, encontram-se umas outras ruínas, ao que parece, dum convento de franciscanos fundado em 1516".

Santa Catarina era protectora dos homens do mar os quais nutriam por ela uma extrema devoção e respeito.

O forte tinha domínio sobre a praia de Belixe Velho e vigiava e protegia uma enseada próxima que era muitas vezes utilizada como abrigo por navios e embarcações de pescadores em dias de temporal, e também como refúgio contra ataques da pirataria.

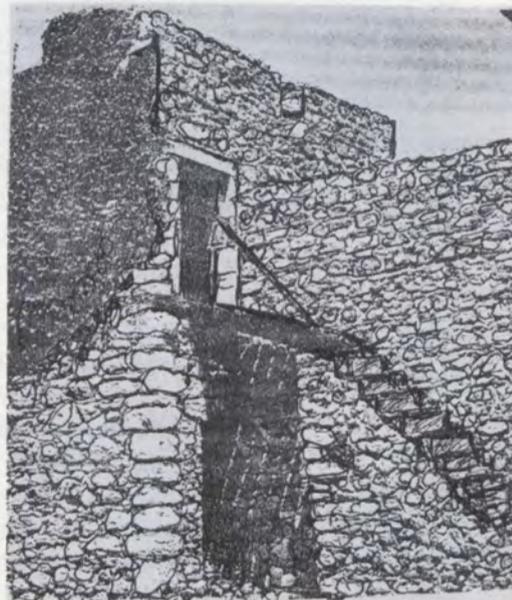
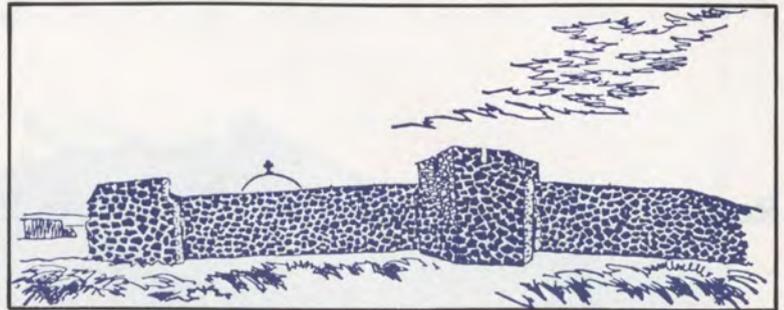
Esta enseada estava situada entre a ponta do Cabo de S. Vicente e a ponta de Sagres.

O **Promontorium Sacrum**, era, como conta o geógrafo grego Estrabão (48 anos antes de Cristo) o local onde esses deuses se reuniam durante a noite, pelo que ninguém podia lá ir nessas ocasiões.

Em Belixe Velho dizia-se dantes que lá se via, às vezes de noite a qualquer hora, um fantasma de branco que aterrorizava todos e quem o via fugia-lhe.

Aqui, disse Estrabão, "é não só o fim da Europa mas de toda a terra habitada". E foi nessa solidão varrida pelos ventos que o Infante D. Henrique, fugindo do bulício da corte, veio meditar o seu sonho de conquistas e descobrimentos.

A fortaleza cujas paredes, muralhas e mais elementos acompanhavam o perfil normal da escarpa dispunha de uma extensa praça de armas e apresentava sobre uma porta as Armas Reais e a lápide: EL-REI D. FILIPE III REEDIFICOU ESTA FORTALEZA DEDICADA A SANTO ANTÓNIO. D. LUIS DE SOUSA, CONDE DE PRADO, GOVERNANDO ESTE REINO. ANNO DE 1632.



Belixe faz-nos recordar o nome de Francis Drake, almirante de Isabel I de Inglaterra.

Esta soberana, defensora das ideias da Reforma teve por grande antagonista Maria Stuart da Escócia acérrima defensora do Catolicismo, a qual acabou por ser condenada à morte e executada por ordem de Isabel.

Filipe II não cessou de excitar os ânimos dos católicos ingleses e pretendeu vingar esta odiosa execução. Assim, mandou preparar uma poderosa esquadra de 135 navios, 2300 canhões, 8000 marinheiros e 1900 soldados, a que deu o pomposo nome de Invencível Armada.

Esta Armada acabou por ser destroçada não só em combate travado com a frota de Francis Drake mas também pela acção das fortes tempestades que teve de enfrentar.

Este facto fez com que a Inglaterra deixasse de temer uma possível invasão e determinasse uma enérgica acção de represália, ordenando ataques às costas de Portugal e de Espanha por intermédio de navios ingleses do comando de Francis Drake e de Essex.

Estes ataques tiveram como finalidade a rea-

lização de destruições e de saques de grande monta. Belixe foi uma das vítimas, a par de Sagres e de S. Vicente.

Tal como vem expresso na lápide acima transcrita o rei Filipe III por volta de 1632 tomou a iniciativa de mandar reconstruir as fortalezas danificadas, obra esta que foi depois continuada por D. João IV com a aplicação das novas técnicas de fortificação.

Depois de atravessar um largo período precário, veio, na altura das lutas civis, a ser instalada no forte mais uma boca de fogo e colocada uma diminuta guarnição constituída por 1 sargento e 3 soldados dos quais 2 eram artilheiros.

A par da guarnição, o pessoal das pescas também habitou as instalações do forte.

Este, em 1940, deixou de ter interesse militar e passou a não estar sob a alçada do foro militar. O que dele restou foi classificado de Imóvel de Interesse Público (Decreto 41191 de 18-7-1957).

Após estudos, adaptações e obras o velho forte passou em 1963 a constituir um elemento turístico da região, no sector da indústria hoteleira.

Por MANUEL A. RIBEIRO RODRIGUES

Regimento de Cavalaria Nº 6 - Caçadores a Cavalo

O terceiro uniforme ou de polícia (serviço interno de quartel) utilizado pelos oficiais deste Regimento era o seguinte:

Boné - igual ao do pequeno uniforme (vide artigo anterior, figuras nºs 1 e 2).

Sobrecasaca - de pano azul ferrete, asertoada e abotoada até à altura da cintura por duas filas de oito botões de metal dourado com as armas nacionais gravadas em relevo. A sobrecasaca tem o comprimento até sensivelmente uma mão travessa acima do joelho, tendo alguma roda e uma racha atrás, podendo-se abotoar inteiramente com botões pequenos, quando se não faz o serviço a cavalo. Junto à cintura, atrás, tem dois botões grandes de metal dourado e com as armas gravadas.

Gola amarela com um galão de ouro, de cada lado, que ocupa dois terços do comprimento da mesma. Canhões das mangas direitos, de pano amarelo, guardados por um galão de ouro igual ao da gola.

Calças - de pano de cor alvadia (branco sujo).

Armamento - o mesmo do grande uniforme, colocado sobre a sobrecasaca, não utilizando a pasta de couro preto.

Dois esquadrões do Regimento de Cavalaria Nº 6 distinguiram-se brilhantemente durante as campanhas em Espanha, (1836-37) fazendo parte da Divisão Auxiliar para apoiar a rainha contra os Carlistas. Cavalaria 6 entrou em várias acções, sendo as mais importantes as de Armiñon e Penãcerrada, onde o inimigo foi posto em debandada pelos nossos esquadrões.

Em Janeiro de 1837 a força dos dois es-

quadrões era a seguinte: oficiais superiores - 2, Estado-Maior - 4, Estado-Menor - 3; oficiais - 9; oficiais inferiores - 11, clarins e ferradores - 11; cabos, anspeçadas e soldados - 158. Ao todo eram 198 homens, 180 cavalos e 19 bagageiros.

Por ocasião da acção de Armiñon o Regimento era comandado pelo Coronel Simão da Costa Pessoa, de quem o Decreto de 8 de Agosto de 1837 diz: "Querendo dar um testemunho público do apreço que faço dos serviços da Divisão Auxiliar a Espanha e brilhantes feitos praticados pela mesma acção do dia 21 de Julho último, junto de Armiñon; e premiar condignamente os actos de decidido valor no campo de batalha: hei por bem promover ao posto de Brigadeiro graduado o Coronel Simão da Costa Pessoa, Co-

mandante do Esquadrão de Cavalaria Nº 6 que na acção daquele dia arrancou, por meio da mais brilhante carga, a vitória que o inimigo pensava ter alcançado.

Nota: A Figura nº 1 faz parte do Plano de Uniformes da época. Colecção do autor.



Fig. 2



Fig. 1

Pelo Cor Eng.^a BASTOS MOREIRA

Viatura Auto Oficina de Transmissões

Sentida a necessidade de se dispor de uma viatura oficina, foi, em meados dos anos 60 e sob a orientação da Direcção da Arma de Transmissões, estudada e montada uma VIATURA AUTO OFICINA DE TRANSMISSÕES destinada a efectuar-se a manutenção e reparação de apoio directo e de apoio geral do material de TPF e de TSF do Exército.

Para o efeito utilizou-se uma viatura Willys-Jeep de $\frac{3}{4}$ de tonelada, guincho, com quatro rodas motoras, de caixa metálica rígida, com porta de correr e claboia.

No tejadilho eram transportados oito postaletes para apoio, se necessário, de cabos exteriores de alimentação. A caixa era dotada de ventilador e de exaustor e o seu interior apresentava uma cuidada disposição dos elementos instalados o que permitia excelentes condições de trabalho.

Ali encontrava-se uma ampla bancada e um painel com tomadas de 12 e de 24 volts DC e de 110 e 220 volts AC. A ali-



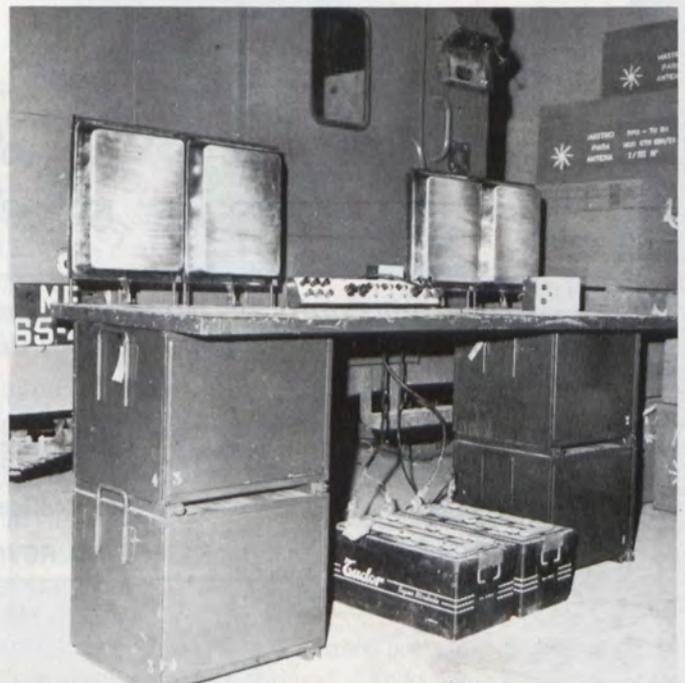
mentação, com cablagem apropriada, poderia ser feita a partir do sector de baterias ou de um grupo electrogéneo. A viatura tinha possibilidade de actuar como oficina móvel realizando-se o trabalho no seu interior ou de permitir a instalação de uma oficina tipo fixo com bancadas montadas no exterior utilizando tampos assentes em cofres de madeira.

Em caixas, gavetas, dispositivos de fixação ou cacifos especiais havia uma vasta gama de ferramental e de outros utensílios ou aparelhagem como, por exemplo, ferros de soldar, berbequins, maçaricos e rectificador para carga de ba-

terias.

Também era bastante completa a dotação em aparelhagem de medida de ensaio da qual passamos a referir:

1. Variac de 4 amperes
2. Estabilizador de tensão
3. Gerador de sinais AM/FM
4. Voltímetro electrónico
5. Gerador de sinais BF
6. Multímetro
7. Medidor de potência AF de 115/230 v e 50 Kcs/s
8. Analisador de válvulas.



Todas as gráficas sabem

(Mas você, saberá?)

Em tempos idos, a comunicação gráfica era apenas cultura.

Depois, tornou-se (também) arte

e, após isso, informação!

O ritmo da vida trouxe à informação a velocidade.

Mas a comunicação continuou arte

e voltou a ser cultura

informativa e veloz,

logo instrumento de mercado,

porque o mercado é vida

como a cultura, a arte, a informação

e a velocidade do viver do nosso tempo!

Todas as gráficas sabem o que é ter de fazer

“trabalhos para ontem” com a melhor qualidade.

Algumas conseguem-no, por vezes.

Nós fazemos disso a nossa profissão!

(Mas você, saberá?)

Fale com a Equipa **Pentaedro**. Amanhã! De manhã!

CONTE CONNOSCO PARA CUIDAR DA SUA IMAGEM

CRIAÇÃO PUBLICITÁRIA

ARTE-FINAL

FOTOCOMPOSIÇÃO

FOTOGRAFIA

FOTOLITOGRAFIA

IMPRESSÃO

PLASTIFICAÇÃO

BROCHURA

ENCADERNAÇÃO

PAPELARIA

*Como gráficos fazemos tudo excepto o papel (até ver!)
Vamos da concepção até à distribuição. Até onde quiser.*



Publicidade e Artes Gráficas, Lda.

Praceta da República, Loja B
Tels. 987 61 80 / 987 07 41
Póvoa de Santo Adrião
2675 ODIVELAS
LISBOA — PORTUGAL

Há 15 anos a fazer LIVROS — REVISTAS — CATÁLOGOS — CARTAZES

Pelo SargAjd VENTURA CUNHA

“Tudo bem” ou “tudo numa boa”?

Do nosso prezado leitor sr. F. Lopes Baltazar, sargento-ajudante reformado, recebemos uma amável carta em que diz: “A sua lição, no nº 360, de Dezembro último, renovou o meu interesse pela Língua Portuguesa, que cultivo apaixonadamente, embora sem prosápias de sabichão. Sempre que a imaginação me impele, escrevo para um amigo imaginário e guardo o trabalho”. Na mesma carta, solicita a minha opinião para o escrito “enviado” a um imaginário “Zé”, há já 2 anos — acentuo que não está desactualizado — do qual transcrevo alguns excertos:

“Vamos ver se consigo que alguém me entenda.

Há uns tempos a esta parte, oiço e leio coisas várias acerca da unificação linguística dos países de expressão oficial portuguesa. Acho bem, porque isso representa uma aproximação, unidade de interesses culturais, históricos, sociais, económicos, etc., que falemos todos a mesma língua, mas que o façamos sem distorções gramaticais.

A língua portuguesa foi difundida, ensinada a partir de Portugal. Os povos distantes que a receberam e adoptaram, dela se servem para afirmarem a sua presença no Mundo e por seu intermédio comunicarem com velhas e mais implantadas civilizações. Daí, quaisquer modificações têm que ser feitas de molde a que se não destruam pedagogias positivamente usadas e comprovadas.”

Acredite que gostei da sua explanação e entendi perfeitamente a sua mensagem. Mas continuemos a transcrição: “(...) Posta em prática a modificação em estudo, a descrição dum estado de espírito a reflectir uma má disposição, talvez a possa fazer assim:

Por ter que curtir uma barra pesada p'ra caramba, caí numa fossa que não consigo transar. E todos os dias, grilado com pensamentos mexerucos, procuro segurar as pontas, entrar numa “nice” e tentar construir uma real nos conformes.”

É evidente que o seu escrito foi influenciado pelo anteprojecto do novo Acordo Ortográfico. Como se sabe, o primeiro anteprojecto foi assinado em 12 de Maio de 1986 pelas delegações de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, logo contestado, em Portugal, por forte polémica, em grande parte de origem emocional mas com críticas válidas, pelo que teve de ser revisto. Em 22 de Março de 1989 foi apresentado o novo Anteprojecto de Bases da Ortografia Unificada da Língua Portuguesa, mais conhecido simplesmente por Acordo Ortográfico, elaborado pela Academia de Ciências de Lisboa, o qual aguarda aprovação oficial.

Quem conhece o texto do referido Acordo sabe que não há modificações destrutivas, mas sim simplificativas. Posso acrescentar que as alterações se referem principalmente à dupla acentuação gráfica, à supressão de alguns acentos, à introdução das letras K, W e Y no alfabeto, á adopção de uma posição intermédia na utilização do hífen e à eliminação de algumas consoantes mudas.

Continuando com a apreciação do seu “trabalho”, refira-se que a segunda parte do texto tem influência da linguagem de uma qualquer telenovela brasileira. Àquela forma de escrever ou falar tanto se pode chamar popular como gíria ou calão. Em linguagem mais culta, mesmo no Brasil, seria mais ou menos assim: “Por ter que suportar uma dificuldade espantosa, caí numa situação complicada que não

consigo transpor. E todos os dias, incomodado com pensamentos mesquinhos, procuro segurar os extremos, entrar numa situação agradável e tentar construir uma realidade nas devidas condições.”

Repare, por exemplo, neste texto, em linguagem também popular, mas agora em Portugal: “O gajo, que andava no gamanço, atazanou o chui de tal jeito que este o agadanhou e prantou no xelindró, antes que desse à sola”. Em linguagem mais culta seria: “O indivíduo, que andava a roubar, atormentou o polícia de tal maneira que este o prendeu e meteu na cadeia, antes que fugisse”.

Em face destes exemplos, verifica-se que o novo Acordo Ortográfico nada tem a ver com estas coisas. Elas são, sim, reflexos da sinonímia rica do nosso idioma.

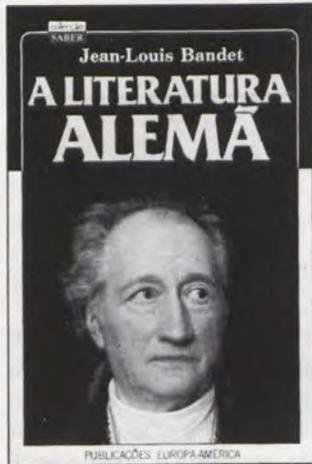
Aproveito para esclarecer que os verbos **transar** e **grilar** são neologismos brasileiros que não encontrei mencionados nos dicionários a que recorri. Julgo, todavia, que o verbo **transar** será formado pelo prefixo **trans**, que exprime a ideia de **além de, para além de** mais o sufixo **ar** que significa **acção**. Quanto ao verbo **grilar** deve ter origem no substantivo **grilo** (também **problema**, no Brasil) mais o sufixo **ar**, que também significa **abundância**. Em referência a “nice”, trata-se de uma palavra inglesa (pronuncia-se “nais”) que significa: **agradável, esplêndida, deliciosa**.

Aconselho-o a continuar a escrever ao seu “amigo imaginário” pois só terá a ganhar com isso.

Embora, segundo me parece, não tenha atingido o objectivo que o leitor pretendia, creia que argumentei com a melhor das intenções.

E ficamos por aqui: “Tudo bem”, em Portugal. “Tudo numa boa”, no Brasil.

Pelo Cap. MARQUES FERNANDO



A Literatura Alemã

- Jean-Louis Bandet
- Publicações Europa-América
- Coleção: Saber
- Mem Martins, 1989, 143 pp

"A Literatura Alemã", de Jean-Louis Bandet, traça de uma forma sucinta a panorâmica da literatura alemã, desde os seus primórdios até aos nossos dias, evocando nomes tão importantes como os de Gottfried von Strassburg, Hoffmann, Goethe, Thomas Mann ou Brecht. A *Idade Média*, a importância da "segunda mutação consonântica" ocorrida durante o século VII, a política cultural de Carlos Magno, o Humanismo, a Reforma e o Barroco, o século das luzes e o movimento *Aufklärung*, o Romantismo, o Expressionismo, o pós-guerra e as actuais correntes constituem alguns dos temas mais importantes deste livro que só podia ter sido incluído na Coleção "Saber".

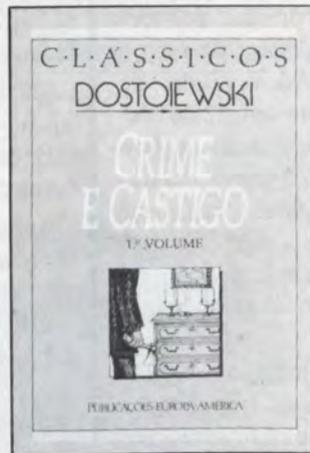
No último capítulo, com epíteto de "Dois Estados, Duas Literaturas" o autor afirma entre muitas asserções que "enquanto a literatura da RDA procura escapar ao controlo do poder, a literatura da RFA procura influir nas decisões políticas", consideração digna de menção e que deve ser ponderada muito especialmente nos dias de hoje.

Crime e Castigo 1.º e 2.º volumes

- Dostoiewski
- Publicações Europa-América
- Coleção: "Clássicos"
- Mem Martins, 1989

Nome consagrado na literatura universal, Fedor Dostoiewski é autor de uma vasta obra, na qual "Crime e Castigo" ocupa lugar eminente.

Considerado como um dos primeiros romances policiais, "Crime e Castigo" representa, contudo, muito mais do que esse género literário, ao mostrar-nos um complexo universo onde se movimentam personagens de uma rara riqueza psicológica de que Raskolnikov é o exemplo perfeito.



Raskolnikov, ao travar um permanente conflito entre o seu consciente, sentindo-se culpado antes de ter cometido o crime, mais que uma personagem, representa a materialização de uma ideia.

Com mestria sublime, Dostoiewski coloca as suas personagens perante situações paradoxais: assim, em vez de certezas, oferece-lhes inquietações, dúvidas e até torturas. É, porém, deste modo que os seus romances levam a conhecer melhor os comportamentos do ser humano.

Vidas em Jogo

- Jackie Collins
- Publicações Europa-América
- Coleção: Obras de Jackie Collins
- Mem Martins, 1989, 592 pp

Jackie Collins continua a escrever "best sellers" que, tanto nos Estados Unidos como na maioria dos países onde são publicados, se transformam rapidamente em sucessos quase inultrapassáveis em termos editoriais. Em "Vidas em Jogo" Jackie Collins escreve o real com realismo, numa linguagem ousada, às vezes até de mais.

Gino Santangelo, à custa dos favores das mais belas mulheres da alta sociedade nova-iorquina, constrói um vasto império e

transforma-se num dos homens mais poderosos dos Estados Unidos. Para fugir à cadeia e à perseguição que o fisco, entretanto, lhe move, Gino entrega os seus negócios à sua filha, maravilhosa e sensual.



LIVROS À VENDA NO "JORNAL DO EXÉRCITO"

"RESENHA HISTÓRICO-MILITAR DAS CAMPANHAS DE ÁFRICA (1961-1974)

- 1.º volume - Enquadramento Geral
- 2.º volume - Dispositivo das Nossas Forças (Angola)
- 3.º volume - Dispositivo das Nossas Forças (Guiné)
- 4.º volume - Dispositivo das Nossas Forças (Moçambique)

Comissão para o Estudo das Campanhas de África (CECA)
Preços: 1.º e 4.º volumes = 1.500\$00 cada; 2.º volume - esgotado; 3.º volume = 1.400\$00 (+ 150\$00, por cada volume, para portes e embalagem nos pedidos de envio pelos CTT)

"ELEMENTOS DE ESTRATÉGIA"

- 1.º e 2.º volumes
- General Abel Cabral Couto*
Preço, cada: 1.000\$00 (+ 90\$00 para portes e embalagem).

"LEI DE DEFESA NACIONAL E DAS FORÇAS ARMADAS" (Anotada)

- Coronel José Manuel da Silva Viegas*
Preço: 600\$00 (+ 90\$00 para portes e embalagem).

"AS RAÍZES DAS INSTITUIÇÕES MILITARES PORTUGUESAS"

- Coronel Nuno Valdez dos Santos*

Preço: 450\$00 (+ 150\$00 para portes e embalagem).

A DEFESA DOS AÇORES DURANTE A II GUERRA MUNDIAL"

- General Manuel de Sousa Menezes*
Preço: 500\$00 (+ 90\$00 para portes e embalagem).

"ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A INSTITUIÇÃO MILITAR E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS"

- Cor. Oscar Gomes da Silva*
Preço: 500\$00 (+ 50\$00 para portes e embalagem).

"AS IMPRESSIONANTES VERDADES DO CAPITÃO FIÚZA"

- Coronel Matias Fiúza Álvares da Costa*
Preço: 500\$00 (+ 50\$00 para portes e embalagem).

"ASPECTOS DO REINO DO ALGARVE"

"ASPECTOS DO REINO DE PORTUGAL"

- Lívio da Costa Guedes*
Preço, cada: 1.550\$00 (+ 100\$00 para portes e embalagem).

"PRÁTICA E DEFESA DO CATOLICISMO"

- Lívio da Costa Guedes*
Preço: 650\$00 (+ 100\$00 para portes e embalagem).



O SONHO DA SENTINELA

Sentinela do tempo
Perscrutando o horizonte,
No teu olhar ausente,
Infinita fonte
De febril interrogação,
O que se sente?

Sentinela do tempo,
Atenta e vigilante,
Reflectindo-se o porquê,
No teu olhar distante,
De sentida inquietação,
O que se vê?

A sentinela do tempo,
Desde que a vida é humana,
Tem no olhar bem patente
Não o que vê e o que sente,
Mas aquela dor insana
Provocada pela peçonha
Que outro homem, seu irmão,
Ainda tem no coração.
Por isso, sonha!

Miguel Pinto

Pelo SargAjd VENTURA CUNHA

O tigre

De origem asiática, o tigre é um animal ágil com reputação de cruel. Carnívoro tem, também, a fama de "comedor de homens".



Com carácter fantástico, houve um ano, na Índia, em que os tigres devoraram 22.000 pessoas e 80.000 cabeças de gado. Na província Scindla, uma fêmea feroz tornou algumas estradas impraticáveis durante alguns meses, matando 127 habitantes no decurso deste período. Numa outra província, um tigre provocou tal terror que treze aldeias foram abandonadas pelos seus habitantes e as terras ficaram incultas até a fera ser abatida.

Sedutor e terrível ao mesmo tempo, o tigre é perseguido, capturado e envenenado.

No entanto, há quem considere desastroso o desaparecimento deste animal.

Borboletas

As borboletas são os seres mais suntuosamente coloridos do reino animal. Os seus nomes evocam todo um mundo onde as cores mais cintilantes adornam uma das mais belas criações da Natureza.

Sempre vigilantes é necessária perícia para as apanhar. O motivo é bem simples. A borboleta apercebe-se do perigo pelas múltiplas imagens que, de todos os lados, se formam nos seus quatro olhos, dois simples e dois compostos, estes úl-

timos constituídos por milhares de elementos pequeníssimos, que são outros tantos órgãos visuais reunidos num só.

As borboletas são **lepidópteros** (do grego **lepis**, escama, e **pteron**, asa), isto é, insectos com quatro asas membranosas revestidas de escamas microscópicas, coloridas.

São quatro as fases da sua vida: o ovo, a larva ou lagarta, a crisália ou ninfa e, por último, a borboleta ou insecto perfeito.



A misteriosa Atlântida



A Atlântida é o mito mais fascinante duma civilização considerada perdida.

À terra onde viveu um povo nobre e amigo das artes e que foi tragada pelo oceano têm sido atribuídas, ao longo dos tempos, diversas localizações. A versão mais forte, mas nunca confirmada, remonta ao filósofo Platão: segundo ele, a

A agricultura

Pensa-se que a agricultura poderá ter nascido do desejo do homem em conservar, junto de si, determinadas espécies vegetais que por norma não poderia obter senão em longas viagens.

O trigo foi um dos primeiros cereais a ser cultivado na Europa. É curioso salientar que as espécies silvestres de alguns cereais, como o trigo, o centeio, a cevada e a aveia, são de origem oriental.

Registe-se que o aparecimento do arado remonta à Idade do Bronze.

Mós posteriormente encontradas documentam-nos a redução dos cereais a farinha.



A lendária Índia



A República da Índia, com uma área de mais de três milhões de quilómetros quadrados, possui a maior densidade da população da Terra, logo a seguir à República da China, correspondendo a cerca de um sexto da população do globo.

É habitada por Hindus - cerca de 90 por cento -, por Maometanos, Cristãos e outros núcleos flutuantes.

País de castas e subcastas, estas estão sujeitas, nas relações entre si, a apertadas regras religiosas.

Os seus naturais falam 14 línguas - sendo a hindu a mais importante - e centenas de dialectos.

A sua riqueza em metais preciosos, diamantes, esmeraldas, rubis, opalas, ame-

tistas, ágatas, pérolas e diversas especiarias justificaram, ao longo da História, a cobiça e a dominação por outros povos.



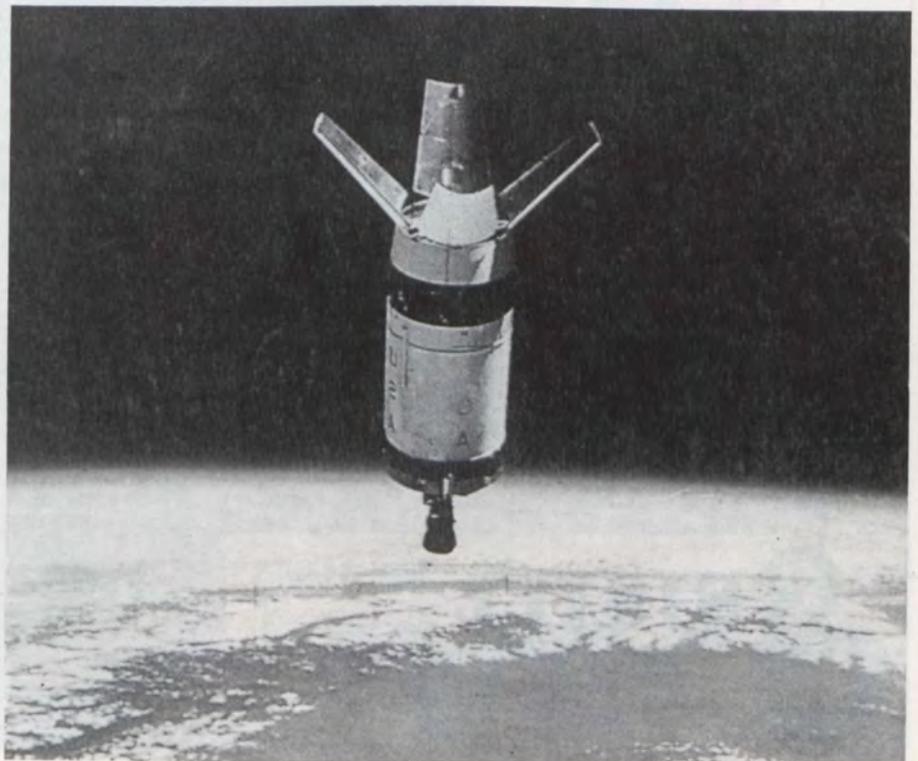
Atlântida era um enorme país situado para lá das Colunas de Hércules, o actual estreito de Gibraltar. Mas segundo o Prof. Aksianow, do Instituto Soviético de Oceanografia, a Atlântida situar-se-ia a cerca de 400 quilómetros da costa portuguesa. De facto, alguns cientistas procuraram-na nas proximidades dos Açores e Madeira.

convertida em chuva, mas o restante é arrastado pelo vento e precipita-se sobre os continentes em forma de chuva ou neve. Por sua vez, a água proveniente das nu-

vens infiltra-se na terra e integra-se no metabolismo dos seres vivos, podendo também formar regatos e rios, que a lançam novamente no mar.

O oceano influencia o clima

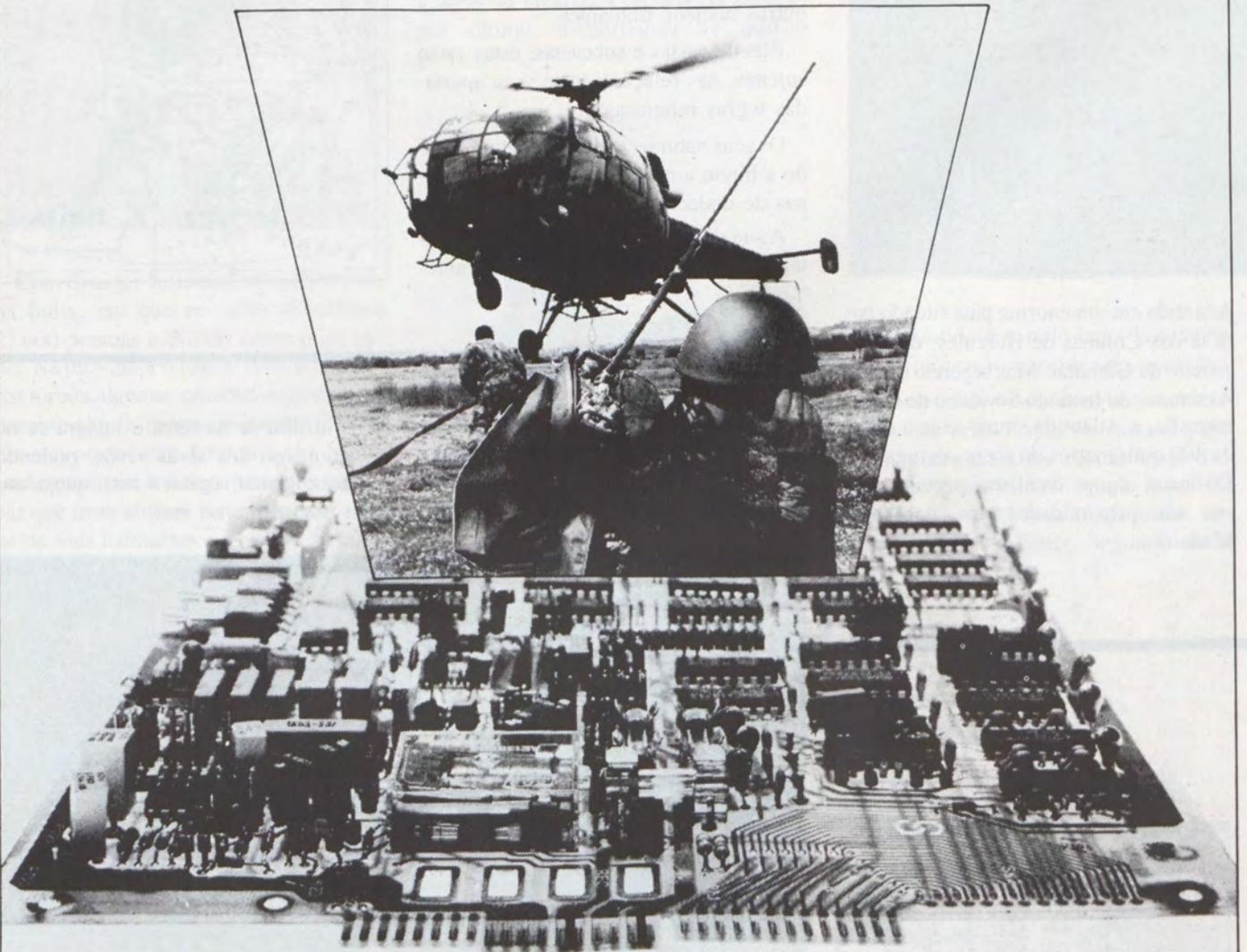
Os raios solares, origem de 90 por cento da energia térmica do nosso planeta, provocam a evaporação diária de milhões de toneladas de água do oceano. Esta evaporação produz as nuvens - visíveis nas fotografias obtidas através dos satélites - as quais apresentam formas diversas e cuja branca forma contrastes maravilhosos com o azul intenso do mar. Parte da água destas nuvens regressa ao oceano



Tecnologia & Qualidade

Radiocomunicações e Sistemas Militares

Somos uma empresa tecnologicamente evoluída.
Somos responsáveis pelo projecto e fabrico de sofisticados
sistemas utilizados pelas Forças Armadas Portuguesas.
Somos a Sistel.



S SISTEL
COMUNICAÇÕES, AUTOMAÇÃO E SISTEMAS, SA

GRUPO CENTREL

Quinta dos Medronheiros - Lazarim - Apartado 9 - 2825 Monte da Caparica - Tel. 295 24 25 - Fax 295 06 16 - Telex 13149 SISTEL P



AMAVE

AMARAL VEÍCULOS, LDA.

TELEFS. 55 11 15 - 55 18 85 - 55 19 50 - 1/2/3 — SERVIÇO NOCTURNO 55 17 18
TELEX 37029 - IVEGAL P — 3740 SEVER DO VOUGA



IVECO

COLECCOES DE POSTAIS

Uniformes Militares Portugueses

Brasões de Armas do Exército Português

Na sua missão de "promover a difusão dos conhecimentos e problemas militares" o "Jornal do Exército" tomou há já alguns anos a iniciativa de editar postais com reproduções de Uniformes Militares Portugueses e, mais recentemente, iniciou a edição de postais com reproduções dos Brasões de Armas actualmente em uso no Exército Português.

• A colecção de postais de uniformes é constituída por 252 exemplares (28 séries de 9) que reproduzem as aguarelas do Coronel Ribeiro Arthur existentes no Arquivo Histórico-Militar, as quais retratam a evolução do uniforme militar em Portugal desde meados do século XVIII até princípios do século XX.

• A colecção de postais de brasões de armas é, por ora, constituída apenas por 18 exemplares (2 séries de 9) onde figuram os brasões de armas do Exército, das Regiões e Zonas Militares, da 1.ª BMI, das Armas, de alguns Serviços e do nosso Jornal.

• Entretanto, o Museu Militar lançou recentemente a edição de 18 postais (2 séries de 9) que reproduzem aguarelas de Uniformes Militares Portugueses da primeira metade do século XX, da autoria do Mestre Alberto de Souza (plano de uniformes de 1911 e do CEP - Grande Guerra).

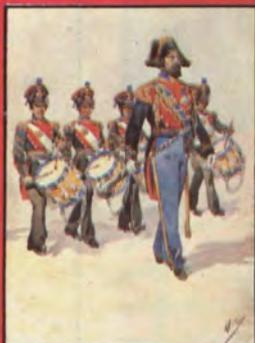
Estas três colecções encontram-se à disposição dos nossos estimados leitores pelos seguintes preços:

Cada série de 9 postais:

- Venda ao público 150\$00
- Preço especial para militares e assinantes . . 125\$00

Nos pedidos de envio pelo correio acresce mais a seguinte quantia para despesas com portes e embalagem: até 5 séries - 75\$00; até 10 séries - 125\$00; até 25 séries - 200\$00; até 50 séries - 300\$00.

Faça já a sua encomenda usando o boletim junto



À VENDA

NO
JORNAL
DO EXÉRCITO

— Solicito o envio das seguintes séries de postais (marcar com x as séries pretendidas)

- UNIFORMES MILITARES PORTUGUESES — colecção Cor Ribeiro Arthur
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16
 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28
- BRASÕES DE ARMAS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS
 1 2
- UNIFORMES MILITARES PORTUGUESES — colecção Alberto Souza
 1 2

— Para pagamento da minha encomenda e dos respectivos portes junto a quantia de Esc. &

NOME
 MORADA
 CÓDIGO POSTAL LOCALIDADE
 Nº DE ASSINANTE POSTO E UNIDADE

MANUTENÇÃO MILITAR



UMA VASTA ORGANIZAÇÃO
 AO SERVIÇO DA DEFESA NACIONAL
 DA INDÚSTRIA ALIMENTAR
 E DA EXPORTAÇÃO



Rações de combate

Silos



Laboratório

Bolachas

Moagem



Poeiras

Panificação

Massas



Rua do Grilo - Apt. 8032 1801 LISBOA CODEX - Telefone 38 43 81 - TELEX 14015 MM SEDE P



Por RAIUGA

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 8/90 - a prémio

Horizontais

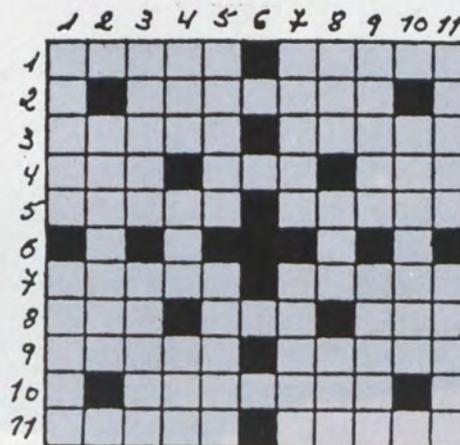
1 - Cidade da Polónia; quando não.
 2 - Abaxiga. 3 - Cidade da Índia (Províncias centrais); cidade e município do Estado do Rio de Janeiro. 4 - "Sombra"; encontrei na posse de (herança); rio da Suécia Central. 5 - Nome flamengo de uma cidade da Bélgica à beira do Dendros; folhoso. 7 - Tocar um instrumento; túnica que os cavaleiros usavam sobre as armas. 8 - "Cana-brava"; um dos Estados da América do Norte; "senhora". 9 - Estai ocultos; condição de réu. 10 - Viveiro de peixes. 11 - Molesta com pancada (os cascos das bestas quando as ferram); termo grego de que deriva o nome da grande artéria que nos vertebrados superiores sai do ventrículo esquerdo.

Verticais

1 - Remoque; túnica branca do Papa. 2 - Arrabil. 3 - Indivíduo das Ilhas Filipinas cruzado com os Negritos; murmurar de alguém. 4 - Espécie de mangueira do Gabão; estou convencido de; pequena argola. 5 - Físico e político francês (1743-1793) que foi assassinado por Carlota Corday; nome de várias plantas rubiáceas. 7 - "Homem"; jogo de rapazes. 8 - Um dos mais célebres personagens criados por Eça de Queiroz; rio da Europa Central que atravessa a Áustria e desagua no Dravo, na Hungria; bom acolhimento. 9 - Embriaguez; "Homem". 10 - ... (Eleutério)-físico francês (1837-1908) estudou a electricidade atmosférica e o magnetismo terrestre. 11 - Valor mínimo; cidade do Paquistão, capital do Pendjab ocidental.

Envie a solução para a Redacção do Jornal, indicando nome e morada e, se for militar, o posto, colocação ou situação e número mecanográfico. Os assinantes deverão indicar o respectivo número.

Haverá um prémio a sortear entre os totalistas.



Problema n.º 9/90 - aberto

Horizontais

1 - Sonho; recruta. 2 - Línguas. 3 - Mês; grito. 4 - Deusa; íntima; rasgar-se. 5 - Afã; messe. 7 - Bebida doce aromática que tem por base a aguardente ou alcohol; motivo. 8 - Rocha; ato; une. 9 - Tareias; disponíveis. 10 - Praça forte. 11 - Tecido de algodão, em especial para roupas interiores; relação.

Verticais

1 - Furiosa; unidade de capacidade. 2 - Bento. 3 - Terrenos onde se desgranam e secam os legumes e cereais; revestimento externo. 4 - Juntei; acabado; antiga porcelana do oriente. 5 - "Mulher"; grisalha. 7 - As duas; peça de mobília. 8 - Casal; aro; acolá. 9 - Vestira; fruto da videira (pl.). 10 - Aquilo que é recto ou justo. 11 - Respeita muito; frouxa.

PERGUNTAS DE ALGIBEIRA

- 1 — Quantas vezes casou o rei D. Manuel I?
- 2 — Que nome se dá ao acto ou efeito de corrigir?
- 3 — Qual o superlativo absoluto sintético de alto?
- 4 — Que nome tinha o músico ambulante medieval que cantava e tocava simultaneamente?
- 5 — Como se chama o aparelho que serve para medir a velocidade da marcha?
- 6 — Em que local, mês e ano morreu o poeta Filinto Elísio?

7 — Por que outro nome se designa o beija-flor?

8 — Que nome se dá popularmente a qualquer bebida alcoólica?

9 — O que significa, em Física, a sigla P.T.N.?

10 — Como é designado o grupo de 5 escudos que figura nas armas de Portugal?

HIEROGLIFOS COMPRIMIDOS

1 —

2 —

3 —

ADIVINHAS PORTUGUESAS

- 1 — Está na garganta,
Está no nariz,
Começa por um A,
Acaba por um X.
- 2 — Sempre quietas,
Sempre agitadas,
Dormindo de dia,
De dia acordadas.
- 3 — O bens deste mundo
Não têm duração:
Com a pressa que vêm,
Com a mesma que vão.
E quando pareça
Que fazem amanhã,
Ela vem de surpresa
E nos deita o gadanho.

CHARADISMO

5 charadas intercaladas

- 1 — Entoa até te sair uma boa canção.
(2, 1)
- 2 — A ave que comprei para ti pôs-te idiota. (2, 1)
- 3 — Ele procura, por mania, uma queda de água. (2, 2)
- 4 — O monte de palha custou à sua poupança o vencimento do mês. (2, 1)
- 5 — Dispendiosa foi a ajuda que forneci para o funcionamento daquela cátedra. (2, 1)

AGORA QUE O SOL APERTA... DÊ AO SEU CARRO A MELHOR COBERTA



As Capas «RR» para o seu automóvel dão-lhe total protecção e são fabricadas em tela plastificada por fora e cardada no interior o que as distingue.

UM EXCLUSIVO DE:

ESTABELECIMENTOS RODRIGUES & RODRIGUES, S. A. — R. Nova do Carvalho, 79

Telefone 37 22 21

medaglis

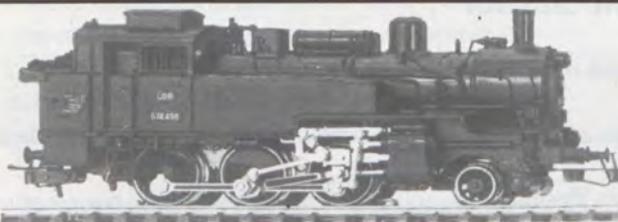


ORÇAMENTOS
GRATIS

medalhões • gravações • taças • emblemas •
artigos militares • porta-chaves • troféus

OS MELHORES PREÇOS
(ABERTA TODO O ANO)

R. Benfornoso, 136-1100 LISBOA ☎ 86 10 86 - 86 67 08
Telex NR 43127 MEDALS P



BIAGIO FLORA, LDA.

Rua do Ouro, 138 Telef. 346 06 91 1100 Lisboa

COMBOIOS ELÉTRICOS BRINQUEDOS TÉCNICOS
PISTAS DE AUTOMÓVEIS JOGOS DIDÁCTICOS

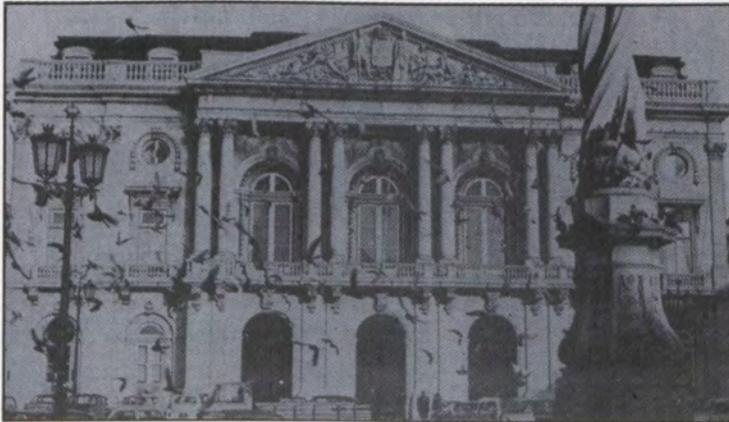
AOS MELHORES PREÇOS

para todos os **DESPORTOS**



SOCIDEL - SOCIEDADE COMERCIAL DE ARTIGOS DE DESPORTO, LDA.
Rua Nova do Almada, 49 - 1200 LISBOA - Telef. 37 35 41/2/3 - Teleg. SOCIDEL - Telex: 42488 SPORT P

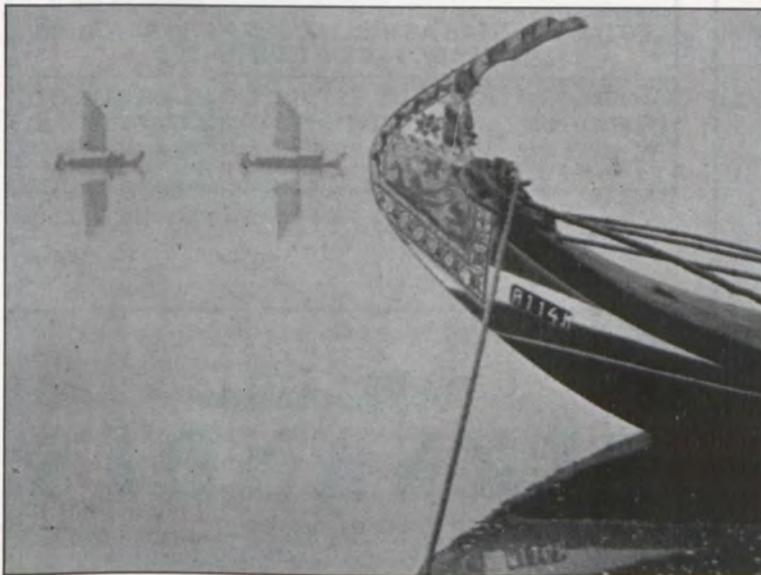
Por INÊS GALVÃO



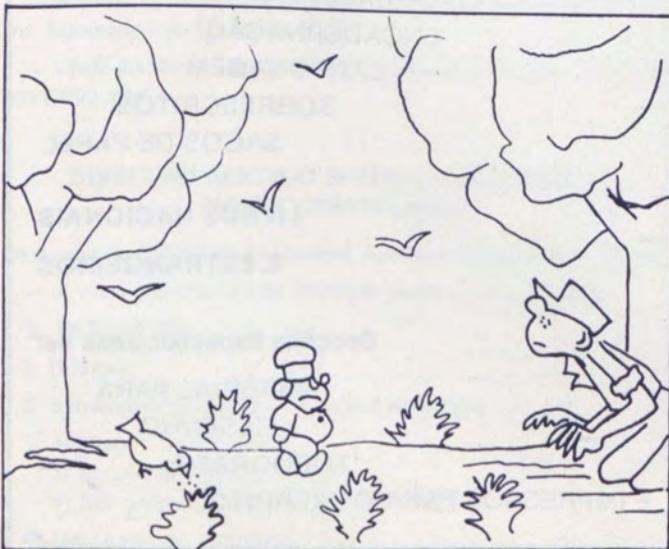
1 - É um edifício emblemático de uma praça de Lisboa. Das suas varandas foi proclamada a República em 1910. De que edifício e praça se trata?



3 - Trata-se do retrato de um escritor português, desenhado por Stuart Carvalhais. Qual o personagem retratado?



2 - Estes barcos são característicos da Ria de Aveiro. Como se designam?



4 - Estes dois desenhos contêm oito pequenas diferenças entre si. Vamos descobri-las?





ESTABELECIMENTO FABRIL DO EXÉRCITO

- FÁBRICA DE FARDAMENTOS
- FÁBRICA DE CALÇADO
- FÁBRICA DE EQUIPAMENTOS
- FÁBRICA DE METALO-MECÂNICA

- CENTROS COMERCIAIS
Dimensionados às necessidades
da Família Militar

- CONTROLO DE QUALIDADE
Garantia de fabrico.
Análises tecnológicas.

- DESIGN

SEDE — Campo de Sta. Clara — 1100 LISBOA
Telex: 42526 OFARDA P Tel. 863006-865950/9
SUCURSAL — Rua da Boavista, 230 — 4000 PORTO
Tel. 02 29751-02 24504
DELEGAÇÃO — Delegação da OGFE — 2330 EN-
TRONCAMENTO Tel. 049 66147



I.A.T.A.

INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO

FUNDADO EM 1966

Alvará do Ministério da Educação e credenciado
pelo Ministério do Emprego e Segurança Social

**CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ACELERADA
ANO LECTIVO DE 1989/1990**

CURSOS DE 3 ANOS

- TÉCNICO SUPERIOR DE INFORMÁTICA DE GESTÃO
- TÉCNICO SUPERIOR DE TOPOGRAFIA
- DESENHADOR PROJECTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
- SECRETARIADO DE DIRECÇÃO
- HOSPEDEIRAS RECEPCIONISTAS — ASSISTENTES DE RECEPÇÃO

CURSOS DE 4 A 20 MESES

- ANALISTA PROGRAMADOR DE INFORMÁTICA
- PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES — LINGUAGEM • COBOL • BASIC • RPG II • PASCAL • C.
- MICROPROCESSADORES • LOTUS 1-2-3 • DBASE III E IV
- ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS
- CONTABILIDADE GERAL — IRS/ IRC • FISCALIDADE
- INFORMÁTICA APLICADA À CONTABILIDADE
- CONTABILIDADE ANALÍTICA E GESTÃO ORÇAMENTAL
- GESTÃO DE PRODUÇÃO • GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS • GESTÃO FINANCEIRA
- GESTÃO COMERCIAL (MARKETING E TÉCNICA DE VENDAS)
- GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS • GESTÃO DE STOCKS
- CÁLCULO FINANCEIRO E ANÁLISE DE PROJECTOS DE INVESTIMENTO
- COMUNICAÇÃO: RELAÇÕES PÚBLICAS, PUBLICIDADE E JORNALISMO
- DECORAÇÃO E ARQUITECTURA DE INTERIORES • DESENHADOR DE MÁQUINAS
- MEDIDOR ORÇAMENTISTA DE CONSTRUÇÃO CIVIL

**PROFISSÃO • ACTUALIZAÇÃO • VALORIZAÇÃO •
ESTÁGIO E APOIO NO EMPREGO**

**ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA AS VAGAS
LIMITADAS AINDA EXISTENTES**

**CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS E PLANEAMENTO
INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO**

Rua Vitor Cordon, 45 — 1200 LISBOA — Telex. 371032 - 325577
Telex 43331 — Telefax 520887 — Informações das 9,30 às 19,30 ininterruptamente

**PAPELARIA
FERNANDES**

Oficinas de:

TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO
CARTONAGEM
SOBRESCRITOS
SACOS DE PAPEL

**LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS**

Secções Especializadas de:

MATERIAL PARA
DESENHO
TOPOGRAFIA
E IMPRESSOS PARA O EXÉRCITO

Coord SargMor NELSON FERREIRA

ABONO DE FAMÍLIA - ACTUALIZAÇÃO

Circular n.º 2/90 de 15JAN90:

— O abono de família é de 1.550\$00 por cada descendente, relativamente ao terceiro descendente e seguintes é de 2.350\$00, tratando-se de agregados familiares cujos rendimentos mínimos mensais sejam inferiores a uma vez e meia a remuneração mínima garantida à generalidade dos trabalhadores. (D.R. n.º 7 - I Série de 09JAN90).

AMPAROS - REGULAMENTO

Portaria n.º 94/90:

— Aprova o Regulamento de Amparos. (D.R. n.º 33 - I Série de 08FEV90).

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PROMOÇÃO EQUIVALÊNCIA DE FUNÇÕES

Despacho n.º 130-A/89 de 31DEZ89:

1. É considerado o exercício de um ano, consecutivo ou não, como oficial superior, das funções de:

- Subdirector Adjunto da DSIE, quando Tenente-Coronel
- Director de Instrução da DSIE
- Subdirector do DGMTm.

2. É considerado o exercício durante um ano, seguido, como oficial superior das funções de:

- Director do DGMTm
- Subdirector, da DSIE, quando Coronel.

3. Para efeitos do disposto na alínea a) do n.º 2 do art.º 78.º do E.O.E., o serviço prestado nas funções de:

- Director de Instrução da DSIE
- Chefe da Repartição das Áreas de Apoio e Desenvolvimento Técnico e de Exploração / Centro Automático de Dados da DSIE
- Subdirector do DGMTm
- Chefe de Divisão do DGMTm, quando Tenente-Coronel ou Major.

4. Para efeitos do disposto na alínea a) do n.º 2 do art.º 76.º do EOE, o serviço prestado nas funções de:

- Adjunto do Director de Instrução e Chefe de Exploração do Centro Automático de Dados da DSIE
- Chefe do Serviço de Chefia de Capitão do DGMTm. (O.S.9 de 05FEV90 RML).

DIRECÇÃO SERVIÇO JUSTIÇA E DISCIPLINA NOVA CONSTITUIÇÃO

Despacho de 29DEZ89 do General Ajudante General do Exército:

— A nova constituição da Direcção passa a ser a seguinte:

A. DIRECÇÃO

1. Director
2. Subdirector (acumula o oficial mais antigo)
3. Adjunto
 - a) Secção de Apoio Geral
 - b) Sub-secção Financeira do S.F./D.S.F.
4. Instrutores de processos.

B. REPARTIÇÃO DE JUSTIÇA E DISCIPLINA

1. Chefe
2. 1.ª Secção - Condecorações e Louvores
3. 2.ª Secção - Justiça e Disciplina
4. 3.ª Secção - Estudos Gerais
5. 4.ª Secção - Instrução.

C. REPARTIÇÃO DE ACIDENTES DE VIAÇÃO E APOIO INFORMÁTICO

1. Chefe
2. 1.ª Secção - Acidentes de Viação
3. 2.ª Secção - Apoio Informático.

Em conformidade com a nova constituição, toda a correspondência deve ser encaminhada para as novas Repartições (Secções) respectivas.

ESCALAS REMUNERATÓRIAS DOS MILITARES DAS F.A.

Portaria n.º 117/90 de 14FEV90:

— O índice 100 da escala remuneratória dos militares dos três ramos das F.A. é fixado em 63.800\$00.

Produz efeitos a partir de 01OUT89 e vigora até 31DEZ90. (D.R. n.º 38 - I Série de 14FEV90).

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA HABILITAÇÕES

Despacho Normativo n.º 6-A/90:

— Estabelece as habilitações próprias e suficientes para leccionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. (D.R. n.º 26 - I Série de 31JAN90).

ESTATUTO DOS MILITARES DAS FORÇAS ARMADAS

Decreto-Lei n.º 34-A/90:

— Aprova o Estatuto dos Militares das Forças Armadas. (D.R. Suplemento n.º 20 - I Série de 24JAN90).

FORÇA AÉREA - CIDADÃOS DO SEXO FEMININO

Portaria n.º 60/89:

— Estabelece que os cidadãos do sexo feminino possam, em condições de igualdade com os cidadãos do sexo masculino, candidatar-se a prestar serviço militar efectivo nos quadros permanentes da Força-Aérea. (D.R. n.º 21 - I Série de 25JAN90).

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA - LEI ORGÂNICA

Decreto-Lei n.º 39/90:

— Altera a Lei Orgânica da Guarda Nacional Republicana, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 33/83, de 14 de Julho. (D.R. n.º 29 - I Série de 03FEV90).

SOLUÇÕES DO PASSATEMPO

- 1 - Edifício da Câmara Municipal de Lisboa situado na Praça do Município.
- 2 - Moliceiros.
- 3 - Antero de Quental.
- 4 - Diferenças: Nariz do boneco; camisola do boneco; número de grãos; manga da camisa do rapaz; cinto do rapaz; tronco de árvore da direita; copa da árvore da esquerda; tronco da árvore da esquerda.

MEDALHA COMEMORATIVA DO 30º ANIVERSÁRIO DO JORNAL DO EXÉRCITO

30 anos de publicação ininterrupta é já um marco significativo na vida de um jornal. E mais importante se torna quando essa idade faz do "Jornal do Exército" uma das publicações mais antigas da actual imprensa militar e o torna um prestigioso e prestigiante referencial dentro do Exército.

A assinalar tão importante efeméride foi mandada cunhar uma medalha em cujo anverso figura o brasão de armas deste Jornal e, no reverso, o motivo principal da sua primeira capa (Janeiro de 1960) - um cabo corneteiro de Infantaria anunciando o nascimento do "Jornal do Exército" - e as inscrições "JANEIRO 1960" e "JANEIRO 1990".

Foi feita uma cunhagem de 500 exemplares, todos numerados. Parte desta edição é agora posta à disposição dos nossos assinantes e leitores.

Características: medalha em bronze com 80 mm de diâmetro e com numeração de 1 a 500.

Preço unitário: 1.300\$00 nas aquisições directas na sede do Jornal (+ 240\$00 para despesas de embalagem e portes nos pedidos de envio pelos CTT).



BOLETIM DE ENCOMENDA

- Solicito o envio de medalhas comemorativas do 30º aniversário do Jornal do Exército.

- Para pagamento da minha encomenda e dos respectivos portes, junto a quantia de Esc. _____ \$ _____ em cheque vale de correio

NOME _____

MORADA _____

CÓDIGO POSTAL _____ LOCALIDADE _____

CASA BUTTULLER

— Miguel Buttuller, Lda. —

37 — Rua Barros Queirós — 39
1100 LISBOA — Telef. 36 93 50



ESPECIALIZADA EM:

Todos os artigos militares para as Forças Armadas e Militarizadas, assim como:

Bonés, Fardas militares e civis, Botões, cordões, Dragonas, Galões, Divisas, Charlateiras, Camisas, Emblemas, em metal, Bordados, Plásticos e em alumínio anodizado.

Condecorações, Espadas, Cintos e Fiadores, Bandeiras, Estandartes, Galhardetes, Guiões, Varões e Hastes.

Taças, Medalhas e Troféus, etc.



PRIMEIRA CASA DAS BANDEIRAS

ANTÓNIO CARDOSO

Sucessora

MARGARIDA CARDOSO
DA COSTA, LDA.

Rua dos Correios, 149/151 Telef. 37 10 75
1100 LISBOA Tel. 32 74 82 - 37 10 75

Execução rápida e perfeita de:

BANDEIRAS — ESTANDARTES — FLÂMULAS
E GUIÕES

Emblemas esmaltados — Medalhas — Emblemas impressos em plástico e alumínio fotoanodizado — Varas de madeira e metal — Taças — Gravuras — Carimbos e gravações em plástico e metal, e outros

SOLUCÕES DO RECREIO

De Edições Anteriores - Janeiro de 1990

Cruzadismo - Problema n.º 1/90

1.ª Entrada

Puros, faz, jaora, papel, blum, sa, fecal, presa, c, gorar, amen, g, atira-ras, atro, rebati, apodai, ramoneio, umbo.

2.ª Entrada

Oscar, s, score, pra, terapeutas, ua, gibanete, is, r, forame, ulame, ope-ratorio, t, sacarina, ansa, para, e, rarear.

3.ª Entrada

Fel, sai, arenas, al, a, por, i, ep, z, pm, o, a, outes, breadura, leuc, len-tamente, to, jus, ribas, miar, amago, ore, asse.

Premiado o Confrade VISO

Adivinhas portuguesas

1 - O espirro (Atx). 2 - As estrelas. 3 - A morte.

Hieroglifos comprimidos

1 - Barómetro. 2 - Carcavelos. 3 - Secretária.

Charadismo

Can(ta)ta. 2 - Pa(te)ta. 3 - Ca(tara)ta. 4 - Me(sa)da. 5 - Ca(dei)ra.

Da Presente Edição

Cruzadismo - Problema n.º 9/90

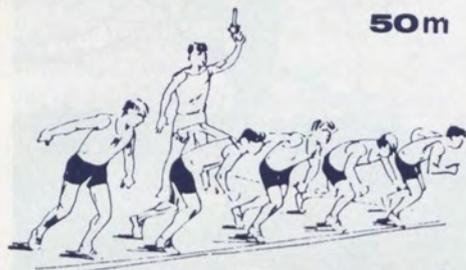
Ideal, apura, r, idiomas, d, abril, brado, dea, ima, rir, ansia, seara, d, d, l, e, licor, mobil, ita, uno, ata, tosas, vagos, r, castelo, s, opala, lista.

Perguntas de algibeira

1 - Três. 2 - Quinau. 3 - Sumo. 4 - Menestrel. 5 - Pedómetro. 6 - Paris, Fevereiro de 1819. 7 - Pega-flor. 8 - Gramática. 9 - Pressão e temperatu-ra normais. 10 - Quina.

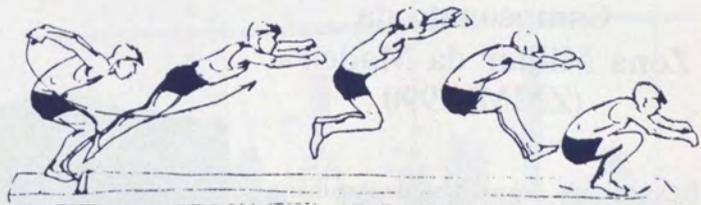
Pelo TCor Art.º HENRIQUE MAURÍCIO

AVALIAÇÃO NO EXÉRCITO DA RFA



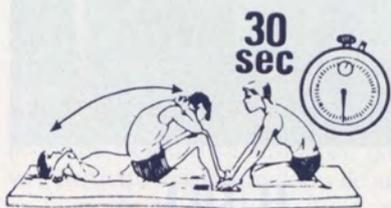
CORRIDA em VELOCIDADE

1



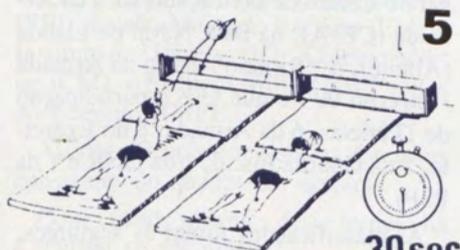
SALTO em COMPRIMENTO sem BALANÇO

2



ABDOMINAIS

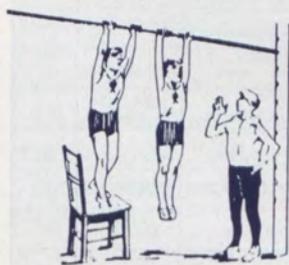
3



DORSAIS

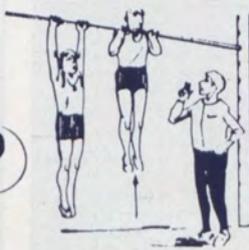
30sec

5



FLEXÃO de BRAÇOS na TRAVE

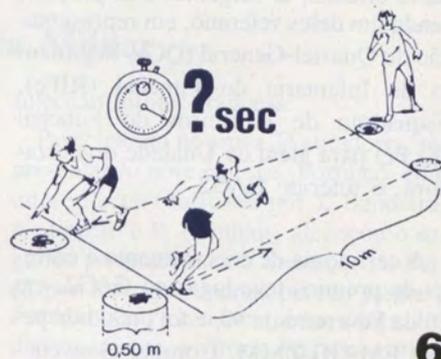
4



No Exército da RFA a condição física do pessoal é avaliada através do conjunto de provas constantes do Quadro em destaque, fotocopiada do respectivo Regulamento de Educação Física.

Na falta de outros elementos de informação, achamos por bem dá-las a conhecer aos nossos leitores, para assim completarem os seus conhecimentos sobre o controlo em vários países, que temos vindo a publicar nas páginas deste Jornal.

Apenas acrescentamos que, à semelhança do que se passa noutros Exércitos, incluindo o nosso, no Exército da RFA o Pessoal é dividido de acordo com os vários escalões etários, e o controlo físico é antecedido de um controlo médico-fisiológico sendo a sua execução obrigatória para todos os militares no activo.



PROVA de COORDENAÇÃO

6



CORRIDA de 2.000 m

Coord. TCor Art.^a HENRIQUE MAURÍCIO

CORRIDA E ORIENTAÇÃO

Campeonato da Zona Militar da Madeira (ZMM)/1990

Organizado pelo Grupo de Artilharia de Guarnição N.º 2 (GAG2), realizou-se no passado mês de Fevereiro, na Zona do Santo da Serra, o Campeonato de Corrida e Orientação da ZMM de 1990. No dia 20 teve lugar a Prova Individual, enquanto a Prova de Estafetas se realizou a 22.

Participaram no Campeonato 28 atletas (2 oficiais, 13 sargentos e 13 praças), sendo um deles veterano, em representação do Quartel-General (QG), Regimento de Infantaria do Funchal (RIFc), Esquadrão de Lanceiros do Funchal (ELFc) para além da Unidade organizadora, o referido GAG2.

A cerimónia de encerramento e entrega de prémios teve lugar no GAG2, em 23 de Fevereiro de 90, e foi presidida pelo CEM/QG/ZMM, Coronel Gouveia.

As classificações foram as seguintes:

	Concorrentes	Origem	Clas.
GERAL INDIVIDUAL 1.º ESCALÃO	Sarg. Oliveira	RIFc	1.º
	Sarg. Pereirinha	QG	2.º
	Sarg. Igreja	RIFc	3.º
	Sarg. Silva	RIFc	4.º
	Sarg. Martins	QG	5.º
	Sarg. Morais	RIFc	6.º
	Fur. Guita	GAG2	7.º
	Sarg. Alegre	GAG2	8.º
	Asp. Oliveira	RIFc	9.º
	Cab Plagio	GAG2	10.º
VETERANOS (IND.)	Cap. Fogaça	QG	1.º



CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS Prova Individual

- 1.º RIFc (4h59' 32'')
- 2.º QG (6h 54' 26'')
- 3.º GAG2 (7h26' 52'')
- 4.º ELCf (13h37' 15'')

PROVA DE ESTAFETAS

Cls.	Unidade	Concorrente	Perc.	Tempo Gasto	Tempo Total
1.º	RIFc	2.º Fur Rodrigues	A	43'40''	2h33'55''
		Asp. Oliveira	B	1h16'40''	
		2.º Sarg Morais	C	33'35''	
2.º	ELFc	2.º Fur Lopes	A	1h18'50''	3h39'14''
		Soldado Pereira	B	1h06'47''	
		Soldado Ornelas	C	1h13'37''	
3.º	QG	Soldado Coelho	A	1h16'16''	3h45'03''
		2.º Sarg Martins	B	54'22''	
		2.º Sarg Pereirinha	C	1h34'25''	
-	GAG2	2.º Cabo Pereira	A	Desclas.	Desclas.
		1.º Sarg Alegre	B	50'48''	
		2.º Fur Guita	C	Desclas.	
-	RIFc	1.º Sarg. Oliveira	A	Desclas.	Desclas.
		1.º Sarg Silva	B	Desclas.	
		1.º Sarg Igreja	C	34'18''	

JUDO

Torneio aberto da Armada Inverno 90

No passado dia 23 de Março teve lugar no Centro de Educação Física da Armada (CEFA), na Base Naval de Lisboa (Alfeite), o "Torneio Aberto da Armada / Inverno 90" e que teve a participação de 17 atletas (6 da Armada, 8 do Exército, 1 da Guarda Fiscal, 1 da GNR e 1 da PSP).

As classificações foram as seguintes:

	TORNEIO ABERTO DA ARMADA "INVERNO90"		
	Concorrentes	Origem	Class.
MENOS DE 65 Kg	Cab. Rui Marques	RCmds (Ex)	1.º
DE 65 Kg	Asp Of. Tapada	RAC (Ex)	2.º
	Cad Al Arenga	EN (Arm)	3.º
MENOS DE 71 Kg	Sarg. Figueiredo	RAC (Ex)	1.º
DE 71 Kg	Cad Al. Saldanha	ESP (PSP)	2.º
	Cab Vítor Lopes	SMAP (Arm)	3.º
MENOS DE 78Kg	Grt Hugo Oliveira	NRP S. Gabriel (Arm)	1.º
DE 78Kg	Grt Alberto Mota	G1EA (Arm)	2.º
	Sold António Rosa	RCmds (Ex)	3.º
	Mar Rodrigues	G1EA (Arm)	3.º
MAIS DE 78Kg	Sold. Nuno Nunes	Bat1 (GNR)	1.º
	Sold. Carlos Ferreira	Bat1 (G.F.)	2.º

De destacar as quatro classificações obtidas pelos militares do Exército (dois 1.º lugares, um 2.º lugar e um 3.º lugar) na sequência aliás das boas classificações que usualmente são conseguidas nestes torneios abertos da Armada.

ESGRIMA

Torneio de Esgrima do CMEFED/1990

Realizou-se no Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desportos (CMEFED), em Mafra, nos passados dias 31 de Março e 1 de Abril o tradicional Torneio de Esgrima daquele Centro, incluído no Calendário Anual dos Campeonatos Desportivos Militares, que teve a participação de atiradores de ambos os sexos da Academia da Força Aérea (AFA), CMEFED, Academia Militar (AM), Escola de Sargentos do Exército (ESE), Instituto Superior Militar (ISM), Regimento de Lanceiros de Lisboa (RLL), Regimento de Engenharia 1 (REI), Estado-Maior do Exército (EME), Instituto de Odivelas (IO), Colégio Militar (CM), e Instituto Militar dos Pupilos do Exército (IMPE).

As classificações registadas foram as constantes do quadro em destaque.

Como factos salientes deste torneio há a registar os seguintes:

— A participação, pela 1.ª vez, na prova de florete feminino de uma cadete-aluna da Academia da Força Aérea que foi justamente a vencedora.

— A continuação de evolução técnica em Espada.

— O comportamento e classificação obtida pelos alunos do CM e IMPE, todos eles do escalão etário de juniores. Este facto augura boas perspectivas futuras para a Esgrima nacional.

— A presença de uma equipa do ISM, classificando-se em 3.º na prova de Sabre.

O excelente comportamento das equipas do IMPE.

Presidiu ao encerramento e à distribuição dos prémios o Brigadeiro António Marquilhas, Director do SEFE.



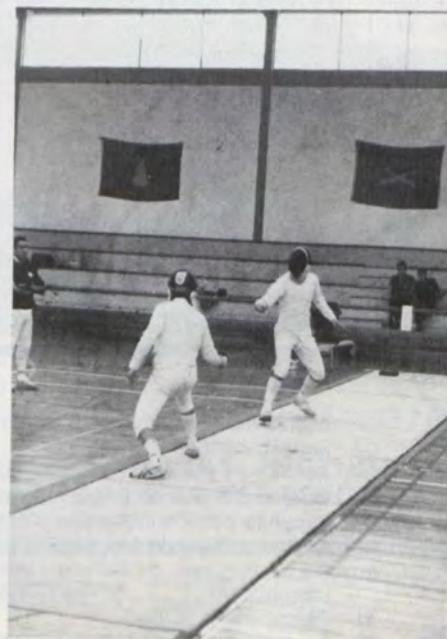
Taça Internacional Academia Militar

Portugal classificou-se em segundo lugar na XXI edição da Taça Internacional "Academia Militar", em esgrima, que decorreu na Amadora, cabendo a vitória à

selecção militar francesa.

Participaram na prova 27 atiradores, representando nove equipas. Portugal, com uma selecção formada por J. Bandeira, N. Frazão e P. Azinhais, alcançou o segundo posto ao bater a formação da Suíça por 5-4, que apenas perdeu frente à França, que viria a conquistar a taça. Individualmente, a vitória foi para o atirador francês Racine, seguido do português José Bandeira.

	TORNEIO DE ESGRIMA DO CMEFED/90		
	Concorrentes	Origem	Class.
ESPA DA INDIVIDUAL (28 ATIRADORES)	Asp Rui Frazão	IMPE	1.º
	Sarg João Viães	IMPE	2.º
	Alf Al. Teixeira	AM	3.º
	Al A. Fernandes	CM	4.º
ESPA DA COLECTIVA (9 EQUIPAS)	IMPE "A"		1.ª
	CM		2.ª
	IMPE "B"		3.ª
SABRE INDIVIDUAL (27 ATIRADORES)	Cap Marquilhas	AM	1.º
	Ten Paulo Oliveira	ISM	2.º
	Maj Paula Santos	RLL	3.º
	Sarj Capela	CMEFED	4.º
SABRE COLECTIVA (7 EQUIPAS)	IMPE		1.ª
	CMEFED		2.ª
	ISM		3.ª
FLORETE FEMININO INDIVIDUAL	Cad Al. Paula C.	AFA	1.ª
	Al Sandra B.	IO	2.ª
	Al Edna B.	IO	3.ª



Agenda

JUNHO

DIA	SOL (a) (b)		LUA (a) (b)			MARÉS (a)				EFEMÉRIDES
	Nasc.	Ocaso	Nasc.	Ocaso	Fase	Preiamar		Baixamar		
01. 6.ª f.	05.13	19.56	13.38	01.17		09.46	22.10	03.27	15.40	1823 - O Infante D. Miguel é nomeado Comandante-Chefe do Exército 1823 - Abolição da Constituição de 1820.
02. Sáb.	05.13	19.56	14.39	01.40		10.49	23.13	04.27	16.43	
03. Dom.	05.13	19.57	15.38	02.03		11.45	—	05.58	17.36	1813 - Cerco de Tarragona pelos anglo-lusos 1271 - Nascimento da Rainha Santa Isabel 1448 - Morre em Fez o Infante D. Fernando, "O Santo" 1548 - Morre D. João de Castro, 4.º Vice-rei da Índia 1569 - Começa a epidemia da peste negra em Lisboa. 1588 - Temporal destrói a "Invencível Armada" 1444 - Doação de Tavira à Ordem de Santiago
04. 2.ª f.	05.13	19.58	16.38	02.27		00.07	12.33	06.01	18.20	
05. 3.ª f.	05.12	19.58	17.38	02.54		00.55	13.17	06.39	19.00	
06. 4.ª f.	05.12	19.59	18.38	03.25		01.39	13.59	07.15	19.38	
07. 5.ª f.	05.12	19.59	19.36	04.02		02.21	14.38	07.50	20.14	
08. 6.ª f.	05.12	20.00	20.30	04.45	L.C.	03.01	15.16	08.25	20.50	
09. Sáb.	05.11	20.01	21.19	05.36		03.39	15.53	09.00	21.27	
10. Dom.	05.11	20.01	22.01	06.34		04.17	16.29	09.36	22.03	
11. 2.ª f.	05.11	20.02	22.37	07.35		04.53	17.04	10.12	22.41	
12. 3.ª f.	05.11	20.02	23.09	08.39		05.29	17.39	10.51	23.22	
13. 4.ª f.	05.11	20.03	23.36	09.43		06.06	18.17	11.33	—	
14. 5.ª f.	05.11	20.03	*	10.48		06.47	19.01	00.07	12.21	
15. 6.ª f.	05.11	20.03	00.02	11.54		07.35	19.52	00.59	13.17	
16. Sáb.	05.11	20.04	00.27	13.01	Q.M.	08.31	20.53	01.58	14.27	
17. Dom.	05.12	20.04	00.53	14.10		09.36	22.02	03.04	15.35	1716 - Inauguração dos "Banhos do Duque" nas Caldas da Rainha 1814 - Concedida a livre entrada nos portos do Brasil a navios estrangeiros 1911 - Abertura da Assembleia Nacional 1648 - Derrota dos Espanhóis que cercavam Olivença 1483 - D. João II condena à morte o Duque de Bragança 1828 - Revolta liberal na ilha da Madeira 1520 - Concluída a Torre de Belém
18. 2.ª f.	05.12	20.05	01.22	15.23		10.45	23.12	04.11	16.44	
19. 3.ª f.	05.12	20.05	01.55	16.40		11.51	—	05.15	17.48	
20. 4.ª f.	05.12	20.05	02.34	17.57		00.20	12.52	06.13	18.46	
21. 5.ª f.	05.13	20.06	03.25	19.11		01.22	13.49	07.07	19.40	
22. 6.ª f.	05.13	20.06	04.26	20.15	L.N.	02.20	14.42	07.57	20.32	
23. Sáb.	05.13	20.06	05.36	21.09		03.13	15.33	08.46	21.22	
24. Dom.	05.13	20.06	06.51	21.51		04.04	16.21	09.32	22.10	
25. 2.ª f.	05.14	20.06	08.06	22.25		04.51	17.07	10.18	22.57	
26. 3.ª f.	05.14	20.06	09.17	22.54		05.36	17.52	11.03	23.45	
27. 4.ª f.	05.14	20.06	10.24	23.19		06.21	18.37	11.49	—	
28. 5.ª f.	05.14	20.06	11.27	23.43		07.06	19.24	00.33	12.39	
29. 6.ª f.	05.15	20.06	12.29	*	Q.C.	07.54	20.15	01.24	13.33	
30. Sáb.	05.15	20.06	13.29	00.08		08.48	21.13	02.19	14.35	

(a) Os dados referem-se a Lisboa e a hora indicada é a solar.

(b) Bordo superior.

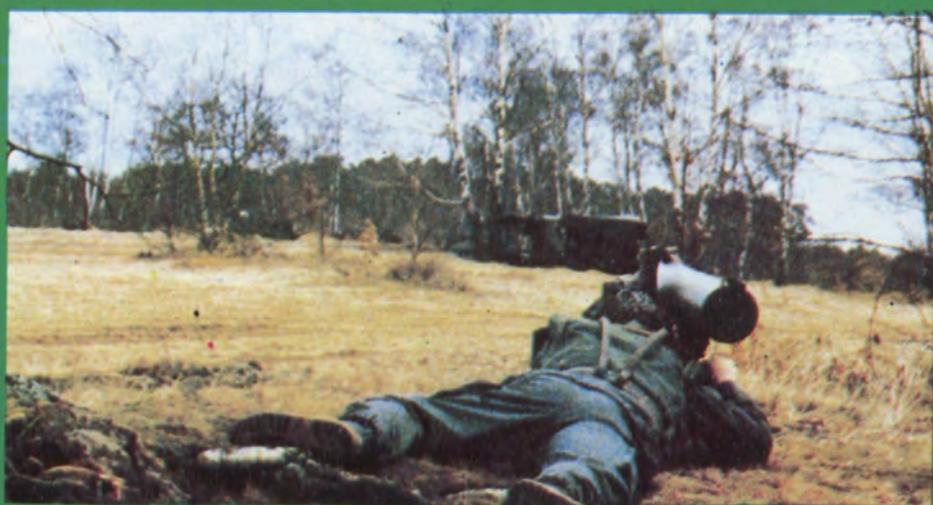
DIAS FESTIVOS

- | | |
|--|--|
| 01. Escola de Sargentos do Exército | 20. Grupo de Artilharia de Guarnição N.º 2 (Madeira) |
| 04. Serviço de Intendência | 21. Instituto Superior Militar |
| 07. Serviço de Material de Instrução
Quartel-General da Região Militar do Norte | Regimento de Infantaria de Elvas |
| 08. Batalhão de Administração Militar | Regimento de Infantaria de Ponta Delgada |
| 09. Depósito Geral de Material de Transmissões | 23. Regimento de Infantaria do Funchal |
| 10. Dia de Portugal, de Camões, das Comunidades Portuguesas | 28. Escola Prática de Engenharia |
| 11. Manutenção Militar | 29. Regimento de Comandos |
| 13. Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea de Cascais | Regimento de Artilharia de Leiria |
| | Hospital Militar de Doenças Infecto-Contagiosas |
| | Direcção de Transportes |



ENGENHOS TÁCTICOS

ERYX - Nova arma anticarro de Infantaria para curtas distâncias



Eficácia contra todas as blindagens modernas • **Perfuração 900mm** de aço homogêneo • **Alcance 600 metros** • **Precisão** Alta probabilidade entre os 50 e 600 metros • **Peso**—Posto de tiro 4,8 kgs—Munição 11 kgs.

ARMA DE DEFESA IDEAL PARA ZONAS URBANAS, PODENDO FAZER FOGO EM ZONAS CONFINADAS DADO NÃO TER EFEITOS PARA A RETAGUARDA

REPRESENTANTES
EXCLUSIVOS



MONTAGREX — OPTAGREX

Sociedade Portuguesa de Importações e Exportações, Lda.

Av. Óscar Monteiro Torres, 20 - 2º H
1000 LISBOA (Portugal)
Telex: 15397 Agrex P
Telefs. 76 61 12 - 76 77 34
Telefax 77 56 33



BRASÃO DE ARMAS DO INSTITUTO MILITAR DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

ESCUDO de azul, um penacho de prata chapeado de ouro e uma lucerna bilfenia acesa de vermelho perfilado de ouro, um sobre a outra; chefe de prata carregado de três arruelas de azul.

ELMO militar, de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra.

CORREIA de vermelho perfilada de ouro.

PAQUIFE e virol de azul e de prata.

TIMBRE - um leão rompante, sainte, segurando na garra dianteira dextra uma espada em pala e, na sinistra, um livro aberto, tudo de prata.

CONDECORAÇÕES - circundando o escudo, o colar de Membro Honorário da Ordem Militar de Santiago da Espada.

DIVISA - num listel de branco, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir "QUERER É PODER".

Simbologia e alusão das peças:

O PENACHO que orna a barretina do aluno — razão de ser e finalidade última do Instituto — resume em si toda uma filosofia de vida onde os padrões ético-culturais se impõem às naturais vicissitudes do quotidiano.

A LUCERNA BILÍCNIA, com as chamas do estudo e do saber, alude ao esforço em que os professores e alunos se encontram na formação de uma juventude à procura de si própria.

O CHEFE invoca o sábio D. JOÃO DE CASTRO, herói impoluto da gesta das Índias, patrono eleito da Escola.

O LEÃO recorda a criação do Instituto por um General que ao Exército serviu numa carreira polifacetada de mais de 45 anos e o LIVRO e a ESPADA exprimem a vocação da Escola e a sua ligação à Academia Militar.

A DIVISA é a afirmação inequívoca do voluntarismo essencial ao cumprimento da forma de viver escolhida.

Os Esmaltes significam:

OURO - a nobreza de uma juventude bem formada.

PRATA - a riqueza do ideal que presidiu à criação dos Instituto.

VERMELHO - o dinamismo da intervenção no redefinir de uma sociedade nacional.

AZUL - a galhardia e a lealdade permanentes na forma individual de actuar.

Jornal
do

EXÉRCITO



Pelo Cap VASCO MOURA

150 ANOS DO SELO POSTAL

No corrente ano, é comemorado o 150º aniversário da criação do primeiro selo postal. Por tal motivo, os CTT emitiram em 3 de Maio um bloco filatélico contendo um selo de 250\$00 com uma tiragem de 110.000 exemplares, que constitui uma belíssima peça filatélica. Igualmente nesta data, os Correios e Telecomunicações de Macau lançaram em circulação um bloco com um selo de 10 patacas.

Na pagela, é referida a história do nascimento do primeiro selo postal. Em 6 de Maio de 1840, foram postos em circulação na Grã-Bretanha os primeiros selos adesivos. O plano de Reforma Postal concebido por Rowland Hill baseou-se em duas medidas fundamentais: a instituição do porte único qualquer que fosse a distância e a introdução do selo adesivo.

Estes primeiros na taxa de 1 penny (o famoso Penny Black), gravados segundo um desenho esboçado por Rowland Hill, tiveram um grande êxito junto do público, apesar de o seu uso não ser obrigatório.

Reconhecendo as vantagens do selo adesivo, muitos outros países seguiram o exemplo da Grã-Bretanha. A Suíça, em 1 de Maio de 1843 e o Brasil, em 1 de Agosto de 1843, foram os primeiros países a aderir ao uso do selo, que progressivamente foi adoptado por todos os países.

Em Portugal, a primeira emissão de selos com a efígie de D. Maria II aparece em 1853, sendo postos à venda no dia 1 de Julho os selos com as taxas de 5 e 25 reis, no dia 2 de Julho o selo de 100 reis e no dia 25 o de 50 reis.

Ao longo de 150 anos o selo teve uma carreira fulgurante, pois, além da sua função essencial para o serviço postal, serviu de meio de comunicação entre os povos, transmitindo informações e contribuindo para um melhor conhecimento recíproco de todos os povos e regiões do Mundo. O selo tem sido assim o maior embaixador dos países e dos povos, percorrendo o Mundo e ligando as pessoas

de diferentes raças e credos. O selo, como forma de expressão, permitiu o desenvolvimento de uma arte postal com características próprias e um forma de colecção — a Filatelia — que são a garantia da sua vitalidade e projecção no futuro.



EXÉRCITO

ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60



A NOSSA CAPA

Monumento aos Mortos do Regimento de Infantaria de Tomar.

Do mesmo modo que as suas vidas foram brutalmente interrompidas, assim a pedra mármore é partida, rasgada, soltando-se da parede que a suportava afundando-se no lago.

ESPÍRITO DE CORPO

6



CENTENÁRIO DA ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA

15

Sumário



LAGOS, CIDADE ESPECTÁCULO

23

Filatelia	2	Uniformes Militares	30
Efeméride	4	Língua Portuguesa	31
Editorial	5	Livros	33
Espírito de Corpo	6	Para Quem Gosta de Saber	34
Figuras e Factos	10	Modelismo	39
Centenário da Escola Prática de Cavalaria	15	Jogos de Guerra	40
Miramundo	17	Recreio	41
Portugal e a CEE	19	Passatempo	43
Portugueses na Legião Espanhola	20	Legislação	45
Isto Aconteceu	22	Desporto	47
Lagos, Cidade Espectáculo	23	Agenda	50
Monumentos de Evocação Militar	29	Brasão de Armas do Instituto de Odivelas	52

PRÓPRIEDADE DO
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

DIRECTOR:
General Carlos Elmano Rocha

REDACÇÃO:
Chefe:
TCor José Machado Diniz

Redactor:
Capitão Francisco Marques Fernando

Orientação Gráfica:
Inês Galvão

Revisão:
SargAjd Ventura Cunha



Colaboração Fotográfica:
CAV/CHEMATI

SERVIÇO ADMINISTRATIVO:
Chefe:
Coronel Vítor Pires Mendes

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Largo da Graça, 94
1100 LISBOA
Tel. 87 03 55

Execução Gráfica:
MADEIRA & MADEIRA, LDA.
R. 16 de Abril, 6 c/v, Alto do Bexiga
S. Pedro - 2000 SANTARÉM
Tel. 2 01 96 - Fax 2 07 37

TABELA DE PREÇOS

PREÇO DE CAPA	180\$00
ASSINATURA ANUAL (12 números) VIA SUPERFÍCIE	
— Portugal Continental	950\$00
— Países africanos de língua portuguesa e Espanha	2.000\$00
— Restantes países	2.800\$00

VIA AÉREA	
— Madeira e Açores	1.500\$00
— Macau	3.000\$00
— Espanha	2.500\$00
— Países europeus (excepto Espanha)	3.000\$00
— Países africanos de língua portuguesa	3.500\$00
— Restantes países	4.500\$00

NOTA: As assinaturas devem ser pagas antecipadamente. As despesas de cobrança ao domicílio são por conta dos assinantes.

TIRAGEM: 8000 exemplares
Depósito Legal nº 1465/82

Os artigos e secções assinados exprimem a opinião dos seus autores e não reflectem, necessariamente, um ponto de vista oficial. Os artigos e secções não assinados são da responsabilidade da Direcção.

26 de Junho de 1808

Depois da bem sucedida revolta popular em Coimbra, os estudantes e populares desta cidade marcham para a Figueira da Foz para expulsar as tropas francesas do forte de Santa Catarina.

Iniciado em Trás-os-Montes e no Minho, o levantamento popular contra a ocupação francesa avançou para sul como uma autêntica vaga, restaurando a autoridade tradicional e reorganizando unidades de milícias e de linha que, entretanto, Junot havia mandado extinguir. No Porto a revolta triunfou no dia 19 de Junho e é formada a **Junta Provisional do Supremo Governo do Reino**. Daqui os levantamentos alastraram a Aveiro e à Mealhada. Nesta localidade reuniram-se, a 23 de Junho, as forças de milícias e de ordenanças vindas do Porto e de Aveiro com as constituídas na própria região da Mealhada e marcharam sobre Coimbra levando à frente o padre José Bernardo de Azevedo. Atacada a pequena guarnição francesa aquartelada no Colégio de S. Tomás, à Rua da Sofia, esta rendeu-se sem grande luta.

O pronunciamento popular em Coimbra teve alguns episódios interessantes que ilustram bem o espírito de revolta activa manifestado pelos Portugueses durante as invasões francesas, cujos repetidos insucessos se devem em boa parte a essa revolta transformada em autêntica guerrilha que, coadjuvando as forças regulares ou agindo isolada e localmente, estorvaram ou impediram os deslocamentos e a acção das forças francesas, vedando-lhes o apoio logístico, cortando-lhes a indispensável ligação, atacando-as por veredas e caminhos, perseguindo-as em apressadas retiradas.

Para relatar o que se passou em Coimbra e na Figueira da Foz vamos seguir de perto a "História da Guerra Civil" de Luz Soriano. (1)

Depois da queda da guarnição francesa a população da cidade aderiu entusiasticamente, à excepção da "gente de mais vulto" (p. 266). O entusiasmo e a juventude dos estudantes acabou por electrizar o movimento e tomar a iniciativa das operações, como diz Luz Soriano:

"Aos poucos estudantes, que ainda estavam em Coimbra, coube a glória de se constituírem em granadeiros afoutos da insurreição,

sendo eles os que no citado dia 24 acabaram com todas as hesitações que havia, como homens em quem a verdura da idade é pouco atenta às vozes da prudência e da reflexão. Alguns lentes se lhes uniram, d'aqueles em quem o amor da pátria se achava comprimido mas não extinto, principiando o corpo académico a fazer desde então por diante um conspícuo e assinalado papel na heroica empresa da libertação da pátria." (p. 267)

À falta de corpos militares de 1.^a linha de-



vidamente constituídas, coube ainda à Universidade o papel de suprir a falta de munições: "sendo extrema a falta de pólvora, cometeu-se ao lente de Química, o dr. Tomé Rodrigues Sobral, o transformar em fábrica de semelhante artigo o respectivo laboratório, comprando-se para aquele fim quanto salitre se encontrou. Pelas dez horas da noite de 26 de Junho apareceu fabricada a primeira porção de pólvora, que foi recebida no meio de gerais aplausos. Seguiu-se depois o fabrico de balas e cartuchame, chamando-se para estes trabalhos um sargento e alguns soldados que se achavam destacados nas ferrarias da Foz do Alge..." (p. 268).

Para consolidar posições e fazer face a futuras acções, para além da convocação das milícias e ordenanças dos povos circunvizinhos, foi constituído o Corpo Académico que compreendia a secção dos estudantes, comandada pelo Major de Engenharia e lente do 2.^o ano de Matemática, Dr. Tristão Álvares da Costa

Silveira, e a dos lentes e opositores, comandada pelo Dr. Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcellos, primeiro lente da Faculdade de Cânones.

Transformada assim a Universidade de Coimbra em instrumento de guerra, "Foi dali que na tarde de 25 de Junho saiu para fazer a restauração da Figueira o sargento de artilharia e estudante da Universidade, Bernardo António Zagalo, levando ordens do novo governador para que os ministros territoriais lhe prestassem todo o auxílio e gente que lhes pedisse" (p. 268). Passaram por Tentúgal, Carapinheira e Montemor-o-Velho de onde marcharam sobre a Figueira indo ali "surpreender os franceses que nada mais fizeram que recolherem-se repentinamente ao respectivo forte, situado na margem direita do Mondego, onde por fim capitularam depois de algumas hesitações". (p. 269)

Restabelecida a autoridade nacional na Figueira, regressaram a Coimbra com os prisioneiros, deixando o forte de Santa Catarina guarnecido com uma força de 100 homens da esquadra inglesa que navegava ao largo, o que iria permitir que o desembarque das forças inglesas nas praias de Buarcos, no dia 1 de Agosto, se fizesse com segurança. Foi com estas tropas britânicas e com um pequeno destacamento português, entretanto organizado em Coimbra pelo General Bernardim Freire de Andrade, que o General Arthur Wellesley (futuro duque de Wellington) marchou sobre Lisboa e obrigou Junot e retirar de Portugal.

(1) Simão José Luz Soriano, História da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal, Imprensa Nacional, Lisboa, 1870, Segunda Época, Tomo I, p. 266-269.

Editorial

O Exército e o bem público

O tratamento dado por alguns órgãos da Comunicação Social ao recente anúncio feito pelo Conselho de Ministros sobre a acção que o Exército vai desenvolver este ano na prevenção e combate aos fogos florestais, poderá ter criado na opinião pública falsas expectativas e reacções do género: "finalmente a tropa sai para a rua para apagar os fogos nas nossas matas..."

Na verdade, o que se irá passar nos meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro não é propriamente o desvio da missão essencial do Exército, mas sim a intensificação da acção desenvolvida em anos anteriores, com a novidade de se tornarem este ano prioritárias em relação a outras actividades, à excepção das de instrução. Haverá pois uma redobrada atenção e uma maior concentração de esforços e de recursos por parte dos Comandos das Regiões e Zonas Militares e das Unidades na colaboração no esforço nacional tendente a minimizar os efeitos negativos dos fogos florestais na economia do País, na protecção dos seus cursos vegetais e preservação do ambiente e na segurança de bens e populações.

Estas acções, a nível local e regional e em ligação com os serviços respectivos do Serviço Nacional de Protecção Civil, Serviço Nacional de Bombeiros, Direcção-Geral de Florestas, Forças de Segurança e Autarquias, compreenderão:

- levantamento, pelas Regiões e Zonas Militares e Unidades, nas respectivas áreas territoriais, das zonas florestais existentes;
- elaboração de planos de patrulhamento para essas zonas, com maior incidência nas mais sensíveis e vulneráveis ao risco de fogo;
- realização de acções de patrulhamento auto e apeado em matas e florestas com maior risco de incêndio;
- manutenção nos aquartelamentos, em permanência, de forças prevenidas, dotadas de meios elementares de combate a incêndios, meios de transmissão e rações de reserva, para intervenção oportuna, a solicitação das entidades civis responsáveis pelo combate aos incêndios, designadamente em operações de rescaldo.

Em caso de urgência poderão ser prestados outros apoios, tais como: sanitário, de alimentação e de transporte para evacuação de populações sempre que os meios civis forem insuficientes.

No essencial é este o espírito e a letra do que foi decidido pelo Governo e difundido em directiva aos comandos militares pelo Estado-Maior do Exército.

Não tão sistemática e intensamente como se está a fazer este ano, já as Unidades vinham exercendo uma acção continuada na prevenção de incêndios nas respectivas zonas de acção, por força da sua actividade normal, e é bem conhecida a colaboração de algumas delas no combate aos fogos florestais e na prestação de outro tipo de apoios.

Estamos convencidos que a acção do Exército irá reflectir-se positivamente na diminuição do flagelo que constituem, todos os anos, os fogos nas nossas matas e florestas. Esta acção seria ainda mais eficaz se os meios orgânicos à sua disposição para o cumprimento das suas missões fossem mais numerosos e sofisticados, os quais, nestas alturas, teriam uma actuação complementar imprescindível. Ressalta, de imediato, a indiscutível utilidade que teriam os helicópteros tanto em acções de patrulhamento como na rápida deslocação de efectivos e na evacuação de populações em perigo.

O Exército está, mais uma vez, a velar pelo bem público como lhe compete e está consignado na sua missão de colaborar no desenvolvimento nacional. Não lhe compete nem está vocacionado para se substituir a outras instituições primordialmente constituídas para o combate aos incêndios, como sejam os corpos de bombeiros, de acordo com o que está legislado e regulamentado.

J.D.

ESPÍRITO DE CORPO

Pelo Cor GONÇALVES DIAS

A expressão verbal "espírito de corpo" tem para os militares um significado muito mais profundo, do que para aqueles que não pertencem ao aglomerado castrense.

Os dois substantivos "espírito" e "corpo", ligados por aquela pequena preposição, formam no seu conjunto, algo que todo o comandante deseja para a sua Unidade.

Que vem a ser afinal o tal espírito de corpo, tão falado entre nós militares?

A verdade é que qualquer graduado, de tanto ouvir falar no assunto, tem uma noção empírica do seu significado, mas quando pretende explicar a outrem o seu verdadeiro sentido, tem por vezes certas dificuldades. É que não existe uma definição, mas muitas definições, das mais simples às mais complexas, dada a variedade das componentes do tal espírito de corpo.

Assim como se fala vulgarmente da alma de um indivíduo, assim também nós militares nos referimos ao espírito de corpo de uma Unidade. Só que este espírito de corpo, esta alma da Unidade, é formado pela sedimentação dos valores anímicos de todos os seus homens, é como que a essência das virtudes superiores dos seus elementos.

Uns dizem que é o conjunto das qualidades de espírito dos militares que a compõem, o dever, a coragem e o valor a que se obrigam voluntariamente os componentes dum determinado grupo de homens.

Espírito de corpo, dizem outros, é a aspiração, a vontade, a determinação resultantes de diversas variáveis ou premissas, como os laços de camaradagem, o misticismo de um chefe, a disciplina, resistência, estoicismo, combatividade e bravura dos indivíduos que formaram e formam uma Unidade, por tal forma que eles actuam como um só, auxiliando-se, sacrificando-se para que o fim em vista seja totalmente alcançado.

Há quem diga que o espírito de corpo mais não é que uma preparação psíquica, moral, cívica e militar dos componentes de uma Unidade, para os levar a enfrentar nas melhores condições de ânimo e com a maior coragem, empenha-

mento e determinação, todas as dificuldades e acções em que vierem a entrar, acrescentando ainda que o mesmo se consolidará com a defesa das virtudes cívicas e morais, pelo respeito da dignidade e carácter, pelo amor ao próximo e à verdade, pela defesa dos valores sagrados da Família, da Lei e da Pátria.

O sentimento de solidariedade que existe na classe civil não pode comparar-se ao espírito de corpo das Unidades ou corpos militares. Dum modo geral a solidariedade desenvolve-se na defesa dos interesses de indivíduos com a mesma profissão, cor, região, credo, grupo desportivo ou ideal político. Repare-se que muitas vezes esta solidariedade de uns se opõe à solidariedade de outros.

Evidentemente que entre os militares também existe a solidariedade que se forma entre os civis, mas o espírito de corpo não é só isso, é muito mais do que isso, é uma solidariedade excepcional onde se olvidam os interesses de cada qual, para verdadeiramente se dar conta dos interesses colectivos fundamentais.

O espírito de corpo de uma Unidade é algo que coloca o seu ideal acima de tudo, cor, região, religião, profissão, desporto ou política. Há uma ideia superior que é qualquer coisa de muito elevada, que todos desejam, a defesa da Pátria, para a qual há a necessidade do cumprimento da missão que nos é dada.

A solidariedade que existe numa fábrica, numa associação desportiva ou regional, numa empresa, num colégio ou numa sociedade comercial, de forma alguma exige do seu pessoal que dê o melhor do seu esforço físico ou anímico, ou tome uma decisão ousada em momentos de real perigo.

Um gerente comercial ou o director de uma fábrica não pode exigir aos seus homens que arrisquem a sua integridade física na defesa dum hipermercado ou numa fábrica de pasta de papel.

A solidariedade civil visa os interesses materiais e sociais da classe, o espírito de corpo tem a ver com outras necessidades acima das individuais, está num plano muito mais alto, preocupa-se com aquilo que afinal é do interesse geral e

vai servir a todos.

O espírito de corpo leva os militares, na defesa dos interesses gerais a protelar ou abdicar dos seus direitos essenciais, como o direito à vida, o que não acontece nas outras profissões. Isto não quer dizer que não hajam outras profissões arriscadas, mas dum modo geral elas têm as suas defesas e, falando materialmente, elas são muito mais bem remuneradas.

Há espírito de corpo na resistência feroz que culmina com o aniquilamento total duma Unidade, na defesa do dever cumprido (Espartanos no desfiladeiro das Termópilas). Há espírito de corpo naqueles que desafiam tudo e todos, na defesa justa dos seus homens, sabendo que daí lhe podem vir animosidades ou forte punição. Há espírito de corpo naquele que, para ir buscar um camarada caído na linha de fogo, arrisca galhardamente a vida para o salvar, lhe dar sepultura cristã ou devolver o corpo à família. Há espírito de corpo naqueles que carregam um camarada morto na selva, o transportam vários dias sob ataques constantes e, só quando a decomposição do cadáver o não permite mais, o enterram em lugar bem fundo e referenciado para mais tarde o irem recuperar. Há espírito de corpo quando todo o pessoal de uma Unidade sabendo que o seu comandante irá, por escala, para um local perigoso, se oferece para o acompanhar.

Quem tem espírito de corpo não pensa só na sua pessoa, pensa nos outros companheiros, no bom nome e na dignidade da sua Unidade.

Ter espírito de corpo é querer contribuir para a dignificação do conjunto de homens a que pertence, por forma a que o mesmo se imponha à admiração de superiores e estranhos.

Diz-se que um militar tem espírito de corpo quando ele se integra de tal modo na sua Unidade, que lhe quer como se fosse coisa sua, como à sua família, tem orgulho de fazer parte dela e tudo faz, com a melhor boa vontade e sem olhar a sacrifícios e cansaças, para a dignificar, nobilitar e engrandecer.

Ter espírito de corpo é algo mais que ter espírito militar. Não basta ser valen-

te, ousado, corajoso, cumpridor, disciplinado e disciplinador.

Para que haja verdadeiramente espírito de corpo torna-se necessário que cada um dos homens da Unidade sinta que faz parte dela, como célula daquele conjunto, que a sua vontade faça parte do somatório das vontades de todos os outros, que reconheça estar verdadeiramente enquadrado por irmãos de armas, que façam por ele mais do que é possível e se sinta na obrigação de lhes pagar na mesma moeda nos momentos decisivos, na hora da verdade, olvidando amigos, família e até a própria segurança, perante a necessidade imperiosa de cumprir o seu dever.

Para que haja verdadeiramente espírito de corpo é necessário que todo o pessoal, do comandante ao mais humilde soldado, esteja consciente de alma e coração de que qualquer deles será capaz de arriscar a sua vida pelos outros, que formem uma nova família, capaz de se sacrificar, de se integrar voluntariamente no ideal geral, na missão a cumprir no objectivo a atingir.

No espírito de corpo cria-se um estado de entreaajuda, de prosseguimento de acção, de ousadia calma, de bravura serena, de obrigação do cumprimento do dever, de justiça e disciplina, que tempera o carácter dos mais fracos.

Numa Unidade dotada de verdadeiro espírito de corpo todos contam uns com os outros, todos têm fé no seu chefe, todos sabem que os camaradas dão o seu melhor, todos põem o seu saber, a sua experiência, a sua boa vontade ao serviço da missão que lhes foi dada.

Numa Unidade com espírito de corpo não se fala de faltas ou erros, corrigem-se, suprimem-se, apagam-se, e isso é feito por todos, num desejo de perfeição, na vaidade de fazer melhor, no orgulho nato de poder servir de exemplo, sem qualquer espírito de recompensa.

A existência de tal estado de espírito não deve porém transformar e criar rivalidades mesquinhas que prejudiquem a camaradagem e amizade que devem existir entre as várias Unidades, Armas e Serviços do Exército prejudicando de qualquer forma os interesses vitais do mesmo.

O espírito de corpo manifesta-se praticamente das maneiras mais diversas, consoante as situações e as ocasiões.

Já tenho lido e ouvido dizer a vários militares que o espírito de corpo não é

o mesmo de outrora e até alguém acrescentou que ele tende a acabar.

Uma pessoa ouve, pensa, dorme sobre o assunto, deixa-o fermentar, e depois procede a uma decantação das ideias e dos factos.

Na verdade o espírito de corpo em tempo de paz é hoje mais difícil de formar que antigamente, podendo citar-se entre outras, as seguintes causas:

- as modificações havidas na socieda-



Se o espírito de corpo se cria e desenvolve em tempo de paz, é em situação de campanha que ele verdadeiramente se sublima.

de de hoje, tão diferente da de há setenta anos, para não ir mais além;

- as ideias antimilitaristas de certos credos políticos, exportadas por certas nações que no seu território são de um militarismo férreo;

- a sobrevalorização da ideia de Humanidade sobre a de Pátria;

- a pregação do pacifismo, até sob a forma de seita religiosa, que se vai desenvolvendo por toda a parte, sem se perceber muito bem como surgem fundos para pagar a tanta gente pobre, que perde imensas horas em visitas e propaganda (deduzindo-se que é paga para tal);

- o desenvolvimento da comunicação social, para a qual tudo que possa ser uma "caixa" é aproveitado para se venderem mais jornais;

- a propaganda anti-religiosa contra todos os credos em geral;

- a falta de uma disciplina de educação moral e cívica (separada da religião), que forme e desenvolva os valores morais da juventude;

- o desaparecimento de um grande número de Unidades com tradições muito fortes e antigas;

- a incorporação na mesma Unidade de pessoal de regiões muito diferentes.

Evidentemente que há um maior espí-

rito de corpo entre os quadros que no restante pessoal, mas ainda assim é prejudicado em parte pelas sucessivas substituições, em virtude da necessidade das pessoas estarem na sua terra, junto da família ou onde possam educar os filhos.

Torna-se hoje muito mais necessária uma acção do comando para que o espírito de corpo se forme, ou pelo menos esteja latente, pronto a levedar na primeira ocasião propícia, que deve ser imediata-

mente aproveitada.

Esta acção do comando deve incidir sobre os quadros, os quais terão de ter actualmente uma maior preocupação com a manutenção e desenvolvimento de tal problema.

Em exercícios ou manobras, em expedições mesmo em tempo de paz, mas com o objectivo da defesa da soberania, como as que tiveram lugar durante a 2.ª Guerra Mundial, já o espírito de corpo se desenvolve mais intensamente, mas é em combate que ele atinge a sua plenitude.

A prova de tal facto está nas reuniões que ainda hoje se realizam de Batalhões e Companhias que há muitos anos estiveram destacadas pelo nosso antigo Império.

Nas últimas lutas do Ultramar, muito embora não houvesse um emprego de Unidades tipo Regimento, e fossem as Companhias que tiveram uma acção mais sistemática, cedo veio ao de cima em Batalhões, Companhias, Pelotões e até grupos de combate, o verdadeiro espírito de corpo.

Quando se pensa que tal espírito é coisa só do antigamente, surgiram fenómenos que mostram exactamente como há uma necessidade dele existir hoje em dia. Refiro-me ao espírito de corpo das bri-

gadas anti-minas ou dos corpos de forças especiais que o terrorismo fez criar.

Como se adquire o Espírito de Corpo?

Para que um militar comece a ter espírito de corpo é necessário, entre outras coisas, que ele se sinta bem na sua Unidade, quase tanto como se estivesse em sua casa.

Note-se que digo quase e não digo como se estivesse em sua casa. Isto porque no nosso lar, alguns de nós estão à vontade demais, ou melhor, muitas vezes não se sentem na obrigação de o melhorarem, de o terem sempre arrumado, pronto para qualquer eventualidade, como seja por exemplo, receber uma visita inesperada.

Já repararam que esse facto banal, receber uma visita, nos marca e demarca do meio social em que vivemos?

Há lares paupérrimos onde quem entra sente uma satisfação especial, fazendo com que olhemos à nossa volta sorrindo perante a gentileza, a arrumação e o asseio, expresso num chão impecavelmente varrido, nuns móveis sem pó, num simples copo de água onde esta parece mais pura devido à limpidez do vidro, e onde as coisas estão no lugar certo, nada se vendo ao acaso. As paredes alvejam e até não há moscas porque o meio não lhes é propício.

Quem nos recebe pode ser muito humilde, mas uma apresentação escovada, sem luto nas unhas ou nódoas no fato, com um sorriso e umas palavras amáveis, oferecendo uma singela fatia de pão com azeitonas, ou um naco de broa com presunto, convidando-nos para um lugar à lazeira nas noites frias do Inverno, vale mais que um lauto banquete em grande mansão.

Quando um militar se sente bem na sua Unidade, ele começa a criar espírito de corpo. À simpatia do meio ambiente vê-se ele obrigado a retribuir.

No espaço de tempo que vai da incorporação até à passagem à disponibilidade, na partilha das dificuldades de uma vida diferente daquela que levava, com exigências de pontualidade, apresentação, disciplina, adaptação a regras novas, esforços físicos, domínio da vontade, etc., criam-se laços de amizade, de camaradagem e solidariedade que se vão desenvolvendo.

Pouco a pouco ele vai conhecendo a história da sua Unidade pelos meios mais variados. Às vezes nas paredes, em placas e até em simples notas de correspon-

dência vêm citadas as acções em que a Unidade se distinguiu.

Em certas datas ele ouve da boca dos seus superiores o recordar dos factos e dos feitos em que se tornaram notáveis, lê no jornal ou boletim, artigos sobre os homens que o antecederam e que mercê do seu valor passaram à História.

Na instrução, no dia da Unidade, nas comemorações nacionais ele ouve, vê, lê e conversa sobre o que fizeram os antecessores, e o seu amor à Unidade, o seu espírito de corpo fundamenta-se, enraíza-se, cresce, floresce.

Quando o furriel nos leva durante algum tempo a metralhadora que tanto nos pesava, quando o aspirante nos dá a última água do seu cantil naquela tarde enalorada, quando um camarada nos cede a metade do último cigarro, outro troca o serviço por nos ver esgotado, ou no dia de festa da nossa aldeia, estamos a conhecer pequenos pormenores duma solidariedade que numa outra fase, a vida de campanha, atinge valores novos e mais elevados.

Em campanha, num momento crítico de falta de forças físicas ou anímicas, haverá sempre alguém que decididamente nos substitui num lugar da frente, se lança audazmente sobre o inimigo que alveja o lugar onde estamos, cobre a nossa progressão com o seu fogo, arrisca a vida para nos ir buscar se tivermos caído ferido, se apresenta voluntariamente para uma missão de extrema ousadia, com absoluta indiferença do perigo para a cumprir, se necessário para um sacrifício total, tendo disso conhecimento.

Se o espírito de corpo se cria e desenvolve entre os militares em tempo de paz, é verdadeiramente na campanha que ele se sublima. É aí que o soldado quer ser digno sucessor desses homens, deseja fazer parte integrante desse corpo, tendo orgulho da sua farda, do número do seu Batalhão ou Regimento, contemplando com veneração o seu brasão, o seu guião ou a bandeira da sua Unidade.

O jovem militar compreende a responsabilidade que pesa sobre si, o que dele se espera, que seja digno da honra que lhe cabe. O espírito de corpo obrigá-lo-á a um sem número de pequenos nada's que, praticados mais por amor e boa vontade do que por obediência passiva à disciplina, lhes desenvolverão as qualidades militares por tal forma que, se um dia for necessário, ele fará os maiores sacrifícios para ser um representante sem mácula da Unidade a que pertence.

Na vivência castrense, no dia a dia de lidar com camaradas, superiores e subordinados, na instrução, serviços e obrigações, nas alegrias e dificuldades, cria-se uma amizade, um espírito de união, uma camaradagem, um anseio de bem servir, de cumprir melhor, de elevar o bom nome da Unidade que mais não é afinal do que o espírito de corpo.

Ter espírito de corpo não é só recordar envaidecido os actos valorosos dos nossos antepassados; é, muito mais do que isso, compreender a razão pela qual esses homens os praticaram e estar pronto a imitá-los ou excedê-los se possível for.

Como é que se cria e desenvolve o Espírito de Corpo?

Há chefes que o criam tão naturalmente, que nem dão, nem se dá por isso.

Para tal é necessário ter-se qualidade de chefe militar. Permitam-me que diga chefe militar e não unicamente chefe. É que são coisas diferentes. As qualidades de chefia de um empresário, dum dirigente, dum político, etc., por muito boas que sejam, são ainda insuficientes para se ser um bom chefe militar.

Não quero dizer que aqueles não possam vir a sê-lo, estou só a afirmar que às qualidades de chefia que possuem há que juntar mais algumas. É que o chefe militar pode ter que exigir dos seus homens coragem, bravura e ousadia acima do normal e pedir-lhes sacrifícios que podem atingir a própria vida.

Sem dúvida que um dos principais elementos da criação do espírito de corpo é o chefe, ou melhor, as qualidades do chefe.

Apontam-se várias qualidades como a capacidade física e intelectual, conhecimentos técnicos e táticos, apresentação, distinção, carácter, personalidade, dignidade, honra, seriedade, coragem, ousadia, combatividade, brio, energia, calma e outras mais, mas quanto a mim, o saber, conhecer e lidar com os homens, o sentido de justiça, decisão e competência, são aquelas que mais importância têm na criação inicial do espírito de corpo. As primeiras criam nos homens uma imagem de que eles gostam, que admiram, que procuram imitar, que os leva a tomá-lo como exemplo ou guia, mas são as últimas aquelas que dão aos homens e sensação de estarem numa família especial, nova, na qual se sentem bem e de que querem fazer sentir que fazem parte.

Um bom chefe sabe quando deve poupar os seus homens e quando deve pedir-

-lhes os maiores sacrifícios. Um verdadeiro chefe arrasta com o seu exemplo e faz com que a sua decisão seja a vontade firme, constante e imediata dos seus homens até que seja alcançado o objectivo determinado, a missão seja cumprida.

Com um bom chefe não há tropas más mas se às boas tropas são os bons chefes que as fazem, também já vi tropas boas que tendo perdido um bom comandante e tendo recebido outro que até ali era vulgar, elas, as tropas, modificaram para melhor o novo chefe, obrigando-o a valorizar-se, a integrar-se no espírito de corpo da Unidade, tornando-se digno delas.

Isto não quer dizer que o espírito de corpo não possa existir sem a acção do chefe; o que acontece é que ele será um tanto passivo, não se desenvolvendo ao mais elevado grau.

Um oficial pode ser um bom técnico e tático da sua especialidade e mesmo assim não ser um bom chefe. Para o ser ele deverá ter qualidades para dirigir homens, para que entre eles se desenvolva o tal espírito.

O espírito de corpo pode formar-se entre um diminuto grupo de homens, mercê da figura carismática do seu dirigente, da sua maneira de os saber compreender e de se lhes impor pelo exemplo. Quando num grupo destes aparece um indivíduo de qualidade inferior, permitam-me o termo, ele não só não se sente bem como não procede como os outros, enfrenta uma hostilidade e uma acção de repulsa que o leva a pedir para se ir embora e, se não o faz, os outros acabam por pedir a sua expulsão do grupo.

A formação do espírito de corpo não é unicamente uma obrigação do chefe mas antes uma missão de todos os quadros, que deverão ter qualidades de afectividade e simplicidade tais, que os subordinados os respeitem e admirem e neles tenham confiança e não receio.

Comandantes há que pela sua personalidade ou entrega total a todos os assuntos da Unidade, estão um pouco isolados dos problemas dos seus homens, quando muito notam os dos seus oficiais. Quando tal acontece, a acção do 2.º comandante na congregação do espírito de corpo pode ser essencial.

Através do serviço de justiça, mercê das conversas com os comandantes de companhia e primeiros-sargentos das mesmas, pela observação atenta do pessoal que anda mais isolado ou conflituo-

so, ele pode ir-se inteirando do estado do espírito do pessoal, das suas necessidades, das suas motivações, e ser ele o elo de ligação com o comandante, fornecendo-lhe informações preciosas sobre o moral da Unidade.

Um dos homens que pode ter uma importância muito especial na formação do espírito de corpo é sem dúvida alguma o capelão, se ele for um padre de eleição.

Só em guerra se avalia muita vezes o seu verdadeiro valor e a sua necessidade mesmo em tempo de paz. Ele não assegura só o serviço de culto, ele tem um trabalho muito especial no desenvolvimento do moral no seio das nossas tropas. Ele, pela sua missão, conhece todos os homens, os seus problemas, as suas dificuldades, as suas angústias, que não têm coragem de expor aos oficiais por acanhamento e, guardando o segredo da confissão, pode chegar até ao comando, e obter dele pequenos nada que ajudam a resolver certos problemas (acontecimentos ocorridos durante as acções que não chegaram ao conhecimento do comando, morte de familiares dos militares, dificuldades que houve nas colheitas, querelas por questões de águas, questões de partilhas, arrufos de namoros, indivíduos que fazem batota ao jogo, tipos com mau vinho, graduados demasiado exigentes ou relapsos, larápios, drogados e homossexuais) e podem vir a melhorar a vida e o moral dos soldados.

Durante as lutas do Ultramar, na véspera de operações importantes, ou de marchas por zonas infestadas de minas, o padre não descansava e vi muitas vezes, a horas mortas, no escuro, procurarem-no aqueles que não iam à missa e até os que se diziam ateus. Iam até ele abrir a sua alma e receber o alento, a vontade, a determinação e a coragem de que sentiam falta, quem sabe até desabafar as suas faltas ou crimes, apresentando um possível julgamento final e poderem ir mais confiantes para essa apreciação superior, que podia estar iminente.

Os comandantes de companhias, pelotões e secções e ainda os 1.ºs sargentos, em virtude de estarem mais em contacto com os soldados, são também elementos preciosos para a formação do espírito de corpo.

Além dos elementos citados existem também os factores desse mesmo espírito de corpo, podendo citar-se entre outros, os seguintes: as bandeiras, guiões, brasões, placas comemorativas, gritos de

guerra, as tradições, os edifícios militares, localidades, vestuário (cor do uniforme ou das boinas, formato do barrete, lenços de pescoço), a disciplina, instrução, ambiente social, língua, religião, etc., etc..

Antes de terminar não posso deixar de acrescentar algo que me parece ser uma fatalidade e uma predestinação das Forças Armadas.

Quando se ganha uma guerra realizam-se umas cerimónias muito bonitas, aclamam-se os heróis e seguidamente os militares profissionais recolhem a quartéis e os outros são licenciados. Fala-se muito na comunicação social, é a altura de, falando neles ou ocupando os ecrãs com imagens suas, se ganhar ou poupar um bom dinheiro.

E depois? Depois cansam-se dos heróis, esquecem-se deles, até dos mortos e estropiados dessa mesma guerra, a que outros deram origem. Não só são um peso no orçamento como a sua imagem ou recordação é muito incomodativa.

Agora é a vez dos políticos que vão ocupar os lugares mais bem remunerados, eles que muitas vezes já com a guerra tinham lucrado através do comércio ou da indústria. Economia de privilegiados a que se não tece comentários.

Quando porém os políticos falham e a Nação por qualquer forma atravessa uma crise, é sempre aos militares que se recorre, ou para lhes exigir um esforço de conquista ou para a defesa do próprio solo. Num dos casos os políticos servem-se dos militares para os seus fins, no outro entregam aos mesmos o recurso final abstraindo-se das suas responsabilidades.

Repare-se que nos tratados de paz os vencidos são representados no seu todo ou na quase totalidade por militares. Cabe-lhes a eles a parte dolorosa, sofrer a ignomínia, pagar os erros que os políticos antes fizeram e arcar com as responsabilidades que lhes são impostas, para com as gerações futuras.

Diz-se sempre: os nossos exércitos, as nossas forças armadas foram vencidas, nunca se diz que a orientação política foi derrotada.

Apesar disso os militares vão, obedecem mais uma vez a um espírito de corpo, aqui mais geral, o das Forças Armadas. Que importa que eles sofram a vergonha na sua pele se daquele opróbrio se puder salvar algo da Nação por forma que ela amanhã renasça? Num tão doloroso momento há que obter as melhores condições possíveis para a Nação, mesmo que sejamos nós os humilhados.

Para os militares conta o bem geral, não o seu. Que importa sofrer na escura noite se amanhã a alvorada for melhor?

DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO



Reunião de Comando do Exército

Teve lugar, no passado dia 3 de Maio, no Estado-Maior do Exército, a Reunião de Comando do Exército, presidida pelo CEME, General Firmino Miguel.



Visita da Associação de Auditores do CDN

A Associação de Auditores dos Cursos de Defesa Nacional visitou no passado dia 16 de Maio o Estado-Maior do Exército e apresentou cumprimentos ao General Mário Firmino Miguel.

Condecoração do Adido Militar do Reino Unido

O Chefe do Estado-Maior do Exército condecorou com a Medalha de Mérito Militar de 2.^a Classe o Tenente-Coronel William Bernard Ibbetson, que desempenhou em Portugal as funções de Adido Militar do Reino Unido.

A condecoração foi imposta pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, General Tomé Pinto, em cerimónia que, no dia 2 de Maio, teve lugar no Estado-Maior do Exército e a que assistiu o Embaixador do Reino Unido e o Adido de Defesa acreditado em Lisboa, bem como os Directores de Departamentos e Chefes de Gabinetes e de Repartições do EME.



Protocolo de colaboração entre o Estado-Maior do Exército e a Universidade do Minho

Sob a presidência do Chefe do Estado-Maior do Exército, General Firmino Miguel, teve lugar, no passado dia 15 de Maio na Biblioteca do EME, a assinatura de um protocolo de colaboração entre

o Estado-Maior do Exército e a Universidade do Minho.

Pretende-se com o referido protocolo assegurar a colaboração entre o Centro de Estudos Psicotécnicos do Exército (CEPE) e a Faculdade de Ciências de Educação da Universidade do Minho, tendo em vista a produção a eferição de instrumentos de avaliação psicológica.



A Psicologia em Portugal e a sociedade passarão a beneficiar de novos e melhores instrumentos neste campo da ciência.

Este acordo é o reconhecimento do papel relevante que o CEPE tem desempenhado, desde há anos, na produção, adaptação e aferição nacional dos instrumentos de avaliação no âmbito da Psicologia.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE PROFERE CONFERÊNCIA NA ACADEMIA MILITAR

Realizou-se na Academia Militar no passado dia 7 de Maio uma conferência subordinada ao tema "As perspectivas económicas da República de São Tomé e Príncipe" que foi proferida pelo presidente daquele país, Pinto da Costa.

O Presidente da República de São Tomé e Príncipe foi recebido pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Firmino Miguel, e pelo Comandante da Academia Militar, General Almeida Bruno.

Assistiram à conferência altas entidades da República de São Tomé e Príncipe e os alunos da Academia Militar.



SEMINÁRIO SOBRE A DEFESA MILITAR DE PORTUGAL

O Instituto de Altos Estudos Militares, em Pedrouços, realizou, nos passados dias 15 e 16 de Maio, no âmbito das actividades do Curso Superior de Comando e Direcção, um seminário para a análise do tema "A Defesa Militar de Portugal".

Dada a importância nacional e a actualidade do tema perante as transformações do quadro estratégico da Europa, foi considerado de maior interesse promover um debate alargado a individualidades, civis e militares, que se têm dedicado ao estudo desta matéria, facto que mereceu o empenhamento e patrocínio do Chefe do Estado-Maior do Exército que presidiu à abertura dos trabalhos.

COLABORAÇÃO DA ESCOLA MILITAR DE ELECTROMECHANICA EM EXPOSIÇÃO ESCOLAR

Integrado no plano de actividade da Escola Secundária de Paço de Arcos o seu Conselho Directivo realizou de 7 a 11 de Maio uma semana cultural.

Nesta louvável iniciativa merece destaque a participação, pela primeira vez, da Escola Militar de Electromecânica, concretizada através da exposição de alguns dos trabalhos mais significativos que, no âmbito dos cursos de electrotecnia, são realizados naquele estabelecimento.

O apoio no âmbito oficial e de laboratório que nos últimos tempos tem vindo a ser prestado pela Escola Militar de Electromecânica à Escola Secundária de Paço de Arcos traduz uma forma plenamente conseguida de colaboração entre os meios civil e militar. Este facto foi salientado por um elemento do Conselho Directivo que sublinhou ainda a colaboração do Departamento de Telecomunicações e Electrónica daquela Unidade Militar na realização desta exposição.



DA REGIÃO MILITAR DO NORTE

Dia do Regimento de Infantaria de Vila Real

Decorreram no passado dia 9 de Abril as cerimónias comemorativas do dia festivo do Regimento de Infantaria de Vila Real, às quais presidiu o Comandante da Região Militar Norte, General Guerreiro Ferreira.

A comemoração da efeméride contou com a presença de entidades civis, militares e religiosas da região e foi enriquecida com um "tattoo" executado pela banda da RMN e com actividades militares, nomeadamente a actuação de um pelotão auto-comandado e a demonstração táctica pela Companhia de Apoio de Combate.

O Comandante do Regimento, Coronel Artur Teófilo da Fonseca Freitas, proferiu uma alocução alusiva ao acontecimento e foi lida uma mensagem do Comandante da Região Militar.

Actuou, ainda, a Banda de Música da Portela, da freguesia da Fohadela, terminando as comemorações com um almoço de confraternização.

CIOE comemora Dia da Unidade

O Centro de Instrução de Operações Especiais comemorou o Dia da Unidade em 21 de Abril, integrado no sesquicentenário da chegada do Regimento n.º 9 a Lamego, e o 30.º aniversário da Unidade.

Presidiu às cerimónias o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, General Soares Carneiro, estando ainda presentes o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Firmino Miguel, o Comandante da Região Militar do Norte, General Guerreiro Ferreira, o Presidente da Liga dos Combatentes, General Altino de Magalhães, o Director do Departamento de Instrução, General Carreto Curto, o Governador Civil de Viseu, os Presidentes da Câmara e da Assembleia Municipal de Lamego, o Arcebispo da Diocese, antigos Comandantes do CIOE e actuais Comandantes de Unidades militares, além de outras entidades civis e militares.

Depois da guarda de honra prestada ao Gen CEMGFA, da homenagem aos Mortos em Defesa da Pátria e do descerramento de uma lápide comemorativa, oferta da Liga dos Combatentes, iniciaram-se as cerimónias militares na parada exterior do Quartel de Santa Cruz, com honras militares ao general CEMGFA.

As comemorações, na sua vertente cultural, foram enriquecidas com a inauguração, no Museu de Lamego, de uma exposição de pintura de artistas militares e familiares; na Igreja de Santa Cruz, da Unidade, a Régie Cooperativa Sinfonia-Orquestra do Porto deu um concerto que deleitou a numerosa assistência, proveniente da cidade e da região.



DA REGIÃO MILITAR DO CENTRO



Dia do Batalhão de Infantaria de Aveiro

O Batalhão de Infantaria de Aveiro, "Sentinela do Vouga" e herdeiro das tradições do RI n.º 24 e RI n.º 10, comemorou o Dia da Unidade em 20 de Março último.

Presidiu à cerimónia o Brigadeiro Almeida Correia, 2.º Comandante da Região Militar do Centro, em representação do Comandante da Região.

O Tenente-Coronel Ilídio Freire, Comandante do BIA, proferiu uma alocução alusiva à cerimónia, enaltecendo as virtudes militares da sua Unidade.

Para além das comemorações militares, teve lugar um sarau desportivo-cultural no pavilhão do Sport Clube Beira-Mar e o XIII Grande Prémio do BIA em atletismo. O referido Sarau constituiu um êxito enorme junto da população de Aveiro e contou com a participação da Orquestra Ligeira do Exército, das classes de ginástica da Academia Militar, do Colégio Militar e do Instituto Militar dos Pupilos do Exército, bem como de uma classe feminina de dança do Sport Clube Beira-Mar.

DA REGIÃO MILITAR DO SUL

Cerimónia comemorativa da Batalha dos Atoleiros

No dia 6 de Abril comemorou-se o 606.º aniversário da Batalha dos Atoleiros com uma cerimónia militar que decorreu junto ao padrão evocativo, em Fronteira. Nesta batalha travada no ano de 1384 entre portugueses e castelhanos, Nuno Álvares demonstrou bem o justo prestígio do mais notável chefe de guerra do seu tempo.



Regimento de Infantaria Elvas organiza III Rally Paper

O Regimento de Infantaria de Elvas organizou o seu III Rally Paper, cuja participação foi aberta a militares e civis, num total de 72 participantes distribuídos por 18 equipas.

Foram percorridas algumas das ruas de Elvas e seus arredores, em busca dos mais insólitos objectos tentando responder a perguntas de observação e cultura

geral bastante pertinentes.

Foi oferecido um almoço-convívio na Barragem do Caia no qual participaram o Presidente da Comissão Regional de Turismo de S. Mamede, o Presidente da Câmara Municipal de Campo-Maior e um vereador da Câmara Municipal de Elvas em representação do seu Presidente, tendo os mesmos procedido à entrega de troféus obtidos graças à prestimosa colaboração de várias empresas e casas comerciais da região.



Esta cerimónia, cuja realização esteve a cargo do Regimento de Infantaria de Elvas, foi presidida pelo general Comandante da Região Militar Sul e contou com a presença das mais significativas entidades civis e militares da região.

Na sequência desta cerimónia, em colaboração com a Câmara Municipal e integrada nas comemorações do dia da Vila de Fronteira, realizou-se no campo de futebol uma parada militar, com forças do Exército, da GNR, da GF e da PSP.

A Banda da RMS executou um magnífico concerto que dedicou à população de Fronteira.

DA ZONA MILITAR DOS AÇORES

Juramento de Bandeira

No passado dia 17 de Maio, teve lugar na parada do Forte de S. João Baptista, onde

se encontra instalado o Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo, o Juramento de Bandeira do Curso de Formação de Praças do 1.º Turno do corrente ano.



DA ZONA MILITAR DA MADEIRA

Visita protocolar

O Embaixador da Holanda em Portugal, Jonkleer Maximailien Vegelin, esteve no passado dia 24 de Abril na Fortaleza de São Lourenço, Funchal, a apresentar cumprimentos ao Comandante-Chefe das Forças Armadas no Arquipélago da Madeira, Brigadeiro Rodrigues Areia.



Cumprimentos protocolares



No passado dia 27 de Abril o Comandante-Chefe das Forças Armadas no Arquipélago da Madeira recebeu cumprimentos, na Fortaleza de S. Lourenço, no Funchal, do Comandante da Esquadra holandesa, Contra-Almirante P.E.R. Leertouwer.



Visita do Curso de Defesa Nacional

O Comandante-Chefe das Forças Armadas no Arquipélago da Madeira, Brigadeiro Rodrigues de Areia, recebeu na Fortaleza de São Lourenço, no Funchal, em 17 de Abril, os cumprimentos do Director do Instituto de Defesa Nacional, General Abel Cabral Couto, que se fazia acompanhar pelo Subdirector da Delegação do IND no Porto, Brigadeiro António Abrunhosa.

Após os cumprimentos, foi apresentado aos auditores do Curso de Defesa Nacional um "briefing" sobre o Comando-Chefe das Forças Armadas no Arquipélago da Madeira, tendo no final o Brigadeiro Rodrigues de Areia respondido às questões apresentadas pelos auditores.

DA 1.ª BRIGADA MISTA INDEPENDENTE

Visita do Curso de Defesa Nacional

No passado dia 3 de Maio o Curso de Defesa Nacional visitou a 1.ª Brigada Mista Independente e o Campo de Instrução Militar de Santa Margarida.

A visita iniciou-se com uma exposição, no QG da 1.ª BMI, aos assessores e auditores do Curso, sobre a organização, possibilidades, capacidades e vulnerabilidades da Brigada, bem como a sua evolução previsível. Seguiu-se uma visita à parte urbana do Campo Militar e uma apresentação na pista de combate, efectuada por uma Companhia de Atiradores do Batalhão de Infantaria Mecanizado.

Após o almoço oferecido pelo Regimento de Cavalaria de Santa Margarida, seguiu-se uma visita às instalações deste Regimento e um Exercício de Prontidão Operacional levado a efeito por um Esquadrão de Carros de Combate.



Bandas do Royal Green Jackets Regiment e do Regimento de Infantaria n.º 1 dão concerto

No pretérito dia 7 de Maio teve lugar no Cine-Teatro do Campo de Instrução Militar de Santa Margarida (CIMSM) um concerto em que actuaram as bandas do Regimento inglês "Royal Green Jackets" e do Regimento de Infantaria n.º 1.

As duas bandas fundiram-se numa só, tendo tocado temas de origem portuguesa e inglesa, não obstante nunca terem actuado juntas e terem realizado apenas um ensaio de conjunto.

A assistência, composta por militares do Campo (maioritariamente soldados-recrutas) e pelos alunos da Escola Primária do CIMSM, dispensou largos aplausos às bandas.

Particularmente apreciada foi a actuação dos "bugles" do "Royal Green Jackets" em conjunto com as bandas.



1.º CENTENÁRIO DA ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA

A Escola Prática de Cavalaria comemorou o seu 1.º centenário de existência durante os meses de Março e Abril do corrente ano.

Fazendo actualmente parte do dispositivo da Região Militar de Lisboa, a EPC foi criada em 17 de Abril de 1890. Provisoriamente estabelecida em Vila Viçosa, foi transferida em 1902 para Torres Novas e em 15 de Março de 1957 fixou-se na cidade de Santarém. Tendo por divisa "O Espírito comanda a Massa" o seu dia festivo é celebrado a 17 de Abril.

No dia 23 de Março foi efectuada uma romagem de saudade ao antigo aquartelamento em Vila Viçosa a que o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Firmino Miguel, presidiu.

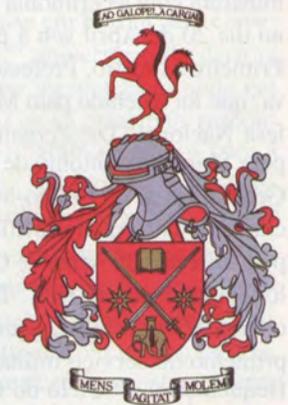
O dia da EPC iniciou-se às sete da manhã com uma alvorada festiva, sendo as cerimónias militares e a apresentação de um "painel" sobre o reequipamento da Cavalaria presididas pelo Governador Militar de Lisboa, General Sousa Lucena.

No dia seguinte, 18 de Abril, teve lugar uma marcha a cavalo entre o antigo

quartel da Escola Prática de Cavalaria em Torres Novas e a actual Casa-Mãe da Cavalaria, a que presidiu o Director da Arma, General Alves Ribeiro.

No dia 19 a Orquestra Ligeira do Exército presenteou a população escalabitana com um magnífico concerto.

As comemorações do centenário cul-



Um dos momentos da romagem de saudade ao antigo quartel da EPC em Vila Viçosa.



A tribuna de honra durante a cerimónia militar comemorativa do dia da Casa-Mãe da Cavalaria.



Em 18 de Abril um numeroso grupo de cavaleiros da EPC realizou de novo o percurso entre o antigo quartel de Torres Novas, onde a Escola esteve até 15 de Março de 1957, e o seu actual quartel em Santarém.

minaram com a cerimónia que teve lugar no dia 20 de Abril sob a presidência do Primeiro Ministro, Professor Cavaco Silva, que foi recebido pelo Ministro da Defesa Nacional, Dr. Fernando Nogueira, pelo Marechal António de Spínola, pelo General Chefe do Estado-Maior do Exército, pelo Governador Militar de Lisboa, pelo Director da Arma de Cavalaria e pelo Comandante da EPC. De referir que o Prof. Cavaco Silva, aquando do cumprimento do serviço militar obrigatório, frequentou o 1.º Ciclo do Curso de Oficiais Milicianos na EPC.

Momento alto da cerimónia foi a condecoração do Estandarte Nacional da Escola com a Medalha de Ouro de Serviços Distintos.

A Câmara Municipal de Santarém e a Câmara Municipal de Torres Novas atribuíram as medalhas de ouro das respectivas cidades como prova de gratidão pelos serviços prestados pela EPC à região do Ribatejo e ao País.

Seguiu-se uma sessão solene no auditório General Afonso Botelho com uma conferência proferida pelo Prof. Veríssimo Serrão.

Depois da entrega às entidades convidadas do livro e medalhas comemorativas, procedeu-se à inauguração de uma central telefónica digital, de um monumento comemorativo do centenário da Escola na parada "Chaimite" e de uma exposição sobre "A evolução dos auxiliares de instrução na Cavalaria Portuguesa". As cerimónias terminaram com um almoço de confraternização.



Um dos momentos altos das comemorações: o Primeiro Ministro impõe no Estandarte da Escola as insígnias da Medalha de Ouro de Serviços Distintos (em cima). À sua chegada a Santarém, para presidir à cerimónia comemorativa do centenário, o Professor Cavaco Silva passa revista à guarda de honra (em baixo).



Momento musical das comemorações: a Orquestra Ligeira do Exército deliciou a população de Santarém com a sua magnífica actuação.



As cerimónias comemorativas do centenário incluíram, para além de uma parada militar em que usou da palavra o comandante da Escola, Cor Lemos Caldas, (ao lado) a visita às instalações, nomeadamente ao Museu da Cavalaria (em baixo).



Como não podia deixar de ser, o desporto equestre marcou bem a sua presença neste centenário.





ALBÂNIA: O último reduto começa a abater-se

A Albânia, o país europeu mais pobre e atrasado, regia-se por rígidas orientações políticas e económicas que conduziram ao seu total isolamento face ao exterior, especialmente quando cortou relações com a União Soviética em 1961 e com a China em 1978. Ao ditador Enver Hoxha sucedeu, em 1985, Ramiz Alia que gradualmente foi modificando algumas políticas mais restritas do seu predecessor. Porém, só recentemente foram visíveis alterações sensíveis na esteira do "furacão" que varreu todo o Leste no segundo semestre de 1989.

Da reunião de dois dias dos 250 membros da Assembleia do Povo foram adoptadas modificações profundas, tais como: o direito de todos os cidadãos viajarem ao estrangeiro, o que não era possível desde 1944 — direito que vai ser difícil pôr em prática pelos baixos rendimentos da população; foram abolidas as restrições às práticas religiosas — abolidas há 24 anos e o que permitirá a reabertura das mesquitas muçulmanas e das igrejas católicas romanas e ortodoxas gregas, que foram usadas para múltiplos fins, como museus, pavilhões desportivos; passou a ser permitido que todos os criminosos suspeitos tivessem advogado — aliás foi também criado o Ministério da Justiça, no Governo, que tinha sido abolido em 1966; na ordem externa, foi decidido pedir a adesão à Conferência de Segurança e Cooperação Europeia o que, porém, só será viável quando forem cumpridas as exigências básicas de direitos humanos e outras formalidades.

As alterações foram ao ponto de receberem em Tirana o Secretário-Geral das Nações Unidas, Xavier Pérez de Cuel-

lar, e de um alto responsável declarar que "a porta estava aberta para reatarm relações diplomáticas" com os Estados-Unidos.

Formosa avança com "Revolução Tranquila"

Ao iniciar o seu segundo mandato como Presidente da Formosa, Lee Teng-Hui prometeu acabar com o estado de guerra que ainda vigora entre a China Nacionalista e a República Popular da China, o que deveria acontecer o mais brevemente possível. Para que isso aconteça Lee colocava três condições a cumprir pelo regime de Pequim: proceder à democratização e liberalização do seu regime; renunciar publicamente ao uso da força contra a Formosa; acabar com a campanha para isolar diplomaticamente Taipé. Logo que tal se verificasse a Formosa "abriria completamente as trocas académicas, culturais, económicas, comerciais, científicas e tecnológicas, para lançar bases de respeito mútuo, paz e prosperidade".

As autoridades de Pequim reagiram cautelosamente como já o haviam feito antes quando Taipé propôs conversações directas "governo a governo" e a resposta foi a abertura a negociações "partido a partido".

Na ordem interna foi também importante a promessa do Presidente de acabar em dois anos com o estatuto especial de que o Partido Nacionalista (Kuomintang) goza desde 1949.

Congresso judeu reuniu em Berlim

100 delegados do Congresso Mundial Judeu reuniram-se em Berlim para comemorarem o 45.º aniversário da derrota do III Reich, no mesmo local onde em Janeiro de 1942 os 15 principais responsáveis nazis assinaram os planos para a "Solução Final", que conduziu ao assassinio de seis milhões de judeus.

À reunião assistiram os primeiros dirigentes das duas Alemanhas que se pronunciaram pela condenação dos massacres. Helmut Kohl incitou os Alemães a "permanecerem constantemente atentos às lições da história e a alertarem para todas as tentações de totalitarismo". De Maiziére, o primeiro-ministro da RDA, que o mês passado pediu ao Parlamento para reconhecer "responsabilidade conjunta" de todos os alemães pelo Holocausto, afirmou: "A nossa história não pode ser ultrapassada, mas tem de ser reconhecida honestamente e com verdade".

Os acordos para Washington

James Baker esteve em Moscovo para ultimar os acordos que serão firmados em Washington quando ali se realizar, no final do mês, mais um encontro dos líderes das duas superpotências. Em princípio admite-se que os acordos venham a consagrar importantes medidas dos seguintes campos:

- Redução das armas estratégicas para 50 por cento (seis mil ogivas nucleares para cada país, mas as excepções, entretanto consagradas, apontam para cortes da ordem dos 35 por cento;

- Declaração comum sobre os objectivos de novas negociações START;

- Relativamente às Armas Químicas, fim da produção de gases tóxicos e redução em 80 por cento dos actuais arsenais;

- A potência de novos ensaios nucleares será limitada a 150 quilotoneladas;

- Comércio: exportação de cereais para a União Soviética e convenção sobre transportes marítimos;

- Cultura: abertura de centros culturais

e de informação em Moscovo e Washington;

- Educação: Intercâmbio de estudantes (1000) e cooperação em oceanografia.



“Intifada” agrava-se

A “guerra das pedras”, ou “Intifada”, que há dois anos e meio se mantém na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, ocupadas por Israel e onde a população é maioritariamente árabe, reacendeu-se após a chacina de oito trabalhadores árabes, perto de Telavive, por um jovem israelita com alegados problemas psíquicos. Poucas horas depois do incidente as tropas tiveram de intervir, matando sete palestinianos e ferindo muitos outros. Os confrontos foram os mais violentos desde o início do levantamento palestiniano e obrigaram o Exército a impor o recolher obrigatório, respondendo os dirigentes palestinianos com a convocação de uma greve geral nos territórios árabes ocupados.

Muito embora o Primeiro-Ministro Shamir tenha dito que “o que aconteceu foi um chocante acto de loucura, que não podemos permitir que aconteça entre nós” reagiu violentamente às relações estabelecidas entre as ocorrências e a ausência de um diálogo de paz com os palestinianos, pelos Estados-Unidos. O processo de paz no Médio-Oriente está virtualmente congelado desde Março, quando Shamir se mostrou indisponível para aceitar o plano de paz de James Baker, Secretário de Estado norte-americano, que propunha o início do diálogo com os palestinianos no Cairo. A esse plano tinha já aderido o dirigente trabalhista Shimon Perez.

Na sequência dos acontecimentos reuniu-se o Conselho de Segurança da

ONU, que decidiu realizar a sessão em Genebra para evitar a recusa de vistos das autoridades norte-americanas a dirigentes da OLP como antes acontecera em 1988. Contudo, desta vez, o Departamento de Estado estava disposto a conceder um visto de entrada ao Presidente da OLP, Yasser Arafat.

União económica e monetária da RDA e da RFA

O tratado para a entrada em vigor da União Económica e Monetária, entre os dois estados alemães, foi assinada pelos dois Ministros das Finanças e consagra a data de 1 de Julho de 1990 como a da sua entrada em vigor. Vale a pena respirar alguns trechos do seu conteúdo: “As duas partes formam uma união tendo o marco alemão ocidental como única moeda, passando o Bundesbank a ser o responsável por todas as operações delas decorrentes”... “A RDA passa a ter como orientação os princípios de direito ao trabalho, da Alemanha Federal, liberdade de associação, autonomia para negociações salariais, direito à greve, co-gestão e protecção contra despedimentos” e ainda que “a curto prazo na RDA vão deixar de existir os subsídios para os produtos industriais, agrícolas e alimentares”. Só por estas curtas transcrições se pode avaliar da importância de tal acto e da mudança radical que naturalmente se lhe seguirá. Na opinião da maioria dos observadores “foi dado o primeiro grande passo para a anexação da RDA pela RFA”.

O acordo assinado não anula os assumidos por parte dos dois estados alemães com terceiros países. Berlim, que goza de estatuto especial, passa a ficar englobada nas determinações agora acordadas.

O acto não foi pacificamente aceite de um e outro lado da fronteira, considerando os social-democratas ocidentais que se está a avançar demasiado.

Frente de Salvação Nacional ganha eleições romenas

Consideradas, para a maioria dos observadores estrangeiros, “suficientemen-



te” democráticas, as eleições na Roménia mantiveram no poder a Frente de Salvação Nacional ao elegerem por esmagadora maioria (85,3%) Ion Iliescu para a Presidência da República. O candidato do Partido Nacional Liberal, Radu Campeanu, ficou-se nos 10,5% e o Partido Nacional Camponês recolheu somente 4,1% dos votos.

A vitória da Frente estendeu-se ao Senado, onde passará a ter mais de oitenta lugares dos 119 que o compõem, e à Assembleia, para que elegeu mais de 260 deputados para um total de 387. Porém, as eleições não foram pacíficas quer interna quer externamente. Na ordem interna os candidatos não pertencentes à Frente queixavam-se de falta de liberdade e de fundos para a campanha e acusavam Iliescu de querer perpetuar um regime semelhante ao deixado por Ceausescu. Muitos foram os observadores estrangeiros que acompanharam as eleições e as opiniões recolhidas são diversas, destacando-se as de alguns ocidentais que consideram “excessiva” a votação obtida por Iliescu, “a análise da lei eleitoral, da campanha e do escrutínio permite concluir que os resultados não exprimem a livre vontade do povo romeno”.

BREVES

Apesar da abertura política e da legalização de 5 partidos da oposição a crise social continua a agravar-se na Costa do Marfim. O seu Presidente, desde a independência em 1960, Boigny está prestes a perder o controlo da situação.

Os militares e civis implicados na tentativa de golpe de 22 de Abril na Nigéria — 200 militares e mais de 130 civis — estão a ser julgados por um tribunal militar de Lagos e podem ser condenados à morte por “traição”.

A Comissão das CE anunciou que vai financiar, no próximo ano académico (1990/91), **PROGRAMAS INTERUNIVERSITÁRIOS DE COOPERAÇÃO (PIC)**, entre os quais 46 portugueses. Estes projectos inserem-se nos programas comunitários "Erasmus" e "Língua" que se destinam, respectivamente, a promover a mobilidade de estudantes universitários na CEE e a aprendizagem das nove línguas da Comunidade. O ano académico referido será o quarto do programa "Erasmus" e o primeiro do "Língua".

A proposta de directiva da Comissão Europeia, integrada no programa de luta contra o cancro, que pretendia a interdição total da **PUBLICIDADE DOS PRODUTOS DO TABACO** no interior da Comunidade, não conseguiu obter a necessária unanimidade para que viesse a ser aprovada. Com ela pretendia-se conseguir uma harmonização, entre os Estados membros, que evitasse distorções de concorrência. A proposta preconizava a proibição da publicidade na rádio e no cinema, a obrigatoriedade da menção do teor em alcatrão e em nicotina e a interdição de ligar os produtos do tabaco aos "modos de vida positivos" (desporto, tempos livres e sucessos profissionais e sexuais).

Portugal e a Itália, onde a interdição de tal publicidade é total, foram os países que mais defenderam a proposta da Comissão, mas a presidência irlandesa teve de defender uma solução de compromisso — directiva de harmonização parcial a aplicar à publicidade autorizada — dada a oposição da Holanda RFA e Reino Unido.

Delegações oficiais de 33 países de África, Caraíbas e Pacífico (Países ACP) e mais de uma centena de empresários portugueses reuniram-se em Lisboa para debater a **COOPERAÇÃO ENTRE EMPRESAS PORTUGUESAS E AS PME DOS PAÍSES ACP**. Os apoios à política de cooperação, as experiências e as perspectivas de cooperação e o clima de investimento foram os principais temas analisados no encontro.

A Comissão das CE aprovou uma contribuição do FEDER de 18 milhões de ecus (3,2 milhões de contos) para **FINANCIAMENTO DE BONIFICAÇÕES DE EMPRÉSTIMOS E MUNICÍPIOS PORTUGUESES**. A linha de crédito será criada e gerida pela Caixa Geral de Depósitos e irá beneficiar, principalmente, projectos de infra-estruturas desenvolvidos pelas autarquias, sendo as bo-

nificações calculadas no sentido degressivo, por forma a concentrar o suporte financeiro do FEDER nas primeiras fases das acções.

Na sequência dos acontecimentos do Leste Europeu e para, nos próximos anos, contemplar mais capitais como **"CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA"**, os ministros da cultura apreciaram, na sua última reunião, uma proposta que pretendia que a distinção fosse concedida por apenas seis meses e não um ano como vem acontecendo. Seria o caso de Lisboa, já indicada para ser em 1994 a "capital europeia da cultura", que sucede a Dublin, Madrid e Antuérpia e será seguida pelo Luxemburgo e Copenhaga. A proposta de redução não teve bom acolhimento, acabando os ministros por concordar apenas com a criação do **"MÊS ESPECIAL DA CULTURA"**, nas cidades dos países não comunitários, o qual deverá vir a ser organizado muito brevemente.

O **PROGRAMA DE APOIO À AGRICULTURA (PROAGRI)**, recentemente aprovado em Bruxelas, foi agora apresentado em Lisboa. Envolvendo um orçamento global de 34,3 milhões de contos o programa contempla um conjunto de seis acções globais: capacidade técnica e de gestão; prestação de serviços aos agricultores; instalações, equipamentos e meios de transportes; formação profissional; arranque e gestão do programa e acções supletivas. O programa tem uma duração temporal de dez anos — até 1999 — cabendo os primeiros cinco anos 52,7 por cento do financiamento total, sendo a "prestação de serviços aos agricultores" a acção que, no conjunto das seis, absorve maiores verbas, cerca de 51 por cento do orçamento global.

Um grupo de cidadãos europeus lançou em Bruxelas um **"LOBBY" DE PRESSÃO JUNTO** das instituições da CEE, tendo por objectivo expresso servir de contrapeso aos interesses empresariais. Designado de "Euro-cidadão, Acção e Serviços" (ECAS), a nova estrutura não tem fins lucrativos e é independente dos partidos políticos. A organização pretende contribuir para a construção da "Europa dos Cidadãos", informando e prestando assistência às organizações da sociedade civil "cuja voz não é ainda suficientemente ouvida junto dos decisores das comunidades europeias", na opinião dos seus fundadores.

Elementos do **TRIBUNAL DE PRIMEIRA INSTÂNCIA** das CE efectuaram uma visita de seis dias a Portugal, com o objectivo de dar a conhecer aos juízes portugueses o funcionamento da política jurisdicional daquele órgão. Criado em 14 de Setembro do ano passado, o Tribunal tem como funções principais a resolução de litígios entre as mais variadas instituições comunitárias e respectivos funcionários e a decisão final sobre a aplicação das regras da concorrência. A comitiva era liderada pelo actual presidente, o português Cruz Vilaça.

No passado dia 9 de Maio todas as capitais europeias hastearam a bandeira azul da CEE, comemorando, conjuntamente com outras cerimónias, o **"DIA DA EUROPA"**. A data evocou o 40.º aniversário da declaração de Robert Schuman, o ministro dos negócios estrangeiros francês a quem coube fazer a proposta da subordinação do conjunto da produção franco-alemã de carvão e de aço a uma alta autoridade, numa organização aberta à participação de outros países da Europa. A ideia recebeu o acolhimento favorável de seis países europeus (França, RFA, Bélgica, Holanda, Luxemburgo e Itália) e no ano seguinte foi assinado o tratado que instituiu a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA).

O Comité para o Desenvolvimento e Reconversão das Regiões da CEE aprovou o **PROGRAMA DAS ULTRAPERIFERIAS**, que inclui a Madeira e os Açores, a ser apoiado directamente por verbas a atribuir pelo FEDER, que ascenderão a cerca de 36 milhões de contos, na primeira fase de execução, que se estende até 1993. O programa, que será consagrado com a sigla "REGIS" abrange as regiões autónomas portuguesas da Madeira e dos Açores, o arquipélago espanhol das Canárias e os territórios ultramarinos franceses da Martinica, Reunião, Guadalupe e Guiana. Para que a Comissão inicie a execução do programa falta ainda que o Parlamento Europeu se pronuncie favoravelmente.

Os Ministros da Indústria dos Doze aprovaram uma **DIRECTIVA** que estabelece que os Estados-membros não se poderão opor ao **TRÂNSITO DE ELECTRICIDADE** no seu território. A adopção desta directiva — que está englobada num conjunto de quatro que constituirão os primeiros passos para a construção de mercado interno de energia — permitirá a Portugal ver garantida a passagem da electricidade comprada a França pelo território espanhol.

PORTUGUESES NA LEGIÃO ESPANHOLA (1936-1939)

(Continuação do número anterior)

A MISSÃO MILITAR PORTUGUESA DE OBSERVAÇÃO EM ESPANHA OS VIRIATOS

Tentar explicar como o Exército Português aceitou apoiar e lutar a favor do partido franquista na Guerra de Espanha seria um longo caminho a percorrer e afastar-nos-ia do tema. Uma vez estudada a presença anónima dos portugueses na Legião, vamos agora referir-nos aos militares profissionais do Exército Português que, conservando nomes e apelidos, enviados oficialmente pelo seu país e mantendo as suas graduações e gozando de uma situação especial, lutaram na Legião.

E em finais de Outubro de 1936, acabadas de suspender as relações entre Lisboa e o Governo de Madrid, chega oficialmente à Espanha de Franco a primeira Missão Militar Portuguesa. É constituída pelo Major Pinheiro Correia e pelo Capitão Celestino Pais. Quando regressam, em 14 de Novembro, elaboram a seguinte informação acerca da missão que lhes fora confiada: "Algo deve aproveitar-se da viagem de dois oficiais de aviação por terras de Espanha, onde neste momento se jogam os destinos de uma civilização que o sangue dos nossos antepassados ajudou a cimentar, recorrendo para tanto aos mais aperfeiçoados meios de guerra, entre os quais a aviação ocupa um lugar primordial. Assim, desde já, permita-se-nos sugerir a V. Ex.^a que seria do maior interesse para o nosso Exército que uma missão composta por oficiais do Estado-Maior, Aviação, Infantaria e Artilharia sejam enviados para Espanha com carácter permanente; as operações em curso neste momento fazem que a Espanha se transforme num grande campo de experiências de engenhos de guerra pertencentes às duas mais poderosas e progressivas nações da Europa, a Alemanha e a Itália, e os estudos que ali se realizam são orientados pelos melhores especialistas das referidas nações".

Haverá que esperar alguns meses até que as ideias expostas pelos elementos

desta primeira missão de oficiais portugueses sejam postas em prática. O General Raul Esteves e o Capitão Jorge Botelho Moniz iniciam os primeiros contactos com os altos chefes militares do Exército de Franco, discutem e planeiam a forma de concretizar a presença de oficiais portugueses como observadores e combatentes na Guerra de Espanha, seguindo as instruções de Salazar (que, para além de ser Presidente do Conselho e Ministro das Finanças era Ministro da Guerra) e do seu Subsecretário da Guerra, Santos Costa.

Em Março de 1937, é organizada de forma que poderíamos chamar oficiosa, a Missão Militar Portuguesa de Observação em Espanha. Salazar sabe e calcula que nessa altura são milhares os portugueses que lutam nas fileiras nacionais e que lá se encontram praticamente todos os que quiseram ir. Uma série de documentos confidenciais de Março de 1937 cria e nomeia os primeiros elementos da Missão Militar, especificando-se os seus fins e funções.

"Reconhecendo vantagens para a instrução profissional do Exército que se proporcione a alguns oficiais das diversas Armas a oportunidade de colher conhecimentos com os meios de combate que estão a ser empregues na luta travada no país vizinho, determino que uma Missão Militar de Observações, composta inicialmente pelo General Raul Esteves, pelo Coronel de Artilharia Anacleto Domingos dos Santos, pelo Coronel do Estado-Maior Álvaro Ferreira dos Passos e pelo Capitão de Engenharia Manuel Teles da Costa Monteiro, siga para o país vizinho com o fim indicado". Mais alguns despachos de datas sucessivas nomeiam até um total de 59 oficiais e sargentos do Exército Português para ir a Espanha.

A realidade foi remodelando esta primeira experiência, concretizando os seus objectivos e estruturando-a dentro da legalidade oficial, desaparecendo o carácter misterioso desta primeira fase com a publicação do documento "Fins" e, sobretudo, com o "Estatuto Orgânico", em Março e Julho de 1938.

Pelo Prof. MANUEL BURGOS MADROÑERO
(In Ejército, n.º 592 Maio 89)
Trad. TCor José M. Diniz

A Missão Militar terá uma Chefia máxima atribuída inicialmente ao General Raul Esteves, mais tarde substituído pelo Coronel Anacleto Domingos dos Santos, um Chefe de Estado-Maior, o Coronel Álvaro Teles, também substituído posteriormente pelo Tenente-Coronel Filipe de Barros Rodrigues, e, a partir de 1938, contará com um representante junto da Delegação da Legião em Talavera de la Reina.

É composta por duas secções, uma designada de Observações e a outra de As-



sistência; naquela os seus membros são nomeados por imposição de serviço, nesta os respectivos membros serão aqueles que, fazendo parte da secção de Observação, se ofereçam como voluntários. Os Chefes da Secção de Observação foram vários, enquanto a de Assistência teve, desde a sua criação, o famosíssimo e já conchecidíssimo Capitão Jorge Botelho Moniz.

Os membros da Secção de Observação tinham uma missão puramente técnica e de estudo, com a obrigação de redigir memorandos e informações, realizar visitas à frente de combate e a instalações militares, de relações públicas, e, passado algum tempo, regressavam a Portugal para que outros oficiais aproveitassem e desfrutassem destes ensinamentos e experiências. Os membros da Secção de

Assistência juntavam às obrigações anteriores o compromisso de lutar de armas na mão ao serviço de Portugal e de Franco, distribuídos pelas Unidades onde o contingente de portugueses era mais numeroso, servindo-lhes de ajuda e estímulo. Também foram enviados para Unidades onde a sua preparação e especialização era mais necessária, sobretudo na Artilharia. Um grupo bastante numeroso esteve na aviação legionária, os "Asas Azuis", e teve, por assim dizer, duas expedições nesta Secção de Assistência: uns foram enviados a partir de Março de 1937 e os outros, em sobreposição com os anteriores, foram enviados a partir de Março de 1938.

De um total de 160 membros que terá tido a Missão Militar Portuguesa, metade, (não há coincidência nas listas) pertenceu à Secção de Assistência, isto é,



não passaram de 80. Todas as Armas e Unidades estavam representadas, com excepção da Marinha, e todos usufruíram de uma gratificação especial do seu País, com proibição terminante de receberem qualquer tipo de soldo ou pagamento por parte do governo de Franco.

A consideração que mereciam estes graduados portugueses foi sempre muito acima da média, sendo condecorados com a medalha militar individual cinco elementos da Secção de Assistência. Todos foram feridos uma ou várias vezes e morreram nove dos seus componentes: dois capitães, três tenentes, um alferes, um sargento e dois cabos. Estes últimos foram considerados em Espanha como alferes.

Como disse acima, estes homens, que

não passaram de oitenta ao longo dos dois anos e pouco que esteve em Espanha a Missão Militar Portuguesa, e que tomaram parte activa em operações militares, são os verdadeiros e únicos Viriatos. A eles se prestaram honras em 4 de Junho de 1939, na Plaza Mayor de Salamanca, que se vestiu de gala para a sua despedida. Ali estiveram presentes o Ministro da Defesa, General Dávila, os Generais Kindelán e Millán Astray, o embaixador de Espanha em Lisboa, Nicolás Franco, e o de Portugal na Espanha de Franco, Pedro Teotónio Pereira, para além das autoridades militares, civis e religiosas de Salamanca. A Legião prestou-lhes honras militares e após uma missa campal procedeu-se à imposição de cruzeiros e medalhas e trocaram-se discursos. Nesta cerimónia foram impostas oito medalhas militares de que só foi possível documentar quatro.

Recebidos com toda a honra em Lisboa, no dia 9 de Junho, onde desfilaram num carro especial, foram, um ano depois, (28 de Maio de 40), por ocasião do aniversário da Revolução Portuguesa de 28 de Maio de 1926, tanto os membros da Secção de Observações como os da Secção de Assistência, condecorados pelo governo português no Museu de Artilharia de Lisboa.

De facto, os Viriatos não existiram; tudo não passou de uma pura sugestão de polifacetado e extrovertido Capitão Jorge Botelho Moniz numa informação que fez no dia 4 de Abril de 1938: "Como manifestação da amizade luso-espanhola e do espírito de cooperação que une os dois países para a defesa comum, aqueles (refere-se aos membros da Missão Militar) serão destinados a reagrupar a parte dos soldados portugueses actualmente em serviço no Exército Espanhol e todos aqueles que voluntariamente se alistem de futuro no referido Exército enquanto durar a guerra. (...) Para esse efeito será constituída uma pequena Brigada luso-espanhola, a dois batalhões, que se denominaria Brigada de Viriatos ou outro nome a escolher, actuando de forma conjunta. O comando de cada batalhão e o da Brigada será atribuído a oficiais espanhóis ou portugueses, à escolha de S. Ex.^a o Generalíssimo, por forma a que, se o comandante for espanhol, terá um adjunto português ou viceversa. (...) O Chefe da Secção de Combate da Missão solicita que sejam dados destinos aos nove aviadores sob o seu comando e aos que eventualmente cheguem de Por-

tugal, aos quais devem juntar-se os três pilotos militares que já estão a servir no Exército Espanhol (...) e que sejam agrupados em uma ou duas esquadrilhas, as quais, se possível, deverão ser denominadas Esquadrilhas de Viriatos".

Botelho Moniz está seguro de ter acertado com o nome de Viriatos, quer tenha sido ou não aceite oficialmente. A partir de então (1938), todo o português que lutava pelos franquistas era um viriato. O nome ficou por aí, não passando de uma sugestão e de invenção de Botelho de Moniz, visto que o aceitar a criação de uma unidade de combate portuguesa, independente e autónoma, constituída apenas por portugueses, foi um ponto em que Salazar e Franco não chegaram a acordo.

Antes de 1938, nunca aparece empregue o nome de Viriato, já a Guerra de Espanha ia para dois anos e milhares de portugueses estão alistados desde a primeira hora. A partir de 5 de Maio de 1938, é usado pela primeira vez por Jorge Botelho Moniz nas crónicas que publica no "Diário de Lisboa" sobre a Guerra de Espanha, assinadas primeiramente com o seu nome e depois com o pseudónimo de XYZ. O nome generaliza-se e, usado pelos próprios membros da Missão Militar em momentos de euforia bélica, é aceite por muitos dos portugueses legionários. Desde então e até no partido republicano, se vão chamar os portugueses que lutavam pelos franquistas para distingui-los dos que estavam no partido republicano. A rádio e a imprensa divulgam o nome e chegar-se-á a tal extremo que os burocratas de Franco, no telegrama enviado a Salazar, assinado por Franco, assim chamarão aos Portugueses que se despedem na Plaza Mayor de Salamanca. Do que não resta dúvida é que Salazar nunca empregou este nome.

Efectivamente, nunca se saberá o número de portugueses que lutaram na legião entre 1936 e 1939. O presente artigo pretende ser uma aproximação, porque estou convencido de que o êxito desta tarefa, terá sido pôr em cheque uma das essências da Legião, o anónimo, derubado um dos seus pilares, como diz o seu hino: "Ninguém no Tércio sabia quem era aquele legionário... ninguém sabia a sua história... mas se alguém lhe perguntava quem era... sou um homem a que a sorte feriu com a garra da fera...".

Pelo Cor MÁRIO DE MENDÓÇA FRAZÃO

Memórias de um V.A. (Viajante Aéreo)

V

Quando ao V.A. foi confiado um honroso comando numa Unidade SHAPE, ofereceu-lhe esta um estágio no Exército Americano, numa Unidade aquartelada na Alemanha.

Como o intercâmbio fosse então incipiente (ou por qualquer outro motivo) foi o V.A. destinado a um Regimento da gloriosa "101 st Division AirBorne", a qual,



após a epopeia do desembarque na Normandia, passou a ser designada pela Divisão dos "Diabos Azuis".

Ficou o V.A. adstrito ao Coronel Comandante, simpático herói da guerra.

Ao cabo de uns dias de interessantes visitas disse-lhe o coronel durante o jantar: o coronel traz na sua guia de marcha alguma limitação, de voar, de utilizar o pára-quadras, de se deslocar em carro de combate?

Nada disso constava na g. marcha; e ainda que constasse a resposta do "portuguesinho", observado por uma dúzia de olhos "yankees", só podia ser aquela que deu.

Depois se veria "o que lhe iria acontecer"! À despedida do jantar o coronel ajustou a saída do dia seguinte para o termo da 1.ª refeição. A saída seria para o Campo de Aviação.

Quando, no dia seguinte, o V.A. ia começar a tomar o seu café sentou-se-lhe ao lado o coronel, o qual imediatamente mandou retroceder o seu café e pãezinhos e mandou que o servissem de "whisky". O V.A., para comprazer, imitou o seu anfitrião.

Ao iniciarem a toma do 2.º "whisky" o V.A. sentiu-se a assumir o papel de um peru em vésperas de Natal.

Chegados de automóvel ao aeroporto mostrava-se o coronel muito entusiasmado porque "se até ali o Regimento apenas dispunha de helicópteros de 4 e de 5 lugares, passava naquele dia a dispor de helicópteros de 13 lugares. Estava prestes a chegar o primeiro, que vamos experimentar".

Só então o V.A. se capacitou de que não seria naquele dia que iria lançar-se de pára-quadras.

Enquanto o coronel, eufórico, se afastara para trocar impressões com diversas entidades o oficial às ordens do V.A. veio entregar-lhe o habitual exemplar do "STARS AND STRIPS", órgão das tropas da "101.ª".

Impossível se tornou ao V.A. ignorar a notícia que constituía a 1.ª página: o relato, com abundante documentação fotográfica, da queda no dia anterior de um dos novos helicópteros, com 13 mortos.

O coronel embarcou segundos antes da descolagem sem ter tomado conhecimento de tal notícia (que, está certo o V.A., nada alteraria o seu entusiástico desejo de experimentar aquele novo meio de comando).

A viagem foi elucidativa da excelência do novo helicóptero.

VI

Algumas das missões que o V.A. desempenhou em Angola (1962-1964) obrigavam-no a deslocar-se quase instantaneamente aos diversos Comandos e Zonas de Operações.

Impunha-se, assim, a utilização de meios aéreos. Frequentemente utilizava os aviões militares. Mas acontecia também com muita frequência, especialmente se os voos eram pedidos para os fins de semana, o Comando Aéreo informar que não haveria "tecto".

Como a urgência se não compadecia com aquela deficiência de "tectos" recorria o V.A. à FAV (Força Aérea de Voluntários) cujos abençoados pilotos — na sua quase totalidade comerciantes e empregados de Comércio — trabalhavam durante a semana no seu mister e se dispunham a cooperar com as Forças Armadas du-



rante os fins de semana; chamei-lhes "abençoados" porque tinham sempre "tecto".

Muitos desses voos decorreram sem história mas alguns deles foram dignos de memorizar. Este, para exemplo: numa certa manhã de domingo compareceu o V.A. no aeroporto pelas 7 horas e logo a seguir surgiu um piloto; não se pôde iniciar o voo porque não tinha comparecido o segundo piloto e "os voos, por uma óbvia questão de segurança, só se podiam efectuar em parrelha".

Partiram depois das 8 h e 30 minutos os dois aviões, em "parrelha".

O experimentado viajante aéreo perguntou ao seu piloto se a bússola estava regulada; obteve o V.A. a resposta, — este avião não tem bússola, mas aquele ali da frente tem bússola.

Cerca de meia hora depois o avião da frente fez uns sinais de asa e retrocedeu; perguntou o V.A. ao seu piloto o que se estava a passando; foi informado de que aquele seu colega o informara com aquele sinal de que o avião não estava carburando bem e que, assim, tinha de voltar ao campo.

Nova pergunta do V.A.: — e nós?

— Ah! Nós estamos bem!

— Sim; mas a bússola?

— Ah! É verdade! Não temos bússola!

E lá seguiu o V.A. até Nambuanguongo sem novidade.

Durante a viagem, por umas quatro vezes pelo menos, o piloto chamou a atenção do V.A. com o dedo indicador a apontar uma hélice de avião abandonada no capim.

Durante o almoço, que tomaram juntos, o piloto informou que aquelas eram uma espécie de marcos das perdas de aviões; que os aviões estavam muito cansados e que às vezes caíam.

O V.A. ficou por momentos interrogando-se sobre se aqueles aviões teriam batido no "tecto"...

LAGOS - CIDADE ESPECTÁCULO

Pelo Cor JOSÉ REIS SANTOS

Três ordens de considerações levam a incluir no Jornal do Exército este apontamento sobre a cidade de Lagos. Uma delas é o facto de Portugal estar a comemorar os quinhentos anos dos seus descobrimentos marítimos e Lagos ter sido incontestavelmente o berço dessa epopeia que ali fora gerada e dali guiada pelo génio e firmeza de um príncipe iluminado. A segunda é o brilhante passado histórico-militar de que ainda hoje dão testemunho as suas muralhas, os seus quartéis, os costumes e as vozes de muitos que disso guardam memória, vida ou simplesmente ouvida. Finalmente é a circunstância de por Lagos passarem todos os anos umas largas centenas de militares que ali encontram o lugar e as condições próprias para as suas férias balneares e que, até por uma questão de gratidão para com a cidade que tal lhes propociona, têm por obrigação escutá-la no que ela tem para lhes dizer da sua história, da sua vida, dos seus feitos, vitórias e reverses, alegrias e tristezas.

Vamos pois guiar esses militares ao encontro do tempo e dos lugares que viram nascer e crescer essa cidade, lendo nas pedras dos seus monumentos o que elas têm para nos dizer e no marulhar das suas águas histórias sem fim e lendas de encantar.

A HISTÓRIA

Não restam dúvidas de que Lagos é uma povoação antiquíssima remontando as suas origens, segundo muitos historiadores, ao século XIX a.C. quando teria sido fundada por um tal rei Brigo, o 4.º das Hespánhas, no sítio do Paul da Abo-doeira. Esta afirmação é no entanto contestada por outros que, considerando lendária a existência desse tal rei Brigo, vão situá-la na colina do Molião que a actual estrada nacional 125 contorna pelo poente. Querem os primeiros que o primitivo nome de Lacóbriga dado à povoação tivesse origem no nome daquele rei e os segundos que a terminação "briga" indique uma origem celta em cuja língua o termo significa "altura fortificada".

Destruída por sucessivos ataques ou por um terramoto, fora a povoação transferida, durante o período cartaginês (ano 300 a.C?) para o local onde hoje se encontra e logo iniciou um período de franco desenvolvimento graças à riqueza que lhe vinha de um mar generoso e das terras férteis que dominava, mas sobretudo à determinação dos habitantes que sempre souberam responder aos infortúnios dos saques e destruições que através dos séculos ela sofreu e por tal forma que aquando do arrolamento de 1422 já contava com 5.325 fogos dos 11.325 existentes em todo o Algarve. A pirataria desenfreada que lhe cobiçava as riquezas,



"Pelo génio e firmeza de um príncipe iluminado".

aliada aos constantes tremores de terra que sempre a abalaram foram-lhe porém reduzindo a importância e acabaram mesmo, com o terramoto de 1755, por arrasá-la quase por completo.

Vencendo como lhe foi possível as sequelas desse cataclismo, Lagos arrastou-se por dois séculos, até que, já nos nossos dias, sacudida pelo fenómeno do turismo, desperta da sonolência a que se acomodara e salta para a ribalta do desenvolvimento, oferecendo-se a uma população cosmopolita que ali procura o sol e o mar com que a natureza a bafejou.

Pesquisas realizadas no passado recente levaram a concluir que a região fora ocupada desde a pré-história por populações

primitivas que remontam à Idade da Pedra e que essa ocupação não sofreu interrupção através dos séculos.

Dá-se ali notícia da presença dos celtas e muitos historiadores referem que por volta do ano de 935 a.C. os Fenícios ali teriam aportado. Mais tarde, 300 anos depois, a pedido dos Lusos, os Cartagineses vieram socorrê-los acabando por se fixar e dominar a região.

Submetida desde 201 a.C. ao domínio romano, vem a povoação a ser ocupada no último quartel do século V pelos Visigodos que ali permaneceram até ao ano 929 quando foram dominados pelos Árabes que incorporaram a região no Califado de Córdova. Por 5 séculos Lagos foi terra mourisca e por mais 50 anos ainda voltará a sê-lo antes que seja definitivamente incorporado na monarquia portuguesa pela espada de D. Paio Peres Correia quando já reinava Afonso III.

Após a primeira conquista — 1189 — D. Sancho I doou a povoação ao bispo de Silves, que por sua vez a doou ao mosteiro de S. Vicente de Fora, mas volta à posse daquele bispo pela mão de Afonso X de Castela. Depois de ter sido doada por D. Fernando a Gregório Premado e a Gonçalves Fernandes, Lagos passa sucessivamente à posse dos Infantes D. Henrique e D. Fernando, irmão de Afonso V, ao Duque de Viseu, D. Diogo, e deste à sua irmã como dote de casamento com o futuro D. João II, ficando des-

de então como pertença da Coroa.

De simples povoação que era à data da conquista, Lagos passa a vila com jurisdição própria em 1372 por carta régia de D. Pedro I e a cidade em 1573 quando D. Sebastião, juntamente com o título, a faz capital do Algarve. Porém, já antes dessas distinções, Lagos tinha sido agraciada por D. João III que lhe concedeu o título de "Notável" e lhe deu assento no terceiro banco das Cortes.

Sede de bispado durante a ocupação visigótica, Lagos faz-se representar no Concílio Toletano mandado celebrar em 622 pelo Rei dos Godos no pontificado de Honório I e volta a ter o seu bispado quando em 1573 D. Sebastião para ali transfere o bispado de Silves.

LAGOS MILITAR

A história militar de Lagos perde-se na noite dos tempos mas, reportando-nos à documentação existente, não será errado considerar-se que ela começa com o cerco que lhe foi posto no ano 76 a.C. pelo cônsul romano Metelo e ao qual os habitantes resistiram socorridos por Sertório. Depois da morte deste e até ter caído no domínio dos Árabes, Lagos, que era "grande, forte e florescente", e que, como tal, era cobiçada, não cessou de ser atacada e destruída, recompondo-se sim mas para voltar a ser assediada, tomada, conquistada e reconquistada numa luta que se prolongará por sete séculos até ao ano de 929 quando foi tomada por Abderramen, califa de Córdoba, que lhe mudou o nome para Zawala.

No ano de 1189 D. Sancho I, auxiliado por uma armada de cruzados, realiza a primeira conquista de Lagos, o que terá de ser considerado como a porta da sua entrada na história militar da Nação.

Mas é só depois da segunda conquista que Lagos se organiza militarmente arrolando desde logo contingentes destinados ao serviço militar, obrigatório desde o princípio da nacionalidade. Os fidalgos com as suas mesnadas e os contingentes arrolados cedo foram experimentados nas empresas reais tendo-se batido nas guerras que D. Fernando e D. João I mantiveram com Castela e acompanhado os reis D. João, D. Afonso V e D. Sebastião nas suas expedições a África: Ceuta em 1415, Alcácer-Ceguer em 1458, Tânger em 1463, Arzila em 1472 e Alcácer-Quibir em 1578.

Os feitos destas representações, neces-



Abundante riqueza que lhe vinha de um mar generoso...

sariamente pequenas no conjunto das hostes reais, não encontraram, decerto por isso, da parte dos cronistas, referências especiais mas que o foram de grande merecimento di-lo a presença em Lagos dos reis e príncipes aquando da abalada e do regresso, vitoriosos ou não, das expedições em que se empenharam.

Pela organização da Força Pública levada a cabo no reinado de D. Sebastião constituíram-se Ordenanças sob a chefia de Capitães-Mores e daqueles se passou aos Terços comandados por Mestres de Campo no tempo de D. João IV. Lagos teve necessariamente as suas Ordenanças e os seus Terços desempenhando umas e outros acção particularmente notória nas Campanhas da Restauração (1640-68), na Guerra da Sucessão em 1706, na de 1762 com a Espanha, na do Roussilhão em 1795 e na de 1801 novamente com a Espanha em que o Terço de Lagos teve acção distinta derrotando por completo, com o auxílio do de Tavira, um exército espanhol que pretendia atravessar o Guadiana.

Pela reforma de D. João V o Terço de Lagos passa a Regimento de Lagos e este por sua vez a Regimento de Infantaria n.º 2 por decreto de 19 de Maio de 1806.

Junot organizou uma Divisão com os Corpos existentes à data, Divisão que em 1808 foi incorporada nas tropas francesas e que aparece em Wagram e outras batalhas com comportamento de tal maneira distinto que o próprio Napoleão lhe concedeu honras especiais. Dela fazia parte o Regimento de Infantaria 2, de Lagos, que, dizimado na campanha da Rússia, poucos sobreviventes deixou.

Com a retirada de Junot foi o Exército reorganizado e ressurgiu em Lagos o Regimento de Infantaria n.º 2 que vai tomar parte brilhante nas campanhas da Guerra Peninsular destacando-se, de entre outras, a sua presença nas batalhas do Buçaco e de Albuera; primeiro, segundo e terceiro cercos de Badajoz; na batalha de Victória; no bloqueio de Pamplona;

batalha dos Pirineus; combate de Banca; batalhas de Neville, Nine e Orthez, combates de Aire, Veille e Tarbes e finalmente na batalha de Toulouse, só então, e já em 1814, regressando à sua Terra, depois de ter deixado com os seus mortos e por toda a Península a fama do seu valor e firmeza atestados pelo próprio inimigo.

Em 1817 o Regimento de Infantaria 2 vai marcar a sua presença no Brasil destacando um Batalhão para guarnecer Pernambuco e, de norte a sul do País, aparece em toda a parte onde liberais e

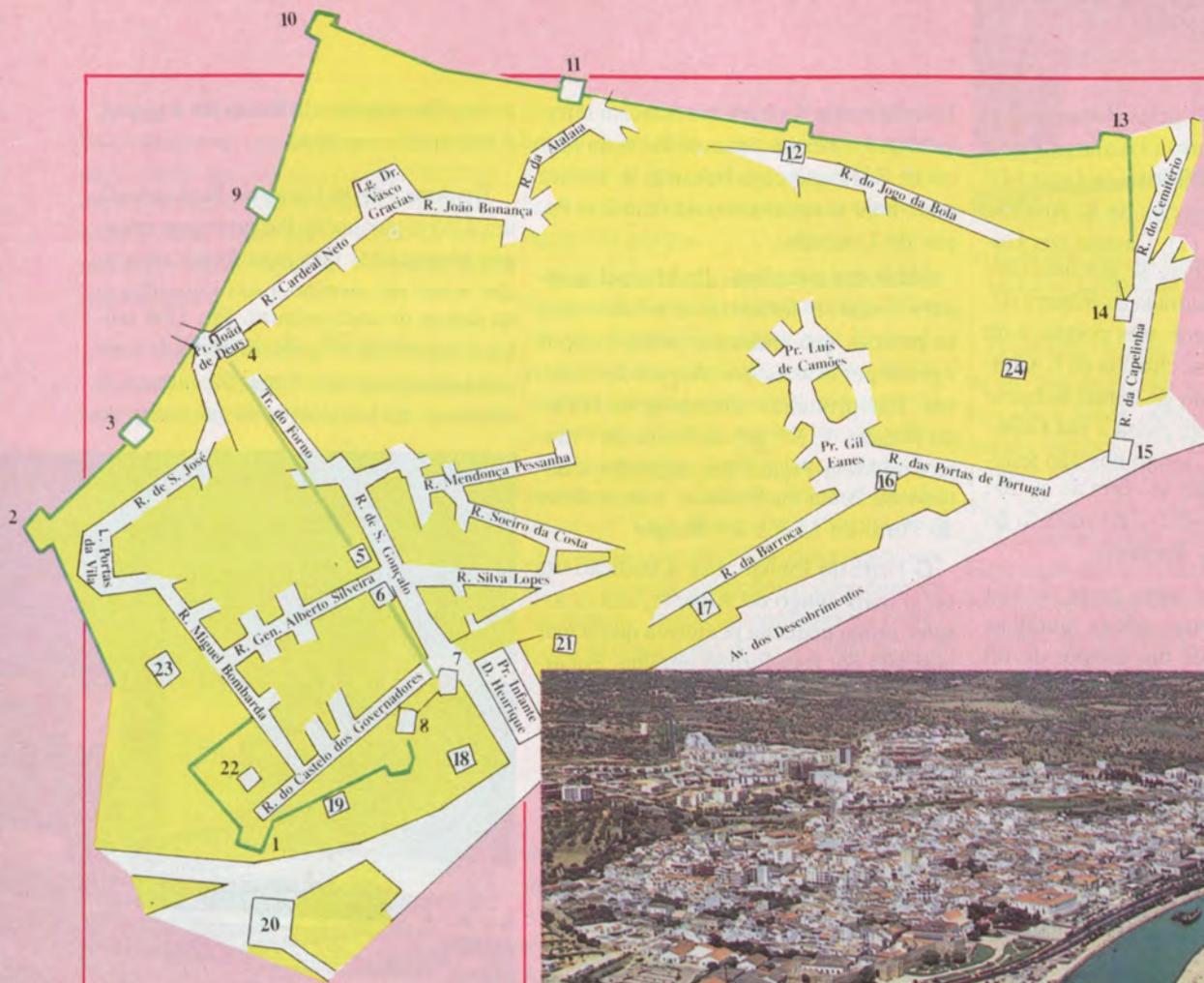


... e das terras férteis que dominava.

miguelistas se batem. Em 1829 volta a denominar-se Regimento de Infantaria de Lagos para pouco mais de 4 anos volvidos passar novamente a Regimento de Infantaria 2, vindo depois a ser extinto pela Convenção de Évora-Monte em 26 de Maio de 1834.

Em 1837 é criado em Lagos o Regimento de Infantaria n.º 25 que em 1842 passa a ser o n.º 15 e que em 1902 é dissolvido. No mesmo ano (1 de Setembro) é ali criada a Bateria n.º 4 de Artilharia de Guarnição.

Em 1911 organiza-se em Lagos o Regimento de Infantaria 33 que tem um Batalhão destacado em Faro e que,



1. Local onde possivelmente estaria a Torre Quadrada da Ribeira.
2. Baluarte da Porta da Vila.
3. Baluarte do Coronheiro.
4. Praça João de Deus.
5. Cadeia Velha (PSP).
6. Igreja de S. António.
7. Igreja de Sta. Maria.
8. Castelo dos Governadores.
9. Baluarte da Gafaria.
10. Baluarte das Freiras.
11. Baluarte das Portas dos Quartos.
12. Baluarte do Paiol da Pólvora.
13. Baluarte do Jogo da Bola.
14. Largo Comendador Joaquim Machado onde esteve o baluarte da Porta do Postigo.
15. Porta de Portugal, onde esteve o baluarte do mesmo nome.
16. Paços do Concelho onde esteve o baluarte da Porta do Mar ou de S. Roque.
17. Socorros a náufragos onde esteve o baluarte da Barroca.
18. Local onde se situava a Porta do Cais.
19. Porta de S. Gonçalo.
20. Fortaleza da N.ª S.ª da Penha de França.
21. Messe Militar, antigo hospital militar.
22. Quartel.
23. Parque de campismo militar.
24. Igreja de S. Sebastião.

continuando a dança dos números, passa depois a ter o nº 15 e, em 1939, a ser o Regimento de Infantaria 4 que, em 1948, se transforma em Batalhão de Caçadores com aquele mesmo número, ficando, porém, ali provisoriamente porquanto lhe fora fixada a sua sede definitiva em Tavira, para onde, aliás, nunca chegou a ir, até que, em 1963, fora extinto.

Aproveitando os aquartelamentos agora devolutos foi ali instalado o Centro de Instrução de Condução Auto nº 5, criado por portaria de 26 de Março de 1965 e que durou até 1975.

Lagos foi sede de Governo de Armas do Reino do Algarve e residência dos Capitães-Generais desde 1574 até 1755 quando as instalações militares ficaram completamente destruídas, inclusive o próprio palácio residencial.

Foram cinquenta os Governadores Capitães-Generais que passaram por Lagos, sendo o primeiro D. Diogo de Sousa e o último D. Rodrigo de Noronha Menezes. No número deles incluem-se nomes célebres, ligados sobretudo às des-

cobertas marítimas e às epopeias do Oriente e do Norte de África.

ESTRUTURAS MILITARES

As construções militares mais importantes são sem dúvida, as muralhas da cidade.

Sabe-se que quando o cônsul romano Quinto Metelo Pio tentou a conquista de Lagos pôs-lhe cerco, o que significa que já nessa altura (ano 76 a.C.) a povoação era murada. É éssente que Abderramen depois de a ter tomado a cercou com duas ordens de muros e torres. Essa Cerca estaria destruída ou muito danificada depois da reconquista do Algarve, o que levou o nosso rei Afonso IV a mandar reedificá-la acedendo ao pedido dos moradores constantemente atacados nos seus bens e pessoas pelos mouros que infestavam a costa.

A Cerca Medieval ter-se-ia desenvolvido (ver planta) desde a Torre Quadrada da Ribeira (1), possivelmente localizada onde depois esteve o baluarte

do Trem do Quartel; pelas Portas da Vila (2) e do Coronheiro (3); antiga Praça de Armas, hoje Praça João de Deus (4); Cadeia Velha (5); igrejas de S. António (6) e de Sta. Maria (7); Castelo dos Governadores (8) e fechava-se por uma cortina com a Torre Quadrada da Ribeira (1). Tinha, segundo se crê, três portas: a da Ribeira, que depois se chamou de S. Gonçalo; a da Vila, junto do actual baluarte e outra por onde hoje passa a rua General Alberto Silveira, como nos dão testemunho os umbrais que se vêem no quartel da polícia (cadeia velha) e no edifício do museu que lhe fica fronteiro.

Desenvolvendo-se para norte, a vila extravasou-se das suas velhas muralhas medievais, já estando nos tempos do rei D. Manuel I centrada na praça que na altura era de touros e agora é do Infante Dom Henrique, pelo que forçoso era dotá-la com uma nova cintura de muralhas que a envolvesse por completo. E assim surge a Cerca Nova mandada construir por D. Manuel e que tem 4 baluartes na frente marítima e 8 do lado de terra (ver planta).

Restaurada recentemente, a muralha apresenta-se na frente terrestre em quase toda a sua extensão, faltando-lhe apenas parte dos troços que uniriam o baluarte do Trem do Quartel ao da Porta da Vila, o do baluarte do Jogo da Bola ao da Porta do Postigo e deste ao da Porta de Portugal e ainda estes dois últimos baluartes. Da frente marítima resta o troço que vai do Castelo dos Governadores até ao Trem do Quartel podendo porém ainda ver-se o que resta dos muros da Barroca, com o armazém dos Socorros a Náufragos a ocupar o lugar do antigo baluarte e do Orelhão do Hospital (hoje terreiro do edi-

fício da messe militar) que marcam o traçado que a mesma tinha até Porta do Mar ou de S. Roque cujo baluarte se situava onde hoje se encontra o edifício dos Paços do Concelho.

Além das muralhas, D. Manuel mandara construir fortalezas e redutos para as pessoas que andassem pelos campos e pesca por ocasião dos ataques dos mouros. Das primeiras referem-se os Fortes do Pinhão, de N.ª Sr.ª da Penha de França e da Meia-Praia e dos segundos a Bateria da Ponta da Piedade, e os redutos do Porto de Mós e do Burgau.

O Forte do Pinhão, que a tradição diz ser o mais antigo do Algarve, estava assente numa pequena península que o mar acabaria por transformar em ilha. Foi arrasado pelo terramoto de 1755.

Por ocasião da guerra contra a Espanha (1762/63) foi decidido colocar uma bateria no sítio do Pinhão frente ao local onde estivera o forte, porém já em terra firme e no alto da falésia. A fortificação limitava-se a um parapeito atrás do qual estavam colocadas as peças — 6 bocas de fogo. Mais tarde, durante a campanha do Roussilhão, a fortificação foi remodelada mantendo-se em bom estado e com 8 bocas de fogo até à Guerra Civil. Veio a ser abandonada logo que esta terminou.

Os restos da fortificação foram em 1920 vendidos a um particular que mais tarde ali construiu um palacete.

O Forte da N.ª Sr.ª da Penha de França está situado na Ponta da Bandeira pelo que também por esse nome é designado. É a mais moderna fortificação das que pertenceram à Praça de Lagos tendo sido edificado por ordem do Conde de Sar-

zedas, Governador do Reino do Algarve, e terminado em 1690.

Disponha de 16 bocas de fogo quando em 1755 o terramoto lhe provocou estragos importantes que logo foram reparados tendo em atenção a sua importância na defesa do ancoradouro. Em 1766 voltou a beneficiar de grandes obras de consolidação porquanto o mar lhe minara os alicerces abrindo cavernas na rocha de



As construções militares mais importan-

fraca contextura em que assenta. O fenómeno repetiu-se entre 1794 e 1798, época em que a sua importância fora acrescida e consequentemente o armamento passara para nada menos de 25 bocas de fogo.

Pela Convenção de Évora-Monte foi o forte desarmado ficando reduzido a 3 peças e tendo por função o Registo do Porto de Lagos.

Posta de lado a ideia da adaptação do forte a messe militar, foi o mesmo entregue à Câmara Municipal de Lagos em 13 de Fevereiro de 1979 e esta procedeu ao seu restauro. Hoje está ali instalado o Centro de Estudos Marítimos e Arqueológicos.

O Forte da Meia-Praia parece não ter tido uma importância de maior na defesa da cidade. Foi cedido à Câmara Municipal que, por escritura de 11 de Julho de 1878, o cedeu à Alfândega de Faro para nele estabelecer um posto de fiscalização, acabando depois por abandoná-lo. Sem qualquer espécie de assistência, o forte acabou, já nos nossos dias mais recentes, por desaparecer por completo.

Praia do Pinhão. À esquerda o palacete onde esteve a fortificação.



Lagos é um quartel, teria dito alguém. Evidentemente que exagerou, mas não tanto como isso porquanto encontramos dispersadas por toda a cidade antiga edificações que, como tal, serviram em permanência ou de ocasião. De entre elas destacaremos:

Quartel da Ribeira

O conjunto de edifícios e terrenos que se estendem desde o Hospital Civil até às



ntes são sem dúvida as muralhas.

Portas da Vila contornando a Avenida dos Descobrimentos e limitado pelo norte pela rua Miguel Bombarda foram aquartelamento das Unidade Militares que guarneceram Lagos.

Quem siga pela rua do Castelo dos Governadores topa ao fundo com a porta de armas do quartel encimada da parte de dentro com a inscrição:

*Hinc Vis Belli et Victoriae Virtus
Anno de 1795*

Circundando uma pequena parada existem 4 edifícios que foram construídos e reconstruídos para o Trem de Artilharia de Lagos e que nos tempos mais próximos alojou as Infantarias da Guarnição.

Nos anos 20, com mão de obra exclusiva da Unidade e pequena ajuda financeira do poder central, estendeu-se o quartel para poente, nivelando-se a encosta em que o terreno se desenvolvia e construindo-se os 3 grandes edifícios que serviram de camaratas e que actualmente são arrecadação e refeitórios do parque de campismo. Por volta de 1940 o Estado adquiriu a quinta que confinava pelo poente com aquela nova parada e o

quartel estendeu-se até às Portas da Vila adquirindo assim a sua maior dimensão. É nesses terrenos então adquiridos que hoje se situam as zonas de lazer e restaurantes do parque.

Separado destes aquartelamentos pela Porta de S. Gonçalo estava o antigo "Rancho do Quartel" e ainda hoje lá se vê, posto que em estado de completa ruína, a velha cozinha onde ainda nos anos 20, e não sei se 30, era confeccionado e distribuído o rancho geral pelas marmitas individuais que os faxinas ali levavam ao toque de "lata à cozinha"! Seguiu-se o parque hipo que até 1960 comportava uma boa centena de solípedes e uma enorme carriagem. Todo este conjunto foi entregue à Misericórdia de Lagos que para aí alargou as acanhadas instalações do seu velho hospital.

Hospital Militar

O edifício onde hoje funciona a Messe Militar fora construído em 1794 para hospital militar, quando reinava D. Maria I e era Governador e Capitão-General do Reino do Algarve o Conde de Vale de Rei, conforme se vê numa lápide colocada sobre a porta do lado poente. Está assente no terreno onde existiram os Paços do Concelho, a Torre do relógio e o Hospital de S. João de Deus que o terramoto de 1755 arrasou por completo.

A Câmara Municipal não desistia dos seus direitos aos respectivos terrenos quando já em 1796 ali se estava construindo o Hospital Militar o que levou o Conde de Vale de Rei, em nome de Sua Majestade, a propor-lhe a cedência desses direitos a troco da oferta de um relógio para a cidade. A Câmara aceitou e cumpriu mas Sua Majestade limitou-se a enviar-lhe o sino que acabou por ir parar à torre da igreja de Sta. Maria.



O Forte de N. Sra. da Penha de França é a mais moderna fortificação da Praça de Lagos.

O edifício serviu como hospital militar até que, reduzidas as guarnições e melhorada a saúde pública, passou, já nos nossos tempos (1937), a albergar uma simples enfermaria regimental dispensando a maior parte das suas salas a favor do Comando e Serviços das Unidades da Guarnição até que, extintas estas, se procedeu à sua adaptação a Messe Militar.

Antes da construção da actual Avenida dos Descobrimentos (1960), o paredão nascente do edifício, assente na própria muralha, bem como o orelhão do terraço, eram banhados pelas águas da ribeira de Bensafrim passando as embarcações que partiam ou regressavam da faina da pesca a roçá-los por se localizar aí o talvegue do vale.

Depois de obras de adaptação que se arrastaram por muito tempo foi inaugurada no velho edifício a Messe Militar de Lagos no dia 1 de Junho de 1975.

A igreja da Senhora da Graça, construída em 1415 e que está contígua ao edifício passou, aquando da extinção das Ordens Religiosas, à posse do Governador da Praça e em 1891 foi entregue ao Regimento de Infantaria 15. Acabou vendida a um particular que dela fez adega. Depois de ter passado por papelaria acabou no inevitável restaurante que hoje ali se vê.

(Continua)

O edifício onde esteve o Hospital Militar e onde hoje funciona a Messe Militar de Lagos.





Nova Colt[®] M16A2

5.56mm NATO

AUMENTO DE ALCANCE E PENETRAÇÃO

A nova Colt M16A2 de cano de 7" de estria permite a utilização de toda a gama de munições 5.56mm, incluindo a munição NATO 5.56mm SS109. Um novo desenho de alça permite de maneira fácil tirar partido do maior alcance e poder de penetração deste novo tipo de munição.

PROVADA EM COMBATE

A Colt M16 é a arma automática de calibre 5.56mm mais exhaustivamente provada em combate. Mais de 6.000.000 de armas foram produzidas para equipar as F.A. de mais de 60 países de todo o Mundo. Em cada dez armas calibre 5.56mm existentes no mundo 9 são M16.

LEVE FIÁVEL E ROBUSTA

A introdução de novos desenhos da corôna e punho e a utilização de materiais de grande resistência conferem à M16A2 maior robustez, conforto na utilização e eficiência. A existência de um selector para rajada de 3 tiros permite maior probabilidade de acerto com menor consumo de munições.

ADOPTADA PELA F.A. AMERICANAS

A nova M16A2 é a arma que equipa todas as F.A., dos E.U.A., estando já distribuída ao Corpo de Fuzileiros. Recentemente foi também adoptada pelo Canadá como a arma automática cal. 5.56mm para equipar as suas F.A.

ESPECIFICAÇÕES — M16A2 MODELOS 701 & 705

Calibre	5,56 x NATO
Capacidade p/carregador	30 RD
Peso (s/carregador)	3,4 kg
Comprimento	1,00 m
Velocidade inicial (M193)	991 m/SEC
Velocidade inicial (5,56 mm NATO)	948 m/SEC
Alcance util (m193)	460 m
Alcance util (5,56 mm NATO)	800 m
Cadência de tiro (tiro/min)	600-940
Selector de tiro	
Modelo 701	smi-automático
Modelo 705	smi-rajada de 3 tiros

COLT Firearms



Hartford, CT 06101

**AGENTES EXCLUSIVOS
PARA PORTUGAL**

DEFEX PORTUGAL
REPRESENTAÇÕES, IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, LDA.

RUA PRESIDENTE ARRIAGA, 82, R/C
TELS.: 67 91 24/5/6/7 — TELEG.: DEX — TELEX: 15665 DEFEX P

Pelo Cor Eng.^a BASTOS MOREIRA

FORTE DE S. BRÁS

Saindo de Cascais a caminho da praia do Guincho vamos encontrar numa ponta da costa (Cabo Raso) um farol que foi construído sobre os restos do antigo e abandonado Forte de S. Brás, objecto principal do nosso artigo deste mês.

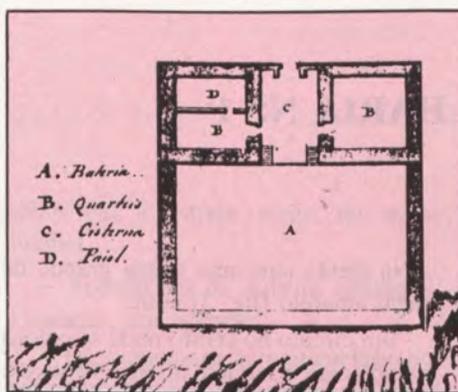
Este Forte estava incluído na série de obras fortificadas construídas no reinado de D. João IV, com a orientação superior do governador da Praça de Cascais, D. António Luís de Menezes, Conde de Cantanhede.

Por se julgar de interesse, transcreve-se o texto relativo ao Forte de S. Brás incluído no relatório da inspecção feita em 1854 aos pontos fortificados existentes ao norte do Tejo desde o Forte do Junqueiro até ao da Nazaré:

“Seguindo a costa e numa saliência da mesma que se chamava Cabo Raso está situado o Forte de S. Brás encontrando-se antes de chegar a ele e onde a costa oferece mais acessibilidade uma posição de linha de fuzil na extensão de 140 braças.

Este Forte é de forma rectangular e tem uma bateria com seis canhoneiras, três para o mar, uma para o lado do Cabo da Roca e duas para o Forte de S. Jorge e costa adjacente; a plataforma e terrapleno consta de um lagedo geral; existe nele um terraço lagedo, de abóbada, por baixo do qual estão a casa da palamenta, paiol e quartel formados de abóbadas, porém tudo muito arruinado tanto interior como exteriormente faltando-lhe todas as portas inclusivamente a da entrada do Forte, próximo da qual há uma cisterna que também carece de conserto podendo alojar neste ponto 12 praças. Foi edificado, segundo consta da inscrição bastante sumida sobre a porta, no reinado de El-rei D. João IV no ano de 1658”.

Transcreve-se, também, tendo em vista complementar a parte descritiva, uma passagem do texto do relatório elaborado em 1895 pela Comissão das Fortificações do Reino (pontos fortificados da



1.^a Divisão Militar):

“Este Forte acha-se entregue ao almirantado que ali montou um farolim. Está em bom estado de conservação, tem a forma rectangular e é constituído na parte avançada por uma bateria baixa, rectangular lagedada de 12 metros por 20, tendo rasgadas na face principal, voltada ao poente, 4 canhoneiras, na face sul 2 e 1 na face norte. À retaguarda desta bateria e comunicando com ela por dois lanços de escada, está o pátio de entrada onde se abre a porta do Forte e para onde têm frente duas pequenas casas abobadadas sobre as quais existiam duas baterias a barbete, de nível superior à bateria referida; uma delas desapareceu para dar lugar à torre do farolim. A bateria baixa tem 6 metros de cota e a superior 8,5.

Este Forte não é aproveitável para montar artilharia mas constitui, pelo lugar em que se acha, um bom posto de observação da costa e deve continuar na posse do almirantado”. No último quartel do século XVII o Forte dispunha de uma pequena guarnição e estava artilhado com 4 peças.

Ao longo do século XVIII a guarnição manteve-se reduzida e o poder de fogo nunca excedeu 8 peças de artilharia com uma dotação de 400 balas aproxima-

damente.

Esta situação manteve-se quase sem alterações de vulto durante o período da Guerra Peninsular.

Quando das lutas civis assiste-se então à iniciativa absolutista de D. Miguel de tornar de novo o Forte operacional.

Para o efeito, lançou mão do Batalhão de Artífices Engenheiros, Unidade criada em 1812 e que também realizou trabalhos de fortificação em Peniche e outros locais.

Esses trabalhos constaram de reparações e melhoramentos em plataformas, canhoneiras, instalações para pessoal, paiol e arrecadações.

A guarnição e armamento passou a ser respectivamente de 1 oficial, 2 cabos, 9 soldados de artilharia 5 soldados de infantaria e de 6 bocas de fogo.

O tempo, o mar e a pilhagem encarregaram-se depois da ruína do Forte.

O seu nome inicial era Baluarte de Gaxete, nome por que foi conhecido o cabo local que a partir do século XIX tomou o nome de Cabo Raso. O nome de baluarte foi a designação dada durante muitos anos aos fortes construídos naquela zona da costa atlântica.

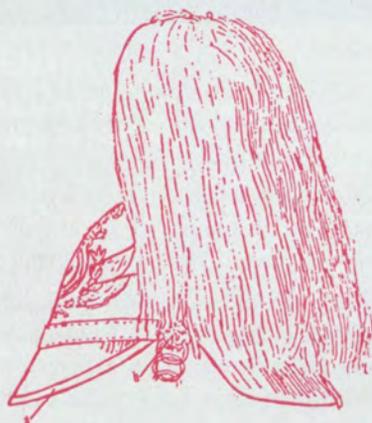
Por MANUEL A. RIBEIRO RODRIGUES

REGIMENTO DE ARTILHARIA Nº 1

Segundo o Plano de Uniformes de 12 de Setembro de 1892, o uniforme dos mestres, contramestres de clarins, clarins e aprendizes, para tropas montadas era o seguinte:

CAPACETE

De couro envernizado de preto com penacho encarnado (fig. 1), a pala tem um vivo de metal amarelo (fig. 1-a). De cada lado tem uma carranca de metal amarelo que segura uma argola na boca (fig. 1-b), onde prende o grilhão do mesmo metal (fig. 2).



1



2

Na frente tem uma chapa grande de metal amarelo (fig. 3) com:

- um círculo no centro onde se coloca o emblema e o número do Regimento em metal branco (fig. 3-c);

- a coroa real por cima (fig. 3-d), tendo por baixo o Laço Nacional de couro pintado de azul claro no centro e branco por fora (fig. 3-e), de cada lado do conjunto duas bandeiras (fig. 3-f), tendo de um lado um ramo de louro (fig. 3-g) e do outro de carvalho (fig. 3-h).

A parte superior do capacete tem uma cruz de metal amarelo lisa, conforme a fig. 4.

No centro e em cima, uma tulipa ou oliva lisa de metal amarelo de onde sai o penacho de crina vermelha (fig. 5 e 5-A).

Nota: As ilustrações fazem parte do Plano de Uniformes (coleção do autor).



3



4



5



5-A
Corte longitudinal da oliva com penacho

Pelo SargAjd VENTURA CUNHA

COISAS E LOISAS

Da carta que nos foi remetida pelo sr. Tenente-Coronel Freitas Lopes, da qual respigámos uma parte em anterior artigo, vamos agora transcrever a parte final onde se revelam alguns factos merecedores de ponderação, relacionados com o ensino da língua portuguesa.

“Considerou-se que o português era responsabilidade apenas do professor de português: os outros — e isto já no ensino secundário — podiam ver erros gritantes nas provas escritas dos seus alunos — mas não ligavam. Não era com eles. A eles competia a Matemática, a Física, etc.; o Português era com os professores respectivos.

Felizmente, esta situação está a ser totalmente modificada com a introdução da língua portuguesa até ao nível universitário, e a co-responsabilização de todos os professores.

Como exemplos do estado a que o ensino chegou, referem-se a seguir alguns elementos recolhidos por uma professora de português, no chamado “ensino preparatório”, ou seja o correspondente aos antigos 1.º e 2.º anos do ensino secundário. São exemplos verídicos, que mais se diria anedotas — mas que não o eram —, colhidos entre as raparigas, quando ainda haviam escolas com os sexos separados.

— Pedida uma redacção sobre o milagre das rosas da Rainha Santa, uma aluna escreveu:

“A rainha levava no regaço uma molhada de pães para dar aos pobres. Às tantas avistou o homem dela, que lhe perguntou o que é que ela levava e ela, levantando a saia, mostrou o que tinha, e o rei ficou encantado com o que viu.”

— Pedido de três palavras baseadas no adjectivo **puro**: “purgante, poroso, Sinagapura”.

— Pedido de indicação de um livro de Alexandre Herculano: “Eusébio, o Presbítero”.

Estava-se no tempo em que o dito Eu-

sébio era a estrela maior do nosso futebol...

— Significado da palavra **unísono**: “Caladas, em silêncio”.

— Decompor a palavra **pucarinho** nos seus elementos fundamentais: “Pu + carinho”.

— Quem era Diogo Cão?: “Um cão chamado Diogo, que descobriu Angola. Deviam ser muito amigos”.

— O que eram as Epístolas?: “As mulheres dos Apóstolos”.

Acho que já chega. Há pelo menos dois livros publicados sobre este tema. Vale a pena lê-los, para uma pessoa se rir fartamente — ou chorar pelo estado a que um ensino chegou.”

Muito embora as “anedotas” se tenham passado com raparigas, isso não significa que as mesmas “anedotas” não se passassem com rapazes.

“Felizmente, esta situação está a ser totalmente modificada com a introdução da língua portuguesa até ao nível universitário” — como refere o leitor.

Se o estudo da língua portuguesa, a todos os níveis, produzir os efeitos desejados, deixaremos de ouvir “queixas” como as do sr. General Abel Couto, na altura Comandante da Academia Militar:

“Cerca de 40 por cento dos recém-ingressados na Academia Militar revelam notórias falhas de inteligência e de redacção, em português (...). Se não forem satisfeitas exigências adequadas de conhecimentos no ensino secundário, verificar-se-á um número elevado de reprovações nos dois primeiros anos do curso da Academia com um inútil aumento dos encargos do Estado”.

Eis uma prova de que o deficiente ensino do português não só afecta os meios civis como também os militares.

Para finalizar este artigo, vamos expor algumas ideias simples que muito poderão ajudar quem por vezes sente dificuldade em escrever uma redacção.

Quando se pretende iniciar uma redacção, qualquer que seja o tema, devemos considerar três pontos importantes: **invenção, disposição, estilo**.

A **invenção** consiste em procurar as ideias que devem ser expostas na composição da redacção.

A **disposição** é a coordenação dessas ideias, procurando distribuí-las pelos lugares mais convenientes no trabalho que vamos fazer.

O **estilo**, que é a expressão das nossas ideias, deve ser adequado ao género literário da redacção.

Há três géneros de estilos: o **simples**, o **médio** e o **sublime**.

O **simples** consiste num modo de escrever singelo, natural e desafectado. É utilizado nas **conversas**, nas **cartas familiares e comerciais**, nas **narrações vulgares**, nas **obras didácticas**, etc. (corresponde ao estilo utilizado nestes artigos).

O estilo **médio** é usado na linguagem **elegante, colorida, rica de conceitos e recursos literários**. É também utilizado nas **composições poéticas**.

O estilo **sublime** salienta-se pelo emprego de expressões pomposas e veementes, ricas e alegres, com tiradas eloquentes e profundos conceitos. É usado nos **discursos académicos e religiosos**.

Sempre que pretenda escrever qualquer composição literária deve munir-se dum dicionário e duma gramática, para prováveis consultas.

ENCADERNAÇÕES



Caro assinante

Aceitamos colecções do JE para encadernar, com pagamento antecipado.

Preço por cada encadernação completa, com capa em percalina e gravação do ano e número respectivos a dourado: 1.250\$00 (+ 200\$00 nos pedidos de envio pelo correio, por cada volume).

Temos, também, capas soltas, mas sem indicação do ano, ao preço de 750\$00 cada (+ 125\$00 nos pedidos de envio pelo correio, por cada capa).

Todas as gráficas sabem

(Mas você, saberá?)

Em tempos idos, a comunicação gráfica era apenas **cultura**.

Depois, tornou-se (também) arte

e, após isso, **informação!**

O ritmo da vida trouxe à informação a **velocidade**.

Mas a comunicação continuou arte

e voltou a ser cultura

informativa e veloz,

logo **instrumento de mercado**,

porque o mercado é vida

como a cultura, a arte, a informação

e a velocidade do viver do nosso tempo!

Todas as gráficas sabem o que é ter de fazer

“trabalhos para ontem” com a melhor qualidade.

Algumas conseguem-no, por vezes.

Nós fazemos disso a nossa profissão!

(Mas você, saberá?)

Fale com a Equipa **Pentaedro**. Amanhã! De manhã!

CONTE CONNOSCO PARA CUIDAR DA SUA IMAGEM

CRIAÇÃO PUBLICITÁRIA

ARTE-FINAL

FOTOCOMPOSIÇÃO

FOTOGRAFIA

FOTOLITOGRAFIA

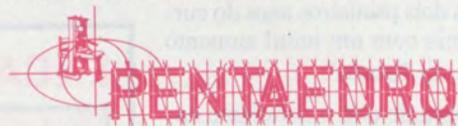
IMPRESSÃO

PLASTIFICAÇÃO

BROCHURA

ENCADERNAÇÃO

*Como gráficos fazemos tudo excepto o papel (até ver!)
Vamos da concepção até à distribuição. Até onde quiser.*

**PENTAEDRO**

Publicidade e Artes Gráficas, Lda.

Praceta da República, Loja B
Tels. 987 61 80 / 987 07 41
Póvoa de Santo Adrião
2675 ODIVELAS
LISBOA — PORTUGAL

Há 15 anos a fazer **LIVROS — REVISTAS — CATÁLOGOS — CARTAZES**

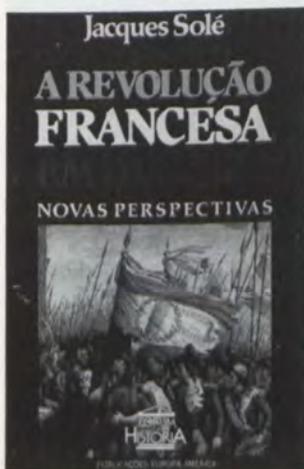
Por J.D.

A Revolução Francesa em Questão

- Jacques Solé
- Publicações Europa-América
- Coleção: "Forum da História"
- Mem Martins, 1989, 304 pp

No 2.º centenário da Revolução Francesa, o autor pretende, com este trabalho, animar o debate em torno de um período histórico que teve repercussões mundiais e põe em questão algumas das correntes históricas, sobretudo as de inspiração marxista, que elevaram até à idolatria os ideais revolucionários, pondo de lado uma investigação séria que fosse até às causas profundas e às verdadeiras consequências da Revolução Francesa.

Na sua crítica a esta historiografia que criou e alimentou todo um imaginário tornado tradição, Jacques Solé questiona sobretudo aquilo que foi erigido como dado adquirido e inquestionável, procurando transmitir uma visão mais desapassionada deste período histórico da França. Só assim, "descida do seu pedestal mítico e devolvida às suas realidades complexas, a Revolução Francesa tornar-se-á mais interessante para todos aqueles que desejam ter compreensão mais aprofundada de uma das principais origens da História contemporânea" (p. 14).



Breve discurso em que se conta a conquista do reino de Pegu na Índia Oriental.

- Manuel de Abreu Mouzinho
- Publicações Europa-América
- Col. A Aventura Portuguesa
- Mem Martins, 1989, 128 pp

Com a edição deste volume a Europa-América recupera um interessante texto que relata mais alguns episódios da gesta portuguesa por terras do Oriente e da nossa maneira de estar no mundo.



Pegu era um reino situado no Golfo de Bengala a sul da Birmânia, dotado de excelentes portos onde florescia um intenso tráfico comercial com o Sião (Tailândia), a China e a Índochina. Ficava ainda na rota para Malaca, o que veio valorizar ainda mais o seu interesse para a navegação e comércio português após a conquista, por Afonso de Albuquerque, deste importantíssimo ponto estratégico, na passagem para o Extremo Oriente.

De tal modo foi o envolvimento na vida comercial e política do reino de Pegu, que um português, Salvador Ribeiro, foi aclamado rei pelos seus habitantes, graças à protecção por via diplomática e bélica que desenvolveu face à cobiça dos reinos vizinhos que desejavam ocupar o trono vago e um país em desagregação. É o relato destes feitos que nos dá o Padre Manuel de Abreu Mouzinho que foi missionário na Índia.

Exercícios de Respiração

- Anne Tyler
- Publicações Europa-América
- Coleção: Século XX
- Mem Martins, 1989, 289 pp

Anne Tyler foi considerada pela prestigiada revista "Time" uma das dez melhores romancistas da década de 80.

Publicações Europa-América estreia esta autora com "Exercícios de Respiração", obra que foi galardoada com o Prémio Pulitzer.

"Exercícios de Respiração" reflecte o casamento nas suas múltiplas manifestações: esperanças, alegrias, tristezas, decepções...

Maggie é cabeça no ar, impetuosa, indulgente; Ira é competente, paciente, infalível. Maggie e Ira estão casados há 28 anos.

Durante uma viagem que o casal se vê obrigado a fazer, aquando da morte do marido da melhor amiga de Maggie, a vida de 28 anos em comum é finalmente posta em questão. Mas vale a pena, pois tudo se resolve, quando o amor não deixa de existir.

As Eras de Gaia

- James Lovelock
- Publicações Europa-América
- Col. Forum Ciência
- Mem Martins, 1988, 214 pp

Esta obra faz parte do plano editorial a cargo do The Commonwealth Fund Book Programm. O seu autor defende que a Terra funciona como um sistema orgânico coerente, autorregulador e autovariável, algo semelhante a um enorme organismo vivo. Propõe uma síntese das contribuições de várias ciências como a Geologia, a Geoquímica, a Biologia Evolutiva e a Climatologia, transformando de certa forma as concepções gregas da Terra, enquanto deusa viva - Gaia - numa teoria fundamentada cientificamente e apoiada numa nova disciplina, a



Geofisiologia.

Alerta para as ameaças a esta harmonia: a poluição provocada pelo homem, como o efeito de estufa, a emissão dos clorofluorcarbonetos, a chuva ácida e a radioactividade.

A Síndrome de Peter Pan

- Dan Kiley
- Publicações Europa-América
- Col. Arte de Viver
- Mem Martins, 1989, 240 pp

"A Síndrome de Peter Pan" centra-se nos homens que nunca crescem. Durante os últimos anos da adolescência e os vinte e poucos anos estes homens entregam-se a um estilo de vida impetuoso. O narcisismo fechados dentro de si mesmos, enquanto um ego irrealista os convence de que podem e devem fazer tudo quanto as suas fantasias sugerem.

É um problema cuja frequência tem aumentado dramaticamente nos últimos anos, devido às pressões da vida moderna. O autor considera que não é uma doença propriamente dita, pois não é uma ameaça directa à vida, "mas põe em perigo a saúde mental de uma pessoa e por isso é mais que uma inconveniência. Os sintomas são bem conhecidos, por isso não posso dizer que seja uma descoberta. Mas a própria condição nunca foi desvendada, por isso este livro é mais que uma apresentação."

Pelo SargAjd VENTURA CUNHA

Moinhos de Lisboa

Como se sabe, uma das bases de alimentação encontra-se nas farinhas, com as quais se fabrica pão, massas, papas, bolos, etc.. A obtenção destas farinhas faz-se pela redução a pó de diversos cereais. Para que tal suceda é necessário haver engenhos de moenda.

Lisboa necessitou, como é natural, de farinha para fins alimentares e outros.

O que talvez muita gente não saiba é que Lisboa, para suprir essas necessidades, teve outrora, ao seu redor, mais de uma centena de moinhos de vento.

Para reforço da produção, havia também dezenas de moinhos de maré, funcionando com as águas do rio Tejo, não só na capital portuguesa, como em diversas localidades desde Almada à Aldeia Galega (actual Montijo), zona conhecida por a "Outra Banda".

Se quisermos apreciar o que resta de alguns moinhos de vento e moinhos de maré basta um simples passeio até ao Barreiro, ao Seixal ou ao Montijo. Não é tempo perdido.



O barco moliceiro

Qualquer barco tem uma função específica, tal como o barco moliceiro também possui quando flutua na ria de Aveiro.

Com linhas características e harmoniosas, os moliceiros ostentam nas proas e nas popas os mais diversos desenhos coloridos: santos, reis, navegadores, flores, animais, etc., com cercaduras coloridas em formatos de variada imaginação, formando interessantes conjuntos.

O moliceiro, barco com características



especiais, é utilizado no transporte do moliço, que é recolhido da ria de Aveiro pelos moliceiros que para isso usam grandes ancinhos de madeira.

Depois, há que transportar o moliço para a margem da ria, o qual será levado em carros de bois para as terras que necessitam de tão precioso estrume.

O moliço é considerado, por análise química, de valor enorme como adubo. Dado o seu baixo custo, o qual está limitado à apanha e transporte, este fertilizante interessa a toda a actividade agrícola da região marginal da ria de Aveiro.

Greta Garbo

Sueca de nascimento, Greta Lovisa Gustafsson iria perspectivar a criação de um futuro mito quando, em 1924, o cineasta Stiller mudou o nome de artista para Greta Garbo e lhe deu o principal papel no filme "A Lenda de Gosta Berling".

Iniciou-se, então, a carreira cinemato-



gráfica da actriz que iria apaixonar milhões de cinéfilos.

Interpretando o primeiro filme em 1921, participou em mais 26 películas até se retirar em 1941. Nesta altura já era cidadã norte-americana. A sua auréola cinematográfica fez com que a considerassem uma "diva".

Alguns críticos referiram que ela era um rosto belo, sedutor, apaixonado, enigmático mais do que propriamente uma grande intérprete. E ela foi, entre outras, "Margarida Gautier", "Maria Walewska", "Ana Karenina", "Ninotchka", "Mata Hari" e por último "A Mulher das Duas Caras".

Não quis ser uma "estrela" a apagar-se lentamente. Preferiu ser "eterna". E ficou "eterna".

Num dos diálogos do filme "A Rainha Cristina" disse: "Estou cansada de ser um símbolo. Anseio ser apenas humana".

E por ser humana, a morte veio buscá-la no domingo de Páscoa de 1990, como se fosse a exilada "Cristina, a Soberana".

A erosão das rochas

A versão popular "Água mole em pedra dura tanto dá até que fura", retirada de uma observação do poeta latino Lucrecio, não perdeu o valor do seu sentido, mas os actuais geofísicos afirmam que a água é apenas um dos agentes erosivos da Terra. Tanto os rios como os ribeiros não param de corroer os solos móveis; no entanto, não seria possível desgastá-los tão rapidamente se as partículas rochosas, as quais exercem uma acção corrosiva, não tivessem sido anteriormente submetidas às acções destrutivas dos agentes atmosféricos e físico-químicos. É a designada meteorização. Naturalmente, a água que se infiltrou nos interstícios das rochas, se for dilatada pelo gelo, actua como se fosse um escopro arrancando pequenos ou grandes fragmentos das rochas, dando origem a deslumbrantes formas. Também as ervas, que nascem sobre as rochas, ao serem submetidas a fenómenos químicos causados pelas chuvas, provocam maior desgaste.



E ao admirarmos os extraordinários "monumentos", que algumas rochas apresentam, não podemos esquecer que tais "construções" podem ter demorado milhares de anos a concluir.

A Exposição do Mundo Português

Faz 50 anos, em 23 de Junho de 1990, que se inaugurou a Exposição do Mundo Português, comemorativa do duplo centenário da fundação e restauração de Portugal: 1140, 1640.

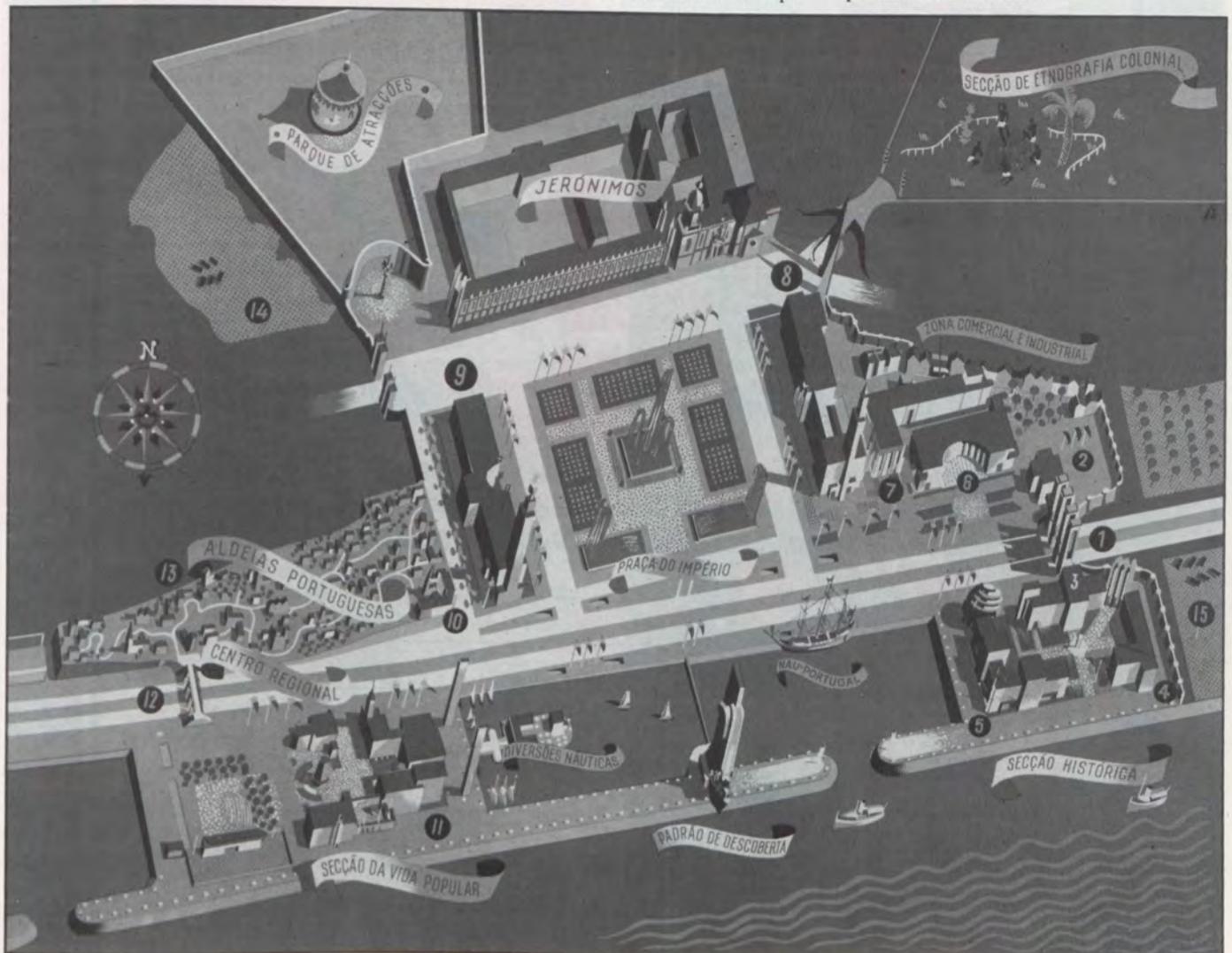
Obra excepcional, impôs-se "por uma perfeita unidade arquitectural, pureza e elegância de linhas, e uma expressão de grandeza impressionante."

Nela foram construídos: Pavilhão da Fundação de Portugal; Pavilhão dos Descobrimentos; Nau Portugal; Pavilhão da Colonização; Padrão dos Descobrimentos; Centro Regional; Secção Colonial; Bairro Comercial e Industrial; Jardim dos Poetas; Parque Infantil; Espelho de Água; Parque de Atracções; Fonte Monumental.

Construída na zona de Belém, tendo por fundo o belo Mosteiro dos Jerónimos, na sua execução trabalharam 5.000 ope-

rários, 15 engenheiros, 17 arquitectos, 43 pintores-decoradores, 129 auxiliares e mais de 1.000 modeladores-estucadores sob a direcção de 7 chefes.

Das diversas comissões fizeram parte homens ilustres como: Dr. Júlio Dantas, Dr. Augusto de Castro, Dr. José Leitão de Barros, Arq. José Cottinelli Telmo, Alm. Gago Coutinho. Eng. Sá e Mello, Escr. Gustavo de Matos Sequeira, Eng. Mário da Fonseca, Arq. Rodrigues Lima, Pint. Manuel Lapa, Esc. Barata Feyo, Com. Quirino da Fonseca, Arq. Pardal Monteiro, Pint. Carlos Botelho, Pint. Eduardo Malta, Pint. Thomaz de Mello, Arq. Raul Lino, Esc. Leopoldo de Almeida, Jorn. Norberto de Araújo, Pint. Eduardo Anahory, Henrique Galvão, Arq. Keil do Amaral e tantos outros que o curto espaço deste apontamento não permite mencionar.



3+1

Razões para aprender ELECTRÓNICA

1 A electrónica é a força impulsionadora da moderna técnica. Ser **técnico especializado** nesta área é ser um profissional **SOLICITADO** e **BEM REMUNERADO**.

2 No fascinante mundo da electrónica, **rotina** é uma palavra que **não existe**. Em constante evolução, a electrónica pode ser uma via para a sua verdadeira **REALIZAÇÃO PROFISSIONAL**.

3 Aprender electrónica é um acto individual, que alia o **estudo à pesquisa**. Com o apoio de uma boa escola e com um bom curso, essa aprendizagem pode ser feita em **SUA CASA** conforme a sua disponibilidade!

**+1
Razão!**

O estudo da electrónica exige uma eficiente ligação teórico-prática. Para que a sua **FORMAÇÃO PROFISSIONAL** seja um **ÉXITO** os cursos CIT completam a sua aprendizagem teórica com **250 FASCINANTES MONTAGENS PRÁTICAS**.

*Se a Electrónica
for
o seu futuro!*



*Centro de Instrução
Técnica é
a sua ESCOLA!*

Desejo receber GRÁTIS e SEM COMPROMISSO
informações pormenorizadas sobre os cursos de ELECTRÓNICA

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cód. Postal _____

End. Emprego _____ Idade _____ anos

CIT Centro de Instrução Técnica Ensino Técnico à Distância
R. D. Estefânia, 32 1066 LISBOA CODEX

a preencher pelos n/ serviços

	0	0	1	3	5	6	3		1	2	6
--	---	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---

COLEÇÕES DE POSTAIS

Uniformes Militares Portugueses

Brasões de Armas do Exército Português

Na sua missão de "promover a difusão dos conhecimentos e problemas militares" o "Jornal do Exército" tomou há já alguns anos a iniciativa de editar postais com reproduções de Uniformes Militares Portugueses e, mais recentemente, iniciou a edição de postais com reproduções dos Brasões de Armas actualmente em uso no Exército Português.

• A coleção de postais de uniformes é constituída por 252 exemplares (28 séries de 9) que reproduzem as aguarelas do Coronel Ribeiro Arthur existentes no Arquivo Histórico-Militar, as quais retratam a evolução do uniforme militar em Portugal desde meados do século XVIII até princípios do século XX.

• A coleção de postais de brasões de armas é, por ora, constituída apenas por 18 exemplares (2 séries de 9) onde figuram os brasões de armas do Exército, das Regiões e Zonas Militares, da 1.ª BMI, das Armas, de alguns Serviços e do nosso Jornal.

• Entretanto, o Museu Militar lançou recentemente a edição de 18 postais (2 séries de 9) que reproduzem aguarelas de Uniformes Militares Portugueses da primeira metade do século XX, da autoria do Mestre Alberto de Souza (plano de uniformes de 1911 e do CEP - Grande Guerra).

Estas três coleções encontram-se à disposição dos nossos estimados leitores pelos seguintes preços:

Cada série de 9 postais:

- Venda ao público 150\$00
- Preço especial para militares e assinantes . . 125\$00

Nos pedidos de envio pelo correio acresce mais a seguinte quantia para despesas com portes e embalagem: até 5 séries - 75\$00; até 10 séries - 125\$00; até 25 séries - 200\$00; até 50 séries - 300\$00.

Faça já a sua encomenda usando o boletim junto



À VENDA

NO
JORNAL
DO EXÉRCITO

- Solicito o envio das seguintes séries de postais (marcar com x as séries pretendidas)

- UNIFORMES MILITARES PORTUGUESES - coleção Cor Ribeiro Arthur

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16
17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

- BRASÕES DE ARMAS DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

1 2

- UNIFORMES MILITARES PORTUGUESES - coleção Alberto Souza

1 2

- Para pagamento da minha encomenda e dos respectivos portes junto a quantia de Esc. &

NOME

MORADA

CÓDIGO POSTAL LOCALIDADE

Nº DE ASSINANTE POSTO E UNIDADE

MANUTENÇÃO MILITAR



UMA VASTA ORGANIZAÇÃO
AO SERVIÇO DA DEFESA NACIONAL
DA INDÚSTRIA ALIMENTAR
E DA EXPORTAÇÃO



Rações de combate



Silos



Laboratório



Bolachas



Moagem



Poeiras



Panificação



Massas



Rua do Grilo - Apt. 8032 1801 LISBOA CODEX - Telefone 38 43 81 - TELEX. 14015 MM SEDE P





AMAVE

Amaral, Veículos, Lda.

TELEFS. 55 11 15 - 55 18 85 - 55 19 50 - 1/2/3 — SERVIÇO NOCTURNO 55 17 18
TELEX 37029 - IVEGAL P — 3740 SEVER DO VOUGA

IVECO

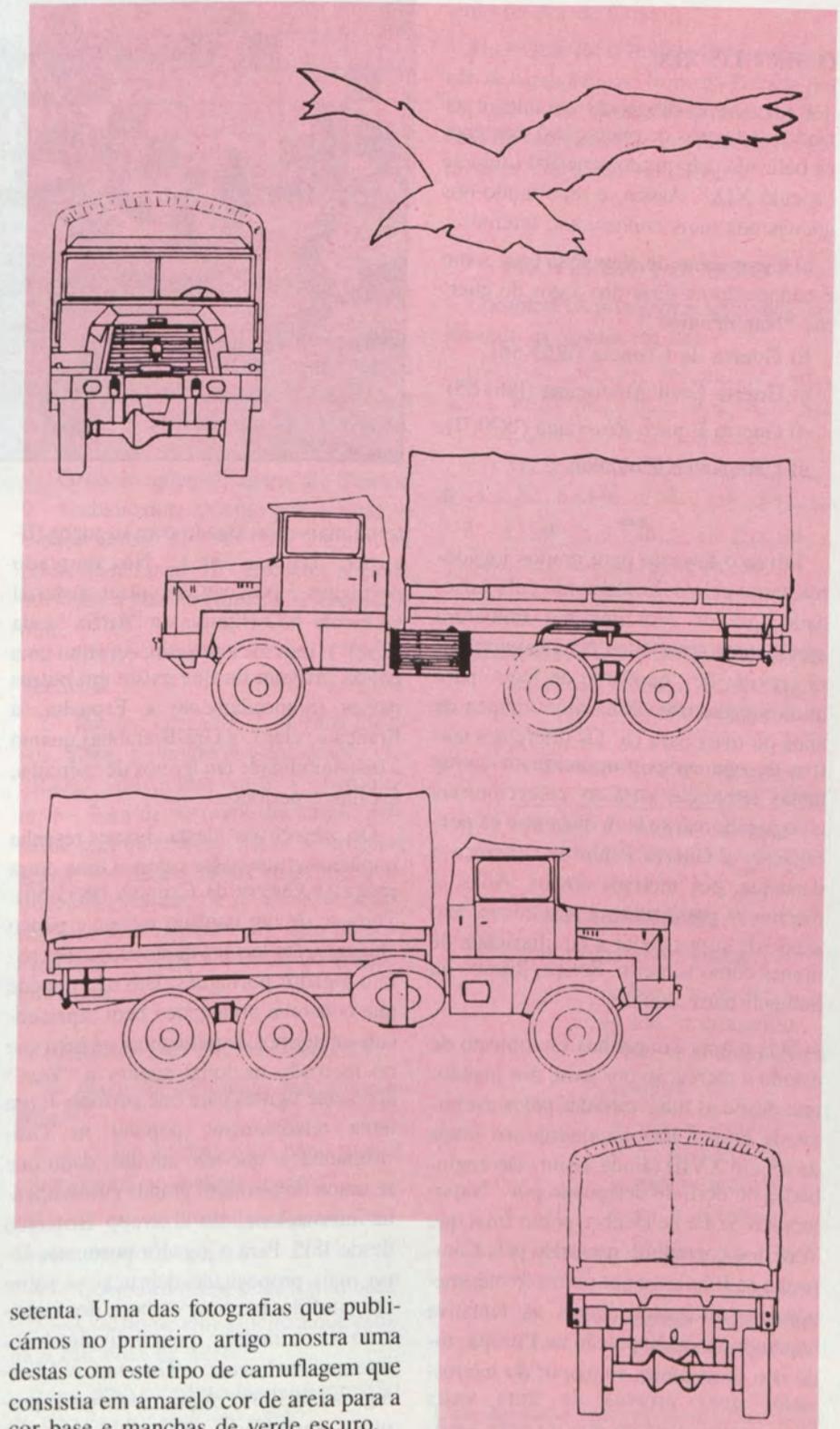
Por LUÍS COSTA

Viatura de Transportes Gerais "Berliet-Tramagal", GBC 8 KT, 4 Ton., 6×6, m/1966

PARTE III

Não existe qualquer "Kit" comercial desta viatura no mercado, o que nos dificulta um pouco o trabalho. Mas dado que ela tem uma linha praticamente toda direita, isto é, sem qualquer tipo de curvas em toda a sua forma, é possível produzir com alguma facilidade um modelo. Assim pode-se usar o "chassis" e o rodado de um dos "kits" n.ºs MB020, 021 ou 022 da Hasegawa, que representam viaturas GMC na escala 1/72. Este "chassis" encontra-se no tamanho ideal como poderá ser comparado com os planos na escala 1/76 que aqui publicamos e que foram retirados de uma revista "Bellona". No caso de se utilizar o "kit" MB020 a própria caixa de carga pode ser aproveitada. Para as capotas, quer a da cabine quer a da caixa de carga, pode ser utilizado papel de guardanapos ou o papel higiénico. Mais pormenores puderam ser observados nas fotografias que já foram anteriormente publicadas e nas que futuramente iremos publicar.

Para a pintura do modelo poderá ser adoptado o esquema que aparece na fotografia do segundo artigo, publicado no mês de Abril e que consiste no verde escuro normal, com os símbolos da Escola Prática de Artilharia pintados nas portas. Este símbolo é composto por duas peças de artilharia cruzadas uma sobre a outra, com a letra "E" por cima e as letras "RMS" por baixo, todas elas pintadas de branco. As pontas do pára-choques da frente são pintadas de branco, com o símbolo da Primeira Bateria de Bocas de Fogo. Este tem o formato de um rectângulo de cor vermelha com uma ave com as asas abertas, sobreposta ao rectângulo. Esta ave está pintada de branco (Figura 1). Outras pinturas são possíveis, tais como camuflagens de viaturas utilizadas pelo Regimento de Comandos nos anos



setenta. Uma das fotografias que publicámos no primeiro artigo mostra uma destas com este tipo de camuflagem que consistia em amarelo cor de areia para a cor base e manchas de verde escuro.

Por JORGE FREITAS

PERÍODOS HISTÓRICOS - 5

O SÉCULO XIX

É necessário subdividir em outros períodos (e teatros de operações) esta época balizada pelo muito genérico título de "século XIX". Assim, e reportando-nos apenas aos mais conhecidos, teremos:

- a) Campanhas de Napoleão (ou, como é conhecido na gíria dos jogos de guerra, "Napoleónico").
- b) Guerra da Crimeia (1853-56).
- c) Guerra Civil Americana (1861-65).
- d) Guerra Franco-Prussiana (1870-71).
- e) Campanhas Coloniais.

Talvez o favorito para muitos jogadores, tanto pelo colorido como pela variedade que os exércitos em miniatura apresentam, o período "Napoleónico" terá servido de "baptismo de fogo" para muitos jogadores de há uma vintena de anos ou mais para cá. Os diferentes teatros de operações proporcionam outras tantas temáticas para os coleccionistas e/ou jogadores, se bem que entre os portugueses a Guerra Peninsular mereça o destaque, por motivos óbvios. Aliás, o mesmo se passa com os britânicos, não sendo de surpreender a familiaridade de nomes como Vimeiro, Roliça, Buçaco ou Sabugal entre aqueles.

Mas outras campanhas são objecto de estudo e recreação por parte dos jogadores: desde as lutas travadas pelos exércitos da França Revolucionária nos finais do século XVIII (ainda assim, são englobadas no período designado por "Napoleónico"), até ao célebre ponto final que Waterloo constituiu, passando pela Campanha da Rússia ou por outras frentes menores e diferentes etapas na tentativa hegemónica de Napoleão na Europa, tudo isto se encontra ao dispor do interessado, quer através de uma vasta bibliografia, quer no que respeita a ma-



terial mais relacionado com os jogos (figuras, regras, etc.). No mercado português é possível encontrar material na escala 1/72 (figuras da "Airfix" e da "Esci"), mas mesmo assim constitui uma pálida imagem do que existe em outros países (nomeadamente a Espanha, a França e, claro, a Grã-Bretanha) quanto à disponibilidade em termos de exércitos, escalas e períodos.

Os objectivos desta breve resenha impõem-se que passe célere a uma outra época: a Guerra da Crimeia (1853-56). Trata-se de um conflito menor e pouco aliciante, em termos de investigação, para o jogador português. Isto não impede que constitua uma época bem representada em termos de miniaturas, se bem que no mercado nacional apenas a "Esci" apresente figuras para este período. É um tema relativamente popular na Grã-Bretanha, o que não admira, dado que se tratou do primeiro grande envolvimento internacional do Exército Britânico desde 1815. Para o jogador português seria mais propositado debruçar-se sobre um conflito anterior, embora desconhecido — ou melhor, pouco divulgado — internacionalmente: a Guerra Civil Portuguesa (1831-34). Aqui, o esforço da pesquisa teria que ser exclusivamente

nacional, e não se poderia contar com o apoio do material estrangeiro no que se refere a miniaturas, mas com alguma imaginação e várias conversões poderia constituir um tema interessante. Aliás, este é um projecto para a secção "Jogos de Guerra" num futuro não muito distante...

A Guerra Civil Americana, ou Guerra da Secessão (1861-65) não é de todo estranha aos jogadores "veteranos", já que as figuras da "Airfix" lhes permitiram a iniciação ao jogo de guerra há muitas luas atrás. Chegou a rivalizar com o "Napoleónico" em popularidade, que ainda mantém num contexto mais internacional. Está largamente documentada e retratada em miniaturas nas mais diversas escalas, mas as fontes são, obviamente, americanas ou britânicas. O fascínio do "azul e cinzento" é ainda bastante forte entre alguns núcleos de jogadores portugueses.

Quaisquer informações complementares sobre os temas que têm vindo a ser referidos podem ser obtidas pelos leitores interessados, bastando para isso escreverem para esta secção do "Jornal do Exército".

(Continua no próximo número)

Por RAIUGA

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 10/90 - a prémio

Horizontais

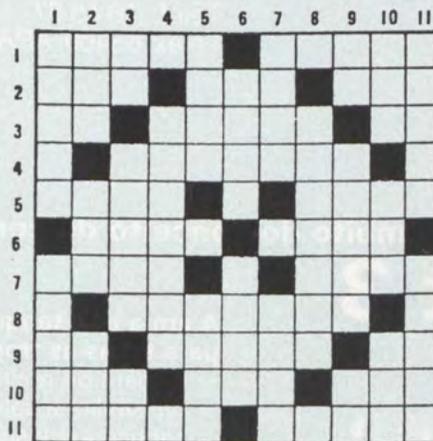
1 - Expressão ou forma atraente; "mão". 2 - Rio de Portugal; ... (Gerardo) - pintor holandês (1613-1675); personagem bíblica, patriarca célebre por sua piedade e resignação. 3 - Disso; conjunto dos fenómenos da vida mental, por oposição à vida do corpo; letra. 4 - Gabam-se muito. 5 - Escrava egípcia de Abraão e mãe de Ismael; variedade de arroz, com casca, da Índia. 6 - Meteoro luminoso; medida agrária dos Romanos. 7 - Vaso antigo de guardar bebidas; Estevão La ... - famoso capitão francês, companheiro de Joana d'Arc no cerco de Orleães. 8 - Aqueduto muito baixo, geralmente feito dentro das minas. 9 - Símbolo químico; cidade da Suíça; símbolo químico. 10 - Rio de França e da Bélgica; certo número; esconderijo de gente de má nota. 11 - Meta (o linho) na água do rio, para se curtir; livre.

Verticais

1 - Terreno próprio para cultivar; cidade da Alemanha. 2 - "Nariz"; ... (Long) - Imperador do Aname (1762-1820); Departamento de França. 3 - Pronome pessoal; vida militar; símbolo químico. 4 - Variedade de pombos. 5 - ... (Gustavo) - estadista suíço, Presidente da Confederação Helvética em 1919-1920; passe além. 6 - Cidade da Rússia; imperador romano de 54 a 68. 7 - Um de entre dois ou mais; "Mulher". 8 - Cidade da China. 9 - Antigo golfo da parte sudoeste do Zuiderzê; pedra grande e comprida, fixa verticalmente no solo desde os tempos pré-históricos, cujo simbolismo se desconhece ainda; símbolo químico. 10 - Grande quantidade; superfície plana de alguns objectos; vértebra caudal dos animais (pl.). 11 - Onere com dívidas; sofre as consequências de.

Envie a solução para a Redacção do Jornal indicando nome e morada e, se for militar, o posto, colocação ou situação e número mecanográfico. Os assinantes deverão indicar o respectivo número.

Haverá um prémio a sortear entre os totalistas.



Problema n.º 11/90 - aberto

Horizontais

1 - Naipes das cartas de jogar; Vate. 2 - Fenda-se; junte; ânimo. 3 - Artigo; a dignidade pontifícia; asa. 4 - Espetado. 5 - Sana; foz. 6 - Limpa; olhe fixamente. 7 - Grito de aplauso; agora. 8 - Fontes. 9 - Trabalhador; albergio por esmola; o espaço aéreo. 10 - A; "tris"; entrei na posse de herança. 11 - Excepto; peça de borracha a que nas lunetas se encosta o olho.

Verticais

1 - Rogais; ocasiões. 2 - Gritos aflitivos; além; pronome pessoal sujeito. 3 - "Rádio"; flor; outra coisa. 4 - Afrouxara; 5 - Peça de vestuário feminino; pronome demonstrativo. 6 - Entregava; actuar. 7 - Estaca; nome masculino. 8 - Imperador romano de 117 a 138. 9 - Existentes; oitavos; "espanto". 10 - Rio de Portugal; ontem; nome feminino. 11 - Jeitoso; primavera.

PERGUNTAS DE ALGIBEIRA

- 1 - Quais são as línguas denominadas *latinas*?
- 2 - Como se designa o pano grosso sobre o qual se pintam quadros?
- 3 - A que se chama, anatomicamente, *um tendão*?
- 4 - Que outro nome se dá à trombeta?
- 5 - Que nome tem a ciência que estuda a estrutura da Terra?
- 6 - Como é designada uma expressão do tipo $(a+b)^2 = a^2 + b^2 + 2ab$?

7 - Qual era a antiga designação do frango?

8 - O que significa, em transmissão Morse, uma mensagem constituída por "...---...?"

9 - Qual será o 1.º dia do Terceiro Milénio da era de Cristo?

10 - Qual foi o Infante Português que não se candidatou ao trono da Polónia por D. João V não querer despende um milhão de cruzados que era necessário para fazer vingar tal candidatura?

PROVÉRBIOS OCULTOS

Complete os provérbios seguintes, colocando as vogais em falta.

- 1 - Q__nd__ v__nt__ r__nd__
__ m__r n__ n__t__ d__ S__
J__-, n__ h' v__r__
- 2 - G__l__nh__s d__ S__ J__-
p__l__ N__t__l p__d__r__s s__
- 3 - J__nh__, J__lh__ __ g__st__,
s__nh__r__ n__ s__ v__ss__

HIEROGLIFOS COMPRIMIDOS

- 1 - A 4.º 9.º surgia
- 2 - Fósforo trova Mulher
- 3 - Com z morto a lusa

CHARADISMO

3 charadas combinadas

- 1 - + beça = chefe
+ xou = consentiu
+ paz = homem jovem
Assento
- 2 - + ma = leite
+ ra = mania
+ zão = motivo
+ pa = esconde
Queda de água
- 3 - + beço = monte
+ canho = pequeno
+ beiro = regato
+ da = zero

Uma das rodas mais pequenas do relógio

AGORA
INTRODUZIDO EM
REGIME EXCLUSIVO NO
EXÉRCITO DA R.F.A.

Dynamit Nobel

DYNAMIT NOBEL

Representação exclusiva em Portugal:

A **PAUKNER**, Lda

Av. Elias Garcia, 76-6.º E

Telef. 76 45 87 1000 LISBOA

Telex 65400 APALIS P.

O novo componente tático no âmbito do conceito de combate de armas combinadas

Panzerfaust 3

A arma anti-tanque portátil
para todas as tropas

- dispara de recintos fechados
- possibilita a selecção prévia para carga oca ou cabeça explosiva
- tem capacidade de perfuração superior a 700 mm de aço RHA
- assegura alta probabilidade de acertar ao 1º tiro
- o custo do sistema é reduzido
- não necessita manutenção e precisa apenas pouco treino
- está dotada de um sistema subcalibre de 18 mm que corresponde às condições reais.

Dynamit Nobel —

Os especialistas em armas anti-tanque.



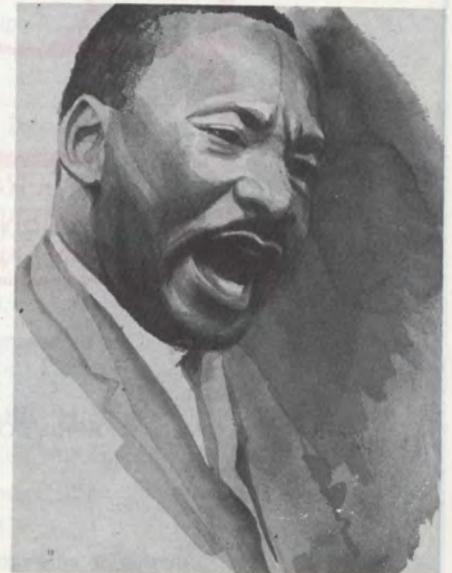
Dynamit Nobel

Defence Division
D-5210 Troisdorf/West Germany

Por INÊS GALVÃO



1 - Químico por formação foi, no entanto, no campo da Medicina, ou melhor, da Bioquímica, que este cientista célebre, do século passado, se distinguiu. Entre os trabalhos de pesquisa sobre doenças infecciosas e contagiosas avulta a descoberta da vacina contra a raiva. Falamos de...



4 - Quem foi esta figura de grande lutador e mártir dos direitos dos negros nos Estados-Unidos, na década de 60?



3 - Considerado de inteligência não muito brilhante quando estudante, foi um dos maiores físicos matemáticos de todos os tempos, celebrizando-se pela criação da teoria da relatividade. Falamos de...



2 - Quando pequeno era cábula, turbulento e amigo de pregar partidas. Nascido e criado numa América de pioneiros, foi ferroviário, jornalista, telegrafista e inventor. Veio a ser "o americano mais útil na América". Era Thomas...

5 - Aparentemente iguais, estes dois desenhos apresentam oito pequenas diferenças. Vamos descobri-las?





ESTABELECIMENTO FABRIL DO EXÉRCITO

- FÁBRICA DE FARDAMENTOS
- FÁBRICA DE CALÇADO
- FÁBRICA DE EQUIPAMENTOS
- FÁBRICA DE METALO-MECÂNICA

- CENTROS COMERCIAIS
Dimensionados às necessidades
da Família Militar

- CONTROLO DE QUALIDADE
Garantia de fabrico.
Análises tecnológicas.

- DESIGN

SEDE — Campo de Sta. Clara — 1100 LISBOA
Telex: 42526 OFARDA P Tel. 863006-865950/9
SUCURSAL — Rua da Boavista, 230 — 4000 PORTO
Tel. 02 29751-02 24504
DELEGAÇÃO — Delegação da OGFE — 2330 EN-
TRONCAMENTO Tel. 049 66147

CASA BUTTULLER

— Miguel Buttuller, Lda. —

37 — Rua Barros Queirós — 39
1100 LISBOA — Telef. 36 93 50



ESPECIALIZADA EM:

Todos os artigos militares para as Forças Armadas e Militarizadas, assim como:

Bonés, Fardas militares e civis, Botões, cordões, Dragonas, Galões, Divisas, Charlateiras, Camisas, Emblemas, em metal, Bordados, Plásticos e em alumínio anodizado.

Condecorações, Espadas, Cintos e Fiadores. Bandeiras, Estandartes, Galhardetes, Guiões, Varões e Hastes. Taças, Medalhas e Troféus, etc.



PRIMEIRA CASA DAS BANDEIRAS

ANTÓNIO CARDOSO

Sucessora

MARGARIDA CARDOSO
DA COSTA, LDA.

Rua dos Correiros, 149/151 Telefax 37 10 75
1100 LISBOA Tel. 32 74 82 • 37 10 75

Execução rápida e perfeita de:

BANDEIRAS — ESTANDARTES — FLÂMULAS
E GUIÕES

Emblemas esmaltados — Medalhas — Emblemas impressos
em plástico e alumínio fotoanodizado — Varas de madeira e
metal — Taças — Gravuras — Carimbos e gravações em
plástico e metal, e outros

PAPELARIA FERNANDES

Oficinas de:

TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO
CARTONAGEM
SOBRESCRITOS
SACOS DE PAPEL

LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

Secções Especializadas de:

MATERIAL PARA
DESENHO
TOPOGRAFIA
E IMPRESSOS PARA O EXÉRCITO

Coord SargMor NELSON FERREIRA

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA E GUARDA FISCAL

Portaria n.º 116/90:

Fixa o índice 100 da escala remuneratória dos oficiais, sargentos e praças da Guarda Nacional Republicana e da Guarda Fiscal. (D.R. 38 - I Série de 14FEV90).

— Estabelece as regras sobre o estatuto remuneratório dos oficiais, sargentos e praças da Guarda Nacional Republicana e da Guarda Fiscal. (D.R. n.º 38 - I Série de 14FEV90).

INSTITUTO SUPERIOR MILITAR ABONO DE ALOJAMENTO A DINHEIRO

Despacho n.º 01/90 de 04JAN90 do CEME:

— O abono em dinheiro aos alunos do Instituto Superior Militar, a quem não seja fornecido alojamento, seja, desde 01JAN90, de 640\$00.

IGREJA CATÓLICA - IVA

Decreto-Lei n.º 20/90:

— Prevê a restituição de IVA à Igreja Católica e às instituições particulares de solidariedade social. (D.R. n.º 11 - I Série de 13JAN90).

OFICIAIS TIROCINANTES E SARGENTOS-ALUNOS

Despacho n.º 10/90 de 17JAN90 do CEME:

1 - A partir de 1989/90, inclusive, os instruendos do TPO e CFS/2.^a Parte participarão no 1.º Turno/CFP (especialidades do Grupo B) e respectiva EPQ, sendo para o efeito distribuídos por Unidades seleccionadas pelas DA/DS, incluindo as Escolas Práticas.

2 - No final do CFP os instruendos regressarão às respectivas EP para completamento do ano lectivo.

3 - Aos tirocinantes deverá ser atribuída somente uma informação qualitativa a enviar às EP no final da ER, apoiada por um juízo ampliativo, com observação dos factores de apreciação constantes dos anexos respectivos, do Regulamento de Frequência e Classificação do TPO.

4 - As DA/DS, em coordenação com a AM e ESE, elucidarão os Comandos das Unidades envolvidas quer quanto aos pormenores de execução de todo este processo, quer ainda quanto à natureza específica e importância do tirocínio (TPO e CFS/2.^a Parte), tendo em vista o melhor enquadramento e acompanhamento atento dos respectivos tirocinantes.

POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

Lei n.º 5/90:

Amnistia de infracções de natureza disciplinar imputadas a funcionários ou agentes da PSP. (D.R. n.º 43 - I Série de 20FEV90).

POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

Lei n.º 7/90:

— Aprova o Regulamento Disciplinar da Polícia de Segurança Pública. (D.R. n.º 43 - I Série de 20FEV90).

Portaria n.º 97/90:

— Cria a Esquadra Policial, tipo A, de Aigualva - Cacém.

Portaria n.º 98/90:

— Cria a Esquadra Policial, tipo A, de Camarate.

Portaria n.º 99/90:

— Cria a Divisão, tipo A, da Polícia de Segurança Pública de Vila Nova de Gaia.

Portaria n.º 100/90:

— Cria a Esquadra Policial, tipo A, de Valongo. (D.R. n.º 34 - I Série de 09FEV90).

Portaria n.º 115/90:

— Fixa o índice 100 da escala remuneratória do pessoal com funções policiais da PSP. (D.R. n.º 38 - I Série de 14FEV90).

Decreto-Lei n.º 58/90:

— Estabelece as regras sobre o estatuto remuneratório do pessoal com funções policiais da PSP. (D.R. n.º 38 - I Série de 14FEV90).

SALÁRIO MÍNIMO NACIONAL

Decreto-Lei n.º 41/90 de 7 de Fevereiro:

— Os valores da remuneração mínima mensal passam a ser desde 01JAN90, os seguintes:

— Trabalhadores por conta de outrem	35.000\$00
— Trabalhadores na agric. silvic. e pecuária	34.500\$00
— Serviços domésticos	28.000\$00

(D.R. n.º 32 - I Série de 07FEV90).

SOLUÇÕES DO RECREIO

Da Presente Edição

Cruzadismo - Problema n.º 11/90

Ouros, poeta, ria, ada, sus, as, tiara, aa, i, cravado, d, sara, a, ria, lava, fite, viva, a, aora, e, origens, b, ze, asilo, ar, ela, tri, adi, salvo, olhal.

Perguntas de Algebeira

1 - Português, espanhol, francês, italiano e romeno. 2 - Tela. 3 - À extremidade de um músculo. 4 - Tuba. 5 - Geologia. 6 - Identidade. 7 - Polho. 8 - S.O.S., iniciais de "Save Our Souls", expressão inglesa que significa "Salvem as nossas almas". 9 - 1 de Janeiro de 2001. 10 - D. Manuel filho de D. Pedro II.

Provérbios Ocultos

- 1 - Quando o vento ronda ao mar na noite de S. João, não há verão.
- 2 - Galinhas de S. João pelo Natal poedeiras são.
- 3 - Junho, Julho e Agosto, senhora não sou vosso.

Hieroglifos comprimidos

- 1 - Adivinha. 2 - Primavera. 3 - Cozido à Portuguesa.

Chadarismo

- 1 - Cadeira. 2 - Catarata. 3 - Catarina.

De Edições Anteriores - Fevereiro de 1990

Cruzadismo - Problema n.º 2/90

Prato, amisa, luar, r, anal, ai, ecoar, em, trela, malmo, a, uistiti, s, ac (ou sc ou tc), o, m, mi, b, baríolo, r, abati, nesso, ro, rodes, ad, café, e, tili, alaux, bevin.

Premiado o Confrade JOALDO.

SOLUÇÕES DO PASSATEMPO

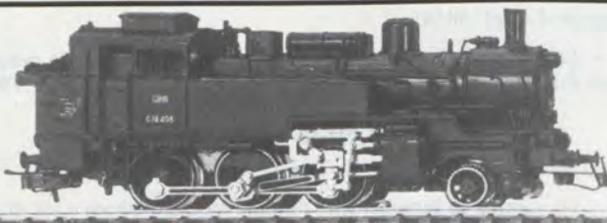
- 1 - Louis Pasteur
- 2 - Thomas Edison
- 3 - Albert Einstein
- 4 - Martin Luther King
- 5 - Calças; notas de música (à esquerda); sapato da rapariga; saia; chapéu da rapariga; cabelo do rapaz; nuvens; notas de música (à direita).



medalhões • gravações • taças • emblemas •
artigos militares • porta-chaves • troféus

OS MELHORES PREÇOS
(ABERTA TODO O ANO)

R. Benfornoso, 136-1100 LISBOA ☎ 86 10 86 - 86 67 08
Telex NR 43127 MEDALS P



BIAGIO FLORA, LDA.

Rua do Ouro, 138 Telef. 346 06 91 1100 Lisboa

COMBOIOS ELÉTRICOS BRINQUEDOS TÉCNICOS
PISTAS DE AUTOMÓVEIS JOGOS DIDÁCTICOS

AOS MELHORES PREÇOS



I.A.T.A.

INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO

FUNDADO EM 1966

Alvará do Ministério da Educação e credenciado
pelo Ministério do Emprego e Segurança Social

CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ACELERADA
ANO LECTIVO DE 1989/1990

CURSOS DE 3 ANOS

- TÉCNICO SUPERIOR DE INFORMÁTICA DE GESTÃO
- TÉCNICO SUPERIOR DE TOPOGRAFIA
- DESENHADOR PROJECTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
- SECRETARIADO DE DIRECÇÃO
- HOSPEDEIRAS RECEPCIONISTAS — ASSISTENTES DE RECEPÇÃO

CURSOS DE 4 A 20 MESES

- ANALISTA PROGRAMADOR DE INFORMÁTICA
- PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES — LINGUAGEM • COBOL • BASIC • RPG II • PASCAL • C.
- MICROPROCESSADORES • LOTUS 1-2-3 • DBASE III E IV
- ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS
- CONTABILIDADE GERAL — IRS/IRC • FISCALIDADE
- INFORMÁTICA APLICADA À CONTABILIDADE
- CONTABILIDADE ANALÍTICA E GESTÃO ORÇAMENTAL
- GESTÃO DE PRODUÇÃO • GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS • GESTÃO FINANCEIRA
- GESTÃO COMERCIAL (MARKETING E TÉCNICA DE VENDAS)
- GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS • GESTÃO DE STOCKS
- CÁLCULO FINANCEIRO E ANÁLISE DE PROJECTOS DE INVESTIMENTO
- COMUNICAÇÃO: RELAÇÕES PÚBLICAS, PUBLICIDADE E JORNALISMO
- DECORAÇÃO E ARQUITECTURA DE INTERIORES • DESENHADOR DE MÁQUINAS
- MEDIDOR ORÇAMENTISTA DE CONSTRUÇÃO CIVIL

PROFISSÃO • ACTUALIZAÇÃO • VALORIZAÇÃO •
ESTÁGIO E APOIO NO EMPREGO

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA AS VAGAS
LIMITADAS AINDA EXISTENTES

CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS E PLANEAMENTO
INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO

Rua Vitor Cordon, 45 — 1200 LISBOA — Telef. 371032 - 325577
Telex 43331 — Telefax 520887 — Informações das 9,30 às 19,30 ininterruptamente

**AGORA QUE O SOL APERTA...
DÊ AO SEU CARRO
A MELHOR COBERTA**



As Capas «RR» para o seu automóvel dão-lhe total protecção e são
fabricadas em tela plastificada por fora e cardada no in-
terior o que as distingue.

UM EXCLUSIVO DE:

ESTABELECIMENTOS RODRIGUES & RODRIGUES, S. A. — R. Nova do Carvalho, 79

Telefone 37 22 21

Pelo TCor Art.º HENRIQUE MAURÍCIO

A AVALIAÇÃO NO EXÉRCITO AUSTRIACO

1. DOCUMENTO OFICIAL

REGULAMENTO de EDUCAÇÃO FÍSICA para o EXÉRCITO FEDERAL (REF)

MINISTÉRIO FEDERAL de DEFESA / VIENA, 3 de ABRIL de 1979

2. CONTROLOS A EFECTUAR E SUA FINALIDADE

O Controlo no Exército Federal tem como finalidade "auscultar o estado de saúde e a condição física de cada militar e do Exército em geral", e é feito através duma "PROVA de RESISTÊNCIA" antecedida de um "EXAME SANITÁRIO".

A PROVA de RESISTÊNCIA funciona, também, como factor motivador "para os militares melhorarem a sua condição física ultrapassando as barreiras que se lhes deparam e estimulando a obtenção da melhor capacidade possível.

3. ASPECTOS LIGADOS À ORGANIZAÇÃO DO CONTROLO

3.1. CONSTITUIÇÃO DA PROVA de RESISTÊNCIA

- A PROVA de RESISTÊNCIA é constituída por duas partes:

PARTE I - PROVAS de POTÊNCIA (A, B, C, D, E)

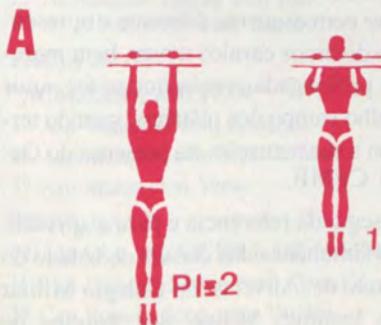
PARTE II - CORRIDA (F)

A executar em dois dias distintos, com um intervalo de 4 dias.

3.2. DESCRIÇÃO das PROVAS

A - FLEXÃO de BRAÇOS na BARRA (durante 2')

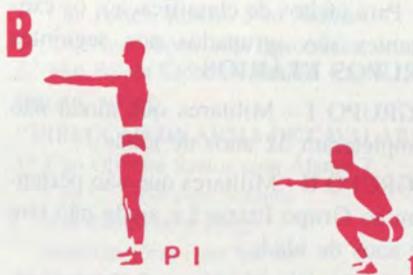
- Suspensão facial
- Barra a 2,40 m



B - FLEXÃO - EXTENSÃO de PERNAS (durante 2')

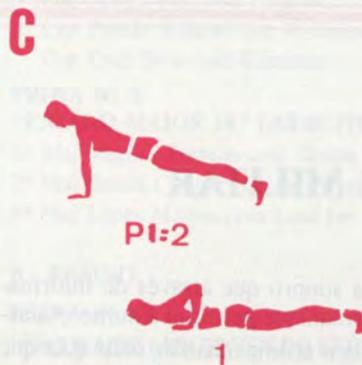
- Partindo da posição inicial de joelhos completamente flectidos com pés paralelos e afastados de 1 pé, e braços em extensão anterior.

- Extensão - Flexão de pernas o maior número de vezes possível dentro do tempo atribuído.



C - EXTENSÃO de BRAÇOS (durante 2')

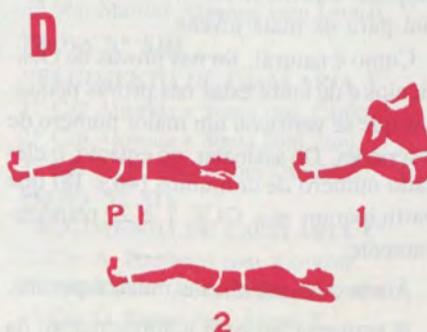
- Flexão - Extensão de braços em queda facial.



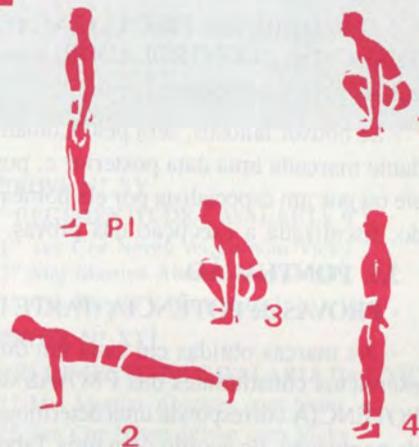
D - ABDOMINAIS (durante 2')

Posição inicial: Sentido

Movimento: Grande flexão de pernas (1), por meio de um salto, pernas para a retaguarda (2); Retorno à P.I. (3) e (4).



E



F - CORRIDA de 2400m, em tempo e em pista (se possível)

Entre cada exercício das PROVAS de POTÊNCIA deve observar-se um intervalo de 2'. A CORRIDA tem lugar 4 dias depois das PROVAS de POTÊNCIA.



3.3. UNIFORME e LOCAL de REALIZAÇÃO

- O equipamento a utilizar é o de ginástica (camisola, calções de ginástica, meias e sapatilhas) com ou sem fato de treino.

- As PROVAS de POTÊNCIA realizam-se num circuito, com tantas estações quanto os exercícios que a compõem.

- A CORRIDA realiza-se em pista (se possível)

3.4. PESSOAL CONTROLADOR

- Em cada estação do circuito existe um CONTROLADOR que é o responsável pela adequada execução dos exercícios e registam o número de repetições.

- Os controladores são orientados por um **DIRECTOR de PROVA** ao qual compete, também, a atribuição da classificação respectiva.

- A **EQUIPA de FISCALIZAÇÃO** (DIRECTOR e CONTROLADOR) é nomeada pelo Comandante.

- Se houver faltosos, será pelo Comandante marcada uma data posterior e, por ele ou por um especialista por ele nomeado, fiscalizada a execução das provas.

3.5. PONTUAÇÃO

- **PROVAS de POTÊNCIA (PARTE I)**

- Às marcas obtidas em cada um dos exercícios constituintes das PROVAS de POTÊNCIA corresponde uma determinada pontuação, de acordo com uma Tabela de valores dos 0 aos 100 pontos;

- O somatório das pontuações obtidas nos 5 exercícios, equivale à pontuação nas PROVAS de POTÊNCIA (PARTE I).

- Entrando-se com o valor assim obtido

(Pontuação das Provas de Potência) no Quadro de Classificação, tendo em atenção o grupo etário do executante, obter-se-á a sua classificação na I PARTE do Controlo.

- **CORRIDA de 2400m (PARTE II)**

Ao tempo (em minutos e segundos) obtido na CORRIDA de 2400m, corresponde, para o grupo etário do executante, uma determinada classificação.

3.6. CLASSIFICAÇÃO

- Para efeitos de classificação, os executantes são agrupados nos seguintes **GRUPOS ETÁRIOS**:

GRUPO I - Militares que ainda não completaram 32 anos de idade;

GRUPO II - Militares que não pertencem ao Grupo Etário I e ainda não têm 40 anos de idade;

GRUPO III - Militares não pertencentes a qualquer dos grupos etários anteriores (I e II)

- As classificações em cada uma das PARTES da PROVA de RESISTÊNCIA podem ser:

- 1 - MUITO BOM
- 2 - BOM
- 3 - REGULAR
- 4 - SUFICIENTE
- 5 - INSUFICIENTE

- Os executantes são obrigados a obter uma classificação mínima de SUFICIENTE em cada uma das partes do Controlo.

- Para além disso, nas PROVAS de POTÊNCIA, é obrigatória a obtenção de mínimos, de acordo com o GRUPO ETÁRIO:

- Para o GRUPO ETÁRIO I: mínimo de **29 pontos** em cada prova;

- Para o GRUPO ETÁRIO II: mínimo de **27 pontos** em cada prova;

- Para o GRUPO ETÁRIO III: mínimo de **19 pontos** em cada prova.

Coord. TCor Art.^o HENRIQUE MAURÍCIO

Fotos: JOSÉ FERNANDO

XXXIV SEMANA EQUESTRE MILITAR

No período de 26 de Abril a 6 de Maio p.p. decorreu em Mafra, no CMEFED, a XXXIV edição da Semana Equestre Militar.

Como já é tradicional os primeiros quatro dias foram reservados às provas de obstáculos. Após um dia de intervalo, seguiram-se as provas de Ensino que ocuparam os três dias imediatos e, finalmente, para encerrar a semana, realizou-se o Concurso Completo de Equitação (CCE) nas categorias 1 (Preliminar), 2 (Elementar) e 4 (Avançado), cujas provas de fundo, este ano, se realizaram num cenário quase completamente diferente do habitual. Os nossos parabéns ao CMEFED pelas alterações introduzidas, as quais, em nossa opinião, beneficiaram os concorrentes e também o público. Parabéns igualmente pela ideia da montagem do

sistema sonoro que através de informação permanente permitiu à numerosa assistência ir acompanhando, onde quer que estivesse, as provas dos diversos concorrentes.

No somatório das diversas provas as inscrições rondaram as duas centenas de conjuntos, o que é bem revelador do entusiasmo e interesse dos militares pelo desporto equestre, com referência especial para os mais jovens.

Como é natural, foi nas provas de Obstáculos e de entre estas nas provas pequenas que se verificou um maior número de inscrições. De assinalar, no entanto, o elevado número de conjuntos (**46 e 18**) que participaram nos CCE 1 e 2, respectivamente.

Ainda duas referências muito especiais.

A primeira vai para a apresentação da



“Escola de Mafra” verdadeiro ex-libris da equitação militar que, executando uma *reprise* com esquema diferente e apresentando diversos cavalos novos, bem mereceu a prolongada ovação que se fez ouvir no velho campo dos plátanos, quando terminou a sua actuação, na presença do General CEME.

A segunda referência é para a apresentação simultânea das classes de volteio do Instituto de Odivelas, do Colégio Militar e do Instituto Militar dos Pupilos do

Exército. Que agradável foi ver aqueles grupos de jovens [alguns(mas) tão pequenos(as) que mal chegavam às argolas do cilhão] executarem exercícios de verdadeira acrobacia, em cima do cavalo, enquanto este galopava em círculo ao redor do instrutor!

Para quando uma equipa de jovens portugueses num campeonato da Europa de volteio? Aqui deixamos a interrogação.

E, porque os vencedores são sempre os vencedores e o seu nome é que fica para a história, não seria justo encerrarmos estas linhas sem mencionar os conjuntos melhor classificados em cada uma das provas realizadas nesta XXXIV Semana Equestre Militar.

Eles aqui ficam, pois, registados para que conste.

A - OBSTÁCULOS

PROVA Nº I

“ESCOLA PRÁTICA DE INFANTARIA”

- 1º Cor Fernando Atayde com Vai Indo
- 2º Cap Oliveira Santos com Álamo Z
- 3º Asp António Carneiro com Biset

PROVA Nº II

“ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA”

- 1º Ten Rui Pereira com Bizarro
- 2º Maj Ribeiro de Faria com Xina
- 3º Cap Mendes com Vigoroso

PROVA Nº III

“ESCOLA PRÁTICA DE ENGENHARIA”

- 1º Sarg Chefe Amoedo com Xerife
- 2º Cap Mendes com Vigoroso
- 3º Cap Mendes com Viriato

PROVA Nº IV

“COMANDO GERAL DA GNR”

- 1º Maj Balula Cid com Chaptel Captiv
- 2º Maj Lopes Mateus com Lord Fet
- 3º Maj Ribeiro de Faria com Tolarme

PROVA Nº V

“COLÉGIO MILITAR

- 1º Al Luís Macedo com Atlas
- 2º Al Marinho Falcão com Alê
- 3º Al Albuquerque com Babosa

PROVA Nº VI

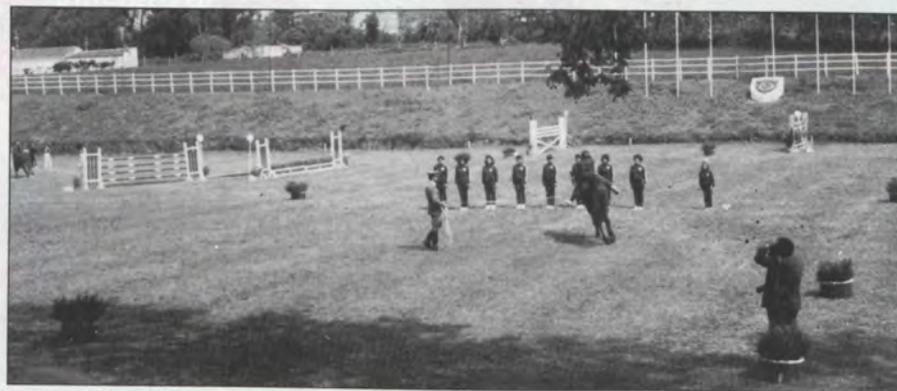
“ACADEMIA MILITAR”

- 1º Asp Talambas com Anuaque
- 2º Asp Marques com Ulla de Mafra
- 3º Asp Matos com Vento

PROVA Nº VII

“CÂMARA MUNICIPAL DE MAFRA”

- 1º Cap Oliveira Santos com Álamo Z
- 2º Cap Rogado Serra com Vai-Vai



- 3º Maj Lopes Mateus com Capricho

PROVA Nº VIII

“REGIÃO MILITAR DE LISBOA”

- 1º Cap Portela Ribeiro com Ardina
- 2º Cor Nuno Bivar com Iberominho
- 3º Maj Balula Cid com Chaptel Captiv

PROVA Nº IX

“DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA”

- 1º Cap Oliveira Santos com Álamo Z
- Cap C. Silva com Sezanne
- Ajd Caeiro com Bingo
- Sold Gregório com Vai Tu
- 2º Cap Soares com Xiquita
- Cap Marques com Pê á Pá
- Maj Paula Santos com Vareiro
- Ten Dores Moreira com Xerife
- 3º Maj Lopes Mateus com Capricho
- Maj Teles Grilo com Zionista
- Cap Portela Ribeiro com Vi Homem
- Cap Cruz Silva com Catroitas

PROVA Nº X

“ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO”

- 1º Maj Martins Ferreira com Xenon Príncipe
- 2º Maj Balula Cid com Chaptel Captiv
- 3º Maj Lopes Mateus com Lord Fet

B - ENSINO

PROVA Nº XI

“ESCOLA DE SARGENTOS DO EXÉRCITO”

- 1º Cap Almeida e Sousa com Caniço
- 2º Cor A. Pombeiro com Danúbio
- 3º Cap Almeida e Sousa com Zulu

PROVA Nº XII

“REGIMENTO DE LANCEIROS 2”

- 1º Cap Oliveira Santos com Álamo Z
- 2º Cap Antero Rebelo com Zeus do Paço
- 3º Maj Martins Abrantes com Leonás

PROVA Nº XIII

“REGIMENTO DE CAVALARIA 3”

- 1º Cap Almeida e Sousa com Caniço
- 2º Cap Almeida e Sousa com Zulu
- 3º Cor A. Pombeiro com Danúbio

PROVA Nº XIV

“REGIMENTO DE CAVALARIA 4”

- 1º Cor A. Pombeiro com Akrobate
- 2º Maj Ribeiro de Faria com Tolarme
- 3º Cap O. Santos com Álamo Z

PROVA Nº XV

“REGIMENTO DE CAVALARIA 6”

- 1º Ten Cor Neves Veloso com Vicky
- 2º Maj Martins Abrantes com Neuly
- 3º Cap Portela Ribeiro com Voz

PROVA Nº XVI

“REGIMENTO DE CAVALARIA DA GNR”

- 1º Maj Martins Abrantes com Neuly
- 2º Ten Cor Neves Veloso com Vicky
- 3º Cap Almeida e Sousa com Chiquita



C - CONCURSO COMPLETO DE EQUITAÇÃO

PROVA Nº XVII

“DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO” CCE-1

- 1º Cap Portela Ribeiro com Ardina
- 2º Cor Atayde com Vai-Indo
- 3º Ten Galego com Curls

PROVA Nº XVII

“DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO” CCE-2

- 1º Ten Victor Lucas com Eureka
- 2º Maj Lopes Mateus com Capricho
- 3º Maj Teles Grilo com Zionista

PROVA Nº XVIII

“CENTRO MILITAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA EQUITAÇÃO E DESPORTOS” CCE-4

- 1º Cap Portela com Vi Homem
- 2º Cap Cruz Silva com Catroitas
- 3º Cap Oliveira Duarte com Venturoso

Agenda

JULHO

DIA	SOL (a) (b)		LUA (a) (b)		Fase	MARÉS (a)				EFEMÉRIDES
	Nasc.	Ocaso	Nasc.	Ocaso		Preiamar		Baixamar		
01. Dom.	05.15	20.06	14.29	00.30		09.50	22.18	03.19	15.43	1808 - Subleva-se a Praça de Campo Maior (Guerra Peninsular)
02. 2.ª f.	05.16	20.06	15.30	00.56		10.55	23.25	04.20	16.49	1439 - O Infante D. Henrique manda os primeiros habitantes para os Açores
03. 3.ª f.	05.16	20.05	16.30	01.25		11.57	—	05.16	17.47	1190 - O Rei de Marrocos cerca a cidade de Tomar
04. 4.ª f.	05.17	20.05	17.28	02.00		00.25	12.50	06.06	18.37	1833 - Os Constitucionais entram em Loulé
05. 5.ª f.	05.17	20.05	18.24	02.41		01.17	13.38	06.50	19.20	1911 - Morre, no exílio, a Rainha D. Maria Pia
06. 6.ª f.	05.18	20.05	19.15	03.30		02.03	14.20	07.31	19.59	1541 - Os Portugueses chegam à Etiópia
07. Sáb.	05.18	20.04	20.00	04.26		02.45	15.00	08.09	20.37	1847 - É reorganizado o Regimento de Infantaria n.º 7
08. Dom.	05.19	20.04	20.38	05.27	L.C.	03.24	15.37	08.46	21.13	1840 - Nasce o Dr. Manuel Arriaga, 1.º Presidente da República
09. 2.ª f.	05.19	20.04	21.12	06.31		04.01	16.12	09.22	21.49	1832 - Comandados por D. Pedro, os Liberais entram no Porto
10. 3.ª f.	05.20	20.03	21.41	07.36		04.35	16.46	09.58	22.25	1873 - É amarrado a Carcavelos o cabo submarino Lisboa-Madeira
11. 4.ª f.	05.21	20.03	22.06	08.42		05.09	17.20	10.35	23.03	1611 - Filipe II manda continuar o Aqueduto das Amoreiras
12. 5.ª f.	05.21	20.02	22.31	09.47		05.44	17.56	11.15	13.44	1926 - Publicadas as bases para a reorganização do Exército Metropolitano
13. 6.ª f.	05.22	20.02	22.57	10.53		06.21	18.36	11.58	—	1897 - Centenário da morte do Padre António Vieira
14. Sáb.	05.23	20.01	23.23	12.01		07.24	19.22	00.30	12.48	1832 - Extinção das Milícias do Reino dos Algarves
15. Dom.	05.24	20.01	23.53	13.11	Q.M.	07.55	20.19	01.23	13.48	1876 - Entra pela 1.ª vez no Tejo o couraçado Vasco da Gama
16. 2.ª f.	05.24	20.00	*	14.24		08.58	21.30	02.26	15.00	1547 - Estabelecimento da Inquisição em Portugal
17. 3.ª f.	05.25	20.00	00.29	15.39		10.14	22.52	03.38	16.20	1821 - Estabelecimento dos correios marítimos para a Madeira e Açores
18. 4.ª f.	05.26	19.59	01.14	16.52		11.33	—	04.51	17.35	1415 - Morre a Rainha D. Filipa de Lencastre
19. 5.ª f.	05.27	19.58	02.09	17.58		00.10	12.41	05.59	18.39	1200 - Segunda tomada de Elvas aos mouros pelos portugueses
20. 6.ª f.	05.27	19.58	03.13	18.56		01.16	13.41	06.57	19.36	1855 - É expedido o 1.º telegrama comercial
21. Sáb.	05.28	19.57	04.26	19.43		02.13	14.33	07.48	20.26	1870 - Aprovação do novo Código Administrativo
22. Dom.	05.29	19.56	05.41	20.21	L.N.	03.03	15.20	08.35	21.11	1833 - O Duque da Terceira entra em Setúbal (Lutas Liberais)
23. 2.ª f.	05.30	19.56	06.54	20.53		03.48	16.05	09.18	21.53	1505 - D. Francisco de Almeida toma Quíloa
24. 3.ª f.	05.31	19.55	08.04	21.20		04.30	16.46	09.59	22.33	1808 - Combate de Malpartida (Guerra Peninsular)
25. 4.ª f.	05.32	19.55	09.11	21.44		05.10	17.26	10.38	23.11	1139 - D. Afonso Henriques vence a Batalha de Ourique
26. 5.ª f.	05.33	19.54	10.14	22.08		05.48	18.04	11.17	23.49	1398 - Tomada de Tui pelos Portugueses
27. 6.ª f.	05.34	19.53	11.16	22.32		06.26	18.43	11.56	—	1808 - Combate de Évora (Guerra Peninsular)
28. Sáb.	05.34	19.52	12.18	22.57		07.06	19.25	00.28	12.39	1747 - Tratado entre Portugal e Inglaterra para a delimitação de Angola
29. Dom.	05.35	19.51	13.19	23.26	Q.C.	07.51	20.14	01.11	13.30	1641 - A Suécia reconhece a independência de Portugal
30. 2.ª f.	05.36	19.50	14.20	23.59		08.48	21.19	02.04	14.36	1851 - Revolta de Caçadores 7 no Funchal
31. 3.ª f.	05.37	19.49	15.19	*		10.02	22.42	03.13	15.58	1556 - Morre Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus.

a) Os dados referem-se a Lisboa e a hora indicada é a solar
b) Bordo superior

DIAS FESTIVOS

- Força Aérea Portuguesa
Serviço de Finanças
Batalhão do Serviço Geral do Exército
- Polícia de Segurança Pública
- Serviço de Administração Militar
- QG/ Região Militar de Lisboa
- Marinha
- Arma de Engenharia
- Escola Prática do Serviço de Transportes
- Arma de Cavalaria

- Agrupamento Base de Sta. Margarida
Campo de Instrução Militar de Sta. Margarida
Regimento de Cavalaria de Braga
Esquadrão de Lanceiros do Funchal
Esquadrão de Lanceiros de Ponta Delgada
- Exército
Lar de Veteranos Militares (Runa)
Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo
- Serviço de Reconhecimento das Transmissões
- Regimento de Infantaria de Abrantes



ENGENHOS TÁCTICOS

ERYX - Nova arma anticarro de Infantaria para curtas distâncias



Eficácia contra todas as blindagens modernas • **Perfuração 900mm** de aço homogêneo • **Alcance 600 metros** • **Precisão** Alta probabilidade entre os 50 e 600 metros • **Peso**—Posto de tiro 4,8 kgs—**Munição**11 kgs.

ARMA DE DEFESA IDEAL PARA ZONAS URBANAS, PODENDO FAZER FOGO EM ZONAS CONFINADAS DADO NÃO TER EFEITOS PARA A RETAGUARDA

REPRESENTANTES
EXCLUSIVOS



MONTAGREX — OPTAGREX

Sociedade Portuguesa de Importações e Exportações, Lda.

Av. Óscar Monteiro Torres, 20 - 2º H
1000 LISBOA (Portugal)
Telex: 15397 Agrex P
Telefs. 76 61 12 - 76 77 34
Telefax 77 56 33



BRASÃO DE ARMAS DO INSTITUTO DE ODIVELAS

- Escudo de vermelho, um livro aberto de ouro com dois fitilhos do primeiro e uma lucerna do segundo, um sobre a outra; chefe de ouro carregado de quatro rosas de vermelho, abotoadas também de ouro.
- Elmo militar, de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra.
- Correia de vermelho perfilada de ouro.
- Paquife de virol de vermelho e de ouro.
- Timbre: um voo abatido rematado por uma estrela de oito raios, tudo de ouro.
- Condecorações: circundando o escudo o Colar da Ordem Militar de Santiago de Espada de que é Membro Honorário.
- Divisa: Num listel de branco, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir «DVC IN ALTVM».

Simbologia e alusão das Peças:

- O LIVRO apresenta-se aberto para melhor simbolizar a universalidade da Ciência e da Sabedoria à investigação e à meditação.
- A LUCERNA, símbolo da luz do espírito, da fé viva e da força do conhecimento, fogo que alimenta a esperança da juventude em formação rumo à Vida.
- O CHEFE — Rainha Santa — simboliza o exemplo sublime da Mulher virtuosa, maternal, generosa, pacificadora, mas cheia de firmeza. As rosas, evocando o milagre da Rainha Santa, simbolizam a perfeição e o amor puro.
- O VOO associado ao lema simboliza a elevação para o sublime.
- A ESTRELA, fonte de luz o farol que atrai a mente insegura das jovens e lentamente, ao longo de oito anos, as vai iluminando no caminho da aprendizagem e do saber.
- A Divisa DVC IN ALTVM é um convite ao aperfeiçoamento consciente das educandas e das educadoras, é um apelo irresistível à realização dos ideais mais sublimes, conduzindo à mais elevada ascensão espiritual e intelectual, rumo ao Infinito.

Os esmaltes significam:

- O OURO a nobreza, o ideal fonte dos valores perenes que alimentam a juventude: generosidade e fortaleza de ânimo.
- O VERMELHO a força e o ímpeto das jovens realizando-se na firmeza e na magnanimidade.